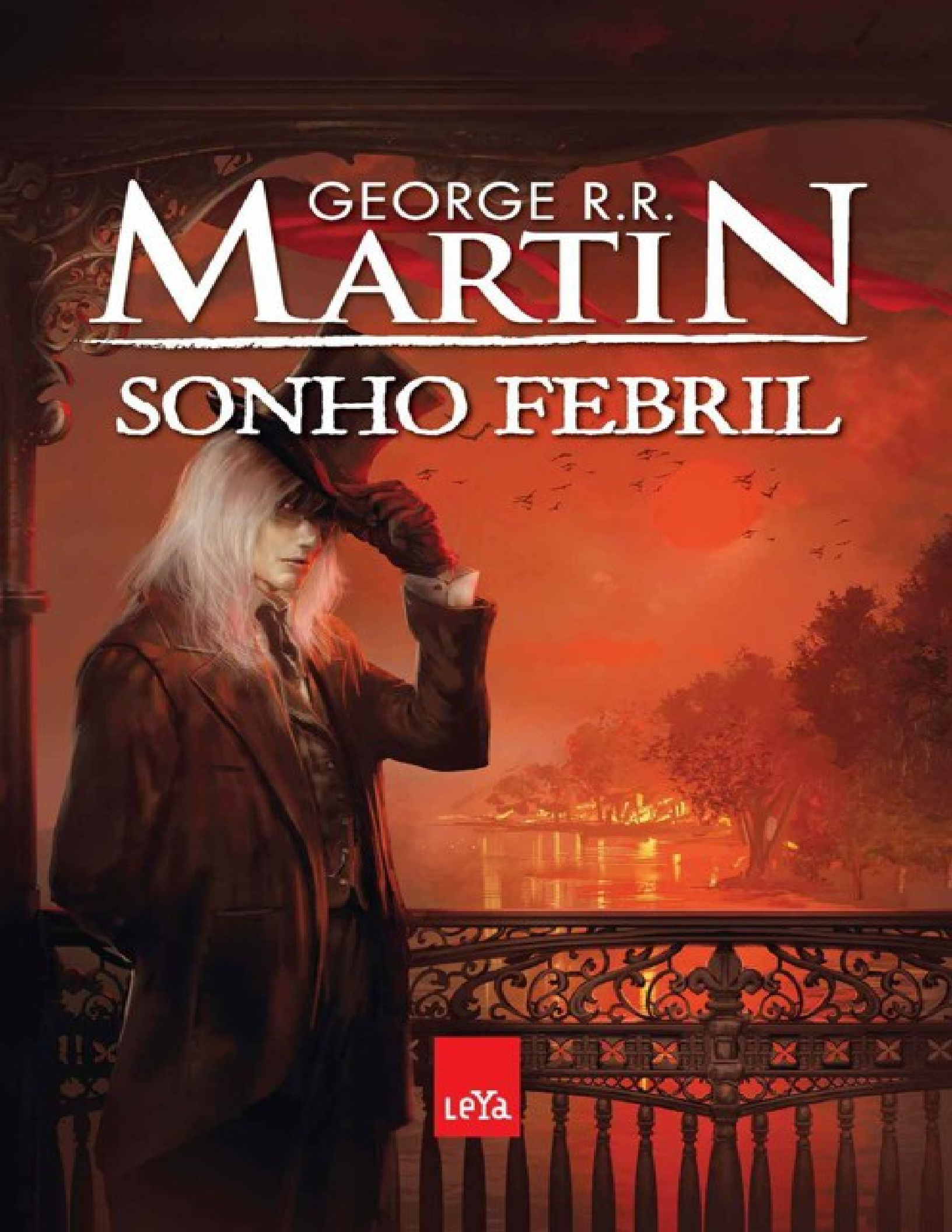
GEORGE R.R.

MARTIN

SONHO FEBRIL



LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SONHO FEBRIL

GEORGE R.R.

MARTIN

SONHO FEBRIL

Tradução
Luis Reyes Gil

LeYa

Copyright © 1982, George R.R. Martin
Adaptação para o Brasil © 2015, LeYa Editora Ltda.
Título original: *Fevre Dream*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Preparação de textos: Débora Tamayose
Revisão de texto: Denise de Almeida e Alessandra Miranda de Sá
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: Rico Bacellar
Ilustração de capa: Marc Simonetti
Tratamento de imagem: Trio Stúdio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB – 8/7057

Martin, George R.R.

Sonho febril / George R.R. Martin; tradução de Luis Reyes Gil. – São Paulo : LeYa, 2015.
368 p.

ISBN 978-85-441-0139-1
Título original: *Fevre Dream*

1. Ficção fantástica americana 2. Vampiros I. Título II. Gil, Luis Reyes III. Série

CDD: 813

15-0561

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção fantástica americana

Todos os direitos reservados à
LEYA EDITORA LTDA.
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP
www.leya.com.br

Para Howard Waldrop, tremendo escritor, amigo e um sonhador febril como poucos.

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34

1

Saint Louis, abril de 1857

Abner Marsh deu uma batida de leve com sua bengala de nogueira no balcão do hotel para chamar a atenção do atendente. — Vim ver um homem chamado York — disse ele. — Josh York, acho que é assim que ele se chama. Tem alguém com esse nome aqui?

O atendente era um senhor idoso de óculos. Ele teve um sobressalto ao ouvir o som da bengala, então se virou, olhou Marsh de relance e sorriu. — O quê? É o capitão Marsh — disse ele amavelmente. — Faz seis meses que não o vejo, capitão. Mas ouvi falar de seu infortúnio. Terrível, simplesmente terrível. Estou aqui desde 1836 e nunca ouvi falar de um degelo como esse.

— Não se preocupe com isso — disse Abner Marsh, desconfortável. Ele já previra tais comentários. A Planter's House era uma estalagem popular entre os barqueiros. O próprio Marsh comia ali regularmente antes daquele inverno cruel. Mas, desde o degelo, afastara-se de lá, e não só por causa dos preços. Por mais que gostasse da comida da Planter's House, não se animava muito com o tipo de companhia: pilotos, capitães e oficiais de navio, todos homens do rio, velhos amigos e antigos rivais, e todos sabedores do seu infortúnio. Abner Marsh não queria a compaixão dos homens. — O senhor me informe apenas onde fica o quarto do York — disse ao atendente categoricamente.

O atendente sacudiu a cabeça, nervoso. — O senhor York não está no quarto agora, capitão. O senhor pode encontrá-lo no salão, fazendo sua refeição.

— Agora? A *essa* hora? — Marsh deu uma olhada no relógio do hotel, depois desabotoou seu casaco e puxou seu relógio de ouro do bolso. — Meia-noite e dez — disse, incrédulo. — O senhor disse que ele está *comendo*?

— Sim, senhor, está comendo. Ele escolhe seus horários. O senhor York não é o tipo de pessoa a quem a gente possa dizer não, capitão.

Abner Marsh emitiu um ruído grosseiro do fundo da garganta, embolsou o relógio e virou-se sem dizer nada, atravessando o *lobby* ricamente ornamentado com passos largos e pesados. Era um homem grande, sem muita paciência, e não estava habituado a reuniões de negócios à meia-noite. Carregava a bengala com um gesto floreado, como se nunca tivesse tido qualquer infortúnio na vida e fosse ainda o homem que havia sido.

O salão de refeições era quase tão magnífico e luxuoso quanto o salão principal de um grande vapor, com lustres de vidro trabalhado, acessórios de metal polido, mesas cobertas com toalhas de linho branco e as melhores porcelanas e cristais. Em uma hora normal, as

mesas estariam cheias de viajantes e barqueiros, mas agora a sala estava vazia, a maioria das luzes apagada. Bem, no final das contas, talvez houvesse algo a ser dito em reuniões à meia-noite, refletiu Marsh; pelo menos não teria que sofrer com condolências. Perto da porta da cozinha, dois garçons negros falavam baixinho. Marsh ignorou-os e caminhou até o outro lado do salão, onde um estranho bem-vestido comia sozinho.

O homem deve tê-lo ouvido se aproximar, mas não levantou os olhos. Estava ocupado tomando às colheradas uma espécie de sopa de tartaruga, em uma tigela de porcelana. O corte de seu casaco preto comprido deixava claro que não era um barqueiro; talvez alguém do leste, ou mesmo um estrangeiro. Era grande, notou, apesar de não ser tão grande quanto Marsh; sentado, dava a impressão de ser alto, mas não tinha a mesma cintura de Marsh. De início, pensou que fosse idoso, pois seu cabelo era branco. Depois, ao chegar mais perto, viu que não era branco, mas de um loiro claro e, de repente, o estranho ganhou um ar quase juvenil. York estava bem barbeado, não havia bigode nem costeletas naquele seu rosto comprido e sereno, e sua pele era tão clara quanto o cabelo. Suas mãos pareciam de mulher, Marsh pensou ao ficar em pé junto à mesa.

Deu uma batidinha na mesa com sua bengala. A toalha abafou o som, tornando-o um aviso delicado. — O senhor é Josh York? — perguntou.

York levantou a cabeça, e os dois olhares se cruzaram.

Até cumprir o resto de seus dias, Abner Marsh relembraria aquele momento, aquela primeira vez em que olhou dentro dos olhos de Joshua York. Quaisquer que fossem seus pensamentos naquela hora, quaisquer que fossem os planos que tivesse feito, foram sugados pelo redemoinho dos olhos de York. Rapaz e senhor, dândi e estrangeiro, todos eles sumiram naquele instante, e sobrou York, o homem apenas, seu poder, seu sonho, sua intensidade.

Os olhos de York eram cinza, impressionantemente escuros num rosto tão pálido. Suas pupilas eram pontas de alfinete, de um negro abrasador, e penetraram direto em Marsh como se avaliassem com minúcias a sua alma. O cinza em volta daquelas pupilas parecia vivo, móvel, como um sapo no rio numa noite escura, quando as margens ficam indistintas e as luzes somem, não havendo nada no mundo a não ser seu barco e o rio e a neblina. Naquelas névoas dos olhos de York, Abner Marsh viu coisas, vislumbres fugazes que logo se perdiam. Havia uma inteligência fria espreitando por aquelas névoas. Mas havia também uma fera, escura e assustadora, acorrentada e raivosa, irada em meio à neblina. Gargalhada, solidão, paixão cruel: York tinha tudo isso em seus olhos.

Mas acima de tudo havia força neles, uma força terrível, uma intensidade tão inexorável e impiedosa como o gelo que esmagara os sonhos de Marsh. Em algum lugar daquela neblina, Marsh podia sentir o gelo se movimentando, lento, muito lento, e ouvir o assustador estilhaçar de seus barcos e de todas as suas esperanças.

Naquele dia, Abner Marsh superou muitos homens com seu olhar, e ficou encarando York o maior tempo possível, com sua mão segurando a bengala com tanta força que teve medo de parti-la em duas. Mas finalmente teve que desviar os olhos.

O homem na mesa afastou a sopa, gesticulou e disse: — Capitão Marsh. Estava aguardando-o. Por favor, acompanhe-me. — Sua voz era jovial, educada, fluente.

— Sim — disse Marsh, baixinho demais. Puxou a cadeira em frente da de York e acomodou-se. Marsh era um homem grande, com mais de um metro e oitenta, e cento e trinta quilos. Tinha um rosto avermelhado, uma barba densa e preta, que ele usava para dissimular

um nariz achatado, afundado, e uma profusão de verrugas no rosto, mas nem a barba ajudava muito. Comentavam que era o homem mais feio do rio, e ele sabia disso. Em seu pesado casaco azul de capitão, com sua fileira dupla de botões de metal, era uma figura bruta e imponente. Mas os olhos de York haviam drenado sua petulância. O homem devia ser um fanático, concluiu Marsh. Já vira olhos como aqueles antes, em loucos, em pregadores religiosos agressivos e uma vez no rosto de um homem chamado John Brown, na sangrenta Kansas. Marsh não queria contato com fanáticos, com pregadores ou abolicionistas, ou com gente fazendo campanhas de abstenção alcoólica.

Mas, quando York falou, não pareceu um fanático. — Meu nome é Joshua Anton York, capitão. J. A. York nos negócios, Joshua para os amigos. Espero que possamos ser não só parceiros nos negócios, mas amigos, com o tempo. — Seu tom era cordial e razoável.

— Veremos — disse Marsh, indeciso. Agora, os olhos cinza à sua frente pareciam neutros e vagamente divertidos; seja lá o que tivesse visto neles, já se perdera. Sentiu-se confuso.

— Penso que recebeu minha carta?

— Estou com ela aqui — disse Marsh, puxando o envelope dobrado do bolso de seu casaco. Quando a oferta chegou, parecera-lhe um impossível golpe de sorte, a salvação para tudo o que ele julgava perdido. Agora, porém, não tinha mais essa certeza. — O senhor quer entrar no negócio dos barcos a vapor, é isso? — disse ele, inclinando-se para a frente.

Um garçom apareceu. — O senhor vai comer com o senhor York, capitão?

— Por favor, acompanhe-me — York incentivou.

— Acho que sim — disse Marsh. York podia superá-lo encarando-o por mais tempo, mas ninguém no rio ganhava de Marsh na mesa. — Vou tomar um pouco dessa sopa e também uma dúzia de ostras e uns dois frangos assados com batatas e tudo mais. Por favor, bem tostadas. E alguma coisa para beber. O que está tomando, senhor York?

— Borgonha.

— Ótimo, traga-me uma garrafa do mesmo.

York olhou, divertindo-se. — O senhor tem um apetite e tanto, capitão.

— Para combinar com uma cidade formidável — disse Marsh com cuidado — e um rio formidável, senhor York. A gente precisa manter nossa força em dia. Isso aqui não é Nova York, tampouco Londres.

— Disso já estou suficientemente a par — disse York.

— Bem, espero que sim, já que está no negócio dos barcos a vapor. Trata-se da coisa mais formidável que existe.

— Devemos entrar direto nos negócios, então? Bem, o senhor tem uma linha de barcos de passageiros. Quero comprar um barco e dividir meio a meio. Como o senhor veio até aqui, imagino que tem interesse na minha oferta.

— Estou razoavelmente interessado — Marsh concordou — e razoavelmente confuso também. O senhor parece um homem inteligente. Acho que deve ter se informado a meu respeito antes de me escrever esta carta. — Ele bateu na carta com o dedo. — Talvez já saiba que esse último inverno quase me arruinou.

York não disse nada, mas algo no seu rosto convidou Marsh a continuar.

— A Companhia Fevre de Vapores Fluviais, é isso o que eu sou — Marsh prosseguiu. — Chamei-a assim por causa do lugar onde nasci, lá no alto do Fevre, perto de Galena, não

porque trabalhe apenas nesse rio, pois não é assim. Tive seis barcos, operando principalmente no alto Mississippi, de St. Louis até St. Paul, com algumas viagens subindo o Fevre, o Illinois e o Missouri. Estava indo muito bem, acrescentando um ou dois barcos novos a cada ano, pensando em entrar no negócio também em Ohio, ou talvez até em New Orleans. Mas em julho agora meu *Mary Clarke* teve uma caldeira estourada e pegou fogo, perto de Dubuque; queimou até a linha d'água, com cem mortos. E este inverno — foi um inverno terrível — fiquei com quatro de meus barcos estacionados aqui o inverno todo, em St. Louis. O *Nicholas Perrot*, o *Dunleith*, o *Sweet Fevre* e o meu *Elizabeth A.*, novinho, apenas quatro meses de serviço e um barco muito bom também, quase trezentos pés de comprimento, com doze grandes caldeiras, rápido como qualquer barco a vapor no rio. Estava realmente orgulhoso da minha *Lady Liz*. Custou-me duzentos mil dólares, mas valeu cada centavo. — A sopa chegou. Marsh provou uma colherada e fez uma careta. — Quente demais — disse. — Bem, de qualquer modo, St. Louis é um ótimo lugar para passar o inverno. Não faz frio demais por aqui, e tampouco fica frio por muito tempo. Mas esse inverno foi diferente. Sim, senhor. O degelo. O danado do rio congelou *feio*. — Marsh estendeu uma imensa mão vermelha na mesa, com a palma para cima, e lentamente fechou seus dedos até formar um punho. — Coloque um ovo aqui dentro e terá uma ideia, senhor York. O gelo pode esmagar um barco a vapor mais fácil do que eu consigo esmagar um ovo. E, quando ele quebra, é pior ainda, com grandes blocos deslizando rio abaixo, destruindo cais, diques, barcos e grande parte das coisas. No final do inverno havia perdido os meus quatro barcos. O gelo levou-os embora.

— Tinham seguro? — York perguntou.

Marsh começou a tomar sua sopa, sorvendo-a ruidosamente. Entre as colheradas, ele assentia com a cabeça. — Não sou um homem que goste de apostas, senhor York. Nunca me interessei em fazer seguro. É como jogar, é isso que é, só que nesse caso você está apostando contra você mesmo. O dinheiro que eu ganhava, colocava todo nos meus barcos.

York assentiu. — Pelo que sei, ainda é dono de um barco.

— Isso — disse Marsh. Terminou a sopa e fez sinal para o próximo prato. — É o *Eli Reynolds*, um pequeno barco de cento e cinquenta toneladas, propulsão de popa. Venho usando-o no Illinois porque não puxa muito, e estacionou no inverno em Peoria, escapou do pior do gelo. Esse é meu patrimônio, senhor, foi o que me restou. O problema, senhor York, é que o *Eli Reynolds* não vale muita coisa. Custou-me apenas vinte e cinco mil dólares, novo, e isso foi em 1850.

— Sete anos — disse York. — Não faz muito tempo.

Marsh balançou a cabeça. — Sete anos é um tempo consideravelmente longo para um barco a vapor — disse ele. — A maioria não dura quatro ou cinco anos. O rio acaba com eles. O *Eli Reynolds* é mais bem construído do que a maioria, mas ainda assim não tem tanto tempo de vida. — Marsh passou para as ostras, escavando as conchas e engolindo cada uma inteira, com a ajuda de um bom gole de vinho. — Ou seja, estou confuso, senhor York — continuou depois que meia dúzia de ostras haviam desaparecido. — O senhor quer comprar cinquenta por cento da minha linha, mas ela só tem um barco, velho e pequeno. Sua carta trazia um preço. Mas é um preço alto demais. Talvez quando eu tiver seis barcos a Companhia Fevre de Vapores valha isso. Mas não agora. — Ele engoliu mais uma ostra. — O senhor não irá recuperar seu investimento nem em dez anos, não com o *Reynolds*. Ele não consegue levar carga suficiente nem passageiros. — Marsh limpou os lábios no guardanapo e olhou para o

estranho à sua frente na mesa. A comida o restabelecera, e agora se sentia ele mesmo de novo, no comando da situação. Os olhos de York eram intensos, com certeza, mas ali não havia nada a temer.

— O senhor precisa do meu dinheiro, capitão — disse York. — Por que então está me dizendo isso? Não tem medo que eu encontre outro sócio?

— Não trabalho desse jeito — disse Marsh. — Estou no rio há trinta anos, senhor York. Desci de balsa até New Orleans quando ainda era garoto, trabalhei em chalanas e barcos rasos antes dos vapores. Já fui piloto, oficial, foguista e até ajudante. Já fui tudo o que possa existir nesse ramo, mas uma coisa eu nunca fui: espertalhão.

— Um homem honesto — disse York, controlando a ênfase na voz para que Marsh não tivesse certeza se estava ironizando ou não. — Fiquei contente pelo senhor ter achado adequado me falar da situação de sua companhia, capitão. Eu já sabia disso, admito. Mas, seja como for, mantenho minha oferta.

— Por quê? — Marsh perguntou rispidamente. — Só um idiota joga dinheiro fora. E o senhor não parece idiota.

A comida chegou antes que York pudesse responder. Os frangos de Marsh estavam incrivelmente crocantes, bem do jeito que ele gostava. Ele cortou uma coxa e começou a comê-la. O garçom serviu a York um corte bem grosso de carne assada, vermelha e malpassada, nadando em sangue e sucos. Marsh observou-o atacar o filé com destreza e facilidade. Sua faca deslizava pela carne como se ela fosse manteiga, nunca parando para picar ou cortar, como Marsh com frequência fazia. Lidava com a faca como um cavalheiro, trocando de talheres ao descansar a faca. Força e graça; York tinha essas duas coisas em suas mãos compridas e pálidas, e Marsh admirou isso. Ficou imaginando por que as achara mãos de mulher. Eram brancas, mas fortes, firmes como o branco das teclas do piano do salão principal do *Eclipse*.

— E então? — Marsh instigou. — Ainda não respondeu à minha pergunta.

Joshua York fez uma pequena pausa. Finalmente, disse: — O senhor tem sido honesto comigo, capitão Marsh. Não vou retribuir sua honestidade com mentiras, como vim tentando fazer. Mas tampouco irei sobrecarregá-lo com o fardo da verdade. Há coisas que não posso lhe contar, coisas que o senhor não teria por que se preocupar em saber. Deixe que eu lhe imponha meus termos, nessas condições, e veja se consegue chegar a um acordo. Se não, podemos nos despedir amigavelmente.

Marsh arrancou o peito do seu segundo frango. — Prossiga — disse ele. — Não estou indo embora.

York colocou sua faca e garfo na mesa e juntou os dedos para cima.

— Por razões particulares quero ser dono de um vapor. Quero viajar pela extensão desse grande rio, com conforto e privacidade, não como passageiro, mas como capitão. Eu tenho um sonho, um propósito. Estou procurando amigos e aliados, e tenho inimigos, muitos inimigos. Os detalhes não são da sua conta. Se me pressionar a respeito deles, terei que mentir. Não me pressione. — Seus olhos ficaram severos por um momento, depois relaxaram e ele sorriu. — O seu único desejo, capitão, tem que ser o meu desejo de possuir e comandar um barco a vapor. Como pode perceber, não sou um trabalhador ribeirinho. Não entendo nada de barcos a vapor ou do Mississippi além do que li em alguns poucos livros e aprendi nas semanas que passei em St. Louis. Obviamente, preciso de um parceiro, alguém que conheça o

rio e o pessoal ribeirinho, alguém que possa lidar com as operações do dia a dia do meu barco e me deixar livre para os meus propósitos pessoais. Esse parceiro precisa ter também outras qualidades. Deve ser discreto, pois não quero que meu comportamento — que, eu admito, pode parecer às vezes peculiar — vire falatório no cais. Deve ser confiável, pois vou passar toda a administração para as suas mãos. Deve ter coragem. Não quero um homem fraco ou supersticioso, ou alguém que seja religioso em excesso. O senhor é um homem religioso, capitão?

— Não — disse Marsh. — Nunca me interessei por esse pessoal que quer enfiar a Bíblia na cabeça dos outros, nem eles por mim.

York sorriu. — Pragmático. Quero um homem pragmático. Quero um homem que se concentre na sua parte do negócio e que não me faça muitas perguntas. Eu dou muito valor à minha privacidade, e, se às vezes minhas ações parecerem estranhas, arbitrárias ou caprichosas, não quero que sejam questionadas. Entende minhas exigências?

Marsh ficou pensativo, puxando os fios da sua barba. — E se eu questionar?

— Vamos nos tornar sócios — York disse. — Deixe que seus advogados e funcionários dirijam sua linha. O senhor viajará comigo pelo rio. Eu terei a função de capitão. O senhor chame a si mesmo de piloto, oficial, cocapitão, o que quiser. A verdadeira condução do navio eu vou deixá-la a seu cargo. Minhas ordens serão pouco frequentes, mas, quando eu realmente ordenar, o senhor vai cuidar de que eu seja obedecido sem questionamento. Tenho amigos que irão viajar conosco, com passagem de camarote, de graça. Posso achar adequado dar-lhes alguns cargos no barco, com as obrigações que eu julgar adequadas. O senhor não questionará essas decisões. Posso fazer outros amigos ao longo do trajeto pelo rio, e trazê-los também a bordo. O senhor lhes dará as boas-vindas. Se conseguir cumprir esses termos, capitão Marsh, poderemos ficar ricos juntos e viajar pelo seu rio com conforto e luxo.

Abner Marsh riu. — Bem, talvez. Mas o rio não é meu, senhor York, e, se acha que vamos viajar com luxo no velho *Eli Reynolds*, ficará terrivelmente decepcionado quando subir a bordo. É uma banheira velha e barulhenta com algumas acomodações bem pobres, e a maior parte do tempo está cheio de estrangeiros com passagem de convés indo de um lugar improvável a outro. Fiquei nele dois anos — o velho capitão Yoerger é o piloto agora —, mas, da última vez que andei nele, cheirava bem mal. Se quer luxo, talvez deva tentar comprar o *Eclipse* ou o *John Simonds*.

Joshua York bebericou seu vinho e sorriu. — Eu não tinha o *Eli Reynolds* em mente, capitão Marsh.

— É o único barco que eu possuo.

York deixou o vinho sobre a mesa. — Venha — disse ele —, vamos encerrar aqui. Podemos ir até meu quarto e discutir o assunto melhor.

Marsh esboçou um protesto — a Planter's House oferecia um excelente cardápio de sobremesas e ele odiava deixar passar a oportunidade. Mas York insistiu.

O quarto de York era uma suíte grande, bem mobiliada, o melhor que o hotel tinha a oferecer, geralmente reservada a fazendeiros ricos de New Orleans. — Sente-se — disse York imperioso, indicando a Marsh uma poltrona grande e confortável na sala de estar. Marsh sentou, enquanto seu anfitrião ia até um aposento reservado e voltava um instante depois, segurando uma pequena arca com reforços de ferro. Deixou-a em cima de uma mesa e começou a abrir a fechadura. — Venha cá — disse, mas Marsh já estava em pé ao lado dele.

York abriu a tampa.

— Ouro — disse Marsh baixinho. Estendeu a mão e tocou as moedas, fazendo-as deslizar pelos dedos, saboreando a sensação do metal amarelo liso, o seu brilho e o seu tilintar. Levou uma das moedas à boca e testou-a. — Bem verdadeira — disse, cuspindo. Atirou a moeda de volta à arca.

— Dez mil dólares em moedas de ouro, de vinte — disse York. — Tenho mais duas arcas como esta, e cartas de crédito de bancos de Londres, Filadélfia e Roma para quantias consideravelmente maiores. Aceite minha oferta, capitão Marsh, e terá um segundo barco, bem maior do que o *Eli Reynolds*. Ou talvez eu deva dizer que *nós* teremos um segundo barco. — Ele sorriu.

Abner Marsh tinha intenção de recusar a oferta de York. Precisava muito do dinheiro, mas era um homem desconfiado, não habituado a mistérios, e York estava pedindo para ele deixar muita coisa por conta da fé. A oferta lhe parecia boa demais. Marsh tinha certeza de que algum perigo estava à espreita em algum lugar, e que ele só pioraria as coisas se aceitasse. Mas agora, depois de ver a cor da riqueza de York, sentiu que sua resolução vacilava. — Um barco novo, o senhor disse? — interveio em voz baixa.

— Sim — replicou York —, e isso fica fora do preço que vou lhe pagar pelos meus cinquenta por cento na sua linha de barcos.

— Quanto… — Marsh começou. Seus lábios estavam secos. Ele passou a língua neles, nervoso. — Quanto o senhor se disporia a gastar para construir esse novo barco, senhor York?

— Quanto seria preciso? — York perguntou tranquilo.

Marsh pegou um punhado de moedas de ouro e deixou-as cair, tilintando pelos seus dedos, de volta na arca. Pensou no brilho delas, mas tudo o que disse foi:

— Não devia levar tudo isso com o senhor. Tem muito malandro por aí que iria matá-lo para ter *uma* dessas moedas que fosse.

— Eu sei me proteger, capitão — disse York. Marsh viu o brilho de seus olhos e sentiu um calafrio. Teve pena do ladrão que tentasse tirar o ouro de Joshua York.

— O senhor faria uma caminhada comigo? Pelo cais?

— Ainda não me deu sua resposta, capitão.

— Terá sua resposta. Mas venha primeiro. Quero que veja uma coisa.

— Muito bem — disse York. Ele fechou a tampa da arca e o suave brilho amarelo desapareceu do quarto que, de repente, pareceu fechado e escuro.

O ar da noite era frio e úmido. As botas deles ecoavam conforme andavam pelas ruas escuras e desertas, York com graça flexível, e Marsh com pesada autoridade. York vestia um casaco de piloto desabotoado, cortado como uma capa, e um chapéu antigo alto, tipo cartola, de pelo de castor, que projetava longas sombras à luz da meia-lua. Marsh observava atento as alamedas escuras entre os sombrios armazéns de tijolos e tentava exibir uma aparência sólida, a fim de parecer suficientemente mal-encarado para afugentar bandidos.

O cais estava cheio de barcos a vapor, pelo menos quarenta deles presos aos postes de amarração e aos barcos-cais. Mesmo àquela hora, nem tudo estava calmo. Imensas pilhas de carga projetavam sombras escuras à luz do luar, e eles cruzaram com estivadores que vadiavam entre engradados e fardos de feno, passando uma garrafa de mão em mão ou fumando seus cachimbos de sabugo de milho. Ainda havia luzes acesas nas escotilhas dos camarotes de uma dúzia ou mais barcos. O *Wyandotte*, um barco do Missouri, estava

iluminado e soltando vapor. Eles perceberam um homem em pé no convés superior de um grande barco com rodas-d'água laterais, olhando curioso para os dois. Abner Marsh conduziu York, fazendo-o passar pelo barco e pela procissão de silenciosos e escuros vapores, com suas altas chaminés projetadas contra as estrelas como uma fileira de árvores enegrecidas com estranhas flores no seu topo.

Por fim, parou diante de um grande vapor com rodas-d'água laterais, carga empilhada bem alta no convés principal, e com a escada erguida, para evitar intrusos não desejados, esfregando sua ponta contra o velho e degradado barco-cais. Mesmo sob o tênue brilho da meia-lua, o esplendor daquele barco era nítido. Nenhum vapor naquele cais era tão grande e majestoso.

— Sim? — disse Joshua York, em voz baixa, respeitoso. Talvez isso tenha decidido as coisas naquela hora, Marsh refletiu depois: o respeito na voz dele.

— Esse é o *Eclipse* — disse Marsh. — Veja, o nome está lá, sobre a cabine do piloto. Ali — apontou com sua bengala. — Consegue lê-lo?

— Vejo bem. Tenho uma excelente visão noturna. Este é um barco especial, então?

— Ah, não tenha dúvida, este é especial. É o *Eclipse*. Não há homem ou garoto nesse rio que não o conheça. Está velho agora — foi construído por volta de 1852, há cinco anos. Mas ainda é magnífico. Custou trezentos e setenta e cinco mil dólares, dizem, e vale tudo isso. Nunca houve um barco maior, mais elegante, mais formidável do que este aqui. Eu já o estudei, já viajei nele. Sei o que digo — Marsh assinalou. — Mede trezentos e sessenta e cinco por quarenta pés e seu salão principal tem cem metros de comprimento. O senhor nunca viu nada igual. Tem uma estátua de ouro de Henry Clay numa ponta e uma do Andy Jackson na outra, os dois olhando fixamente um para o outro a viagem inteira. Tem mais cristais, prata e vidro colorido do que a Planter's House jamais sonhou ter, quadros a óleo, comida como a que o senhor jamais provou. E espelhos… que espelhos! E tudo isso não é nada em comparação com a sua velocidade. Lá embaixo do convés principal ele carrega quinze caldeiras e tem uma remada de onze pés; estou lhe dizendo, não há barco em rio algum que possa competir com ele quando o capitão Sturgeon aumenta seu vapor. Faz dezoito milhas por hora corrente acima, com facilidade. Em 1853, alcançou o recorde de New Orleans a Louisville. Sei o tempo que fez de cor. Quatro dias, nove horas e trinta minutos, bateu o danado do *A. L. Shotwell* por cinquenta minutos, e olhe que o *Shotwell* é rápido. — Marsh virou-se para encarar York. — Eu esperava que o meu *Lady Liz* pudesse pegar o *Eclipse* um dia, superar seu tempo ou correr cabeça a cabeça, mas nunca conseguiria fazer isso, sei agora. Estava simplesmente me iludindo. Eu não tinha o dinheiro necessário para construir um barco capaz de ganhar do *Eclipse*. Dê-me esse dinheiro, senhor York, e terá um sócio. Aí está sua resposta, senhor. Quer metade da Fevre Vapores Fluviais, e um sócio que leve as coisas com tranquilidade e não lhe faça perguntas sobre seu negócio? Ótimo. Então me dê o dinheiro para construir um barco a vapor como esse.

Joshua York olhou fixamente para o grande vapor de rodas-d'água laterais, sereno e silencioso no escuro, flutuando fácil sobre a água, pronto para qualquer desafio. Virou-se para Abner Marsh com um sorriso nos lábios e uma chama tênue em seus olhos escuros. — Feito — foi tudo o que disse. E estendeu a mão.

Marsh abriu um sorriso torto, de dentes irregulares, envolveu a mão magra e branca de York dentro da sua pata carnuda e apertou-a. — Feito, então — disse bem alto, e reuniu toda a

sua portentosa força para apertar e esmagar, como fazia sempre nos negócios, para testar a vontade e a coragem dos homens com quem negociava. Decidiu apertar até ver a dor nos olhos dele.

Mas os olhos de York continuaram luminosos, e a sua mão ajustou-se forte em volta da de Marsh com uma força surpreendente. Ele continuou apertando, cada vez mais forte, mais forte, e os músculos sob aquela carne pálida se enrolaram e prenderam como molas de ferro. Marsh engoliu seco e tentou não gritar.

York soltou sua mão. — Venha — disse, com um tapão nas costas de Marsh que o fez balançar um pouco. — Temos muitos planos a fazer.

2

New Orleans, maio de 1857

Sour Billy Tipton chegou à Bolsa Francesa de mercadorias logo depois das dez e assistiu ao leilão de quatro barris de vinho, sete caixas de tecidos e um carregamento de mobília, antes que fossem trazidos os escravos. Ficou em silêncio, com os cotovelos apoiados no longo balcão de mármore que prescrevia um círculo em torno do saguão, bebericando absinto enquanto observava os leiloeiros apregoando suas mercadorias em duas línguas. Sour Billy era um homem sombrio, cadavérico, com uma cara comprida de cavalo, cheia de marcas de varíola que ganhara quando menino, e o cabelo ralo, castanho e irregular. Raramente sorria e tinha olhos cor de gelo, assustadores.

Aqueles olhos, frios e perigosos, eram a proteção de Sour Billy. A Bolsa Francesa era um lugar majestoso, com certeza imponente demais para o seu gosto, e ele não via nenhuma graça em ir lá. Ficava no saguão do Hotel St. Louis, sob uma alta cúpula de onde a luz do dia descia como uma cascata em direção ao leilão e aos ofertantes. A cúpula tinha vinte e cinco metros de diâmetro, pelo menos. Altos pilares compunham um círculo em volta da sala, com galerias no interior da cúpula, o teto elaborado e ornamentado, as paredes cobertas com estranhas pinturas; o bar era de mármore maciço, o piso também, assim como as mesas dos leiloeiros. Os frequentadores eram tão refinados quanto a decoração. Ricos fazendeiros da parte alta do rio e jovens dândis crioulos da cidade velha. Sour Billy odiava os crioulos com suas roupas finas, modos esnobes e olhares de desdém. Não gostava de estar entre eles. Eram esquentados e briguentos, muito chegados a duelos e, às vezes, um daqueles jovens ofendia Sour Billy por causa do jeito que ele maltratava a língua deles e olhava para as suas mulheres, devido à sua “americanice” infame, desmazelada e presunçosa. Mas aí percebiam seus olhos pálidos, fixos e cheios de malícia — e na maioria das vezes viravam as costas e iam embora.

Além disso, por ele iria fazer as compras de negros na Bolsa Americana do St. Charles, onde os modos eram menos refinados, falava-se inglês, e não francês, e ele se sentia menos fora de lugar. A suntuosidade do saguão do St. Louis não o impressionava, exceto pela qualidade dos drinques que eram servidos.

Mesmo assim, ia lá uma vez por mês, pois não tinha escolha. A Bolsa Americana era um bom lugar para comprar um escravo para a lavoura ou um cozinheiro de pele escura, obviamente, mas, para uma garota bonita, uma daquelas jovens beldades mulatas que Julian preferia, tinha que ser na Bolsa Francesa. Julian queria beleza, insistia na beleza.

Sour Billy fez o que Damon Julian mandou.

Eram onze horas quando o lote de vinho foi liquidado e os comerciantes começaram a trazer sua mercadoria dos recintos de escravos em Moreau, Esplanade e Common Streets. Homens, mulheres, velhos, jovens e também crianças, um número desproporcional deles com pele clara e rosto bonito. Inteligentes também, Sour Billy sabia disso, e provavelmente já falando francês. Foram todos alinhados ao longo de uma das paredes da sala para serem inspecionados; vários jovens crioulos ficaram andando ao longo da fileira, bem-humorados, fazendo comentários entre eles e examinando de perto o lote do dia. Sour Billy ficou junto ao balcão e pediu outro absinto. Já visitara a maioria dos recintos no dia anterior para ver o que havia em oferta. Sabia o que queria.

Um dos leiloeiros bateu o martelo na sua mesa de mármore, e os clientes pararam de conversar na mesma hora, virando-se para dar-lhe atenção. Ele fez um gesto, e uma mulher jovem, com cerca de vinte anos, subiu meio insegura em cima de uma caixa que havia perto. Era uma mulata de olhos grandes, bonita a seu modo. Usava um vestido de algodão cru e fitas verdes no cabelo, e um dos leiloeiros começou a elogiá-la efusivamente. Sour Billy observava-a com desinteresse, enquanto dois jovens crioulos faziam suas ofertas. Por fim, foi vendida em torno de mil e quatrocentos dólares.

Em seguida, foi leiloada uma mulher mais velha, que diziam ser ótima cozinheira, e depois uma jovem mãe com duas crianças, todos vendidos juntos. Sour Billy ficou esperando várias outras vendas. Já era meio-dia e quinze e a Bolsa Francesa estava cheia de ofertantes e espectadores quando o item que ele escolhera apareceu.

O nome dela era Emily, disse o leiloeiro. — Olhem bem para ela, senhores — disse num francês ruim —, apenas olhem. Que perfeição! Há anos não aparece uma coisa assim por aqui, há anos, e ainda vai demorar muito até vermos outra como ela. — Sour Billy estava inclinado a concordar. Emily tinha dezesseis ou dezessete anos, ele calculou, mas já era mulher-feita. Parecia um pouco assustada naquele estrado de leilões, mas a simplicidade de seu vestido destacava bastante sua figura, e ela tinha um rosto bonito: olhos grandes e doces e uma pele cor de café com leite linda. Julian iria gostar dessa.

A sessão de ofertas foi animada. Os fazendeiros não viam utilidade em uma garota excepcional como aquela, mas seis ou sete dos crioulos ficaram muito interessados. Sem dúvida, os outros escravos já haviam dado a Emily alguma ideia do que a esperava. Era linda o suficiente para conseguir sua liberdade no devido tempo e para ser mantida por um daqueles refinados dândis crioulos numa pequena casa na Ramparts Street, pelo menos até que ele se casasse. Ela frequentaria os Quadroon Balls*, no Orleans Ballroom, usaria vestidos e fitas de seda, seria motivo para mais de um duelo. Suas filhas teriam a pele ainda mais clara e cresceriam naquela mesma vida boa. Talvez quando ficasse velha aprendesse a fazer penteados ou a dirigir uma pensão. Sour Billy bebericou seu drinque, com expressão indiferente.

As ofertas aumentaram de valor. Nos dois mil dólares, três dos ofertantes já haviam caído fora. A essa altura, um deles, um moreno careca, pediu que ela fosse desnudada. O leiloeiro vociferou uma ordem curta, e Emily cautelosamente desamarrou seu vestido, deixando-o cair. Alguém gritou um elogio lascivo que provocou uma risada geral na plateia. A garota sorriu sem graça, enquanto o leiloeiro forçou o riso e acrescentou algum comentário. Então, os lances foram retomados.

Nos dois mil e quinhentos dólares, o careca desistiu, depois de já ter conseguido se

fazer notar. Isso deixou apenas dois ofertantes, ambos crioulos. Eles ultrapassaram um ao outro três vezes seguidas, fazendo o preço subir a três mil e duzentos dólares. Então veio a hesitação. O leiloeiro tentou arrancar uma última oferta do mais novo dos dois homens: três mil e trezentos.

— Três mil e quatrocentos — seu oponente disse baixinho. Sour Billy reconheceu-o. Era um jovem crioulo magro chamado Montreuil, conhecido jogador e duelista.

O outro homem balançou a cabeça. O leilão estava terminado. Montreuil dirigiu um sorriso malicioso a Emily, já antecipando seu prazer. Sour Billy aguardou três batidas de coração, até que o martelo estivesse a ponto de cair. Então pôs de lado seu copo de absinto e disse em alto e bom som: — Três mil e setecentos.

O leiloeiro e a moça olharam, ambos surpresos. Montreuil e vários de seus amigos lançaram olhares sombrios e ameaçadores para Billy. — Três mil e oitocentos — disse Montreuil.

— Quatro mil — retrucou Sour Billy.

Era um preço alto, mesmo para uma beleza como aquela. Montreuil disse alguma coisa a dois homens que estavam em pé perto dele, e os três de repente saíram pisando duro do saguão, sem dizer nada, com seus passos ressoando fúria sobre o mármore.

— Parece que eu arrematei o leilão — disse Sour Billy. — Faça a moça se vestir e deixe-a pronta para ir. — Todos os demais olhavam admirados para ele.

— Mas é claro! — disse o leiloeiro. Outro leiloeiro levantou-se junto à sua mesa e, com seu martelo, fez trazer outra garota bonita para a atenção do público, fazendo a Bolsa Francesa se agitar novamente.

Sour Billy Tipton conduziu Emily pela longa arcada, do saguão até a St. Louis Street, passando por todas as lojas da moda onde os ociosos e os viajantes endinheirados davam suas olhadas curiosas. Assim que pôs os pés na claridade do dia, piscando os olhos ofuscados, Montreuil chegou perto dele. — *Monsieur* — começou ele.

— Fale em inglês, se quiser falar comigo — disse Sour Billy de modo brusco. — Aqui fora sou o Senhor Tipton, Montreuil. — Seus dedos compridos se contraíram, e ele fitou o outro com seus olhos glaciais.

— Senhor Tipton — disse Montreuil num inglês básico, sem inflexões. Seu rosto estava um pouco enrubescido. Atrás dele, seus dois companheiros estavam em pé, rígidos. — Eu já perdi garotas aqui antes — disse o crioulo. — Por mais que essa seja impressionante, perdê-la não é nada. Mas me senti ofendido pelo jeito com que o senhor fez seu lance, Senhor Tipton. O senhor zombou de mim lá dentro, ridicularizando-me com sua vitória e me fazendo passar por bobo.

— Bem, bem — disse Sour Billy. — Bem, bem.

— O senhor entrou num jogo perigoso — Montreuil advertiu. — Sabe quem eu sou? Se o senhor fosse um cavalheiro, eu o desafiaria.

— Duelos são ilegais, Montreuil — disse Sour Billy. — Não sabia disso? E eu não sou cavalheiro. — Ele se virou para a mulata, que estava em pé perto da parede do hotel, observando-os. — Venha — disse ele. Saiu andando pela calçada, e ela foi atrás.

— O senhor vai pagar por isso, em espécie, *monsieur* — gritou Montreuil atrás dele.

Sour Billy não lhe deu atenção e dobrou a esquina. Andava apressado, com a insolência em seus passos que ostentara dentro da Bolsa Francesa. Era nas ruas que Sour Billy se sentia à

vontade; ali crescera, ali aprendera a sobreviver. Emily, a garota escrava, corria atrás dele do jeito que podia, com os pés descalços batendo nas pedras da calçada. As ruas do Vieux Carré eram ladeadas por casas de tijolo e reboco, todas com seus balcões de ferro trabalhado pendendo sobre as estreitas calçadas, de fato muito bonitas. Mas as ruas não tinham pavimento e, devido às recentes chuvas, haviam virado um mar de lama. Pelo caminho, havia esgotos a céu aberto e profundas valas feitas com madeira de cipreste cheias de águas estagnadas, exalando cheiro de sujeira e de esgoto não tratado.

Passaram por pequenas lojas bem-arrumadas e por recintos de escravos com janelas protegidas por fortes grades; passaram por hotéis elegantes e bares esfumaçados cheios de rudes negros libertos; passaram ao largo de ruelas úmidas e pátios arejados, cada um com seu poço ou fonte; passaram por orgulhosas senhoras crioulas com seus séquitos e acompanhantes; e passaram por um bando de escravos fugidos acorrentados pelo pescoço, limpando os esgotos sob a guarda atenta de um homem branco de olhar severo e com chicote na mão. Em pouco tempo já haviam atravessado o Bairro Francês e entrado naquele novo trecho rústico do bairro americano de New Orleans. Sour Billy deixara seu cavalo amarrado do lado de fora de um bar. Montou-o e disse à garota para andar atrás dele. Pegaram o rumo sul ao sair da cidade e depois à esquerda, pela estrada principal, fazendo apenas uma parada, curta, para que Sour Billy fizesse o animal descansar e para que pudesse comer um pouco de queijo com pão duro e seco, do alforje de seu cavalo. Deixou que Emily tomasse um pouco de água de um riacho.

— O senhor é meu novo dono? — perguntou ela num inglês surpreendentemente bom.

— Capataz — disse Sour Billy. — Você vai conhecer Julian hoje à noite, garota. Depois que anoitecer. — Ele sorriu. — Ele vai gostar de você. — Em seguida, mandou-a calar a boca.

Como a garota estava a pé, o passo era lento, e já anoitecia quando chegaram à fazenda de Julian. A estrada corria junto a um canal natural e se insinuava por um denso grupo de árvores, com seus troncos cobertos de limo. Circundaram um grande carvalho estéril e saíram num campo aberto, tingido de vermelho à luz tênue do pôr do sol. Era um campo desaproveitado, cheio de mato alto, que ia da beira d'água até a casa. Havia um velho desembarcadouro, apodrecido, e um depósito de lenha junto ao canal, para os vapores que passassem por ali, e, depois da casa-grande, uma fileira de barracos de escravos. Mas não havia escravos, e os campos não eram cultivados há anos. A casa não era grande, como as das fazendas normais, nem particularmente bem-arrumada. Era uma edificação sem charme algum, quadrada, de madeira acinzentada, com a pintura descascando, e seu único aspecto mais digno de nota era uma alta torre com uma sacada em volta.

— Chegamos em casa — disse Sour Billy.

A garota perguntou se a fazenda tinha nome.

— Costumava ter — disse Sour Billy —, anos atrás, quando Garoux era o dono. Mas ele ficou doente e morreu, ele e todos os seus belos filhos, e não tem mais nome nenhum. Agora cale a boca e ande logo.

Ele a fez dar a volta na casa, até a entrada, e abriu a tranca com uma chave que trazia na corrente em volta do pescoço. Havia três quartos na parte dos empregados da casa. Arrastou Emily para o quarto de dormir. — Tire a roupa — ordenou Sour Billy.

A garota hesitou em obedecer, olhando para ele com medo nos olhos.

— Não me olhe assim — disse ele. — Você é do Julian, não vou fazer bobagem com

você. Vou esquentar um pouco de água. Tem uma banheira na cozinha. Lave essa sujeira toda e vista-se. — Ele abriu um guarda-roupa todo em madeira trabalhada e puxou de lá um vestido preto de brocado. — Tome, esse aqui deve servir.

Ela ficou sem fôlego. — Não posso usar nada assim. Isso é um vestido de senhora branca.

— Você fique de boca fechada e faça o que eu mando — disse Sour Billy. — O Julian quer você bem linda, garota. — Então, ele deixou-a sozinha e enveredou pela parte principal da casa.

Encontrou Julian na biblioteca, sentado quieto no escuro, numa grande poltrona de couro, com uma tacinha de conhaque na mão. Em volta dele, cobertos de poeira, estavam os livros que haviam pertencido a René Garoux e seus filhos. Nenhum deles havia sido aberto em anos. Damon Julian não era um leitor.

Sour Billy entrou e ficou a uma distância respeitosa, em silêncio, até que Julian falou.

— E então? — perguntou finalmente a voz vinda do escuro.

— Quatro mil — disse Sour Billy —, mas o senhor vai gostar dela. Novinha, agradável, delicada e bonita, realmente bonita.

— Os outros não vão demorar a chegar. Alain e Jean já estão aqui, os tontos. Estão com a maior vontade. Leve-a até o salão de baile quando ela estiver pronta.

— Certo — disse Sour Billy prontamente. — Houve problemas no leilão, senhor Julian.

— Problemas?

— Um valentão crioulo, chamado Montreuil. Ele queria a moça também, não gostou de alguém ter feito um lance maior. Acho que ficou curioso. É um jogador, está sempre nos locais de jogo. Quer que eu dê conta dele alguma noite dessas?

— Me fale mais dele — ordenou Julian. Sua voz estava pastosa, suave, profunda e sensual, densa como um bom conhaque.

— É um jovem, escuro. Olhos pretos, cabelo preto. Alto. Duelista, dizem. Um cara durão. Forte e magro, mas tem um rosto bonito, como muitos deles.

— Vou ver o que faço com ele — disse Damon Julian.

— Sim, senhor — disse Sour Billy Tipton. Virou as costas e voltou para os seus aposentos.

Emily transformou-se quando se enfiou no vestido de brocado. Tanto a escrava como a criança sumiram; banhada e bem-vestida, era uma mulher de beleza sóbria, quase etérea. Sour Billy inspecionou-a com cuidado. — Você vai servir bem — disse ele. — Venha. Você está indo para um baile.

O salão de baile era o maior e principal aposento da casa, iluminado por três imensos lustres de cristal lapidado, cada um com cem pequenas velas. Havia quadros a óleo pendurados nas paredes, com paisagens do canal natural, e o piso era de madeira muito bem polida. Em uma ponta do salão, portas duplas se abriam para um *foyer*; na outra, subia uma grande escadaria, bifurcada para os dois lados, com corrimões reluzentes.

Eles estavam esperando quando Sour Billy a fez entrar.

Nove já estavam presentes, incluindo o próprio Julian. Seis homens, três mulheres, os homens de terno preto com corte estilo europeu, as mulheres com vestidos claros de seda. Exceto Julian, todos aguardavam na escadaria, quietos e em silêncio, respeitosos. Sour Billy conhecia todos: as mulheres brancas, que se faziam chamar de Adrienne, Cynthia e Valerie; o

negro e bonito Raymond, com rosto de menino; Kurt, cujos olhos ardiam como carvões incandescentes; e todos os outros. Um deles, Jean, tremia de leve enquanto esperava, os lábios tensionados, deixando à mostra dentes bem brancos, a mão movendo-se em leves espasmos. Mostrava seu desejo claramente; não dissimulava. Esperava Damon Julian. Todos eles esperavam Damon Julian.

Julian atravessou o salão de baile e foi até Emily, a garota escrava. Movimentava-se com a graça pomposa de um gato. Como um lorde, um rei. Como a própria escuridão fluindo, líquida e inevitável. Era um homem de certa forma sombrio, embora sua pele fosse bem clara; seu cabelo era preto e cacheado, sua roupa sóbria, seus olhos como pederneiras cintilantes.

Parou diante dela e sorriu. Julian tinha um sorriso encantador, sofisticado. — Excelente — disse apenas.

Emily corou e gaguejou. — Cale a boca — disse Sour Billy, ríspido. — Não fale, a não ser que o senhor Julian mande.

Julian deslizou seu dedo por uma de suas bochechas, suaves, morenas, e a garota tremeu, tentando ficar imóvel. Ele tocou languidamente o cabelo dela e depois lhe ergueu o rosto na direção do seu para que seus olhos pudessem beber dos dela. Com isso, Emily assustou-se e soltou um grito de alarme, mas Julian colocou o rosto dela entre suas mãos e não a deixava desviar o olhar. — Linda — disse. — Você é linda, minha criança. Nós apreciamos a beleza aqui, todos nós. — Ele soltou o rosto dela, pegou uma de suas pequenas mãos, levantou-a, virou-a e curvou-se para dar um beijo suave na parte interna de seu pulso.

A garota escrava ainda tremia, mas não opôs resistência. Julian virou-a um pouco de lado e passou o braço dela para Sour Billy. — Você faria as honras, Billy?

Sour Billy levou o braço às costas e tirou a faca de uma bainha que prendera ali. Emily arregalou seus olhos negros, assustada, e tentou se afastar, mas ele a segurava firme e foi rápido, muito rápido. A lâmina mal ficara visível e de repente já estava úmida; um único golpe ágil na parte de dentro do pulso dela, onde Julian pousara agora seus lábios. O sangue verteu do corte e começou a pingar no chão. O gotejar era audível na quietude do salão de baile.

Por um instante a garota se queixou, mas, antes que pudesse ter ideia do que estava acontecendo, Sour Billy já embainhara a faca de volta e dera um passo atrás, e Julian segurava a mão dela de novo. Ele levantou seu delicado braço uma vez mais, pousou seus lábios sobre o pulso dela e começou a chupar.

Sour Billy afastou-se e ficou junto à porta. Os demais abandonaram a escadaria e se aproximaram, os vestidos das mulheres sussurrando baixinho. Pararam todos em pé num círculo ávido em volta de Julian e sua presa, com olhos sombrios e ardentes. Quando Emily perdeu a consciência, Sour Billy deu um salto adiante e segurou-a por debaixo dos braços, sustentando-a. Ela não pesava quase nada.

— Tão bonita — Julian murmurou quando se separou dela, os lábios ainda úmidos, o olhar intenso e saciado. Ele sorriu.

— *Por favor*, Damon — implorou o rapaz chamado Jean, tremendo como alguém em estado febril.

O sangue corria lento, sombriamente, pelo braço de Emily, enquanto Julian encarava Jean com um olhar frio, maligno. — Valerie — disse ele —, você é a próxima. — A jovem branca de olhos violeta e vestido amarelo avançou, ajoelhou-se deliciada e começou a lamber

aquele terrível fluxo. Só depois de ter limpado o braço da garota com a língua é que pressionou sua boca contra a ferida aberta.

Raymond veio em seguida, com a permissão de Julian, depois Adrienne, depois Jorge. Por fim, quando todos os outros já tinham tido sua vez, Julian virou-se para Jean com um sorriso e um gesto. O rapaz lançou-se sobre ela com um soluço abafado, arrancando-a dos braços de Sour Billy, e começou a lacerar a carne macia do pescoço dela. Damon Julian fez uma careta de nojo. — Depois que ele terminar — disse a Sour Billy —, limpe tudo.

3

New Albany, Indiana, junho de 1857

A neblina era densa no rio, e o ar, úmido e gelado. Era pouco depois da meia-noite quando Joshua York finalmente chegou de St. Louis para se encontrar com Abner Marsh nos estaleiros desertos de New Albany. Marsh já estava esperando há quase meia hora quando York apareceu, saindo da névoa como alguma diáfana aparição. Atrás dele, silenciosas como sombras, vinham quatro outras pessoas.

Marsh deu um sorriso forçado, os dentes à mostra: — Joshua — disse. Dirigiu um breve aceno de cabeça aos outros. Já se encontrara com eles brevemente em abril, em St. Louis, antes de vir a New Albany para supervisionar a construção do seu sonho. Eram amigos de York, companheiros de viagem, mas Marsh nunca vira um grupo mais esquisito. Dois deles eram homens de idade indefinida, com nomes estrangeiros que ele nem conseguia lembrar ou pronunciar; ele os chamava de Smith e Brown, o que York achava muito divertido. Viviam implicando um com o outro, numa fala bizarra. O terceiro homem, de rosto encovado e aspecto do Leste, vestido como um agente funerário, chamava-se Simon e nunca dizia nada. A mulher, Katherine, era inglesa, segundo diziam. Alta e meio curvada, com uma aparência um tanto doentia e decaída, lembrava a Marsh um grande abutre branco. Mas era amiga de York, todos eram, e York já o advertira de que podia ter amigos peculiares; portanto, Abner Marsh ficou de bico calado.

— Boa noite, Abner — disse York. Ele parou e deu uma olhada nos estaleiros, onde os barcos em construção jaziam como esqueletos no meio da névoa cinza que flutuava. — Noite fria, hein? Afinal, estamos em junho!

— Pois é. Vocês vêm de longe?

— Eu peguei uma suíte na Galt House, lá em Louisville. Alugamos um barco para nos trazer até aqui, do outro lado do rio. — Seus olhos cinza e frios estudavam o barco a vapor mais próximo com interesse. — Esse aqui é o nosso?

Marsh bufou. — Essa coisinha aqui? Não, por Deus, esse é só algum vapor com roda-d'água traseira que eles estão construindo para transporte de carga em Cincinnati. O senhor não acha que eu iria colocar uma porcaria de propulsão traseira no *nosso* barco, não é mesmo?

York sorriu. — Desculpe minha ignorância. Onde está o nosso barco então?

— Venha por aqui — disse Marsh, fazendo um gesto amplo com a sua bengala. Conduziu-os até o meio do estaleiro. — Ali — disse, apontando.

A névoa cedeu-lhes passagem, e lá estava ele, alto e imponente, fazendo todos os demais barcos em volta parecerem pequenos. Seus camarotes e amuradas brilhavam como tinta fresca, alva como neve, clara até mesmo sob o manto cinza da névoa. Bem alto, no último andar, a meio caminho das estrelas, a cabine do piloto parecia cintilar. Era como um templo de vidro, com a cúpula ornamentada, decorada em toda a volta com um lindo trabalho em madeira, tão elaborada quanto uma renda irlandesa. Suas chaminés, dois pilares idênticos que ficavam logo à frente do convés superior, erguiam-se a uns trinta metros, pretas, retas e altivas. Seus topos emplumados abriam-se como duas flores de metal escuro. Seu casco era esguio e parecia estender-se infinitamente, já que a popa estava oculta pela névoa. Como todos os navios de primeira classe, tinha rodas-d'água laterais. Dispostas a meia-nau, as imensas gaiolas curvas que abrigavam as rodas-d'água afiguravam-se gigantescas, sugerindo o grande poder das rodas de pás que abrigavam dentro delas. E pareceriam maiores ainda devido ao nome que logo seria pintado em cima delas.

À noite, em meio à névoa, junto de todos aqueles barcos menores e mais simples, parecia uma visão, um fantasma branco de algum sonho de um ribeirinho. Era de tirar o fôlego, pensou Marsh enquanto estavam lá em pé.

Smith implicava daqui e Brown implicava de lá, mas Joshua York só olhava. Ficou um tempão observando e então assentiu. — Criamos uma coisa muito bonita, Abner — disse ele.

Marsh sorriu.

— Eu não esperava encontrar o barco tão adiantado — disse York.

— Aqui é New Albany — disse Marsh. — É por isso que vim para cá, em vez de escolher um dos estaleiros de St. Louis. Eles fazem barcos a vapor aqui desde que eu era garoto. Só no ano passado construíram vinte e dois, e provavelmente já têm quase isso este ano. Eu sabia que eles seriam capazes de fazer o serviço para nós. O senhor devia ter visto. Vim com uma daquelas arcas pequenas cheias de ouro, despejei tudo em cima da mesa do superintendente, e aí disse assim: "Quero que construa um barco e quero que construa *rápido*, e quero que seja o mais veloz e o mais bonito, que seja o barco mais danado de bom que vocês já construíram, ouviu bem? Então, quero que me arrume agora alguns engenheiros, os melhores que tiver, não quero saber se terá que arrastá-los de algum bordel lá de Louisville, traga-os aqui hoje à noite mesmo, para que a gente possa começar. E veja se me arruma também os melhores carpinteiros e pintores, caldeireiros e todo o resto, porque, se eu receber outra coisa que não seja o melhor, você irá se arrepender muito". — Marsh riu. — O senhor devia ter visto o homem, ele não sabia se olhava para o ouro ou se ouvia o que eu dizia, as duas coisas deixaram o homem quase morto de susto. Mas ele foi bem, ah, foi bem mesmo. — Marsh assentia, olhando para o barco. — É claro, ainda não está pronto. Falta a decoração; vou mandar pintar de azul e prateado, principalmente, para combinar com todo o prateado que o senhor quis colocar no salão. E ainda falta chegar parte da linda mobília e dos espelhos que o senhor encomendou na Filadélfia, e algumas outras coisas. Mas o principal está feito, Joshua, o barco está quase pronto. Venha, vou lhe mostrar.

Os peões haviam largado uma lanterna em cima de uma pilha de tábuas perto da popa do navio. Marsh riscou um fósforo na perna, acendeu a lanterna e avançou imperioso até Brown. — Ei, você, carregue isso — disse meio brusco. Avançou mancando pesadamente e subiu por uma longa prancha até o convés principal, com os outros atrás. — Cuidado para não encostar em nada — disse ele —, parte da tinta ainda está fresca.

O convés inferior estava cheio de máquinas. A lanterna ardia com uma luz clara, estável, mas Brown não parava de mexê-la de lá para cá, por isso as sombras das volumosas máquinas pareciam mover-se e avançar de forma ameaçadora, como se fossem coisas vivas. — Ei, segure isso quieto — Marsh ordenou. Ele se virou para York e começou a mostrar, com a bengala apontando como um dedo de madeira, as caldeiras e os grandes cilindros de metal que corriam ao longo de cada lado da parte frontal do convés. — Dezoito caldeiras — disse Marsh orgulhoso —, três mais que o *Eclipse*. Trinta e oito polegadas de diâmetro, vinte e oito pés de comprimento cada uma — sua bengala se movia. — As fornalhas são todas feitas com tijolo refratário e ferro laminado, erguidas sobre suportes, separadas do convés, e podem ser removidas em caso de incêndio. — Ele indicou o percurso dos tubos de vapor por cima das caldeiras aos motores, e todos voltados em direção à popa. — Temos cilindros de trinta e seis polegadas, alta pressão, e contamos com uma remada de onze pés, o mesmo que o *Eclipse*. Esse barco vai devorar esse velho rio de uma maneira terrível, estou lhe dizendo.

Brown tagarelava daqui, Smith tagarelava de lá, e Joshua York sorriu.

— Vamos subir agora — disse Marsh. — Seus amigos não parecem lá muito interessados nas máquinas, mas tenho certeza de que vão adorar o que temos aqui em cima.

A escada era ampla e decorada, feita de carvalho polido, com graciosas balaustradas caneladas. Começava perto da proa e sua largura escondia as caldeiras e os motores daqueles que embarcavam. Depois, bifurcava-se numa curva elegante para ambos os lados, desembocando no segundo convés, o das caldeiras. Caminharam pelo lado do estibordo, com Marsh e sua bengala, e Brown e a lanterna, abrindo caminho, as botas estalando na madeira de lei do convés, enquanto eles se maravilhavam com os refinados detalhes góticos dos pilares e das grades de proteção, em madeira cuidadosamente trabalhada, esculpida com flores, arabescos e bolotas. As portas e janelas dos camarotes de luxo corriam da popa à proa numa fileira muito longa; as portas eram de nogueira escura e as janelas tinham vitrais. — Os camarotes de luxo ainda não estão mobiliados — disse Marsh, abrindo uma porta e fazendo-os entrar num deles —, só estamos aceitando o que há de melhor, colchões e travesseiros de plumas, um espelho e uma lamparina de óleo em cada quarto. Nossos camarotes são maiores do que o usual também; não vamos poder pegar tantos passageiros como outros barcos do nosso tamanho, mas são quartos mais espaçosos. — Ele sorriu. — Também podemos cobrar mais caro por eles.

Cada camarote tinha duas portas: uma que dava para o convés e outra, de acesso à parte interna, para o grande salão, o principal ambiente do barco. — O salão principal ainda está longe de ficar pronto — disse Marsh —, mas mesmo assim venham dar uma olhada.

Entraram e pararam, enquanto Brown erguia a lanterna para projetar luz por toda aquela vasta extensão, onde os sons ecoavam. O grande salão tinha o comprimento do das caldeiras, um espaço contínuo e desimpedido, a não ser por um passadiço na parte central do navio. — A metade da frente é dos cavalheiros, a de trás, das senhoras — Marsh explicou. — Deem uma olhada. Ainda não está pronto, mas vai ser um espetáculo. Aquele bar ali tem doze metros de comprimento e atrás dele vamos colocar um espelho em toda a extensão. Acabei de encomendá-lo. Teremos espelhos em cada um dos camarotes de luxo também, com molduras prateadas em volta, e um espelho de três metros e meio ali, na parte final do camarote das senhoras. — Apontou para cima com sua bengala. — Não dá para ver nada agora, pois está escuro, mas as claraboias têm vitrais e percorrem toda a extensão do camarote. Em um deles

vamos colocar tapetes de Bruxelas, e haverá tapetes em todos os camarotes de luxo também. Conseguimos um refrigerador de água, de prata, com copos de prata, que vai ficar em cima de uma mesa bonita de madeira, e também um piano de cauda, cadeiras de veludo novas em folha e toalhas de mesa de linho legítimo. Mas nada disso chegou ainda.

Mesmo ainda sem os tapetes, espelhos e mobília, o longo salão tinha um toque de esplendor. Andaram por ele lentamente, em silêncio, e, à luz móvel da lanterna, fragmentos de sua majestosa beleza, de repente, se projetavam da escuridão e mergulhavam de volta nela no instante seguinte: o teto alto, em arco, com suas vigas curvas, esculpido e pintado com intrincados detalhes, como uma delicada renda; as longas fileiras de colunas esbeltas ao lado das portas dos camarotes de luxo, ornadas com delicadas caneluras; o bar, de mármore preto, com grossos veios de cor; o lustro oleoso da madeira escura; a fileira dupla de lustres, cada uma com quatro grandes globos de cristal pendendo de uma teia de aranha de ferro forjado, pedindo apenas óleo, uma chama e todos aqueles espelhos para despertar o salão inteiro para uma luminosidade gloriosa e cintilante.

— Achei os camarotes muito pequenos — disse Katherine, de repente —, mas esse salão aqui ficará magnífico.

Marsh franziu o cenho. — Os camarotes são grandes, senhora. Três metros quadrados; o usual são dois. Isso é um barco a vapor, a senhora sabe. — Ele afastou-se dela e apontou com sua bengala. — O escritório será daqui para a frente, a cozinha e os lavatórios ficarão junto à casa de máquinas. Sei até que cozinheiro vou contratar, também. Costumava trabalhar no meu *Lady Liz*.

O teto do convés das caldeiras era o convés superior. Eles subiram uma escada estreita e saíram diante das grandes chaminés pretas de ferro, depois subiram outra escada mais curta até o convés superior, que ia das chaminés até as casas de máquinas. — Camarote da tripulação — disse Marsh, dando-se ao trabalho de visitá-lo também. A cabine do piloto ficava em cima do convés superior. Levou todos até lá, e entraram.

Dali, podia-se ver o estaleiro todo. Todos os barcos menores envoltos em névoa, as águas escuras do rio Ohio mais além e até as luzes distantes de Louisville, cintilações fantasmagóricas na névoa. O interior da cabine do piloto era amplo e almofadado. As janelas eram do melhor vidro, bem transparente, e tinham vitrais decorativos em volta delas. Por toda parte brilhava madeira escura, e prata polida clara e discreta na claraboia.

E havia o timão. Apenas sua parte superior era visível, de tão imenso que era, e mesmo esta era da altura do próprio Marsh, enquanto a metade de baixo ficava dentro de um vão nas tábuas do piso. Era feito de teca preta macia, uma madeira bonita e lisa ao toque, e os raios tinham enfeites de prata, como na cinta-liga de uma dançarina de salão. O timão parecia gritar pelas mãos de um capitão.

Joshua York chegou perto do timão para tocá-lo, deslizando sua mão branca pela madeira escura e pela prata. Então segurou-o, como se ele mesmo fosse piloto, e por um longo momento ficou em pé assim, com o timão em suas mãos e seus olhos cinza perscrutando algo, pousados fixos na noite e naquela neblina de junho, tão fora de época. Os demais ficaram em silêncio, e, por um breve momento, Abner Marsh quase podia sentir o barco a vapor se mover, em algum rio escuro da mente, em uma viagem estranha e infindável.

Joshua York virou-se então e quebrou o encanto. — Abner — disse ele —, gostaria de aprender a dirigir este barco. Você me ensinaria a pilotar?

— Pilotar o barco? — disse Marsh, surpreso. Ele não tinha dificuldade em imaginar York como o dono do barco e capitão, mas pilotar era outra coisa — se bem que, de algum modo, a própria pergunta o fez sentir-se mais próximo do seu sócio, tornando-o, afinal de contas, mais compreensível. Abner Marsh sabia o que era desejar ser piloto. — Bem, Joshua — disse ele —, eu já pilotei bastante, e é a sensação mais maravilhosa do mundo. Ser um capitão, isso não é nada comparado a pilotar. Mas não é algo que a pessoa simplesmente já sai fazendo, se é que o senhor me entende.

— O timão parece bem simples de manejar — disse York.

Marsh riu. — Ah, sim, mas não é o timão que você precisa conhecer bem. É o rio, York, é o rio. O bom e velho Mississippi. Fui piloto por oito anos antes de ter meus próprios barcos licenciados para o alto Mississippi e o Illinois. Nunca para o Ohio ou para o baixo Mississippi, e, de tudo o que sei sobre navegar um vapor, eu não poderia ter pilotado nenhum barco naqueles rios se quisesse salvar minha vida: eu não os conhecia. Aqueles que conheço realmente, levei anos para conhecer, e a aprendizagem nunca cessou. A essa altura, já fiquei tanto tempo longe de uma cabine de piloto que teria de aprender tudo de novo. O rio muda, Joshua, ele faz isso. Nunca é o mesmo duas vezes seguidas, e você precisa conhecer cada centímetro dele. — Marsh andou até o timão e colocou uma de suas mãos nele, com prazer. — Bem, eu tenho a intenção de pilotar este barco, pelo menos uma vez. Sonhei com ele tempo demais para não querer pegá-lo com minhas mãos. Quando a gente deparar com o *Eclipse*, quero ficar um tempo na cabine do piloto, ah, isso eu quero mesmo. Mas ele é um barco majestoso demais para navegar em outro lugar que não seja New Orleans, e isso quer dizer o baixo rio; portanto, vou ter que começar a aprender por mim mesmo, começar a conhecer cada palmo dele. Leva tempo, dá trabalho. — Ele olhou para York. — Ainda quer pilotar, agora que sabe o que isso representa?

— Podemos aprender juntos, Abner — replicou York.

Os companheiros de York estavam cada vez mais inquietos. Eles iam de uma janela a outra, Brown mudando a lanterna de mão, Simon sinistro como um cadáver. Smith disse algo para York na sua língua estrangeira. York assentiu. — A gente precisa voltar — disse ele.

Marsh olhou em volta uma última vez, relutando em ir embora, e os fez sair da cabine do piloto.

Quando já haviam percorrido penosamente meio caminho de volta pelo estaleiro, York virou-se e olhou de novo para o barco, assentado sobre suas estacas, claro contra aquela escuridão. Os outros pararam também e esperaram em silêncio.

— Você conhece Byron? — York perguntou a Marsh.

Marsh pensou um minuto. — Conheço um colega chamado Blackjack Pete que costumava pilotar o *Grand Turk*. Acho que o sobrenome dele era Brian.

York sorriu. — Não é Brian, é Byron. Lorde Byron, o poeta inglês.

— Ah — disse Marsh. — Byron. Não sou muito de ler poesia. Mas acho que ouvi falar dele. Era manco, não? E muito chegado em mulheres.

— Esse mesmo, Abner. Um homem impressionante. Tive a sorte de encontrá-lo uma vez. Nosso barco a vapor me fez lembrar um poema que ele escreveu. — E começou a recitá-lo.

Ela, que como a noite exala Graça,
Em um céu, sem qualquer nuvem, estrelado;

O que melhor de treva e luz se faça
Na sua feição e olhar traz desenhado:
Com inefável brilho que ultrapassa
*O que o Céu há dias áureos tem negado**

— Byron escreveu isso pensando em uma mulher, é claro, mas as palavras parecem adequadas também ao nosso barco, não é? Olhe para ele, Abner! O que acha?

Abner Marsh não sabia bem o que pensar. Um barqueiro em geral não anda por aí declamando poesia, e ele não sabia o que dizer a um homem que fazia isso. — Muito interessante, Joshua — foi tudo o que conseguiu expressar.

— Que nome a gente deveria dar-lhe? — York perguntou, com os olhos ainda fixos no barco, e um leve sorriso no rosto. — O poema lhe sugere alguma coisa?

Marsh franziu o cenho. — Não vamos batizá-lo inspirados em um inglês manco, se é isso que o senhor está pensando — disse ele rispidamente.

— Não — disse York —, não estava sugerindo isso. Tinha em mente algo como *Dark Lady*, ou…

— Eu também tinha algo em mente — Marsh disse. — Nós, afinal, somos a Vapores do Rio Fevre, e esse barco é a realização de tudo o que eu sempre sonhei. — Ele ergueu sua bengala de madeira e apontou para a cabine do piloto. — Vamos colocá-lo bem ali, com letras grandes azuis e prateadas, bem bonito: *Fevre Dream*. — Ele sorriu. — O *Fevre Dream* contra o *Eclipse*; vão comentar essa concorrência até o dia da nossa morte.

Por um momento, algo estranho e mal-assombrado se moveu nos olhos cinza de Joshua York. Mas depois passou, tão rápido como viera. — *Fevre Dream* — ele disse. — Você não acha esse nome um pouco… não sei, um pouco agourento? A mim sugere náusea, febre e morte, e delírios*. Sonhos que… sonhos que não deviam ser sonhados, Abner.

Marsh franziu de novo o cenho. — Não me dá essa impressão. Eu gosto.

— Será que as pessoas embarcariam num barco com esse nome? Barcos a vapor sempre foram conhecidos por carregarem tifo e febre amarela. Será que a gente quer que as pessoas se lembrem dessas coisas?

— Elas embarcavam no meu *Sweet Fevre* — disse Marsh. — Elas viajam no *War Eagle*, no *Ghost*, até em barcos com nomes de tribos indígenas. Elas viajam.

Aquele esquelético e branco, de nome Simon, disse algo então, numa voz que arranhava como uma serra enferrujada e numa língua estranha a Marsh, mas não aquela mesma, ininteligível, em que Smith e Brown tagarelavam. York ouviu o que ele tinha a dizer, e seu rosto ganhou um tom pensativo, embora ainda parecesse preocupado. — *Fevre Dream* — ele repetiu. — Eu tinha pensado num nome mais… saudável, mas Simon me apresentou um bom argumento. Que seja do seu jeito então, Abner. O barco é o *Fevre Dream*.

— Ótimo — disse Marsh.

York assentiu meio ausente. — Vamos nos encontrar amanhã para comer na Galt House. Às oito. Podemos fazer planos para a nossa viagem a St. Louis, discutir a tripulação e provisões, se você achar isso conveniente.

Marsh emitiu um grunhido de assentimento, e York e seus companheiros saíram em direção ao barco deles, desaparecendo na névoa. Bem depois que tinham ido embora, Marsh ainda ficou plantado no estaleiro, admirando o barco a vapor, imóvel e silencioso. — *Fevre*

Dream — disse em voz alta, só para testar o sabor das palavras na sua língua. Mas, estranhamente, pela primeira vez, o nome soou mal a seus ouvidos, cheio de conotações desagradáveis. Inexplicavelmente, sentiu por um momento um arrepio de frio. Então bufou para espantar aquilo e decidiu ir para a cama.

4

A bordo do vapor *Fevre Dream*, rio Ohio, julho de 1857

O *Fevre Dream* partiu de New Albany quando já estava escuro, em uma noite abafada no início de julho. Em todos os seus anos no rio, Abner Marsh nunca se sentira tão vivo como naquele dia. Passou a manhã cuidando dos últimos detalhes em Louisville e New Albany. Contratou um barbeiro, almoçou com os homens do estaleiro e pôs um punhado de cartas no correio. No calor da tarde, instalou-se no seu camarote, fez uma última vistoria pelo barco para certificar-se de que estava tudo em ordem e cumprimentou alguns dos passageiros de camarote à medida que chegavam. Acelerou a preparação do jantar e depois foi para o convés principal falar com o engenheiro, com os auxiliares que checavam as caldeiras e com o oficial náutico que supervisionava o embarque do restante da carga. O sol ardia sem trégua e o ar estava pesado e quieto, por isso os estivadores brilhavam de suor levando engradados, caixas e barris pelas estreitas pranchas de carregamento, enquanto o oficial náutico despejava-lhes ofensas o tempo todo. Marsh soube que havia também outros barcos carregando ou partindo com destino a Louisville, do outro lado do rio: o grande *Jacob Strade*, de baixa pressão, da Cincinnati Mail Line, o rápido *Southerner*, da Companhia de Vapores Cincinnati & Louisville, e meia dúzia de barcos menores. Prestou atenção para ver se qualquer um deles estava seguindo rio abaixo, e, quando o sol se pôs, sentiu-se muito bem, apesar do calor e das nuvens de mosquitos que se ergueram do rio naquela hora.

O convés principal estava lotado de carga, na parte da frente e de trás, preenchendo quase todo o espaço não ocupado pelas caldeiras, fornalhas e motores. O barco carregava quinhentas toneladas de caixas de folhas de tabaco, trinta toneladas de barras de ferro, incontáveis barris de açúcar, farinha, aguardente, caixas com mobília fina para alguns ricos de St. Louis, dois blocos de sal, algumas peças de tecido de seda e algodão, trinta barris de pregos, dezoito caixas de rifles, alguns livros, papéis, além de miudezas diversas. E banha de porco. Uma dúzia de grandes barris com a melhor banha de porco. Mas a banha não era exatamente carga; Marsh a comprara para ele mesmo e mandara armazená-la a bordo.

O convés principal estava apinhado de passageiros, entre homens, mulheres e crianças, todos aglomerados como os mosquitos do rio, fervilhando e acotovelando-se no meio da carga. Quase trezentas pessoas haviam se instalado ali, pagando um dólar cada pela passagem até St. Louis. E a passagem era a única coisa que tinham; comiam o que haviam trazido a bordo com eles, e os mais sortudos encontravam um lugar para dormir no convés. Eram na maioria estrangeiros, irlandeses, suecos, holandeses enormes, todos gritando uns com os

outros em línguas que Marsh não conhecia, bebendo, xingando e estapeando seus filhos. Também havia por ali alguns caçadores de peles e trabalhadores comuns, pobres demais para terem algo além de uma passagem de convés, e ainda assim com os preços promocionais de Marsh.

Os passageiros de camarote haviam pagado dez dólares, pelo menos aqueles que iam cumprir o trajeto inteiro até St. Louis. Quase todos os camarotes estavam ocupados, mesmo por aquele preço; o oficial náutico disse a Marsh que havia cento e setenta e sete passageiros de camarote a bordo, o que Marsh imaginou que deveria ser um bom número com todos aqueles setes. A lista incluía doze fazendeiros, o diretor de uma grande empresa de peles de St. Louis, dois banqueiros, um inglês rico com as três filhas e quatro freiras que iam para Iowa. Havia ainda um pregador religioso a bordo, mas isso não era problema, pois não estavam transportando nenhuma égua cinza; era bem sabido entre os ribeirinhos que ter a bordo um pregador e uma égua cinza na mesma viagem era um convite ao desastre.

Quanto à tripulação, Marsh estava bem satisfeito com ela. Os dois pilotos, bem, não eram nada de especial, mas haviam sido contratados apenas temporariamente para levar o vapor até St. Louis, já que eram pilotos do rio Ohio e o *Fevre Dream* estava indo operar na região de New Orleans. Ele já escrevera cartas para St. Louis e New Orleans e tinha um par de pilotos ágeis do baixo Mississippi esperando por ele na Planter's House. O resto da tripulação, no entanto, era tão boa quanto a de barcos de qualquer outro rio, Marsh tinha certeza. O engenheiro era Whitey Blake, um baixinho esquentado cujas costeletas de um branco luminoso sempre tinham manchas da graxa dos motores. Whitey trabalhara com Abner Marsh no *Eli Reynolds*, mais tarde no *Elizabeth A.* e no *Sweet Dream*, e nunca houve ninguém que entendesse um motor a vapor melhor do que ele. Jonathon Jeffers, o oficial náutico, usava óculos de armação de ouro, tinha cabelo castanho bem liso e penteado para trás e usava vistosas polainas de botão, mas era uma fera em cálculos e em pechinchar, nunca esquecia de nada, fechava ótimos contratos e jogava muito bem xadrez. Jeffers sempre fora do escritório principal da linha marítima até que Marsh escreveu-lhe e pediu que viesse trabalhar no *Fevre Dream*. Aceitou na hora; apesar de sua aparência de dândi, Jeffers era um ribeirinho até a medula de sua alma de matemático. Andava com uma bengala com cabo de ouro, que ocultava dentro uma espada. O cozinheiro era um negro liberto chamado Toby Lanyard, que já estava com Marsh há catorze anos, e, desde que Marsh provara seus dotes culinários em Natchez, comprara-o e dera-lhe a liberdade. E o capataz — que se chamava Michael Theodore Dunne, embora ninguém o chamasse de outra coisa a não ser Hairy* Mike, exceto os estivadores, para quem era o Senhor Dunne — era um dos maiores e mais malvados e teimosos homens do rio. Tinha bem mais de um metro e noventa de altura, olhos verdes, costeletas pretas e pelos grossos pretos, eriçados e espalhados por seus braços, pernas e peito. Vivia falando palavrões, tinha um gênio ruim e nunca ia a lugar algum sem sua barra de ferro de um metro de comprimento. Abner Marsh nunca vira Hairy Mike acertar ninguém com aquela barra, exceto uma ou duas vezes, mas ele estava sempre com ela na mão, e corria entre os estivadores o boato de que uma vez rachara a cabeça de um homem que deixara cair uma caixa de conhaque no rio. Era um capataz durão, justo, e ninguém derrubava nada quando ele estava olhando. Todo mundo no rio tinha o maior respeito por Hairy Mike Dunne.

Era uma tripulação fantástica os homens do *Fevre Dream*. Já desde o primeiro dia todos se dedicavam a suas tarefas e, assim, na hora em que as estrelas se reuniam sobre New

Albany, a carga e os passageiros já estavam a bordo e registrados, o vapor a toda e as fornalhas rugindo, com uma terrível luz rubra e calor suficiente para tornar o convés principal mais quente do que Natchez-under-the-hill numa noite boa, e um ótimo jantar estava sendo preparado na cozinha. Abner Marsh checou isso tudo e quando ficou satisfeito subiu até a cabine do piloto, que se erguia resplandecente e digna acima de todo o caos e gritaria lá embaixo. — Tire-o de popa — disse ele ao seu piloto. E o piloto aplicou vapor e posicionou as duas grandes rodas-d'água laterais para recuar. Abner Marsh, respeitosamente, ficou atrás dele, e o *Fevre Dream* deslizou suave para as águas escuras do Ohio, iluminadas por estrelas.

Uma vez no rio, o piloto reverteu as rodas e virou o barco rio abaixo; o grande vapor vibrou um pouco e deslizou pelo canal principal com toda a facilidade, as rodas fazendo *chunca-chunca, chunca-chunca* ao bater e revolver a água, e o barco se movendo cada vez mais rápido, com a velocidade da corrente e seu próprio vapor, em seu curso espumante e veloz como o sonho de um barqueiro, veloz como o pecado, veloz como o próprio *Eclipse*. Sobre suas cabeças, as chaminés soltavam duas longas serpentinas de fumaça preta, e nuvens de fagulhas revoavam e sumiam por trás delas, caindo no rio para morrer como inúmeros vaga-lumes vermelhos e laranja. Aos olhos de Abner Marsh, a fumaça, o vapor e as fagulhas que iam deixando como rastro atrás deles eram um espetáculo melhor e mais magnífico do que todos os fogos de artifício que havia visto em Louisville no 4 de Julho. Então o piloto ergueu o braço e fez soar o apito do vapor, e aquele longo guincho agudo ensurdeceu a todos. Era um apito maravilhoso, com um toque de lamento selvagem, um som que podia ser ouvido a quilômetros.

Mas só quando as luzes de Louisville e New Albany desapareceram atrás deles, e o *Fevre Dream* começou a navegar entre margens tão escuras e despovoadas como eram um século antes, é que Abner Marsh se deu conta de que Joshua York havia subido até a cabine do piloto e estava em pé ao lado dele.

Estava muito bem-apresentado, com calça e casaca do mais puro branco, colete azul-profundo, camisa branca cheia de babados e enfeites e uma gravata de seda azul. A corrente de relógio, que se estendia por cima de seu colete, era de prata, e em uma das suas pálidas mãos York usava um grande anel de prata com uma pedra azul brilhante, que cintilava. Branco, azul e prateado: eram essas as cores do barco, e York parecia parte dele. A cabine do piloto tinha cortinas vistosas, em azul e prateado, e o grande sofá estofado na sua parte de trás era azul, e o oleado também. — Puxa, gostei do seu estilo, Joshua — disse Marsh.

York sorriu. — Obrigado — disse. — Pareceu-me adequado. E você está muito bem, também. — Marsh havia comprado uma nova jaqueta de piloto com botões de metal brilhantes e um quepe com o nome do barco gravado em fio prateado.

— Certo — Marsh replicou. Ele nunca ficava à vontade com elogios; palavrões eram mais fáceis e confortáveis para ele. — Bem — disse —, você estava acordado quando partimos? — York dormira na cabine do capitão, no convés principal, a maior parte do dia, enquanto Marsh suava, se preocupava e cumpria a maioria das tarefas concretas de um capitão. Marsh aos poucos foi se acostumando com aquela maneira de York e seus companheiros, de viverem à noite e dormirem de dia. Conhecia outras pessoas que faziam isso. E, da única vez que mencionou o assunto a York, Joshua apenas sorriu e declamou de novo para Marsh aquele poema que falava do "áureo dia".

— Eu fiquei em pé lá no convés superior, à frente das chaminés, observando tudo.

Estava frio lá em cima, depois que a gente se pôs a caminho.

— Um vapor rápido cria seu próprio vento — disse Marsh. — Não importa quanto o dia esteja quente ou quanto a lenha queime bem, é sempre muito bom e fresco lá em cima. Às vezes sinto um pouquinho de pena dos que estão embaixo, no convés principal, mas, afinal, eles estão pagando só um dólar.

— É claro — concordou Joshua York.

O navio fez um *bum* naquele exato instante e chacoalhou um pouco.

— O que foi isso? — York perguntou.

— Provavelmente a gente só passou por cima de um tronco — Marsh respondeu. — É isso? — perguntou ao piloto.

— Eu diria que raspamos nele — o homem respondeu. — Não se preocupe, capitão. Não quebrou nada.

Abner Marsh assentiu e voltou-se para York. — Bem, não seria melhor descermos para o salão principal? Os passageiros devem estar todos acordados e circulando, vendo como é essa primeira noite no navio, então podíamos ir até lá encontrar alguns deles, conversar e checar se está tudo bem.

— Eu adoraria — disse York. — Mas, primeiro, Abner, você viria comigo até meu camarote tomar um drinque? Precisamos celebrar nossa partida, não acha?

Marsh deu de ombros. — Um drinque? Bem, por que não? — Ele deu um toque no seu quepe para cumprimentar o piloto. — Boa noite, senhor Daly. Vou mandar trazer um café aqui em cima para o senhor, se quiser.

Saíram da cabine do piloto e dirigiram-se ao camarote do capitão, mas tiveram que parar um momento enquanto York destravava a porta — ele insistira para que seu camarote, e na verdade todos os camarotes principais do barco, tivessem boas fechaduras. Isso era um pouco peculiar, mas Marsh aceitou de boa vontade. Afinal, York não estava habituado à vida num vapor, e a maioria das suas outras exigências havia sido bastante sensata, como toda aquela prata e espelhos que faziam do salão principal um lugar tão esplêndido.

O camarote de York tinha três vezes o comprimento dos camarotes de luxo e era duas vezes mais largo. Portanto, para os padrões de um barco a vapor, era imenso. Mas esta era a primeira vez que Abner Marsh entrava nele desde que York tomara posse, então olhou em volta curioso. Um par de lamparinas a óleo de cada lado do camarote dava ao interior uma luminosidade calorosa, acolhedora. As amplas janelas com vitrais estavam escuras agora, fechadas e com cortinas pesadas de veludo preto, que parecia suave e felpudo à luz da luminária. Num canto havia uma cômoda alta com gavetas e uma bacia de água em cima, e um espelho com moldura prateada na parede. Havia ainda uma cama com colchão de penas, estreita, mas confortável, duas grandes poltronas de couro e uma escrivaninha de pau-rosa, grande, espaçosa, com um monte de gavetas e compartimentos. Ficava bem encostada à parede. Acima dela, um mapa antigo muito bom do sistema do Mississippi havia sido pregado com tachas. O tampo da escrivaninha estava cheio de livros com capa de couro e pilhas de jornais. Esta era outra das peculiaridades de Joshua York: ele lia uma quantidade exagerada de jornais, de todas as partes do mundo — jornais da Inglaterra, jornais em línguas estrangeiras, a *Tribuna* do senhor Greeley, é claro, e o *Herald*, de Nova York, também, quase todos os jornais de St. Louis e New Orleans e todo tipo de semanários das pequenas cidades ribeirinhas. Todo dia ele recebia pacotes de jornais. Livros também. Havia uma estante alta no

camarote, abarrotada, e mais livros ficavam empilhados na mesinha ao lado da cama, com uma vela de leitura semiderretida em cima deles.

Abner Marsh, porém, não perdeu tempo olhando os livros. Perto da estante havia várias prateleiras de madeira com vinhos, umas vinte ou trinta garrafas, bem arrumadas lado a lado. Ele foi direto até lá e pegou uma delas. Estava sem rótulo, e o líquido dentro dela era vermelho-escuro, tão escuro que era quase preto. Uma cobertura de cera preta brilhante lacrava a rolha de cortiça. — Você tem uma faca? — ele perguntou a York, virando-se com a garrafa na mão.

— Não acho que você vá gostar muito dessa bebida, Abner — disse York. Ele segurava uma bandeja com dois cálices de prata e um decantador de cristal. — Eu tenho um xerez excelente aqui. Que tal a gente tomar?

Marsh hesitou. O xerez de York costumava ser ótimo, e ele odiava perder a oportunidade de tomá-lo, mas, conhecendo Joshua, imaginava que qualquer vinho que ele tivesse em seu estoque privado deveria ser excelente. Além disso, estava curioso. Ficou passando a garrafa de uma mão para a outra. O líquido dentro dela oscilava lentamente, deslizando lânguido como algum licor doce. — Seja como for, o que é isto? — Marsh perguntou, franzindo o cenho.

— Um tipo de mistura doméstica — York replicou. — Um pouco de vinho, um pouco de conhaque, um pouco de licor, e o gosto não é de nenhum dos três. Uma bebida estranha, Abner. Meus companheiros e eu temos uma queda por ela, mas a maioria das pessoas não gosta. Tenho certeza de que você vai preferir o xerez.

— Bem — disse Marsh, sopesando a garrafa —, qualquer coisa que você beba provavelmente eu vou achar muito boa, Joshua. E você sempre serve um xerez muito bom, não há dúvida. — Ele se reanimou. — A gente não tem pressa, e eu por mim estou com uma bela vontade de beber. Por que a gente não experimenta os dois?

Joshua York riu, uma risada de puro prazer espontâneo, rica e musical. — Abner — disse ele —, você é um sujeito singular e formidável. Gosto de você. Mas você, ao contrário, não vai gostar da minha bebida. Mesmo assim, já que insiste, vamos provar dos dois.

Eles se acomodaram nas duas poltronas de couro e York colocou a bandeja na mesinha baixa entre os dois. Marsh passou-lhe a garrafa de vinho, ou do que quer que fosse. De algum lugar das dobras impecáveis de seu terno branco, York fez surgir um pequeno canivete, com cabo de marfim e uma longa lâmina prateada. Removeu o lacre de cera e com um único giro hábil enfiou a ponta do canivete na rolha e a fez saltar com um *ploc*. O líquido entornou devagar, fluindo como mel vermelho-escuro nos cálices de prata. Era opaco e parecia cheio de partículas pretas. Mas encorpado. Marsh ergueu seu cálice e sentiu o aroma, e o álcool da bebida fez seus olhos lacrimejarem.

— Precisamos brindar — disse York, erguendo seu cálice.

— A todo o dinheiro que vamos ganhar — Marsh brincou.

— Não — disse York, sério. Aqueles seus olhos cinza-demônio tinham uma espécie de grave melancolia, pensou Marsh. Ele torceu para que York não fosse recitar poesia de novo. — Abner — continuou York —, eu sei o que o *Fevre Dream* significa para você. Eu quero que saiba que ele significa muito para mim também. Hoje é o início de uma nova vida para mim. Você e eu, juntos, fizemos desse barco o que ele é, e vamos seguir em frente para fazer dele uma lenda. Sempre admirei a beleza, Abner, mas esta é a primeira vez na minha longa vida em

que eu a criei, ou ajudei a criá-la. É uma boa sensação esta de trazer ao mundo uma coisa nova e excelente. Particularmente para mim. E preciso lhe agradecer por isso. — Ele ergueu seu cálice. — Vamos beber ao *Fevre Dream* e a tudo o que ele representa, meu amigo: beleza, liberdade, esperança. Ao nosso barco e a um mundo melhor!

— Ao vapor mais rápido do rio! — retrucou Marsh, e ambos beberam. Ele quase engasgou. A bebida particular de York desceu pegando fogo, queimando a parte de trás da sua garganta e espalhando ramificações de quentura por dentro dele, embora tivesse também uma espécie de doçura enjoativa e certo aroma desagradável que nem toda a sua intensidade e doçura conseguiam ocultar. O gosto era como se alguma coisa tivesse apodrecido dentro da garrafa, pensou ele.

Joshua York esvaziou seu cálice num sorvo longo, contínuo, com a cabeça inclinada para trás. Então, pôs o cálice de lado, olhou para Marsh e riu de novo. — A expressão do seu rosto, Abner, é maravilhosamente grotesca. Não se sinta compelido a ser educado. Eu o avisei. Por que não toma um pouco de xerez?

— Acho que vou tomar, sim — respondeu Marsh. — Com certeza, vou tomar.

Em seguida, quando duas tacinhas de xerez já haviam tirado o gosto residual da bebida de York da boca de Marsh, eles voltaram a conversar.

— Qual é nossa próxima etapa depois de St. Louis, Abner? — perguntou York.

— O comércio em New Orleans. Não há outra opção para um barco majestoso como este.

York balançou a cabeça com impaciência. — Eu sei disso, Abner. Eu estava curioso a respeito de como você pretende realizar seu sonho de superar o *Eclipse*. Você vai tentar localizá-lo e lançar um desafio? Gostaria, mas desde que isso não nos atrasasse indevidamente ou nos tirasse do nosso caminho.

— Seria bom se fosse tão simples assim, mas não é. Raios, Joshua, há milhares de barcos no rio, e todos eles gostariam de superar o *Eclipse*. Ele tem itinerários a cumprir, como nós, passageiros e carga para transportar. Não pode ficar simplesmente apostando corrida o tempo inteiro. De qualquer modo, o capitão dele seria um tolo se aceitasse qualquer desafio da nossa parte. Quem somos nós, afinal? Um barco novo em folha de New Albany do qual nunca ninguém ouviu falar. O *Eclipse* teria tudo a perder e nada a ganhar apostando corrida com a gente. — Ele esvaziou outra taça de xerez e estendeu-a a York para enchê-la de novo. — Não, primeiro temos que levar adiante nosso negócio, construir uma reputação. Conseguir que o barco fique conhecido por todo o rio como um barco rápido. Não vai demorar para que as pessoas comecem a comentar sobre o quanto o barco é rápido, e a imaginar como seria um confronto entre o *Fevre Dream* e o *Eclipse*. Talvez a gente encontre com ele no rio algumas vezes, e vamos supor que consigamos ultrapassá-lo. Isso vai aumentar o falatório, e as pessoas começarão a apostar. Talvez a gente faça alguns dos itinerários do *Eclipse* e consiga um tempo melhor. Um barco mais rápido consegue pegar melhores negócios, você sabe. Os fazendeiros, os transportadores, esse pessoal, eles querem colocar seus produtos no mercado o mais rápido possível, então escolhem o barco mais rápido que houver. E os passageiros, bem, eles adoram viajar num barco famoso quando têm dinheiro para tanto. Então, como você vê, o que vai acontecer é que depois de um tempo as pessoas começarão a nos ver como o barco mais rápido do baixo rio, e o comércio vai começar a passar para o nosso lado, e o *Eclipse* será atingido na sua parte mais sensível, o bolso. Desse modo, vai ser fácil conseguir

uma corrida e provar de uma vez por todas quem é o mais rápido.

— Entendo — disse York. — Quer dizer então que essa viagem para St. Louis vai começar a espalhar nossa reputação?

— Bem, eu não estou tentando bater nenhum recorde. É um barco novo, e a gente precisa conhecê-lo. Sequer temos nossos pilotos regulares a bordo, ninguém está familiarizado com seu funcionamento, e precisamos dar tempo ao Whitey para que ele resolva todos os pequenos problemas com os motores e treine bem o seu pessoal. — Ele pôs de lado sua taça vazia. — Mas isso não quer dizer que não possamos começar com certas providências — disse ele, sorrindo. — E já tenho uma coisa ou outra em mente nesse sentido. Você vai ver.

— Bom — disse Joshua York. — Mais xerez?

— Não — disse Marsh. — A gente precisa descer até o salão, eu acho. Vou lhe pagar um drinque no nosso bar. Garanto que vai ter um gosto melhor do que essa sua coisa dos diabos.

York sorriu. — Será um prazer — disse ele.

Aquela noite não foi como outras noites para Abner Marsh. Foi um sonho, uma noite mágica. Ela pareceu durar umas quarenta ou cinquenta horas, ele podia jurar, e cada uma dessas horas foi inestimável. Ele e York ficaram acordados até o amanhecer, bebendo e conversando sem parar, passeando por aquela maravilha de barco que haviam construído. No dia seguinte, Marsh acordou com a cabeça de um jeito que ele mal conseguia lembrar metade do que havia feito na noite anterior. Mas alguns momentos haviam ficado indeléveis na sua memória.

Ele se lembrou de ter entrado no grande salão, e era melhor do que entrar no hotel mais refinado do mundo. Os lustres brilhavam, as luminárias ardiam e os cristais cintilavam. Os espelhos faziam aquele salão longo e estreito parecer ter o dobro do seu tamanho. Havia um monte de pessoas aglomeradas em volta do bar, falando de coisas como política, e Marsh se juntou a elas por um tempo ouvindo suas queixas sobre o abolicionismo e seus argumentos sobre se Stephen A. Douglas deveria ou não ser presidente, enquanto York foi dizer alô a Smith e Brown, que estavam numa das mesas jogando cartas com alguns fazendeiros e um conhecido jogador. Alguém dedilhava o piano de cauda, as portas dos camarotes de luxo abriam e fechavam o tempo inteiro, e o lugar todo brilhava com luzes e risadas.

Mais tarde, desceram até um mundo diferente no convés principal; carga empilhada por toda parte, estivadores e passageiros de convés dormindo em cima de rolos de corda e sacos de açúcar, uma família reunida em volta de uma pequena fogueira que haviam acendido para cozinhar alguma coisa, um bêbado desmaiado sob as estrelas. A sala de máquinas estava banhada pela luz vermelha das fornalhas, e Whitey estava no meio daquilo tudo, com sua camisa ensopada de suor e com graxa na barba, gritando com os peões para se fazer ouvir apesar do chiado do vapor e do *chunca-chunca* das rodas agitando a água. As grandes alavancas eram impressionantes, movendo-se para a frente e para trás em seus longos e potentes golpes. Ficaram lá observando por um tempo, York e ele, até que o calor e o cheiro de óleo da máquina acabaram sendo demais para eles.

Um tempo depois já estavam lá em cima, no convés superior, passando a garrafa de um para o outro, andando e conversando sob a brisa fria. As estrelas brilhavam acima de suas cabeças como os diamantes de uma dama. O estandarte da Rio Fevre tremulava tanto no mastro de proa como no de popa, e o rio em volta deles era mais escuro que o mais negro dos escravos que Marsh já vira na vida.

Viajaram a noite toda, com Daly em pé suportando a longa vigília na cabine do piloto, mantendo-os a uma velocidade boa — embora longe da que eles poderiam alcançar se pressionados, Marsh sabia disso — ao longo do negro rio Ohio, com um grande vazio à sua volta. Foi uma viagem fascinante, sem troncos submersos ou boiando na água ou bancos de areia para infernizá-los. Apenas duas vezes tiveram que mandar um bote à frente deles para sondar a profundidade, e nas duas vezes encontraram boas condições ao baixarem a sonda, tendo o *Fevre Dream* seguido adiante. Era possível vislumbrar algumas casas nas margens, a maioria no escuro e trancada, mas uma delas tinha uma luz acesa numa das janelas superiores. Marsh ficou imaginando quem estaria lá acordado e o que as pessoas estariam pensando ao ver aquele vapor passar por elas. O barco devia compor uma visão impressionante com todos os seus conveses iluminados e a música e as risadas deslizando pela água, as fagulhas e a fumaça saindo das chaminés e o nome bem grande sobre a roda-d'água, *Fevre Dream*, todo em letras azuis bonitas e robustas com a borda prateada. Ele quase desejou estar na margem para ver.

A maior emoção aconteceu pouco antes da meia-noite, quando avistaram pela primeira vez outro barco agitando a água à frente deles. Na hora em que Marsh o viu, segurou York pelo cotovelo e o fez subir até a cabine do piloto. Estava cheio de gente lá, Daly ainda no timão, bebericando café, dois outros pilotos e três passageiros sentados no sofá atrás dele. Os outros pilotos não eram ninguém contratado por Marsh, mas era costume do rio que os pilotos transitassem livremente se quisessem, e em geral eles iam até a cabine de comando para conversar com o homem que estivesse no timão e ficar também de olho no rio. Marsh ignorou-os. — Senhor Daly — disse ele ao seu piloto —, temos outro vapor à nossa frente.

— Estou vendo, capitão Marsh — Daly respondeu com um sorriso lacônico.

— Imagina que barco deva ser? Tem alguma ideia, Daly? — Qualquer que fosse o barco, não era lá grande coisa; algum vapor atarracado com roda-d'água traseira e uma cabine de piloto quadrada como uma caixa de biscoitos.

— Com certeza não sei — respondeu o piloto.

Abner Marsh voltou-se para Joshua York. — Joshua — disse ele —, você é o verdadeiro capitão aqui e eu não quero ficar dando sugestões demais. Mas a verdade é que estou muito curioso em saber que barco é esse à nossa frente. Que tal dizer ao Daly para alcançá-lo para nós, para que eu possa sossegar um pouco.

York sorriu. — Com certeza — disse ele. — Senhor Daly, o senhor ouviu o capitão Marsh. Acha que o *Fevre Dream* consegue alcançar aquele barco lá na frente?

— Ele consegue alcançar *qualquer coisa* — disse o piloto. Ele gritou para o engenheiro mandar vapor e puxou a corda do apito de vapor de novo, e aquele apito furioso e infernal ecoou pelo rio, como se estivesse avisando o barco à frente deles de que o *Fevre Dream* estava vindo atrás.

O barulho foi suficiente para fazer todos os passageiros do salão principal saírem até o convés. Fez até os passageiros de convés levantarem dos seus sacos de farinha. Dois passageiros subiram e tentaram entrar na cabine do piloto, mas Marsh mandou-os descer de volta, e também foi tirando os três que já estavam lá. Como seria de esperar, todos os passageiros correram para a proa do barco, e depois para bombordo, quando ficou claro que era o lado pelo qual iriam ultrapassar o outro vapor. — Malditos passageiros — Marsh resmungou baixinho para York. — Nunca vão aprender a equilibrar bem um navio. Um dia

desses vão correr todos para o mesmo lado e fazer algum pobre vapor desses tombar, pode escrever.

Por mais que reclamasse, Marsh estava encantado. Whitey enfiava mais lenha lá embaixo, as fornalhas rugiam e as grandes rodas se moviam cada vez mais rápido. A coisa foi resolvida em muito pouco tempo. O *Fevre Dream* parecia devorar as milhas entre ele e o outro barco, e quando passaram por ele um alarido subiu dos conveses inferiores, o que foi uma doce música aos ouvidos de Marsh.

Quando passaram pelo pequeno navio de propulsão traseira, York leu o nome dele na cabine do piloto. — Parece que é o *Mary Kaye* — disse ele.

— Bem, ele que vá fritar bolinhos! — disse Marsh.

— É algum barco conhecido? — York perguntou.

— De jeito nenhum — disse Marsh. — Nunca ouvi falar. Você consegue ganhar dele? — E então riu estrondosamente e bateu nas costas de York, e de repente todo mundo na cabine do piloto caiu na risada.

Antes que a noite terminasse, o *Fevre Dream* já havia alcançado e ultrapassado uma meia dúzia de vapores, incluindo um de rodas-d'água laterais quase tão grande quanto ele, mas nunca foi tão emocionante como a primeira vez, quando alcançou o *Mary Kaye*. — Você queria saber de que jeito iríamos começar — disse Marsh a York quando eles saíram da cabine do piloto. — Bem, Joshua, pois já começamos.

— Sim — disse York, olhando para trás e vendo o *Mary Kaye* ficar cada vez menor. — Sem dúvida, já começamos.

5

A bordo do vapor *Fevre Dream*, rio Ohio, julho de 1857

Apesar da dor de cabeça, Abner Marsh era um homem do rio, e não iria passar o dia inteiro dormindo, especialmente em um dia tão importante como aquele. Levantou da cama lá pelas onze, depois de umas poucas horas de sono, respingou no rosto um pouco da água morna da bacia em cima da mesinha de cabeceira e vestiu-se. Havia trabalho a fazer, e York só iria acordar e circular por volta do anoitecer. Marsh botou o quepe na cabeça, fez uma careta no espelho, afofou um pouco sua barba e então pegou a bengala e desceu todo pesado e desajeitado do tombadilho até o convés das caldeiras. Primeiro deu uma passada pelo banheiro, depois voltou até a cozinha. — Perdi o café da manhã, Toby — disse ao cozinheiro, que já estava cuidando do almoço. — Mande um dos seus rapazes preparar uma meia dúzia de ovos e um bom pedaço de bacon, e traga para o tombadilho, por favor. Café, também. Um balde de café.

No grande salão, Marsh tomou rápido um ou dois drinques, o que o fez se sentir um pouco melhor. Grunhiu umas poucas palavras educadas a alguns passageiros e garçons, e então voltou logo para o tombadilho para esperar sua comida.

Depois de comer, Abner Marsh voltou a se sentir o mesmo de sempre.

Ele subiu até a cabine do piloto depois do café da manhã. O turno havia mudado, e era o outro piloto que estava no timão, com apenas um dos ociosos fazendo-lhe companhia. — Bom dia, senhor Kitch — disse Marsh ao piloto. — Como está se comportando o barco?

— Não posso me queixar — respondeu o piloto. Ele olhou de relance para Marsh. — Esse barco aí de vocês é novinho em folha, capitão. Se for descer até New Orleans, é bom arrumar pilotos à altura. Ele exige uma boa mão no timão; ah, isso ele pede sim, sem dúvida.

Marsh assentiu. Não era surpresa. Com frequência os barcos mais rápidos eram difíceis de manejar. Mas isso não o incomodou. Nenhum piloto que não soubesse pilotar direito iria chegar perto do timão do *Fevre Dream*.

— Como ele está de tempo? — perguntou Marsh.

— Está bem — o piloto respondeu encolhendo os ombros. — Ele pode andar mais rápido, mas o senhor Daly disse que vocês não estavam com pressa, então estamos indo sem pressa.

— Ancore em Paducah — ordenou Marsh. — Tenho alguns passageiros e carga para desembarcar lá também. — Ele gastou mais alguns minutos papeando com o piloto e por fim voltou ao convés das caldeiras.

O salão principal já havia sido arrumado para o almoço. O sol ofuscante do meio-dia penetrava pelas claraboias numa cascata de cores, e embaixo uma longa fileira de mesas estendia-se pelo comprimento do ambiente. Os garçons colocavam talheres de prata e porcelana; copos de cristal cintilavam com a luz. Da cozinha, Marsh captou indícios dos aromas mais maravilhosos, de dar água na boca. Parou e apanhou um cardápio, deu uma olhada e concluiu que ainda sentia fome. Além disso, York não estava por ali por enquanto e era bem adequado que um dos capitães se juntasse aos passageiros dos camarotes e aos outros tripulantes para almoçar.

Marsh achou o almoço excelente. Deu conta de um prato enorme de carneiro assado em molho de salsinha, um pombo pequeno, montes de batatas-irlandesas, milho-verde e beterrabas, e dois pedaços da famosa torta de nozes de Toby. Na hora em que terminou de comer, já se sentiu bem satisfeito. Até autorizou o padre a fazer um pequeno sermão a respeito de levar o cristianismo aos indígenas, apesar de normalmente não tolerar muito que se ficasse pregando a Bíblia nos seus barcos. Era preciso manter os passageiros entretidos de algum modo, Marsh pensou, pois até mesmo a mais linda paisagem ficava entediante depois de um tempo.

No início da tarde, o *Fevre Dream* entrou em Paducah, que fica do lado de Kentucky do rio, onde o Tennessee deságua no Ohio. Era a terceira parada na viagem, mas a primeira mais demorada. Haviam feito uma parada rápida em Rossborough durante a noite, para deixar três passageiros e pegar madeira e uma pequena quantidade de carga em Evansville, enquanto Marsh dormia. Mas tinham que descarregar doze toneladas de barras de ferro em Paducah, além de um pouco de farinha, açúcar e livros, e sabiam que havia umas quarenta ou cinquenta toneladas de madeira esperando para serem carregadas. Paducah era uma grande cidade madeireira, com balsas de toras de árvores descendo pelo Tennessee o tempo todo, congestionando o rio e atrapalhando os barcos. Como a maioria do pessoal dos barcos a vapor, Marsh não via as balsas com bons olhos. Boa parte delas não acendia luzes noturnas e, às vezes, eram atropeladas por algum vapor mais azarado, e ainda tinham o desplante de xingar e atirar coisas.

Felizmente, não havia balsas quando eles entraram em Paducah e atracaram. Marsh deu uma olhada na carga que estava aguardando na margem do rio — que incluía várias pilhas altas de caixas e alguns engradados de tabaco — e decidiu que não haveria problema em colocar mais carga no convés principal. Afinal, seria um vexame, concluiu, sair de Paducah e deixar todo aquele dinheiro de frete para outro barco.

Em pouco tempo o *Fevre Dream* já estava amarrado ao cais e um enxame de estivadores deitava as pranchas e começava a descarregar. Hairy Mike movimentava-se entre eles gritando “Ei, vamos logo, vocês não são passageiros de camarote para ficarem aí parados” e “Garoto, se você deixar cair isso, eu vou deixar cair essa barra de ferro aí na sua cabeça”, e outras coisas do tipo. A escada desceu com um baque surdo e os passageiros começaram a desembarcar.

Marsh tomou a decisão. Foi até o escritório do oficial náutico, onde encontrou Jonathan Jeffers trabalhando, conferindo alguns conhecimentos de embarque. — Precisa muito fazer isso agora, senhor Jeffers? — ele perguntou.

— De forma alguma, capitão Marsh — respondeu Jeffers. Ele tirou seus óculos e limpou-os com um lenço. — É carga que vai para Cairo.

— Ótimo — disse Marsh. — Então venha comigo. Estou indo até o cais para descobrir quem é o dono daquele carregamento que está lá ao sul, e para onde é que ele se destina. Acho que vai ter que passar por St. Louis, pelo menos parte dele, e talvez a gente possa ganhar algum dinheiro com isso.

— Excelente — respondeu Jeffers. Ele desceu do banquinho, arrumou seu casaco preto, verificou se o grande cofre de ferro estava trancado e pegou sua bengala com espada embutida. — Eu conheço uma taberna excelente em Paducah — acrescentou enquanto saíam.

A iniciativa de Marsh mostrou-se bem compensadora. Localizaram o transportador do tabaco com facilidade e levaram-no até a taberna, onde Marsh o convenceu a despachar sua mercadoria pelo *Fevre Dream* e Jeffers negociou um bom preço. Levou umas três horas, mas Marsh sentiu-se imensamente satisfeito com aquele pequeno esforço quando ele e Jeffers vinham voltando até a margem do rio para o *Fevre Dream*. Hairy Mike perambulava pelo cais, fumando um charuto de fumo preto e conversando com um colega de algum outro barco, quando eles chegaram. — Aquilo lá é nosso agora — disse Marsh apontando para o tabaco com sua bengala. — Mande seus peões carregarem rápido, para que a gente tome o rumo de novo.

Marsh encostou na amurada do convés das caldeiras, à sombra, satisfeito, vendo-os arrastar e carregar os engradados, enquanto Whitey ligava os motores. Por acaso, ele percebeu algo mais: uma fileira de carruagens de algum hotel aguardando na estrada junto ao cais dos vapores. Marsh observou aquilo com curiosidade por um momento, cofiando suas costeletas, e então subiu até a cabine do piloto.

O piloto estava comendo uma fatia de torta e tomando uma xícara de café. — Senhor Kitch — Marsh interveio —, não parta enquanto eu não lhe disser para fazê-lo.

— Por que isso, capitão? O barco está quase carregado, e o vapor está no ponto.

— Dê uma olhada lá — Marsh disse, erguendo sua bengala. — Aquelas carruagens estão trazendo passageiros para a área de embarque ou aguardando a chegada de outros. Não são os nossos passageiros, e é gente demais para ter a ver com esses barquinhos de propulsão traseira. Eu tenho um palpite.

Alguns momentos depois, seu palpite se confirmou. Soltando vapor e fumaça e fazendo espuma no Ohio, rápido como o capeta, um longo e elegante barco de propulsão lateral fez-se visível. Marsh reconheceu-o quase na hora, até mesmo antes de ser capaz de ler seu nome: o *Southerner*, da Companhia de Navios Cincinnati e Louisville. — Eu sabia! — disse ele. — Deve ter saído de Louisville meio dia depois do nosso. Mas fez um tempo melhor. — Ele foi até a janela lateral, puxou de lado as decorativas cortinas que vinham cobrindo o sol quente da tarde e ficou vendo o outro vapor atracar, ser amarrado e começar a desembarcar passageiros. — Ele não vai demorar — disse Marsh ao piloto. — Não tem frete para descarregar ou carregar, só passageiros. Deixe que ele parta primeiro, entendeu? Deixe-o seguir um pouco pelo rio e depois o siga.

O piloto terminou sua última garfada de torta e limpou um pouco de creme do canto da boca com um guardanapo. — O senhor quer que eu deixe o *Southerner* sair na frente e depois tente alcançá-lo? Capitão, a gente vai ficar respirando o vapor dele o tempo inteiro até Cairo. E depois disso ele vai sumir de vista.

Abner Marsh anuviou-se como um trovão a ponto de irromper. — O que é que você está dizendo, senhor Kitch? Não quero ouvir esse tipo de conversa. Se não é piloto o suficiente

para fazer isso, é só dizer, e então vou chutar o senhor Daly para fora da cama e botar ele aqui no timão.

— Aquele é o *Southerner* — insistiu Kitch.

— E este aqui é o *Fevre Dream*, e é bom não se esquecer disso! — gritou Marsh. Ele se virou e saiu a toda da cabine, de cara amarrada. *Desgraçados desses pilotos, eles pensam que são os reis do rio. É claro que são, a partir do momento em que o barco está navegando no rio, mas isso não lhes dá motivo para ficar choramingando por causa de uma pequena corrida e duvidando do próprio barco*.

Sua fúria amainou quando ele viu que o *Southerner* já estava embarcando passageiros. Ele vinha esperando por algo assim desde a hora em que vislumbrara o *Southerner* lá longe no rio, ainda em Louisville, mas não ousou ter esperança demais. Se o *Fevre Dream* pudesse alcançar o *Southerner*, sua reputação já estaria metade feita, assim que as pessoas ao longo do rio ouvissem falar disso. Ele e o outro vapor, e seu barco-irmão, o *Northerner*, eram o orgulho daquela companhia de navegação. Eram barcos singulares, construídos em 1853 especialmente para serem rápidos. Menores que o *Fevre Dream*, eram os únicos vapores que, segundo Marsh ouvira dizer, não levavam carga, apenas passageiros. Ele não conseguia entender direito como é que conseguiam lucro, mas isso não importava. O importante era o quanto eram rápidos. O *Northerner* estabelecera um novo recorde para a viagem de Louisville a St. Louis em 1854. O *Southerner* quebrara esse recorde no ano seguinte e ainda detinha o melhor tempo: um dia e dezenove horas cravadas. Lá do alto de sua cabine do piloto, ele ostentava os chifres dourados que o identificavam como o vapor mais rápido do Ohio.

Quanto mais considerava a possibilidade de alcançá-lo, mais excitado Abner Marsh ficava. De repente, passou-lhe pela cabeça que isso era algo que Joshua não iria querer perder, por mais que prezasse uma soneca. Marsh saiu pisando duro até o camarote de York, determinado a tirá-lo de lá. Bateu forte na porta com o cabo da sua bengala.

Ninguém respondeu. Marsh bateu de novo, mais forte e com mais insistência.

— Tem alguém aí? — trovejou ele. — Vamos lá, saia da cama, Joshua, nós vamos apostar uma corrida!

Não veio nenhum som de dentro do camarote. Marsh girou a maçaneta da porta e viu que estava trancada. Girou-a várias vezes, esmurrou as paredes, bateu na janela fechada, gritou, sem resultado. — Dane-se você, York! — disse ele. — Ou você levanta ou vai acabar perdendo. — Então teve uma ideia. Voltou até perto da cabine do piloto. — Senhor Kitch! — ele gritou. Abner Marsh era capaz de gritar a plenos pulmões quando queria. Kitch botou a cabeça para fora da porta e olhou para ele. — O senhor toque esse apito — Marsh ordenou —, e continue apitando até eu lhe fazer um sinal, ouviu?

Voltou até a porta trancada de York e começou a bater de novo, e de repente o apito do navio começou a guinchar. Uma vez. Duas. Três vezes. Toques raivosos, longos. Marsh fez então um sinal com sua bengala mandando parar.

A porta do camarote de York abriu.

Marsh viu de relance os olhos de York e ficou boquiaberto, como se congelasse um grito. O apito do navio soou de novo, e ele se apressou em fazer o sinal de novo com a bengala. Fez-se silêncio. — Entre aqui — disse Joshua York num sussurro gélido.

Marsh entrou, e York fechou a porta atrás dele. Marsh ouviu-o passar a chave. Sim, ouviu, mas não viu nada. Não conseguia enxergar. Depois que a porta fechou, o camarote de

York ficou preto como piche. Nem uma nesga de luz se infiltrava pela porta ou pela janela, fechada com persiana e cortinas. Marsh sentiu como se tivesse ficado cego. Mas no olho da sua mente, uma visão perdurou, a da última coisa que havia visto antes daquela escuridão total: Joshua York, parado diante da porta, nu como viera ao mundo, com sua pele mortalmente branca como alabastro, os lábios franzidos numa raiva animalesca, os olhos como duas fendas cinza-fumaça abertas para o inferno.

— Joshua — disse Marsh —, você poderia acender uma lamparina? Ou puxar uma cortina, ou algo assim? Não estou enxergando nada.

— Eu posso ver muito bem — a voz de York replicou vinda da escuridão atrás dele. Marsh não ouvira ele se mover. Ele virou-se e bateu em alguma coisa. — *Fique quieto* — ordenou York, com tal força e fúria em seu tom de voz que Marsh não teve escolha a não ser obedecer. — Aqui! Vou lhe dar uma luz antes que você arrebente meu camarote.

Um fósforo brilhou pelo quarto e York acendeu com ele sua lamparina de leitura, e então sentou na beirada da cama desarrumada. Ele dera um jeito de vestir as calças, mas seu rosto ainda estava sério, terrível. — Muito bem — disse ele. — Agora, *por que é que você está aqui?* Estou avisando: é bom que você tenha uma boa razão!

Marsh começou a ficar cada vez mais furioso. Ninguém podia falar com ele daquele jeito. — O *Southerner* está à nossa frente, York — ele respondeu. — E é o danado do barco mais rápido desse rio, tem os chifres e tudo mais. Estou dando um jeito de colocar o *Fevre Dream* atrás dele e achei que você quisesse ver isso. Se você não acha que é uma razão suficiente para tirá-lo da cama, então você não é barqueiro coisa nenhuma e nunca vai ser! E veja bem como fala comigo, entendeu?

Algo brilhou nos olhos de Joshua York e ele começou a levantar, mas, no próprio instante em que o fazia, conseguiu controlar-se e virou as costas. — Abner — disse ele. Fez uma pausa, franziu o cenho. — Desculpe. Não tive a intenção de tratá-lo de modo desrespeitoso ou de assustá-lo. Sua intenção foi boa. — Marsh ficou impressionado ao ver o punho dele crispar-se com violência e depois serenar. York atravessou o camarote na penumbra com três passos rápidos e decididos. Na escrivaninha estava a garrafa de sua bebida particular, aquela que Marsh pedira que ele abrisse na noite anterior. Ele encheu um cálice com ela, jogou a cabeça para trás e esvaziou-o de uma vez. — Ah — disse ele suavemente. Virou-se então para encarar Marsh de novo. — Abner — disse ele —, eu lhe dei o barco dos seus sonhos, mas não como um presente. Nós fizemos um acordo. Você deve obedecer às ordens que eu der, respeitar meu comportamento excêntrico e não fazer perguntas. Você pretende cumprir essa sua metade do acordo?

— Sou um homem de palavra! — disse Marsh decidido.

— Muito bem — disse York. — Agora ouça. Sua intenção foi boa, mas foi errado da sua parte me acordar do jeito que fez. Nunca mais faça isso. Nunca mais. Seja qual for o motivo.

— Se a caldeira estourar e o barco pegar fogo, devo deixar você fritando aqui dentro, é isso?

Os olhos de York faiscaram à meia-luz. — Não — admitiu ele. — Mas talvez seja mais seguro para você fazer isso. Eu perco o controle quando sou acordado de repente. Não sou eu mesmo. Houve tempos em que eu era conhecido por fazer coisas das quais me arrependia mais tarde. Por isso fui tão rude com você. Peço desculpas, mas isso pode acontecer de novo. Ou algo pior. Entendeu, Abner? Nunca venha até aqui quando minha porta estiver trancada.

Marsh amarrou a cara, mas não conseguiu pensar em nada para dizer. Afinal, ele aceitara o acordo; se York escolhia ficar tão perturbado assim por causa de uma soneca, era problema dele. — Eu entendo — disse. — Aceito suas desculpas, e peço desculpas também, se é que isso tem alguma importância. Bem, mas você quer subir e ver a gente alcançar o *Southerner*? Afinal, agora já está acordado mesmo…

— Não — disse York com expressão contrariada. — Não que não tenha interesse, Abner. Eu tenho. Mas, veja bem, preciso do meu descanso, é vital para mim. E eu não gosto da luz do dia. O sol brilha demais, queima. Já teve alguma queimadura feia algum dia? Se já teve, vai entender. Já viu o quanto eu sou branco. O sol e eu não nos damos bem. É um problema médico, Abner. E eu não quero discutir mais isso.

— Tudo bem — disse Marsh. Debaixo dos seus pés, o convés começou a vibrar de leve. O apito do vapor soou seu uivo de furar os ouvidos. — Estamos saindo do atracadouro — disse Marsh. — Preciso ir, Joshua, desculpe tê-lo incomodado, sinceramente.

York assentiu, virou-se e começou a se servir mais daquela bebida intragável. — Eu sei. — Dessa vez, tomou-a aos goles. — Pode ir — disse ele. — Vejo você à noite, no jantar. — Marsh encaminhou-se para a porta, mas a voz de York o interrompeu antes que ele pudesse abri-la. — Abner.

— Sim? — disse Marsh.

Joshua York agraciou-o com um tímido sorriso. — Ultrapasse-o, Abner. Ganhe dele.

Marsh sorriu e saiu do camarote.

Quando chegou à cabine do piloto, o *Fevre Dream* já havia se afastado bem da margem e começava a reverter suas pás. O *Southerner* já ia bem adiante no rio. A cabine do piloto estava cheia de uma meia dúzia de pilotos fora de serviço, conversando, mascando tabaco e apostando se iriam ou não alcançar o outro barco. Até o senhor Daly interrompera seu descanso para subir e observar. Os passageiros todos sabiam que algo estava acontecendo; os conveses de baixo estavam lotados, com gente sentada nos corrimãos e aglomerada no castelo de proa para poder enxergar melhor.

Kitch girou o grande timão preto e prateado, e o *Fevre Dream* tomou o ângulo do canal principal, deslizando para a corrente ligeira, atrás de seu rival. Ele pediu mais vapor. Whitey jogou mais lenha nas fornalhas e elas deram um espetáculo para quem estava na margem, soltando grandes nuvens de fumaça preta densa conforme o barco se afastava. Abner Marsh ficou em pé atrás do piloto, apoiado na sua bengala, de olhos semicerrados. O sol da tarde brilhava na água azul cristalina à frente deles, soltando reflexos ofuscantes que dançavam, tremulavam e feriam os olhos, exceto nos pontos em que a esteira criada pelas pás do *Southerner* fizera com que se fragmentassem em milhares de ardentes faíscas.

Por alguns momentos pareceu fácil. O *Fevre Dream* projetou-se para a frente, soltando vapor e fumaça, com as bandeiras americanas na proa e na popa tremulando como o diabo, e suas rodas-d'água batendo na água num ritmo cada vez mais acelerado, com os motores rugindo lá embaixo. A distância entre ele e o outro vapor começou a diminuir visivelmente. Mas o *Southerner* não era o *Mary Kaye*, não era nenhum vapor barato de propulsão traseira a ser deixado para trás com facilidade. Não demorou muito para que o seu capitão ou piloto compreendesse o que estava acontecendo, e sua resposta foi uma provocante aceleração de velocidade. A fumaça do navio adensou-se e passou a ser despejada em cima deles, e a esteira atrás do *Southerner* ficou ainda mais violenta e agitada, por isso Kitch precisou deslocar o

Fevre Dream um pouco para o lado para evitá-la, com o que perdeu parte do influxo da corrente. A distância entre os dois aumentou de novo, e então se manteve estável.

— Continue atrás dele — ordenou Marsh ao piloto, depois que ficou claro que os dois vapores estavam sustentando suas posições. Ele saiu da cabine do piloto e foi procurar Hairy Mike Dunne. Finalmente, conseguiu localizá-lo no castelo de proa no convés principal, com as botas em cima de um engradado e um grande charuto na boca. — Reúna o pessoal das cordas e os auxiliares de convés — disse Marsh ao capataz. — Quero que fiquem a postos. — Hairy Mike assentiu, levantou, apagou seu charuto e começou a gritar ordens.

Em poucos momentos, a maioria da tripulação podia ser vista à popa e a bombordo, para compensar em parte o peso dos passageiros, a maioria dos quais se juntando à proa e a estibordo para assistir à corrida. — Malditos passageiros — resmungou Marsh. O *Fevre Dream*, agora um pouco mais bem equilibrado, começou a se aproximar do *Southerner* de novo. Marsh voltou à cabine do piloto.

Os dois barcos agora se empenhavam na disputa e estavam bastante equilibrados. Abner Marsh imaginara que o *Fevre Dream* fosse mais poderoso, mas viu que não era o suficiente. Estava lotado demais de carga e navegando muito afundado na água e na esteira do *Southerner*, por isso as ondas batiam um pouco acima do casco frenando o navio, enquanto o *Southerner* saltava adiante com a maior facilidade, sem nada a bordo exceto os passageiros, e nada à sua frente a não ser o rio desimpedido. Agora, salvo por alguma quebra ou acidente, tudo dependia dos pilotos. Kitch estava aplicado no timão, manejando-o com facilidade, fazendo o melhor possível para ganhar alguns poucos minutos a cada oportunidade que surgisse. Atrás dele, Daly e os pilotos ociosos tagarelavam e ficavam dando conselhos sobre o rio e seus vários trechos, sobre como percorrê-los da melhor maneira.

Por mais de uma hora o *Fevre Dream* perseguiu o *Southerner*, perdendo-o de vista uma ou duas vezes nas curvas do rio, mas aproximando-se de novo a cada vez, conforme Kitch acelerava e recuperava a distância. Uma das vezes, chegaram perto o suficiente para que Marsh conseguisse discernir o rosto dos passageiros debruçados na amurada da popa do outro barco, mas então o *Southerner* deslanchava de novo e recuperava a distância anterior entre os dois. — Aposto que trocaram de piloto — disse Kitch, cuspindo uma bolota de tabaco numa escarradeira perto dele. — Viu como ele se animou de novo ali?

— Eu vi — grunhiu Marsh. — Agora quero ver a gente se animar um pouco também.

Então tiveram sua oportunidade. O *Southerner* continuava firme à frente deles, despejando uma densa nuvem de fumaça. De repente, porém, seu apito começou a soar e ele desacelerou, tremeu, e suas rodas-d'água laterais começaram a girar para trás.

— Cuidado — disse Daly a Kitch. Este cuspiu de novo e moveu o timão, com cautela, e o *Fevre Dream* atravessou a turbulenta esteira do *Southerner* e se afastou dele para estibordo. Quando estavam na metade da curva, viram a causa do problema; outro grande vapor, com o convés principal parcialmente escondido no meio de caixas de tabaco, encalhara num banco de areia. Seu capataz e a tripulação estavam com varas e guinchos tentando içá-lo de lá. O *Southerner* por pouco não dera de encontro com ele.

Durante longos minutos, o rio virou um caos. Os homens naquele obstáculo gritavam e gesticulavam, o *Southerner* se atrasava terrivelmente, o *Fevre Dream* avançava em águas tranquilas. Então o *Southerner* reverteu suas pás de novo e sua proa virou; parecia que ele iria tentar cortar a frente do *Fevre Dream*. — Maldito idiota — disse Kitch, e virou o timão um

pouco mais, mandando Withey aliviar um pouco a bombordo. Mas ele não recuou nem tentou impedir a passagem do outro barco. Os dois grandes vapores ficaram lado a lado, cada vez mais perto um do outro. Marsh conseguia ouvir os passageiros gritando alarmados lá embaixo, e houve um segundo ou dois em que até *ele* achou que os dois iriam colidir.

Mas então o *Southerner* desacelerou um pouco, seu piloto apontou a proa de novo corrente abaixo e o *Fevre Dream* ultrapassou-o alguns metros. Lá embaixo alguém começou a gritar vivas.

— Continue em frente — Marsh murmurou, tão baixo que ninguém conseguiu ouvi-lo. O *Southerner* mantinha suas rodas-d'água espumando na água e estava a toda velocidade perseguindo-os, atrás agora, não muito longe, correndo quando muito à distância de um barco deles. Todos os malditos passageiros do *Fevre Dream* correram para a popa, é claro, e toda a tripulação precisou correr para a frente do barco; o vapor ficou chacoalhando por causa de todos aqueles passos das pessoas correndo.

O *Southerner* se aproximava deles de novo. Corria a bombordo, paralelo e logo atrás. Sua proa agora alcançava a popa do *Fevre Dream* e se aproximava centímetro a centímetro. Os lados dos dois vapores estavam perto o suficiente para que os passageiros pudessem saltar de um barco para o outro se quisessem, embora o *Fevre Dream* ficasse um pouco mais alto. — Malditos — disse Marsh, quando o outro barco estava quase os ultrapassando. — Bem, agora chega. Kitch, fale para o Whitey lá embaixo usar minha banha de porco.

O piloto olhou e deu um sorriso de orelha a orelha. — Banha, capitão? Ah, eu sabia que o senhor era um cara esperto. — Ele berrou uma ordem pelo tubo de comunicação até a sala de máquinas.

Os dois vapores estavam emparelhados, cabeça a cabeça. A mão de Marsh agarrava sua bengala com tanta força que era toda suor. Lá embaixo, provavelmente os peões do convés deviam estar discutindo com alguns malditos estrangeiros que haviam se empoleirado em cima dos barris e precisavam ser tirados de lá para que a banha fosse arrastada até as fornalhas. Marsh ardia de impaciência, quente como a banha ficaria em breve. Banha de qualidade era um produto caro, mas era muito útil num vapor. O cozinheiro podia usá-la, e ela queimava *muito*; era disso que eles precisavam agora, uma boa ponta quente de vapor de alta pressão, que eles não conseguiriam obter só com a lenha.

Quando a banha foi enfiada na fornalha, não havia mais nenhuma dúvida na cabine do piloto. Longas e altas colunas de vapor branco vieram chiando dos tubos de saída, a fumaça rolou das altas chaminés, o *Fevre Dream* bufou seu fogo, tremeu um pouco e, de repente, estava soltando chispas, *chunca-chunca-chunca*, rápido como uma locomotiva, com seus trancos martelando no convés. Ele saiu quase voando à frente do *Southerner* e, quando já estava bem à frente dele, Kitch atravessou com facilidade a frente da proa do outro navio e o fez navegar na sua esteira. Todos aqueles pilotos desocupados de segunda categoria davam risadas, passavam cigarros de mão em mão e comentavam que navio danado era aquele *Fevre Dream*, enquanto o *Southerner* ia se afastando atrás deles. Abner Marsh ria como um bobo.

Eles já estavam uns dez minutos à frente do *Southerner* quando chegaram a Cairo, onde as amplas águas transparentes do Ohio se misturavam às lamacentas do Mississippi. A esta altura, Abner Marsh havia quase esquecido o pequeno incidente que tivera com Joshua York.

6

Fazenda Julian, Louisiana, julho de 1857

Sour Billy Tipton estava diante da casa, atirando sua faca na grande árvore morta que ficava em frente do caminho de cascalho, quando os cavaleiros apareceram. Era de manhã ainda, mas já estava um calor dos infernos e Sour Billy suava em bicas, pensando em descer e nadar um pouco assim que cansasse de ficar atirando sua faca. Então, viu os cavaleiros surgirem do bosque onde a velha estrada fazia uma curva. Ele foi até a velha árvore e puxou a faca de lá, colocando-a de novo na sua bainha atrás das costas, já dando sua sessão de natação por perdida.

Os cavaleiros vieram bem devagar, mas muito decididos, cavalgando imponentes à luz do dia como se fossem do lugar. Não podiam ser daqueles lados, imaginou Sour Billy; todos os vizinhos sabiam muito bem que Damon Julian não gostava que ninguém entrasse em suas terras sem permissão. Quando ainda estavam muito longe para poderem ser distinguidos, ele pensou que talvez fossem alguns amigos crioulos de Montreuil que vinham arrumar confusão. Se fosse isso, iriam se arrepender.

Então Sour Billy descobriu por que vinham cavalgando tão devagar e relaxou. Dois negros acorrentados andavam aos tropeções atrás de dois homens a cavalo. Ele cruzou os braços e encostou-se à árvore, esperando que chegassem.

Com toda a certeza, vinham freando o passo. Um dos homens a cavalo olhou para a casa, com sua pintura descascada e os degraus da entrada meio podres, cuspiu um pouco de saliva com tabaco e virou-se para Sour Billy. — Esta é a fazenda do Julian? — perguntou. Era um homem grande de rosto avermelhado, com uma verruga no nariz, roupa de couro fedida e um chapéu de feltro amarrotado.

— Com certeza — respondeu Sour Billy. Mas ele estava olhando para além do cavaleiro e seu companheiro, um rapaz magro de bochechas rosadas que provavelmente era filho do outro. Andou então até onde estavam os dois negros de mau aspecto, curvados e infelizes em suas correntes, e Sour Billy sorriu. — Vejam só — disse — se não são Lily e Sam. Nunca imaginei que fossem aparecer de novo. Já deve fazer dois anos que vocês fugiram. O senhor Julian vai adorar saber que estão de volta.

Sam, um rapagão forte e enorme, levantou a cabeça e olhou para Sour Billy, mas não era um olhar desafiador. Era puro medo. — A gente deu com eles lá em Arkansas, meu garoto e eu — disse o homem de rosto avermelhado. — Eles começaram a dizer que eram negros libertos, mas não me enganaram nem por um minuto, não senhor.

Sour Billy olhou para os caçadores de escravos fugidos e assentiu. — E aí?

— Esses dois foram muito teimosos. Fiquei um tempão até conseguir que contassem de onde eram. Dei-lhes umas boas chicotadas e usei alguns outros truques que eu conheço. Na maioria das vezes você só precisa assustá-los um pouco e os negros já soltam a língua. Mas com esses aí, não. — Ele cuspiu. — Bem, finalmente conseguimos arrancar tudo deles. Mostre, Jim.

O garoto desmontou, foi até a mulher e ergueu o braço direito dela. Faltavam três dedos da mão. Um dos tocos ainda tinha uma crosta grudada em cima.

— Começamos com a mão direita porque percebemos que ela é canhota — disse o homem. — A gente não queria deixá-la muito aleijada, entendeu, mas não conseguimos encontrar nada nos jornais nem em cartazes de busca, então… — Ele deu de ombros, com eloquência. — Quando chegamos ao dedo médio, como está vendo, o homem finalmente abriu a boca. A mulher então ficou furiosa com ele, xingou muito. — Ele gargalhou. — Seja como for, cá estão eles. Dois escravos como esses devem valer alguma coisa para nós que os pegamos. O senhor Julian está em casa?

— Não — disse Sour Billy, olhando para o sol lá em cima. Ainda deviam faltar umas duas horas para o meio-dia.

— Bom — disse o homem de rosto avermelhado —, você deve ser o supervisor, certo? O tal que eles chamam de Sour Billy?

— Eu mesmo — disse. — Sam e Lily comentaram sobre mim?

O caçador de escravos riu de novo. — Ah, eles falaram um monte de coisas depois que a gente descobriu de onde eram. Vieram falando de lá até aqui. A gente fez os dois calarem a boca uma ou duas vezes, mas depois eles começaram a falar de novo. Contaram umas histórias também.

Sour Billy olhou para os dois fugidos com seus olhos frios e maliciosos, mas nenhum dos dois encarou seu olhar.

— Talvez você mesmo possa tomar conta desses dois e nos dar alguma recompensa, aí a gente toma nosso rumo — disse o homem.

— Não — disse Sour Billy Tipton. — Vocês vão ter que esperar. O senhor Julian vai querer agradecer pessoalmente. Ele não vai demorar muito. Ficou de voltar lá pelo anoitecer.

— Lá pelo anoitecer? — disse o homem. Ele e o filho trocaram olhares. — Engraçado, senhor Sour Billy, mas esses dois negros aí falaram que o senhor iria dizer exatamente isso. Eles contaram histórias muito estranhas sobre o que acontece aqui depois que escurece. Meu garoto e eu, sabe, a gente preferia pegar logo nosso dinheiro e ir embora, se o senhor não se importa.

— É, mas o senhor Julian vai se importar — disse Sour Billy. — E eu também não posso lhes dar dinheiro. E vocês não vão acreditar nessas histórias estúpidas contadas por um casal de negros, não é?

O homem fez uma careta, mascando seu tabaco o tempo todo. — É, os negros inventam um monte de histórias — disse ele por fim —, mas eu conheci negros que também falam a verdade, de vez em quando. Tudo bem, senhor Sour Billy, nós vamos esperar até que o senhor Julian volte para casa. Mas não pense que a gente vai se deixar enganar. — Ele carregava um revólver ao lado do corpo. Deu um tapinha nele. — Vou ficar usando esse meu amigo aqui enquanto espero, e meu filho tem outro, e nós dois somos bons de faca também. Entendeu?

Esses negros contaram para gente que você esconde uma faca pequena nas costas, por isso não tente levar a mão para trás, como se fosse se coçar ou algo assim, senão a gente pode ficar com um pouco de coceira nos dedos também. Vamos ficar esperando todos nós, como amigos, certo?

Sour Billy virou os olhos para o caçador de escravos e lançou-lhe um olhar gélido, mas o homenzarrão era estúpido demais para sequer notar. — Vamos todos esperar lá dentro — disse Sour Billy, mantendo as mãos bem longe das costas.

— Está bem — o caçador de escravos disse. Ele desmontou. — A propósito, meu nome é Tom Johnston, e esse é meu filho Jim.

— O senhor Julian terá o maior prazer em conhecê-los — disse Sour Billy. — Amarrem seus cavalos e tragam os negros para dentro. Cuidado com os degraus. Eles estão podres em alguns lugares.

A mulher começou a choramingar quando eles a levaram em direção à casa, mas Jim Johnston deu-lhe um sonoro tapa na boca, e ela ficou quieta de novo.

Sour Billy levou-os até a biblioteca e abriu as pesadas cortinas para deixar entrar um pouco de luz naquele ambiente escuro, empoeirado. Os escravos sentaram no chão, e os dois caçadores esticaram as pernas nas pesadas poltronas de couro. — Que beleza — disse Tom Johnston —, isso aqui é muito agradável.

— Mas pai, está tudo meio podre e empoeirado — disse o jovem. — Que nem os negros contaram.

— Muito bem, muito bem — disse Sour Billy, olhando para os dois negros. — Muito bem. O senhor Julian não vai gostar nada de saber que vocês andaram espalhando histórias a respeito desta casa. Vocês dois estão merecendo umas boas chicotadas.

Sam, o negro forte e alto, juntou coragem para erguer a cabeça e olhar. — Num tô com medo de chicote nenhum.

Sour Billy deu um sorriso amarelo. — Não tem problema, Sam, tem coisa pior do que chicotada, ah, pode ter certeza.

Isso foi demais para Lily. Ela olhou para o jovem. — Ele está falando sério, seu Jim, pode acreditar. O senhor tem que ouvir. Tire a gente daqui antes que escureça. O senhor e o seu pai podem ser nossos patrões, a gente trabalha duro, ah, isso é verdade. E não vamos fugir. Somos boa gente. A gente nunca teria fugido, mas acontece… acontece que… olha, eu peço, por favor, não esperem até anoitecer, por favor. Se não vai ser tarde demais.

O garoto acertou-a com a culatra do revólver, bem forte, deixando uma marca no rosto dela e derrubando-a para trás em cima do tapete, onde ela ficou, tremendo e chorando. — Cale essa sua boca mentirosa — disse ele.

— Querem uma bebida? — perguntou Sour Billy.

As horas passaram. Eles acabaram com quase duas garrafas do melhor conhaque de Julian, tomando do gargalo, como se fosse uísque barato. Comeram. Conversaram. Sour Billy não falou muito, só perguntava, para fazer Tom Johnston falar bastante. Tom estava bêbado e ficou presunçoso, apaixonado pela própria voz. Ao que parecia, os caçadores de escravos agiam na região de Napoleon, em Arkansas, mas não paravam muito por lá; viajavam o tempo todo. Havia uma senhora Johnston, mas ela ficava em casa com a filha. Eles não contavam muito do seu trabalho para ela. — Mulher não tem por que ficar sabendo das idas e vindas do marido. Se você contar uma coisinha ou outra, aí elas ficam atazanando você, se chegou

atrasado, se isso, se aquilo. Aí você precisa bater nelas. — Ele cuspiu. — É mais fácil deixar que elas adivinhem, porque aí ficam contentes quando você aparece de volta. — Sour Billy ficou com a impressão de que Johnston de qualquer modo preferia se virar com prostitutas negras e que, portanto, não se incomodava com a mulher.

Lá fora, o sol afundava a oeste.

Quando as sombras se fizeram mais densas na sala, Sour Billy levantou, fechou as cortinas e acendeu algumas velas. — Eu vou lá buscar o senhor Julian — disse ele.

O Johnston mais jovem estava terrivelmente pálido quando se virou para o pai, Sour Billy constatou. — Pai, não ouvi ninguém chegar a cavalo — disse ele.

— Esperem — disse Sour Billy Tipton. Ele os deixou, saiu andando pelo salão de baile escuro, deserto, e subiu a grande escadaria. Lá em cima, entrou em um grande dormitório, com janelões franceses emoldurados, a cama em dossel toda ornamentada e coberta por veludo preto. — Senhor Julian — ele chamou baixinho, da porta. O quarto estava escuro e abafado.

Por trás do dossel, algo se mexeu. Os drapeados de veludo foram puxados de lado. Damon Julian surgiu, pálido, quieto, calmo. Seus olhos negros pareciam emergir da escuridão e alcançar diretamente Sour Billy. — Sim, Billy? — disse a voz suave.

Sour Billy explicou-lhe tudo.

Damon Julian sorriu. — Traga-os para a sala de jantar. Eu vou descer daqui a pouco.

A sala de jantar tinha um lustre antigo enorme, mas que nunca havia sido aceso, pelo que Sour Billy lembrava. Depois de levar os caçadores de escravos até lá, ele pegou fósforos e uma pequena lamparina a óleo, colocando-a no meio de uma mesa comprida, de modo que criava um pequeno anel de luz sobre a toalha de mesa de linho branco, mas deixava o resto daquela sala estreita e de teto alto à sombra. Os Johnstons tomaram assento, o mais jovem olhando em volta inquieto, a mão nunca muito longe do revólver. Os negros estavam num canto da mesa, abraçados, infelizes.

— Onde está esse tal de Julian? — Tom Johnston grunhiu.

— Ele já vem, Tom — disse Sour Billy. — Espere.

Durante uns dez minutos ninguém falou nada. Então Jim Johnston tomou fôlego e disse: — Pai, olhe lá. Tem alguém ao lado da porta!

A porta levava até a cozinha. Lá dentro estava tudo totalmente preto. A noite caíra de vez; a única iluminação naquela parte da casa era a lamparina a óleo sobre a mesa. Para lá da porta da cozinha não dava para ver nada, a não ser vagas sombras ameaçadoras — algo que parecia o contorno de uma forma humana, em pé, bem quieta.

Lily choramingou, e o negro Sam abraçou-a ainda mais forte. Tom Johnston arrastou a cadeira pelo chão de madeira e ficou em pé, o rosto sério. Puxou e engatilhou seu revólver. — Quem está aí? — perguntou. — Apareça!

— Não precisam se preocupar — disse Damon Julian.

Todos se viraram, e Johnston deu um pulo como se tivesse se assustado. Julian estava em pé debaixo do arco que dava para o *foyer*, emoldurado pela escuridão, com um sorriso amável, vestindo um terno comprido escuro com uma gravata de seda vermelha brilhando no pescoço. Seus olhos negros pareciam ter um brilho divertido, com a chama da lamparina refletida neles. — É só a Valerie — disse Julian.

Com um farfalhar de saias, ela apareceu e ficou em pé junto à porta da cozinha, pálida e quieta, e mesmo assim impressionantemente bonita. Johnston olhou para ela e riu. — Ah, bom

— disse ele —, é só uma mulher. Desculpe, senhor Julian. Esses negros contaram histórias que me deixaram meio assustado.

— Entendo perfeitamente — disse Damon Julian.

— *Tem mais gente atrás dele* — cochichou Jim Johnston. Todos eles podiam vê-los agora; figuras difusas, indistintas, perdidas no escuro, atrás de Julian.

— São apenas alguns amigos — disse Damon Julian, sorrindo. Uma mulher em um vestido azul-claro surgiu à sua direita. — Cynthia — disse ele. Outra mulher, de verde, ficou em pé à sua esquerda. — Adrienne — acrescentou Julian. Ele ergueu o braço num gesto cansado, lânguido. — E estes são Raymond, Jean e Kurt. — Os três vieram juntos, saindo em silêncio como gatos de outras portas em volta da longa sala. — E logo atrás de vocês dois estão Alain, Jorge e Vincent.

Johnston rodopiou e lá estavam eles, surgindo das sombras. Ainda mais gente foi aparecendo atrás do próprio Julian. Exceto pelo sussurrar de tecido contra tecido, nenhuma daquelas pessoas fazia qualquer som ao se mover. E todos olhavam fixo e sorriam convidativamente.

Sour Billy não sorria, embora estivesse se divertindo muito com o jeito de Tom Johnston agarrar sua arma e lançar olhares em volta como um animal assustado. — Senhor Julian — disse ele —, preciso dizer-lhe que o senhor Johnston aqui não tem a intenção de ser enganado. Ele está com uma arma, senhor Julian, assim como o garoto dele, e também são bons de faca.

— Ah! — disse Damon Julian.

Os negros começaram a rezar. O jovem Jim Johnston olhou para Damon Julian e também sacou sua arma. — A gente trouxe seus negros de volta — disse ele. — Mas não vamos incomodá-lo pedindo nenhuma recompensa. Acho que já estamos indo embora.

— Indo embora? — disse Julian. — Mas não posso deixá-los ir sem uma recompensa! Afinal, vocês vieram lá do Arkansas só para nos trazer esse par de escuros. Não, de forma alguma. — Ele cruzou a sala. Jim Johnston captou aqueles olhos escuros dele, segurou seu revólver e ficou imóvel. Julian tirou-o da mão dele e o colocou em cima da mesa. Ele acariciou a bochecha do rapaz. — Até que você é um rapaz bonito por trás dessa terra toda — disse ele.

— O que é que você está fazendo com o meu garoto? — perguntou Tom Johnston. — É bom se afastar dele. — Fez um floreio com seu revólver.

Damon Julian deu uma olhada em volta. — Seu garoto tem uma beleza rude — disse ele. — Você, em compensação, tem uma verruga.

— Ele todo é uma verruga — sugeriu Sour Billy Tipton.

Tom Johnston arregalou os olhos e Damon Julian sorriu. — É verdade — disse. — Muito engraçado, Billy. — Julian fez um gesto para Valerie e Adrienne. Elas deslizaram até ele e cada uma tomou o jovem Jim Johnston por um braço.

— Você precisa de ajuda? — ofereceu Sour Billy.

— Não — disse Julian —, obrigado. — Com um gesto gracioso, quase despreocupado, ele ergueu sua mão e a fez deslizar suavemente pelo longo pescoço do rapaz. Jim Johnston soltou um gemido úmido, engasgado. Uma pequena linha vermelha, de repente, apareceu em sua garganta, como uma sinuosa gargantilha escarlate, cujas contas vermelhas brilhantes foram inchando e ficando cada vez maiores conforme todos observavam, caindo uma a uma, escorrendo para baixo do pescoço. Jim Johnston começou a se agitar, mas o férreo abraço das

duas pálidas mulheres o manteve imóvel. Damon Julian inclinou-se para a frente e pressionou sua boca aberta contra o fluxo, para pegar o sangue quente e brilhante.

Tom Johnston soltou do seu peito um ruído incoerente, profundo, animal, e demorou um tempo imenso para reagir. Por fim, armou seu revólver de novo e mirou. Alain ficou em pé na sua frente e, de repente, Vincent e Jean estavam ao lado dele, e Raymond e Cynthia tocavam nele por trás com mãos brancas e frias. Johnston soltou um palavrão e disparou. Houve um clarão e um cheiro de fumaça acre, e o esquálido Alain cambaleou para trás e caiu, derrubado pela força da bala. Um jorro de sangue escuro filtrou-se pela camisa branca de babados que ele vestia. Meio estendido, meio sentado, Alain levou a mão ao peito, e sua mão se afastou, ensanguentada.

Raymond e Cynthia a essa altura já seguravam Johnston com firmeza; Jean tirou a arma da mão dele com um movimento suave, fácil. O homenzarrão de rosto avermelhado não opôs resistência. Ele olhava para Alain de olhos arregalados. O fluxo de sangue havia parado. Alain sorriu, mostrando seus longos dentes brancos, terríveis e afiados. Ele levantou e veio até ele. — Não — gritou Johnston —, não, eu atirei em você, você deveria estar morto, eu acertei você.

— Negros, às vezes, contam a verdade, senhor Johnston — disse Sour Billy Tipton. — Toda a verdade. O senhor devia ter ouvido.

Raymond enfiou a mão por baixo do amarrotado chapéu de Johnston e agarrou-o bem pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás para deixar exposto seu grosso pescoço vermelho. Alain riu e rasgou a garganta de Johnston com os dentes. Então os demais se aproximaram.

Sour Billy levou a mão às costas, puxou sua faca e foi devagar até onde estavam os dois negros. — Vamos lá — disse —, o senhor Julian não precisa de vocês hoje à noite, mas vocês não vão fugir de novo. Vamos para a adega do porão. Vamos, rápido, senão eu deixo vocês aqui com *eles*. — Isso fez com que se apressassem, como Sour Billy previra.

O porão era pequeno e úmido. Era preciso se enfiar por uma porta oculta debaixo de um tapete para chegar lá. A terra da região era úmida demais para uma adega, e esta em particular era das menos adequadas. Cinco centímetros de água parada cobriam o piso, o teto era tão baixo que não dava para um homem ficar em pé e as paredes estavam verdes de mofo. Sour Billy acorrentou bem os negros, perto o suficiente para que pudessem se tocar. Imaginou que isso havia sido realmente muito amável da sua parte. Também lhes levou uma janta quente.

Em seguida, fez sua refeição e acompanhou-a com o que sobrara da segunda garrafa de conhaque que os Johnstons haviam aberto. Estava quase terminando quando Alain entrou na cozinha. O sangue secara da sua camisa e havia nela um buraco preto queimado onde o tiro penetrara, mas fora isso ele não parecia minimamente alterado. — Acabou — Alain comunicou-lhe. — Julian quer ver você na biblioteca.

Sour Billy afastou seu prato e foi atender à convocação. A sala precisava muito de uma limpeza, notou ao passar por ali. Adrienne, Kurt e Armand estavam tomando um vinho em meio ao sombrio silêncio dali, no meio dos corpos — ou do que restava deles —, estendidos a poucos palmos do grupo. Alguns dos outros estavam na sala de estar, conversando.

A biblioteca era um breu. Sour Billy imaginou que fosse encontrar Damon Julian sozinho, mas quando entrou viu algumas figuras indistintas nas sombras, duas sentadas e uma em pé. Não conseguiu saber quem eram. Aguardou na porta até que Julian finalmente falou. —

No futuro, nunca mais traga esse tipo de gente para a minha biblioteca — disse a voz. — Eles estavam fedendo. Deixaram um cheiro ruim aqui.

Sour Billy sentiu uma pequena pontada de medo. — Sim, senhor — disse ele, encarando a cadeira de onde Julian havia falado. — Desculpe, senhor Julian.

Após um instante de silêncio, Julian disse: — Feche a porta, Billy. Venha cá. Pode usar a lamparina.

A lamparina era feita de um vidro vermelho berrante; sua chama dava àquele quarto empoeirado um tom vermelho-amarronzado de sangue seco. Damon Julian sentou numa cadeira de espaldar alto, com seus dedos longos e finos apoiando o queixo, um leve sorriso no rosto. Valerie sentou do seu lado direito. A manga do vestido dela havia se rasgado nas escaramuças, mas ela parecia não ter percebido. Sour Billy achou que ela estava ainda mais pálida que o usual. Alguns metros atrás, Jean estava em pé atrás de outra cadeira, parecendo retraído e nervoso, girando um grande anel de ouro no dedo.

— Será que *ele* deveria estar aqui? — Valerie perguntou a Julian. Ela olhou para Billy de relance, com um pouco de desdém em seus grandes olhos púrpura.

— Por que, Valerie? — Julian replicou. Ele estendeu o braço e pegou sua mão. Ela tremeu e apertou os lábios com força. — Eu trouxe Billy para deixar você mais confiante — Julian prosseguiu.

Jean criou coragem e olhou firme para Sour Billy, franzindo o cenho. — Esse Johnston tinha mulher, não tinha?

Então era isso, pensou Sour Billy. — Está assustado? — perguntou Jean, zombando. Jean não era um dos favoritos de Julian, por isso não havia problema em zombar dele. — Ele tinha esposa — disse Billy —, mas não há motivo para se preocupar. Ele nunca falava muito com ela, nunca contava onde andava ou quando ia voltar. Ela não virá aqui atrás de você.

— Não estou gostando disso, Damon — resmungou Jean.

— E os escravos? — Valerie perguntou. — Eles ficaram fora dois anos. Contaram um monte de coisas para os Johnstons, coisas perigosas. Também devem ter falado com outras pessoas.

— Billy? — disse Julian.

Sour Billy deu de ombros. — Acho que eles contaram histórias para cada negro que encontraram pela frente daqui até o Arkansas — disse ele. — Mas isso não me preocupa nem um pouco. É só um monte de histórias de pretos, ninguém vai acreditar.

— Eu duvido — disse Valerie. Ela se voltou para Damian Julian, suplicante. — Damon, por favor, Jean tem razão. A gente já ficou aqui tempo demais. Não é seguro. Lembre-se do que fizeram com a Lalaurie de New Orleans, aquela mulher que torturava seus escravos por prazer? Os comentários circularam e finalmente fizeram com que fosse presa. E o que ela fazia não era nada comparado com… — ela hesitou, engoliu seco e acrescentou baixinho — … com as coisas que nós fazemos. Com as que precisamos fazer. — Ela virou o rosto para não ter que encarar Julian.

Devagar, com delicadeza, Julian estendeu sua mão pálida, tocou sua bochecha, deslizou o dedo pelo rosto dela numa carícia suave, então lhe segurou o queixo e a fez olhar para ele. — Sinto você tão medrosa agora, Valerie. Será que devo lembrá-la de quem você é? Você já ficou dando ouvidos a Jean de novo? É ele o mestre agora? É ele o mestre de sangue?

— Não — disse ela, com seus profundos olhos púrpura mais arregalados do que nunca e

a voz acanhada. — Não.

— Quem é o mestre de sangue, querida Valerie? — Julian perguntou. Seus olhos tremulavam, pesados e entediados, penetrando nela.

— É você, Damon — ela sussurrou. — É você.

— Olhe para mim, Valerie. Você acha que eu preciso de medo e de histórias contadas por um bando de escravos? O que me importa o que eles dizem de mim?

Valerie abriu a boca. Não saiu nenhuma palavra.

Satisfeito, Damon Julian parou de segurar a mão dela. Havia marcas vermelhas profundas na sua carne onde os dedos dele a haviam pressionado. Ele sorriu para Sour Billy assim que Valerie se afastou. — O que você acha, Billy?

Sour Billy Tipton olhou para seus pés e arrastou-os nervosamente. Sabia o que devia dizer naquela hora, mas ultimamente ficara pensando e havia coisas que ele precisava contar a Julian, coisas que Julian não iria gostar de ouvir. Ele vinha adiando isso, mas agora via que não tinha mais escolha. — Eu não sei, senhor Julian — disse ele baixinho.

— Você não sabe, Billy? Mas o que é que você não sabe? — O tom era frio e vagamente ameaçador.

Sour Billy decidiu ir fundo. — Não sei por quanto tempo mais a gente vai poder continuar, senhor Julian — disse ele com decisão. — Andei pensando um pouco nisso e há coisas que não me agradam. Essa fazenda aqui ganhou muito dinheiro quando Garoux estava encarregado da administração, mas agora não vale quase nada. O senhor sabe que eu posso botar qualquer escravo para trabalhar, ah, isso eu posso mesmo, mas não posso trabalhar com escravos mortos ou que fugiram. Quando o senhor e seus amigos começaram a tirar crianças das choupanas deles ou mandar as moças que concordavam em se prostituir até a casa-grande, de onde elas não voltavam mais, isso foi o começo dos nossos problemas. Faz mais de um ano que o senhor não tem escravos aqui, exceto essas garotas bonitas, e elas, com certeza, não ficam por aqui muito tempo. — Ele riu nervosamente. — A gente não tem plantações. Vendemos metade da fazenda, todos os melhores lotes de terra. E essas garotas bonitas, senhor Julian, elas custam uma fortuna. Estamos com problemas graves de dinheiro. E isso não é tudo. Fazer isso com pretos é uma coisa, mas usar brancos para saciar essa sede, isso é perigoso. Em New Orleans, bem, talvez seja mais seguro, mas o senhor e eu sabemos que foi Cara que matou o garoto mais novo de Henri Cassand. Ele é um vizinho, senhor Julian. Todos eles sabem que, de algum modo, há algo de muito peculiar acontecendo aqui. Se os escravos e as crianças deles começam a morrer, nós vamos ter sérios problemas.

— Problemas? — disse Damon Julian. — Nós somos quase vinte, com você. O que é que esse bando de gado pode nos fazer?

— Senhor Julian — disse Sour Billy —, e se eles vierem durante o dia?

Julian fez um gesto casual com a mão. — Isso não vai acontecer. E, se acontecer, vamos lidar com eles como merecem.

Sour Billy fez uma careta. Julian podia estar despreocupado, mas era Sour Billy que corria os maiores riscos. — Acho que talvez ela esteja certa, senhor Julian — disse ele com tristeza. — Acho que a gente deveria ir para outro lugar. A gente já esgotou esse lugar. É perigoso continuar por aqui.

— Eu me sinto confortável aqui, Billy — disse Julian —, me alimento desse gado. Não vou fugir dele.

— E dinheiro? Onde é que a gente vai conseguir dinheiro?

— Nossos convidados deixaram os cavalos. Leve-os até New Orleans amanhã, venda-os. Tome cuidado para que não saibam sua procedência. Você pode também vender mais terras. O Neville, de Bayou Cross, vai querer comprar de novo. Vá procurá-lo, Billy — Julian sorriu. — Você pode até convidá-lo para jantar aqui, para discutir minha proposta. Peça a ele que traga sua linda esposa também, e aquele filhinho encantador deles. Sam e Lily poderão servir. Será como nos velhos tempos, antes de os escravos fugirem.

Ele deve estar brincando, pensou Sour Billy. Mas nunca era seguro levar na brincadeira quaisquer palavras de Julian. — A casa — disse Billy. — Eles virão comer e vão ver a que ponto a coisa chegou. Não é seguro. Eles vão comentar quando saírem daqui.

— Se é que vão sair, Billy.

— Damon — Jean disse assustado —, você não está querendo dizer que…

Aquele ambiente escuro, encharcado de vermelho, estava muito quente. Sour Billy começara a suar. — O Neville é… por favor, senhor Julian, não pode pegar o Neville. Não pode continuar saindo por aí, pegando pessoas da região e comprando garotas bonitas.

— Essa sua criatura desta vez tem razão — Valerie disse num tom bem baixinho. — Ouça-o. — Jean também assentia, sentindo-se fortalecido por ter outras pessoas do lado dele.

— A gente podia vender o lugar — disse Billy. — Está tudo podre mesmo. Mudar para New Orleans, todos nós. Lá seria melhor. Sabe como é, com todos aqueles crioulos e negros libertos e o refugo do rio, alguns a mais ou a menos, ninguém iria notar, não acha?

— Não concordo — disse Damon Julian. Friamente. A voz dele deu-lhes a entender que não discutiria mais aquele assunto. Sour Billy calou-se rapidamente. Jean começou a brincar de novo com seu anel, emburrado e com medo.

Mas Valerie, surpreendentemente, falou. — Então *nós* vamos embora.

Julian virou a cabeça languidamente. — Nós?

— Eu e Jean — disse ela. — Mande-nos embora. Assim… será melhor. Para você, também. É mais seguro quando tem menos gente. E suas garotas bonitas também vão durar mais tempo.

— Mandar você embora, querida Valerie? Por quê? Eu morreria de saudade. Ficaria preocupado com você, também. Fico imaginando, para onde você iria?

— Para algum lugar. Qualquer lugar.

— Você ainda tem esperança de encontrar a sua cidade escura numa caverna? — disse Julian zombando. — Sua fé é comovedora, criança. Você confundiu seu frágil e pobre Jean com seu Rei Pálido?

— Não — disse Valerie. — Não. A gente só quer dar um tempo. Por favor, Damon. Se todos nós ficarmos aqui, eles vão nos descobrir, vir atrás de nós, matar-nos. Deixe-nos ir embora.

— Você é tão linda, Valerie. Tão refinada.

— *Por favor* — disse ela, trêmula. — Quero ir embora. Dar um tempo.

— Minha pobre pequena Valerie — disse Julian. — Não há descanso. Onde quer que você vá, sua sede estará com você. Não, você deve ficar.

— *Por favor* — ela repetiu, meio entorpecida. — Meu mestre de sangue.

Os olhos escuros de Damon Julian ficaram um pouco semicerrados e o sorriso desapareceu. — Se você está tão ansiosa assim para ir embora, talvez eu deva dar-lhe o que

pede.

Tanto Valerie quando Jean olharam para ele esperançosos.

— Talvez eu deva mandar vocês embora — Julian ponderou. — Os dois. Mas não juntos, de jeito nenhum. Você é tão linda, Valerie. Merece coisa melhor do que o Jean. O que você acha, Billy?

Sour Billy deu um sorriso forçado. — Mande todos embora, senhor Julian. Não precisa de nenhum deles. O senhor tem a mim. Mande-os embora e eles vão ver o que é bom.

— Interessante — disse Damon Julian. — Vou pensar nisso. Agora deixem-me a sós, todos vocês. Billy, vá vender os cavalos. E fale com o Neville a respeito da terra.

— Sem jantar? — perguntou Sour Billy aliviado.

— Sem jantar — disse Julian.

Sour Billy foi o último a chegar à porta. Atrás dele, Julian abafou a luz, e a escuridão preencheu a sala. Mas Sour Billy hesitou no umbral da porta e virou-se.

— Senhor Julian — disse ele —, sua promessa. Já se foram anos agora. Quando?

— Quando eu não precisar mais de você, Billy. Você são os meus olhos durante o dia. Faz coisas que eu não posso fazer. Como poderia dispensá-lo agora? Mas não tenha receio. Não vai demorar. E o tempo parecerá voar para você quando se juntar a nós. Anos e dias são a mesma coisa para quem tem vida eterna. — A promessa deixou Sour Billy reconfortado. Ele saiu então para cumprir as ordens de Julian.

Naquela noite ele sonhou. Em seu sonho, era tão sombrio e gracioso quanto o próprio Julian, elegante e conquistador. Era sempre noite no seu sonho; ele vagava pelas ruas de New Orleans sob uma lua cheia e branca. As pessoas o viam passar das janelas e das sacadas de ferro forjado, ele podia sentir os olhos delas em cima dele, os homens cheios de medo, as mulheres atraídas pelo seu poder sombrio. Através do escuro, ele os espreitava, deslizando sem fazer ruído pelas calçadas de pedra, ouvindo seus passos frenéticos e sua respiração ofegante. Sob o fogo ondulante de uma lamparina a óleo pendente, pegou um jovem elegante e rasgou sua garganta, rindo. Uma provocante beldade crioula o observava de longe e ele foi atrás dela, perseguindo-a pelas alamedas e pátios enquanto ela tentava fugir. Finalmente, numa pracinha iluminada por uma tocha de ferro forjado, ela virou seu rosto para ele. Era um pouco parecida com Valerie. Tinha olhos violeta e cheios de fogo. Ele se aproximou dela, segurou-a e trouxe-a para perto. O sangue crioulo era tão quente e delicioso quanto a comida crioula. A noite era sua, todas as noites para sempre, a sede vermelha estava nele.

Quando acordou do seu sonho, sentia-se quente e febril; seus lençóis estavam todos molhados.

7

St. Louis, julho de 1857

O *Fevre Dream* ficou em St. Louis doze dias.

Foi um tempo muito agitado para toda a tripulação, exceto para Joshua York e seus estranhos companheiros. Abner Marsh vivia atarefadíssimo desde manhã cedo, e lá pelas dez já estava na rua, visitando transportadores e proprietários de hotéis, divulgando seu barco e tentando incrementar os negócios. Tinha vários folhetos impressos da sua Vapores do Rio Fevre — agora que contava com mais de um barco novamente — e contratou alguns garotos para colá-los por toda a cidade. Bebendo e comendo nos melhores lugares, Marsh contava e recontava a história de como o *Fevre Dream* passara à frente do *Southerner*, para garantir que a notícia circulasse. Chegou até a colocar anúncios em três jornais locais.

Os pilotos ágeis que Abner Marsh contratara para a parte baixa do rio subiram a bordo assim que o *Fevre Dream* chegou a St. Louis e receberam seu pagamento pelo tempo que haviam ficado ociosos esperando. Pilotos não eram baratos, especialmente pilotos como aqueles dois, mas Marsh não era de ficar regateando demais com dinheiro, pois queria o melhor para o seu vapor. Depois de pagos, os novos homens retomaram seu ócio; pilotos ganhavam salários integrais, embora não fizessem um pingo de trabalho até que o vapor estivesse no rio. E qualquer coisa que não fosse pilotar era para eles trabalho indigno.

Mas os dois pilotos que Marsh encontrara tinham cada um seu próprio estilo de ficar à toa. Dan Albright, magro, taciturno e elegante, ficou passeando a bordo no dia em que o *Fevre Dream* chegou, supervisionou o barco, os motores, a cabine do piloto, assentiu satisfeito e imediatamente instalou-se em seu camarote. Passou os dias lendo na bem provida biblioteca do barco e jogou algumas partidas de xadrez com Jonathon Jeffers no salão principal, se bem que Jeffers invariavelmente ganhava dele. Karl Framm, por sua vez, podia ser encontrado quase sempre nos salões de bilhar ao longo da orla, com seu sorriso torto, com seu chapéu de feltro de aba larga e contando vantagens a respeito de como ele e seu novo barco iriam ganhar de todo mundo no rio. Framm tinha uma reputação dos diabos. Gostava de fazer piada, contando que tinha uma esposa em St. Louis, outra em New Orleans e uma terceira em Natchez-under-the-hill.

Abner Marsh não dispunha de tempo para ficar se preocupando muito com o que seus pilotos andavam fazendo; estava ocupado demais com uma tarefa ou outra. Tampouco via muito Joshua York e seus amigos, embora soubesse que York com frequência saía para longos passeios noturnos pela cidade, em geral com Simon, aquele mais silencioso. Simon também

estava aprendendo a preparar drinques, já que Joshua dissera a Marsh que tinha em mente usá-lo como garçom à noite na viagem até New Orleans.

Marsh, sem dúvida, via seu sócio com frequência no jantar que Joshua York tinha o hábito de fazer no salão principal com os demais oficiais, antes de se retirar para seu próprio camarote ou para a biblioteca para ler os jornais, que eram despachados para ele todo dia, fresquinhos, dos vapores que chegavam. Uma vez York anunciou que estava indo para a cidade para assistir a um grupo de atores. Convidou Abner Marsh e os demais oficiais para acompanhá-lo, mas Marsh não era chegado a essas coisas, então York acabou indo com Jonathon Jeffers. — Poemas e textos de peças de teatro — Marsh murmurou para Hairy Mike Dunne enquanto os dois passeavam à toa. — Isso me faz pensar que tipo de coisa esse danado desse rio está virando. — Mais tarde, Jeffers começou a ensinar York a jogar xadrez.

— Ele tem a cabeça muito boa, Abner — Jeffers disse a Marsh alguns dias depois, na manhã de seu oitavo dia em St. Louis.

— Quem?

— Ora quem… Joshua, é claro. Eu ensinei-lhe os movimentos há dois dias. Ontem à noite eu o encontrei no salão estudando uma das partidas do Morphy, de um daqueles jornais de Nova York que ele recebe. Um homem estranho. O quanto você sabe a respeito dele?

Marsh franziu o cenho. Ele não queria que seu pessoal ficasse curioso demais a respeito de Joshua York, isso era parte do trato. — Joshua não fala muito a respeito dele. Eu tampouco lhe pergunto. O passado de um homem não é da minha conta, acho eu. O senhor deveria ter essa mesma atitude, senhor Jeffers. Na verdade, é bom que tenha.

O oficial náutico arqueou suas sobrancelhas finas e escuras. — Se o senhor está dizendo, capitão — replicou ele. Mas havia um sorriso amarelo no seu rosto que Abner Marsh achou inquietante.

Jeffers não era o único a fazer perguntas. Hairy Mike também foi até Marsh para dizer que os estivadores e foguistas estavam espalhando algumas histórias engraçadas sobre York e seus hóspedes, e perguntar se Marsh queria que ele fizesse algo a respeito.

— Que tipo de histórias?

Hairy Mike ergueu os ombros de modo eloquente. — Ah, sobre esse negócio de ele só sair à noite. Sobre os amigos esquisitos dele, também. Você conhece o Tom, aquele foguista de bombordo? Ele andou contando a seguinte história: diz que na noite em que a gente saiu de Louisville, bem, você lembra como estava cheio de mosquitos, então, o Tom diz que viu aquele velho Simon lá no convés principal, dando uma volta, e que um mosquito pousou na mão dele, e então ele com a outra mão deu um tapão no bicho. Esmagou-o. Mas você sabe como esses insetos ficam abarrotados de sangue às vezes, então, quando você esmaga um, fica todo manchado de sangue. Tom diz que foi isso que aconteceu com o mosquito na mão do Simon, que ela ficou toda manchada de sangue quando ele o acertou. Só que aí, segundo o Tom, o tal Simon ficou olhando de olho arregalado para a mão dele por um tempão, e então a levantou, e o danado ficou lambendo-a até deixá-la limpinha.

Abner Marsh fez uma careta de nojo. — Você diga a esse rapaz que é melhor ele parar de contar essas histórias, senão ele vai ter que ir trabalhar de foguista de bombordo em outro vapor. — Hairy Mike assentiu, passou sua barra de ferro de uma mão para outra com um gesto pesado e virou-se para ir embora. Mas Marsh o deteve. — Não — disse ele. — Espere. Diga a ele para não ficar espalhando essas histórias. Mas, se ele vir algo estranho, que ele deve

procurá-lo ou vir até mim. Diga-lhe que a gente lhe dará meio dólar.

— Por meio dólar ele vai inventar um monte de mentiras.

— Tudo bem, esqueça o meio dólar então, mas o resto continua valendo.

Quanto mais Abner pensava a respeito da história de Tom, mais se sentia incomodado. Ainda bem que Joshua York estava querendo colocar o Simon de garçom, onde ele ficaria exposto ao público e seria possível ficar de olho nele. Marsh nunca gostara de agentes funerários, e Simon ainda por cima o fazia lembrar de um em particular, que não parecia filho de Deus e que, aliás, mais parecia um cliente de funerária, o que era pior ainda. Ele só esperava que Simon não achasse de ficar lambendo mosquitos mortos enquanto servisse os drinques aos passageiros de camarote. Esse tipo de coisa poderia arruinar a reputação de um barco num piscar de olhos.

Marsh logo tirou o incidente da mente e mergulhou de novo nos negócios. Na noite anterior à partida, porém, outra coisa o incomodou. Ele fora chamado ao camarote de Joshua York para checar alguns detalhes da sua viagem. York estava sentado à escrivaninha, com sua faca de cabo de marfim na mão, recortando um artigo de um jornal. Ele e Marsh conversaram alguns minutos sobre o assunto da notícia e Marsh estava quase saindo quando percebeu um exemplar do *Democrat* na escrivaninha de York. — Acho que eles vão publicar um dos nossos anúncios hoje — disse Marsh, pegando o jornal. — Você já leu, Joshua?

York sinalizou desprezo pelo jornal com um gesto de mão. — Pode levar se quiser — disse ele.

Abner Marsh foi carregando o jornal debaixo do braço até o salão principal e ficou folheando-o enquanto Simon lhe preparava um drinque. Ficou irritado. Não conseguia localizar o anúncio do barco deles. Mas aí viu que não havia sido uma omissão; é claro, York recortara uma notícia publicada no verso da página sobre notícias de barcos, por isso havia um buraco justamente ali. Marsh esvaziou o copo, dobrou o jornal e foi direto para o escritório do oficial náutico.

— Você tem aí a última edição do *Democrat*? — perguntou Marsh a Jeffers. — Eu acho que o danado do Blair deixou de publicar meu anúncio.

— Não deixou, não — replicou Jeffers —, pode ver que está lá. Na página sobre barcos.

E, de fato, lá estava, um quadrado, no meio de uma coluna com quadrados similares.

COMPANHIA FEVRE DE VAPORES FLUVIAIS

O esplêndido vapor *Fevre Dream* vai partir para New Orleans, Louisiana, e todos os pontos e paradas intermediários, na quinta-feira, fazendo o melhor tempo e conduzido pela mais experiente tripulação e oficiais. Para carga ou passageiros, apresente-se a bordo ou no escritório da companhia no início da Pine Street.

— Abner Marsh, presidente

Marsh inspecionou o anúncio, assentiu, e virou a página para ver o que Joshua York recortara no verso. O item parecia ser uma transcrição de uma notícia tirada de algum outro jornal da região, sobre um lenhador desconhecido encontrado morto na sua cabana no rio, ao norte de New Madrid. O oficial de um navio que havia parado para pegar lenha encontrou-o depois de ter batido à porta e não ter ouvido ninguém atender aos seus chamados. Alguns achavam que os índios haviam sido os responsáveis, outros diziam que era coisa dos lobos, pois o corpo foi encontrado todo destroçado e meio devorado. E isso era tudo o que a notícia dizia.

— Algo errado, capitão Marsh? — perguntou Jeffers. — O senhor está com uma expressão estranha no rosto.

Marsh dobrou o *Democrat* de Jeffers e o enfiou debaixo do braço junto com o exemplar de York. — Não, nada, o infeliz do jornal simplesmente errou a ortografia de duas palavras.

Jeffers sorriu. — Tem certeza? Pelo que sei a ortografia não é lá bem o seu forte, capitão.

— Pare de ficar gozando de mim por causa disso de novo, senão o atiro pela amurada, senhor Jeffers — Marsh replicou. — Estou levando seu jornal comigo, se não se importa.

— Pode levar — disse Jeffers. — Já li inteiro.

De volta ao bar, Marsh releu a história do lenhador. Por que Joshua York iria recortar uma notícia sobre algum estúpido qualquer morto por lobos? Marsh não conseguia imaginar uma resposta, mas isso o incomodava. Ele ergueu a cabeça e percebeu pelo grande espelho que Simon grudara os olhos nele. Marsh rapidamente dobrou o *Democrat* de novo e o enfiou num bolso. — Por favor, um copo pequeno de uísque — disse ele.

Marsh tomou o uísque de um só gole e fez um longo "aaaaaah" conforme o calor se espalhava pelo seu peito. Isso clareou um pouco sua mente. Havia maneiras de ele descobrir um pouco mais a respeito, mas, de novo, não era bem da conta dele que tipo de notícia de jornal Joshua York gostava de ler. Além do mais, dera sua palavra de não se intrometer nas questões de York, e Abner Marsh via a si mesmo como homem de palavra. Decidido, Marsh deixou seu copo na mesa e saiu do bar. Desceu mancando a majestosa escada curva até o convés principal e atirou os dois jornais numa das fornalhas. Os peões olharam para ele com estranhamento, mas Marsh se sentiu melhor na hora. Um homem não deve ficar por aí alimentando suspeitas sobre seu sócio, especialmente um tão generoso e de bons modos como Joshua York. — Estão olhando o quê? — gritou ele para os peões. — Vocês não têm nenhum trabalho para fazer? Vou lá atrás do Hairy Mike ver se ele arruma alguma coisa! — Na mesma hora os homens já encontraram o que fazer. Abner Marsh voltou para o salão principal e tomou mais um drinque.

Na manhã seguinte, Marsh foi até a Pine Street, para o escritório central da sua companhia, e dedicou várias horas aos negócios. Almoçou na Planter's House, rodeado de velhos amigos e velhos rivais, sentindo-se muito bem. Marsh contou um monte de vantagens sobre seu vapor e teve que aguentar a falação de Farrell e O'Brien a respeito de seus barcos, mas isso não o incomodou; ele só sorria e dizia: "Bem, garotos, talvez a gente se encontre no rio. Não seria magnífico?" Ninguém mencionou sua desventura anterior, e três homens diferentes vieram até sua mesa para perguntar a Marsh se precisava de um piloto para o baixo Mississippi. Foram horas maravilhosas.

Andando de volta para o rio, Marsh por acaso passou pela loja de um alfaiate. Hesitou

um pouco, cofiando a barba pensativamente enquanto ruminava uma ideia que lhe surgira de repente. Então entrou, com um largo sorriso, e encomendou um novo casaco de capitão para ele. Um branco, com uma dupla fileira de botões prateados, como o de Joshua. Marsh deixou dois dólares adiantados e combinou de pegar o casaco quando o *Fevre Dream* voltasse a St. Louis. Saiu sentindo-se muito satisfeito consigo mesmo.

A orla do rio estava um caos. Uma partida de têxteis havia chegado atrasada e os estivadores suavam para carregá-la a tempo. Whitey já estava com o vapor ligado; altas colunas de fumaça branca erguiam-se dos tubos de escape e fumaça escura rolava para fora das chaminés ornamentadas. O vapor à esquerda do *Fevre Dream* estava de partida, com grandes lufadas de fumaça e muitos apitos e gritos. E o grande vapor de rodas-d'água laterais à sua direita descarregava frete num barco-cais, um velho e decrépito casco de vapor atracado permanentemente ao porto. Para cima e para baixo da orla havia vapores, até onde a vista alcançava em ambas as direções, mais barcos do que Marsh era capaz de contar. Nove barcos acima do seu estava o luxuoso *John Simonds*, de três andares, embarcando passageiros. Depois dele aportara o vapor de propulsão lateral *Northern Light*, com uma vistosa pintura da Aurora na gaiola da roda-d'água; era um vapor novinho do alto Mississippi, que a Northwestern Line dizia ser mais rápido que qualquer barco que já tivesse singrado aquelas águas. Rio abaixo estava o *Grey Eagle*, que o *Northern Light* teria que superar se quisesse fazer jus à sua fama. Havia ainda o *Northerner*, o rústico e poderoso *St. Joe*, de propulsão traseira, o *Die Vernon II* e o *Natchez*.

Marsh olhou para cada um daqueles barcos, para os intrincados dispositivos suspensos entre suas chaminés, para a sua elegante e recortada carpintaria, sua pintura em cores vivas, as ondas de vapor sibilante que saíam deles e a potência de suas rodas-d'água. E então olhou para o seu próprio barco, o *Fevre Dream*, todo branco, azul e prateado, e pareceu-lhe que seu vapor ficava acima de qualquer um daqueles, que o seu apito tinha um tom mais nítido e doce, sua pintura era a mais limpa, suas rodas as mais potentes, e que era mais alto que os demais, à exceção de uns três ou quatro deles, e que era mais comprido do que qualquer um. — Vamos ganhar deles todos — disse a si mesmo, e foi embarcar.

8

A bordo do vapor *Fevre Dream*, rio Mississippi, julho de 1857

Abner Marsh cortou um naco de queijo cheddar que estava sobre a mesa, posicionou-o cuidadosamente em cima do que restava da sua torta de maçã e espetou o garfo em ambos com um movimento ágil da sua grande mão vermelha. Arrotou, limpou a boca com o guardanapo, expulsou algumas migalhas da sua barba e recostou-se com um grande sorriso no rosto.

— Está boa a torta? — perguntou Joshua York, sorrindo para Marsh por cima da sua tacinha de conhaque.

— Toby é especialista nesse tipo de torta — respondeu Marsh. — Você devia experimentar um pedaço. — Ele afastou a cadeira da mesa e ficou em pé. — Bem, esvazie o copo, Joshua. Está na hora.

— Está na hora?

— Você queria conhecer o rio, não é? Só que sentado aí na mesa garanto que não vai conhecê-lo.

York terminou seu conhaque e subiram juntos até a cabine do piloto. Era Karl Framm quem cumpria seu turno. Estava reclinado no sofá, a fumaça subindo em espirais do seu cachimbo, enquanto seu aprendiz — um jovem alto de cabelo loiro escorrido até o colarinho — trabalhava como timoneiro. — Capitão Marsh — disse Framm, assentindo. — E o senhor deve ser o misterioso capitão York. Prazer em conhecê-lo. Nunca estive antes num vapor com dois capitães. — Ele deu um sorriso largo e torto que fez brilhar um dente de ouro. — Este navio tem quase tantos capitães quanto eu tenho viúvas. Mas faz sentido, é claro. Afinal, este barco tem mais caldeiras, mais espelhos e mais prata do que qualquer barco que eu já tenha visto; portanto, teria que ter mais capitães também, imagino. — O timoneiro magricela inclinou-se para a frente e bateu algumas cinzas de seu cachimbo na boca do aquecedor de ferro. Estava frio e escuro na cabine, embora a noite fosse quente e abafada. — O que posso fazer pelos senhores? — perguntou Framm.

— Ensine-nos a navegar no rio — disse Marsh.

Framm ergueu as sobrancelhas. — Ensinar vocês a navegar no rio? Eu tenho aqui um aprendiz. Não é, Jody?

— Com certeza, senhor Framm.

Framm sorriu e encolheu os ombros. — Bem, estou ensinando o Jody aqui, e foi tudo muito bem combinado. Vou descontar seiscentos dólares dos primeiros salários que ele receber depois que conseguir sua licença e entrar para a associação. Estou fazendo barato

assim só porque conheço a família dele. Mas não posso dizer que conheço a família de vocês; sem dúvida, não posso dizer isso.

Joshua York desabotoou seu casaco cinza-escuro. Trazia com ele um cinto porta-dinheiro. Tirou dele uma moeda de ouro de vinte dólares e colocou-a em cima do aquecedor. O ouro brilhava suave contra o ferro preto. — Vinte — disse York. Colocou outra moeda de ouro de vinte em cima da primeira. — Quarenta — disse. Depois uma terceira. — Sessenta. — Quando a conta chegou a trezentos, York abotoou de novo o casaco. — Receio que isso seja tudo o que trago comigo, senhor Framm, mas posso assegurar-lhe que fundos não me faltam. Vamos acertar em setecentos dólares para o senhor, e uma quantia igual para o senhor Albright, caso os dois me ensinem os rudimentos da pilotagem, e também refresquem a memória aqui do capitão Marsh, para que ele pilote seu próprio barco de novo. Pagáveis imediatamente e não descontados de futuros salários. O que me dizem?

Framm até que reagiu controladamente, pensou Marsh. Tragou seu cachimbo, pensativo, durante um momento, como se avaliasse a oferta, e por fim esticou o braço e pegou a pilha de moedas de ouro. — Não posso falar pelo senhor Albright, mas, quanto a mim, sempre gostei muito da cor do ouro. Então vou ensiná-los. O que me dizem de vir aqui amanhã durante o dia, no início do meu turno?

— Talvez isso seja perfeito para o capitão Marsh — disse York — mas eu prefiro começar imediatamente.

Framm olhou em volta. — Mas, diabos! — disse ele. — Não está vendo? É de *noite*. Estou ensinando o Jody faz quase um ano agora, e só há um mês comecei a deixá-lo pilotar à noite. Navegar no escuro não é nada fácil. Sério. — Seu tom de voz era firme. — Vou ensiná-lo primeiro de dia, quando dá para ver aonde estamos indo.

— Eu vou aprender à noite. Sabe, senhor Framm, eu tenho horários estranhos. Mas não precisa se preocupar. Minha visão noturna é excelente. Melhor do que a sua, eu acho.

O piloto descruzou suas longas pernas, levantou, deu dois passos e assumiu o timão. — Pode descer, Jody — disse ao aprendiz. Depois que o jovem saiu, Framm disse: — Não há homem com vista boa o suficiente para pilotar um trecho ruim do rio no escuro. — Ele ficou em pé de costas para os dois, atento às águas escuras à sua frente, iluminadas pelas estrelas. Bem adiante no rio, era possível ver as luzes distantes de outro vapor. — Hoje é uma noite boa, clara, quase sem nuvens, uma meia-lua decente, e estamos num trecho bom do rio. Olhe para aquela água ali. É como vidro preto. Olhe as margens. Até que é fácil enxergar onde ficam, não é?

— Sim — disse York. Marsh, sorrindo, não disse nada.

— Bem — disse Framm —, mas não é sempre assim. Às vezes não há lua no céu, às vezes as nuvens cobrem tudo. Então fica terrivelmente escuro. A ponto de não dar para ver quase nada. As margens se retraem e você não enxerga onde estão, e, se você não sabe o que está fazendo, pode acabar indo para cima delas. Outras vezes, você depara com sombras que se avolumam como se fossem terra sólida, e então precisa saber que não se trata de terra de verdade, senão vai passar metade da noite se afastando de coisas que não estão realmente lá. Como é que o senhor supõe que um piloto sabe essas coisas, capitão York? — Framm não lhe deu chance de responder. Ele bateu nas suas têmporas. — Pela memória, é com o auxílio dela. É por ter visto esse rio de dia e por lembrar-se dele, dele todinho, de cada curva e de cada casa ao longo da margem, de cada bosque, dos trechos em que é raso, dos trechos em que é

fundo, dos pontos onde é melhor cruzar, por tudo isso é que ele pode navegá-lo à noite, quando está tudo escuro. Você pilota um vapor com aquilo que sabe, capitão York, não com aquilo que vê. Mas precisa ver antes de poder saber, e não dá para ver bem o suficiente à noite.

— É verdade, Joshua — afirmou Abner Marsh, colocando a mão no ombro de York.

Então York disse baixinho: — O barco que está à nossa frente é de propulsão lateral, tem uma letra K entre suas chaminés, e sua cabine de piloto tem teto em cúpula. Nesse exato momento ele está passando por um depósito de lenha. Há um velho cais apodrecido ali, e um homem negro sentado na ponta dele, olhando para o rio.

Marsh tirou a mão do ombro de York e foi até janela. Apertou os olhos. O outro barco estava uma longa distância à frente. Ele podia concluir que era um vapor de propulsão lateral, mas o detalhe entre as chaminés… as chaminés eram pretas contra um céu preto, ele mal conseguia discerni-las, e mesmo assim mais por causa das fagulhas que saltavam delas. — Caramba, York — disse ele.

Framm virou-se e olhou para York com surpresa nos olhos. — Não consigo ver metade disso tudo — disse ele —, mas acredito que esteja certo. — Alguns momentos mais tarde o *Fevre Dream* passou pelo bosque de lenha, e lá estava o velho negro, do jeito que York descrevera. — Está fumando um cachimbo — disse Framm com um meio sorriso. — O senhor esqueceu este detalhe.

— Perdão — disse Joshua York.

— Muito bem — disse Framm pensativo. — Muito bem. — Ele mordeu seu cachimbo e manteve os olhos postos no rio à sua frente. — Com certeza o senhor possui uma boa visão noturna, concordo. Mas ainda não tenho certeza. Não é difícil enxergar um depósito de lenha à frente numa noite clara. Enxergar um preto velho já é um pouco mais difícil, do jeito que eles se confundem com tudo, mas, mesmo assim, isso é uma coisa e o rio, outra. Há montes de detalhes que um piloto consegue ver e que seus passageiros de camarote nunca irão perceber. A aparência da água quando há um toco escondido ou um tronco boiando nela. Velhas árvores mortas que lhe dizem quais são as condições do rio cem quilômetros adiante. O jeito de saber a diferença entre uma saliência na água produzida por um recife e outra produzida pelo simples vento. Você precisa ser capaz de ler o rio como se fosse um livro; as palavras dele são apenas pequenas ondulações e redemoinhos, às vezes tão sutis que não podem ser distinguidas com precisão, então você precisa confiar naquilo que ainda se lembra da última vez em que leu aquela página. Bem, o senhor não iria tentar ler um livro no escuro, não é?

York ignorou isso. — Eu consigo ver uma ondulação na água com a mesma facilidade com que enxergo um depósito de lenha, desde que saiba o que estou procurando. Senhor Framm, se o senhor não puder me ensinar a navegar no rio, vou procurar outro piloto que possa. Quero lembrá-lo de que sou o dono e senhor do *Fevre Dream*.

Framm olhou em volta de novo, agora franzindo o cenho. — Mais trabalho noturno — disse ele. — Se o senhor quer aprender à noite, vai lhe custar oitocentos.

A expressão de York fundiu-se num lento sorriso. — Fechado — disse ele. — Bem, nesse caso, podemos começar.

Karl Framm empurrou para trás seu chapéu frouxo até assentá-lo na parte de trás da cabeça e deu um longo suspiro, como alguém que está sendo excessivamente maltratado. — Tudo bem — disse ele —, o dinheiro é seu e o barco também. Mas depois não venha reclamar

comigo quando arrebentar o fundo do barco. Agora, ouça com atenção. O rio corre mais ou menos reto de St. Louis até Cairo, antes que o rio Ohio se junte a ele. Mas, mesmo assim, é preciso conhecê-lo bem. Esse trecho aqui é, às vezes, chamado de cemitério, porque muitos navios já naufragaram aqui. Dá para ver até as chaminés de alguns deles espiando para fora d'água, ou então o casco inteiro afundado na lama quando o rio está baixo. Mas e aqueles que estão todos mergulhados abaixo da linha d'água? É melhor saber onde estão, senão o próximo maldito barco que vier atrás precisará saber também onde é que o *seu* barco está encalhado. O senhor tem que ter suas marcas e saber como manejar o barco. Venha cá, fique em pé e pegue o timão, procure senti-lo. Aqui o senhor não poderia tocar o fundo nem que navegasse com o campanário de uma igreja invertido. É bem fundo. — York e Framm trocaram de lugar. — Bem, a primeira parada depois de St. Louis… — começou a explicar Framm. Abner Marsh sentou no sofá, ouvindo, enquanto o piloto continuou falando das marcas, dos truques de manejo do timão e contando longas histórias sobre vapores que afundaram naquele cemitério que estavam atravessando. Era um bom contador de histórias, mas após cada relato retomava a tarefa em questão e voltava para as marcas de novo. York ia absorvendo tudo, quieto. Pareceu pegar logo de cara o jeito do timão, e, toda vez que Framm parava e pedia que repetisse alguma informação, Joshua o fazia com perfeição.

Depois de um tempo, quando já haviam alcançado e ultrapassado o vapor de propulsão lateral que estivera à frente deles, Marsh viu-se bocejando. Mas era uma noite tão especial que ele odiaria ir para a cama. Levantou com esforço e desceu até a copa do tombadilho, trazendo de lá um bule de café e uma travessa de tortinhas doces. Quando voltou, Karl Framm estava narrando a história sobre o naufrágio do *Drennan Whyte*, que afundara logo acima de Natchez no ano de 1850 com um tesouro a bordo. O *Evermonde* tentou içá-lo, pegou fogo e foi para o fundo também. O *Ellen Adams*, um barco de resgate, foi procurar o tesouro em 1851, bateu num obstáculo e ficou semi-afundado. — É um tesouro amaldiçoado, percebe? — dizia Framm. — Ou isso, ou então esse rio encapetado não quer entregar o tesouro.

Marsh sorriu e serviu o café. — Joshua — disse ele —, essa história é bem verdadeira, mas não vá acreditando em tudo o que ele diz. Esse homem é o mentiroso mais famoso deste rio.

— O que é isso, capitão! — disse Framm, sorrindo. Ele voltou a atenção de novo para o rio. — Está vendo aquela velha cabana ali, com a varanda meio caída? — disse ele. — Muito bem, porque o senhor deve lembrar bem dela… — e já estava de novo com a corda toda. Passou os vinte minutos seguintes contando a história do *E. Jenkins*, o vapor com trinta milhas de comprimento, com dobradiças no meio dele para poder fazer as curvas do rio. Até mesmo Joshua York dirigiu um olhar de incredulidade a Framm por esta história. Mas continuava sorrindo.

Marsh recolheu-se cerca de uma hora depois de ter comido a última tortinha. Framm era muito divertido, mas ele preferia ter suas aulas de dia, quando poderia ver muito bem todas as marcas às quais o piloto se referia.

Quando acordou, era de manhã, e o *Fevre Dream* estava em Cape Girardeau carregando uma partida de grãos. Framm havia decidido aportar ali em uma determinada hora da noite, quando uma névoa se fechou em volta deles. Cape Girardeau era uma altiva cidade no alto de rochedos, uns duzentos e quarenta quilômetros depois de St. Louis. Marsh fez alguns cálculos e ficou satisfeito com o tempo deles. Não era nenhum recorde, mas era um bom tempo.

Em uma hora o *Fevre Dream* estava de volta ao rio, corrente abaixo. O sol de julho batia forte sobre a cabeça, o ar era denso por causa do calor, da umidade e dos insetos, mas lá em cima no tombadilho estava fresco e tranquilo. As paradas eram frequentes. Com dezoito grandes caldeiras para alimentar, o vapor comia lenha como ninguém, mas combustível nunca era problema; regularmente havia depósitos de lenha em ambas as margens. Toda vez que ficavam com pouca lenha, o ajudante sinalizava para o piloto lá em cima e eles paravam perto de alguma pequena cabana decrépita rodeada por grandes pilhas de faias cortadas, de carvalhos ou nogueiras, e Marsh ou Jonathon iam até a margem para pechinchar com o lenheiro. Quando davam o sinal, os ajudantes de convés iam para a margem carregar aquelas pilhas de lenha em bando, e num piscar de olhos ela tinha sumido de vista, armazenada a bordo do vapor. Os passageiros de camarote gostavam de assistir às operações de carregamento de lenha desde as amuradas do convés das caldeiras. E os passageiros do convés sempre ficavam no meio, atrapalhando.

Eles paravam também em todo tipo de cidade, causando um alvoroço sem fim. Atracaram num cais sem nome para descarregar um passageiro, e num cais particular para recolher outro. Por volta de meio-dia pararam para pegar uma mulher e uma criança que lhes deram sinal da margem, e perto das quatro horas tiveram que desacelerar e reverter as pás para que três homens num bote a remo pudessem alcançá-los e subir a bordo. O *Fevre Dream* não foi muito longe naquele dia, nem andou muito rápido. Por volta da hora em que o sol a oeste começava a tingir as vastas águas de um vermelho tostado profundo, já conseguiam avistar Cairo, e Dan Albright decidiu deitar amarras ali para passar a noite.

Ao sul de Cairo, o Ohio desemboca no Mississippi, e os dois rios compõem uma visão singular. Eles não se misturam totalmente de início, ficando cada um por sua conta, a corrente azul transparente do Ohio como uma faixa clara pela margem leste, contra as águas mais turvas e barrentas do Mississippi. É ali também que o baixo rio assume seu caráter peculiar; a partir de Cairo até New Orleans e o golfo, uma distância de quase mil e oitocentos quilômetros, o Mississippi serpenteia, circula e faz curvas e curvas, como uma cobra se retorcendo, mudando de curso ao menor capricho, cortando a terra macia de modo imprevisível, às vezes deixando os ancoradouros altos e secos, outras vezes mergulhando cidades inteiras debaixo d'água. Os pilotos afirmavam que o rio nunca era o mesmo duas vezes. O alto Mississippi, onde Abner Marsh nascera e aprendera seu ofício, era um lugar totalmente diferente, confinado entre altas formações rochosas e correndo quase sempre em linha reta. Marsh ficou em pé no convés superior um longo tempo, olhando para o cenário transitório, tentando sentir a transformação bem como a mudança que iria produzir em seu futuro. Ele estava vindo do alto rio para o baixo rio, pensou, e para uma nova etapa de sua vida.

Pouco depois, Marsh batia papo com Jeffers no escritório do oficial náutico quando ouviu o sino soar três vezes, sinal de um desembarque. Franziu o cenho e olhou pela janela de Jeffers. Não havia nada visível, exceto margens cheias de bosques. — Por que será que estamos parando? — disse Marsh. — New Madrid é a próxima parada. Posso não conhecer bem esta parte do rio, mas isso com certeza não é New Madrid.

Jeffers deu de ombros. — Talvez alguém tenha feito sinal.

Marsh pediu licença e subiu até a cabine do piloto. Dan Albright estava no timão. — Alguém deu sinal? — perguntou Marsh.

— Não, senhor — respondeu Albright. Ele era do tipo lacônico. Respondia o que você

perguntava, e olhe lá.

— Estamos parando?

— Depósito de lenha, capitão.

Marsh viu que havia de fato um depósito de lenha à frente, na margem oeste. — Senhor Albright, acredito que a gente se abasteceu de lenha não faz uma hora. Não é possível que já tenhamos queimado tudo. Foi o Hairy Mike que pediu ao senhor para parar? — O capataz tinha obrigação de saber quando o vapor precisava ou não de lenha.

— Não, senhor. Foi ordem do capitão York. Recebi a notificação de que eu deveria parar nesse depósito de lenha, quer a gente precisasse de lenha ou não. — Albright deu uma olhada de relance. Era um baixinho bem-apessoado, tinha um bigode escuro, fino, e usava gravata de seda vermelha e botas de couro de boa procedência. — Está dizendo para eu não parar?

— Não — Abner Marsh apressou-se em dizer. York deveria tê-lo colocado a par, pensou ele, mas o trato dos dois dava a Joshua o direito de expedir ordens estranhas. — Sabe quanto tempo vamos ficar parados aqui?

— Ouvi dizer que Joshua tem negócios a tratar em terra. Como ele não acorda antes que escureça, significa que vamos ficar aqui o dia todo.

— Que praga! Lá se foi nosso horário; os passageiros vão fazer muitas perguntas incômodas. — Marsh fez cara feia. — Bem, acho que não há o que fazer. Podemos aproveitar e pegar um pouco mais de lenha enquanto estivermos aqui. Vou verificar isso.

Marsh começou a barganhar com o rapaz que cuidava do depósito de lenha, um negro esguio, vestido em uma camisa de algodão fino. O rapaz não estava muito para pechinchas; Marsh conseguiu faia pelo preço de choupo, e ainda fez com que lhe vendesse também alguns nós de pinho. Enquanto os estivadores e marinheiros iam para lá e para cá carregando, Marsh olhou bem nos olhos do rapaz negro, sorriu e disse: — Você é novo nisso, não?

O rapaz assentiu. — Sim, senhor capitão. — Marsh assentiu e já começava a virar as costas de volta para o vapor quando o rapaz continuou: — Faz só uma semana que eu estou nisso, capitão. O branco que costumava ficar aqui foi comido pelos lobos.

Marsh olhou sério para o rapaz. — Estamos apenas uns três quilômetros ao norte de New Madrid, não é, rapaz?

— Isso mesmo, capitão.

Quando Abner Marsh voltou para o *Fevre Dream*, sentia-se muito agitado. *Maldito Joshua York*, pensou ele. O que estaria tramando, e por que eles tinham que desperdiçar o dia inteiro naquele depósito de lenha estúpido? Marsh tinha vontade de subir e irromper no camarote de York para dizer-lhe umas boas verdades. Considerou a ideia por um momento, mas depois pensou melhor. Não era problema dele, Marsh obrigou-se a relembrar. Ele se acalmou e ficou esperando.

As horas passaram devagar enquanto o *Fevre Dream* jazia morto na água junto ao depósito de lenha. Uma dúzia de outros vapores deslizou por ali descendo o rio, para irritação de Abner Marsh. Outros tantos chegaram batalhando com a corrente rio acima. Uma briga de faca rápida entre dois passageiros do convés, da qual ninguém saiu machucado, foi a emoção da tarde. A maior parte do tempo, passageiros e a tripulação do *Fevre Dream* vadiaram à toa pelos conveses, as cadeiras inclinadas para trás no sol, fumando, mascando tabaco ou discutindo política. Jeffers e Albright jogaram xadrez na cabine do piloto. Framm contou

histórias incríveis no salão principal. Algumas das senhoras começaram a falar em promover um baile. E Abner Marsh foi ficando cada vez mais impaciente.

Ao escurecer, Marsh estava sentado no tombadilho, tomando café e matando mosquitos, quando de repente olhou para a margem a tempo de ver Joshua York deixando o vapor. Simon estava com ele. Os dois pararam junto à cabana, trocaram algumas palavras com o rapaz do depósito de lenha e em seguida sumiram por uma estrada de terra esburacada pelo meio do bosque. — Como assim? — disse Marsh, levantando. — Sem um "com licença" ou um "até logo"? — Franziu o cenho. — Sem jantar, também. — Mas isso o fez lembrar-se do seu jantar e ele desceu para o salão principal para comer.

A noite foi passando; tanto os passageiros quanto a tripulação foram ficando cada vez mais inquietos. Bebia-se muito pelo bar. Um fazendeiro começou a contar vantagens, outros começaram a cantar e um jovem teimoso levou uma bengalada na cabeça por ficar apregoando a abolição.

Perto da meia-noite, Simon voltou sozinho. Abner Marsh estava no salão quando Hairy Mike deu-lhe um tapinha no ombro; Marsh deixara ordens de ser avisado assim que York voltasse. — Ponha seus estivadores a bordo e diga a Whitey para aprontar o vapor — ele ordenou ao ajudante. — Precisamos recuperar as horas perdidas. — Então foi ver York. Só que York não estava lá.

— Joshua quer que você siga viagem — informou Simon. — Ele irá por terra e encontrará a gente em New Madrid. Ficaremos esperando por ele lá. — Nem mesmo um questionamento acalorado conseguiu tirar mais alguma coisa dele; Simon apenas fitou Marsh com seus olhos pequenos e frios e repetiu a mensagem: que o *Fevre Dream* deveria aguardar York em New Madrid.

Depois que o vapor atingiu o máximo, foi uma viagem curta, agradável. New Madrid ficava apenas a alguns quilômetros descendo o rio a partir do depósito de lenha onde haviam atracado o dia todo. Marsh ficou feliz de dar adeus ao desolado lugar conforme se afastavam noite adentro. — Esse Joshua — murmurou ele.

Eles perderam quase dois dias inteiros em New Madrid.

— Ele deve estar morto — Jonathon Jeffers opinou quando já estavam atracados há um dia e meio. New Madrid tinha hotéis, salões de bilhar, igrejas e várias outras recreações não disponíveis no depósito de lenha, por isso o tempo que passaram na parada não foi nem de longe entediante, mas mesmo assim todos estavam ansiosos para partir. Uma meia dúzia de passageiros, impacientes com aquele atraso já que o tempo estava bom — o barco parecia em ótima condição, a plataforma estava alta —, foram até Marsh e pediram o reembolso do dinheiro da sua passagem. Isso foi recusado com indignação, mas mesmo assim Marsh ainda estava com raiva e perguntava-se em voz alta onde é que Joshua York teria se metido.

— York não está morto — disse Marsh. — Não estou dizendo que ele não vá desejar estar morto quando eu puser as mãos nele, mas ele não está morto ainda.

Por trás da armação de ouro de seus óculos, as sobrancelhas de Jeffers arquearam. — Não? Como pode ter certeza, capitão? Estava sozinho, a pé, andando pelo bosque à noite. Tem um monte de patifes por aí, e animais também. Acho que houve várias mortes nesta região de New Madrid nos últimos anos.

Marsh olhou para ele de olhos arregalados. — Está falando sério? — ele perguntou. — Como sabe disso?

— Eu leio os jornais — disse Jeffers.

Marsh fez uma careta. — Bem, mas isso não faz diferença. York não está morto. Sei disso, senhor Jeffers, sei disso com certeza.

— Perdido, então? — sugeriu o oficial náutico com um sorriso amarelo. — Será que devemos formar um grupo e sair à procura dele, capitão?

— Vou pensar melhor nisso — disse Abner Marsh.

Mas não foi preciso. Naquela noite, uma hora depois do pôr do sol, Joshua York chegou a passos largos ao atracadouro. Não parecia um homem que tivesse passado dois dias fora por sua conta no bosque. Suas botas e a barra da calça estavam empoeiradas, mas fora isso sua roupa parecia tão elegante como na noite em que partira. Seu andar era apressado, mas gracioso. Ele saltou na plataforma e sorriu ao ver Jack Ely, o segundo engenheiro. — Encontre o Whitey e apronte o vapor — York disse a Ely. — Estamos partindo. — Em seguida, antes que alguém pudesse lhe fazer alguma pergunta, já estava na metade da grande escadaria.

Marsh, apesar de toda a sua raiva e inquietação, descobriu-se notavelmente aliviado com a volta de Joshua. — Vá lá tocar a porcaria do sino para avisar os que estão na praia que vamos partir — disse a Hairy Mike. — Quero a gente navegando o quanto antes.

York estava no seu camarote, lavando as mãos na bacia de água sobre o gaveteiro. — Abner — disse ele educadamente quando Marsh entrou com ímpeto após uma batida forte e curta na porta. — Você acha que eu poderia incomodar o Toby e pedir-lhe para me fazer uma ceia?

— Eu é que vou incomodar você, York, e perguntar por que tivemos que ficar esperando esse tempo todo — disse Marsh. — Que droga, Joshua, eu sei que você avisou que tem um comportamento estranho, mas *dois dias*! Isso não é jeito de administrar um barco a vapor, isso eu lhe garanto.

York secou suas mãos longas e pálidas cuidadosamente e virou-se. — Era importante. E já vou avisar que posso ter que fazer isso de novo. Você terá que se acostumar com o meu jeito, Abner, e cuidar para que eu não seja questionado.

— Temos carga para entregar e passageiros que pagaram uma passagem, mas não para ficarem à toa em depósitos de lenha. O que eu digo a eles, Joshua?

— Diga o que você quiser. Você é criativo, Abner. Eu entrei com o dinheiro na nossa sociedade. Espero que você entre com as desculpas. — Seu tom era cordial, porém firme. — Se serve de consolo, esta primeira viagem será a pior. Em viagens futuras prevejo poucas excursões desse tipo, talvez nenhuma. Você conseguirá fazer sua viagem recorde sem qualquer problema da minha parte. — Ele sorriu. — Espero que se sinta satisfeito com isso. Controle sua impaciência, amigo. Nós vamos chegar a New Orleans e então as coisas serão mais fáceis. Consegue aceitar isso, Abner? Abner? Há algum problema?

Abner Marsh ficara o tempo todo de olhos bem semicerrados, e mal dera ouvidos a York. Ele devia estar com uma cara muito estranha, imaginou. — Não — apressou-se em dizer —, só os dois dias, é só esse o problema. Mas não importa. Não importa em nada. Que seja então como você diz, Joshua.

York assentiu, aparentemente satisfeito. — Eu vou me trocar e pedir ao Toby que me prepare uma refeição, depois subo até a cabine do piloto para aprender mais sobre o seu rio. De quem é o turno hoje à noite?

— Do senhor Framm — respondeu Marsh.

— Que bom — disse York. — O Karl é muito divertido.

— Isso ele é — concordou Marsh. — Desculpe, Joshua. Tenho que descer e cuidar de algumas coisas já que vamos partir agora à noite. — Ele virou as costas de modo abrupto e saiu do camarote. Mas do lado de fora, no calor daquela noite, Abner Marsh apoiou-se pesadamente em sua bengala e pousou os olhos naquela escuridão coalhada de estrelas, tentando tomar pé da coisa que pensara ter visto no camarote.

Se pelo menos sua vista fosse melhor. Se pelo menos York tivesse acendido as duas luminárias em vez de apenas uma. Se ele tivesse pelo menos se atrevido a dar um passo e chegar mais perto. Era difícil de discernir, lá do outro lado, em cima do gaveteiro. Mas Marsh não conseguia tirar isso da cabeça. O pano com o qual York secara as mãos tinha manchas. Manchas escuras. Avermelhadas.

E elas se pareciam demais com manchas de sangue.

9

A bordo do vapor *Fevre Dream*, rio Mississippi, agosto de 1857

Os dias passavam de maneira tediosa enquanto o *Fevre Dream* se arrastava descendo o Mississippi.

Um vapor rápido podia ir de St. Louis a New Orleans e voltar em vinte e oito dias mais ou menos, contando as paradas intermediárias e as atracações, quando demorava uma semana ou mais no cais, carregando ou descarregando, e contando ainda uma cota razoável de atrasos por mau tempo. Mas, no ritmo que o *Fevre Dream* vinha mantendo, ele demoraria um mês só para chegar a New Orleans. Abner Marsh tinha a impressão de que o tempo, o rio e Joshua York estavam todos conspirando para atrasá-lo. Uma neblina cobriu a água durante dois dias, densa e cinza como algodão sujo; Dan Albright navegou através dela por cerca de seis horas, pilotando cuidadosamente o vapor por aquelas paredes sólidas e cambiantes de neblina que se esvaíam e abriam passagem diante dele, deixando Marsh uma pilha de nervos. Se estivesse no controle, Marsh teria atracado no momento em que a neblina se fechou, em vez colocar em risco o *Fevre Dream*, mas ali no rio era o piloto quem decidia essas coisas, não o capitão, e Albright pressionou para seguir adiante. No final, porém, a névoa ficou densa demais até para os padrões do piloto, e eles tiveram que passar um dia e meio num atracadouro perto de Memphis, olhando a água barrenta passar e dar trancos no barco, e ouvindo seu chapinhar distante em meio à neblina. Em uma ocasião, passou uma balsa com um incêndio no convés, e eles ouviram os balseiros gritando na direção deles, gritos vagos e indistintos que ecoaram pelo rio antes que o cinza engolisse tanto a balsa quanto os gritos.

Quando a névoa finalmente subiu o suficiente para que Karl Framm julgasse seguro tentar o rio de novo, eles navegaram por menos de uma hora antes de bater forte num obstáculo quando Framm tentava tomar um atalho incerto para poupar algum tempo. Estivadores, bombeiros e peões de convés espalharam-se pela margem com Hairy Mike supervisionando tudo, e conseguiram fazer o vapor avançar, mas isso levou mais de três horas e depois continuaram se arrastando lentamente, com Albright lá fora, no bote, medindo a profundidade. Por fim, saíram do atalho e entraram em águas boas de novo, mas isso não foi o fim dos problemas. Houve uma tempestade três dias depois; mais de uma vez o *Fevre Dream* precisou tomar o caminho mais longo por causa de troncos esgueirando-se na superfície da água ou de águas rasas nas corredeiras e atalhos do rio. O avançar também era muito lento, as pás mal giravam, enquanto o bote ia sondando a profundidade na frente, tendo adiante o piloto fora de turno, um oficial e uma tripulação escolhida, que iam mergulhando os pesos de chumbo e

gritando de volta os resultados: “Um quarto” ou “Um quarto menos três” ou “Marca três”. Quando não havia névoa, as noites eram escuras e nubladas; o navio, se chegava a andar, fazia-o com cuidado, a um quarto da velocidade ou menos. Proibia-se de fumar na cabine de piloto. Todas as janelas embaixo eram bem fechadas e ficavam com as cortinas puxadas para que o barco não emitisse nenhuma luz e o piloto pudesse enxergar melhor o rio. As margens eram um breu desolador naquelas noites, movendo-se em volta como cadáveres inquietos, desviando-se aqui e ali, de modo que era difícil imaginar onde corria a água profunda, ou mesmo quando é que a água terminava e começava a terra. O rio corria escuro como o pecado, sem a luz da lua ou das estrelas acima dele. Em algumas noites era difícil até vislumbrar o “falcão noturno”, aquele dispositivo náutico na metade do mastro da bandeira, pelo qual os pilotos avaliam suas marcas. Mas Framm e Albright, apesar de bem diferentes, eram ambos pilotos rápidos, e mantiveram o *Fevre Dream* em movimento quando era praticamente impossível fazê-lo. Paravam quando nada conseguia se mover pelo rio, exceto balsas e troncos, um punhado de barcaças e pequenos vapores que praticamente não carregavam nada.

Joshua York prestava-lhes ajuda; toda noite subia até a cabine do piloto para cumprir seu turno como bom aprendiz. — Eu disse a ele, logo de cara, que uma noite como essa não era boa — Framm comentou com Marsh uma vez no jantar. — Eu não posso ensinar-lhe marcas que nem eu consigo ver direito, não é mesmo? Bem, mas esse homem tem os melhores olhos que eu já vi para enxergar no escuro. Às vezes eu juraria que ele consegue enxergar dentro da água, e não faz diferença para ele o quanto ela esteja escura. Fico com ele do lado para lhe mostrar as marcas, e nove entre dez vezes ele consegue vê-las antes de mim. Ontem à noite, se não fosse por ele, eu teria atracado o barco na metade do turno.

Mas York também fazia o barco atrasar. O vapor fez seis paradas a mais por ordem dele, em Greenville, em duas outras cidades menores, num cais particular no Tennessee e duas vezes em depósitos de lenha. Em duas dessas ocasiões ele sumiu a noite inteira. Em Memphis, York não tinha assuntos a tratar em terra, mas em outros lugares ele esticou as paradas de um jeito intolerável. Quando pararam em Helena, ele sumiu a noite toda, e em Napoleon ele os reteve por três dias, ele e Simon, fazendo sabe lá Deus o quê por conta própria. Em Vicksburg foi pior ainda; tiveram que ficar parados por quatro noites até que Joshua York finalmente voltasse para o *Fevre Dream*.

No dia em que partiram de Memphis, o pôr do sol foi especialmente bonito. Alguns fiapos de névoa mais vagarosos ganharam um brilho alaranjado e as nuvens a oeste ficaram de um vermelho fogoso, vivo, até que o próprio céu pareceu arder em chamas. Mas Abner Marsh, sozinho no tombadilho, só tinha olhos para o rio. Não havia outros vapores à vista. A água à frente deles estava tranquila; aqui, o vento criava uma série de ondulações; ali, a corrente fluía em volta dos perigosos troncos escuros de uma árvore tombada, projetados para fora das águas das margens, mas a maior parte do tempo o velho demônio estava plácido. E, conforme o sol descia, a água barrenta ia assumindo um tom avermelhado, um tom que ficava mais intenso, espalhando-se e escurecendo até dar a impressão de que o *Fevre Dream* se movia por um rio de sangue. Então o sol sumiu por trás das árvores e das nuvens, aos poucos o sangue escureceu, ficando marrom como sangue seco, e por fim preto, totalmente preto, preto como um túmulo. Marsh viu os últimos redemoinhos rubros desaparecerem. Não havia estrelas naquela noite. Ele desceu para comer com sangue vagando pela sua mente.

Já haviam se passado vários dias desde New Madrid, e Abner Marsh não fizera nada,

não dissera nada. Mas pensara muito a respeito do que vira, ou a respeito do que não vira, no camarote de Joshua. Ele não podia ter certeza, é claro, de ter visto alguma coisa. Além disso, e se tivesse visto? Quem sabe Joshua houvesse se cortado no bosque… se bem que Marsh tivera o cuidado de olhar de perto as mãos de York na noite seguinte, e não vira nenhum sinal de corte ou crosta de sangue. Talvez tivesse abatido um animal ou se defendido de ladrões; uma dezena de boas razões se apresentavam, mas nenhuma delas se mantinha diante daquele fato simples: o silêncio de Joshua. Se York não tinha nada a esconder, por que fazia tanto segredo das coisas? Quanto mais Abner Marsh pensava nisso, menos ele gostava.

Marsh já vira muito sangue antes; brigas de socos e surras de chicote, duelos e tiroteios. O rio atravessava uma região de escravos e o sangue corria com facilidade entre aqueles que tinham a pele preta. Os estados livres não eram muito melhores. Marsh passara um tempo no sangrento Kansas, vira homens serem queimados e baleados. Servira na milícia do Illinois quando jovem e lutara na guerra dos Falcões Pretos. Ainda sonhava, às vezes, com a batalha de BadAxe, em que a tribo dos falcões pretos foi dizimada, inclusive mulheres e crianças, na hora em que tentavam cruzar o Mississippi para a margem oeste mais segura. Foi um dia sangrento, mas necessário. Os falcões pretos, afinal, haviam se tornado um povo guerreiro e agressivo por todo o Illinois.

Mas o sangue que poderia estar ou não nas mãos de Joshua era de algum modo diferente. Deixava Marsh incomodado, inquieto.

Mesmo assim, lembrava a si mesmo, fizera um trato. Trato era trato para Abner Marsh; um homem tinha que manter os tratos feitos, fossem bons ou ruins, fosse com um padre, com um trapaceiro ou com o próprio diabo. Joshua York mencionara ter inimigos. Marsh relembrou isso, mas os problemas de um homem com seus inimigos eram problemas dele. York havia sido suficientemente justo com Marsh.

Foram essas suas ponderações, e ele tentou tirar o assunto da cabeça de vez.

Mas o Mississippi se transformara em sangue, e havia também cenas de sangue em seus sonhos. A bordo do *Fevre Dream*, o clima começou a ficar tedioso e depressivo. Um foguista imprudente acabou escaldado pelo vapor e teve que ser desembarcado em Napoleon. Um estivador fugiu em Vicksburg, o que era uma loucura, pois se tratava de uma região de escravos e ele era um negro liberto. Começaram a acontecer brigas entre os passageiros do convés. Segundo Jeffers, tudo aquilo era por causa do tédio e do calor abafado, sufocante e úmido de agosto. A ralé fica maluca quando esquenta demais, complementou Hairy Mike. Abner Marsh não estava tão certo assim disso. Parecia quase como se eles estivessem sendo punidos.

O Missouri e o Tennessee sumiram atrás deles, e Marsh foi ficando aflito. Cidades, vilarejos e depósitos de lenha deslizavam por eles, os dias se transformavam em semanas tortuosamente arrastadas e eles perdiam passageiros e carga por causa das longas paradas de York. Marsh foi para terra firme, entrou nos salões e hotéis frequentados pelo pessoal do rio e não gostou dos comentários que ouviu a respeito do seu barco. Entre o pessoal das caldeiras, corria a história de que o *Fevre Dream* era grande e pesado demais e que não era tão rápido assim. Problemas nos motores, dizia outro falatório; parece a ponto de explodir nas caldeiras. Essa era uma fofoca muito ruim; as explosões das caldeiras eram algo muito temido. Um colega de algum barco de New Orleans disse a Marsh em Vicksburg que o *Fevre Dream* era muito bonito, mas que seu capitão era um incompetente do alto-rio que não tinha coragem de

fazê-lo navegar na sua potência máxima. Marsh por pouco não partiu a cabeça do homem. Também se falava mal de York, dele e de seus amigos esquisitos de modos estranhos. O *Fevre Dream* começava a construir uma reputação, com certeza, mas não era uma reputação que agradasse a Abner Marsh.

Quando se aproximavam de Natchez, Marsh já estava no limite.

Faltava uma hora para o anoitecer quando eles avistaram Natchez pela primeira vez a distância, algumas poucas luzes já ardendo naquele rubro entardecer, com sombras cada vez mais longas projetando-se do oeste. Havia feito um dia lindo, a não ser pelo calor. O navio fizera seu melhor tempo desde que saíra de Cairo. O rio tinha um reflexo dourado e o sol cintilava nele como um enfeite de metal polido, despedindo-se do dia com certo alvoroço, ondulando e dançando quando o vento soprava sobre a água. Marsh deitara um pouco à tarde, sentindo o efeito do clima, mas saiu do camarote quando ouviu o som agudo do apito em resposta ao chamado de outro vapor que vinha majestoso e gentil pela água. Conversavam entre eles, Marsh sabia, um barco que descia e outro que subia, decidindo qual iria passar pela direita e qual passaria pela esquerda ao se cruzarem. Isso acontecia umas dez vezes por dia. Mas havia algo na voz do outro barco que chamou sua atenção, o fez pular para fora de seus lençóis suados, e ele apareceu no tombadilho bem a tempo de vê-lo passar; era o *Eclipse*, veloz e soberbo, com o emblema dourado dos chifres entre suas chaminés brilhantes ao sol, seus passageiros acotovelados nos conveses, a fumaça saindo aos rolos e tombando dele. Marsh observou o barco afastar-se rio acima, até que apenas sua fumaça fosse visível, sentindo o tempo todo uma bizarra tensão em suas entranhas.

Quando o *Eclipse* se desvaneceu, como um sonho se desvanece de manhã cedo, Marsh virou-se e viu Natchez à frente. Ouviu o sino soar fazendo sinal de atracar, e ouviu de novo o apito do navio soando.

Uma confusão de vapores enchia o cais, e para além dele duas cidades esperavam pelo *Fevre Dream*. Sobre imponentes e escarpados rochedos, ficava Natchez-on-the-hill, a cidade propriamente dita, com suas ruas largas, árvores e flores, e todas as suas mansões. Cada uma delas tinha seu nome. Monmouth. Linden. Auburn. Ravenna. Concord e Belfast e Windy Hill. Burn. Marsh já estivera em Natchez uma meia dúzia de vezes quando era mais jovem, antes de ser dono de vapores, e fez questão de subir a pé lá em cima para ver todas aquelas casas assobradadas. Eram palacetes incríveis, e Marsh não se sentia muito à vontade lá. As famílias tradicionais que viviam dentro deles faziam pose de reis; frios e arrogantes, tomando seu uísque com hortelã e seu ponche de xerez, gelando seu maldito vinho, divertiam-se apostando corridas em seus cavalos de raça e caçando ursos, duelando por causa da menor afronta com revólveres e facas curvas. Os nababos, como Marsh ouviu que eram apelidados. Eram um grupo muito grã-fino, e cada um daqueles malditos parecia um coronel. Às vezes, davam as caras no desembarque, e então você tinha que convidá-los a subir no seu vapor para um charuto e drinques, não importa como estivessem se comportando.

Mas era um bando curiosamente cego. De suas mansões nos rochedos, os nababos olhavam lá de cima para o rio resplandecente e majestoso, mas de certo modo eram incapazes de ver o que estava bem debaixo do seu nariz.

Pois embaixo das mansões, entre o rio e os rochedos, havia outra cidade: Natchez-under-the-hill. Ali não havia colunas de mármore, nem lindas flores exóticas. As ruas eram de lama e poeira. Bordéis se apinhavam junto à área de desembarque e pela Silver Street, ou

pelo que restava dela. Grande parte da rua desmoronara no rio há vinte anos, as calçadas que restavam estando meio afundadas, cheias de mulheres espalhafatosas e homens jovens perigosos, de olhos frios, insolentes. A Main Street era cheia de bares, salões de bilhar e de jogos; toda noite aquela cidade embaixo de outra cidade fervilhava e se agitava. Brigas, ameaças e sangue, pôquer fraudulento, enterros seguindo pela rua, putas dispostas a fazer qualquer coisa e homens que ficavam sorrindo para você lhe levavam a carteira e rasgavam sua garganta sem perdão — esta era Natchez-under-the-hill. Uísque, sexo, baralho, puteiros, música estridente e gim batizado com água, era assim o jeito dela nesta área junto ao rio. Os barqueiros amavam e odiavam Natchez-under-the-hill e sua irrequieta população de mulheres baratas, cortadores de gargantas, jogadores e negros libertos, mesmo que os homens mais velhos chegassem a jurar que a cidade debaixo dos penhascos não era agora nem de longe a loucura que havia sido quarenta anos atrás, ou mesmo antes do tornado que Deus mandara para purificá-la em 1840. Marsh não sabia nada a respeito disso; para ele, a cidade já era louca o suficiente, e ele passara várias noites memoráveis ali, anos atrás. Mas dessa vez tinha um mau pressentimento a respeito dela.

Em poucas palavras, Marsh alimentara a intenção de passar reto por ela, de subir até a cabine do piloto e dizer a Albright para seguir adiante. Mas eles tinham que desembarcar passageiros, havia frete para descarregar, a tripulação com certeza estava ansiosa por uma noite na fabulosa Natchez, e então Marsh não fez nada em relação aos seus presságios. O *Fevre Dream* aportou e foi amarrado para passar a noite. Aquietaram o navio, abafaram o vapor, deixaram o fogo apagar em suas entranhas, e então sua tripulação transbordou para fora do navio como sangue de uma ferida aberta. Alguns poucos pararam no cais para comprar sorvetes ou frutas de ambulantes negros com seus carrinhos, mas a maioria confluiu direto para a Silver Street em direção às luzes quentes e cintilantes.

Abner Marsh ainda se demorou na varanda do tombadilho até que as estrelas começaram a espiar no céu. Canções vinham deslizando pelas águas das janelas dos bordéis, mas isso não conseguiu deixar seu humor mais leve. Por fim, Joshua York abriu a porta de seu camarote e saiu apressado para a noite. — Está indo para terra, Joshua? — perguntou Marsh.

York sorriu friamente. — Sim, Abner.

— Quanto tempo vai ficar fora desta vez?

Joshua deu de ombros com elegância. — Não sei dizer. Vou voltar assim que puder. Espere por mim.

— Gostaria de acompanhá-lo, Joshua — disse Marsh. — Esta aqui é Natchez. Natchez-under-the-hill. É um lugar violento. A gente não vai poder ficar esperando um mês, enquanto você jaz em alguma sarjeta com a garganta cortada. Deixe-me ir com você, mostrar-lhe a cidade. Sou um homem do rio. Ao contrário de você.

— Não — disse York. — Tenho assuntos a tratar em terra, Abner.

— Somos sócios, não somos? Seus negócios são meus negócios, no que diz respeito ao *Fevre Dream*.

— Meu caro amigo, tenho outros assuntos a tratar além do nosso vapor. Algumas coisas que prescindem de sua ajuda. Coisas que eu preciso resolver sozinho.

— O Simon vai com você, certo?

— Às vezes. Mas é diferente, Abner. Simon e eu compartilhamos… certos interesses que eu e você não compartilhamos.

— Uma vez você mencionou inimigos, Joshua. Se é disso que você vai tratar, ou seja, dar um jeito naqueles que o ofenderam, então me diga. Posso ajudar.

Joshua balançou a cabeça. — Não, Abner. Meus inimigos talvez não sejam seus inimigos.

— Deixe-me decidir isso, Joshua. Você foi justo comigo até aqui. Confie em mim para ser justo com você.

— Não posso — York replicou, lamentando-se. — Abner, temos um trato. Não me faça perguntas, por favor. Agora, se não se importa, deixe-me ir.

Abner Marsh assentiu e moveu-se de lado, abrindo espaço para que Joshua York passasse por ele e começasse a descer a escada. — Joshua — Marsh gritou quando York já estava quase no final da escada. O outro se virou. — Tenha cuidado — disse Marsh. — Natchez às vezes pode ser… sangrenta.

York olhou fixamente para ele por um longo tempo, com aqueles seus olhos tão cinza e inescrutáveis como fumaça. — Sim — disse ele por fim. — Terei cuidado. — E então virou-se e sumiu.

Abner Marsh observou-o afastando-se em terra e desaparecendo em Natchez-under-the-hill, com sua figura esguia lançando longas sombras sob as luminárias fumacentas. Quando Joshua York já estava longe, Marsh virou e subiu até o camarote do capitão. A porta estava trancada, como ele imaginara. Marsh vasculhou seu grande bolso e tirou dele a chave.

Hesitou antes de enfiá-la na fechadura. Mandar fazer duplicatas de chaves e guardá-las no cofre do vapor, isso não era nenhuma traição, apenas simples bom senso. Afinal, havia pessoas que morriam em camarotes trancados e era melhor ter uma chave reserva do que ter que arrombar a porta. Mas usar a chave, isso já era outra história. Afinal, ele fizera um trato. Porém os sócios tinham que confiar um no outro, e, se Joshua York não confiasse nele, como poderia esperar confiança de volta? Decidido, Marsh abriu a porta e entrou no camarote de York.

Dentro, acendeu a lamparina a óleo e trancou a porta de novo. Ficou em pé ali, inseguro por um momento, olhando em volta, imaginando o que será que ele esperava encontrar. O camarote de York era apenas um grande camarote de luxo, com o mesmo aspecto que tinha das outras vezes que Marsh o visitara. Mesmo assim, devia haver algo ali que poderia lhe dizer algo a respeito de York, dar-lhe alguma pista sobre a natureza das peculiaridades de seu sócio.

Marsh foi até a escrivaninha, que parecia ser o local mais adequado para começar, acomodou-se com cuidado na cadeira de York e passou a examinar os jornais. Ele os pegava com cautela, observando a posição de cada um ao deslizá-los para vê-los, de modo que ao sair pudesse deixar tudo do jeito que encontrara. Os jornais eram… bem, eram jornais. Talvez houvesse uns cinquenta em cima da escrivaninha, exemplares novos e atrasados, o *Herald* e o *Tribune* de Nova York, vários jornais de Chicago, todos de St. Louis e New Orleans, jornais de Napoleon e Baton Rouge e Memphis e Greenville e Viscksburg e Bayou Sara, semanários de uma dúzia de pequenas cidades ribeirinhas. A maioria deles estava intacta. Alguns poucos tinham partes recortadas.

Debaixo da pilha de jornais, Marsh encontrou dois livros contábeis com capas de couro. Ele puxou-os devagar, tentando ignorar um frio de nervoso no estômago. Talvez ali York guardasse algum registro ou diário, pensou Marsh, algo que lhe dissesse de onde York

provinha e para onde pretendia ir. Abriu o primeiro livro e franziu o cenho de desapontamento. Nenhum diário. Apenas histórias, cuidadosamente recortadas de jornais e coladas, cada uma com uma etiqueta registrando data e lugar com a letra manuscrita de Joshua.

Marsh leu a história que estava diante dele, de um jornal de Vicksburg, sobre um corpo que havia sido encontrado à beira do rio. A data era de seis meses atrás. Na página ao lado havia dois outros recortes, ambos também de Vicksburg: sobre uma família encontrada morta numa palhoça a trinta quilômetros da cidade, e o outro sobre uma moça negra — provavelmente fugida — descoberta rígida no bosque, morta de causa desconhecida.

Marsh virou as páginas, leu, virou de novo. Depois de um tempo nisso, fechou o primeiro livro e abriu o outro. A mesma coisa. Página após página de corpos, mortes misteriosas, cadáveres descobertos aqui e ali, todos eles organizados por cidade. Marsh fechou os livros, colocou-os de novo no mesmo lugar e tentou refletir. Os jornais sempre publicavam montes de relatos de mortes e assassinatos, mas muitos desses York não se dera ao trabalho de recortar. Por quê? Vasculhou alguns jornais e leu-os até ter certeza. Então Marsh franziu o cenho. Parecia que Joshua não tinha interesse por mortes causadas por tiros de revólver ou brigas de faca, nem por ribeirinhos afogados ou gente morta em explosões de caldeiras ou queimada, ou por apostadores e ladrões enforcados pela lei. As histórias que colecionava eram diferentes. Mortes pelas quais não havia ninguém responsável. Pessoas com a garganta cortada. Corpos todos mutilados e estripados, ou então já apodrecidos demais para que se pudesse saber de que jeito haviam morrido. E também corpos sem marcas evidentes, encontrados mortos sem nenhuma razão aparente, com feridas quase imperceptíveis à primeira vista, íntegros, mas sem sangue. Somando os dois livros, devia haver umas cinquenta ou sessenta histórias, cobrindo nove meses de mortes, todas elas ocorridas pela extensão do baixo Mississippi.

Em suma, Abner Marsh estava com medo, com o coração apertado só de pensar que talvez Joshua estivesse guardando relatos de seus próprios feitos abomináveis. Mas, depois de pensar um momento, viu que isso não poderia ser assim. Alguns deles, talvez, mas em outros casos as datas não batiam; Joshua estivera com ele em St. Louis ou New Albany, ou a bordo do *Fevre Dream*, quando aquelas pessoas tiveram seu horripilante final. Ele não poderia ser o responsável.

Mesmo assim, constatou Marsh, havia um padrão nas paradas que York ordenara para seus sigilosos passeios em terra. Ele estava visitando os locais dessas histórias, um por um. O que estaria procurando? O que… ou quem? Um inimigo? Um inimigo que fizera tudo aquilo, que de alguma forma se movia rio abaixo e rio acima? Neste caso, Joshua estaria do lado do bem. Mas então por que o silêncio, já que o propósito era justo?

Deveria haver mais de um inimigo, pensou Marsh. Não era possível que uma única pessoa fosse responsável por todos os assassinatos daqueles dois livros, e, afinal, Joshua dissera que se tratava de “inimigos”. Além disso, ele voltara de New Madrid com sangue nas mãos, mas isso não encerrara sua busca.

Ele não conseguia achar sentido naquilo.

Marsh começou a vasculhar as gavetas e recessos da escrivaninha de York. Folhas avulsas, papel impresso com um desenho do *Fevre Dream* e o nome da empresa, envelopes, tinta, meia dúzia de penas, um mata-borrão, um mapa do sistema do rio com coisas assinaladas, graxa de sapatos, cera para selar cartas: em suma, nada de útil. Numa gaveta,

encontrou cartas e ficou esperançoso. Mas elas não contavam nada. Duas eram cartas de crédito; as outras, cartas simples de correspondência comercial com agentes de Londres, Nova York, St. Louis e outras cidades. Marsh deparou com uma carta de um banqueiro de St. Louis chamando a atenção de York para a empresa Vapores do Rio Fevre. *Pela sua descrição, acho-a mais adequada aos seus objetivos*, o homem escrevera. *Seu dono é um barqueiro experiente com reputação de honestidade, que dizem ser feio além da conta, mas leal, e que recentemente sofreu reveses que podem torná-lo receptivo à sua oferta*. A carta prosseguia, mas não dizia nada que Marsh já não soubesse.

Recolocando as cartas do jeito que as encontrara, Abner Marsh levantou e andou pelo camarote, procurando algo mais, algo que lhe desse alguma luz. Não encontrou nada; roupa nas gavetas, a bebida de gosto horrível de York no rack de vinhos, ternos dependurados no armário, livros por todo canto. Marsh conferiu os títulos dos volumes ao lado da cama de York; um deles era um livro de poesia de Shelley, o outro uma espécie de livro de medicina do qual Abner mal conseguiu entender uma linha. A alta estante de livros oferecia mais do mesmo; muita ficção e poesia, uma boa quantidade de livros de história, livros sobre medicina, filosofia e ciência natural, um velho e empoeirado volume sobre alquimia e uma prateleira cheia de livros em línguas estrangeiras. Também viu alguns livros sem título, encadernados à mão em couro ricamente trabalhado, com algumas páginas em folhas de ouro. Marsh puxou um deles, esperando que fosse uma agenda ou diário de bordo capaz de responder às suas questões. Mas, se era, não foi capaz de ler; as palavras estavam em alguma espécie de código com caracteres longos e esguios, grotescos, e a caligrafia claramente não era a mesma da escrita ágil de Joshua, e sim uma mais obscura e pequena.

Marsh deu uma última volta pelo camarote, para ter certeza de que não deixara de vasculhar nada, e finalmente decidiu sair, sem ter descoberto muita coisa. Enfiou a chave na fechadura, girou-a com cuidado, apagou a luminária, saiu e trancou de novo a porta. Estava um pouco mais frio lá fora. Marsh percebeu que estava encharcado de suor. Enfiou a chave de novo no bolso do casaco e virou-se para ir embora.

E parou.

A alguns passos dele, viu aquela medonha senhora idosa, Katherine, em pé e olhando para ele com olhos fixos, com uma fria malevolência no olhar. Marsh decidiu ser insolente. Deu um toque no seu quepe. — Boa noite, senhora — disse.

Katherine deu um sorriso lento, uma insinuação de sorriso que fez entortar seu rosto astuto transformando-o numa máscara de júbilo perverso. — Boa noite, senhor capitão — disse ela. Seus dentes, Marsh percebeu, eram amarelos, e muito compridos.

10

New Orleans, agosto de 1857

Depois que Adrienne e Alain partiram no vapor *Cotton Queen* com destino a Baton Rouge e Bayou Sara, Damon Julian decidiu fazer um passeio pelo dique até um café francês que ele conhecia. Sour Billy Tipton andava inquieto ao lado dele, lançando olhares de suspeita a todo mundo que passava. O resto do bando de Julian seguia atrás; Kurt e Cynthia andavam juntos, enquanto Armand vinha por último, com olhar furtivo e constrangido, já morto de sede. Michelle ficara na casa.

Os demais tinham ido embora, dispersos, mandados rio abaixo ou acima num vapor ou outro, por ordens de Julian, à procura de dinheiro, segurança, um novo lugar para se agrupar. Damon Julian havia finalmente se mexido.

A luz do luar sobre o rio era suave e clara como manteiga. As estrelas cintilavam. Ao longo do dique, dezenas de vapores se reuniam perto dos navios a vela com seus altos e orgulhosos mastros e lonas enfurnadas. Negros carregavam algodão, açúcar e farinha de um barco para outro. O ar estava úmido e perfumado, as ruas cheias de gente.

Acharam uma mesa que lhes dava boa visão do movimento e pediram café *au lait* e os doces fritos pelos quais o lugar era famoso. Sour Billy mordeu um dos doces e ficou com pó de açúcar espalhado por toda a sua roupa. Praguejou em voz alta.

Damon Julian riu, uma risada doce como o clarão da lua. — Ah, Billy, como você é engraçado!

Sour Billy odiava que rissem dele mais do que tudo na vida, mas olhou para os olhos escuros de Julian e forçou um sorriso amarelo. — Sim, senhor — disse ele balançando a cabeça pesarosamente.

Julian comeu seu doce sem fazer sujeira, para que o açúcar não embranquecesse seu terno cinza-escuro ou o brilho da sua gravata escarlate. Terminou o doce e bebericou seu café *au lait* enquanto o olhar percorria o dique e olhava à toa para as pessoas que passavam pela rua. — Olhem lá — disse ele, de repente —, aquela mulher debaixo do cipreste. — Os outros olharam. — Não é uma coisa impressionante?

Era uma dama crioula, acompanhada por dois cavalheiros de aspecto intimidador. Damon olhou fixamente para ela como um jovem apaixonado, seu rosto pálido sem rugas e sereno, seu cabelo uma massa de delicados cachos escuros, seus olhos grandes e melancólicos. Mas, mesmo do outro lado da mesa, Sour Billy podia sentir o calor daqueles olhos, e ele estava com medo.

— Ela é refinada — disse Cynthia.

— Tem o cabelo da Valerie — acrescentou Armand.

Kurt sorriu. — Você vai querê-la, Damon?

A mulher e seus acompanhantes foram se afastando deles, passando diante de uma grade de ferro trabalhado. Damon Julian observou-os pensativo. — Não — disse ele por fim, voltando-se de novo para a mesa e bebericando seu café *au lait*. — A noite ainda é uma criança, as ruas estão cheias demais e eu estou cansado. Vamos ficar aqui sentados.

Armand parecia abatido e ansioso. Julian sorriu para ele brevemente e então se inclinou para a frente e pousou uma mão no braço de Armand. — Nós vamos beber antes do anoitecer — disse ele. — Você tem minha palavra.

— Eu sei de um lugar — acrescentou Sour Billy com ar conspirativo —, uma casa realmente elegante, com um bar, poltronas de veludo vermelho, bons drinques. As garotas são todas lindas, vocês vão ver. Você pode arrumar uma delas para passar a noite inteira por uma moeda de ouro de vinte dólares. De manhã, bem… — Ele deu umas risadinhas. — Mas nessa hora a gente já vai estar longe quando eles encontrarem o que encontrarem, e é bem mais barato do que comprar garotas bonitas. Ah, isso é…

Os olhos negros de Damon Julian mostravam diversão. — Billy me faz agir como um avarento — disse ele aos outros —, mas o que é que a gente faria sem ele? — Ele olhou em volta de novo, entediado. — Eu devia vir para a cidade com mais frequência. Quando estamos saciados, perdemos de vista todos os demais prazeres. — Ele suspirou. — Você consegue sentir isso? O ar está cheio disso, Billy!

— Cheio do quê? — disse Sour Billy.

— De vida, Billy. — O sorriso de Julian zombava de Billy, mas este se obrigou a sorrir de volta — De vida, de amor, de erotismo, de comida boa e bons vinhos, de sonhos e esperanças, Billy. Tudo isso em volta de nós. Possibilidades. — Seus olhos brilhavam. — Por que eu deveria perseguir aquela beldade que passou por nós, quando há tantas outras, tantas outras possibilidades? Você pode me dizer?

— Eu… senhor Julian… Eu não…

— Não, Billy, você não, não é mesmo? — Julian riu. — Meus caprichos são vida e morte para esse meu bando, Billy. Se um dia você se tornar um de nós, precisa entender isso. Eu sou prazer. Sou poder. E a essência do que eu sou, do prazer e do poder, está na possibilidade. Minhas próprias possibilidades são vastas, não têm limite, assim como nossos anos não têm limite. Mas eu sou o limite para esse bando, sou o fim de todas as suas esperanças, de todas as suas possibilidades. Você está começando a entender? Saciar a sede vermelha, isso não é nada, qualquer preto velho em seu leito de morte serve para isso. Mas é tão melhor beber dos jovens, dos ricos, dos bonitos, daqueles cujas vidas se estendem à frente deles, cujos dias e noites cintilam e reluzem com promessas! Sangue nada mais é do que sangue, qualquer bicho serve para bebericá-lo, qualquer um *deles*. — Ele fez um gesto lânguido, em direção aos barqueiros no dique, os negros carregando barricas e todas aquelas pessoas ricamente vestidas do Vieux Carré. — Não é o sangue que enobrece, que faz de alguém um mestre. É a *vida*, Billy. Beba da vida deles e a sua se tornará mais longa. Coma da sua carne e a sua ficará mais forte. Banqueteie-se da beleza e torne-se mais belo.

Sour Billy Tipton ouvia com atenção; ele raramente vira Julian num humor tão expansivo. Sentado na escuridão da biblioteca, Julian tendia a se mostrar rude e assustador.

Fora dela, aqui de novo no mundo exterior, ele brilhava, fazendo Sour Billy se lembrar de como Julian era quando chegou com Charles Garoux na fazenda da qual Billy era capataz. Ele comentou isso com Julian.

Julian assentiu. — Sim — disse ele —, a fazenda é segura, mas é na segurança e na saciedade que mora o perigo. — Seus dentes mostraram-se brancos quando ele sorriu. — Charles Garoux — ele relembrou. — Ah, as possibilidades daquele jovem! Ele era bonito à maneira dele, forte, saudável. Cheio de energia, amado por todas as mulheres, admirado pelos demais homens. Até os negros amavam o mestre Charles. Ele teria desfrutado de uma vida maravilhosa! E sua natureza era tão generosa também, era fácil fazer amizade com ele, conseguir sua confiança inabalável desde que o poupássemos do pobre Kurt aqui. — Julian interrompeu a si mesmo com uma gargalhada. — E então, depois que eu passei a ser recebido em sua casa, foi mais fácil ainda me aproximar dele toda noite, e exauri-lo, aos poucos, e então ele começou a parecer doente, à beira da morte. Uma vez, acordou quando eu estava em seu quarto e achou que eu tinha vindo confortá-lo. Inclinei-me sobre a cama dele e ele ergueu os braços e me agarrou, e eu bebi. Ah, a doçura de Charles, toda aquela sua força e beleza!

— O pai dele ficou maluco quando de uma hora para outra ele morreu — Sour Billy acrescentou. Pessoalmente, Billy achou ótimo. Charles Garoux vivia dizendo ao pai que Billy era duro demais com os negros, e pressionava o pai para demiti-lo. Como se você pudesse fazer um negro trabalhar o mínimo que fosse sendo gentil com ele.

— Sim, Garoux ficou louco — disse Julian. — Ainda bem que eu estava lá para confortá-lo em seu pesar. Eu, o melhor amigo do filho dele. Quantas vezes ele me disse, depois, enquanto a gente lamentava a morte dele, que eu havia me transformado numa espécie de quarto filho para ele?

Sour Billy lembrava claramente disso. Julian lidara muito bem com a situação. Os filhos mais novos haviam decepcionado o velho; Jean-Pierre era um bêbado violento e Philip, um fracote que chorou feito mulher no funeral do irmão, mas Damon Julian havia sido uma torre de força masculina. Eles enterraram Charles nos fundos da fazenda, no cemitério da família. Como o terreno era muito úmido naquela parte, ele foi colocado para descansar num grande mausoléu de mármore com uma vitória alada em cima. Ficou muito bem ali, mesmo no calor de agosto. Sour Billy entrara algumas vezes no túmulo nos anos seguintes para beber e urinar em cima do caixão de Charles. Certa vez, arrastou uma moça negra até lá com ele, estapeou-a e possuiu-a umas três ou quatro vezes, só para que o fantasma do velho Charles pudesse ver qual era o jeito certo de tratar os negros.

Charles foi só o começo, Sour Billy relembrou. Seis meses mais tarde, Jean-Pierre saiu para ir atrás de prostitutas e jogar cartas na cidade, e nunca mais voltou do passeio; e não demorou muito para que o pobre e tímido Philip fosse destroçado por alguma espécie de animal do bosque. O velho Garoux ficou arrasado, mas Damon Julian esteve o tempo todo ao lado dele, apoiando. Por fim, Garoux o adotou e escreveu um novo testamento deixando-lhe praticamente tudo o que tinha.

Houve também uma noite, não muito depois disso, que Billy Sour jamais iria esquecer, quando Damon Julian demonstrou o quanto o velho René Garoux estava totalmente sob seu poder. Foi lá em cima no dormitório do velho. Valerie estava lá, e Adrienne e Alain também; todos eles moravam há algum tempo na mansão, já que qualquer amigo de Julian era bem-vindo na casa de Garoux. Eles estavam observando, junto com Sour Billy, enquanto Damon

Julian, em pé ao lado da grande cama em dossel, perfurava o velho homem com seus olhos negros e seu sorriso fácil e lhe contava a verdade, toda a verdade sobre o que havia acontecido a Charles, Jean-Pierre e Philip. Julian usava o anel com o selo de Charles, e Valerie estava com o anel gêmeo numa corrente em volta do pescoço. O dela havia antes pertencido ao falecido Jean-Pierre. Ela não quisera usá-lo. Estava tomada pela sede e queria acabar com o velho Garoux logo, sem muita conversa. Mas Damon Julian silenciou seus protestos com palavras gentis e olhos frios; então ela usou o anel e ficou quieta, só ouvindo.

Depois que Julian terminou sua história, Garoux tremia e seus olhos remelentos ficaram cheios de lágrimas, dor e ódio. E então, assombrosamente, Damon Julian pediu a Sour Billy para passar sua faca ao velho homem. — Ele não está morto ainda, senhor Julian — protestara Billy. — Ele vai cortar seus intestinos fora.

Mas Julian apenas olhou para ele e sorriu, então Sour Billy levou o braço às costas, puxou a faca e colocou-a na mão enrugada, cheia de manchas senis, de Garoux. As mãos do velho tremiam tanto que Billy teve medo de que ele deixasse cair a maldita coisa, mas ele deu um jeito de segurá-la. Damon Julian sentou na beirada da cama. — René — disse ele —, meus amigos estão com sede. — A voz dele era muito calma, muito suave.

Isso foi tudo o que ele precisou dizer. Alain trouxe um copo, de fino cristal entalhado, com o emblema da família, e o velho René Garoux cuidadosamente abriu a veia no seu pulso e encheu o copo com o próprio sangue, vermelho e vaporoso, chorando e tremendo o tempo inteiro. Valerie, Alain e Adrienne passaram o copo de mão em mão, mas deixaram que Damon Julian terminasse de tomá-lo, enquanto Garoux sangrava até a morte na cama.

— Garoux nos fez passar uns bons anos — Kurt comentou. Suas palavras tiraram Sour Billy de suas memórias. — Ricos e seguros, por nossa conta, com a cidade aqui perto sempre que a gente quisesse. Comida, bebida e negros esperando por nós, uma linda garota todo mês.

— Mas acabou — disse Julian, com certa melancolia. — Todas as coisas acabam um dia, Kurt. Você lamenta isso?

— As coisas não são mais como eram — Kurt admitiu. — Pó por toda a parte, a casa apodrecendo, os ratos. Eu não estou ansioso para mudar de novo, Damon. Aqui fora no mundo, nunca estamos seguros. Após uma caçada, há sempre o medo, a ocultação, a fuga. Eu não quero passar por isso de novo.

Julian sorriu sarcasticamente. — É um inconveniente, sem dúvida, mas tem lá seu tempero. Você é jovem, Kurt. Lembre-se, mesmo que eles possam sair perseguindo-o, você é o mestre. Você irá vê-los mortos, e os filhos deles, e os filhos dos filhos deles. A casa de Garoux irá desmoronar em ruínas. Isso não tem importância. Todas essas coisas que a manada constrói acabam em ruínas. Eu vi a própria Roma virar pó. Só nós continuamos. — Ele deu de ombros. — E ainda podemos encontrar outro René Garoux.

— Desde que estejamos junto com você — Cynthia disse ansiosamente. Era uma mulher bonita, baixinha, de olhos castanhos, e se tornara a favorita de Julian desde que ele dispensara Valerie, mas até mesmo Sour Billy podia perceber que ela estava insegura a respeito da posição dela. — É pior quando estamos sozinhos.

— Isso quer dizer que você não quer me abandonar? — perguntou Damon Julian, sorrindo.

— Não — disse ela. — Por favor. — Kurt e Armand também olhavam para ele. Julian começara a mandar embora seus companheiros um mês antes, de maneira bastante repentina.

Valerie foi exilada primeiro, como ela implorara, embora ele a tivesse mandado rio acima não com o problemático Jean, mas com o misterioso e bonito Raymond, que era um homem cruel e forte e — diziam alguns — filho do próprio Julian. Raymond com certeza a manteria em segurança, disse Julian em tom jocoso enquanto Valerie se ajoelhava diante dele naquela noite. Jean foi liberado na noite seguinte e foi embora sozinho, e Sour Billy achou que era o fim dos expurgos. Mas estava enganado. Damon Julian pensou melhor, e então Jorge foi mandado embora uma semana mais tarde, e depois Cara e Vincent, e depois os outros, sozinhos ou aos pares. Agora aqueles que haviam permanecido sabiam que ninguém estava a salvo.

— Ah — disse Julian para Cynthia, divertindo-se. — Bem, agora somos cinco apenas. Se tivermos cuidado e fizermos cada uma dessas belas garotas durar por, digamos, um mês ou dois, bebendo aos pouquinhos, bem, então acredito que podemos durar até o inverno. A essa altura algum dos demais já terá dado notícias, talvez. Vamos ver. Até lá, você pode ficar, querida. E Michelle também, e você, Kurt.

Armand pareceu sentir o golpe. — E eu? — deixou escapar. — Damon, por favor.

— É a sede, Armand? É por isso que você treme? Controle-se. Não me diga que vai sair cortando e rasgando quando arrumarmos essas amigas do Billy. Você sabe que eu não gosto disso. — Seus olhos ficaram apertados. — Eu ainda estou pensando no seu caso, Armand.

Armand baixou os olhos até sua taça vazia.

— Eu vou ficar — anunciou Sour Billy.

— Ah — disse Damon Julian. — É claro. Afinal, Billy, o que faríamos sem você? — Sour Billy Tipton não gostou muito do sorriso que Julian ostentou nessa hora, mas não havia o que fazer em relação a isso.

Um pouco mais tarde, foram para o lugar que Billy prometera mostrar-lhes. A casa ficava fora do Vieux Carré, na parte americana de New Orleans, mas dava para ir a pé. Damon Julian foi na frente, andando pelas estreitas ruas iluminadas a gás, de braço dado com Cynthia, ostentando para si mesmo a sombra de um sorriso, conforme admirava as sacadas de ferro, os portões que davam para pátios internos com seus archotes e suas fontes, as luminárias a gás no alto de postes de ferro. Sour Billy ia guiando-os. Logo chegaram a uma parte mais escura e rústica da cidade, onde os edifícios eram de madeira ou então de uma mistura de cascas de ostra, cimento e areia, caindo aos pedaços. As tubulações de gás não chegavam até ali, embora a cidade já tivesse esse serviço há mais de vinte anos. Nas esquinas, lamparinas a óleo pendiam de pesadas correntes de ferro diagonalmente à rua, suspensas por grandes ganchos embutidos nas paredes dos edifícios. Elas queimavam com uma luz fumacenta e sensual. Julian e Cynthia iam dessas poças de luz para as sombras, e de novo para a luz, e mais uma vez para as sombras. Sour Billy e os outros seguiam atrás.

Três homens saíram de uma ruela e atravessaram o caminho do grupo. Julian ignorou-os, mas um dos homens vislumbrou Sour Billy quando ele passou por uma parte iluminada. — *Você!?* — exclamou ele.

Sour Billy virou o olhar assustado para os três e não disse nada. Eram jovens crioulos, meio bêbados e, portanto, perigosos.

— Eu o conheço, *monsieur* — disse o homem. Ele avançou até Sour Billy, seu rosto escuro inflamado de bebida e raiva. — Se esqueceu de mim? Eu estava com Georges Montreuil no dia em que você o desafiou na Bolsa Francesa.

Sour Billy reconheceu-o. — Bem, bem… — disse ele.

— *Monsieur* Montreuil faleceu em junho, depois de uma noite de jogo em St. Louis — disse o homem rispidamente.

— Lamento muito — disse Sour Billy. — Imagino que deve ter ganhado muito dinheiro e foi roubado, para infelicidade dele.

— Ele perdeu, *monsieur*. Ele vinha perdendo regularmente há várias semanas. Não tinha nada que valesse a pena roubar. Não acho que tenha sido roubo. Penso que foi o senhor. Ele vinha perguntando a seu respeito. Tinha intenção de tratá-lo como o lixo que o senhor é. O senhor não é um cavalheiro, *monsieur*; se fosse, eu o desafiaria. Mas se ousar dar as caras no Vieux Carré de novo, tem minha palavra de que irei chicoteá-lo pelas ruas como um negro. Ouviu bem?

— Ouvi — disse Sour Billy. E deu uma cusparada na bota do homem.

O crioulo praguejou e seu rosto ficou pálido de fúria. Ele deu um passo à frente e tentou agarrar Sour Billy, mas Damon Julian ficou entre os dois e deteve o homem com uma mão contra o peito dele. — *Monsieur* — disse Julian, numa voz que parecia de vinho com mel. O homem parou, confuso. — Posso lhe assegurar que Tipton não fez nenhum mal ao seu amigo, senhor.

— Quem é você? — Mesmo meio bêbado, o crioulo claramente reconheceu que Julian era um tipo de pessoa diferente de Sour Billy; as roupas finas, os traços do rosto, a voz mais culta, tudo indicava tratar-se de um cavalheiro. Os olhos de Julian cintilaram perigosamente à luz da luminária.

— Sou o patrão do senhor Tipton — disse Julian. — Que tal discutirmos esse assunto em outro lugar que não seja a via pública? Sei de um lugar logo adiante onde podemos nos sentar sob a luz da lua e tomar uns drinques enquanto conversamos. O senhor me permite oferecer algo ao senhor e seus amigos para beberem?

Um dos outros crioulos juntou-se ao seu amigo. — Vamos ver o que ele tem a dizer, Richard.

Relutante, o homem aceitou. — Billy — disse Damon Julian —, mostre-nos o caminho. — Sour Billy Tipton suprimiu um sorriso, assentiu e conduziu-os. Uma quadra adiante viraram em uma ruela e seguiram por ela até um pátio escuro. Sour Billy sentou na borda de uma fonte de água, toda cheia de lixo. A água chegou a molhar os fundilhos de sua calça, mas ele nem ligou.

— Que lugar é esse? — perguntou o amigo de Montreuil. — Isso aqui não é um bar!

— Bem — disse Sour Billy Tipton —, devo ter entrado na ruela errada. — Os outros crioulos também haviam entrado no pátio, seguidos pelo resto do grupo de Julian. Kurt e Cynthia pararam na entrada da ruela. Armand chegou mais perto da fonte.

— Não estou gostando — disse um dos homens.

— O que significa isso?

— O que significa? — perguntou Damon Julian. — Bem, um pátio escuro, à luz do luar, uma fonte. Seu amigo Montreuil morreu num lugar exatamente como este, *monsieur*. Não aqui, mas em um muito parecido. Não, não olhe para o Billy. Ele não tem culpa de nada. Se estão querendo briga, então a coisa é comigo.

— Com você? — disse o amigo de Montreuil. — Como queira. Permita que me retire um momento. Meus companheiros vão atuar como meus segundos.

— Certamente — disse Julian. O homem afastou-se, conversando rapidamente com seus

dois companheiros. Um deles deu um passo adiante. Sour Billy levantou da borda da fonte e foi até ele.

— Eu sou o segundo do senhor Julian — disse Sour Billy. — Quer discutir as condições?

— Você não é um segundo apropriado — o homem começou a dizer. Ele tinha um rosto comprido, bonito, e cabelo castanho-escuro.

— Condições — repetiu Sour Billy. Sua mão foi até as costas. — Quanto a mim, prefiro facas.

O homem deu um pequeno grunhido e cambaleou para trás. Olhou para baixo aterrorizado. A faca de Sour Billy estava enterrada até o cabo no seu ventre, e uma mancha vermelha espalhava-se lentamente por sua roupa. — Meu Deus — o homem gritou.

— Esse é o meu jeito — continuou Sour Billy. — E não sou um cavalheiro, senhor, nem um segundo apropriado. As facas tampouco são armas adequadas. — O homem caiu de joelhos; seus amigos de repente perceberam o que estava acontecendo e avançaram alarmados. — Já o senhor Julian tem ideias diferentes. Sua arma — Billy sorriu — são os dentes.

Julian pegou o amigo de Montreuil, o tal chamado Richard. O outro se virou para fugir correndo. Cynthia abraçou-o na ruela e deu-lhe um demorado beijo molhado. Ele se debateu e contorceu, mas não conseguiu se desvencilhar do abraço dela. As mãos pálidas da mulher roçaram a parte de trás do pescoço dele, e unhas compridas, afiadas e finas como navalhas penetraram nas suas veias. Sua boca e sua língua sufocaram o grito dele.

Sour Billy puxou de volta sua faca enquanto Armand se inclinava para atender à sua chorosa vítima. À luz do luar, o sangue que escorria pela lâmina parecia quase preto. Billy começou a lavá-la na água da fonte e então hesitou. Levou depois a faca até os lábios e experimentou lamber a parte plana. Fez uma careta. O gosto era horrível, nem de longe parecido com o que imaginara. Mesmo assim, isso iria mudar quando Julian o renovasse, ele sabia disso.

Sour Billy lavou sua faca e guardou-a na bainha de novo. Damon Julian já passara Richard para Kurt, e estava em pé, solitário, olhando para a lua. Sour Billy chegou perto dele. — Poupamos algum dinheiro — disse ele.

Julian sorriu.

11

A bordo do vapor *Fevre Dream*, Natchez, agosto de 1857

Para Abner Marsh, aquela noite parecia interminável. Ele fez um pequeno lanche para tranquilizar seu estômago e aquietar seus medos, e logo depois se retirou para o seu camarote, mas o sono não veio com facilidade. Ficou horas deitado olhando para as sombras, a mente inquieta, os pensamentos numa confusão de suspeitas, raiva e culpa. Debaixo dos finos lençóis engomados, Marsh suava feito um condenado. Quando conseguiu pegar no sono, ficou revirando na cama e acordando a toda hora, tendo sonhos excitados, furtivos, incoerentes, com sangue, vapores incendiados, dentes amarelos e Joshua Anton York, em pé, pálido e frio, sob uma luz escarlate, com febre e morte em seus olhos irados.

O dia seguinte foi o mais longo que Abner Marsh já vivera. Todos os seus pensamentos davam voltas e voltas e paravam no mesmo lugar. Lá pelo meio-dia, ele soube o que devia fazer. Fora flagrado, isso não tinha mais remédio. Precisava admitir o fato e discuti-lo às claras com Joshua. Se isso significasse o fim de sua sociedade, que assim fosse, embora a ideia de perder seu *Fevre Dream* fizesse Marsh sentir enjoos e um profundo aborrecimento, deixando-o tão desesperado como no dia em que os blocos de gelo destruíram seus vapores. Seria o seu fim, Marsh pensou, e talvez fosse isso mesmo o que merecesse por ter traído a confiança de Joshua. Mas as coisas não podiam prosseguir mais daquele jeito. E Joshua também tinha que ouvir a história dos seus próprios lábios, decidiu Marsh, o que significava que tinha que falar com ele antes que aquela mulher, Katherine, o fizesse.

Ele espalhou então a notícia. — Quero que me avisem imediatamente da chegada dele — disse —; não importa a hora ou o que eu estiver fazendo, venham me avisar. Ouviram? — Então Abner Marsh ficou esperando e procurou obter o consolo que fosse possível com um jantar memorável, com porco assado, feijão-verde, cebola e metade de uma torta de mirtilo para finalizar.

Duas horas antes da meia-noite, um dos tripulantes foi procurá-lo. — O capitão York já voltou, capitão. Trouxe uns amigos com ele. O senhor Jeffers está acomodando-os nos camarotes.

— O Joshua subiu para o camarote dele? — Marsh perguntou. O homem assentiu. Marsh pegou sua bengala e subiu a escada.

Em frente ao camarote de York, hesitou um segundo, jogou seus largos ombros para trás e bateu decidido com o cabo da bengala na porta. Na terceira batida York abriu. — Entre, Abner — disse ele sorrindo. Marsh entrou, fechou a porta e encostou nela, enquanto York

atravessava o cômodo e retomava o que estava fazendo. Estava arrumando uma bandeja de prata e três copos. Pegou então um quarto copo. — Estou feliz por você ter vindo. Trouxe algumas pessoas a bordo que quero que conheça. Elas vão subir para um drinque assim que tiverem se instalado nos camarotes. — York puxou uma garrafa de sua bebida particular do rack de vinhos, pegou seu canivete e arrancou o selo de cera.

— Não precisa se incomodar com isso — disse Marsh bruscamente. — Joshua, precisamos conversar.

York deixou a garrafa em cima da bandeja e virou-se para encarar Marsh. — Sim? A respeito do quê? Você parece perturbado, Abner.

— Eu tenho chaves adicionais de todas as fechaduras deste navio. O senhor Jeffers as guarda para mim no cofre. Quando você foi para Natchez, eu mesmo peguei a chave extra e revistei seu camarote.

Joshua York quase não se moveu, mas, quando ouviu as palavras de Marsh, seus lábios ficaram apertados de leve. Abner Marsh olhou para ele direto nos olhos, como um homem deve fazer numa hora dessas, e sentiu a frieza deles, além da fúria de alguém quando se sente traído. Quase teria preferido que Joshua gritasse com ele, ou mesmo puxasse uma arma, em vez de olhar para ele com aqueles olhos. — Encontrou alguma coisa de interessante? — perguntou York por fim, numa voz quase neutra.

Abner Marsh livrou-se dos olhos cinza de Joshua e bateu sua bengala na escrivaninha. — Seus livros de couro — disse ele. — Cheios de gente morta.

York não disse nada. Deu uma breve olhada para a escrivaninha, franziu o cenho, sentou numa das poltronas e se serviu de uma dose de sua bebida densa e intragável. Bebericou e só então fez um gesto para Marsh. — Sente-se — propôs. Quando Marsh estava sentado à sua frente, York fez um último adendo. — Por quê?

— Por quê? — repetiu Marsh, um pouco irritado. — Talvez porque eu esteja cansado de ter um sócio que não me conta nada, que não confia em mim.

— Nós tínhamos um trato.

— Eu sei disso, Joshua. E eu sinto muito, se é que isso ainda lhe importa. Sinto muito ter feito isso, e sinto mais ainda por ter sido flagrado. — Deu um meio sorriso pesaroso. — A tal Katherine me viu sair. Ela vai comentar com você. Veja, eu deveria ter vindo falar direto com você, contar-lhe o que estava me corroendo. Estou fazendo isso agora. Talvez seja tarde demais, mas cá estou, Joshua; eu amo esse nosso barco mais do que qualquer coisa, e o dia em que tirarmos os chifres do *Eclipse* será o dia mais maravilhoso da minha vida. Mas andei pensando, e sei que tenho que abrir mão desse dia e desse vapor, que é melhor isso do que continuar como estamos. O rio está cheio de patifes, trapaceiros, pregadores da Bíblia, de abolicionistas e republicanos, e de todo tipo de gente esquisita, mas você é o mais esquisito de todos eles, isso eu garanto. Não me importo com seus horários noturnos, eles não me incomodam nem um pouco. Livros cheios de gente morta, bem, isso já é outra história, mas não é da conta de ninguém o que um homem gosta de ler e recortar. Bem, conheci um piloto do *Grand Turk* que colecionava livros que fariam o próprio Karl Framm ficar vermelho de vergonha. Mas essas suas paradas, esses passeios que você faz sozinho, é isso o que eu não posso mais suportar. Você está *atrasando meu vapor*, seu maldito, está arruinando nosso nome antes que a gente possa sequer começar a construí-lo. E Joshua, isso não é tudo. Vi você na noite em que voltou de New Madrid. Você tinha sangue nas mãos. Negue se quiser. Amaldiçoe

minha pessoa se tiver vontade. Mas eu vi. Você tinha sangue nas mãos, não tem como negar.

Joshua tomou um longo gole da bebida e franziu o cenho, enquanto enchia de novo seu copo. Quando olhou para Marsh, o gelo havia derretido nos seus olhos. Ele olhou pensativo. — Está propondo que a gente dissolva nossa sociedade? — ele perguntou.

Marsh sentiu como se uma mula tivesse lhe dado um coice no estômago. — Se quiser, tem esse direito. Não tenho dinheiro para comprar sua parte agora, é claro. Mas você ficaria com o *Fevre Dream* e eu poderia manter meu *Eli Reynolds* até conseguir algum lucro com ele e ir lhe mandando um pouco de dinheiro conforme fosse entrando.

— É desse jeito que você prefere fazer as coisas?

Marsh olhou feio para ele.

— Dane-se você, Joshua, você sabe que não.

— Abner — York disse —, eu preciso de você. Não posso dar conta do *Fevre Dream* sozinho. Estou aprendendo um pouco de pilotagem e fiquei um pouco mais familiarizado com o rio e seus segredos, mas nós dois sabemos que eu não sou um barqueiro. Se você for embora, metade da tripulação irá com você. O senhor Jeffers, o senhor Blake e o Hairy Mike com certeza e, sem dúvida, outros irão também. Eles são leais a você.

— Posso ordenar que fiquem com você — retrucou Marsh.

— Prefiro que você fique. Se eu concordar em ignorar sua transgressão, acha que poderíamos continuar como antes?

O nó na garganta de Abner Marsh era tão apertado que ele achou que ia sufocar. Ele engoliu e disse a coisa mais dura que já dissera desde que viera ao mundo: — Não.

— Entendo — disse Joshua.

— Eu tenho que confiar no meu sócio — disse Marsh. — E ele precisa confiar em mim. Se você falar comigo, Joshua, se me contar do que se trata tudo isso, você terá um sócio.

Joshua York fez uma careta e bebericou lentamente seu drinque, refletindo. — Você não vai acreditar em mim — disse ele por fim. — É uma história mais bizarra do que qualquer uma dessas que o senhor Framm vive contando.

— Experimente me contar. Não vai fazer mal nenhum.

— Ah, mas pode fazer, Abner, pode fazer. — A voz de York era séria. Ele tirou os óculos e foi até a estante de livros. — Quando você procurou — disse ele —, deu uma olhada nos meus livros?

— Sim — admitiu Marsh.

York puxou um dos volumes sem título, encapados em couro, voltou à sua poltrona e abriu numa página cheia de caracteres ininteligíveis. — Se você tivesse conseguido ler — disse ele —, este livro aqui e os outros da série, teria ficado claro.

— Eu dei uma olhada. E não faziam sentido.

— É claro que não — disse York. — Abner, o que eu estou para lhe contar pode ser difícil de você aceitar. Mas, quer você aceite ou não, não é algo que deva ser repetido fora dos limites desse camarote. Isso está claro?

— Sim.

York arregalou os olhos. — Eu quero ter certeza desta vez, Abner. Isso está claro *mesmo*?

— Eu já disse que sim, Joshua — Marsh resmungou, ofendido.

— Muito bem — disse Joshua. Ele colocou o dedo na página. — Este código tem uma

chave relativamente simples, Abner; para decifrá-lo, você precisa primeiro saber que a língua de base é um dialeto primitivo do russo, que não é falado há várias centenas de anos. Os documentos originais transcritos neste volume eram muito, muito antigos. Eles contam a história de algumas pessoas que viveram e morreram na área ao norte do mar Cáspio há vários séculos. — Ele fez uma pausa. — Desculpe. Não eram pessoas. O russo não é uma das línguas que eu domine bem, mas acho que o termo mais adequado é *odoroten*.

— O quê? — disse Marsh.

— É apenas uma palavra, claro. Outras línguas têm outros nomes. *Kr'vnik, védomec, wieszczy, vilkakis* e *vrkolák* também, embora esses dois últimos termos tenham sentidos um pouco diferentes dos demais.

— Não estou entendendo nada — disse Marsh, embora algumas das palavras que Joshua pronunciava parecessem familiares, soando vagamente como a algaravia que Smith e Brown viviam pronunciando.

— Não vou nem lhe dar os nomes africanos disso, então — disse Joshua —, nem os asiáticos, ou quaisquer outros. Por acaso *nosferatu* tem algum sentido para você?

Marsh olhou para ele sem entender.

Joshua York suspirou. — E que tal *vampiro*?

Esse Abner Marsh conhecia. — Que tipo de história você está tentando me contar? — disse ele em tom áspero.

— Uma história de vampiros — disse York com um tímido sorriso. — Com certeza você já ouviu essas histórias antes. Mortos-vivos, imortais, seres que vagam pela noite, criaturas sem alma, danadas ou eternamente errantes. Dormem em ataúdes preenchidos com sua terra natal, evitam a luz do dia e a cruz e toda noite levantam e bebem o sangue dos vivos. Também mudam de aparência, são capazes de assumir a forma de um morcego ou um lobo. Alguns, que utilizam com frequência a forma do lobo, são chamados de lobisomens e pensava-se que fossem uma espécie totalmente diferente, mas isso é um equívoco. São duas faces de uma mesma moeda, Abner. Vampiros podem também virar névoa e suas vítimas se tornam também vampiros. É de admirar que, multiplicando-se desse jeito, os vampiros não tenham tomado totalmente o lugar dos homens. Ainda bem que eles têm fraquezas, além do seu vasto poder. Embora sua força seja assustadora, não podem entrar em uma casa sem terem sido convidados, seja como humanos, como animais ou como névoa. Mas exercem um grande magnetismo animal, aquela força a respeito da qual Mesmer escreveu, e muitas vezes persuadem suas vítimas a convidá-los a entrar. Mas uma cruz faz com que fujam, o alho pode barrá-los e eles são incapazes de atravessar água corrente. Embora se pareçam muito com você e comigo, não têm alma e, portanto, não são refletidos por espelhos. A água benta consegue queimá-los, a prata é um anátema para eles, a luz do dia consegue destruílos se o alvorecer alcançá-los longe de seus ataúdes. E ao cortar a cabeça deles e separá-la de seus corpos, ou enfiar uma estaca de madeira em seu coração, podemos livrar o mundo permanentemente de sua presença. — Joshua sentou e pegou sua bebida, deu um gole, sorriu. — Esses são os vampiros, Abner — disse. Deu um tapinha no livro com o indicador. — Essa é a história de alguns deles. Eles são reais. Antigos, eternos e reais. Foi um *odoroten* do século dezesseis que escreveu este livro, a respeito daqueles que viveram antes dele. Um vampiro.

Abner Marsh não disse nada.

— Você não acredita em mim — disse Joshua York.

— Não é fácil — admitiu Marsh. Cofiou os ásperos fios de sua barba. Havia outras coisas que ele não dissera. A conversa de Joshua sobre vampiros não o incomodava tanto quanto a sua inquietação em relação a como Joshua se encaixava nisso. — Não vamos nos preocupar se eu acredito nisso ou não — disse Marsh. — Se sou capaz de engolir as histórias do senhor Framm, posso pelo menos ouvir as suas. Vá em frente.

Joshua sorriu. — Você é um homem inteligente, Abner. Deve ser capaz de imaginar as coisas você mesmo.

— Não me acho tão inteligente assim — disse Marsh. — Conte.

York bebericou, deu de ombros. — Eles são meus inimigos. São reais, Abner, e estão aqui, ao longo do rio todo. Por meio de livros como esses, de pesquisa nos jornais, por meio de muito trabalho árduo, consegui rastreá-los desde as montanhas da Europa do Leste, das florestas dos alemães e dos poloneses, das estepes da Rússia. Aqui. Vieram para o seu vale do Mississippi, para o novo mundo. Eu os conheço, venho trazer um fim para eles, para todas as coisas que eles têm sido. — Ele sorriu. — Agora você compreende meus livros, Abner? E o sangue nas minhas mãos?

Abner Marsh refletiu sobre isso por um momento antes de responder. Finalmente disse: — Eu lembro que você quis espelhos por todo o grande salão em vez de quadros a óleo e coisas assim. Era… como proteção?

— Exatamente. E prata. Alguma vez você viu um vapor com tanta prata assim?

— Não.

— E, é claro, temos o rio. O velho demônio do rio. O Mississippi. Água corrente como o mundo jamais viu! O *Fevre Dream* é um santuário. Eu posso caçá-los, como vê, mas eles não podem chegar perto da gente.

— Estou surpreso que não tenha pedido ao Toby para temperar tudo com bastante alho — disse Marsh.

— Pensei nisso — disse Joshua. — Mas eu não gosto de alho.

Marsh ruminou tudo aquilo. — Vamos dizer que eu acredito — disse. — Não estou afirmando que acredito, mas, só por amor à discussão, vamos dizer que eu concordo. Ainda assim, há algumas coisas que me incomodam. Por que não me contou isso antes?

— Se eu tivesse lhe contado isso na Planter's House, você nunca teria aceitado que eu comprasse sua empresa. Eu preciso poder ir aonde eu tiver que ir.

— E por que você só sai à noite?

— *Eles* vagam à noite. É mais fácil encontrá-los quando saem por aí do que quando estão seguros em seus santuários, escondidos. Conheço os hábitos daqueles que eu caço. Eu sigo os seus horários.

— E esses seus amigos? Simon e os outros?

— Simon é meu sócio há muito tempo. Os outros se juntaram a mim mais recentemente. Eles sabem de tudo, ajudam na minha missão. Como espero que você também ajude, a partir de agora. — Joshua deu uma risadinha. — Não se preocupe, Abner, todos nós somos tão mortais quanto você.

Marsh cofiou a barba. — Deixe-me beber algo — disse ele. Quando York inclinou-se para servi-lo, foi logo avisando: — Não, esse troço aí não, Joshua. Alguma outra coisa. Tem uísque?

York levantou e serviu-lhe um copo de uísque. Marsh esvaziou-o de um só gole. — Não posso dizer que goste de nada disso. Gente morta, beber sangue, toda essa coisa, nunca acreditei em nada disso.

— Abner, este é um jogo perigoso, este que eu estou jogando. Nunca tive intenção de envolver você ou sua tripulação em nada disso. E nunca teria contado a você tudo o que lhe contei, mas você insistiu. Se quiser saltar fora, eu não tenho objeções. Faça como eu lhe disse, dirija o *Fevre Dream* para mim, é tudo o que eu lhe peço. Eu lido com *eles*. Duvida da minha capacidade de fazer isto?

Marsh olhou para a postura ágil de Joshua ali sentado, lembrando-se da intensidade por trás daqueles olhos cinza, da força de seu aperto de mão. — Não.

— Tenho sido honesto em muitas das coisas que eu lhe disse — continuou Joshua. — Esse meu propósito não é minha única obsessão. Amo este vapor tanto quanto você, Abner, e compartilho muitos dos seus sonhos em relação a ele. Quero pilotá-lo, conhecer o rio. Quero estar presente no dia em que superarmos o *Eclipse*. Acredite quando digo que…

Houve uma batida na porta.

Marsh assustou-se. Joshua York sorriu e deu de ombros. — Meus amigos de Natchez vieram tomar um drinque — explicou. — *Um momento!* — disse em voz alta. E baixando a voz, em tom urgente para Marsh: — Pense em tudo o que eu lhe disse, Abner. Podemos conversar mais se você quiser. Mas confie em mim, e não comente isso com ninguém. Não tenho nenhum desejo de envolver os outros.

— Tem minha palavra — disse Marsh. — De qualquer modo, quem é que iria acreditar?

Joshua sorriu. — Você teria a gentileza de abrir a porta para os meus amigos, enquanto eu sirvo umas bebidas para nós? — perguntou ele.

Marsh levantou e abriu a porta. Do lado de fora, um homem e uma mulher conversavam bem baixinho. Por trás deles, Marsh viu a lua entre as chaminés como um enfeite brilhante. Ouviu fragmentos de uma canção obscena vindo de Natchez-under-the-hill, bem ao fundo, a distância. — Entrem, por favor — disse ele.

Os estranhos eram um casal de ótima aparência, como Marsh pôde constatar quando entraram. O homem era jovem, quase um rapaz, bem magro e bonito, cabelo preto, pele clara e lábios grossos e sensuais. Tinha um semblante brutalmente frio em seus olhos negros quando olhou de relance para Marsh. E a mulher… Abner Marsh olhou-a e teve dificuldade para afastar o olhar dela. Era uma verdadeira beldade. Cabelo comprido preto como a meia-noite, pele delicada como uma seda branco-leite, maçãs do rosto proeminentes. Sua cintura era tão fina que Marsh teve vontade de pegá-la para ver se cabiam em suas grandes mãos. Em vez disso, olhou para o rosto dela e descobriu-a olhando fixamente para ele. Tinha olhos incríveis. Marsh jamais vira olhos daquela cor antes; um violeta aveludado, profundo, cheio de promessas. Sentiu como se fosse se afogar naqueles olhos. Faziam-no lembrar a cor que vira uma ou duas vezes no rio, ao crepúsculo, uma estranha quietude violácea vislumbrada apenas por um instante, antes que a escuridão se instalasse de vez. Marsh olhou perplexo para aqueles olhos sem conseguir desviar o olhar, durante um tempo que pareceu eterno, até que a mulher finalmente deu-lhe um sorriso enigmático e virou-se rapidamente.

Joshua enchera quatro copos: um de uísque para Marsh, e, para ele e os outros, sua bebida particular. — Estou encantado em tê-los aqui — disse enquanto servia as bebidas. — Acredito que estão bem acomodados, não?

— Sim — disse o homem, pegando seu copo e olhando para ele como quem hesita. Marsh relembrou da sua experiência com aquela bebida, mas não recriminou nem um pouco a hesitação do rapaz.

— O senhor tem um vapor magnífico, capitão York — a mulher disse com uma voz cálida. — Acho que vou adorar viajar nele.

— Espero que possamos viajar juntos por algum tempo — Joshua respondeu cortesmente. — Quanto ao *Fevre Dream*, estou muito orgulhoso dele, mas seus elogios deviam na verdade ser dirigidos ao meu sócio. — Ele apontou para Marsh com um gesto. — Se me permitem as apresentações, este formidável cavalheiro aqui é o capitão Abner Marsh, meu sócio na Vapores do Rio Fevre e o real mestre do *Fevre Dream*, para dizer a verdade.

A mulher sorriu para Abner de novo, enquanto o homem assentiu com rigidez.

— Abner — York prosseguiu —, gostaria de lhe apresentar o senhor Raymond Ortega, de New Orleans, e sua noiva, miss Valerie Mersault.

— É um grande prazer tê-los a bordo conosco — disse ele, meio desajeitado.

Joshua levantou seu copo. — Um brinde — disse. — A novos inícios!

Eles repetiram aquelas palavras e beberam.

12

A bordo do vapor *Fevre Dream*, rio Mississippi, agosto de 1857

Abner Marsh tinha uma mente não muito diferente do seu corpo. Era grande, ampla no tamanho e na capacidade, abarrotada de todo o tipo de coisas. Era forte também. Quando Abner Marsh segurava alguma coisa na mão, não deixava escapar facilmente, e, quando enfiava algo na cabeça, era difícil esquecer daquilo. Era um homem poderoso, com um cérebro igualmente poderoso, mas corpo e mente compartilhavam ainda outro aspecto: eram pensados. Alguns poderiam até dizer lentos. Marsh não corria, não dançava, não se apressava ou ficava indo de lá para cá confuso; caminhava com passo seguro, digno, que não obstante o conduzia aonde queria ir. E assim era com sua mente. Abner Marsh não era rápido com as palavras ou com os pensamentos, mas estava longe de ser estúpido; ruminava as coisas exaustivamente, só que no ritmo dele.

Quando o *Fevre Dream* partiu de Natchez, Marsh estava apenas começando a refletir sobre a história que arrancara de Joshua York. Quanto mais matutava, mais ficava aflito. É difícil de acreditar, porém a história bizarra de Joshua sobre caçar vampiros, de fato, explicava uma considerável parte dos estranhos afazeres que vinham assolando o *Fevre Dream*. Mas não explicava tudo. A memória lenta, mas tenaz de Abner Marsh continuava trazendo questões e lembranças, que flutuavam por sua cabeça como tocos de madeira no rio, inúteis, mas de qualquer modo um incômodo.

Por exemplo, Simon lambendo mosquitos.

Ou a extraordinária visão noturna de Joshua.

E, principalmente, a grande irritação que ele mostrou daquela vez em que Marsh irrompeu no seu camarote de dia. E ele nem quis sair para vêlos apostar corrida com o *Southerner* à luz do dia. Isso preocupava Marsh bastante. Não havia problema em Joshua justificar seus horários noturnos por conta daquela obsessão por vampiros, mas isso ainda não explicava sua reação naquela tarde. A maioria das pessoas que Abner Marsh conhecia tinha horários normais, diurnos, mas isso não significava que não pudessem pular da cama às três da manhã se algo muito interessante estivesse acontecendo.

Marsh sentiu muita necessidade de falar sobre isso com alguém. Jonathon Jeffers tinha uma cultura livresca dos diabos, e Karl Framm provavelmente conhecia todas as histórias doidas que já houvessem sido contadas naquele rio maluco; qualquer um dos dois com certeza sabia tudo o que era possível saber sobre esses tais vampiros. Só que ele não podia falar com eles. Havia prometido a Joshua e lhe devia isso, portanto não se sentia à vontade para traí-lo

pela segunda vez. Pelo menos, não sem uma boa razão, e até então o que ele tinha eram apenas suspeitas indefinidas.

As suspeitas, porém, definiam-se melhor a cada dia, à medida que o *Fevre Dream* vagava pelo Mississippi. Agora eles navegavam geralmente de dia e atracavam ao anoitecer, partindo de novo na manhã seguinte. Vinha fazendo um tempo melhor do que antes de Natchez, o que encorajou Marsh. Mas havia outras mudanças que o deixavam menos satisfeito.

Marsh não se deu muito bem com os novos amigos de Joshua; constatou em bem pouco tempo que eram tão esquisitos quanto os velhos amigos de Joshua, com os mesmos horários noturnos e tudo. Raymond Ortega causou-lhe a impressão de alguém transtornado, não confiável. Ele não se mantinha dentro do território dos passageiros e vivia aparecendo em lugares que não lhe era permitido estar. Era educado, mas de um jeito arrogante e indolente, e Marsh pegou-lhe aversão.

Valerie era mais simpática, mas quase tão perturbadora quanto, com suas palavras gentis, sorrisos provocantes e aqueles olhos. Não se comportava de modo algum como a noiva de Raymond Ortega. Desde o início mostrou-se, na verdade, amiga de Joshua. Aliás, amiga até demais pelos padrões de Marsh. Aquilo estava fadado a dar confusão. Uma dama correta teria ficado no camarote das mulheres, mas Valerie passava as noites com Joshua no grande salão e, às vezes, fazia passeios pelo deque com ele. Marsh até ouviu um homem comentar que haviam ido até o camarote de Joshua juntos. Ele tentou alertar York sobre a fofoca meio escandalosa que começava a circular, mas Joshua apenas deu de ombros. — Deixe que inventem o escândalo que quiserem, Abner, se é o que querem — disse ele. — Valerie está interessada no nosso barco e tenho o maior prazer em mostrá-lo a ela. Não existe nada entre nós, exceto amizade, você tem minha palavra. — Ele pareceu quase triste quando disse isso. — Eu até desejaria que fosse de outro modo, mas a verdade é essa.

— É melhor ter muito cuidado com aquilo que você deseja — disse Marsh sem meias palavras. — Esse Ortega deve ter suas próprias opiniões sobre o assunto. Ele é de New Orleans, provavelmente um daqueles crioulos. Eles se dispõem a duelar por praticamente qualquer ninharia, Joshua.

Joshua York sorriu. — Não tenho medo do Raymond, mas agradeço pelo aviso, Abner. Agora, por favor, deixe Valerie e eu cuidarmos dos nossos próprios assuntos.

Marsh fez exatamente isso, mas não se sentiu muito à vontade. Tinha certeza de que Ortega iria causar problemas cedo ou tarde, ainda mais quando viu que Valerie Mersault continuou sendo a companhia constante de Joshua durante as noites que se seguiram. A danada da mulher estava deixando-o cego para os perigos que o cercavam, mas não havia nada que Marsh pudesse fazer a respeito.

E isso era apenas o começo. A cada parada, mais estranhos subiam a bordo, e Joshua sempre lhes providenciava camarotes. Uma noite em Bayou Sara, ele e Valerie saíram do *Fevre Dream* e voltaram com um homem pálido e pesado chamado Jean Ardant. Alguns minutos rio abaixo, pararam num depósito de lenha e Ardant desceu para ir buscar um dândi de rosto amarelo chamado Vincent. Em Baton Rouge, mais quatro estranhos subiram a bordo e, em Donaldsonville, mais três.

E depois vieram aqueles jantares. À medida que sua estranha trupe começou a crescer, Joshua York mandou colocar mesas no salão do tombadilho; era lá que ele ceava à meia-noite com seus companheiros, os antigos e os novos. Eles jantavam com os demais no salão

principal, mas essas ceias eram privadas. Esse hábito começou em Bayou Sara. Abner Marsh uma vez insinuou a Joshua que a ideia de uma refeição à meia-noite atiçava sua imaginação, mas nem assim conseguiu ser convidado. Joshua apenas sorriu, e as refeições continuaram, com o número de convidados aumentando a cada noite. Por fim, Marsh foi vencido pela curiosidade e deu um jeito de se aproximar do salão umas duas vezes para dar uma espiada pela janela. Não havia muito o que ver. Apenas algumas pessoas comendo e conversando. As lamparinas a óleo ficavam à meia-luz, as cortinas meio puxadas. Joshua sentava na cabeceira da mesa. Simon à sua direita e Valerie à sua esquerda. Todos bebericavam nos copos aquela bebida intragável de Joshua, e havia várias garrafas dela abertas. Da primeira vez que Marsh andou por ali, Joshua estava falando animadamente e os demais ouviam. Valerie olhava para ele quase com adoração. Da segunda vez que foi lá xeretar, Joshua ouvia Jean Ardant, com uma mão descansando casualmente sobre a mesa. Enquanto Marsh observava a cena, Valerie colocou a mão dela em cima da de Joshua, ele olhou para ela e sorriu com carinho. Valerie retribuiu o sorriso. Abner Marsh imediatamente procurou por Raymond Ortega e murmurou: — Maldita mulher estúpida — e saiu apressado, de cara amarrada.

Marsh tentou achar sentido em tudo aquilo, todas aquelas pessoas esquisitas, aqueles acontecimentos estranhos, tudo o que Joshua York lhe contara sobre vampiros. Não era fácil, e quanto mais ele pensava mais confuso ficava. A biblioteca do *Fevre Dream* não tinha livros sobre vampiros ou coisa parecida, e ele não estava inclinado a entrar furtivamente no camarote de Joshua de novo. Em Baton Rouge, decidiu ir até a cidade e circular por alguns bares na esperança de descobrir alguma coisa. Quando podia, introduzia o assunto dos vampiros na conversa, em geral virando para os seus companheiros de copo e dizendo: — Ei, vocês já ouviram alguma coisa sobre vampiros na região do rio? — Ele achava que isso era mais seguro do que levantar a questão no vapor, onde a simples menção à palavra podia dar margem a falatórios.

Nessas horas, algumas pessoas riam dele ou olhavam-no com estranhamento. Um negro liberto, um sujeito troncudo de cor preto-ferrugem com o nariz quebrado, com quem Marsh conversava numa taberna particularmente esfumaçada, saiu correndo assim que Marsh fez a pergunta. Marsh ainda tentou correr atrás dele, mas foi logo deixado para trás, ofegante. Outros pareciam saber bastante coisa sobre vampiros, embora nenhuma das histórias tivesse qualquer coisa a ver com o Mississippi. Todas aquelas bobagens que ele ouvira da boca de Joshua, sobre cruzes e alho e caixões cheios de terra, ele ouviu de novo, além de outras coisas.

Marsh passou a observar York e seus companheiros de perto no jantar, e depois no salão principal. Vampiros não comem nem bebem, segundo lhe disseram, mas Joshua e os outros bebiam vinho, uísque e conhaque copiosamente, quando não estavam tomando a bebida particular de York, e todos se alegravam muito ao devorar um bom frango ou uma costeleta de porco.

Joshua usava sempre seu anel de prata, que tinha uma safira grande como um olho de pombo, e nenhum deles parecia se incomodar com toda aquela prata do camarote. Todos usavam os talheres de prata certos ao comer, melhor do que a maioria dos tripulantes do *Fevre Dream*.

Quando os candelabros eram acesos à noite, os espelhos por todo o salão principal refletiam intensamente, e uma multidão de imagens elegantemente vestidas ganhava vida de

ambos os lados; essas imagens dançavam, bebiam e jogavam cartas como as pessoas reais no salão. Abner Marsh, noite após noite, descobria-se olhando por esses espelhos. Joshua estava sempre onde deveria estar, sorrindo, gargalhando, deslizando de um espelho para o outro de braço dado com Valerie, falando sobre política com um passageiro, ouvindo as histórias sobre o rio contadas por Framm, tendo conversas privadas com Simon ou com Jean Ardant; toda noite, mil Joshuas Yorks andavam pelo deque acarpetado do *Fevre Dream*, cada um deles vivo e majestoso como todos os demais. Seus amigos também projetavam imagens.

Isso deveria ter sido suficiente, mas a mente lenta e suspicaz de Marsh ainda estava inquieta. Só quando chegaram a Donaldsonville é que ele bolou um plano para acalmar sua inquietude. Foi até a cidade com um cantil e encheu-o de água benta numa igreja de papistas perto do rio. Então chamou de lado o rapaz que servia a ponta da mesa deles e deu-lhe cinquenta centavos. — Encha o copo do capitão York com esta água aqui hoje à noite, entendeu? — Marsh ordenou. — Estou aprontando uma brincadeira com ele.

Durante o jantar, o garçom ficou olhando para York cheio de expectativa, esperando que a brincadeira ficasse engraçada. Mas ficou desapontado. Joshua tomou toda a água benta com a maior facilidade. — Muito bem, seu danado — murmurou Marsh para si mesmo. — Isso com certeza vai resolver o assunto.

Mas não resolveu. Naquela noite Abner Marsh deixou de ir ao salão principal para refletir um pouco. Ele ficou sentado lá em cima no tombadilho por umas duas horas, sozinho, com a cadeira inclinada para trás e seus pés em cima da varanda, quando ouviu o farfalhar de saias na escada.

Valerie deslizou até ficar bem perto dele, sorrindo. — Boa noite, capitão Marsh — disse ela.

Os pés da cadeira de Abner Marsh bateram de novo no convés quando ele tirou as botas da varanda, de cara feia. — Aqui em cima, no tombadilho, não é lugar de passageiros — disse ele, tentando disfarçar seu aborrecimento.

— Estava tão quente lá embaixo… Achei que poderia ser mais fresco aqui.

— Bem, isso é verdade — Marsh replicou sem muita convicção. Ele não sabia muito bem o que dizer em seguida. A verdade era que as mulheres sempre o faziam se sentir meio desconfortável. Elas não tinham lugar no mundo de um barqueiro, e Marsh nunca soubera muito bem como lidar com elas. Mulheres bonitas deixavam-no ainda menos à vontade, e Valerie era tão desconcertante quanto qualquer matrona elegante de New Orleans.

Ela postou-se com uma mão esguia envolvendo de leve um poste entalhado, enquanto olhava para a água ao longe em direção a Donaldsonville. — Vamos chegar a New Orleans amanhã, não é? — perguntou ela.

Marsh ficou em pé, imaginando que talvez não fosse cortês ficar sentado com Valerie em pé ao seu lado. — Sim, madame — disse. — Temos apenas mais algumas horas rio acima; pretendo chegar a todo vapor, por isso não vamos demorar quase nada para chegar.

— Entendo. — Ele virou de repente, e seu rosto pálido, anguloso, estava muito sério quando ela olhou fixamente para ele com seus grandes olhos violeta. — Joshua diz que o senhor é o verdadeiro mestre do *Fevre Dream*. De uma maneira bastante peculiar, ele tem muito respeito pelo senhor. E irá ouvi-lo.

— Somos sócios — disse Marsh.

— Se o seu sócio estivesse em perigo, o senhor o ajudaria?

Abner Marsh amarrou a cara, pensando nas histórias de vampiros que Joshua lhe contara, consciente do quanto Valerie era pálida e linda à luz das estrelas, o quanto seu olhar era profundo. — Joshua sabe que pode contar comigo se estiver em dificuldades — disse Marsh. — Um homem que não ajude seu sócio não é homem coisa nenhuma.

— Meras palavras — disse Valerie zombando, jogando para trás sua densa cabeleira negra. O vento batia em seu cabelo fazendo com que lhe cobrisse o rosto enquanto falava. — Joshua York é um grande homem, um homem forte. Um rei. Ele merece um sócio melhor que o senhor, capitão Marsh.

Abner Marsh sentiu o sangue lhe subir ao rosto. — Sobre que diabos a senhora está falando? — perguntou ele.

Ela sorriu de leve. — O senhor invadiu o camarote dele — disse Valerie.

Marsh de repente se enfureceu. — Ele lhe contou? — disse o capitão. — Maldito seja ele, já tínhamos resolvido isso. E além do mais não é da sua conta, senhora.

— É sim — disse Valerie. — Joshua corre grande perigo. Ele é corajoso e impulsivo. Precisa de ajuda. Quero que o ajude, mas o senhor, capitão Marsh, o senhor só lhe dá palavras.

— Eu não tenho a menor ideia do que está falando, senhora — disse Marsh. — De que tipo de ajuda Joshua precisa? Eu me ofereci para ajudá-lo com esses danados vamp… quer dizer, com alguns problemas que ele vinha tendo, mas ele nem quis saber.

O rosto de Valerie suavizou de repente. — O senhor o ajudaria de verdade? — perguntou ela.

— Ele é o meu maldito sócio.

— Então dê meia-volta no seu vapor, capitão Marsh. Leve-nos embora daqui, leve-nos para Natchez, para St. Louis, não importa. Mas não para New Orleans. Não devemos ir para New Orleans amanhã.

Abner Marsh bufou. — Mas por que raios não devemos ir? — perguntou. Quando Valerie afastou o olhar em vez de responder, ele prosseguiu. — Isto aqui é um vapor, senhora, não é a porcaria de um cavalo que eu possa levar para onde eu bem entender. Temos um horário a cumprir, pessoas que têm de embarcar e desembarcar, frete para descarregar. Precisamos ir para New Orleans. — Ele amarrou a cara. — E como ficaria o Joshua nessa história?

— Ele estaria dormindo no seu camarote ao amanhecer — disse Valerie. — Quando acordasse, já estaríamos seguros, rio acima.

— Joshua é meu sócio — disse Marsh. — Um homem tem que confiar no seu sócio. Eu posso ter xeretado as coisas dele uma vez, mas não vou fazer nada parecido de novo, nem pela senhora nem por ninguém. E não vou dar meia-volta no *Fevre Dream* sem falar com ele. Bem, se o próprio Joshua vier e disser que não quer seguir até New Orleans, raios, talvez a gente possa conversar a respeito. Mas de outro modo, não. A senhora quer que eu vá perguntar a Joshua sobre isso?

— *Não!* — Valerie disse rapidamente, alarmada.

— Mas acho que eu deveria lhe contar de qualquer jeito — disse Marsh. — Ele precisa saber que a senhora está tramando pelas costas dele.

Valerie estendeu a mão e pegou-o pelo braço. — Por favor, não — ela implorou. A pressão de sua mão era forte. — Olhe para mim, capitão Marsh.

Abner Marsh esteve a ponto de dar um passo para trás, mas algo na voz dela o levou a fazer o que ela pedira. Ele olhou dentro daqueles olhos violeta e ficou aprisionado por eles.

— Não é tão ruim assim me olhar, não é mesmo? — disse ela sorrindo. — Já percebi o senhor me olhando antes, capitão. O senhor não consegue tirar os olhos de mim, não é?

A garganta de Marsh estava seca. — Eu…

Valerie jogou seu cabelo de novo para trás num gesto selvagem, vaidoso. — Não é possível que o senhor sonhe apenas com barcos a vapor, capitão Marsh. Esse barco é uma dama fria, uma amante muito pobre. Carne quente é melhor do que madeira e ferro. — Marsh nunca ouvira uma mulher falar daquele jeito antes. Ficou lá em pé estupefato. — Chegue mais perto — disse Valerie, trazendo-o para si, até deixá-lo a centímetros do rosto dela, virado para o alto. — Olhe para mim — disse ela. Ele podia sentir a trêmula calidez dela, tão perto, tão à mão, e os olhos dela eram dois vastos poços de cor violeta, frios, sedosos e sedutores. — O senhor me deseja, capitão — ela sussurrou.

— Não — disse Marsh.

— Ah, sim, o senhor me quer. Posso ver o desejo nos seus olhos.

— Não! — protestou Marsh. — Você é… Joshua…

Valerie riu. Uma risada leve, petulante, sensual, musical. — Não se preocupe com o Joshua. Tome o que deseja. O senhor tem medo, é por isso que resiste tanto. Não tenha medo.

Abner Marsh tremeu violentamente; no fundo da sua mente percebeu com um sobressalto que tremia de desejo sexual. Nunca desejara tanto uma mulher na vida. Mas mesmo assim resistia, lutava contra aquilo, embora os olhos de Valerie o atraíssem para perto dela e o mundo estivesse preenchido pelo seu aroma.

— Leve-me para o seu camarote agora — ela sussurrou. — Sou sua esta noite.

— Tem certeza? — disse Marsh baixinho. Sentiu o suor pingar das sobrancelhas, nublando sua visão. — Não — murmurou. — Não, isso não é…

— Mas pode ser — disse ela. — Tudo o que precisa fazer é prometer.

— Prometer? — Marsh repetiu com voz rouca.

Os olhos cor violeta assentiram, arderam. — Leve-nos embora, para longe de New Orleans. Prometa isso e me terá. Você quer muito isso, posso sentir.

Abner Marsh ergueu suas mãos, agarrando-a pelos ombros. Ele tremia. Seus lábios estavam secos. Ele queria apertá-la contra o seu peito, num abraço forte, deitá-la na cama dele. Mas, em vez disso, conseguiu juntar toda a força que havia nele e afastou-a com um gesto rude. Ela soltou um grito, vacilou e caiu com um joelho apoiado no chão. E Marsh, liberto daqueles olhos, trovejou. — Saia daqui! — gritou. — Saia do meu tombadilho; que demônio de mulher é você? Saia já daqui, você não passa de uma… *saia* já daqui!

Valerie virou seu rosto de novo para ele e seus lábios estavam tensos. — Eu posso fazer com que você… — ela começou a dizer furiosa.

— *Não* — disse Joshua York, firme, tranquilo, atrás dela.

Joshua surgira das sombras tão de repente como se a própria escuridão tivesse adquirido forma humana. Valerie olhou-o perplexa, emitiu um pequeno ruído do fundo da garganta e saiu correndo escada abaixo.

Marsh sentia-se tão exaurido que mal conseguia ficar em pé. — Maldita — murmurou. Puxou um lenço do bolso e limpou o suor da testa. Quando terminou, Joshua olhava-o pacientemente. — Não sei o que viu, Joshua, mas não é o que pode estar pensando.

— Sei exatamente o que foi, Abner — Joshua respondeu. Não parecia estar com raiva. — Fiquei bem próximo o tempo todo. Quando notei que Valerie havia saído do salão, fui procurá-la e ouvi as vozes de vocês dois ao subir a escada.

— Não ouvi você — disse Marsh.

Joshua sorriu. — Posso ser bastante silencioso quando isso atende aos meus propósitos, Abner.

— Essa mulher — disse Marsh. — Ela… ela ofereceu… diabos, ela não passa de uma maldita de uma… — As palavras não saíram. — Ela não é uma dama — concluiu baixinho. — Mande-a embora, Joshua, ela e o Ortega, os dois.

— Não.

— Por que diabos não? — Marsh urrou. — Você ouviu o que ela disse!

— Não faz diferença — disse Joshua calmamente. — O que ouvi só me fez gostar dela ainda mais. Era por mim, Abner. Ela se preocupa comigo mais do que eu imaginava, mais do que eu ousei esperar.

Abner Marsh reagiu furioso. — O que você diz não faz o menor sentido!

Joshua deu um leve sorriso. — Talvez não. Mas isso não é assunto seu, Abner. Deixe Valerie comigo. Ela não vai causar problemas de novo. Ela só estava com medo.

— Com medo de New Orleans — disse Marsh. — De vampiros. Ela sabe.

— Sim, ela sabe.

— Tem certeza de que é capaz de lidar com o que quer que estejamos a ponto de enfrentar? — disse Marsh. — Se quiser, podemos desviar de New Orleans, é só dizer, raios! Valerie acha que…

— E o que você acha, Abner? — perguntou York.

Marsh olhou-o por um longo tempo. Então disse: — Acho que estamos indo para New Orleans — e os dois sorriram.

E assim o *Fevre Dream* entrou em New Orleans na manhã seguinte, com o hábil Dan Albright no timão e Abner Marsh em pé, imponente, na ponte de comando, com seu casaco de capitão e seu quepe novo. O sol ardia quente no céu azul; cada pequeno toco e pedra de recife era assinalado por ondulações douradas sobre a água, o que facilitava a pilotagem e permitiu ao navio fazer um ótimo tempo. O molhe de New Orleans estava congestionado de vapores e de todo tipo de barcos; o rio ganhava vida com a música dos seus apitos e sinos. Marsh apoiou-se em sua bengala e apreciou a grande cidade que se erguia ao longe, ouvindo os avisos do *Fevre Dream* aos demais barcos, com seu sino de atracar e seu apito fogoso e sonoro. Já estivera em New Orleans muitas vezes em seus dias no rio, mas nunca dessa forma, em pé, na ponte de seu próprio vapor, o maior, mais majestoso e mais rápido dos barcos à vista. Ele se sentiu como o senhor da criação.

Mas, depois de atracarem no molhe, havia trabalho a fazer: descarregar frete, comprar mercadorias para a viagem de volta a St. Louis, colocar anúncios nos jornais locais. Marsh decidiu que a empresa precisava providenciar a abertura de um escritório regular ali, então ficou ocupado procurando locais prováveis e fazendo acordos para abrir uma conta de banco e contratar um agente. Naquela noite, jantou no St. Charles Hotel com Jonathon Jeffers e Karl Framm, mas sua mente continuou vagando para bem longe da comida, pelos perigos que pareciam ter deixado Valerie tão assustada, e imaginando o que Joshua York poderia estar fazendo naquela hora. Quando Marsh voltou ao vapor, Joshua estava conversando com seus

companheiros na sala do tombadilho, e nada parecia fora de ordem, embora Valerie — sentada ao lado dele — tivesse um aspecto um pouco taciturno e envergonhado. Marsh foi dormir e tirou tudo aquilo da mente, e nos dias seguintes praticamente não pensou mais no assunto. O *Fevre Dream* mantinha-o muito ocupado de dia, e à noite ele jantava bem na cidade, vangloriava-se do seu vapor bebendo nas tavernas perto do molhe, passeava pelo Vieux Carré admirando as lindas damas crioulas e todos os pátios, fontes e sacadas. New Orleans era tão magnífica quanto ele se lembrava, pensou Marsh de início.

Mas depois, aos poucos, uma inquietação começou a se insinuar nele, uma vaga sensação de que havia algo errado, que o fazia olhar para coisas familiares com novos olhos. O tempo estava bestial; de dia, o calor era opressivo, e o ar ficava denso e úmido assim que deixasse de contar com a brisa fresca do rio. Dia e noite, gases se erguiam, fedorentos, dos esgotos a céu aberto, densos odores putrefatos que flutuavam das águas paradas como algum perfume repulsivo. Não era de admirar que New Orleans fosse afetada com tanta frequência pela febre amarela, pensou Marsh. A cidade vivia cheia de negros libertos e de adoráveis mulatas escuras, claras e mestiças, vestidas com a mesma elegância das mulheres brancas. Mas era também cheia de escravos. Você os via por toda a parte, fazendo pequenos serviços para seus patrões, sentados ou perambulando tristemente em redis de escravos nas ruas Moreau e Common, indo e vindo dos grandes mercados de escravos em longas filas, acorrentados ou limpando as sarjetas. Mesmo ao longo do atracadouro de navios, não havia como não ver os sinais da escravidão; os majestosos vapores com rodas-d'água laterais, que faziam o comércio de New Orleans, estavam sempre levando negros para cima e para baixo do rio, e Abner Marsh os via indo e vindo sempre que voltava ao *Fevre Dream*. Os escravos estavam quase sempre acorrentados, sentados todos juntos, miseravelmente no meio da carga, suando com o calor das fornalhas.

— Eu não gosto nada disso — Marsh queixou-se a Jonathon Jeffers. — Não é *higiênico*. E vou lhe dizer uma coisa, não carrego nenhum deles no *Fevre Dream*. Ninguém vai deixar meu barco fedido com esse tipo de coisa, entendeu?

Jeffers olhou meio torto para ele. — Bem, capitão, se não transportamos escravos, corremos o risco de perder um monte de dinheiro. O senhor soa como um abolicionista.

— Não sou abolicionista coisa nenhuma — disse Marsh já meio esquentado —, mas sei o que estou fazendo. Se um cavalheiro quer trazer um escravo ou dois com ele, como empregados ou coisa do tipo, não há problema. Eles ficam no camarote de passageiros ou dormem no convés, isso não me incomoda. Mas não vamos transportá-los como carga, todos eles acorrentados por algum maldito comerciante.

Na sétima noite em que estavam em New Orleans, Abner Marsh começou a ficar estranhamente enjoado da cidade e ansioso para sair dali. Naquela noite, Joshua York desceu para jantar trazendo na mão alguns mapas do rio. Marsh vira muito pouco seu sócio desde que haviam chegado. — O que está achando de New Orleans? — Marsh perguntou a York assim que ele sentou.

— A cidade é linda — York replicou com uma voz estranhamente perturbada que fez Marsh erguer os olhos do pãozinho no qual passava manteiga. — Não há como não admirar o Vieux Carré. New Orleans é totalmente diferente das outras cidades do rio que eu conheço, quase europeia, e algumas das casas na parte americana são também muito majestosas. Mesmo assim, eu não gosto daqui.

Marsh franziu o cenho. — Por quê?

— Tenho uma impressão ruim, Abner. Essa cidade, o calor, as cores vivas, os cheiros, os escravos, essa New Orleans é muito cheia de vida, mas acho que por dentro está podre e doente. Tudo é muito rico e bonito aqui, a culinária, os costumes, a arquitetura, mas por baixo disso… — Ele balançou a cabeça. — Você vê todos aqueles pátios lindos, cada um com sua bela fonte no meio. E depois vê os carroceiros vendendo água do rio em barris, então conclui que a água da fonte não é boa para beber. Você saboreia os ricos molhos e temperos da comida, e então descobre que os temperos têm a intenção de disfarçar o fato de que a carne está estragando. Você passeia pela rua St. Louis e vê todo aquele mármore e aquela cúpula linda com a luz vazando por ela até o saguão, e então descobre que aquilo é um famoso mercado de escravos, onde humanos são vendidos como gado. Até os cemitérios são bonitos aqui. Não há túmulos simples ou cruzes de madeira, e sim grandes mausoléus de mármore, cada um mais imponente que o outro, com estatuária em cima deles e belos sentimentos poéticos inscritos na pedra. Mas dentro de cada um deles há um cadáver apodrecendo, cheio de larvas e vermes. Eles têm de ficar aprisionados na pedra porque o terreno não é bom para enterrar, e as sepulturas ficam cheias de água. E a pestilência paira sobre esta bela cidade como um véu mortuário. Não, Abner — disse Joshua, com um ar estranho e distante nos seus olhos cinza. — Amo a beleza, mas às vezes uma coisa bonita de se olhar esconde algo deprezível e mau dentro dela. Quanto antes sairmos desta cidade, mais eu vou gostar dela.

— Raios — disse Abner Marsh. — Eu não saberia dizer por quê, mas me sinto exatamente do mesmo jeito. Não fique aflito, podemos sair daqui bem depressa.

Joshua York fez uma careta. — Bom — disse ele —, mas primeiro tenho uma tarefa final a cumprir. — Ele colocou o prato de lado e estendeu na mesa o mapa que trouxera com ele. — Amanhã, ao anoitecer, quero levar o *Fevre Dream* rio abaixo.

— *Rio abaixo?* — disse Marsh atônito. — Raios, não há nada para nós descendo o rio daqui de onde estamos. Algumas fazendas, um monte de cajuns*, pântanos, canais naturais e depois o golfo.

— Veja — disse York. Seu dedo traçou um caminho pelo Mississippi. — Seguimos o rio por aqui, viramos neste canal e seguimos mais ou menos uns dez quilômetros até este ponto. Não vai demorar muito, e podemos voltar na noite seguinte para pegar nossos passageiros com destino a St. Louis. Quero fazer uma breve parada *aqui*. — E indicou o lugar batendo na mesa.

O filé de presunto defumado estava diante dele, mas Abner o ignorou, inclinando-se para ver o que Joshua estava apontando.

— Cypress Landing — ele leu escrito no mapa. — Bem, não conheço esse lugar. — Ele olhou em volta do salão principal, quase todo vazio naquela hora, sem passageiros a bordo. Karl Framm, Whitey Blake e Jack Ely estavam comendo no extremo oposto da mesa. — Senhor Framm — Marsh chamou alto —, venha cá um minuto, por favor. — Quando Framm chegou, Marsh apontou a rota que York havia traçado. — Consegue nos levar rio abaixo e ir até este canal? Ou é pedir demais?

Framm deu de ombros. — Alguns desses canais são bem largos e fundos, outros são difíceis de navegar até mesmo de balsa, imagine em um vapor. Mas provavelmente posso fazer isso. Há atracadouros e fazendas por ali, e outros vapores conseguem chegar lá. Mas a maioria não é tão grande quanto o nosso barco. Eu precisarei ir bem devagar, sem dúvida. Vamos precisar medir a profundidade o tempo todo, e tomar o maior cuidado com tocos e

bancos de areia, e o mais provável é que tenhamos que serrar alguma confusão de galhos de árvores se não quisermos que eles fiquem batendo nas nossas chaminés. — Ele se inclinou para olhar melhor o mapa. — Para onde nós vamos? Eu peguei esse caminho só uma ou duas vezes.

— O lugar se chama Cypress Landing — disse Marsh.

Framm repuxou os lábios pensativo. — Não deve ser tão difícil assim. É onde fica a velha fazenda dos Garoux. Os vapores costumavam ir até lá, para levar batata-doce e açúcar de cana até New Orleans. Mas o Garoux morreu, ele e a família toda, e não se ouviu falar muito de Cypress Landing desde então. Se bem que, estou lembrando agora, havia umas histórias engraçadas a respeito do lugar. Por que estamos indo lá?

— Um assunto pessoal — disse Joshua York. — Cuide apenas de nos levar até lá, senhor Framm. Vamos partir amanhã ao anoitecer.

— O senhor é quem manda, capitão — disse Framm. E voltou à sua refeição.

— Onde raios está o meu leite? — reclamou Abner Marsh. Ele olhou em volta. O garçom, um negro jovem e magro, estava parado junto à porta da cozinha. — Vamos lá, traga meu jantar — gritou Marsh para o rapaz, e ele visivelmente se assustou. Marsh virou-se de novo para York. — Este passeio — disse ele. — Por acaso faz parte daquela coisa que você me contou outro dia?

— Sim — disse York secamente.

— É perigoso? — perguntou Marsh.

Joshua York deu de ombros.

— Não estou gostando nada, nada disso — disse Marsh —, desse negócio de vampiros. — Ele baixou a voz até um cochicho para pronunciar *vampiro*.

— Isso vai terminar logo, Abner. Eu vou fazer uma visita a essa fazenda, resolver alguns negócios, trazer alguns amigos de volta comigo e isso vai encerrar o assunto.

— Deixe-me ir com você — disse Marsh. — Nesses seus negócios. Não estou dizendo que não acredito em você, mas vai ficar muito mais fácil acreditar se eu puder ver um desses… você sabe do que estou falando… com meus próprios olhos.

Joshua olhou para ele. Marsh encarou seu olhar brevemente, mas algo parecia sair dos olhos dele e tocá-lo e, de repente, mesmo sem querer, ele precisou desviar o olhar. Joshua dobrou o mapa do rio. — Não acho que seria prudente — disse ele —, mas vou pensar no caso. Agora, com licença. Tenho coisas a resolver. — Ele se levantou e saiu da mesa.

Marsh observou-o ir embora, sem saber muito bem o que havia acabado de acontecer entre os dois. Finalmente, murmurou: — Dane-se ele — e voltou a dar atenção ao seu filé de presunto defumado.

Horas depois, Abner Marsh recebeu visitas.

Estava em seu camarote, tentando dormir. A batida de leve na porta acordou-o como se fosse uma trovoada, e Marsh sentiu o coração bater forte. Por alguma razão, ficou muito assustado. O camarote estava escuro como breu. — Quem é? — gritou ele. — Dane-se, seja lá quem for.

— Sou eu, capitão, o Toby — veio a resposta quase sussurrada.

O medo de Marsh de repente sumiu e pareceu tolo. Toby Lanyard era a alma mais gentil que já pusera os pés num vapor, e uma das mais submissas. Marsh gritou: — Estou indo — e acendeu uma lamparina junto à sua cama antes de abrir a porta.

Havia dois homens do lado de fora. Toby tinha seus sessenta anos e era careca, a não ser por uma franja de cabelo cor de cinza-ferro em volta de seu crânio preto, o rosto cansado, enrugado e preto como um par de confortáveis botas velhas. Com ele vinha um negro mais jovem, um homem encorpado, pardo, num terno caro. Sob a luz tênue, demorou um pouco para Marsh reconhecer que era Jebediah Freeman, o barbeiro que contratara em Louisville. — Capitão — disse Toby —, queremos falar com o senhor em particular, se possível.

Marsh fez sinal para que entrassem. — Qual o problema, Toby? — ele perguntou fechando a porta.

— Viemos aqui falar em nome dos demais — disse o cozinheiro. — O senhor me conhece há muito tempo, capitão, sabe que eu não mentiria ao senhor.

— Claro que sei — disse Marsh.

— E tampouco fugiria. O senhor me deu liberdade e tudo mais, só por ter cozinhado para o senhor. Mas alguns dos outros negros, os foguistas, esse pessoal, eles não dão ouvidos ao Jeb e a mim quando dizemos que o senhor é um cara ótimo. Eles estão assustados e pensando em fugir. O rapaz que serviu o jantar hoje à noite ouviu o senhor e o capitão York falando de descer até Cypress, e agora está o maior falatório entre eles.

— Mas por quê? — disse Marsh. — Vocês nunca foram lá antes, nenhum de vocês. O que é que tem Cypress Landing de tão assustador para vocês?

— Nada — disse Jeb. — Mas alguns desses negros ouviram falar coisas de lá. Há histórias sobre esse lugar, capitão. Histórias ruins. Todos os negros passam longe dali, por causa das coisas que aconteceram lá. Coisas terríveis, capitão, terríveis mesmo.

— Viemos pedir para vocês não irem lá, capitão — disse Toby. — O senhor sabe que eu nunca vim lhe pedir nada antes.

— Nenhum cozinheiro e nenhum barbeiro vai me dizer onde eu tenho que levar ou não o meu vapor — disse Abner Marsh muito sério. Mas então ele olhou para o rosto de Toby e suavizou a expressão. — Não vai acontecer nada — ele prometeu —, mas, se vocês dois quiserem ficar esperando aqui em New Orleans, não há problema. Não vamos precisar de cozinheiro nem de barbeiro numa viagem curta como essa.

Toby pareceu agradecido, mas disse: — Só que os foguistas…

— Deles eu preciso.

— Eles não vão ficar, capitão, posso garantir.

— Então acho que Hairy Mike terá algumas coisinhas a dizer a respeito disso.

Jeb balançou a cabeça. — Os negros têm muito medo do Hairy Mike, é verdade, mas eles têm mais medo ainda desse lugar onde vocês estão querendo levar a gente. Eles vão fugir, pode ter certeza.

Marsh praguejou. — Seus estúpidos — disse ele. — Bem, não podemos ter vapor no navio sem os foguistas. Mas foi o Joshua que quis fazer esta viagem, não eu. Deem-me alguns minutos para eu me vestir, rapazes, e vamos achar o capitão York e conversar com ele sobre isso.

Os dois negros trocaram olhares, mas não disseram nada.

Joshua York não estava sozinho. Quando Marsh subiu até a porta do camarote do capitão, ouviu a voz do seu sócio, alta e ritmada, vindo lá de dentro. Marsh hesitou, e depois suspirou quando percebeu que Joshua estava lendo poesia em voz alta. Ele martelou a porta com sua bengala e York interrompeu sua leitura e disse-lhes para entrar.

Joshua estava sentado calmamente com um livro no seu colo, o dedo comprido e branco marcando a página, um copo de vinho na mesa ao lado dele. Valerie estava na outra cadeira. Ela levantou o rosto para olhar para Marsh e desviou rápido o olhar em seguida; ela vinha evitando-o desde aquela noite no tombadilho, e Marsh achou até fácil ignorá-la. — Conte a ele do que se trata, Toby — disse Marsh.

Toby pareceu ter muito mais dificuldade para achar as palavras do que tivera com Marsh, mas finalmente conseguiu desembuchar. Quando terminou, ficou em pé olhando para o chão, girando seu velho chapéu amarrotado nas mãos.

Joshua York ficou muito carrancudo. — Do que é que esses homens têm medo? — ele perguntou num tom educado, frio.

— De ir até lá, senhor.

— Dê-lhes minha palavra de que vou protegê-los.

Toby balançou a cabeça. — Capitão York, sem querer desrespeitar o senhor, mas eles, os negros, eles têm medo do senhor também, ainda mais agora que quer que a gente desça até *ali*.

— Eles acham que o senhor é um *deles* — Jeb acrescentou. — Que o senhor e os seus amigos querem atrair a gente até ali, para os outros, como aconteceu antes. Segundo as histórias deles, aquelas pessoas ali não saem durante o dia, e com o senhor acontece a mesma coisa, capitão, exatamente a mesma coisa. É claro, eu e o Toby, a gente sabe das coisas, mas não é assim com eles.

— Diga-lhes que a gente vai pagar o salário em dobro durante o tempo que estivermos lá — disse Marsh.

Toby não olhou, mas balançou a cabeça. — Eles não estão preocupados com dinheiro. Eles vão fugir.

Abner Marsh praguejou. — Joshua, se nem dinheiro nem o Hairy Mike podem fazer com que aceitem ir, eles não irão. Vamos ter que mandar todos embora e contratar outros foguistas, estivadores e esse pessoal todo, mas isso vai levar algum tempo.

Valerie inclinou-se para a frente e colocou sua mão sobre o braço de Joshua York. — Por favor, Joshua — disse ela baixinho. — Ouça esses dois. Isto é um sinal. Não é para a gente ir. Leve-nos de volta para St. Louis. Você prometeu me mostrar St. Louis.

— E vou fazer isso — disse Joshua —, mas não antes de concluir meus negócios. — Ele olhou de cenho franzido para Toby e Jeb. — Eu posso chegar até Cypress Landing por terra sem problemas — disse ele. — Sem dúvida, esse seria o jeito mais simples e rápido de alcançar meus objetivos. Mas isso não me satisfaz, senhores. Ou esse é o meu barco ou não é. Ou eu sou o capitão aqui ou não sou. Não posso ter uma tripulação que não confia em mim. Não posso contar com homens que estão com medo de mim. — Ele colocou o livro de poemas em cima da mesa com uma batida audível, claramente frustrado. — Por acaso eu fiz alguma coisa que o prejudicou, Toby? — perguntou Joshua. — Tratei mal algum dos seus colegas? Fiz alguma coisa para levantar esse tipo de suspeita?

— Não, senhor — disse Toby baixinho.

— Não, você disse. Mas mesmo assim eles vão desertar?

— Sim, capitão, eu receio que sim — disse Toby.

Joshua York assumiu um ar duro, determinado. — E se eu provar que não sou o que estão pensando de mim? — Seus olhos correram de Toby para Jeb. — Se eles todos me virem à luz

do dia, vão confiar em mim?

— *Não* — disse Valerie. Ela parecia horrorizada. — Joshua, você não pode…

— Posso, sim — disse ele —, e vou fazê-lo. E então, Toby?

O cozinheiro levantou a cabeça, olhou nos olhos de York e assentiu bem devagar. — Bem, talvez… se eles virem que o senhor não é…

Joshua examinou os dois negros por um longo tempo. — Muito bem — disse ele por fim. — Então, eu vou comer com vocês amanhã à tarde. Preparem um lugar para mim.

— Era só o que me faltava… — disse Marsh.

13

A bordo do vapor *Fevre Dream*, New Orleans, agosto de 1857

Joshua vestiu seu terno branco para a refeição, e Toby superou-se na cozinha. A notícia já correra, é claro, e praticamente a tripulação inteira do *Fevre Dream* estava a postos. Os garçons, impecáveis em suas jaquetas brancas, deslizavam para cima e para baixo, trazendo da cozinha os pratos daquele banquete de Toby, em grandes travessas fumegantes e tigelas de porcelana fina. Havia sopa de tartaruga, salada de lagosta, caranguejos recheados, timo de vitela com toucinho, torta de ostras, postas de carneiro, tartaruga-de-água-doce, frango frito, nabos, pimentões recheados, rosbife, filés de vitela empanados, batatas-irlandesas, milho-verde, cenouras, alcachofras, favas, uma profusão de pãezinhos, vinho, destilados do bar, leite fresco da cidade, travessas de manteiga fresca e, de sobremesa, pudim de ameixa, torta de limão, ovos nevados e pão de ló com calda de chocolate.

Abner Marsh nunca tivera uma refeição melhor em toda a sua vida. — Raios — disse ele a York. — Gostaria que você comesse mais vezes de dia para podermos comer assim com mais frequência.

Mas Joshua quase não encostou na comida. Na claridade do dia, parecia uma pessoa diferente; um pouco encolhido, menos imponente. Sua pele clara ganhou uma palidez doentia à luz do sol, e Marsh percebeu que ela tinha um tom de giz acinzentado. Os movimentos de York pareciam letárgicos, e às vezes meio espasmódicos, sem a graça e a força que normalmente eram tão características dele. Mas a maior diferença estava nos olhos. Sob a sombra do seu chapéu branco de aba larga, seus olhos pareciam cansados, infinitamente cansados. Suas pupilas haviam encolhido até virar dois minúsculos pontinhos pretos, e o cinza em volta delas era pálido e esmaecido, sem a intensidade que Marsh apreciara com tanta frequência.

Mas ele estava lá, e isso parecia fazer toda a diferença do mundo. Saíra do seu camarote em plena luz do dia, atravessara os conveses abertos, descera a escada e se acomodara para comer, diante de Deus, da tripulação e de todos os demais. Fossem quais fossem as histórias e os temores que seus horários noturnos tivessem despertado, pareciam agora absolutamente tolos com a luz do dia cobrindo Joshua York e seu belo terno branco.

York permaneceu calado a maior parte da refeição, apesar de responder, se bem que de modo bastante acanhado, quando alguém lhe dirigia alguma pergunta, e de contribuir vez ou outra com algum comentário para a conversa que acontecia na mesa. Quando as sobremesas foram servidas, empurrou seu prato de lado e depositou a faca em cima da mesa com um gesto cansado. — Peça ao Toby para vir aqui fora — disse ele.

O cozinheiro apareceu, todo salpicado de farinha e óleo de cozinha. — Gostou da comida, capitão York? — perguntou ele. — O senhor mal encostou nela.

— Estava ótima, Toby. Acho que não tenho muito apetite a essa hora do dia. Mas, de qualquer modo, aqui estou. Acredito ter provado alguma coisa com isso.

— Sim, senhor — disse Toby. — Agora não teremos mais problemas.

— Excelente — disse York. Depois que Toby voltou para a cozinha, York virou-se para Marsh. — Decidi ficar mais um dia — disse ele. — Vamos partir amanhã ao entardecer, não mais hoje à noite.

— Com certeza, Joshua — disse Marsh. — Me passe outro pedaço desta torta, por favor.

York sorriu e atendeu ao pedido.

— Capitão, hoje à noite seria melhor do que amanhã — disse Dan Albright, que palitava os dentes com um pedacinho de osso. — Sinto o cheiro de uma tempestade se aproximando.

— Amanhã — disse York.

Albright deu de ombros.

— Toby e Jeb podem ficar aqui. Na verdade — prosseguiu York —, quero levar apenas o básico para navegar. Quaisquer passageiros que já estiverem embarcados deverão ficar em terra por alguns dias, até a nossa volta. Não vamos levar carga, portanto os estivadores podem ter alguns dias de folga também. Vamos levar apenas um turno de tripulação conosco. É possível?

— Acho que sim — disse Marsh. Ele deu uma olhada ao longo da mesa. Os oficiais estavam todos olhando para Joshua com curiosidade.

— Amanhã ao cair da noite, então — disse York. — Agora, se me dão licença, vou descansar. — Ele levantou, e por um instante pareceu meio desequilibrado. Marsh levantou da mesa imediatamente, mas York manteve-o a distância com um gesto. — Estou ótimo — disse. — Vou me recolher ao camarote agora. Por favor, cuide para que eu não seja perturbado até estarmos prontos para deixar New Orleans.

— Vai descer para jantar à noite? — perguntou Marsh.

— Não — disse York. Seus olhos se movimentaram pelo salão. — Eu realmente acho que prefiro a noite — disse ele. — Lorde Byron tinha razão. O dia é espalhafatoso demais.

— Como? — estranhou Marsh.

— Não lembra? — disse York. — É daquele poema que eu recitei para você nos estaleiros de New Albany. Ele combina com o *Fevre Dream* muito bem. "*Ela, que anda em graça…*"

— "*… como a noite*" — complementou Jeffers, arrumando seus óculos. Abner Marsh olhou para ele impressionado. Jeffers era um demônio no xadrez e nas charadas e até gostava de assistir a peças de teatro, mas Marsh nunca o ouvira recitar poesia antes.

— Você conhece Byron! — disse Joshua encantado, e por um instante pareceu o mesmo de sempre.

— Conheço, sim — admitiu Jeffers, com uma sobrancelha arqueada, olhando para York. — Capitão, está sugerindo que nossos dias estão sendo de "bondade" aqui no *Fevre Dream*? — Ele sorriu. — Bem, isso com certeza seria novidade para Hairy Mike e o senhor Framm aqui.

Hairy Mike soltou uma gargalhada, mas Framm protestou: — Ei, esperem um pouco, ter

três esposas não quer dizer que eu não tenha bondade, e qualquer uma das três pode atestar isso!

— Mas de que droga vocês estão falando, afinal? — interveio Abner Marsh. A maioria dos oficiais e da tripulação parecia tão confusa quanto ele.

Joshua deu um sorriso elusivo.

— O senhor Jeffers está me lembrando da estrofe final do poema de Byron — disse ele. E recitou:

E em sua face e sobrancelhas
Suaves, calmos e eloquentes
Risos afloram, tons cintilam,
Falam de dias de bondade
De uma mente em paz e altaneira
De um peito de amor inocente!

— Somos inocentes, capitão? — perguntou Jeffers.

— Ninguém é totalmente inocente — replicou Joshua York —, mas o poema tem sentido para mim mesmo assim, senhor Jeffers. A noite é de fato bonita, e também podemos esperar e encontrar nela paz e sentimentos nobres no seu esplendor escuro. Muitos homens temem o escuro, mas sem razão.

— Talvez — disse Jeffers. — Mas às vezes ele tem que ser temido.

— Não — disse Joshua York, e com isso deixou-os, interrompendo de modo abrupto a esgrima verbal com Jeffers.

Assim que saiu, outras pessoas começaram também a sair da mesa para ir cumprir suas obrigações, mas Jonathon Jeffers continuou no lugar, perdido em pensamentos, o olhar vagando pelo salão.

Marsh sentou de novo para terminar sua torta. — Senhor Jeffers — disse ele —, já não sei mais o que anda acontecendo com este rio. Malditos poemas. Seja como for, qual é o bem que toda essa conversa elegante pode ter produzido? Se esse tal de Byron de fato tinha algo a dizer, por que ele simplesmente não dizia numa linguagem simples, direta? Responda-me isso.

Jeffers olhou para ele, piscando os olhos. — Desculpe, capitão — disse ele. — Eu estava aqui tentando lembrar de outra coisa. O que foi que disse?

Marsh engoliu outra garfada de torta, deu um gole no café e repetiu a pergunta.

— Bem, capitão — disse Jeffers com um sorriso sem graça —, o principal é que a poesia é uma coisa bonita. O jeito das palavras se encaixarem, os ritmos, as imagens que elas evocam. Os poemas são agradáveis quando ditos em voz alta. As rimas, a musicalidade, o simples jeito que eles soam. — Ele bebericou um pouco do seu café. — É difícil de explicar se você não sente a mesma coisa. Mas é mais ou menos como um barco a vapor, capitão.

— Nunca achei um poema bonito igual a um barco a vapor — disse Marsh rispidamente.

Jeffers deu um sorriso forçado. — Capitão, por que o *Northern Light* tem aquele quadro grande da *Aurora* na casa do leme? O barco não precisa disso. As rodas-d'água girariam igualmente rápido sem o quadro. Por que nossa cabine do piloto e tantas outras são enfeitadas com arabescos, entalhes e decorações; por que todo vapor que mereça seu nome é cheio de madeira de lei, tapetes, pinturas a óleo e ornamentos de carpintaria? Por que nossas chaminés

têm o topo floreado? A fumaça sairia do mesmo jeito se fossem apenas lisas.

Marsh deu um leve arroto e franziu o cenho.

— Os vapores poderiam muito bem ser simples, básicos — concluiu Jeffers —, mas, do jeito que são, ficam mais bonitos de ver, de navegar neles. É a mesma coisa com a poesia, capitão. Um poeta talvez pudesse dizer algo de modo direto, mas, quando ele diz as coisas com rima e métrica, elas ficam mais grandiosas.

— Bem, talvez — disse Marsh, sem muita certeza.

— Aposto que posso encontrar um poema do qual até mesmo o senhor goste — disse Jeffers. — Na verdade, Byron escreveu um. "A destruição de Senaqueribe", é o nome do poema.

— Onde fica esse lugar?

— Não é um lugar, é uma pessoa — corrigiu Jeffers. — É um poema sobre uma guerra, capitão. Ele tem um ritmo maravilhoso. Ele galopa de modo tão eloquente como aquela canção, "Buffalo Gals". — Ele ficou em pé e alisou seu casaco. — Venha comigo, vou lhe mostrar.

Marsh terminou o restinho do seu café, afastou a cadeira da mesa e seguiu Jonathon Jeffers até a biblioteca do *Fevre Dream*. Ao chegar, desabou com vontade numa grande poltrona estofada enquanto o oficial náutico vasculhava as estantes que enchiam a sala até o seu alto teto.

— Aqui está — disse Jeffers por fim, puxando um volume de bom tamanho. — Sabia que a gente devia ter um volume dos poemas do Byron em algum lugar. — Ele folheou as páginas, algumas sequer haviam sido cortadas, e ele as separou com a unha, até que encontrou o que procurava. Então fez pose e leu "A destruição de Senaqueribe".

O poema de fato tinha um ritmo, Marsh teve que admitir, especialmente com Jeffers recitando-o. Mas não era nenhuma "Buffalo Gals". Mesmo assim, ele até que gostou. — Nada mau — admitiu quando Jeffers terminou. — Só não gostei do final. Esses malditos pregadores da Bíblia ficam enfiando o Senhor em tudo quanto é canto.

Jeffers riu. — Lorde Byron não era nenhum pregador da Bíblia, isso eu posso lhe garantir — disse ele. — Na verdade, era um imoral, ou pelo menos era isso que se dizia dele. — Jeffers assumiu um ar pensativo e começou a virar as páginas de novo.

— O que você procura agora?

— O poema que eu estava tentando lembrar na mesa — disse Jeffers. — Byron escreveu outro poema sobre a noite, bem diferente do… ah, aqui está. — Ele olhou a página de cima a baixo e assentiu. — Ouça isto, capitão. O título é "Das trevas". — Ele começou a recitar:

Tive um sonho que em tudo não foi sonho!...
O sol brilhante se apagava: e os astros,
Do eterno espaço na penumbra escura,
Sem raios, e sem trilhos, vagueavam.
A terra fria balouçava cega
E tétrica no espaço ermo de lua.
A manhã ia, vinha… e regressava...
Mas não trazia o dia! Os homens pasmos
Esqueciam no horror dessas ruínas

Suas paixões: e as almas conglobadas
Gelavam-se num grito de egoísmo
Que demandava "luz".

A voz do oficial assumira um tom profundo, sinistro enquanto ele lia; o poema continuou, mais longo que os outros. Marsh logo perdeu o fio da meada, mas as palavras o comoviam mesmo assim, e projetavam no ambiente uma frieza que era, de algum modo, assustadora. Palavras e fragmentos de versos perduravam na sua mente; o poema era cheio de imagens terríveis, de uma oração e um desespero inútil, de loucura e grandes piras funerárias, de guerra, fome e homens que eram como bestas.

Só com sangue
Comprava-se o alimento, e após à parte
Cada um se sentava taciturno,
Pra fartar-se nas trevas infinitas!
Já não havia amor!... O mundo inteiro
Era um só pensamento, e o pensamento
Era a morte sem glória e sem detença!
O estertor da fome apascentava-se
Nas entranhas... Ossada ou carne pútrida
Ressupino, insepulto era o cadáver.
Mordiam-se entre si os moribundos...

E Jeffers continuou lendo, num desfile de imagens perversas, até que por fim concluiu:

Dormiam sobre o abismo, sem que ao menos
Uma vaga na queda alevantassem,
Tinham morrido as vagas! E jaziam
As marés no seu túmulo... Antes dela
A lua que as guiava era já morta!
No estagnado céu murchara o vento;
Esvaíram-se as nuvens. E nas trevas
*Era só trevas o universo inteiro.**

Ele fechou o livro.

— Delírios — disse Marsh. — Parece a fala de um homem acometido de febre.

Jonathon deu um sorriso cansado. — O Senhor nem sequer apareceu no poema. — Ele suspirou. — Byron tinha sentimentos contrastantes em relação às trevas, ao que me parece. Há um toque precioso de inocência nesse poema. Será que o capitão York o conhece?

— É claro que sim — disse Marsh, erguendo-se da poltrona. — Dê-me isso aqui. — Ele estendeu a mão.

Jeffers passou-lhe o livro. — Está se interessando por poesia, capitão?

— Fique tranquilo, não estou, não — Marsh replicou, enfiando o livro no bolso. — Tem

alguma coisa para fazer no seu escritório, Jeffers?

— Com certeza — respondeu o oficial. E foi embora.

Abner Marsh continuou na biblioteca mais uns três ou quatro minutos, com uma sensação muito estranha; o poema tivera um efeito muito perturbador nele. Talvez houvesse, afinal, algo de bom nessa história toda de poesia, pensou ele. Decidiu que daria uma olhada no livro na sua hora de folga e tentaria descobrir por si mesmo.

Marsh tinha, no entanto, seus próprios assuntos para cuidar, e estes o mantiveram ocupado a maior parte da tarde e do começo da noite. Depois, esqueceu completamente do livro no seu bolso. Karl Framm estava descendo para o centro de New Orleans para comer no St. Charles, e Marsh decidiu acompanhá-lo. Era quase meia-noite quando os dois voltaram para o *Fevre Dream*. Ao tirar a roupa no seu camarote, Marsh se deparou de novo com o livro. Colocou-o com cuidado na mesa ao lado da cama, trocou de roupas e acomodou-se para ler o livro à luz de velas.

"Das trevas" parecia ainda mais sinistro à noite, na solidão, à meia-luz de seu pequeno camarote, embora as palavras na página não tivessem o mesmo ar frio e ameaçador que Jeffers lhes imprimira. Mesmo assim, eram perturbadoras. Ele virou algumas páginas e leu "Senaqueribe", "Ela anda em beleza" e alguns outros poemas, mas seus pensamentos continuaram vagando pelo poema "Das trevas". Apesar do calor daquela noite, Abner Marsh sentiu os braços arrepiados.

No frontispício do livro havia um retrato de Byron. Marsh ficou examinando-o. Parecia muito bonito, moreno e sensual como um crioulo. Era fácil entender por que as mulheres iam atrás dele, apesar de ser manco. É claro, era também um nobre. Era o que constava logo abaixo do seu retrato:

GEORGE GORDON, LORDE BYRON 1788-1824

Abner Marsh examinou o rosto de Byron por um tempo e descobriu-se invejando as feições do poeta. A beleza nunca fora uma coisa que ele experimentasse como algo que lhe pertencesse. Se ele sonhava com vapores majestosos e ornamentados, talvez fosse porque lhe faltasse tão notavelmente a beleza. Com seu corpanzil, aquelas verrugas todas, o nariz esmagado, Marsh nunca tivera que se preocupar muito com as mulheres. Quando jovem, navegando em pequenos barcos pelo rio, e mesmo depois que tomou gosto por vapores, Marsh frequentara lugares em Natchez-under-the-hill e New Orleans onde um homem do rio podia encontrar diversão noturna por um preço acessível. E mais tarde, quando a Vapores do Rio Fevre prosperou, havia algumas mulheres em Galena, Dubuque e St. Paul que teriam se casado com ele sem hesitar; viúvas boas, robustas, carrancudas, que sabiam do valor de um homem forte e saudável como ele, com todos aqueles vapores. Mas depois do seu infortúnio elas logo perderam o interesse e, de qualquer modo, elas também não eram o que ele queria. Quando Abner Marsh permitia-se pensar nessas coisas, o que não era frequente, sonhava com mulheres como as damas crioulas de olhos escuros e as alegres mulatas de New Orleans, ágeis, graciosas e vaidosas como os seus barcos a vapor.

Marsh assoprou e apagou sua vela. Tentou dormir, mas teve sonhos agitados e fantasmagóricos; as palavras ecoavam ao longe, assustadoras, nas ruelas escuras da sua mente.

... A manhã ia, vinha... e regressava... Mas não trazia o dia!...
... Pra fartar-se nas trevas infinitas! Já não havia amor!...
... Os homens pasmos esqueciam no horror
dessas ruínas suas paixões
... Só com sangue
Comprava-se o alimento,
... um homem pasmo.

Abner Marsh sentou totalmente ereto na cama, bem acordado, ouvindo os batimentos do seu coração. — Droga — murmurou. Achou um fósforo, acendeu a vela ao lado da cama e abriu o livro de poemas na página que mostrava o retrato de Byron. — Droga — repetiu ele.

Marsh vestiu-se depressa. Sentia necessidade da companhia de alguém arrojado, como Hairy Mike, com seus músculos e sua barra de ferro, ou Jonathon Jeffers e sua bengala com uma espada embutida. Mas isso era uma questão entre ele e Joshua apenas, e dera sua palavra de não falar com ninguém.

Jogou um pouco de água no rosto, pegou sua bengala de nogueira e foi para o convés, desejando que houvesse um pregador a bordo ou mesmo uma cruz. O livro de poemas estava em seu bolso. Na outra ponta do cais havia outro barco soltando vapor e carregando; Marsh podia ouvir seus estivadores entoando um canto lento e melancólico enquanto levavam a carga pelas pranchas de embarque.

Na porta do camarote de Joshua, Abner Marsh ergueu sua bengala para bater, mas hesitou, ficando de repente cheio de dúvidas. Joshua dera ordens de não ser perturbado. Joshua ficaria profundamente contrariado com o que Marsh tinha a lhe dizer. Aquilo tudo era uma bobagem, aquele poema simplesmente o deixara infestado de sonhos ruins, ou talvez tivesse sido alguma coisa que ele comera. Mesmo assim, mesmo assim…

Ele ainda estava lá em pé, pensando, com a testa franzida, a bengala erguida, quando de surpresa a porta do camarote abriu-se silenciosamente.

Estava escuro como dentro do ventre de uma vaca. A lua e as estrelas projetavam um pouco de luz porta adentro, mas um pouco à frente já era um negror de veludo preto. Alguns passos adiante uma figura permanecia nas sombras. A lua tocava pés descalços, e a vaga forma do homem podia ser tenuemente sentida. — Entre, Abner — disse a voz vinda do escuro. Joshua falava num sussurro rascante.

Abner Marsh parou logo depois do limiar da porta.

A sombra se moveu e, de repente, a porta estava fechada. Marsh ouviu o trinco ser passado. Estava absolutamente escuro. Não dava para ver nada. Uma mão poderosa agarrou-o firme pelo braço e o fez avançar. Depois ele foi empurrado para trás e teve um instante de medo, até sentir uma poltrona atrás dele.

Ouviu um ruído de movimento no escuro. Marsh olhou em volta, cego, tentando imaginar algo naquela escuridão. — Eu não bati — ele ouviu sua própria voz dizer.

— Não — veio a resposta de Joshua. — Mas eu ouvi você chegar. E estava esperando por você, Abner.

— Ele comentou que você viria — disse outra voz, vinda de outro canto da escuridão. Uma voz de mulher, suave, amarga. Valerie.

— Você? — disse Marsh atônito. Ele não esperava por isso. Estava confuso, com raiva,

inseguro, e a presença de Valerie tornava as coisas ainda mais difíceis. — O que você está fazendo aqui? — Marsh perguntou.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta — a voz suave dela respondeu. — Estou aqui porque Joshua precisa de mim, capitão Marsh. Para ajudá-lo. E isso é mais do que aquilo que o senhor tem feito, apesar de todas as suas palavras. O senhor e os da sua laia, com todas essas suspeitas, todas essas suas piedosas…

— Chega, Valerie — cortou Joshua abruptamente. — Abner, eu não sei por que você veio esta noite, mas sabia que viria, cedo ou tarde. Eu talvez me saísse melhor se tivesse arrumado um estúpido como sócio, um homem que cumprisse todas as minhas ordens sem perguntar nada. Você é astuto demais, talvez para o seu próprio bem, ou para o meu. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até você parar de se iludir com a história que eu lhe contei em Natchez. Notei o quanto você nos observava. Eu sei a respeito dos seus pequenos testes. — Ele deu uma risadinha tosca, forçada. — Água benta, vejam só!

— Como?… Então você sabia? — disse Marsh.

— Claro.

— Maldito garoto.

— Não seja muito duro com ele. Ele teve pouco a ver com isso, Abner, embora eu tivesse notado que o rapaz não parava de olhar fixamente para mim durante o jantar. — A risada de Joshua foi um som hostil, terrível. — Não, foi a própria água que me fez saber. Um copo de água limpa e transparente aparecendo na minha frente, poucos dias depois da nossa conversa, o que é que eu poderia pensar? O tempo todo que estamos no rio, tomamos água cheia de lama e sedimentos. Eu poderia ter começado um jardim com toda a lama de rio que deixo no fundo do meu copo. — Ele emitiu um som seco de estalo, divertindo-se. — Ou até mesmo ter enchido meu ataúde.

Abner Marsh ignorou essa última parte. — Então mexa e beba a lama junto com a água — disse ele. — Faça de você mesmo um homem do rio. — Ele parou. — Ou talvez eu devesse dizer apenas: faça de você um homem — acrescentou.

— Ah — disse Joshua —, então chegamos a esse ponto. — Ele se calou por um bom tempo e o camarote parecia sufocante, denso de escuridão e silêncio. Quando Joshua finalmente falou, seu tom era gélido e sério. — Você trouxe uma cruz com você, Abner? Ou uma estaca?

— Trouxe isto — disse Marsh. Pegou o livro de poemas e jogou-o na direção em que julgou que Joshua estaria sentado.

Ouviu um movimento e um estalido quando o livro foi apanhado girando no ar. As páginas farfalharam. — Byron — disse Joshua, divertindo-se.

Abner Marsh não seria capaz de ver os próprios dedos se mexendo a cinco centímetros do seu nariz naquele camarote completamente fechado e de cortinas cerradas. Mas Joshua conseguira ver o suficiente não só para agarrar o livro, mas para lê-lo também. Marsh sentiu os pelos do braço se arrepiando de novo, apesar do calor.

— Por que Byron? — perguntou Joshua. — Você me desconcerta. Mais um teste, uma cruz, perguntas, tudo isso eu poderia ter previsto. Mas não Byron.

— Joshua — disse Marsh —, quantos anos você tem?

Silêncio.

— Eu sei avaliar muito bem a idade dos outros — disse Marsh. — Mas a sua é difícil,

apesar do seu cabelo branco. Pelo seu jeito… o rosto, as mãos… eu daria a você uns trinta, trinta e cinco no máximo. Esse livro aí diz que Byron morreu há trinta e três anos. E você disse que o conheceu.

Joshua suspirou: — Sim. — Ele pareceu magoado. — Um erro estúpido. Eu estava tão tomado pela visão desse vapor que esqueci de mim mesmo. Depois achei que isso não teria importância. Você não sabia nada a respeito de Byron. Tinha certeza de que você iria esquecer.

— Posso não ser muito esperto. Mas não esqueço. — Marsh segurou de novo sua bengala com um aperto forte, reconfortante, e inclinou-se para a frente. — Joshua, vamos conversar. Peça a essa mulher que saia daqui.

Valerie riu um riso gélido na escuridão. Ela parecia estar mais perto agora, embora Marsh não a tivesse ouvido se mexer. — Ele é um perfeito imbecil — disse ela.

— A Valerie fica, Abner — disse Joshua sem meias palavras. — Ela é de confiança, pode ouvir o que quer que você tenha vindo me dizer. Ela é como eu.

Marsh ficou gelado e sentiu-se muito sozinho. — Como você… — ele repetiu pesadamente. — Muito bem, então. *E o que vocês são?*

— Julgue você mesmo — Joshua replicou. Um fósforo brilhou de repente, de surpresa, no camarote escuro.

— Ah, meu Deus! — Marsh exclamou.

A chama diminuta e breve lançou uma luz implacável nas feições de Joshua. Seus lábios estavam inchados e rachados. A pele queimada, enegrecida, bem esticada sobre sua testa e bochechas. Bolhas, inchadas de água e pus, projetavam-se do seu queixo e se acumulavam sobre a mão vermelho-vivo que segurava o fósforo. Seus olhos cinza esbugalhavam-se, esbranquiçados e úmidos, quase saindo das órbitas encovadas. Joshua York sorriu horrivelmente, e Marsh ouviu a carne chamuscada rachar e rasgar. Um líquido esbranquiçado escorregou devagar pelo rosto de uma fissura recém-aberta. Um pedaço de pele se descolou, revelando a carne viva embaixo.

Então o fósforo apagou e a escuridão foi uma bênção.

— Você falou que era sócio dele — interveio Valerie em tom acusativo. — Disse que o ajudaria. E é essa a ajuda que você está prestando, você e sua tripulação, com suas suspeitas e ameaças? Ele poderia ter morrido por sua causa. Ele é o Rei Pálido, e você não é nada, mas ele fez isso consigo para ganhar sua lealdade de meia-tigela. Está satisfeito agora, capitão Marsh? Parece que não, já que está aqui de novo.

— Que diabos *aconteceu* com você? — perguntou Marsh, ignorando Valerie.

— Fiquei à mercê da luz do seu espalhafatoso dia por menos de duas horas — Joshua replicou, e agora Marsh compreendia a razão daquele seu doloroso sussurro. — Eu estava ciente do risco. Já fiz isso antes, quando foi necessário. Quatro horas poderiam ter me matado. Seis horas teriam me matado com certeza. Mas foram só duas horas, ou menos, e a maior parte do tempo fora da luz direta do sol. Conheço meus limites. As queimaduras parecem piores do que são na verdade. A dor é suportável. E tudo isso deve passar logo. Amanhã, a essa hora, ninguém saberá que aconteceu algo com a minha pele. Minha carne já começou a se curar. As bolhas vão estourando, e a pele morta descasca sozinha, como você mesmo viu agora há pouco.

Abner Marsh fechou os olhos e os abriu. Não fazia nenhuma diferença. A escuridão era a

mesma de um jeito e de outro, e ele ainda podia enxergar o pálido eco azul-claro da pós-imagem do fósforo diante dele, e o horrível espectro do rosto devastado de Joshua. — Então essa história toda da água benta e dos espelhos não muda nada — disse Marsh. — Não tem importância alguma. O caso é que você não sai de dia; na verdade, não pode. O que você me contou, essa sua maldita história desses seus vampiros, o fato é que eles realmente existem. Só que você mentiu para mim. Você mentiu para mim, Joshua! Você não é caçador de vampiros coisa nenhuma, você é um deles. Você, ela e todos os outros. *Vocês são vampiros, seus malditos!* — Marsh segurava a bengala na frente dele, uma inofensiva espada de nogueira repelindo coisas que ele não podia enxergar. Sentiu a garganta áspera e seca. Ouviu Valerie rindo baixinho e chegando mais perto.

— Fale mais baixo, Abner — disse Joshua calmamente —, e me poupe da sua indignação. Sim, eu menti para você. Já no nosso primeiro encontro, eu o adverti de que se me pressionasse por respostas o que iria obter seriam mentiras. Você me forçou a mentir. Só me arrependo de não ter conseguido mentir melhor.

— Meu sócio — disse Abner Marsh com raiva. — Que inferno, mal posso acreditar nisso agora. Um assassino, ou pior que um assassino. O que você andou fazendo todas essas noites? Saiu por aí até encontrar alguém sozinho, bebeu seu sangue, destroçou todas essas pessoas? E depois caiu fora? Agora entendo. Uma cidade diferente quase a cada noite; vocês estão seguros desse jeito: na hora em que as pessoas em terra descobrem o que vocês fizeram, vocês já foram para algum outro lugar. E nem precisam correr, vão deslizando majestosamente em grande estilo num elegante vapor com seu próprio camarote e tudo mais. Não é de admirar que você quisesse tanto um vapor, senhor capitão York. Que Deus mande você para o inferno!

— *Fale mais baixo* — cortou York, com tal vigor em sua voz que Marsh calou a boca na hora. — E abaixe essa bengala antes que quebre alguma coisa sacudindo-a para lá e para cá. *Abaixe-a*, eu disse. — Marsh abaixou a bengala e encostou-a no carpete. — Muito bem — disse Joshua.

— Ele é igualzinho aos outros — disse Valerie. — Ele não entende. Não sente nada por você, exceto medo e ódio. Não podemos deixar que saia daqui vivo.

— Talvez — disse Joshua relutante. — Eu acho que ele é mais do que isso, mas talvez eu esteja errado. O que você diz, Abner? E tome cuidado com o que vai dizer. Fale como se sua vida estivesse dependendo de cada palavra.

Mas Abner Marsh estava furioso demais para pensar. O seu medo de antes dera lugar a um surto de raiva; haviam mentido para ele, haviam-no usado e feito dele um perfeito idiota. Homem nenhum tratava Abner Marsh assim, não importava se no caso se tratava ou não exatamente de um homem. York transformara o *Fevre Dream*, o seu barco, numa espécie de pesadelo flutuante. — Eu estou neste rio há muito tempo — disse Marsh. — Não queira me assustar. Quando eu navegava no meu primeiro vapor, vi uma vez um amigo ter os intestinos arrancados para fora num salão de St. Joe. Peguei o canalha que fez isso, puxei a faca da mão dele e parti-lhe a espinha. Também estive em BadAxe e na sangrenta Kansas, portanto, não é um maldito chupa-sangue que vai blefar comigo. Se quer vir para cima de mim, venha já. Tenho o dobro do seu peso e você está queimado como um torresmo. Eu vou arrancar sua cabeça fora. Talvez eu deva fazer isso de qualquer jeito, pelo que você aprontou comigo.

Silêncio. Então, surpreendentemente, Joshua York soltou uma longa e estrondosa gargalhada. — Ah, Abner — disse ele depois de se acalmar —, você é mesmo um barqueiro.

Meio sonhador, meio fanfarrão e completamente maluco. Você fica aí sentado, cego, sabendo que eu posso enxergar perfeitamente bem só com a luz que vaza das persianas, cortinas e por baixo da porta. Você fica sentado aí, gordo e lento, sabendo da minha força, da minha agilidade. Você devia levar em conta o quanto eu sou capaz de me mover silenciosamente. — Houve uma pausa, um rangido, e de repente a voz de York veio do outro lado do camarote. — Assim. — Outro silêncio. — E assim. — Atrás dele. — E assim. — E Joshua estava de volta ao lugar de onde havia começado seu passeio pelo camarote. Marsh, que ficara virando a cabeça sucessivamente para todos os lados acompanhando a voz, sentiu-se meio zonzo. — Eu poderia fazer você sangrar até morrer com uma centena de pequenos cortes que você mal conseguiria sentir. Eu posso rastejar no escuro até onde você está e rasgar sua garganta antes de você perceber que eu parei de falar. E mesmo assim, apesar disso tudo, você fica sentado aí olhando na direção errada, com sua barba eriçada, gritando e ameaçando. — Joshua suspirou. — Você tem coragem, Abner Marsh. Um julgamento pobre das coisas, mas tem muita coragem.

— Se você está querendo arrumar um jeito de me matar, vamos lá, decida isso logo — disse Marsh. — Estou pronto. Talvez eu nunca supere o *Eclipse*, mas eu fiz quase todas as coisas que decidi fazer. E prefiro apodrecer num desses elegantes túmulos de New Orleans a dirigir um vapor para um bando de vampiros.

— Uma vez eu lhe perguntei se você era um homem supersticioso, ou um homem religioso — disse Joshua. — Você negou. Mas agora ouço você falar sobre vampiros como um imigrante inculto qualquer.

— Como assim? Foi você mesmo que me *contou* que…

— Sim, sim. Ataúdes cheios de terra, criaturas sem alma que não aparecem em espelhos, seres incapazes de atravessar água corrente, criaturas que conseguem se transformar em lobos, morcegos e névoas, mas que mesmo assim se encolhem de medo diante de uma réstia de alho. Você é um homem inteligente demais para acreditar nesse lixo, Abner. Livre-se dos seus medos e de sua raiva por um momento e *pense*!

Abner Marsh ficou sem ação. O tom de zombaria de Joshua fez tudo aquilo soar, de fato, muito tolo. Sem dúvida, York ficara chamuscado por um pouco de luz do dia, mas isso não mudava o fato de ele ter tomado água benta, usar prata e ver sua imagem aparecer nos espelhos. — Você está querendo me dizer agora que *não é* vampiro, ou o quê? — disse Marsh, perdido.

— Não existe esse negócio de vampiros — disse Joshua com ar paciente. — Eles são como essas histórias que Karl Framm conta tão bem. O Tesouro do *Drennan Whyte*. O vapor-fantasma *Raccourci*. O piloto que era tão responsável que levantava para cumprir seu turno mesmo depois de morto. Histórias, Abner. Diversão fútil que um homem adulto não deve levar a sério.

— Parte dessas histórias é verdade — protestou Marsh timidamente. — Quero dizer, eu conheço muitos pilotos que afirmam ter visto as luzes do navio-fantasma quando foram até o *Raccourci* e que chegaram até a ouvir seus tripulantes praguejando e xingando. E o *Drennan Whyte*, bem, não acredito em maldições, mas o barco afundou do jeito que o senhor Framm conta, e os barcos que foram em seu auxílio também afundaram. Quanto àquele piloto morto, diabos, eu o conheci. Ele na verdade era sonâmbulo e conseguia pilotar o barco totalmente adormecido. Só que exageraram um pouco a história conforme ela foi se espalhando pelo rio.

— Você mesmo me forneceu o argumento que eu precisava, Abner. Se você insiste na palavra, então, sim, os vampiros são reais. Mas as histórias sobre nós foram também exageradas um pouquinho. O seu sonâmbulo virou um cadáver em alguns poucos anos em que esta história circulou. Imagine o que ele não vai virar em um século ou dois.

— Então, se não é vampiro, você é o quê?

— Não tenho uma palavra fácil para o que eu sou — disse Joshua. — Na nossa língua, os da sua espécie podem me chamar de vampiro, lobisomem, bruxo, mago, feiticeiro, demônio, espírito maligno. Outras línguas oferecem outros nomes: *nosferatu, odoroten, upir, loupgarou*. Todos nomes dados pelo seu povo a esses pobres seres como eu. Não gosto desses nomes. Não sou nada disso. No entanto, não tenho o que propor no lugar deles. Não temos nome para nós.

— Na sua própria língua… — disse Marsh.

— Não temos língua própria. Usamos as línguas humanas, os nomes humanos. Esse sempre foi nosso recurso. Não somos humanos, mas tampouco somos vampiros. Somos… outra raça. Quando nos chamamos por algum nome, em geral usamos alguma das nossas palavras, em alguma de nossas línguas, e damos a ela um significado secreto. Somos o povo da noite, o povo do sangue. Ou simplesmente o povo.

— E nós? — perguntou Marsh. — Se vocês são o povo, nós somos o quê?

Joshua York hesitou um segundo, e Valerie se manifestou. — O povo do dia — disse ela rápido.

— Não — retrucou Joshua. — Esse é um termo meu. Mas não é um termo que meu povo use com frequência. Valerie, o tempo das mentiras passou. Diga a Abner a verdade.

— Ele não vai gostar — retrucou ela. — Joshua, o risco…

— Mesmo assim — disse Joshua. — Valerie, conte a ele.

Fez-se um silêncio de chumbo por um momento. Então, baixinho, Valerie disse: — O gado. É como a gente chama vocês, capitão. O gado.

Abner Marsh franziu o cenho e contraiu seu punho grande e forte.

— Abner — disse Joshua —, você quis a verdade. Andei pensando muito em você ultimamente. Depois de Natchez, achei que talvez tivesse que inventar um acidente para você. Não ousamos nos expor a riscos, e você é uma ameaça para nós. Simon e Katherine sugeriram que eu o matasse. Os meus companheiros mais novos, que tomei sob minha proteção, como Valerie e Jean Ardant, tendiam a concordar. No entanto, embora eu e meu povo sem dúvida estivéssemos mais seguros com você morto, eu me contive. Estou cansado de mortes, cansado do medo, infinitamente farto dessa falta de confiança entre nossas raças. Fiquei imaginando se não seria possível tentarmos trabalhar juntos, mas não conseguia ter certeza se poderíamos confiar em você. Isso até aquela noite em Donaldsonville, em que Valerie tentou convencê-lo a dar meia-volta no *Fevre Dream*. Você provou ser mais forte do que eu poderia esperar quando resistiu a ela, e também muito mais leal do que imaginei. Foi ali, naquela hora, que eu decidi. Você iria viver, e, se viesse me procurar de novo, eu lhe contaria a verdade, toda ela, a parte ruim e a parte boa. Você se dispõe a ouvir?

— E por acaso eu tenho lá muita escolha? — perguntou Marsh.

— Não — admitiu Joshua York.

Valerie suspirou. — Joshua, peço que você reconsidere. Ele é um *deles*, por mais que você goste dele. Ele não vai compreender. Daqui a pouco virão todos para cima de nós com

estacas pontiagudas, você sabe que eles virão.

— Espero que não — disse Joshua. Então, voltando-se para Marsh: — Ela está com medo, Abner. O que estou propondo fazer é uma coisa nova, e o novo é sempre perigoso. Ouça-me e não julgue, e quem sabe possa existir uma verdadeira sociedade entre nós. Eu nunca contei a verdade a nenhum de vocês antes…

— A alguém do gado — grunhiu Marsh. — Bem, eu tampouco dei ouvidos a um vampiro antes, então estamos empatados. Vá em frente. O boi aqui está escutando.

14

Dias sombrios e distantes

— Então ouça, Abner, mas primeiro considere minhas condições. Não quero ser interrompido. Não quero explosões de ultraje, nem perguntas, nem julgamentos da sua parte. Não até eu ter concluído. Muito do que eu vou lhe dizer você vai achar sinistro e terrível, já vou alertando, mas, se você me deixar conduzi-lo do início até o fim, então talvez compreenda. Você tem me chamado de assassino, vampiro, e de certo modo sou. Mas você também já matou, como chegou a admitir. E acredita que seus atos foram justificados pelas circunstâncias. Eu também. Se não justificados, pelo menos atenuados. Ouça *tudo* o que eu tenho a dizer antes de condenar a mim e à minha espécie.

"Vou começar por mim, pela minha própria vida, e lhe contar o resto da maneira que aprendi.

Você perguntou minha idade. Eu sou jovem, Abner, vivendo o primeiro surto de vida adulta pelos padrões da minha raça. Nasci numa província da França no ano de 1785. Nunca conheci minha mãe, por razões que vou revelar mais tarde. Meu pai era da pequena nobreza. Ou seja, conseguiu garantir para si um título conforme ascendeu dentro da sociedade francesa. Ele viveu várias gerações na França, então desfrutava de certo status, embora afirmasse ter origem no leste da Europa. Era rico, tinha uma pequena extensão de terras. Devia sua longevidade a uma artimanha que concebera na década de 1760, por meio da qual se fez passar por seu próprio filho e acabou sucedendo a si mesmo.

Portanto, como vê, tenho 72 anos de idade e, de fato, tive a felicidade de conhecer Lorde Byron. Mas isso foi algum tempo depois.

Meu pai era como eu sou. O mesmo se dava com dois dos nossos criados, que não eram criados realmente, mas companheiros. Esses três adultos da minha raça me ensinaram língua, costumes, muitas coisas do mundo… e também a tomar cuidado. Eu dormia de dia, saía apenas à noite, aprendi a ter medo do amanhecer, do mesmo modo que as crianças da sua raça, depois que sofrem alguma queimadura, aprendem a ter medo do fogo. Eu era diferente dos outros, me contaram, superior e diferente, um lorde. Mas não devia falar dessas diferenças, senão o gado podia ficar com medo de mim e me matar. Devia fingir que meus horários eram uma mera questão de preferência. Devia aprender e observar os preceitos do catolicismo, até fazer a comunhão em missas especiais à meia-noite, na nossa capela particular. Eu devia… bem, não vou continuar. Você deve compreender, Abner, que eu era apenas uma criança. Poderia ter aprendido mais com o tempo, poderia ter começado a compreender as razões daqueles à

minha volta e da vida que levávamos. Se as coisas tivessem continuado daquela forma, eu teria sido outra pessoa.

No entanto, em 1789, as paixões da Revolução Francesa mudaram minha vida irrevogavelmente. Quando veio o Terror, fomos pegos. Apesar de todos os seus cuidados, das suas capelas e espelhos, meu pai havia levantado suspeitas por seus hábitos noturnos, seu isolamento e sua misteriosa riqueza. Nossos criados — humanos — denunciaram-no como mago, satanista, discípulo do Marquês de Sade. E ele se proclamava um aristocrata também, o que era o mais horrendo de todos os pecados. Seus dois companheiros, por serem apenas servos, conseguiram escapar, mas meu pai e eu fomos levados.

Embora fosse muito novo, tenho memórias bem claras da cela na qual ficamos presos. Era fria e úmida, toda de pedra bruta, com uma grande porta de ferro tão grossa e com barras tão sólidas que mesmo a grande força de meu pai não podia fazer nada contra ela. A cela fedia a urina e dormíamos sem cobertas, numa palha imunda esparramada pelo chão. Havia uma janela, mas ficava muito acima de nós, inclinada e atravessando uma parede de pedra com pelo menos três metros de espessura. Era uma janela muito pequena, e na parte de fora tinha fortes barras. Estávamos na verdade abaixo do nível do chão, eu acho, numa espécie de adega. Pouca luz filtrava-se até nós, mas é claro que isso era uma espécie de bênção camuflada.

Quando ficamos a sós, meu pai me disse o que eu deveria fazer. Ele não tinha como chegar perto da janela, já que a abertura na pedra era estreita demais, mas eu conseguiria; ainda era bem pequeno. E tinha força suficiente para lidar com as barras. Ele me ordenou então que o deixasse. Deu-me também outros conselhos. Para me vestir com farrapos e não chamar atenção. Para me esconder de dia e furtar comida à noite. Nunca contar a ninguém que eu era diferente. Para arrumar uma cruz e usá-la. Eu não entendi metade do que ele me dizia e logo esqueci a maior parte das coisas, mas prometi obedecer. Ele me disse para sair da França e procurar os criados que haviam fugido. Eu não devia tentar vingá-lo, disse. Já seria vingado suficientemente com o tempo, pois todas aquelas pessoas iriam morrer e eu continuaria vivendo. Então ele disse uma coisa que jamais esqueci: ‘Eles não podem fazer nada. A sede vermelha tomou este país e só o sangue irá saciá-la. É a nossa maldição’, disse ele. Perguntei-lhe o que era a sede vermelha. ‘Você vai descobrir logo’, disse ele. ‘É inconfundível’. Então me mandou ir embora. Eu me espremi pela estreita abertura até a janela. As barras eram velhas e estavam todas enferrujadas. Como parecia impossível que alguém as alcançasse, ninguém se incomodara em substituí-las. Elas se partiram nas minhas mãos.

Nunca mais vi meu pai de novo. No entanto, mais tarde, após a Restauração que se seguiu a Napoleão, fui atrás de informações a respeito dele. Meu desaparecimento havia selado seu destino. Ele era claramente um feiticeiro, além de ser um aristocrata. Ele foi julgado, condenado e decapitado numa guilhotina de uma cidade de província. Depois queimaram seu corpo, devido à acusação de feitiçaria.

Mas a essa altura eu não sabia de nada disso. Fugi da prisão e da província e fiquei vagando por Paris, onde era fácil sobreviver naqueles dias, de tão caótica que estava a situação. De dia, me refugiava em adegas; quanto mais escuras, melhor. À noite, saía e furtava comida. Carne, principalmente. Não gostava muito de legumes ou frutas. Virei um ladrão muito competente. Era rápido, silencioso e terrivelmente forte. Minhas unhas pareciam ficar mais afiadas e duras a cada dia. Podia, se quisesse, escalar superfícies de madeira enterrando as unhas nelas. Ninguém reparava em mim ou me fazia perguntas. Falava um francês bom, culto,

um inglês razoável e um pouco de alemão. Em Paris, aprendi a gíria da rua também. Procurei nossos criados desaparecidos, os únicos da minha raça que eu conhecera, mas não tinha qualquer pista para encontrá-los e meus esforços deram em nada.

Então cresci entre o seu povo. O gado. As pessoas da época. Eu era inteligente e observador. Por mais que parecesse como aqueles à minha volta, logo percebi o quanto era diferente, na verdade. E melhor, como haviam me dito. Mais forte, mais rápido e, segundo eu acreditava, mais longevo também. A luz do dia era a minha única fragilidade. Eu soube manter bem meu segredo.

Mas a vida que eu levava em Paris era dura, degradada e tediosa. Eu queria mais. Comecei a roubar dinheiro, além de comida. Encontrei uma pessoa que me ensinou a ler, e a partir daí roubava livros sempre que podia. Uma ou duas vezes quase fui pego, mas sempre conseguia fugir. Fundia-me com as sombras, escalava paredes num piscar de olhos, movimentava-me silencioso como um gato. Talvez aqueles que me perseguiam achassem que eu me transformava em névoa. Posso ter dado essa impressão às vezes.

Quando começaram as guerras napoleônicas, tive o cuidado de evitar o exército, pois sabia que iriam exigir que ficasse exposto à luz do dia. Mas fui atrás deles em suas campanhas. Desse modo, viajei por toda a Europa, vi muitas mortes e muitos incêndios serem ateados. E, aonde quer que o imperador fosse, sempre havia algo para eu roubar.

Na Áustria, em 1805, tive minha grande oportunidade. Numa estrada, à noite, deparei com um rico comerciante vienense fugindo dos exércitos franceses. Ele trazia todo o seu dinheiro com ele, convertido em ouro e prata, uma soma fabulosa. Fiquei à espreita na pousada onde ele passou a noite e, quando tive certeza de que estava dormindo, invadi o local para pegar a fortuna. Mas ele não estava dormindo. A guerra o deixara de sobreaviso. Ele estava esperando por mim, e armado. Puxou uma pistola de sob o cobertor e atirou em mim.

Fui tomado pelo choque e pela dor. O tiro me jogou no chão. Ele me acertou direto no estômago e eu sangrava profusamente. Mas então, de repente, o fluxo começou a diminuir e a dor ficou menor. Eu levantei. Devo ter sido uma visão terrível, o rosto pálido e o corpo coberto de sangue. E um sentimento estranho tomou conta de mim, algo que eu nunca experimentara antes. O luar entrava por uma janela e o comerciante gritava, e, antes que eu soubesse bem o que estava fazendo, me vi em cima dele. Queria silenciá-lo, tapar a boca dele com a minha mão, e… alguma coisa me tomou. Minhas mãos foram para cima dele, minhas unhas, elas eram muito afiadas, muito duras. Eu rasguei a garganta dele. Ele sufocou no próprio sangue.

Fiquei lá, tremendo, e via o sangue escuro brotando dele, seu corpo se debatendo na cama sob a pálida luz do luar. Ele estava morrendo. Eu já vira gente morrer antes, em Paris, na guerra. Mas isso era diferente. Eu era o autor da morte. Uma grande paixão pareceu tomar conta de mim, e senti… *desejo*. Já havia lido muitas vezes a respeito do desejo nos livros que roubava, sobre a luxúria, o desejo carnal herdado pelo homem. Nunca sentira nada disso. Já tinha visto mulheres nuas, homens nus, casais enlaçados no ato sexual e nada disso me tocara. Não conseguia compreender todas aquelas tolices que lia sobre paixões irrefreáveis, desejos ardentes como fogo. Mas então eu soube. O sangue jorrando, aquele homem rico, gordo, morrendo nas minhas mãos, os ruídos que ele fazia, seus pés batendo na cama. Tudo aquilo excitava alguma profundeza animal em mim. O sangue manchava minhas mãos. Era escuro, quente. Exalava vapor quando saía da sua garganta. Então inclinei-me e provei. O gosto me

deixou enlouquecido, febril. De repente, mergulhei o rosto no seu pescoço, cortando-o com meus dentes, chupando o sangue, rasgando, engolindo. Ele parou de se debater. Eu me saciei. E de repente a porta abriu e vi vários homens com facões e rifles. Olhei assustado. Como devo tê-los aterrorizado! Antes que pudessem ter alguma reação, eu já havia pulado pela janela e sumido na noite. Na fuga, tive a presença de espírito de pegar o cinto com o dinheiro. Continha só uma parte da fortuna do homem, mas foi suficiente.

Corri muito, até bem longe, naquela noite, e passei o dia seguinte no celeiro de uma fazenda que havia sido queimada e abandonada.

Eu tinha vinte anos. Era, pelos padrões do povo da noite, uma criança ainda, mas agora entrava na fase adulta. Quando acordei aquela noite no celeiro, coberto de sangue seco e agarrando o cinto de dinheiro contra o peito, lembrei das palavras do meu pai. Eu sabia finalmente o que era a sede vermelha. E, como ele dissera, apenas o sangue podia saciá-la. Eu estava saciado. Senti-me mais forte e mais saudável do que jamais me sentira na vida. Mas também me senti aborrecido e horrorizado. Eu crescera no meio do seu povo, percebe? E pensava como vocês. Não era um animal, um monstro. Ali, naquela hora, decidi mudar minha maneira de viver, a fim de que tal coisa nunca mais acontecesse. Lavei-me e roubei roupas, as mais finas que consegui encontrar. Mudei-me para o oeste, para bem longe do local daquela briga, depois para o norte. De dia, alugava quartos em pousadas; de noite, alugava carroças para viajar de uma cidade a outra. Por fim, com dificuldades devido à guerra, consegui chegar à Inglaterra. Adotei um novo nome, decidido a fazer de mim um cavalheiro. Eu tinha dinheiro. O resto eu podia aprender.

Minhas viagens haviam durado um mês mais ou menos. Na minha terceira noite em Londres, senti-me estranho, doente. Nunca ficara doente na vida. A noite seguinte foi pior ainda. Mais uma noite passou e por fim eu descobri o que era aquela sensação. Eu estava acometido pela sede vermelha. Gritei e fiquei furioso. Pedi uma refeição especial, com um grande pedaço de carne vermelha que achei que poderia mitigar meu desejo. Comi tudo e fiz força para me acalmar. Sem sucesso. Uma hora depois, eu vagava pelas ruas. Encontrei um beco, fiquei à espreita. Uma jovem foi a primeira a passar. Parte de mim admirou sua beleza; esse sentimento ardia dentro de mim como uma chama. Outra parte simplesmente desejava. Quase arranquei a cabeça dela, mas pelo menos tudo acabou muito rápido. Depois, chorei.

Fiquei meses desesperado. A partir das minhas leituras, sabia o que eu provavelmente era. Aprendera aquelas palavras. Durante vinte anos, julgara-me superior. Agora, via-me como uma coisa não natural, uma besta, um monstro sem alma. Não sabia ao certo se era um vampiro ou um lobisomem, e isso me desconcertava. Nem eu, nem meu pai tínhamos o poder de nos transformar em outra coisa, mas minha sede vermelha chegava mensalmente, coincidindo com a lua cheia. Isso era uma característica do lobisomem, segundo eu lera. Cheguei a ler muito sobre esses assuntos na época, tentando me entender. Como os lobisomens das lendas, muitas vezes eu despedaçava a garganta da minha vítima e chegava a comer uma pequena quantidade de carne, especialmente se a sede fosse muito intensa. E, quando não estava acometido pela sede, eu parecia uma pessoa bem decente; a prata não exercia poder sobre mim, nem a planta chamada acônito ou mata-lobo, e eu tampouco mudava de forma nem me cresciam pelos. Do mesmo modo que o vampiro, só conseguia andar à noite. E tinha a impressão de que era o sangue que despertava mais meu desejo, não a carne. Mas dormia em camas, não em ataúdes, e havia atravessado água corrente centenas de vezes, sem problemas.

Com certeza, não estava morto, e os objetos religiosos não me incomodavam minimamente. Uma vez, admito, subtraí o corpo de uma vítima, e fiquei imaginando se ela iria se reerguer como lobo ou vampiro. Mas continuou um cadáver. Depois de um tempo começou a cheirar mal, e o enterrei.

Pode imaginar meu terror. Eu não era humano, mas tampouco era uma dessas criaturas legendárias. Decidi que meus livros eram inúteis. Eu estava por minha conta.

Todo mês a sede vermelha me acometia. Aquelas noites eram cheias de uma terrível excitação, Abner. Ao tomar a vida de alguém, eu conseguia viver como nunca vivera antes. Mas havia sempre um "depois", e então eu abominava a coisa em que havia me tornado. Minhas vítimas eram de preferência jovens, inocentes, bonitas. Pareciam ter uma luz interior que inflamava minha sede de um modo que não acontecia com os velhos ou as pessoas doentes. Eu me via apreciando exatamente aquelas qualidades que era atraído a destruir.

Desesperado, tentei mudar. Minha vontade, normalmente tão forte, não era nada quando a sede vermelha me acometia. Voltei-me esperançoso para a religião. Uma vez, ao sentir os primeiros sinais da febre em mim, procurei uma igreja e confessei tudo ao padre que atendeu ao meu chamado. Ele não acreditou, mas concordou em sentar e rezar junto comigo. Coloquei uma cruz, ajoelhei-me no altar, rezei com fervor, com velas e estátuas à minha volta, seguro na casa do Senhor, com um de seus ministros ao meu lado. Umas três horas mais tarde, voltei-me para ele e o matei ali mesmo, na igreja. Houve uma pequena comoção quando o corpo foi encontrado no dia seguinte.

Depois tentei recorrer à razão. Se a religião não me dava respostas, então o que me movia não poderia ser sobrenatural. Passei a sacrificar animais em vez de humanos. Roubava carne humana do consultório de um médico. Invadia uma funerária quando sabia que havia um defunto recente. Tudo isso ajudava um pouco, acalmava de algum modo a sede, mas não punha um fim nela. A melhor dessas meias medidas era matar um animal e beber o sangue ainda quente do seu corpo. Tratava-se de vida, percebe? De vida, não só de sangue.

Por meio de todas essas coisas, eu me protegia. Rodei por várias regiões da Inglaterra, para que as mortes e os desaparecimentos de minhas vítimas não se concentrassem num só local. Enterrava os corpos sempre que possível. E, por fim, comecei a usar meu intelecto nas minhas caçadas. Precisava de dinheiro, por isso procurava presas ricas. Acabei ficando rico, e depois mais rico ainda. Dinheiro atrai dinheiro, e, depois de ter conseguido um pouco, comecei a ganhar mais, de forma honesta e limpa. Eu já era bem fluente em inglês àquela altura. Mudei meu nome de novo, passei a me vestir como um cavalheiro, comprei uma bela casa nas charnecas da Escócia, onde meu comportamento não chamava muita atenção, contratei alguns criados discretos. Todo mês, viajava a negócios, sempre à noite. Nenhuma de minhas presas era das proximidades de onde eu vivia. Os criados nunca suspeitaram de nada.

Finalmente, me deparei com o que imaginei ser a resposta. Uma das minhas criadas, uma linda jovem, foi ficando cada vez mais próxima. Ela parecia gostar de mim, e não simplesmente como patrão dela. Correspondi ao seu afeto. Ela era honesta, alegre e muito inteligente, apesar de não ter instrução. Comecei a pensar naquela moça como uma amiga, e vi nela uma saída. Muitas vezes eu considerara a possibilidade de me acorrentar, ou de alguma outra forma confinar-me até que a sede vermelha passasse, mas nunca encontrara um esquema em que isso pudesse funcionar. Se eu pusesse a chave ao meu alcance, eu a usaria quando a sede me acometesse. Se eu a jogasse fora, como conseguiria me livrar das correntes? Não, eu

precisava da ajuda de outra pessoa, mas sempre levava em conta a advertência do meu pai, para não confiar a nenhum de *vocês* o meu segredo.

Mas decidi assumir um risco. Despedi meus outros empregados, mandei-os embora e não contratei ninguém para o lugar deles. Mandei então construir um quarto dentro da minha casa. Um quarto pequeno, sem janelas, com paredes grossas de pedra e uma porta de ferro tão grossa quanto a daquela cela que eu compartilhara com meu pai. Ela podia ser trancada por fora com três grandes ferrolhos de metal. Eu não teria como sair de lá. Quando o quarto ficou pronto, chamei minha linda empregada e dei-lhe instruções. Eu não confiava nela o suficiente para lhe contar a verdade toda. Tinha medo, Abner, de que se ela soubesse quem eu realmente era acabasse me denunciando, ou fugisse de vez, e aí a solução que parecia tão próxima estaria perdida, junto com a minha casa, propriedade e a vida que eu conseguira construir. Então contei a ela que era acometido todo mês por uma loucura passageira, uma espécie de surto, como se fosse uma epilepsia. Disse a ela que durante esses surtos eu ficaria no meu quarto especial e ela deveria me trancar e me manter lá por três dias inteiros. Eu levaria comida e água comigo, inclusive algumas galinhas vivas, para aliviar um pouco a loucura daquela sede.

Ela ficou chocada, preocupada e bastante desconcertada, mas finalmente concordou em fazer o que eu pedira. Ela me amava, do jeito dela, acho, e se dispunha a fazer praticamente qualquer coisa por mim. Então entrei no quarto e ela trancou a porta.

Quando a sede veio, foi assustador. Apesar da falta de janelas, eu podia sentir quando o dia chegava e ia embora. Eu dormia de dia, como sempre, mas as noites eram um desfile de horrores. Matei todas as galinhas na primeira noite, devorando-as. Pedi para ser libertado, e minha leal empregada recusou-se a fazê-lo. Gritei insultos a ela. Depois simplesmente gritei sons incoerentes, como um animal. Atirei-me contra as paredes, esmurrei a porta até meus punhos sangrarem, então me agachei e fiquei chupando meu próprio sangue avidamente. Tentei escavar com as unhas a pedra mais mole. Mas não consegui sair de lá.

No terceiro dia, fiquei mais esperto. Era como se minha febre tivesse passado. Estava agora na fase descendente, virando eu mesmo de novo. Podia sentir a sede arrefecendo. Chamei minha empregada junto à porta e disse a ela que o surto já havia passado, que ela podia me soltar. Ela se negou a fazê-lo e disse que eu a instruíra a manter-me confinado por três noites inteiras, o que era um fato. Eu ri e concordei, mas disse que o surto havia chegado e ido embora, que eu sabia que ele não viria de novo antes de um mês. Mesmo assim ela não destrancou a porta. Eu não fiquei bravo com ela. Disse que entendia, elogiei-a por cumprir tão bem minhas ordens. Então pedi a ela que ficasse para conversar, já que eu me sentia solitário na minha prisão. Ela concordou e ficamos conversando quase uma hora. Eu estava calmo e articulado, até agradável, bastante conformado em passar outra noite lá dentro. Conversamos de um modo tão razoável que logo ela reconheceu que eu já soava bem mais como eu mesmo. Comentei que ela era uma boa garota, responsável, estendi-me sobre seus méritos e sobre meu afeto por ela. Por fim, pedi a ela que se casasse comigo quando eu estivesse livre de novo.

Ela abriu a porta. Parecia tão feliz, Abner. Tão feliz e viva. Estava cheia de vida. Chegou perto para me beijar e coloquei meus braços em volta dela e puxei-a para mim. Nos beijamos várias vezes. Então meus lábios deslizaram até o pescoço dela, e eu encontrei a artéria, e a abri. Eu… me nutri… por um longo tempo. Eu estava com tanta sede, e a vida dela era tão doce. Mas quando eu a soltei ela cambaleou na minha frente, mal e mal estava viva

ainda, branca de tanto sangrar e morrendo, mas ainda consciente. O olhar nos olhos dela, Abner…

De todas as coisas que já fiz, essa foi a mais terrível. Ela estará comigo sempre. Aquele olhar nos olhos dela…

Depois disso meu desespero não encontrava limites. Tentei me matar. Comprei uma faca de prata com um cabo em formato de cruz — as superstições ainda exerciam fascínio sobre mim, como você vê. E então cortei os pulsos e fiquei deitado numa banheira quente para morrer. Mas me recuperei. Então me atirei sobre minha espada, à maneira dos antigos romanos. Mas também me recuperei. Aprendia a cada dia mais coisas sobre minhas capacidades. Eu sarava logo, depois de apenas um breve momento de dor. Meu sangue coagulava de modo praticamente instantâneo, não importava quanto a ferida fosse escancarada. Eu não sabia bem o que eu era, mas de qualquer modo sabia que era algo assombroso.

Finalmente, descobri o jeito. Do lado de fora de casa, prendi duas grandes correntes de ferro à parede. À noite, fechei as algemas e atirei a chave o mais longe possível. Bem fora do meu alcance. Esperei o dia chegar. O sol foi o pior que eu conseguia lembrar. Queimava e cegava. Tudo ficou borrado. Minha pele estava pegando fogo. Acho que comecei a gritar. Sei que fechei os olhos. Fiquei lá fora horas, cada vez mais perto da morte. Não havia nada dentro de mim a não ser culpa.

Mas então, não sei como, no meio daquela minha febre mortal, decidi viver. Como e por que, não sei dizer. Mas me pareceu que eu sempre amara a vida, em mim e nos outros. Era por isso que a saúde, a beleza e a juventude me atraíam tanto. Eu abominava a mim mesmo por trazer a morte ao mundo e, no entanto, lá estava eu, matando de novo, embora dessa vez a vítima fosse eu mesmo. Eu não podia lavar meus pecados com mais sangue, mais morte, pensei. Para reparar isto, tenho que viver, trazer vida, beleza e esperança de volta ao mundo, para pôr no lugar tudo o que eu tirei. Lembrei então dos criados do meu pai, desaparecidos. Havia outras pessoas da minha raça no mundo. Vampiros, lobisomens, feiticeiros, o que quer que fossem, estavam por aí, pela noite. Fiquei imaginando de que modo eles deviam estar lidando com a sede vermelha. Se pelo menos pudesse encontrá-los, eu teria como confiar na minha própria espécie, já que não podia confiar nos humanos. Talvez conseguíssemos ajudar um ao outro a dominar o mal que nos consumia. Eu poderia aprender com eles.

Decidi que não iria morrer.

As correntes eram muito fortes. Eu cuidara para que fosse assim, com receio de que em alguma hora eu escolhesse escapar da dor e da morte. Mas então descobri uma força na minha resolução, maior do que qualquer coisa que já tivesse conhecido, mesmo quando era presa da sede. Decidi então arrebentar as correntes, arrancá-las da parede onde eu as havia chumbado. Puxei, forcei, dei trancos. Elas não cediam. Eram correntes muito fortes. Eu já estava exposto ao sol há várias horas. O que me mantinha consciente eu não sei dizer. Minha pele estava preta e queimada. A dor chegara a um ponto tão terrível que eu mal conseguia senti-la. Mesmo assim continuei forçando as correntes.

Finalmente uma delas se soltou. A da esquerda. O anel chumbado na parede se desprendeu quando o estuque se esfarelou. Eu estava livre, ou melhor, metade de mim. Mas estava mortalmente doente, com estranhas visões. Sabia que logo iria desmaiar, e que uma vez que desabasse no chão não iria mais levantar, nunca mais. E a corrente direita parecia tão

forte e bem presa como quando eu iniciara minha batalha, um infindável tempo antes.

A corrente não cedeu, Abner. Mas eu consegui me soltar e procurei a segurança da minha adega escura e fresca, onde fiquei deitado por mais de uma semana, delirando e ardendo e me retorcendo de dor, mas o tempo todo me curando. Eu voltei a ser eu mesmo, como vê. Na verdade, eu roí meu próprio pulso e deixei a mão direita ali, puxando o toco do braço para fora da algema para sair de lá.

Ao recuperar a consciência, uma semana mais tarde, eu tinha uma mão de novo. Era frágil e pequena, ainda em formação, e doía. Doía terrivelmente. Mas com o tempo a pele foi se fortalecendo. Então a mão cresceu, a pele rachou e se soltou, exumando um líquido grosso e esbranquiçado. Quando secou e descascou, a carne embaixo já era mais saudável. Isso se repetiu três vezes. O processo todo levou mais de três semanas, mas quando terminou jamais poderia ser dito que alguma coisa havia acontecido com a minha mão. Eu fiquei perplexo.

Isso foi no ano de 1812, que marcou uma virada na minha vida.

Quando recuperei minha força, vi que havia saído daquela provação com uma grande resolução: a de mudar meu modo de vida e o do meu povo, a de libertar-nos do que meu pai chamara de maldição da sede vermelha, para permitir que restaurássemos a vida e a beleza que bebíamos do mundo. Para isso, eu precisava primeiro procurar outros da minha espécie, e os únicos que conhecia eram os criados desaparecidos do meu pai. No entanto, não era possível na época empreender uma busca por eles. A Inglaterra estava em guerra com o império dos franceses, e não havia comércio entre os dois países. Esse atraso forçado não me preocupou. Sabia que contava com todos os anos de que pudesse precisar.

Enquanto esperava, busquei mais conhecimento sobre a medicina. Não se sabia nada a respeito do meu povo, é claro. Nossa própria existência era algo legendário. Mas havia muito a aprender sobre a sua raça, tão parecida e ao mesmo tempo tão diferente da minha. Fiquei amigo de vários médicos, de um destacado cirurgião da época, de vários professores de uma conhecida escola de medicina. Li manuais de medicina, antigos e novos. Fiz investigações em química, biologia, anatomia, até mesmo em alquimia, procurando alguns vislumbres. Construí meu próprio laboratório para experimentos, no mesmo quarto que usara antes como minha fatídica prisão. Agora, quando tirava alguma vida — e fazia isso todo mês —, eu carregava o corpo comigo, sempre que possível, para estudá-lo, dissecá-lo. Como desejei ter um cadáver da minha própria espécie, Abner, para poder estudar as diferenças!

No meu segundo ano de estudos, cortei um dedo da minha mão esquerda. Sabia que ele iria se regenerar. Queria carne da minha carne para análises e dissecção.

Um dedo cortado não era suficiente nem para responder a uma centésima parte das minhas questões, mas a dor mesmo assim valia a pena, considerando o que eu aprendi. Osso, carne e sangue, todos eles mostraram diferenças significativas em relação aos humanos. O sangue era mais claro, assim como a carne, e sem a presença de muitos elementos encontrados no sangue humano. Os ossos, por outro lado, continham mais desses elementos. Eram mais fortes e ao mesmo tempo mais flexíveis que os ossos humanos. O oxigênio, esse gás milagroso de Priestley e Lavoisier, estava presente no sangue e no tecido dos músculos em grau muito maior do que nas amostras comparáveis extraídas de membros de sua raça.

Eu não sabia o que fazer com nada daquilo, mas as teorias fervilhavam na minha cabeça. Achava que talvez aquela ausência de certos elementos no meu sangue tivesse alguma relação com meu impulso de beber o sangue dos outros. Naquele mês, depois de ter sido acometido

pela sede e de ter feito minha vítima, promovi uma sangria em mim e estudei a amostra. A composição do meu sangue havia mudado! De alguma maneira eu convertera o sangue da minha vítima no meu próprio, adensando-o e enriquecendo-o, pelo menos por um tempo. A partir daí comecei a fazer sangrias em mim diariamente. O estudo mostrou que meu sangue ficava mais ralo a cada dia. Imaginei que, quando o equilíbrio alcançava um certo ponto crítico, a sede vermelha se manifestava.

Minha suposição deixava várias questões sem resposta. Por que o sangue animal não era suficiente para saciar a sede? Ou mesmo o sangue humano retirado de um cadáver? Será que ele perdia alguma propriedade com a morte? Por que a sede não se manifestara antes dos meus vinte anos? E todos esses anos anteriores? Não sabia nenhuma dessas respostas, nem como encontrá-las, mas agora pelo menos eu tinha uma esperança, um ponto de partida. Comecei a fazer poções.

O que eu posso lhe contar a respeito disso? Foram anos de experimentos infindáveis, de estudo. Usei sangue humano, sangue animal, metais e substâncias químicas de todo tipo. Cozinhei sangue, sequei, tomei-o ao natural, misturado com absinto, conhaque, com conservantes medicinais de cheiro desagradável, com ervas, sais, ferros. Bebi milhares de poções sem resultado. Por duas vezes produzi dano ao meu organismo, fazendo o estômago revirar e inchar, até eu vomitar toda a mistura que havia tomado. Sempre infrutífero. Mesmo consumindo centenas de poções, jarras de sangue e drogas, a sede vermelha ainda assim me levava a sair à noite atrás de alguma vítima. Agora eu matava sem culpa, sabendo que estava me esforçando para achar uma resposta e conseguir dominar minha natureza animalesca. Eu não perdi a esperança, Abner.

E, por fim, no ano de 1815, achei a resposta.

Algumas das minhas misturas tinham funcionado melhor do que outras, como você deve imaginar, e continuei trabalhando nelas, aprimorando-as, introduzindo alguma mudança ou acrescentando algo, com paciência, testando uma após outra e o tempo todo buscando também novas abordagens. O composto que eu produzi finalmente tinha como base sangue de carneiro em grande proporção, misturado com uma boa porcentagem de álcool, que agia, segundo acredito, para preservar suas propriedades. Mesmo assim, essa descrição é uma grande simplificação. Havia também uma boa parte de láudano nela, para acalmar e proporcionar visões agradáveis, além de sais de potássio, ferro, absinto e várias ervas e misturas alquímicas em desuso há muito tempo. Durante três anos eu pesquisei, e numa noite de verão de 1815 eu bebi a mistura, como fizera com tantas outras antes dela. E naquela noite a sede vermelha não me acometeu.

Na noite seguinte senti o começo daquela forte inquietação que marca o início da sede. Então enchi um copo da minha poção e fiquei bebericando, um pouco receoso de que meu triunfo fosse um sonho, uma ilusão. Mas a sensação passou. Tampouco tive a sede naquela noite, nem saí para caçar e matar.

Na mesma hora, comecei a trabalhar para produzir a bebida em grande quantidade. Não é sempre fácil acertar as proporções, e, se a mistura não for exata, não faz efeito. Mas meu trabalho era meticuloso. Você tem visto o resultado, Abner. A minha bebida especial. Ela nunca fica longe de mim. Abner: eu consegui o que ninguém da minha raça havia conseguido antes, embora não soubesse disso então, naquela excitação do triunfo. Eu havia inaugurado uma nova era para o meu povo, e para o seu também. Escuridão sem medo, e o fim das

caçadas e da predação, da ocultação e do desespero. O fim daquelas noites de sangue e degradação. Abner, *eu venci a sede vermelha!*

Sei agora que fui extraordinariamente afortunado. Meu entendimento era superficial e limitado. Achava que as diferenças entre nossos povos se reduziam apenas ao sangue. Mais tarde aprendi o quanto estava equivocado. Achava que o excesso de oxigênio era de algum modo responsável pela maneira com que as febres da sede vermelha circulavam pelas minhas veias. Hoje acho mais provável que seja o oxigênio o que dá à minha raça sua força, e o que ajuda na cura. Muito do que eu acreditava saber em 1815, agora vejo que são bobagens. Mas não importa, pois a minha poção não foi nenhuma bobagem.

Eu matei desde então, Abner, não vou negar. Mas do jeito que os humanos matam, por razões humanas. E, desde aquela noite na Escócia em 1815, não provei mais sangue, nem senti a devastação da sede vermelha.

Não parei de aprender, nem naquela época nem agora. O conhecimento para mim tem certa beleza, e eu me inspiro com toda beleza. Além disso, ainda há muito a aprender sobre mim e meu povo. Mas com esta grande descoberta a ênfase da minha busca mudou, e comecei a procurar outras pessoas da minha raça. De início, empreguei agentes e cartas. Depois, quando a paz veio, viajei pela Europa eu mesmo. Desse modo, descobri como meu pai havia morrido. Mais importante ainda, em antigos registros provinciais descobri de onde ele veio. Segui a trilha pela Renânia, pela Prússia e pela Polônia. Ele era vagamente lembrado, um recluso muito temido, a respeito do qual seus bisavós cochichavam alguma coisa de vez em quando. Alguns diziam que havia sido um Cavaleiro Teutônico. Outros apontavam mais ao leste, para os Montes Urais. Não fazia diferença; os Cavaleiros Teutônicos estavam mortos há séculos e os Urais eram uma grande cadeia de montanhas, extensas demais para que eu decidisse procurar ali às cegas.

Nesse beco sem saída, decidi assumir um risco. Usando um grande anel de prata e uma cruz, que eu esperava que fossem suficientes para refutar qualquer comentário ou superstição a meu respeito, comecei a pesquisar abertamente sobre vampiros, lobisomens e outras lendas afins. Alguns riam de mim ou zombavam, outros faziam o sinal da cruz ou saíam correndo, mas a maioria contava àquele inglês simples as histórias populares que ele queria ouvir, em troca de uma bebida ou uma refeição. A partir dessas histórias, fui explorando direções. Nunca foi fácil. Passei anos nessas pesquisas. Aprendi polonês, búlgaro, um pouco de russo. Li jornais em dezenas de línguas, procurando relatos de mortes que me soassem associadas à sede vermelha. Por duas vezes fui obrigado a voltar à Inglaterra para produzir mais da minha bebida e dar alguma atenção aos meus negócios particulares.

E, finalmente, *eles* me encontraram.

Estava em Cárpatos, numa pousada rural bem tosca. Andara perguntando, e começaram a correr comentários sobre as minhas perguntas no boca a boca. Cansado e desanimado, e começando a sentir os primeiros sinais da sede, voltei para o meu quarto cedo, bem antes do amanhecer. Sentei diante da lareira, bebericando minha poção, quando ouvi um estalo que a princípio julguei ser das janelas cobertas de geada batendo por causa do vento de tempestade. Virei-me para olhar; o quarto estava escuro, a não ser pelo brilho da lareira, e a janela havia sido aberta por fora: ali, emoldurado pela escuridão, por neve e estrelas, vi um homem, junto ao peitoril. Ele entrou com a facilidade de um gato, sem fazer nenhum ruído, acompanhado por um vento frio do inverno que uivava lá fora. Estava escuro, mas os olhos dele ardiam, Abner,

eles *ardiam*.

— É você o inglês que anda por aí curioso a respeito de vampiros? — sussurrou ele numa língua inglesa passável, enquanto fechava as janelas suavemente.

Foi um momento assustador, Abner. Talvez tenha sido o vento gelado que entrou e encheu o quarto me fazendo tremer, mas acho que não. Vi aquele estranho do jeito que muitos do seu povo têm me visto, antes que eu os pegue e me banqueteie com o sangue de sua vida; um vulto escuro e de olhos fogosos e terríveis, uma sombra com dentes que se movia com uma graça segura de si e falava num sussurro sinistro. Quando comecei a levantar da poltrona, ele avançou até a parte iluminada do quarto. Vi suas unhas. Eram garras, com dez centímetros de comprimento, as extremidades pretas e afiadas. Então levantei o olhar e vi seu rosto. E era um rosto que eu conhecera na infância; quando olhei de novo para ele, o nome me veio.

— Simon — eu disse.

Ele parou. Nossos olhos se encontraram.

Você tem olhado nos meus olhos, Abner. Sentiu o poder que eles têm, acho, e talvez outras coisas também, coisas mais sombrias. É assim com todos os da nossa raça. Mesmer escreveu sobre o magnetismo animal, sobre uma força estranha que reside em todos os seres vivos, e que é mais intensa em alguns do que em outros. Eu vi essa força em humanos. Na guerra, dois oficiais podem ordenar a seus homens a mesma expedição temerária. Um será morto por seus próprios soldados, que se recusarão a segui-lo. O outro, usando as mesmas palavras na mesma situação, conseguirá que seus homens o sigam de boa vontade arriscando a vida. Bonaparte tinha esse poder em grande medida, eu acho. Mas os da nossa raça, temos isso mais que todos. Está em nossas vozes, e especialmente nos nossos olhos. Somos caçadores, e com os olhos podemos seduzir e acalmar nossas presas naturais, submetê-las à nossa vontade, às vezes até obrigá-las a ajudar no seu próprio sacrifício.

Eu não sabia de nada disso na época. Conhecia apenas os olhos de Simon, o calor deles, a raiva e a suspeita que havia neles. Podia sentir a sede ardendo nele e a visão disso despertava vagamente meu desejo de sangue longamente enterrado, como se fossem dois iguais se atraindo, até eu ficar com medo. Não conseguia afastar o olhar. Nem ele. Ficamos nos encarando em silêncio, movimentando-nos bem lentamente num círculo cauteloso, os olhos de um grudados nos olhos do outro. Meu copo caiu da minha mão e se partiu em cacos no chão.

Quanto tempo isso durou não sei dizer. Mas finalmente Simon baixou o olhar, e tudo terminou. Então ele fez uma coisa espantosa e estranha. Ajoelhou-se na minha frente, abriu uma veia com os dentes no próprio pulso para fazer o sangue escorrer e aproximou-o de mim em submissão.

— Mestre de sangue — disse ele em francês.

O sangue jorrando, tão perto, tão acessível, despertou uma secura na minha garganta. Avancei e agarrei seu braço, tremendo, e comecei a me inclinar na direção dele. E então lembrei. Dei-lhe um tapa na mão, virei as costas afastando-me e vi a garrafa em cima da mesa, perto da lareira. Enchi dois copos, tomei o meu de uma vez e dei-lhe o outro. Ele me olhava, sem entender.

— Beba — ordenei, e ele obedeceu. Eu era o mestre de sangue e minha palavra era lei.

Isso foi o começo, ali em Cárpatos, em 1826.

Simon havia sido um dos dois seguidores do meu pai, como eu já sabia. Meu pai era

mestre de sangue. Com a morte dele, Simon passou a ser o líder, pois era mais forte que o outro. Naquela noite, ele me levou até o lugar em que vivia, uma acolhedora câmara escavada nas ruínas de uma velha fortaleza de montanha. Ali encontrei os outros; uma mulher que reconheci como a outra criada da minha infância, e mais duas pessoas do meu povo, os que você chama de Smith e Brown. Simon vinha sendo o mestre deles. Agora o mestre era eu. E mais: eu trazia comigo a libertação da sede vermelha.

Então bebemos e passamos várias noites juntos, quando fiquei conhecendo da boca deles a história e os costumes do povo da noite.

Somos um povo *antigo*, Abner. Muito antes de a sua raça levantar suas cidades no sul quente, meus ancestrais passavam os sombrios invernos da Europa do norte caçando. Nossas narrativas contam que viemos dos Urais, ou talvez das estepes, espalhando-nos para oeste e sul ao longo dos séculos. Vivemos na Polônia muito antes dos poloneses, vagamos pelas florestas da Alemanha antes da chegada dos bárbaros germânicos, governamos a Rússia antes dos tártaros, antes de Novgorod, o Grande. Quando digo *antigo*, não falo em centenas de anos, mas em milhares. Milênios transcorridos no frio e na escuridão. Éramos selvagens, dizem os relatos, animais nus e espertos, em harmonia com a noite, rápidos, mortais e livres. Com vida mais longa do que todos os outros animais impossíveis de matar, mestres e senhores da criação. Assim dizem nossas histórias. Tudo o que andava em duas ou quatro patas corria de medo de nós. Tudo o que vivia era apenas comida para nós. De dia, dormíamos nas cavernas, em bandos, famílias. À noite, éramos os senhores do mundo.

Então, vindo do sul, sua raça chegou ao nosso mundo. O povo do dia, tão parecido conosco e, no entanto, tão diferente. Vocês eram fracos. Matávamos vocês com facilidade, e isso nos dava alegria, pois víamos beleza em vocês, e meu povo sempre foi atraído pela beleza. Talvez fosse sua semelhança conosco o que achávamos tão cativante. Durante séculos, vocês foram simplesmente nossa presa.

Mas com o tempo vieram mudanças. Minha raça tem bastante longevidade, mas número reduzido. O impulso de acasalamento está curiosamente ausente em nós, enquanto em vocês humanos ele é tão dominante quanto a sede vermelha em nosso povo. Simon contou-me, quando lhe perguntei sobre minha mãe, que os machos da minha raça sentem desejo apenas quando a fêmea entra no cio, e isso acontece muito raramente — é mais frequente quando macho e fêmea compartilham uma matança. Mesmo assim, as mulheres raramente estão férteis, e são gratas por isso, pois a concepção costuma significar a morte para as nossas fêmeas. Eu matei minha mãe, Simon me contou, rasgando-lhe o útero ao abrir caminho, fazendo tamanho estrago dentro dela que até mesmo nossos poderes de recuperação não foram suficientes. Isso é o que acontece com maior frequência quando nosso povo entra nesse mundo. Começamos a nossa vida com sangue e morte, e é assim que a vivemos.

Há um certo equilíbrio nisso. Deus, se você acredita nele, ou a Natureza, se não acredita, dá e toma. Podemos viver por mil anos ou mais. Se fôssemos tão férteis quanto vocês, logo encheríamos este mundo. Sua raça procria, procria e procria, vocês crescem em número como moscas, mas também morrem como moscas, de pequenas feridas e doenças às quais minha espécie nem dá importância.

Por isso não admira que no início nos preocupássemos pouco com vocês. Mas vocês se reproduziram, ergueram cidades e ganharam conhecimento. Vocês têm mentes, assim como nós, mas nunca precisamos usar as nossas, de tão fortes que éramos. Sua espécie trouxe ao

mundo o fogo, os exércitos, arcos e lanças, roupas, arte, escrita e língua. Civilização, Abner. E, civilizados, vocês não eram mais presa. Passaram a nos caçar, a matar com fogo e estaca, a invadir nossas cavernas durante o dia. Nosso número, que nunca foi grande, diminuía constantemente. Nós lutamos e morremos, ou fugimos, mas, para onde quer que fôssemos, sua espécie logo vinha atrás. Finalmente, fizemos o que fomos obrigados a fazer. Aprendemos com vocês.

Roupa e fogo, armas e língua, tudo isso. Nunca tivemos, como você sabe. Tomamos de empréstimo. Também nos organizamos, começamos a pensar e a planejar, e por fim nos fundimos com vocês totalmente, vivendo à sombra do mundo que sua raça construiu, fingindo que éramos da sua espécie, saindo furtivamente à noite para saciar nossa sede com o seu sangue, escondendo-nos de dia com medo de vocês e de suas vinganças. Esta tem sido a história da minha raça, o povo da noite, ao longo da maior parte da história.

Eu ouvi isso dos lábios de Simon, como ele ouviu antes daqueles que depois foram assassinados. Simon era o mais velho do grupo que eu descobri e afirmava ter quase seiscentos anos.

Ouvi outras coisas também, lendas que iam além da nossa história oral, remontando às nossas primeiras origens, ao alvorecer do próprio tempo. Mesmo ali eu vi a mão do nosso povo, pois nossos mitos foram extraídos da Bíblia cristã. Brown, que uma vez foi padre, leu para mim passagens do Gênesis, sobre Adão e Eva e seus filhos, Caim e Abel, os primeiros homens, os únicos homens. Mas, quando Caim matou Abel, ele foi para o exílio e arrumou uma esposa na cidade de Nod. De *onde* veio ela, se os outros eram as únicas pessoas no mundo? O Gênesis não explica. Mas Brown dava uma explicação: Nod era a terra da noite e das trevas, disse ele, e esta mulher foi a mãe de nossa raça. Nós descendemos dela e de Caim e, portanto, somos os filhos de Caim, nós, e não os povos negros, como alguns da sua espécie acreditam. Caim matou seu irmão e se escondeu, e é por isso que temos que matar nossos primos distantes e nos esconder quando o sol se ergue, já que o sol é a face de Deus. Continuamos longevos, como eram todos os homens nos primeiros dias descritos na sua Bíblia, mas nossas vidas são amaldiçoadas e têm que ser vividas em meio ao medo e às trevas. É nisto que acreditam muitos do nosso povo, segundo me contaram. Outros se prendem a mitos diferentes, e alguns até aceitam as histórias de vampiros que ouviram e acreditam ser avatares imortais do mal.

Eu ouvi as histórias de ancestrais que desapareceram há muito tempo, de lutas e perseguições, de migrações. Smith me falou de uma grande batalha nas desoladoras praias do Báltico há mil anos, quando umas poucas centenas da minha raça atacaram uma horda de milhares, e o sol se ergueu num campo de sangue e cadáveres. Isso me fez lembrar do "Senaqueribe" de Byron. Simon falou da esplêndida e antiga Bizâncio, onde muitos da nossa raça viveram e prosperaram durante séculos, invisíveis na grande e fervilhante cidade até que os cruzados chegaram, saqueando e destruindo, queimando muitos dos nossos na fogueira. Aqueles invasores traziam a cruz, e eu imaginei se talvez *esta* não era a verdade por trás da lenda de que minha raça teme e abomina esse símbolo cristão. De todas as bocas ouvi uma lenda de uma cidade que construímos, uma grande cidade da noite, feita em ferro e mármore negro dentro de algumas cavernas escuras no coração da Ásia, junto às praias de um rio subterrâneo e de um mar nunca tocado pelo sol. Muito antes de Roma ou mesmo de Ur, nossa cidade havia sido grande, garantem eles, em flagrante contradição com a história que haviam

me contado antes, de que corríamos nus por florestas de inverno iluminadas pela lua. Segundo o mito, fomos expulsos de nossa cidade por algum crime, e vagamos esquecidos e perdidos por milhares de anos. Mas a cidade estaria lá ainda, e algum dia irá nascer um rei para o nosso povo, um mestre de sangue maior do que qualquer um que já tenha existido, que reúna nossa raça dispersa e nos conduza de volta à cidade da noite junto ao seu mar sem sol.

Abner, de tudo que ouvi e aprendi, esse relato foi o que mais me impressionou. Duvido que exista uma grande cidade subterrânea como esta, duvido que jamais tenha existido, mas o próprio fato de se contar uma história assim prova a mim que meu povo não era feito desses vampiros maus e vazios da lenda. Não tínhamos arte, nem literatura, nem mesmo uma língua própria, mas a história me mostrou que tínhamos a capacidade de sonhar, de imaginar. Nunca construímos, nunca criamos, apenas roubamos seus trajes e vivemos em suas cidades e nos alimentamos da sua vida, da sua vitalidade, do seu sangue, mas éramos capazes de criar; se nos fosse dada a oportunidade, tínhamos em nós a capacidade de sussurrar histórias de cidades nossas. A sede vermelha tem sido uma maldição, tornou inimigas a nossa raça e a sua, destituiu meu povo de quaisquer aspirações nobres. O selo de Caim, sem dúvida.

Tivemos nossos grandes líderes, Abner, mestres de sangue reais e imaginados, em eras passadas. Tivemos nosso César, nosso Salomão, nosso João, o Presbítero. Mas estamos esperando nosso libertador, esperando nosso Cristo.

No aconchego das ruínas daquele sombrio castelo, ouvindo o vento uivar lá fora, Simon e os outros tomaram minha bebida, contaram-me histórias e me examinaram atentamente com seus olhos poderosos e febris, e fiquei imaginando o que poderiam estar pensando. Cada um deles era centenas de anos mais velho do que eu, mas eu era mais forte, eu era o mestre de sangue. Eu lhes trouxera um elixir que bania a sede vermelha. Eu parecia quase semi-humano. Abner, eles *me* viam como o libertador da lenda, o prometido rei dos vampiros. E eu não podia negar isso. Era o meu destino, soube então, libertar minha raça das trevas.

Há tantas coisas que eu quero fazer, Abner, tantas coisas. O seu povo é medroso, supersticioso e cheio de ódio, então minha espécie precisa ficar escondida por enquanto. Tenho visto a maneira como vocês guerreiam uns com os outros, li a respeito de Vlad Tepes — que, a propósito, *não* era um dos nossos —, a respeito de Caio Calígula e outros reis, tenho visto sua raça queimar mulheres idosas por suspeita de que fossem uma de nós, e aqui em New Orleans testemunhei como vocês escravizam os da sua própria espécie, açoitam e vendem como animais simplesmente por terem a cor de pele mais escura. Os negros são mais próximos de vocês, mais aparentados do que minha espécie jamais será. Vocês podem até ter filhos de suas mulheres, enquanto esse cruzamento de raças não é possível entre a noite e o dia. Não, nós devemos permanecer escondidos do seu povo para nossa segurança. Mas, libertos da sede vermelha, espero que com o tempo possamos nos revelar aos mais esclarecidos entre vocês, aos homens de ciência e conhecimento, aos seus líderes. Podemos nos ajudar tanto mutuamente, Abner! Podemos ensinar a vocês suas próprias histórias, e conosco vocês podem aprender a se curar, a viver mais. De nossa parte, mal começamos. Eu venci a sede vermelha, e com ajuda eu sonho algum dia conquistar o próprio sol, para que tenhamos condições de sair de dia. Seus cirurgiões e homens de medicina poderiam ajudar nossas fêmeas a dar à luz, de modo que a procriação não equivalesse mais à morte.

Não há limites ao que minha raça é capaz de criar e realizar. Eu compreendi então, ouvindo Simon, que poderia fazer de nós um dos maiores povos da terra. Mas primeiro eu

preciso *encontrar* minha raça, antes que qualquer coisa dessas tenha início.

A tarefa não é fácil. Simon disse que na sua juventude chegaram a existir quase mil de nós, espalhados pela Europa, dos Urais até a Bretanha. Diz a lenda que alguns de nós migraram para o sul, até a África, ou para o oriente, até a Mongólia ou o Catai, mas ninguém tem qualquer prova dessas andanças. Dos mil que viveram na Europa, a maioria morreu em guerras ou julgamentos de bruxas, ou foi abatida por não ter a devida cautela. Talvez tenha restado uma centena, avaliou Simon, talvez menos. Os nascimentos foram poucos. E os que chegaram a sobreviver estavam espalhados e escondidos.

Assim começamos uma busca que levou uma década. Não vou chateá-lo com todos os detalhes. Numa igreja na Rússia, encontramos aqueles livros que você viu no meu camarote, a única literatura que se sabe ter sido escrita por alguém da minha raça. Eu decifrei a escrita no devido tempo, e li a melancólica história de uma comunidade de cinquenta membros do povo do sangue, seus sofrimentos, migrações e batalhas, suas mortes. Todos foram embora, os últimos três crucificados e queimados séculos antes de eu ter nascido. Na Transilvânia, descobrimos as ruínas queimadas de uma fortaleza nas montanhas; e, em cavernas embaixo dela, os restos de esqueletos de dois da minha raça, com estacas de madeira apodrecida projetando-se de suas costelas e crânios espetados sobre postes. Aprendi muito estudando aqueles ossos, mas não achamos sobreviventes. Em Trieste, descobrimos uma família que nunca havia saído de dia, e comentava-se que eram estranhamente pálidos. De fato, eram. Albinos. Em Budapeste demos com uma mulher rica, uma apavorante mulher maluca que açoitava suas criadas e as drenava com sanguessugas e facas, e esfregava o sangue na pele dela para preservar sua beleza. Mas ela era do seu povo. Confesso que a matei com as próprias mãos, de tão deprimido que ela me deixou. Ela não estava sob qualquer compulsão da sede; era daquele jeito por uma natureza maligna, e isso me enfureceu. Por fim, sem ter encontrado nada, voltamos à minha casa na Escócia.

Os anos se passaram. A mulher do nosso grupo, companheira de Simon e criada da minha infância, morreu em 1840, de causas que eu nunca fui capaz de determinar. Ela tinha menos de quinhentos anos de idade. Eu a dissequei e aprendi o quanto somos diferentes, o quanto somos inumanos. Ela tinha, pelo menos, três órgãos que eu nunca vira em cadáveres humanos. Tenho apenas uma vaga ideia de sua função. Seu coração tinha uma vez e meia o tamanho do coração humano, mas seus intestinos eram bem menores que os humanos, e ela tinha um estômago secundário — acredito que para a digestão do sangue. E outros detalhes que não vêm ao caso.

Eu li muito, aprendi outras línguas, escrevi um pouco de poesia, interessei-me por política. Frequentamos as melhores reuniões da sociedade, pelo menos Simon e eu. Smith e Brown nunca chegaram a mostrar muito interesse pelo inglês, e ficaram por conta deles. Duas vezes Simon e eu fomos ao continente juntos para realizar novas buscas. Uma vez eu o mandei para a Índia por três anos, sozinho.

Finalmente, há apenas dois anos, encontramos Katherine, morando em Londres, bem debaixo do nosso nariz. Era da nossa raça, claro. Mas mais importante foi a história que ela nos contou.

Ela disse que, por volta de 1750, um grupo razoável do nosso povo se espalhara pela França, Bavária e Áustria, e até pela Itália. Ela mencionou alguns nomes; Simon os reconheceu. Procuramos essas pessoas sem sucesso durante anos. Katherine nos contou que

um deles havia sido localizado e morto pela polícia em Munique, em 1753, ou perto disso, o que deixou os demais muitos assustados. Seu mestre de sangue decidiu que a Europa estava povoada demais, organizada demais para ser segura. Vivíamos nas fendas e sombras, e estas davam a impressão de ser cada vez mais escassas. Então o mestre de sangue fretou um navio e partiram todos de Lisboa em direção ao Novo Mundo, onde o ambiente selvagem, as florestas infindáveis e as rudes condições coloniais prometiam presas fáceis e segurança. Por que meu pai e seu grupo não foram incluídos na migração ela não soube dizer. Ela estava pronta para ir com eles, mas chuvas, tempestades e uma roda de carruagem quebrada atrapalharam sua ida a Lisboa, e, quando ela chegou, eles já haviam partido.

É claro que eu fui na hora para Lisboa e vasculhei os antigos registros de embarque que os portugueses haviam preservado. No devido tempo, descobri: o navio nunca voltou de sua viagem, como eu suspeitara. Depois de algum tempo no mar, eles não deviam ter tido outra opção a não ser se alimentar da tripulação, um por um. A questão era se o navio teria chegado a salvo ao Novo Mundo. Não encontrei nenhum registro disso. Mas descobri o destino pretendido: o porto de New Orleans. A partir daí, pelo Mississippi, o continente inteiro estaria à disposição deles.

O resto é óbvio. Viemos para cá. Eu tinha certeza de que os encontraria. Imaginei que com um vapor eu poderia desfrutar do luxo ao qual fui me acostumando e da mobilidade e liberdade que precisava para a minha busca. O rio é um lugar de gente excêntrica. Alguns excêntricos a mais não iriam chamar muita atenção. E, se as histórias de nosso fabuloso navio e do estranho capitão que só aparecia à noite se espalhassem por todo o rio, melhor ainda. As histórias chegariam aos ouvidos certos, e eles viriam até mim, como Simon fizera muitos anos antes. Então fiz algumas averiguações e nos encontramos uma noite em St. Louis.

O resto você sabe, imagino, ou pode adivinhar. Mas deixe-me dizer mais uma coisa. Em New Albany, quando você me mostrou nosso vapor, eu não fingi minha satisfação. O *Fevre Dream* é lindo, Abner, e é desse jeito que tinha que ser. Pela primeira vez, uma coisa bonita veio ao mundo por nossa causa. É um novo início. O nome me assustou um pouco, afinal, “febre” para o nosso povo é outra palavra para indicar a sede vermelha. Mas Simon ressaltou que tal nome iria provavelmente intrigar qualquer pessoa da nossa raça que chegasse a ouvi-lo.

Essa é a minha história, pelo menos, quase toda ela. Ou seja, a verdade, que você tanto insistia em saber. Você tem sido honesto comigo, à sua maneira, e eu acredito em você quando diz que não é supersticioso. Se meus sonhos se realizarem, chegará uma hora em que o dia e a noite irão juntar suas mãos e atravessar o crepúsculo do medo que se estende entre nós. É inevitável que haja uma hora de risco. Pois que seja agora, com você. O meu sonho e o seu, o nosso vapor, a natureza do meu povo e a do seu próprio povo, vampiros e gado, eu deixo tudo isso a seu critério, Abner. O que será que temos pela frente? Confiança ou medo? Sangue ou bom vinho? Amigos ou inimigos?”

15

A bordo do vapor *Fevre Dream*, New Orleans, agosto de 1857

No denso silêncio que se seguiu à história de Joshua, Abner Marsh era capaz de ouvir sua própria respiração constante e as batidas do coração no seu peito. Joshua falara durante horas, pelo menos era o que parecia, mas na quietude escura do camarote não havia como estar certo disso. Lá fora talvez já clareasse. Toby estaria preparando o café da manhã, os passageiros de camarote fazendo seu passeio matinal pelo convés das caldeiras, o cais fervilhando de atividade. Mas, dentro do camarote de Joshua York, a noite seguia em frente, eterna.

As palavras daquele maldito poema voltaram à sua mente e Abner Marsh ouviu a si mesmo dizer: — *A manhã ia, vinha… e regressava… Mas não trazia o dia!*

— *Das Trevas* — disse Joshua baixinho.

— E você viveu dentro delas o diabo da sua vida inteira — disse Marsh. — Nenhuma manhã, sequer uma. Por Deus, Joshua, como consegue suportar isso?

York não respondeu.

— Não tem nexo — disse Marsh. — É a história mais descabelada que eu já ouvi. Mas não posso dizer que não acredito.

— Espero que acredite — disse York. — E então, Abner?

Essa era a parte mais difícil, pensou Abner Marsh. — Eu não sei — disse ele honestamente. — Apesar de todas essas pessoas que você diz ter matado, mesmo assim eu ainda sinto pena de você. Não sei se deveria. Talvez devesse tentar matá-lo, talvez essa fosse a única coisa que um cristão deveria fazer. Talvez eu devesse tentar ajudá-lo. — Ele bufou, incomodado por aquele dilema. — Acho que o que devo fazer é ouvir você um pouco mais até tomar minha decisão. Porque você deixou uma coisa de fora, Joshua. Deixou mesmo.

— Sim? — instigou York.

— New Madrid — disse Abner Marsh com firmeza.

— Sei, o sangue nas minhas mãos — disse Joshua. — O que eu posso lhe dizer, Abner? Eu tirei a vida de alguém em New Madrid. Mas não é o que você pode estar suspeitando.

— Me diga então como foi. Vá em frente.

— Simon me contou muitas coisas sobre a história do nosso povo, nossos segredos, nossos hábitos, nossas peculiaridades. Uma das coisas que ele disse eu achei muito inquietante, Abner. Esse mundo que seu povo construiu é um mundo à luz do dia, e para nós não é fácil viver nele. Às vezes, para facilitar as coisas, um de nós recorre a um de vocês. Podemos usar o poder que reside nos nossos olhos e na nossa voz. Podemos usar nossa força,

nossa vitalidade, a promessa de uma vida infindável. Podemos usar as próprias lendas que seu povo construiu a nosso respeito para os nossos propósitos. Com mentiras, medo e promessas, podemos arrumar para nós um escravo humano. Uma criatura dessas pode ser muito útil. Pode nos proteger de dia, ir aonde não podemos ir, movimentar-se entre os homens sem levantar suspeitas.

"Em New Madrid houve um assassinato. Naquele mesmo depósito de lenha onde paramos. Pelo que eu lera nos jornais, tinha grande esperança de encontrar alguém da minha própria raça. Em vez disso, encontrei… chame-o como quiser… um escravo, um animal de estimação, um associado. Era um homem velho, muito velho. Um mulato, calvo e de rosto enrugado e pavoroso, com um olho leitoso e o rosto terrivelmente deformado pelas cicatrizes de alguma queimadura antiga. Não era agradável de olhar, e por dentro… por dentro era asqueroso. Corrompido. Quando cheguei perto dele, deu um pulo e brandiu um machado. E então olhou nos meus olhos. Ele me reconheceu, Abner. Ele soube o que eu era na hora. E caiu de joelhos na minha frente, chorando e berrando, *adorando-me*, rebaixando-se como um cachorro, implorando que eu cumprisse a promessa. A promessa — ele ficava dizendo —, a promessa, a *promessa*.

"Por fim, eu disse para ele parar e ele obedeceu. Na hora. Afastou-se, encolhido de medo. Devia ter sido ensinado a atentar para as palavras de um mestre de sangue, como você pode ver. Pedi então que me contasse a história da sua vida, na esperança de que pudesse me levar até o meu povo.

"A história dele era sinistra como a minha. Nascera de um negro liberto num lugar chamado O Brejo, que eu deduzi ser um famoso distrito de New Orleans. Ele passou a vida como cafetão, batedor de carteiras, por fim como degolador, atacando os barqueiros que vinham à cidade. Já havia matado dois homens antes dos dez anos de idade. Depois, serviu Vincent Gambi, o mais sanguinário dos piratas de Barataria. Era capataz dos escravos que Gambi roubava de comerciantes de escravos espanhóis e revendia em New Orleans. Também era ligado ao vodu. E ele havia nos servido.

"Contou-me de seu mestre de sangue, o homem que fez dele seu escravo, que ria do seu vodu e que lhe prometera ensinar as magias mais tenebrosas e poderosas. Sirva-me, o mestre de sangue prometera, e vou fazer com que você se torne um de nós. Suas cicatrizes serão curadas, seu olho vai voltar a enxergar de novo, você vai beber sangue e viver para sempre, nunca envelhecerá. Então o mulato ficou servindo-o. Por quase trinta anos, fez tudo o que lhe era mandado. Viveu em função de uma promessa. Matou por essa promessa, ensinaram-no a comer carne quente, a beber sangue.

"Até que finalmente seu mestre encontrou uma oportunidade melhor. O mulato, velho e doente agora, virou um estorvo. Não tinha mais utilidade, portanto foi descartado. Deviam ter tido a misericórdia de matá-lo, mas em vez disso foi mandado embora, rio acima, para se virar sozinho. Um escravo não se volta contra seu mestre de sangue, mesmo que descubra que a promessa que lhe foi feita era uma mentira. Por isso o velho mulato perambulou a pé, vivendo de furtos e assassinatos, subindo o rio lentamente. Às vezes até ganhava um dinheiro honesto capturando escravos ou como peão avulso, mas a maior parte do tempo ficava pelos bosques, um recluso que saía à noite. Quando ousava, comia a carne e bebia o sangue de suas vítimas, acreditando ainda que isso iria ajudá-lo a recuperar a juventude e a saúde. Ficou vivendo nos arredores de New Madrid por um ano, segundo me contou. Costumava cortar um

pouco de lenha para o homem do depósito, que estava velho e fraco demais para isso. Sabia que raramente alguém visitava aquele depósito. Então… bem, você sabe o resto.

"Abner, seu povo pode aprender muita coisa com o meu. Mas não as coisas que ele aprendera. Não *aquilo*. Senti pena dele. Era velho, repulsivo e sem esperança. Mas eu estava furioso também, tão furioso como ficara em Budapeste com aquela mulher rica que gostava de se lavar com sangue. Nas lendas do seu povo, o meu povo é pintado como a própria essência do mal. O vampiro não tem alma, não tem nobreza, não tem esperança de redenção, é o que se diz. Eu não posso aceitar isso, Abner. Eu matei inúmeras vezes, fiz muitas coisas terríveis, mas não sou mau. Não *escolhi* ser do jeito que sou. Quando não se tem escolha, não pode haver bem nem mal. Meu povo nunca teve escolha. A sede vermelha nos controla, nos condena, nos suprimiu tudo o que poderíamos ter sido. Mas o *seu* povo, Abner, eles não têm essa compulsão. Aquela coisa que eu encontrei na floresta perto de New Madrid, ele nunca sentiu a sede vermelha; ele poderia ter sido qualquer coisa, feito qualquer coisa. Em vez disso, escolheu se tornar o que era. Ah, não tenha dúvida, um membro da minha própria raça dividiu essa culpa com ele, o homem que mentiu para ele, que lhe prometeu coisas que ele nunca poderia ter. No entanto, posso entender a razão disso, tanto quanto posso abominar. Um aliado entre o seu povo pode fazer toda a diferença. Todos nós sabemos o que é o medo, Abner, tanto minha raça quanto a sua."

— O que eu não consigo entender é por que um de vocês iria desejar uma vida de trevas, por que iria desejar ter a sede vermelha. No entanto, ele a desejava, e com paixão. Implorou para que eu não o abandonasse, como o outro mestre de sangue fizera. Eu não podia lhe dar o que ele queria. Eu não lhe daria, mesmo que fosse possível. Eu lhe dei o que podia dar.

— Você lhe destroçou a maldita garganta, não foi? — disse Marsh no meio da escuridão.

— Eu não falei? — disse Valerie. Marsh quase havia esquecido que ela estava lá, quieta o tempo todo. — Ele não entende. Veja só o que está dizendo.

— Eu o matei — Joshua admitiu —, com as minhas mãos sim. O sangue dele escorreu dos meus dedos, empapou a terra. Mas não tocou meus lábios, Abner. E eu o enterrei intacto.

Outro grande silêncio encheu o camarote enquanto Abner Marsh alisava sua barba e pensava. — Escolha, você disse — ele observou finalmente. — Esta é a diferença entre bem e mal, você sabe disso. Agora parece que sou eu que tenho que fazer uma escolha.

— Todos nós fazemos escolhas, Abner. Todos os dias.

— Talvez esteja certo — disse Marsh. — Mas isso não me preocupa muito. Você diz que quer minha ajuda, Joshua. Vamos dizer que eu lhe dê. Como é que isso vai me tornar minimamente diferente desse maldito mulato velho que você matou? Responda-me!

— Eu nunca faria de você um… alguma coisa desse tipo — Joshua disse. — Nunca o tentei, Abner. Eu vou viver séculos depois que você morrer. Alguma vez eu o tentei com isso?

— Não, em vez disso você me tentou com um maldito barco a vapor — Marsh retrucou. — E você também me contou um monte de mentiras, com certeza.

— Mesmo minhas mentiras tiveram um quê de verdade, Abner. Eu lhe disse que procurava vampiros para pôr um fim ao seu mal. Consegue perceber que há verdade nisso? Eu preciso da sua ajuda, Abner, mas como sócio, não como um mestre de sangue precisa de um escravo.

Abner Marsh refletiu sobre isso. — Tudo bem — disse ele. — Talvez eu acredite em você. Talvez eu deva confiar em você. Mas, se você me quer como sócio, vai ter que confiar

em mim também.

— Considerei-o confiável a ponto de lhe contar tudo isso. Não é suficiente?

— Raios, não! — disse Abner Marsh. — Certo, você me contou a verdade, e agora está esperando uma resposta. Só que, se eu der a resposta errada, não vou conseguir sair vivo deste camarote, certo? Sua amiga aí vai cuidar disso, mesmo que você não concorde.

— Muito perspicaz, capitão Marsh — disse Valerie da escuridão. — Não lhe quero nenhum mal, mas Joshua não deve sofrer nenhum dano.

Marsh bufou. — Está vendo o que eu quero dizer? Isso não é confiança. Não somos mais sócios neste vapor. As coisas estão desiguais demais. Você pode me matar à hora que desejar. Eu preciso me comportar bem, caso contrário vou ser morto. Na minha visão, isso faz de mim um escravo, não um sócio. E eu também estou sozinho. Você tem aí todos os seus malditos amigos bebedores de sangue a bordo para ajudá-lo se houver problemas. Sabe Deus o que você está planejando, com certeza você não vai me contar. Mas eu não posso falar com ninguém, é o que você diz. Droga, Joshua, talvez você tenha que me matar já. Acho que não gosto nada, nada desse tipo de sociedade.

Joshua York refletiu em silêncio por um tempo. Então ele disse: — Muito bem. Eu entendo sua posição. O que você gostaria que eu fizesse para demonstrar minha confiança?

— Para começar — disse Marsh —, vamos supor que eu quisesse matar você. De que jeito eu teria que fazer isso?

— *Não!* — gritou Valerie alarmada. Marsh ouviu os passos dela aproximando-se de Joshua. — Você não pode lhe contar isso. Não sabe o que ele pode estar tramando, Joshua. Por que ele perguntaria isso se não estivesse com intenções de…

— A fim de nos deixar em pé de igualdade — disse Joshua baixinho. — Eu entendo o Marsh, Valerie, e este é um risco que precisamos correr. — Ela começou a contestar de novo, mas Joshua calou-a com um gesto e virou-se para Marsh: — Um tiro pode resolver isso. Afogamento. Se tiver uma arma, mire na cabeça. Nossos cérebros são vulneráveis. Um tiro que atravesse meu crânio pode me matar, mas um tiro no coração apenas irá me derrubar até que me recupere. As lendas são precisas num aspecto. Se você corta fora nossa cabeça e martela uma estaca no nosso coração, nós morremos. — Deu uma risada áspera. — Com alguém da sua espécie acho que seria a mesma coisa. O sol também pode ser mortal, como você comprovou. O resto, a prata e o alho, isso tudo é bobagem.

Abner Marsh soltou a respiração ruidosamente, mal percebendo que estava há um bom tempo prendendo-a. — Não precisa continuar — disse ele.

— Satisfeito? — perguntou York.

— Quase — disse Marsh. — Só mais uma coisa.

Um fósforo foi riscado sobre o couro, e de repente uma pequena chama dançante ardeu dentro da mão em concha de York. Ele a levou até uma lamparina a óleo, fez a chama correr pelo pavio e uma luz amarelada e tênue encheu o camarote. — Aí está — disse Joshua, apagando o fósforo com um movimento da mão. — Melhor, não é, Abner? Mais em pé de igualdade? As parcerias exigem um pouco de luz, não acha? Assim a gente pode se olhar nos olhos.

Abner Marsh começou a pestanejar e lacrimejar; depois de tanto tempo no escuro, mesmo um pouquinho de luz parecia terrivelmente ofuscante. Mas o quarto parecia maior agora, o terror e a sufocante proximidade se dissipando. Joshua York observava Marsh com

tranquilidade. Seu rosto estava coberto de folículos de pele seca, morta. Quando ele sorriu, um deles rachou e descamou-se. Seus lábios ainda estavam inchados e ele parecia ter levado dois socos nos olhos, mas as queimaduras e bolhas haviam sumido. A mudança era impressionante. — Qual é a outra coisa, então, Abner?

Marsh levou York ao pé da letra e olhou-o direto nos olhos. — Eu não vou passar por isso sozinho — disse ele. — Pretendo contar tudo ao…

— *Não* — disse Valerie, de onde ela estava, ao lado de Joshua. — Uma pessoa já é ruim o suficiente, não podemos deixar que ele espalhe isso. Eles vão nos matar.

— Que coisa, moça, não estou pretendendo anunciar isso no *True Delta*, sabia?

Joshua esticou os dedos e observou Marsh pensativamente. — Bem, e o que estava imaginando então, Abner?

— Uma ou duas pessoas — disse Marsh. — Eu não sou o único que alimentou suspeitas, você sabe. E poderia acontecer de você precisar de mais ajuda do que aquela que eu posso lhe dar. Eu só falaria com pessoas nas quais sei que posso confiar. Hairy Mike seria um deles. E o senhor Jeffers, ele é danado de esperto e já andou cismado com o senhor. Os demais não precisam saber. O senhor Albright é um pouquinho formal e devoto demais para ouvir tudo isso, e se você contar ao senhor Framm em uma semana o rio inteiro vai ficar sabendo. Quanto ao Whitey Blake, o tombadilho inteiro pode arder em chamas e ele não vai nem ligar, desde que os motores estejam funcionando direito. Mas Jeffers e Hairy Mike, esses dois devem ficar a par. São gente boa e você pode precisar deles.

— Precisar deles? — disse Joshua. — Como assim, Abner?

— Vamos dizer que algum dos seus amigos não goste dessa sua bebida. O que aconteceria nesse caso?

O sorriso cordial de Joshua York desapareceu de repente. Ele levantou, andou pelo camarote e se serviu de um drinque: uísque, puro. Ao virar-se de novo, ainda estava de cara amarrada. — Talvez — ele disse. — Preciso pensar nisso. Se é de fato possível confiar neles… Tenho algumas preocupações a respeito da viagem até aquele canal ao sul.

Pela primeira vez, Valerie não expressou nenhum protesto. Marsh olhou para ela, e viu que estava com os lábios apertados, e nos seus olhos havia algo que poderia ser apenas o medo se insinuando. — O que houve? — disse Marsh. — Vocês dois parecem um pouco… estranhos.

Valerie ergueu a cabeça. — *Ele* — disse a moça. — Eu pedi a vocês dois que dessem meia-volta e subissem o rio. Eu pediria isso de novo, se achasse que qualquer um de vocês pudesse me dar ouvidos. *Ele* está lá, em Cypress Landing.

— Quem? — perguntou Marsh, desnorteado.

— Um mestre de sangue — disse Joshua.— Abner, entenda que nem todos da minha espécie pensam como eu. Mesmo entre meus próprios seguidores, bem, Simon é leal, Smith e Brown são passivos, mas Katherine e… desde o início, eu senti ressentimento nela. Eu acredito que haja algo sombrio no âmago dela, algo que prefere os modos antigos, que lamenta o navio que ela perdeu e se irrita com a minha dominação. Ela obedece porque tem que fazer isso. Eu sou o mestre de sangue. Mas ela não gosta disso. E os outros, esses que a gente foi colocando a bordo pelo rio, eu não tenho certeza a respeito deles. Com exceção de Valerie e Jean Ardant, não confio inteiramente em nenhum deles. Lembra as advertências que você me fez a respeito de Raymond Ortega? Eu compartilho suas preocupações a respeito dele. Valerie

não significa nada para Ortega, portanto você errou ao pensar que o ciúme pudesse ser o motivo, mas quanto ao resto estava certo. Para trazer Raymond a bordo em Natchez, precisei dominá-lo, como dominei Simon há muito tempo em Cárpatos. Com Cara de Gruy e Vincent Thibaut, houve outros confrontos. Agora eles me seguem, porque têm que fazê-lo. Esse é o jeito do meu povo. Mas fico imaginando que pelo menos alguns deles estão apenas aguardando. Aguardando para ver o que vai acontecer quando o *Fevre Dream* chegar ao canal e eu me encontrar frente a frente com aquele que era mestre deles todos.

"Valerie me falou muito a respeito dele. Ele é velho, Abner. Mais velho do que Simon ou Katherine, mais velho que qualquer um de nós. A própria idade dele me preocupa. Agora ele se faz chamar de Damon Julian, mas antes o nome dele era Giles Lamont, o mesmo Giles Lamont que aquele infeliz mulato serviu por trinta inúteis anos. Soube que agora ele tem outro escravo humano…"

— Sour Billy Tipton — Valerie disse com desprezo.

— Valerie tem medo desse Julian — disse Joshua York. — Os outros também falam dele com medo, mas às vezes com certa lealdade junto. Como mestre de sangue, ele tomou conta deles. Deu-lhes um santuário, riqueza e banquetes. Eles se banqueteavam de escravos. Não admira que tenha se instalado onde se instalou.

Valerie balançou a cabeça. — Esqueça ele, Joshua. Por favor. Faça isso por mim, se não for por outra razão. Damon não vai receber bem sua chegada, não vai gostar da liberdade que você vem oferecer.

Joshua amarrou a cara, contrariado. — Ele ainda domina outros do nosso povo. Você quer que eu os abandone também? Não. E você pode estar equivocada em relação a Julian. Ele está sob o domínio da sede vermelha por incontáveis séculos e eu posso acalmar essa febre.

Valerie cruzou os braços, com seus olhos violeta furiosos. — E se ele não for acalmado? Você não o conhece, Joshua.

— Já sei, ele é educado, inteligente, culto, um amante da beleza — disse York, com ar de quem está no limite da paciência. — Você já me repetiu isso muitas vezes.

— Ele também é *forte*.

— Como Simon, Raymond e Cara. E eles agora me seguem.

— Damon é diferente — insistiu Valerie. — Não é como eles!

Joshua York fez cara de impaciência. — Não faz diferença. Eu vou controlá-lo.

Abner Marsh viu os dois discutindo e ficou em silêncio, pensativo, mas decidiu se manifestar. — O Joshua está certo — disse a Valerie. — Diabos, eu mesmo olhei nos olhos dele uma ou duas vezes, e ele esmagou cada um dos ossos da minha mão da primeira vez que nos cumprimentamos. Além disso, como é mesmo que você o chama? Rei?

— Isso — Valerie concordou. — Rei Pálido.

— Bem, se para vocês ele é o Rei Pálido, faz sentido que vença, não é?

Valerie olhou de Marsh para York, então estremeceu. — Vocês não o viram, nenhum de vocês. — Ela hesitou um instante, jogou o cabelo escuro para trás com sua mão fina e branca, e encarou Abner Marsh diretamente. — Talvez eu estivesse equivocada a seu respeito, capitão Marsh. Eu não tenho a força de Joshua, nem a sua confiança. Eu fui dominada pela sede vermelha por meio século. Seu povo era minha presa. Você não pode ser amigo da sua presa. Você simplesmente *não pode*. Tampouco pode confiar nela. Foi por isso que sugeri a Joshua

que o matasse. Não se pode simplesmente pôr de lado as precauções de toda uma vida. O senhor entende isso?

Abner Marsh assentiu, cauteloso.

— Eu ainda não estou segura — Valerie continuou —, mas Joshua tem nos mostrado muitas coisas novas e estou disposta a aceitar que talvez o senhor mereça confiança. Talvez. — Ela amarrou a cara, furiosa. — Mas, não importa se estou certa ou errada a seu respeito, eu estou *certa* quanto a Damon Julian!

Abner Marsh franziu o cenho, sem saber o que dizer. Joshua avançou e pegou a mão de Valerie, colocando-a dentro da sua. — Acho que não há por que vocês ficarem com tanto medo — disse. — Mas, em consideração a vocês, vou tomar todas as precauções. Abner, faça como tem vontade, conte ao senhor Jeffers e ao senhor Dunne. Será bom ter a ajuda deles se Valerie estiver certa. Escolha os homens para essa empreitada especial e deixe os demais em terra. Quando o *Fevre Dream* adentrar o canal, quero que seja conduzido apenas pelos seus melhores homens, os mais confiáveis e apenas os necessários para fazê-lo navegar. Sem fanáticos religiosos, sem ninguém que se assuste com facilidade, sem gente precipitada.

— Hairy Mike e eu vamos fazer a seleção — disse Marsh.

— Vou conhecer Julian no meu próprio vapor, na hora que eu escolher, com você e os melhores de seus homens me apoiando. Seja cuidadoso ao colocar as coisas para Jeffers e Dunne. Isso deve ser feito corretamente. — Ele olhou para Valerie. — Satisfeita?

— Não — disse ela.

Joshua sorriu. — Não posso fazer mais do que isso. — Ele olhou de novo para Abner Marsh. — Abner, estou feliz por você não ser meu inimigo. Agora estou mais próximo, meus sonhos estão à mão. Ao vencer a sede vermelha, tive meu primeiro grande triunfo. Gostaria de pensar que aqui, esta noite, você e eu conseguimos um segundo triunfo, o início da amizade e da confiança entre nossas raças. O *Fevre Dream* irá navegar no fio da navalha entre o dia e a noite, banindo o espectro do velho medo por onde quer que vá. Vamos conseguir grandes coisas juntos, amigo.

Marsh não ligava muito para esses discursos floreados, mas o tom exaltado de Joshua o comoveu mesmo assim e ele deu um sorriso relutante. — Tenho muito trabalho a fazer antes que a gente consiga realizar qualquer coisa — disse Marsh, pegando sua bengala e ficando em pé. — Vou indo, então.

— Ótimo — disse Joshua, sorrindo. — Vou descansar um pouco e vejo você de novo ao anoitecer. Providencie para que o barco esteja pronto para partir. Vamos resolver isso o mais rápido possível.

— Vou deixar nosso barco pronto — disse Marsh já saindo.

Lá fora, já era dia.

Parecia ser umas nove horas, pensou Abner Marsh em pé, piscando os olhos do lado de fora do camarote do capitão, depois de Joshua ter trancado a porta à sua saída. A manhã não era muito animadora; quente e abafada, com um céu nublado cinzento e pesado encobrindo o sol. A fuligem e a fumaça dos vapores que cruzavam o rio pairavam no ar. *Parece que vem tempestade*, pensou Abner Marsh, e a perspectiva lhe soou desanimadora. De repente, deu-se conta de que, praticamente, não havia dormido e sentiu um cansaço indizível, mas havia tanto a fazer que sequer cogitou tirar uma soneca.

Desceu até o salão principal, imaginando que talvez o café da manhã lhe desse algum

ânimo. Tomou uma caneca de café preto quente enquanto Toby lhe preparava alguns bolinhos de carne e panquecas recheadas de mirtilo. Enquanto comia, Jonathon Jeffers entrou no salão. Ao vê-lo, veio até sua mesa.

— Sente-se e coma alguma coisa — disse Marsh. — Quero ter uma conversa longa com o senhor. Mas não aqui. É melhor esperar que eu termine e então iremos ao meu camarote.

— Ótimo — replicou Jeffers num tom meio distraído. — Capitão, por onde andou? Fiquei horas procurando pelo senhor. Não estava no seu camarote.

— Joshua e eu ficamos conversando — disse Marsh. — Mas… por quê?

— Tem um homem aqui que ver vê-lo — disse Jeffers. — Ele subiu a bordo no meio da noite. É muito insistente.

— Não gosto que me deixem esperando tanto tempo, como se eu fosse um zé-ninguém — disse o estranho. Marsh nem vira o homem entrar. Então, sem sequer pedir licença, o homem puxou uma cadeira e sentou. Era um sujeito feio, mal-encarado, de rosto comprido, cheio de marcas de varíola. O cabelo ralo, quebradiço, pendia pela sua testa em mechas. Sua aparência era doentia, o cabelo e a pele estavam cobertos em alguns lugares por escamas brancas, com se ele tivesse atravessado uma nevasca particular. No entanto, vestia um terno preto de lã caro, uma camisa branca de babados no peito, e usava um anel de camafeu.

Abner Marsh não ligou para a sua aparência, o seu tom, os lábios apertados, os olhos cor de gelo. — Quem diabos é você? — disse de modo grosseiro. — É bom que tenha uma maldita razão para ter interrompido meu café da manhã, ou vou mandar atirá-lo pela amurada do navio. — O simples fato de dizer isso já fez Marsh se sentir melhor. Ele sempre achara que não tinha o menor sentido ser capitão de um vapor se você não pudesse mandar alguém para o inferno de vez em quando.

A expressão azeda do estranho não mudou nada, mas ele fixou seus olhos gélidos em Marsh com uma espécie de sorriso malicioso. — Estou comprando uma passagem nesse seu elegante navio.

— É o que você pensa — disse Marsh.

— Devo chamar Hairy Mike para dar conta desse indivíduo? — ofereceu Jeffers friamente.

O homem olhou para o oficial com um breve desdém. Seus olhos voltaram-se de novo para Marsh. — Capitão Marsh, eu vim ontem à noite trazer um convite para o senhor e o seu sócio. Imaginei que pelo menos um de vocês estaria acordado à noite. Bem, já é dia agora, então terá que ser hoje à noite. Um convite para jantar no St. Louis, uma hora após o pôr do sol, para o senhor e o capitão York.

— Eu não o conheço e não dou a mínima para você — disse Marsh. — Tenho certeza de que não iremos jantar juntos. Além disso, o *Fevre Dream* parte hoje à noite.

— Eu sei. E sei também para onde.

Marsh franziu o cenho. — Como assim?

— Estou vendo que você não conhece bem os negros. Quando um negro ouve alguma coisa, não demora nada para que todos os negros da cidade também fiquem sabendo. E eu, bem, sou um bom ouvinte. Vocês não vão querer colocar esse seu grande vapor naquele canal onde estão pretendendo ir, não é? Com certeza vão encalhar, talvez até rachem o casco do navio. Sabe, o homem que vocês procuram está bem aqui, esperando por vocês. Portanto, quando cair a noite, vá e diga isso ao seu mestre, está ouvindo bem? Diga a ele que Damon

Julian está esperando por ele no Hotel St. Louis. E que o senhor Julian está muito ansioso para conhecê-lo.

16

New Orleans, agosto de 1857

Sour Billy Tipton voltou ao Hotel St. Louis naquela noite mais do que receoso. Julian não iria gostar da mensagem que ele trazia do *Fevre Dream*, e era perigoso e imprevisível quando algo o desagradava.

Na saleta escura de sua suntuosa suíte, só uma pequena vela havia sido acesa. Sua chama refletia-se nos olhos negros de Julian, sentado na confortável poltrona de veludo perto da janela, bebericando um *sazerac*. O quarto estava denso de silêncio. Sour Billy sentiu o peso de vários olhares em cima dele. O trinco fez um pequeno e implacável clique quando a porta se fechou atrás dele. — Sim, Billy? — disse Damon Julian baixinho.

— Eles não virão, senhor Julian — disse Sour Billy, um pouco rápido e esbaforido demais. Na tênue luz, ele não conseguiu ver a reação de Julian. — Ele diz que é o senhor que tem que ir lá.

— Ele diz — repetiu Julian. — Ele quem, Billy?

— Ele — disse Sour Billy. — O… o outro mestre de sangue. Joshua York, esse é o nome dele. Aquele sobre o qual Raymond lhe escreveu falando. E tem o outro capitão, Marsh, o gordão de verrugas e bigode. Tampouco vem. Bastante grosseiro ele. Mas eu esperei escurecer, esperei o mestre de sangue levantar. Por fim, me levaram até ele. — Sour Billy ainda sentiu um frio ao lembrar da maneira com que os olhos cinza de York haviam pousado nos seus e de como o olharam como se ele fosse alguém insignificante. Havia um desprezo tão intenso neles que Billy precisou desviar seu olhar na hora.

— Conte-nos, Billy — disse Damon Julian —, como ele é, esse outro? Esse Joshua York. Esse *mestre de sangue*.

— Ele é… — Billy começou, balbuciando —, ele é… *branco*, quer dizer, a pele dele é branca mesmo, e o cabelo dele não tem cor. E ainda por cima ele vestia um terno branco. Parecia uma espécie de fantasma. E prata, usa muita prata. E o jeito de ele se mexer… é como um daqueles malditos crioulos, senhor Julian, todo empinado, altivo. Ele é… é como o senhor. Os *olhos* dele…

— Pálido e forte — murmurou Cynthia do canto oposto do quarto. — E com um vinho que controla a sede vermelha. É ele mesmo, Damon? Deve ser. Deve ser verdade. Valerie sempre acreditou nessas histórias e eu zombava dela por causa disso, mas deve ser isso mesmo. Ele vai reunir todos nós, levar-nos de volta à cidade perdida, a Cidade Escura. Nosso reino, nosso reino de direito. É verdade, não é? Ele é o mestre dos mestres de sangue, o rei

pelo qual a gente esperava. — Ela olhou para Damon Julian esperando alguma resposta.

Damon Julian tomou um gole do seu *sazerac* e deu um sorriso tímido, felino. — Um rei — ele refletiu. — E o que foi que esse rei lhe disse, Billy? Conte-nos.

— Disse para irmos ao vapor, todos nós. Amanhã, depois que escurecer. Para jantar, disse ele. Nem ele nem Marsh virão aqui sozinhos, como você queria. Marsh disse que, se eles vierem aqui, será junto com todos os outros.

— O rei é estranhamente tímido — comentou Julian.

— Mate-o! — Sour Billy soltou de repente. — Vá até aquele maldito vapor e mate-o, mate eles todos. Ele está *errado*, senhor Julian. Os olhos dele, parece um maldito crioulo, o jeito que ele me olhou. Como se eu fosse uma barata, um zé-ninguém, mesmo sabendo que eu vinha da sua parte. Ele acha que é melhor que o senhor, e aqueles outros, o capitão cheio de verrugas e o maldito oficial, todos fazendo pose; deixe que eu corte esse cara, eu vou fazê-lo sangrar um pouco em cima daquelas roupas finas dele. O senhor precisa matá-lo, o senhor *precisa*.

O quarto ficou silencioso após o acesso de Sour Billy. Julian ficou olhando fixamente pela janela, para a noite lá fora. As janelas estavam escancaradas, por isso as cortinas agitavam-se preguiçosamente na brisa noturna, e lá de baixo vinham os ruídos da rua. Os olhos de Julian estavam sombrios, encobertos, fixos em luzes distantes.

Quando ele finalmente virou a cabeça, suas pupilas refletiram de novo o brilho da única chama de vela, prendendo-a dentro delas, vermelha e vacilante. Seu rosto ganhou um ar magro, selvagem. — A bebida, Billy — instigou ele.

— Ele faz todo mundo bebê-la — disse Sour Billy. Encostou na porta e puxou sua faca. Sentia-se melhor com ela na mão. Começou a tirar sujeira das unhas enquanto falava. — Não é só sangue, a Cara disse. Tem mais alguma coisa. Mata a sede, todos eles dizem isso. Andei pelo barco todo, falei com Raymond, com Jean, com Jorge e mais uns dois. Eles me contaram. Jean ficou elogiando a bebida, que era um alívio e tal. Veja só.

— Jean — disse Julian com desprezo.

— Então é verdade — disse Cynthia. — Ele é maior do que a sede.

— E tem outra coisa — acrescentou Sour Billy. — O Raymond disse que o York está muito amigo da Valerie.

O silêncio na saleta ficou tenso. Kurt franziu o cenho. Michelle desviou o olhar. Cynthia deu um gole na sua bebida. Todos sabiam que Valerie, a linda Valerie, tinha sido a preferida de Julian; todos ficaram observando-o com cautela. Julian parecia pensativo. — Valerie? — disse ele. — Certo. — Dedos longos, pálidos, tamborilaram no braço da sua poltrona.

Sour Billy Tipton encostou a ponta da faca nos dentes, satisfeito. Imaginou que esse detalhe sobre Valerie decidiria a questão. Damon Julian havia feito planos para Valerie, e não gostava que ninguém atrapalhasse seus planos. Ele comentara isso com Billy, com um ar maroto, quando Billy lhe perguntou por que ele a mandara embora.

— Raymond é jovem e forte, e pode dar conta dela — Julian dissera então. — Vão estar sozinhos, os dois, sozinhos um com o outro e com a sede. Uma visão romântica, não acha? E, em um ano ou dois, ou cinco, Valerie terá um filho. Quase posso apostar isso, Billy. — E então ele deu aquela sua risada profunda e musical. Mas agora não estava rindo.

— O que vamos fazer, Damon? — Kurt perguntou. — Iremos lá?

— Sim, é claro — disse Julian. — Como poderíamos recusar um convite tão amável, e

ainda mais de um rei. E vocês não querem provar esse vinho dele? — Ele olhou para cada um deles, mas ninguém ousou falar. — Vamos lá — disse Julian —, onde foi parar o entusiasmo de vocês? Jean está recomendando essa safra para nós, e Valerie também, sem dúvida. Um vinho mais doce que o sangue, denso de substância de vida. Pensem na paz que irá nos trazer. — Ele sorriu. Ninguém falou nada. Ele esperou. Quando o silêncio já durava um bom tempo, Julian deu de ombros e disse. — Bom, então eu espero que o rei não nos menospreze se preferirmos outras bebidas.

— Ele faz todos tomarem — disse Sour Billy. — Quer queiram, quer não.

— Damon — interveio Cynthia —, você… declinaria o convite? Não pode fazer isso. Temos que ir até ele. Temos que fazer como ele propõe. Nós *temos*.

Julian virou a cabeça lentamente e a encarou. — Você acha mesmo? — perguntou, sorrindo de leve.

— Sim — sussurrou Cynthia. — A gente tem. Ele é mestre de sangue. — Ela desviou o olhar.

— Cynthia — disse Damon Julian —, olhe para mim.

Lentamente, com infinita relutância, ela ergueu de novo a cabeça até que seu olhar encontrou o de Julian. — Não — ela sussurrou. — Por favor, por favor…

Damon Julian não disse nada. Cynthia não desviou o olhar. Ela deslizou de sua poltrona, ajoelhou-se no tapete, tremendo. Um bracelete, feito de cordão de ouro e ametistas, brilhou no seu pequeno pulso. Ela o afastou e seus lábios se abriram devagar, como se ela fosse falar, e então levantou a mão e encostou a boca no pulso. O sangue começou a jorrar.

Julian esperou até que ela rastejasse pelo tapete, com o braço estendido em oferenda. Com solene cortesia, tomou a mão dela na sua e bebeu longa e profundamente. Quando terminou, Cynthia ergueu-se em pé cambaleante, fraquejou e voltou a ficar num joelho só, e por fim levantou de novo, tremendo. — Mestre de sangue — disse ela, a cabeça em reverência. — Mestre de sangue.

Os lábios de Damon Julian estavam vermelhos e úmidos, e uma pequena gota de sangue escorria pelo canto da boca. Pegou um lenço do bolso, cuidadosamente secou a fina linha de líquido do seu queixo, dobrou-o com cuidado e guardou-o de novo. — É um vapor grande, Billy? — perguntou.

Sour Billy embainhou sua faca atrás dele com um gesto fácil, habitual, sorrindo. A ferida no pulso de Cynthia, o sangue no queixo de Julian, tudo isso deixou-o ávido, excitado. Julian iria dar uma lição àquelas malditas pessoas do barco, pensou ele. — É o maior barco que já vi na vida — ele respondeu —, e muito bonito também. Prata, espelhos e mármore, muitos vitrais e tapetes. Vai gostar dele, senhor Julian.

— Um barco a vapor — ponderou Damon Julian. — Por que será que não pensei nunca no rio? As vantagens parecem tão óbvias.

— Então iremos lá? — perguntou Kurt.

— Sim — disse Julian. — Claro que vamos. Afinal, o mestre de sangue nos convocou. O rei. — Ele riu, jogando a cabeça para trás, escandalosamente. — O rei! — ele gritava entre os acessos de riso. — O *rei*! — Um por um, os outros começaram a rir junto com ele.

Julian levantou abruptamente, como um canivete de mola que se abre, seu rosto solene de novo e a risada se acalmando do mesmo jeito repentino com que explodira. Olhou fixamente para a escuridão fora do hotel. — Temos que levar um presente — disse ele. —

Não se deve comparecer perante a realeza sem um presente. — Ele virou-se para Sour Billy. — Amanhã você irá até a Moreau Street, Billy. Tem uma coisa que eu quero que você consiga para mim. Um presentinho para o nosso Rei Pálido.

17

A bordo do vapor *Fevre Dream*, New Orleans, agosto de 1857

Parecia que metade dos vapores de New Orleans decidira partir naquela mesma tarde, pensou Abner Marsh, em pé no tombadilho, vendo-os partir.

O habitual era que os barcos que subiam o rio saíssem do cais por volta das cinco da tarde. Às três, os engenheiros acendiam as fornalhas e começavam a comprimir vapor. Resina e piche de pinho eram enfiados nas famintas bocas das fornalhas, junto com madeira e carvão, e de cada um dos barcos começava a se erguer a fumaça preta, subindo pelas altas chaminés floreadas em altas colunas quentes, como penachos escuros de despedida. Seis quilômetros de barcos a vapor, compactados ao longo do cais, podem gerar um bocado de fumaça. As fuliginosas colunas começavam então a se misturar numa imensa nuvem preta uns sessenta metros acima do rio; uma nuvem cortada por cinzas cheias de fagulhas incandescentes, à deriva no vento. E a nuvem ia ficando maior à medida que mais vapores preparavam sua partida e despejavam mais fumaça, até que aquele manto borrasse o sol e começasse a rastejar pela face da cidade.

Daquele ponto privilegiado do tombadilho em que Abner Marsh se instalara, parecia que a cidade inteira de New Orleans ardia em chamas, e que todos os vapores estavam prestes a fugir dela. Aquilo o deixava inquieto, como se de algum modo os outros capitães soubessem de algo que ele desconhecia, como se o *Fevre Dream* também devesse esquentar seus motores e se aprontar para zarpar. Marsh estava ansioso para partir. Apesar de toda a riqueza e elegância do comércio de New Orleans, sentia falta dos rios que conhecia: do alto Mississippi, com suas escarpas e densos bosques; do selvagem e lamacento Missouri, que engolia vapores com a maior facilidade; do estreito Illinois; e do lodoso Fevre. A viagem inaugural do *Fevre Dream* por Ohio parecia quase idílica para ele agora, uma lembrança de dias mais simples e melhores. Não havia passado nem dois meses, e parecia uma eternidade. Desde que haviam saído de St. Louis e descido o rio, as coisas tinham andado mal, e, quanto mais para o sul, mais pioravam. — Joshua tem razão — Marsh murmurou para si mesmo, enquanto olhava para New Orleans. — Há algo de podre aqui. — Era quente demais, úmido demais, cheio daqueles malditos insetos, suficientes para fazer um homem pensar que havia uma maldição naquele lugar funesto. E talvez houvesse, por conta da escravidão, embora Marsh não tivesse muita certeza disso. A certeza que ele tinha era que queria dizer a Whitey para acender as caldeiras e arrastar Framm ou Albright até a cabine do piloto, para que tirassem o *Fevre Dream* do cais e o pilotassem rio acima. Já. Antes do pôr do sol. Antes que

eles chegassem.

Abner Marsh queria tanto gritar essas ordens que podia até sentir o sabor das palavras, pousando amargas e não ditas na sua língua. Sentia uma espécie de receio supersticioso sobre aquela noite, embora dissesse a si mesmo repetidas vezes que não era um homem supersticioso. Mesmo assim, tampouco era cego: o céu estava quente e sufocante e, a oeste, uma tempestade se armava, daquelas grandes, espetaculares, a tempestade que Dan Albright farejara há uns dois dias. E os vapores iam partindo, um após o outro, dezenas deles, e, conforme Marsh os via se afastarem rio acima e sumir nas cintilantes ondas de calor, sentia-se cada vez mais sozinho, como se cada vapor que se desvanecia na distância carregasse um pouco dele a bordo, um pouco da sua coragem, um naco da sua certeza, um sonho ou uma pequena esperança coberta de fuligem. Muitos vapores deixam New Orleans todo dia, Marsh pensou consigo, e hoje não seria diferente, é só um dia como outro qualquer no rio, em agosto: quente, fumacento e preguiçoso, tudo se movendo devagar, à espera, talvez, de uma lufada de ar mais frio ou da chuva fresca e limpa que iria lavar a fumaça do céu.

Mas outra parte dele, uma parte mais velha e mais profunda, sabia que o que estavam aguardando não era nem fresco nem limpo, e que não traria alívio do calor, da umidade, dos insetos, do medo.

Lá embaixo, Hairy Mike gritava com os estivadores e fazia gestos de ameaça com sua barra de ferro preta, mas os ruídos do atracadouro, os sinos e apitos de outros vapores encobriam suas palavras. Um monte de carga aguardava no cais, quase mil toneladas, que era a capacidade máxima do *Fevre Dream*. Nem uma quarta parte disso havia sido carregada ao longo das estreitas pranchas até o convés principal. Iria demorar horas para trazer o restante a bordo. Mesmo que quisesse, Marsh não poderia levar todo mundo embora, não com todo aquele frete esperando na área de carga. Hairy Mike, Jeffers e todos os demais iriam achar que ele enlouquecera.

Ele queria ter sido capaz de contar tudo a eles, como pretendia, para que pudessem fazer planos juntos. Mas não havia tempo. Tudo começara a andar muito rápido, e naquela noite o tal de Damon Julian viria a bordo do *Fevre Dream* para um jantar. Não havia tempo para conversar com Hairy Mike ou com Jonathon Jeffers, não havia tempo para explicar ou convencer ou lidar com as dúvidas e perguntas que eles com certeza iriam levantar. Então, à noite, Abner Marsh estaria sozinho, ou quase sozinho, só ele e Joshua numa sala cheia *deles*, o pessoal da noite. Marsh não contava Joshua York entre os outros. Ele era diferente, de algum modo. E Joshua dissera que tudo iria correr bem, Joshua tinha a bebida dele, Joshua era cheio de palavras muito sonoras e de sonhos. Mas Abner Marsh tinha seus pressentimentos.

O *Fevre Dream* estava tranquilo, quase deserto. Joshua mandara quase todo mundo para a cidade; o jantar à noite seria o mais privado que ele conseguisse torná-lo. Não era desse jeito que Abner Marsh teria gostado, mas não havia discussão com Joshua quando ele enfiava uma ideia na cabeça. No salão principal, a mesa já estava posta. As luzes ainda não haviam sido acesas, e a fumaça e o vapor e a tempestade que se armava lá fora, tudo isso conspirava para fazer com que a iluminação que se filtrava pelas claraboias fosse tênue, sombria, cansada. Parecia a Marsh como se o anoitecer já tivesse chegado ao salão e ao seu barco. Os tapetes pareciam quase pretos, os espelhos estavam cheios de sombras. Atrás do longo balcão de mármore preto, um garçom lavava copos, mas mesmo ele era de certo modo indistinto, esmaecido. Marsh cumprimentou-o mesmo assim e seguiu até a cozinha, depois da gaiola das

rodas-d'água. Para lá das portas da cozinha, encontrou muita atividade; dois auxiliares de cozinha de Toby mexiam grandes panelas de cobre ou fritavam frangos, enquanto os garçons perambulavam por ali fazendo brincadeiras uns com os outros. Marsh sentiu o cheiro de tortas sendo assadas nos grandes fornos. Ficou com a boca cheia d'água, mas seguiu em frente, resoluto. Encontrou Toby na galeria de estibordo, rodeado por todos os lados de pilhas de engradados cheios de frangos e pombos, alguns tordos, patos e outras aves, que faziam a maior algazarra. Toby ergueu a cabeça para olhar quando Marsh entrou. O cozinheiro passara a tarde matando frangos. Três aves degoladas estavam empilhadas perto dos seus cotovelos e uma quarta estava na tábua de corte à sua frente, lutando intermitentemente. Toby segurava o cutelo na mão. — E aí, capitão Marsh — disse sorrindo. Deu um golpe hábil com o cutelo, fazendo um barulho surdo. O sangue espirrou, e o frango sem cabeça estrebuchou loucamente quando Toby o soltou. Suas mãos pretas estavam encharcadas de sangue. Limpou-as no avental. — Em que posso ajudá-lo? — perguntou.

— Só queria lhe dizer que, mais à noite, depois que o jantar terminar, quero que vocês saiam do barco — disse Marsh. — Sirva-nos direitinho, e depois vá embora. Leve seus auxiliares de cozinha junto e os garçons também. Está entendendo? Ouça bem o que estou lhe dizendo.

— Com certeza, capitão — disse Toby com um sorriso. — Entendo muito bem. Vão fazer uma festinha, não é?

— Não se preocupe com isso — disse Marsh. — Cuide só de ir para terra depois que terminar o trabalho. — Virou-se para ir embora, de rosto sério. Mas algo o fez dar meia-volta. — Toby — disse ele.

— Sim, capitão?

— Você sabe que eu nunca gostei muito desse negócio de escravidão, embora nunca tenha feito muito contra ela também. Até faria, mas esses malditos abolicionistas parecem pregadores religiosos. Só que andei pensando e me parece que talvez, no final das contas, eles estejam certos. Não dá para você simplesmente sair por aí… usando outro tipo de pessoas, como se elas não fossem pessoas também. Está entendendo o que estou dizendo? Isso precisa acabar, mais cedo ou mais tarde. Melhor se terminar de um jeito pacífico, mas tem que acabar nem que seja com fogo e sangue, não é? Talvez seja isso que os abolicionistas vêm dizendo esse tempo todo. A gente deve tentar ser razoável, está certo, mas, se isso não funciona, então tem que estar disposto a tudo. Algumas coisas simplesmente estão erradas. E é preciso pôr um fim nelas.

Toby olhava para ele estranhando, meio ausente, limpando as mãos na frente do seu avental, para cima e para baixo. — Capitão — disse ele baixinho —, o senhor está falando em abolição. E este é um estado escravista, capitão. O senhor pode ser morto se o pegarem falando essas coisas.

— Talvez, Toby, mas o que é certo é certo, e pronto.

— O senhor fez muito pelo velho Toby, capitão Marsh, dando-me a liberdade e tudo mais, para que eu pudesse cozinhar para o senhor. Ah, isso o senhor fez, realmente.

Abner Marsh assentiu. — Toby — disse ele —, vá buscar uma faca de cozinha para mim. Não comente nada com ninguém sobre isso, ouviu? Só vá lá e me traga uma faca bem afiada. Ela deve caber enfiada dentro da minha bota, entendeu?

— Sim, senhor capitão Marsh — disse Toby. Seus olhos se fecharam só um pouquinho

em seu rosto negro enrugado. — Sim, senhor. — Ele obedeceu correndo.

Pelas duas horas seguintes, Abner Marsh ficou andando de um jeito meio esquisito, com a longa faca escondida em sua bota de cano alto. Mas depois que escureceu, a lâmina já não incomodava mais e ele quase esqueceu que a carregava ali.

A tempestade despencou pouco antes do pôr do sol. A essa altura, a maioria dos vapores que rumavam para o norte já havia ido embora há tempo, embora outros tivessem ocupado seu lugar no cais de New Orleans. A tempestade começou com um terrível estrondo, como o das caldeiras de um vapor entrando em ação. Os relâmpagos faiscaram lá em cima e a chuva despencou gritando, torrencial como uma inundação de primavera. Marsh ficou debaixo da cobertura do convés das caldeiras, ouvindo a água bater no seu barco e observando as pessoas no cais atarantadas atrás de um abrigo. Estava lá em pé há um longo tempo, inclinado na amurada e pensando, quando de repente Joshua York se pôs ao lado dele. — Está chovendo, Joshua — disse Marsh, apontando a chuva com a bengala. — Talvez esse Julian não venha hoje à noite. Talvez não queira se molhar.

Joshua York estava com um aspecto solene e estranho. — Ele virá — disse ele. E se resumiu a isso. Simplesmente "Ele virá".

E foi o que aconteceu por fim.

A essa altura, a tempestade já havia amainado. A chuva ainda caía, mas era mais moderada, mais leve, quase uma garoa. Abner Marsh ainda estava no convés e viu o pessoal chegando, caminhando pelo cais molhado, deserto. Mesmo a distância, soube que eram eles. Havia algo no seu jeito de andar, algo gracioso e predatório, cheio de uma beleza terrível. Um deles andava diferente, com ar de superioridade e deslizando, como se tentasse ser um deles, mas sem muito sucesso, e quando chegaram mais perto Marsh viu que era Sour Billy Tipton. Ele vinha carregando algo, todo desajeitado.

Abner Marsh entrou no salão principal. Os outros estavam todos à mesa: Simon e Katherine, Smith e Brown, Raymond, Jean, Valerie e todos os demais que Joshua reunira pelo rio afora. Falavam baixinho, mas ficaram em silêncio quando Marsh entrou. — Estão chegando — disse Marsh. Joshua York levantou do seu assento na cabeceira da mesa e foi recebê-los. Abner Marsh dirigiu-se ao bar e serviu-se de uísque. Tomou-o de uma talagada e em seguida tomou outro, apressado, indo depois para a mesa. Joshua insistira para que ficasse junto à cabeceira, à esquerda dele. A cadeira à direita de Joshua estava reservada para Damon Julian. Marsh desabou pesadamente na cadeira e ficou olhando de cara feia para o lugar vazio à sua frente.

E então eles entraram.

Apenas quatro do pessoal da noite entraram no salão, notou Marsh. Sour Billy ficou para trás, em algum lugar, o que, aliás, se ajustou muito bem ao que o capitão queria. Havia duas mulheres e um homem imenso de rosto branco, que fez uma cara sombria e sacudiu a água do seu casaco. E o outro, *ele*, foi reconhecido na hora por Marsh. Tinha um rosto liso, sem sinais de idade, emoldurado por cachos de cabelo preto, parecia uma espécie de lorde em seu terno cor de grená escuro, com uma camisa de seda de colarinho folgado, toda rendilhada na frente. Num dos dedos usava um anel de ouro com uma safira do tamanho de um cubinho de açúcar, e presa no seu colete preto havia uma pedra brilhante, um pedaço de diamante negro polido numa delicada rede de ouro amarelo. Atravessou o salão e então, dando a volta na mesa, parou em pé junto ao lugar de Joshua, atrás da cadeira na cabeceira da mesa. Pôs suas mãos

macias e brancas sobre o encosto da cadeira e *olhou* para eles, um por um, ao longo da mesa.

E todos ficaram em pé.

Os três que tinham vindo primeiro com ele, depois Raymond Ortega, e depois Cara, e o restante, sozinhos ou aos pares. Valerie foi a última de todos. Todos no salão ficaram em pé, todos menos Abner Marsh. Damon Julian sorriu, um sorriso caloroso, encantador. — É bom estar com todos vocês uma vez mais — disse ele. Olhou especialmente para Katherine. — Minha querida, há quantos anos, não? Há quantos e quantos anos…

Marsh achou o largo sorriso que iluminou o rosto de abutre dela terrível de contemplar. Ele decidiu então assumir o controle da situação. — Vamos sentar — disse ele para Damon Julian, puxando-o pela manga. — Estou com fome, e a gente já esperou demais pelo jantar.

— Sim — disse Joshua, e isso quebrou o encanto; todos tomaram seus assentos novamente. Mas Julian sentou no lugar de Joshua, o assento à cabeceira da mesa.

Joshua aproximou-se e ficou em pé atrás de Julian. — O senhor pegou meu lugar — disse ele. Sua voz soou neutra e tensa. — O seu assento é este outro, senhor. Se tiver a gentileza — York indicou o lugar com um gesto. Seus olhos estavam fixos em Damon Julian e Marsh ergueu os olhos até o rosto de Joshua, vendo ali o poder, a fria intensidade, a determinação.

Damon Julian sorriu. — Oh — disse ele baixinho. Deu de ombros sutilmente. — Perdão. — Então, sem olhar para Joshua York sequer por um instante, levantou e passou para o outro assento.

Joshua sentou-se, formalmente, e fez um gesto impaciente com os dedos. Um garçom veio correndo das sombras e depositou uma garrafa sobre a mesa, diante de York. — Agora tenha a bondade de sair da sala — disse Joshua ao jovem.

A garrafa não tinha rótulo. Sob os lustres, rodeada pelas cintilações dos cristais e da prata, parecia escura e ameaçadora. Já estava aberta. — Você sabe o que é isso — Joshua York disse sem rodeios para Damon Julian.

— Sim.

York estendeu o braço, pegou a taça de vinho de Julian e despejou a bebida. Encheu a taça até a borda e colocou-a de volta diante do outro. — Beba — ordenou.

York tinha os olhos postos em Julian. Este olhava fixamente para a taça, um leve sorriso insinuando-se pelos cantos da boca, como se estivesse mergulhado em algum divertimento secreto. O salão principal fez silêncio absoluto. A distância, Marsh ouviu o débil lamento de um vapor avançando na chuva. O momento pareceu durar uma eternidade.

Damon Julian estendeu a mão, pegou e taça e bebeu. Num único gole, longo, esvaziou a taça, e foi como se tivesse bebido toda a tensão da sala. Joshua sorriu. Abner Marsh resmungou e, na outra ponta da mesa, outros trocaram olhares de preocupação e desconcerto. York encheu mais três taças, e fez com que fossem passadas aos três companheiros de Julian. Todos beberam. Começaram algumas conversas sussurradas.

Damon Julian sorriu para Abner Marsh. — Seu vapor é muito impressionante, capitão Marsh — disse ele cordialmente. — Espero que a comida seja tão excelente quanto.

— A comida — disse Marsh — é melhor. — Ele berrou algumas ordens, sentindo-se quase à vontade de novo, e os garçons começaram a trazer o banquete que Toby havia preparado. Por mais de uma hora, todos comeram. O pessoal da noite tem modos finos, mas seu apetite é voraz como o de qualquer homem do rio. Eles atacaram a comida como um bando

de estivadores que acabou de ouvir o capataz gritar “Olha a boia!”. Quer dizer, todos exceto Damon Julian. Julian comeu devagar, quase delicadamente, fazendo pausas frequentes para dar goles no seu vinho, sorrindo frequentemente sem qualquer razão aparente. Marsh já devorara sua terceira travessa, e o prato de Julian ainda estava pela metade. A conversa foi tranquila e irrelevante. Aqueles mais afastados falavam baixo e acaloradamente, por isso Marsh não conseguiu descobrir o que diziam. Bem perto dele, Joshua York e Damon Julian derramavam um monte de palavras sobre a tempestade, o calor, o rio e o *Fevre Dream*. Exceto na hora em que estavam falando sobre seu vapor, Abner Marsh deu pouca atenção, preferindo concentrar-se no seu prato.

Finalmente foram servidos café e conhaque, depois os garçons sumiram, e o salão principal do barco ficou vazio, a não ser por Abner Marsh e o pessoal da noite. Marsh bebericou seu conhaque e ouviu o barulho que fez ao sorvê-lo antes de perceber direito que todas as conversas haviam cessado. — Estamos aqui juntos finalmente — disse Joshua, em voz baixa —, e este é um novo início para nós, para o povo da noite. Aqueles que vivem de dia poderiam chamá-lo de um novo alvorecer. — Ele sorriu. — Para nós, um novo pôr do sol seria uma metáfora mais adequada. Ouçam, todos vocês. Deixem-me falar dos meus planos. — Então Joshua ficou em pé e começou a falar seriamente.

Quanto tempo ele discursou Abner Marsh não saberia dizer com certeza. Marsh já ouvira tudo aquilo antes; liberdade em relação à sede vermelha, um ponto-final no medo, confiança entre o dia e a noite, as coisas que poderiam ser conseguidas em parceria, a magnífica nova era. Joshua prosseguiu, falou e falou, eloquente, apaixonado, com uma fala recheada de trechos de poemas e de palavras rebuscadas. Marsh prestou mais atenção aos outros, às fileiras de rostos pálidos que se alinhavam pela mesa. Todos tinham os olhos postos em Joshua, todos ouviam em silêncio. Mas não o faziam do mesmo jeito. Simon parecia um pouco inquieto, e olhava de York para Julian. Jean Ardant parecia arrebatado e reverente, mas alguns dos outros rostos estavam frios e sem expressão, difíceis de ler. Raymond Ortega sorria timidamente, o grandalhão Kurt franzia o cenho, enquanto Valerie parecia nervosa e Katherine, bem, esta tinha no seu rosto magro e duro uma aparência de profunda aversão, que Marsh hesitou em continuar contemplando.

Então Marsh olhou diretamente à sua frente, onde Damon Julian estava sentado, e descobriu Julian olhando fixamente para ele. Seus olhos eram negros, firmes e brilhantes como a brasa do melhor carvão. Marsh viu poços ali, poços intermináveis, sem fundo, um abismo esperando engolir todos os presentes. Ele desviou o olhar, relutando até mesmo em tentar olhar fixamente para Julian, como tentara tolamente encarar York tempos antes na Planter’s House. Julian sorriu, olhou de novo para Joshua, deu um gole no seu café frio e continuou ouvindo. Abner Marsh não gostou daquele sorriso, nem da profundidade daqueles olhos. De repente, ficou com medo de novo.

E finalmente Joshua concluiu sua fala e sentou.

— O vapor é uma ideia excelente — disse Julian em tom amigável. Sua voz suave estendia-se pelo comprimento da sala. — Sua bebida pode até ter seus usos. De vez em quando. O resto, querido Joshua, você deveria esquecer. — Seu tom era elegante, seu sorriso tranquilo e radiante.

Alguém chegou a tomar bastante fôlego, mas ninguém ousou falar. Abner Marsh se sentou bem ereto. Joshua franziu o cenho. — Desculpe, não entendi bem — disse ele.

Julian fez um gesto lânguido de rejeição. — Sua história me entristece, caro Joshua — disse ele. — Criado entre o gado, agora você pensa como eles. Não é sua culpa, é claro. Com o tempo aprenderá e celebrará sua verdadeira natureza. Eles o corromperam, esses pequenos animais no meio dos quais você tem vivido, eles o encheram com suas pequenas moralidades, suas religiões fracas, seus sonhos tediosos.

— O que você está dizendo? — a voz de Joshua denotava raiva.

Julian não respondeu diretamente. Em vez disso, virou-se para Marsh. — Capitão Marsh — perguntou —, este assado que o senhor apreciou tanto já foi parte de um animal vivo. O senhor supõe que, se esse animal fosse capaz de falar, ele iria consentir em ser devorado? — Seus olhos, aqueles olhos negros e ardentes, estavam fixos em Marsh, pedindo uma resposta.

— Eu… diabos, não… mas…

— Mas o senhor o comeu mesmo assim, não foi? — Julian riu discretamente. — *É claro* que sim, capitão, não se envergonhe de assumir isso.

— Não estou envergonhado — disse Marsh com firmeza. — É apenas uma vaca.

— Claro que é — disse Julian —, e gado é gado. — Ele olhou de volta para Joshua York. — Mas o gado pode encarar isso de maneira diferente. No entanto, isso não deve ser problema para o capitão aqui. Ele faz parte de uma ordem de seres superiores ao da sua vaca. É da sua natureza matar e comer, e é da natureza da vaca ser morta e comida. Como vê, Joshua, a vida é realmente muito simples.

"Seus erros decorrem de ter sido criado entre vacas, que vêm ensinando-o a não as consumir. *O mal*, esse do qual você fala. Onde aprendeu esse conceito? Deles, é claro, do gado. Bem e mal, essas são palavras do gado, vazias, que pretendem apenas preservar suas vidas sem valor. Eles vivem e morrem com um medo mortal de nós, seus superiores naturais. Nós assombramos até mesmo seus sonhos, e então eles buscam consolo em mentiras e inventam deuses que têm poderes sobre *nós*, querendo acreditar que de algum modo suas cruzes e água benta podem nos dominar.

"Você precisa entender, querido Joshua, que não existe nem bem nem mal, apenas força e fraqueza, senhores e escravos. Você se exalta com a moralidade deles, com questões como culpa e vergonha. Tudo isso é bobagem. São palavras *deles*, não nossas. Você prega um novo início, mas o que é que nós devemos iniciar? Começar a ser como o gado? Arder sob o sol deles, trabalhar quando podemos tomar, abaixar a cabeça para os deuses do gado? Não. Eles são animais, naturalmente inferiores a nós, são a nossa magnífica e bela presa. É assim que as coisas são."

— *Não* — retrucou Joshua York. Ele puxou sua cadeira para trás e levantou, ficando em pé junto à mesa como um Golias pálido e esguio. — Eles *pensam*, sonham e construíram um mundo, Julian. Você está errado. Somos primos, somos dois lados de uma mesma moeda. Eles não são presa. Dê uma olhada em tudo o que fizeram! Eles trazem a beleza ao mundo. E nós, o que criamos? Nada. A sede vermelha tem sido a nossa maldição.

Damon Julian suspirou. — Ah, pobre Joshua — disse ele. Ele deu um gole de seu conhaque. — Deixe que o gado crie vida, beleza, o que você quiser. E nós vamos pegar suas criações, usá-las e destruí-las se escolhermos fazer isso. É assim que são as coisas. Nós somos os senhores. E senhores não trabalham. Deixe que eles façam os ternos. Nós só devemos usá-los. Deixe que eles construam os vapores. Cabe a nós navegá-los. Deixe que eles sonhem com a vida eterna. Mas nós é que devemos vivê-la, e beber da vida deles,

saborear seu sangue. Somos nós os senhores desta terra, e essa é a nossa herança. Nosso destino, se você quiser assim, caro Joshua. Exulte em sua natureza, não procure mudá-la. Aquelas pessoas do gado que nos conhecem de verdade nos invejam. Qualquer uma delas gostaria de ser como nós, se tivesse a oportunidade. — Julian sorriu maliciosamente. — Já imaginou alguma vez por que esse Jesus Cristo deles pede aos seus seguidores que bebam seu sangue? — Ele soltou risadinhas. — Eles adorariam ser como nós, assim como os negros sonham em ser brancos. E veja o quanto eles vão longe. Para brincar de senhores, eles chegam a escravizar a própria espécie.

— E você faz o mesmo — disse Joshua York perigosamente. — Que outro nome você daria ao domínio que tem sobre o seu pessoal? Mesmo aqueles que você chama de mestres tornam os outros escravos de seus próprios desejos distorcidos.

— Até nós temos fortes e fracos em nosso meio, caro Joshua — disse Damon Julian. — É adequado que os fortes dominem. — Julian descansou sua taça sobre a mesa e olhou ao longo da mesa. — Kurt — disse ele —, chame o Billy.

— Sim, Damon — disse o homenzarrão, levantando.

— Onde você está indo? — Joshua perguntou, enquanto Kurt avançava pela sala, sua imagem movendo-se resoluta ao longo dos vários espelhos.

— Você já brincou de ser gado tempo demais, Joshua — disse Julian. — Vou lhe ensinar o que significa ser um mestre.

Abner Marsh ficou frio, assustado. Todos os olhos na sala ficaram vítreos, imobilizados, assistindo ao drama que transcorria na cabeceira da mesa. Em pé, Joshua York parecia dominar Damon Julian sentado, mas de algum modo ele não dominava. Os olhos cinza de Joshua pareciam tão fortes e passionais quanto podiam ser os olhos de um homem. Mas Julian não era absolutamente um homem, pensou Marsh.

Kurt voltou quase imediatamente. Sour Billy devia estar em algum lugar bem próximo, do lado de fora, como um escravo esperando ser chamado pelo seu senhor. Kurt voltou para o seu lugar na mesa. Sour Billy Tipton ficou passeando perto da cabeceira da mesa, carregando alguma coisa, com uma estranha excitação nos seus olhos glaciais.

Com o braço, Damon Julian empurrou para o lado os pratos da mesa, abrindo espaço. Sour Billy livrou-se do seu fardo e colocou um pequeno bebê negro em cima da toalha da mesa, diante de Joshua York.

— Que *diabos* é isso?! — berrou Marsh. Ele se afastou da mesa, com olhar furioso, e começou a levantar.

— Sente-se e fique bem quietinho, rapaz — disse Sour Billy num tom calmo, neutro. Marsh começou a se virar na direção dele e sentiu algo frio e bem afiado pressionado de leve contra o lado de seu pescoço. — Abra a boca e vou ter que fazer você sangrar — disse Sour Billy. — Consegue imaginar o que *eles* vão fazer quando virem todo esse belo sangue quente jorrando?

Tremendo, capturado entre a raiva e o terror, Abner Marsh ficou sentado bem quieto. A ponta da faca de Billy pressionou um pouco mais, e Marsh sentiu algo quente e úmido pingar no seu colarinho. — Bom — sussurrou Billy —, realmente, muito bom.

Joshua York deu uma rápida olhada em Marsh e Sour Billy, e então voltou a sua atenção de novo para Julian. — Acho isso obsceno — disse ele friamente. — Julian, eu não sei por que você trouxe esse bebê aqui, mas não gosto disso. Essa brincadeira tem que acabar

imediatamente. Diga ao seu homem para tirar já essa faca da garganta do capitão.

— Ah — disse Julian. — E se eu decidir não fazer isso?

— Você vai decidir *fazer* — disse Joshua. — Eu sou mestre de sangue.

— É mesmo? — perguntou Julian levianamente.

— Sim. Eu não gosto de usar seus métodos de compulsão, Julian, mas, se tiver que fazê-lo, não vou hesitar.

— Ah — disse Julian. Ele sorriu. Ficou em pé, espreguiçou-se, como um grande gato preto acordando de uma soneca, e então estendeu a mão sobre a mesa na direção de Sour Billy. — Billy, me dê sua faca — disse ele.

— Mas… e *ele*? — disse Sour Billy.

— O capitão Marsh vai se comportar bem agora — disse Julian. — A faca.

Billy passou-lhe a faca, pelo cabo.

— Muito bem — disse Joshua.

Mas não prosseguiu. O bebê, menor que o normal, esquelético, negro e quase nu, deu uma espécie de gorgolejo naquela hora, e se agitou fracamente. Damon Julian fez a coisa mais horrível que Abner Marsh já vira em toda a sua vida. Com agilidade e muita delicadeza, inclinou-se na mesa e com a faca de Sour Billy decepou a mão direita do bebê com um único golpe destro.

O bebê começou a berrar. O sangue esguichou na mesa, sobre as taças de cristal e a prataria e a fina toalha branca de linho. Os membros do bebê se agitaram debilmente, e o sangue começou a criar uma poça. Julian então empalou a mão cortada, que era inacreditavelmente pequena, mal chegando ao tamanho do polegar de Marsh, na ponta da lâmina da faca de Billy. Ergueu-a, gotejando, diante de Joshua York. — *Beba* — disse ele, e toda a leveza sumiu de sua voz.

Com um tapa, York tirou a faca da sua frente. Ela saltou da mão de Julian, com a mão do bebê ainda empalada nela, e caiu a um metro e meio de distância, sobre o tapete. O aspecto de Joshua era mortífero. Ele avançou, colocou dois fortes dedos de cada um dos lados do pulso do bebê e pressionou. O sangramento parou. — Arrumem um cordão — ordenou.

Ninguém se mexeu. O bebê ainda chorava.

— Há um jeito mais fácil de fazer ele se calar — disse Julian. E, com a sua mão pálida, tampou a boca do bebê. A mão cobriu a pequena cabeça negra completamente e abafou o som. Julian começou a apertar.

— *Solte-o!* — gritou York.

— Olhe para mim — disse Julian. — Olhe para mim, *mestre de sangue*.

E os olhos dos dois se encontraram enquanto estavam lá em pé junto à mesa, cada um com uma mão naquele pequeno pedaço de humanidade diante deles.

Abner Marsh ficou lá, simplesmente sentado, perplexo, zonzo e furioso, querendo fazer alguma coisa, mas de certo modo incapaz de se mexer. Como todos os demais, ele olhava para York e Julian de olhos arregalados, para aquela estranha e silenciosa batalha de vontades.

Joshua York tremia. Sua boca estava tensa de raiva, veias saltavam de seu pescoço e seus olhos cinza estavam frios como uma geleira. Ficou em pé possesso, um deus irado, pálido, vestido de branco, azul e prata. Era impossível a qualquer pessoa suportar aquela efusão de vontade, de força, pensou Marsh. Impossível.

E, depois, Marsh olhou para Damon Julian.

Os olhos dele dominavam o rosto: frios, negros, malévolos, implacáveis. Abner Marsh olhou dentro daqueles olhos por um momento longo demais e, de repente, se sentiu zonzo. Ouviu homens gritando em algum lugar, a distância, e sentiu sua boca quente, com gosto de sangue. Viu todas as máscaras, que eram chamadas de Damon Julian, Giles Lamont, Gilbert d'Aquin, Philip Caine e Sergei Alexov, e mais mil outros homens foram caindo, e por trás de cada um havia outro, mais velho e mais horrível, camada sobre camada de homens, cada um mais bestial que o anterior, e no fundo a coisa não tinha elegância, não tinha sorriso, nem belas palavras, nem ricas roupas ou joias; a coisa não tinha nada de humanidade, *era* um nada de humanidade, havia apenas a sede, a febre, vermelha, antiga e insaciável. Era primal, desumana, e era *forte*. Vivia, respirava e bebia a substância do medo, e era fria, ah, como era fria, mais antiga que o homem e todas as suas obras, mais antiga que as florestas e os rios, mais antiga que os sonhos.

Abner Marsh piscou os olhos, e ali do outro lado da mesa estava um animal, um animal alto e bonito de terno cor de grená escuro, e não havia nada que fosse minimamente humano nele; as linhas de seu rosto eram as linhas do terror, seus olhos, aqueles seus olhos, eram vermelhos, não negros, absolutamente *vermelhos*, e internamente iluminados, e *vermelhos*, ardentes, sedentos, *vermelhos*.

Joshua York soltou o toco do bebê. Um repentino jorro de sangue esguichou débil pela mesa. Um instante depois, um som como o de uma terrível *trituração* úmida encheu a sala.

E Abner Marsh, ainda meio pasmo, puxou a longa faca de cozinha de sua bota e pulou do seu assento gritando, delirando, golpeando. Sour Billy tentou agarrá-lo por trás, mas Marsh era forte demais, e estava enlouquecido demais. Apartou Billy de lado e arremeteu sobre a mesa de jantar até onde estava Damon Julian. Este se afastou do olhar de Joshua York a tempo, e retrocedeu um pouco. A faca não acertou seu olho por uma fração de centímetro e deixou um longo corte aberto do lado direito do rosto. O sangue jorrou da ferida, e Julian fez um rosnado de raiva que veio do fundo de sua garganta.

Então alguém agarrou Marsh por trás, arrastou-o para longe da mesa e *arremessou-o* pelo grande salão, aqueles cento e tantos quilos, como se fosse uma criança pequena. Marsh fez um barulho forte ao cair, mas, não se sabe como, conseguiu levantar e ficar em pé de novo.

Foi Joshua quem o arremessou, Marsh constatou, e era Joshua que estava agora perto dele, Joshua com suas mãos pálidas, tremendo, e olhos cinza cheios de medo. — Corra, Abner — disse ele. — Saia já desse barco. *Corra!* — Marsh viu atrás de Joshua os outros, que haviam se levantado da mesa. Rostos brancos, olhos atentos e arregalados, mãos pálidas, fortes e ávidas. Katherine sorria, sorria para ele do jeito que sorrira quando o flagrara saindo do camarote de Joshua. O velho Simon tremia. Até Smith e Brown vinham na sua direção, lentamente, rodeando-o, seus olhos não eram amistosos, e seus lábios estavam úmidos. Todos se moviam, todos eles, e Damon Julian veio deslizando em volta da mesa, quase sem fazer nenhum ruído, o sangue já secando na sua face, o corte fechando-se quase durante o tempo em que Marsh ficou observando-o. Abner Marsh olhou para as próprias mãos, e constatou que havia perdido sua faca. Recuou então, passo a passo, até que suas costas encostaram numa porta espelhada.

— *Corra*, Abner — Joshua York repetiu.

Marsh tateou e abriu a porta, deu alguns passos para trás até a sala às suas costas e viu Joshua virar e ficar entre a sala e os demais. Julian, Katherine e todos os outros, o pessoal da

noite, os vampiros. E esta foi a última coisa que viu, antes de sair correndo.

18

A bordo do vapor *Fevre Dream*, rio Mississippi, agosto de 1857

Quando o sol se ergueu sobre New Orleans na manhã seguinte, como um olho amarelo e inchado que transformava a névoa do rio em carmesim prometendo um dia escaldante, Abner Marsh estava esperando no cais.

Ele correra um bom trecho na noite anterior, enveredando pelas ruas, iluminadas a gás, do Vieux Carré como um louco, dando encontrões nos passantes, tropeçando ofegante, correndo como nunca fizera em todos aqueles seus anos, até finalmente perceber, com atraso, que não havia ninguém o perseguindo. Depois, encontrou um barzinho fumacento e mal iluminado e jogou para dentro três uísques rápidos, para fazer as mãos pararem de tremer. Por fim, perto já do alvorecer, começou a fazer o caminho de volta até o *Fevre Dream*. Nunca na vida Abner Marsh ficara com tanta raiva ou tanta vergonha. Eles o haviam feito correr do seu próprio barco, tinham espetado uma faca no seu pescoço, sacrificado um bebê bem diante dos seus olhos, na sua própria mesa. Ninguém que tratasse Abner Marsh desse jeito poderia escapar ileso, pensou; nem brancos, nem negros, nem peles-vermelhas, nem nenhum maldito vampiro. Damon Julian iria se arrepender amargamente, jurou a si mesmo. Chegara o dia, e agora os caçadores iriam virar a presa.

O desembarcadouro já estava fervilhando de atividade quando Marsh chegou perto. Outro grande vapor de rodas d'água laterais havia atracado ao lado do *Fevre Dream* e descarregava; ambulantes vendiam frutas e sorvetes em seus carrinhos e uma ou duas carroças de hotel haviam feito também sua aparição. E o *Fevre Dream* já começava a soltar vapor, constatou Marsh, com surpresa e apreensão. A fumaça preta saía em rolos de suas chaminés em direção ao céu, e embaixo uma ralé de estivadores carregava o último lote do frete. Acelerou o passo e se aproximou deles. Gritou: — Ei, vocês aí! Parem!

O peão era um negro imenso, de constituição sólida, com uma careca reluzente e uma orelha amputada. Voltou-se ao ouvir o grito de Marsh, carregando um barril sobre o ombro direito. — Sim, senhor capitão.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Marsh. — Por que já ligaram o vapor? Eu não dei nenhuma ordem.

O peão franziu o cenho: — Eu só carrego, capitão. Não sei de nada, senhor.

Marsh soltou um palavrão e passou adiante. Hairy Mike Dunne veio oscilando pela rampa de carga, com sua barra de ferro na mão. — Mike — gritou Marsh.

Hairy Mike franziu o cenho, com um olhar muito concentrado no seu rosto escuro. —

Bom dia, capitão. O senhor realmente vendeu esse navio aqui?

— *O quê?*

— O capitão York; ele disse que o senhor vendeu a sua metade para ele, diz que o senhor não virá mais a bordo. Eu voltei para o barco um par de horas depois da meia-noite, eu e alguns dos rapazes, e então o York disse que ele e o senhor chegaram à conclusão que dois capitães era muita coisa e ele comprou a sua parte. E disse para o Whitey ligar o vapor. Foi isso, e cá estamos nós. Isso é verdade, capitão?

Marsh fez cara feia. Os estivadores começaram a se juntar em volta dele, curiosos, então ele pegou Hairy Mike pelo braço e o fez subir a rampa até o convés principal. — Não tenho tempo para ficar contando longas histórias — disse ele quando os dois já estavam razoavelmente afastados dos demais. — Por isso não me aborreça me fazendo perguntas, ouviu? Faça apenas como eu lhe disser.

Hairy Mike assentiu. — Problemas, capitão? — disse ele, dando pancadas com a barra de ferro na sua enorme e carnuda palma da mão.

— Quantos já voltaram? — perguntou Marsh.

— A maioria da tripulação, alguns passageiros. Faltam só uns poucos.

— Não vamos esperar mais ninguém — disse Marsh. — Quanto menos gente a bordo, melhor. Você agora vá atrás do Framm e do Albright, não importa qual dos dois, e leve um deles lá em cima até cabine do piloto, e tire-nos daqui. *Imediatamente*, entendeu? Vou procurar o senhor Jeffers. Depois que tiver colocado um piloto lá em cima, encontre-me no escritório do oficial náutico. Não conte a ninguém o que está acontecendo.

Entre as suas duas costeletas pretas e densas, um pequeno sorriso podia ser visto. — O que a gente vai fazer, comprar esse barco de volta bem barato, talvez?

— Não — disse Abner Marsh. — Não, nós vamos matar um homem. E não é o Joshua. Agora vamos lá! Encontre-me na cabine do piloto.

No entanto, Jonathon Jeffers não estava no seu escritório, então Marsh teve que dar a volta até o camarote do oficial náutico e bater, até que um Jeffers de ar sonolento abriu a porta, ainda de roupas de dormir. — Capitão Marsh — disse ele, contendo um bocejo. — O capitão York disse que o senhor vendeu sua parte. Não achei que isso fizesse muito sentido, mas o senhor não estava por aí, então eu não soube o que pensar. Entre.

— Conte-me o que aconteceu ontem à noite — disse Marsh quando já estava seguro dentro do camarote do oficial.

Jeffers bocejou de novo. — Desculpe, capitão — disse ele. — Não consegui dormir muito. — Ele foi até a bacia em cima do seu gaveteiro e jogou um pouco de água no rosto, tateou à procura dos óculos e voltou até Marsh, parecendo mais recomposto. — Bem, deixe-me pensar um minuto. Estávamos no St. Charles, onde eu disse que iríamos ficar. Pensamos em passar a noite toda lá, para que o capitão York e o senhor pudessem fazer seu jantar privado. — Sua sobrancelha arqueou de modo sardônico. — O Jack Ely, o Karl Framm, o Whitey e alguns dos seus foguistas estavam comigo, e… bem, havia um monte de gente do barco por ali. O senhor Albright jantou conosco, mas foi para a cama depois de comer, enquanto o resto de nós ficou bebendo e conversando. Tínhamos quartos e tudo mais à disposição, mas mal nos enfiamos na cama… deviam ser umas duas ou três da manhã… o Raymond Ortega, o Simon e aquele cara, o tal do Sour Billy Tipton, vieram nos buscar de volta para o vapor. Disseram que o York queria a gente lá o mais rápido possível. — Jeffers deu de ombros. — Então a

gente foi, e o capitão York veio ter com a gente no salão principal e disse que havia comprado a sua parte e que a gente partiria de manhã. Alguns de nós foram mandados atrás daqueles que ainda estavam em New Orleans, e também notificar os passageiros. A maior parte da tripulação está aqui agora, eu acho. Já estou com todo o frete registrado e decidi dormir um pouco. Bem, o que é que está acontecendo *de verdade*?

Marsh bufou. — Não tenho tempo e, de qualquer modo, você também não iria acreditar. Viu algo estranho naquele salão ontem à noite?

— Não — disse Jeffers, com uma sobrancelha levantada. — Deveria ter visto?

— Talvez — disse Marsh.

— Vi que já haviam recolhido todas as coisas do jantar — disse Jeffers. — Isso é estranho, estou pensando agora, já que todos os garçons tinham desembarcado.

— Acho que foi o Sour Billy que limpou a mesa — disse Marsh —, mas não importa. O Julian estava lá?

— Sim, ele e alguns que eu nunca vi antes. O capitão York me mandou arrumar camarotes para eles. Aquele Damon Julian é um cara esquisito. Ele ficou bem perto do capitão York. Mas é muito educado, e tem boa aparência, a não ser por aquela cicatriz.

— Você arrumou camarotes para eles, foi isso?

— Sim — disse Jeffers. — O capitão York disse que Julian ia ficar com o seu camarote, mas eu não pude concordar com isso, não com todos os seus pertences lá dentro. Então insisti que fosse um dos camarotes de passageiros junto ao salão, até que tivesse a oportunidade de conversar com você. Julian concordou, por isso na verdade não houve nenhum problema.

Abner Marsh sorriu. — Muito bem — disse ele. — E o Sour Billy, onde está ele?

— Ele ficou com o camarote vizinho ao do Julian — disse Jeffers —, mas duvido que esteja lá agora. Da última vez que o vi estava perambulando pelo salão principal, com pose de quem é dono do barco e brincando com aquela faca dele. A gente teve um certo atrito. O senhor não iria acreditar no que ele estava fazendo: atirando aquela faca dele numa das suas colunas de madeira decoradas, como se fosse um tronco de árvore morta. Eu disse pare ele parar, se não o Hairy Mike iria atirá-lo pela amurada do navio. E ele parou, mas ficou me olhando feio. Esse aí é encrenca certa.

— Você acredita que ele ainda esteja pelo salão principal?

— Bem, eu dormi, mas ele estava lá da última vez que o vi, meio cochilando em uma poltrona.

— Vista-se — disse Abner Marsh. — Rápido. E me encontre lá embaixo no seu escritório.

— Com certeza, capitão — disse Jeffers, desnorteado.

— E traga a sua bengala com a espada embutida — disse Marsh ao sair.

Menos de dez minutos mais tarde, ele, Jeffers e Hairy Mike estavam reunidos no escritório do oficial. — Sentem-se e ouçam em silêncio — disse Marsh. — Isso vai parecer maluco, mas vocês dois me conhecem há anos e sabem muito bem que eu tenho a cabeça boa e não ando por aí contando histórias como o senhor Framm. O que vou dizer é a maldita verdade. Juro, e que a maldita caldeira exploda debaixo dos meus pés agora se eu estiver mentindo.

Abner Marsh respirou fundo e mergulhou na história. Contou-lhes tudo, num longo surto de fala, parando apenas uma vez, quando o grito feroz do apito do vapor interrompeu-o e o

convés começou a vibrar.

— Estamos saindo do cais — disse Hairy Mike. — Indo rio acima, como o senhor queria.

— Bom — disse Marsh, e continuou com a história, enquanto o *Fevre Dream* afastava-se do cais de New Orleans, revertia suas grandes pás e começava a subir o Mississippi sob um sol escaldante.

Quando Marsh terminou, Jonathon Jeffers olhou pensativo. — Bem — disse ele —, é fascinante. Talvez a gente devesse ter chamado a polícia.

Hairy Mike Dunne bufou. — Não vale a pena. No rio, a gente mesmo tem que resolver as próprias encrencas. — Ele sopesou sua barra.

Abner Marsh concordou. — Esse aqui é o meu barco, e não vou chamar gente de fora, senhor Jeffers. — Era assim que as coisas aconteciam no rio: era mais prático dar umas porretadas num encrenqueiro e atirá-lo pela amurada, ou deixar que as pás o triturassem. O velho diabo do rio sabia manter seus segredos. — Especialmente, não é o caso de chamar a polícia de New Orleans. Eles não iriam se preocupar com um bebê negro de escravos, e nós sequer temos um corpo. De qualquer modo, eles são um bando de patifes, e não iriam acreditar em nós. E, se acreditassem, viriam a bordo com suas pistolas e porretes, totalmente inúteis contra Julian e seu bando.

— Bem, então temos que lidar com isso nós mesmos — disse Jeffers. — Mas como?

— Eu cerco os garotos e a gente mata todos — disse Hairy Mike, amigavelmente.

— Não — disse Abner Marsh. — Joshua tem como controlar os outros, eu acho. Já fez isso antes. Ele tentou fazer o certo, parar com aquilo que aconteceu ontem à noite, só que o Julian era demais para ele. Temos que nos livrar de Julian antes que escureça.

— Isso não será difícil — acrescentou Hairy Mike.

Abner Marsh amarrou a cara. — Não tenho tanta certeza — disse. — Isso não é como nas histórias. Eles não estão indefesos durante o dia. Estão apenas dormindo. E, se você os acorda, são terrivelmente fortes, rápidos e nunca é fácil feri-los. Isso tem que ser feito do jeito certo. Acho que nós três podemos dar conta disso, não faz sentido envolver outras pessoas. Se alguma coisa der errado, fazemos todo mundo descer do navio bem antes de escurecer e o levamos até algum lugar rio acima onde ninguém possa interferir, onde nenhum membro do pessoal da noite possa fugir se tivermos que matar mais alguém, além de Julian. Mas não acho que tenhamos que fazer isso. — Marsh olhou para Jeffers. — Você tem cópia da chave do camarote onde enfiou o Julian?

— Está no meu cofre — disse o oficial, apontando para a caixa-forte de ferro preta com sua bengala-espada.

— Muito bem — disse Marsh. — Mike, com quanta força você consegue bater com essa sua coisa aí?

Hairy Mike sorriu e bateu a barra de ferro na palma da sua mão. Ela fez um som bastante alto. — Com quanta força o senhor quer que eu bata, capitão?

— Quero que você esmague a maldita cabeça dele — disse Marsh. — E você tem que fazer isso de uma vez, numa pancada só. Não vai ter tempo para uma segunda tentativa. Se só conseguir arrebentar o nariz dele, no segundo seguinte ele vai rasgar sua garganta.

— Uma pancada — disse Hairy Mike. — Uma só.

Abner Marsh assentiu, confiante de que o imenso capataz iria cumprir sua palavra. — Só

temos mais um problema. O Sour Billy. Ele é o pequeno cão de guarda de Julian. Talvez esteja cochilando em alguma poltrona, mas aposto que vai acordar assim que vir que estamos indo bater na porta do Julian. Portanto, ele não deve nos ver. Aqueles camarotes do convés das caldeiras têm duas portas. Se o Billy estiver no salão, a gente entra pelo passadiço. Se estiver fora, entramos pelo salão. Antes de fazer qualquer coisa, temos que saber com certeza onde ele está. Isso é trabalho seu, senhor Jeffers. Tem que encontrar o senhor Sour Billy Tipton para nós e vir nos dizer onde está, e depois certificar-se de que ele não vai sair por aí rondando. Se ele ouvir um tumulto ou for para o camarote do Julian, quero que o senhor pegue essa sua bengala-espada e enfie ela direto na barriga dele, ouviu bem?

— Entendido — o oficial disse sério. E ajeitou seus óculos.

Abner Marsh parou um momento e olhou bem para seus dois aliados: o magro e elegante oficial, com seus óculos de aro dourado, polainas de botões, boca tensa e o cabelo impecavelmente penteado para trás; e, ao lado dele, o imenso capataz, com sua roupa tosca, rosto rude, modos grosseiros e os olhos verdes duros, doido por uma briga. Era um par bastante estranho, mas formidável, pensou Abner Marsh. Ele bufou, satisfeito. — Bem, o que estamos esperando? — perguntou. — Senhor Jeffers, vá lá descobrir onde está Sour Billy.

O oficial levantou depressa. — Com certeza — disse ele antes de sair. Voltou em menos de cinco minutos. — Está no salão principal, sentado para tomar o café da manhã. O apito deve tê-lo acordado. Está comendo ovos, bolinhos de carne e tomando um monte de café, sentado em um lugar de onde pode ver a porta do camarote do Julian.

— Muito bem — disse Marsh. — Senhor Jeffers, por que não vai tomar o café da manhã também?

Jeffers sorriu. — Sabe que de repente me deu fome?

— Mas primeiro as chaves.

Jeffers assentiu e foi até seu cofre. Chaves na mão, Marsh concedeu ao oficial uns bons dez minutos para que ele voltasse ao salão principal, antes de se erguer e dar um longo suspiro. Seu coração batia forte. — Vamos — disse para Hairy Mike Dunne, abrindo a porta para o mundo exterior.

O dia estava claro e quente, o que Marsh tomou como um bom presságio. O *Fevre Dream* subia o rio com facilidade, deixando para trás uma esteira dupla de espuma branca agitada. O barco deve estar fazendo umas dezoito milhas por hora, pensou Marsh, e navegando com os modos suaves de um crioulo. Descobriu-se imaginando que tempo conseguiriam fazer até Natchez, e de repente desejou mais do que tudo estar lá em cima na cabine do piloto, apreciando o rio que ele tanto amava. Abner Marsh pestanejou, engoliu as lágrimas e sentiu-se tolo e frágil.

— Capitão? — disse Hairy Mike intrigado.

Abner Marsh teimou. — Não é nada — disse. — É só que… droga… tudo isso… bem… vamos lá. — Saiu andando, as chaves do camarote de Julian apertadas com força na sua imensa mão vermelha. Os nós dos dedos já estavam ficando brancos.

Fora do camarote, Marsh parou para olhar em volta. O passadiço estava quase deserto. Havia uma senhora em pé junto à amurada a uma boa distância deles. E cerca de umas doze portas adiante um camarada de camisa branca e chapéu todo amassado estava sentado em sua cadeira inclinada contra a porta de um camarote de luxo, mas nenhum deles parecia muito interessado em Marsh e Hairy Mike. Marsh enfiou cuidadosamente a chave na fechadura. —

Lembre-se do que eu lhe disse — cochichou para o capataz. — Rápido e sem barulho. Uma pancada só.

Hairy Mike assentiu e Marsh virou a chave. A porta abriu com um clique e Marsh empurrou-a.

Estava abafado e escuro lá dentro, com todas as janelas e cortinas fechadas, do jeito que o pessoal da noite gosta de deixar seus quartos, mas com a luz que vazava da porta viram uma forma pálida esparramada sob o lençol. Deslizaram para dentro, movendo-se o mais silenciosamente que dois homens grandes e barulhentos conseguem se mover, e então Marsh fechou a porta enquanto Hairy Mike Dunne seguia adiante, erguendo sua barra de ferro de um metro de comprimento bem acima da sua cabeça, e meio difusamente Marsh viu a coisa na cama se mexer e se virar na direção do barulho, na direção da luz, e Hairy Mike foi até lá em duas longas e ágeis passadas, tudo muito rápido, e o ferro projetou-se num arco terrível, preso por seu imenso braço, e caiu em cima daquela cabeça indistinta e pálida, num gesto que pareceu demorar uma *eternidade*.

Então a porta do camarote foi fechada completamente, o último fiapo de luz sumiu e, naquela escuridão de breu, Abner Marsh ouviu um som como o de um pedaço de carne sendo jogado em cima do balcão de um açougueiro, por baixo desse som ouviu-se outro, como o de uma casca de ovo quebrando, e Marsh prendeu a respiração.

O camarote estava muito silencioso, Marsh não enxergava nada. Do escuro ouviu-se um breve riso, grave, gutural. Um suor frio cobriu o corpo de Marsh. — Mike — ele cochichou. Tateou à procura de um fósforo.

— Sim, senhor capitão — ouviu-se a voz do capataz. — Uma pancada só, e pronto. — Ele soltou outra risadinha.

Abner Marsh riscou o fósforo na parede e piscou os olhos. Hairy Mike estava em pé junto à cama, a barra de ferro na mão. A ponta daquele negócio estava manchada e úmida. A coisa debaixo do lençol tinha em vez de rosto uma ruína vermelha despedaçada. Metade da parte superior do seu crânio havia sido arrancada, e um fio lento de sangue ia empapando o lençol. Tufos de cabelo e pedaços de outra substância escura estavam espalhados pelo travesseiro, pela parede e pelas roupas de Hairy Mike. — Está morto? — perguntou Marsh, com uma suspeita repentina e maluca de que a cabeça esmagada pudesse se juntar de novo e o pálido cadáver se erguesse e sorrisse para eles.

— Nunca vi uma coisa mais morta — disse Hairy Mike.

— É melhor garantir — ordenou Abner Marsh. — É melhor garantir.

Hairy Mike Dunne encolheu os ombros de um modo lento e largo, ergueu sua barra ensanguentada para fazê-la cair de novo sobre o crânio e o travesseiro. Uma segunda vez. Uma terceira. Uma quarta. Quando terminou, mal se podia dizer que a coisa tivesse cabeça. Hairy Mike Dunne era um homem terrivelmente forte.

O fósforo queimou os dedos de Marsh. Ele apagou-o com um sopro. — Vamos embora — disse apressado.

— O que vamos fazer com *ele*? — perguntou Hairy Mike.

Marsh escancarou a porta do camarote. O sol e o rio estavam diante dele, um alívio abençoado. — Vamos deixá-lo ali mesmo — disse. — No escuro. Quando cair a noite, a gente joga no rio. — O capataz saiu do camarote atrás de Marsh e este trancou a porta. Sentiu náuseas. Encostou seu corpanzil contra a amurada do convés das caldeiras e teve que se

segurar bem para não cair lá embaixo. Chupa-sangue ou não, o que eles haviam feito com Damon Julian era terrível de contemplar.

— Precisa de ajuda, capitão?

— Não — disse Marsh. Ele se endireitou com esforço. A manhã já estava quente, o sol amarelo já ia alto e batia no rio como se fosse uma vingança todo-poderosa. Marsh estava encharcado de suor. — Quase não dormi hoje — disse. Ele forçou uma risada. — Na verdade, não dormi nada. E isso que a gente acabou de fazer, também, tira um pedaço da gente.

Hairy Mike deu de ombros. Pelo jeito, dele não devia ter tirado nenhum pedaço. — Vá dormir — disse.

— Não — disse Marsh. — Não posso. Preciso ver o Joshua, contar-lhe o que fizemos. Ele precisa saber, para estar pronto para lidar com o resto deles. — De repente, Abner Marsh viu-se imaginando de que maneira Joshua York iria reagir ao brutal assassinato de um do seu povo. Depois da noite anterior, não acreditava que Joshua fosse ficar muito incomodado, mas não tinha certeza — ele não conhecia de fato o pessoal da noite, o seu jeito de pensar; se Julian tinha se mostrado um assassino de bebês e um chupador de sangue, bem, o resto deles havia feito coisas quase tão más quanto, até mesmo Joshua. E Damon Julian também havia sido mestre de sangue de Joshua, e rei dos vampiros. Se você mata o rei de um homem — mesmo um rei que ele odeie —, será que ele não é obrigado a fazer algo a respeito? Abner Marsh lembrou o poder gélido da raiva de Joshua, e com essa memória não ficou tão ansioso para subir correndo até o camarote do capitão no tombadilho, ainda mais agora, quando Joshua estaria na pior hora para ser acordado. — Talvez eu possa esperar — Marsh viu-se dizendo. — E dormir um pouco.

Hairy Mike assentiu.

— Seja como for, tenho que ser o primeiro a falar com Joshua — disse Marsh. Ele realmente se sentia mal: com náuseas, febril, esgotado. Tinha que deitar por umas duas horinhas pelo menos. — Não posso deixar que ele levante. — Lambeu os lábios, que estavam secos como lixa. — Você vá falar com o Jeffers, conte-lhe como as coisas aconteceram, e um de vocês então vem me buscar antes do pôr do sol. *Bem antes* do pôr do sol, ouviu? Preciso de pelo menos uma hora para subir lá e falar com o Joshua. Vou acordá-lo e contar-lhe tudo, e quando escurecer ele já estará sabendo como lidar com os outros do pessoal da noite. E você… deixe um dos seus rapazes de olho no Sour Billy… vamos ter que lidar com ele, também.

Hairy Mike sorriu. — Deixe que o rio lide com *ele*.

— Talvez tenhamos que fazer isso — disse Marsh. — Talvez. Eu vou descansar um pouco agora, mas cuidem de me acordar antes de escurecer. Não deixem que fique de noite enquanto eu estiver dormindo, entendeu bem?

— Sim.

Então Abner Marsh subiu fatigado até o tombadilho, sentindo-se mais doente e cansado a cada degrau. Em pé diante da porta do seu camarote, sentiu uma repentina pontada de medo — e se algum *deles* estivesse agora lá dentro, apesar de tudo, apesar do que o senhor Jeffers dissera? Mas, quando abriu a porta e deixou a luz entrar no quarto, viu que estava vazio. Marsh entrou meio cambaleando, fechou as cortinas, abriu a janela para deixar entrar o máximo possível de luz e ar, trancou a porta e sentou-se pesadamente na cama para tirar sua roupa empapada de suor. Nem se preocupou em tirar a roupa. O camarote estava sufocante,

mas Marsh estava cansado demais para perceber. O sono o venceu quase imediatamente.

19

A bordo do vapor *Fevre Dream*, rio Mississippi, agosto de 1857

As batidas fortes e insistentes na porta do seu camarote finalmente trouxeram Abner Marsh de volta do seu sono profundo, sem sonhos. Ele se agitou, ainda grogue, e sentou na cama. — Um minuto! — gritou. Foi com dificuldade até sua bacia, como um grande urso nu saindo da hibernação, e não muito feliz com isso. Só depois de ter jogado um pouco de água no rosto é que ele lembrou. — Diabos, que vão todos para o inferno! — xingou raivoso, olhando de olhos arregalados para as sombras cinza que cresciam em cada canto do pequeno camarote mal iluminado. Atrás da janela, o céu estava escurecendo com tons púrpura. — Diabos — ele repetiu, vestindo um par de calças limpas. Foi pisando duro e escancarou a porta. — Que raios aconteceu que vocês me deixaram dormir tanto tempo? — gritou Marsh para Jonathon Jeffers. — Eu pedi para o Hairy Mike me acordar uma hora antes do pôr do sol, droga!

— Ainda estamos a uma hora do pôr do sol — disse Jeffers. — É que nublou, por isso parece tão escuro. O senhor Albright diz que vai cair outra tempestade. — O oficial entrou no camarote de Marsh e fechou a porta. — Trouxe-lhe isto — disse ele, passando-lhe uma bengala de nogueira. — Encontrei no salão principal, capitão.

Marsh pegou a bengala, aliviado. — Perdi ontem à noite — disse ele. — Estava com outras coisas na cabeça. — Apoiou a bengala contra a parede e olhou pela janela de novo, franzindo o cenho. Para além do rio, todo o horizonte ocidental era uma massa de nuvens ameaçadoras movendo-se, como uma grande parede escura prestes a desabar em cima deles. O sol poente não era mais visível. Ele não gostou nem um pouco disso. — É melhor eu ir lá falar com o Joshua — disse, pegando uma camisa do armário e iniciando a operação de se vestir.

Jeffers inclinou-se na sua bengala-espada. — Devo acompanhá-lo? — perguntou.

— Eu tenho que falar com o Joshua a sós — disse Marsh, amarrando sua gravata, de olho no espelho. — Mas não estou gostando muito disso. Por que não sobe também e fica esperando do lado de fora? Talvez Joshua queira convidá-lo a entrar e conversar sobre o que iremos fazer. — O que não foi dito foi a outra razão pela qual Marsh queria o oficial por perto: talvez *ele* quisesse que Jeffers entrasse, se Joshua York não recebesse bem as notícias sobre a morte de Damon Julian.

— Ótimo — disse Jeffers.

Marsh se enfiou no seu casaco de capitão e pegou a bengala. — Vamos, então, senhor Jeffers. Já está bem escuro lá fora.

O *Fevre Dream* navegava rápido, suas bandeiras estalando e tremulando no vento forte, fumaça escura sendo despejada de suas chaminés. Na luz tênue daquele estranho céu púrpura, as águas do Mississippi pareciam quase pretas. Marsh fez uma careta e avançou decidido para o camarote de Joshua, com Jeffers ao lado. Dessa vez, não hesitou diante da porta; ergueu a bengala e bateu. Na terceira batida, ele chamou: — Joshua, deixe-me entrar. Precisamos falar. — Na quinta batida a porta se abriu, movendo-se lentamente para dentro e revelando uma escuridão suave e silenciosa. — Espere por mim — disse Marsh a Jeffers. Ele entrou no camarote e fechou a porta. — Não fique bravo agora, Joshua — ele disse para o escuro, com o estômago revirando de apreensão. — Eu não queria incomodá-lo, mas isso é importante e já é quase de noite. — Não houve resposta, embora Marsh ouvisse um som de respiração. — Raios — disse ele —, por que temos sempre que conversar no escuro, Joshua? Isso é muito desconfortável. — Ele franziu o cenho. — Acenda uma vela, por gentileza.

— Não. — A voz era breve, grave, líquida. E não era a de Joshua.

Abner Marsh deu um passo para trás. — Oh, Jesus do céu, não — disse ele, e ouviu-se um ruído de farfalhar ao mesmo tempo em que sua mão trêmula encontrava a porta atrás dele e a abria. Ao escancarar a porta, seus olhos já estavam a esta altura habituados à escuridão, e mesmo o resplendor purpúreo do céu de tempestade era suficiente para dar alguma forma às sombras dentro do camarote do capitão. Ele viu Joshua York esparramado na sua cama, pálido e nu, os olhos fechados, um braço pendendo em direção ao chão, e no seu pulso havia algo que parecia uma terrível escoriação escura, ou uma crosta de sangue coagulado. E viu Damon Julian vindo na sua direção, rápido como a morte, sorrindo. — Nós o *matamos* — Marsh berrou, sem acreditar, e tropeçou para trás, para fora do camarote, escorregou e caiu praticamente aos pés de Jonathon Jeffers.

Julian parou no batente da porta. Uma linha fina escura — pouco mais que um arranhão de gato — descia pela sua face no lugar em que Marsh abrira um grande corte na noite anterior. Fora isso, não tinha marcas. Havia tirado seu paletó, seu colete, e sua camisa de seda com rendilhados não mostrava nenhuma mancha ou amassado. — Entre, capitão — disse Julian baixinho. — Não fuja. Entre e vamos conversar.

— Você está *morto*. Mike bateu na sua maldita cabeça até esmigalhá-la — disse Marsh, engasgando nas próprias palavras. Ele não olhava para os olhos de Julian. Ainda era de dia, pensou, ele estaria seguro do lado de fora, fora do alcance de Julian até que o sol fosse embora, desde que não olhasse dentro daqueles olhos, desde que não voltasse para aquele camarote.

— Morto? — Julian sorriu. — Ah. O outro camarote. Coitado do Jean. Ele queria tanto acreditar no Joshua, e veja só o que vocês fizeram com ele. Esmagaram a cabeça dele, foi o que você disse, não?

Abner Marsh ficou em pé de novo. — Você trocou de camarote — ele disse, rouco. — Seu maldito demônio. Você o fez dormir na sua cama.

— Joshua e eu tínhamos muitos assuntos para discutir — Julian retrucou. Ele fez um aceno. — Agora venha, capitão, estou cansado de esperar. Venha e vamos beber juntos.

— Queime no inferno! — Marsh disse. — A gente não pegou você hoje de manhã, mas você não escapa. Senhor Jeffers, corra lá embaixo e traga Hairy Mike e seus rapazes. Uma dúzia deles deve ser suficiente, eu acho.

— Não — disse Damon Julian —, você não vai fazer isso.

Marsh brandiu sua bengala ameaçando. — Ah, sim, eu vou. Por acaso é você que vai me deter?

Julian deu uma olhada para o céu, de um violeta profundo agora, com trechos de preto, um grande crepúsculo com escoriações e obscuro. — Sim — disse ele e saiu do quarto para a luz.

Abner Marsh sentiu a mão fria e viscosa do terror se aproximando do seu coração. Ergueu sua bengala e disse: — *Fique longe!* — em uma voz que de repente ficou parecendo um guincho. Deu um passo para trás. Damon Julian sorriu e veio avançando. A luz era cada vez mais escassa, pensou Marsh com um desespero doentio.

E então houve um sussurro de metal deslizando sobre madeira. Jonathon Jeffers postou-se bem à frente de Julian, com sua espada desembainhada, o aço afiado fazendo círculos ameaçadores. — Vá procurar ajuda, capitão — disse Jeffers baixinho. Ele ajeitou os óculos com sua mão livre. — Vou manter o senhor Julian ocupado. — Com a leveza e agilidade de um esgrimista, Jeffers avançou na direção de Julian, desferindo golpes. Sua arma era um florete, com dupla lâmina e uma ponta afiada. Damon Julian recuou a tempo, e o sorriso sumiu de seus lábios quando o golpe do oficial passou a milímetros do seu rosto.

— Afaste-se — disse Julian sombriamente.

Jonathon Jeffers não disse nada. Estava em posição de esgrimista, avançando devagar, apoiado na parte frontal dos pés, encurralando Julian de volta para a porta do camarote do capitão. Atacou de repente, mas Julian era rápido demais e esquivou-se para trás, ficando fora do alcance da espada. Jeffers estalou a língua, impaciente. Damon Julian colocou o pé de trás dentro do camarote, e respondeu com uma risada que era quase um rosnado. Ergueu e abriu suas duas mãos brancas. Jeffers investiu de novo.

De repente Julian avançou também, as mãos estendidas.

Abner Marsh viu tudo. A investida de Jeffers foi boa, e Julian não fez nenhum esforço para evitá-la. O florete mergulhou nele logo acima da virilha. O rosto pálido de Julian contorceu-se, e ele deixou escapar um gemido de dor, mas continuou avançando. Jeffers acertou-o em cheio, quase ajudado pelo próprio Julian, e, antes que o perplexo oficial tivesse tempo de recuar, Julian já colocara suas mãos em volta da garganta de Jeffers. Este fez um som horrível, de quem está sufocando, seus olhos ficaram saltados e, enquanto tentava se soltar, seus óculos de aro dourado saltaram e caíram no convés.

Marsh deu um pulo para a frente e ficou acertando Julian com sua bengala, fazendo chover pancadas na sua cabeça e ombros. Em transe devido à ferida do florete, Julian mal parecia sentir os golpes. Ele torceu o pescoço de Jeffers selvagemente e ouviu-se um barulho como de madeira quebrando. O corpo de Jeffers de repente ficou flácido.

Abner Marsh girou sua bengala para acertar um último golpe, colocando toda a sua força nele, e acertou Damon Julian bem nomeio da testa, fazendo-o cambalear por um instante. Quando Julian soltou as mãos, Jeffers desabou como uma boneca de pano, com a cabeça torcida de modo grotesco, parecendo estar ao contrário.

Abner Marsh recuou rapidamente.

Julian levou a mão à sobrancelha, como que avaliando os efeitos do golpe de Marsh. Não havia sangue, Marsh constatou com tristeza. Mesmo sendo forte, ele não era nenhum Hairy Mike Dunne, e nogueira não é a mesma coisa que ferro. Com um pontapé, Damon Julian fez a mão de Jeffers soltar seu aperto mortal no cabo do florete. Com um estremecimento,

desajeitadamente, Damon puxou para fora do corpo a lâmina ensanguentada. Sua camisa e calça estavam encharcadas, vermelhas e grudavam nele quando se mexia. Atirou a lâmina de lado com um gesto quase casual, ela rodou e rodou como um pião até cair no rio e sumir nas águas escuras e agitadas.

Julian cambaleou para a frente de novo, deixando pegadas de sangue atrás dele pelo convés. Mas continuou avançando.

Marsh recuou à frente dele. Não havia como matá-lo, pensou com um pânico doentio e cego; não havia o que fazer. Joshua e os seus sonhos, Hairy Mike e sua barra de ferro, o senhor Jeffers e sua espada, nenhum deles conseguiu ficar à altura daquele Damon Julian. Marsh subiu esbaforido a escada até o tombadilho e começou a correr. Ofegante, disparou em direção à popa até a escada em caracol que descia do tombadilho, chegando ao passadiço, onde pretendia encontrar gente e segurança. Estava quase escuro, ele constatou. Deu três estrondosos passos pela escada, e então agarrou o corrimão firme e deteve-se, oscilando ao parar de repente.

Sour Billy Tipton e quatro *deles* subiam na sua direção.

Abner Marsh virou-se e subiu. Vou correr e tocar o sino, pensou enlouquecido, tocar o sino pedindo ajuda… mas Julian havia descido do tombadilho agora, e bloqueou sua passagem. Por um momento, Marsh ficou parado em pé, morto de desespero. Não tinha escapatória, estava preso entre Julian e os outros, desarmado, a não ser pela sua maldita e inútil bengala, e de qualquer modo não fazia diferença, nada conseguia machucá-los mesmo, lutar era inútil, e ele poderia muito bem desistir. Julian mostrava um sorriso leve, cruel, enquanto avançava. Na sua mente, Marsh viu aquele rosto pálido descendo até seu próprio rosto, os dentes à mostra, aqueles olhos brilhantes de febre e sede, vermelhos, ancestrais e invencíveis. Se tivesse lágrimas Marsh poderia ter chorado. Ele descobriu que não conseguia mover as pernas de onde estava enraizado, e mesmo sua bengala parecia imensamente pesada.

Então, lá longe rio acima, outro vapor de rodas-d'água laterais surgiu de uma curva, e Abner Marsh nunca teria percebido, mas o piloto viu, e o apito do vapor do *Fevre Dream* soou para sinalizar ao outro vapor que iria seguir a bombordo quando eles se cruzassem. Aquele uivo agudo do grande apito tirou Marsh de sua paralisia. Ele ergueu os olhos e viu as luzes distantes do vapor que descia, e as fagulhas vomitadas do alto de suas chaminés, e o céu quase preto que se erguia acima dele, e o relâmpago tênue a distância iluminando as nuvens, e o rio, o rio negro e infindável, o rio que era seu lar, seu negócio, seu amigo e pior inimigo e um consorte volúvel, brutal e amoroso com suas damas. Ele fluía como sempre fluíra, e não sabia nada nem dava a mínima para Damon Julian e toda a sua espécie; eles eram nada para ele, iriam embora e seriam esquecidos, e o velho demônio do rio ainda estaria lá, correndo e cortando novos canais, inundando cidades e colheitas, fazendo crescer outras e triturando barcos a vapor em seus dentes para poder cuspir as lascas.

Abner Marsh foi então até as gaiolas das rodas-d'água, que se erguiam acima do convés. Julian seguiu-o. — Capitão — chamava ele com a voz distorcida, mas ainda sedutora. Marsh ignorou-o. Subiu em cima das gaiolas das rodas-d'água com uma força nascida da urgência, uma força que ele não suspeitava ter. Debaixo dos seus pés a grande roda lateral girava. Podia senti-la tremer através da madeira, podia ouvir seu *chunca-chunca*. Foi indo em direção à popa, com cautela, não querendo cair no lugar errado, onde as rodas poderiam tragá-lo e esmagá-lo. Olhou para baixo. A luz do dia praticamente tinha ido embora e a água parecia

negra, mas por onde o *Fevre Dream* havia passado mostrava-se agitada e encrespada. O clarão das fornalhas do vapor tingia a água de vermelho, e ela parecia agora sangue fervendo. Abner Marsh viu aquilo e congelou. Mais sangue, pensou, mais maldito sangue; não posso fugir disso, não consigo fugir de jeito nenhum. As batidas das pás do vapor soavam como trovões nos seus ouvidos.

Sour Billy Tipton deu um salto e subiu nas gaiolas das rodas-d'água, avançando com cautela na sua direção. — O senhor Julian quer o senhor, seu gordão — disse ele —, venha agora, já foi o mais longe que podia. — Ele puxou sua pequena faca e sorriu. Sour Billy Tipton tinha um sorriso realmente assustador.

— Não é sangue — disse Marsh em voz alta —, é só o maldito rio. — Ainda segurando a bengala, tomou bastante fôlego e se atirou lá de cima do vapor. As maldições de Sour Billy soavam em seus ouvidos quando ele caiu na água.

20

A bordo do vapor *Fevre Dream*, rio Mississippi, agosto de 1857

Raymond e Armand amparavam Damon Julian, um de cada lado, quando Sour Billy pulou lá de cima das rodas-d'água. Julian parecia que tinha matado um porco, com a roupa toda ensopada de sangue. — Você o deixou escapar, Billy — disse ele com frieza. Aquele tom enervou Sour Billy.

— Ele não vai escapar — insistiu Billy. — As pás vão sugá-lo e triturá-lo, ou então ele vai se afogar. Devia ter visto como espirrou água ao cair com aquela barrigona de frente. Com certeza não vamos ter que ver aquelas verrugas dele de novo. — Enquanto falava, Sour Billy olhou em volta e não gostou nada do que viu; Julian todo ensanguentado, uma trilha de sangue que descia das escadas do tombadilho até metade do convés superior, e aquele elegante oficial meio caído da varanda do convés, com mais sangue escorrendo pela boca.

— Se você falha desse jeito comigo, Billy, nunca vai poder ser como nós — disse Julian. — Espero que ele esteja morto, pelo seu próprio bem, entendeu?

— Sim — disse Billy. — Senhor Julian, o que foi que houve?

— Eles me atacaram, Billy. Eles *nos* atacaram. Segundo nosso bom capitão, eles assassinaram Jean. Esmigalharam a maldita cabeça dele, acho que foi assim que eles se expressaram. — Ele sorriu. — Marsh, o patife do oficial dele e alguém chamado Mike, foram esses três.

— Hairy Mike Dunne — disse Raymond Ortega. — Ele é o capataz do *Fevre Dream*, Damon. Um grandão, estúpido e inculto. O trabalho dele é gritar com os negros e bater neles.

— Sei — disse Julian. — Podem me soltar — disse para Raymond e Armand. — Já me sinto mais forte agora. Posso ficar em pé sozinho.

O crepúsculo se aprofundara. Eles já estavam no escuro. — Damon — advertiu Vincent —, o turno vai mudar agora no jantar. Os homens da tripulação vão subir para os seus camarotes. Precisamos fazer alguma coisa. Temos que cair fora desse barco, senão eles vão nos descobrir. — Ele olhou para o sangue e para o corpo.

— Não — disse Julian. — Billy vai limpar tudo isso, não é, Billy?

— Sim, senhor — disse Sour Billy. — Vou só atirar o oficial no rio, atrás do seu capitão.

— Faça isso, então, Billy, em vez de ficar só falando a respeito. — O sorriso de Julian foi gélido. — E depois venha até o camarote de York. Vamos nos reunir lá agora. Preciso trocar de roupa.

Sour Billy Tipton precisou de apenas uns vinte minutos para remover as provas da morte no tombadilho. Trabalhou com a maior pressa, consciente de que seria muito fácil alguém sair do camarote ou subir as escadas. Mas a escuridão era quase total a esta altura, o que ajudou. Ele arrastou o corpo de Jeffers pelo convés e ergueu-o até a casa das rodas-d'água com alguma dificuldade — o oficial era bem mais pesado do que Billy imaginara — e atirou-o lá de cima. O corpo foi tragado pela noite e pelo rio, e ao cair espirrou bem menos água do que Marsh. O barulho quase se perdeu no meio do som das pás na água. Sour Billy acabara de tirar a camisa e estava limpando o sangue com ela quando teve um golpe de sorte: a tempestade que veio se formando a tarde toda finalmente desabou. Os trovões soaram nos seus ouvidos, os relâmpagos apunhalaram o rio e a chuva despencou. Uma chuva forte, fria, grossa, que batia no convés, deixando Billy ensopado até os ossos e limpando todo o sangue.

Sour Billy finalmente entrou pingando no camarote de Joshua York, trazendo sua fina camisa como uma bola molhada na mão. — Pronto — disse ele.

Damon Julian estava sentado numa poltrona funda de couro. Vestia roupas limpas, segurava um drinque na mão e parecia forte e saudável como nunca. Raymond estava em pé ao seu lado, Armand na outra poltrona, Vincent com uma perna sobre a escrivaninha, e Kurt na cadeira em frente. E Joshua York sentado na cama, olhando fixamente para os pés, a cabeça abaixada, a pele branca como giz. Parecia um cão açoitado, pensou Sour Billy.

— Ah, Billy — disse Julian. — O que seria de nós sem você?

Sour Billy assentiu. — Fiquei pensando enquanto estava lá fora, senhor Julian — disse ele. — A meu ver, temos duas opções. Este vapor aqui tem um bote, que eles usam para medir a profundidade do rio com sondas, essas coisas. A gente podia embarcar nele e cair fora. Ou então, agora que a tempestade já caiu, podemos simplesmente esperar até o piloto atracar, e então desembarcamos. Não estamos muito longe de Bayou Sara, talvez o barco faça uma parada ali.

— Não tenho o menor interesse por Bayou Sara, Billy. E não tenho o menor interesse em deixar este magnífico barco. O *Fevre Dream* é nosso agora. Não é, Joshua?

Joshua levantou a cabeça. — Sim — disse. Sua voz estava tão fraca que era quase inaudível.

— É perigoso demais — insistiu Sour Billy. — O capitão e o oficial náutico, os dois estão sumidos; o que as pessoas vão pensar? Vão sentir a falta dos dois, vão começar a perguntar. E isso não vai demorar, já devem estar perguntando.

— Ele tem razão, Damon — Raymond interveio. — Eu estou nesse barco desde Natchez. Os passageiros vêm e vão, mas a tripulação… Estamos em perigo aqui. Somos nós os estranhos, os suspeitos, os desconhecidos. Quando derem pela falta de Marsh e Jeffers, vão vir primeiro atrás de nós.

— E depois tem esse capataz — acrescentou Billy. — Se ele ajudou Marsh, deve saber de tudo, senhor Julian.

— Mate-o, Billy.

Sour Billy Tipton engoliu em seco. — Suponhamos que eu o mate, senhor Julian. Não vai adiantar nada. Vão sentir a falta dele também, e há outros abaixo dele, um maldito exército inteiro de negros, alemães idiotas e suecos enormes. Nós somos menos de vinte, e durante o dia sou só eu. Precisamos cair fora deste barco, e bem depressa. Não temos como lutar contra a tripulação, e, mesmo que conseguíssemos, eu, com certeza, não tenho como lutar sozinho

contra todos eles. Precisamos sair daqui.

— Vamos ficar. Eles é que têm que ter medo de nós, Billy. Como é que você pode vir a ser um dos mestres se ainda pensa como escravo? Nós vamos ficar.

— E o que vamos fazer quando derem pela falta de Marsh e Jeffers? — perguntou Vincent.

— E quanto ao capataz? Ele é uma ameaça — disse Kurt.

Damon Julian olhou bem para Sour Billy e sorriu. — Ah — disse ele. Deu um gole no seu drinque. — Vamos deixar o Billy cuidar desses probleminhas para nós. Billy vai nos mostrar o quanto ele é esperto, não é, Billy?

— Eu? — Sour Billy parou boquiaberto. — Eu não sei…

— *Não é, Billy?*

— Sim — disse Billy prontamente. — Sim.

— Eu posso resolver isso sem precisar derramar mais sangue — disse Joshua York, com um toque da sua antiga determinação na voz. — Ainda sou capitão a bordo desse barco. Deixem que eu demita o senhor Dunne e quaisquer outros que vocês possam temer. Podemos colocá-los para fora do *Fevre Dream* de uma maneira limpa. Já houve mortes demais.

— Será? — perguntou Julian.

— Despedi-los não vai funcionar — disse Sour Billy para York. — Eles simplesmente vão ficar imaginando o porquê disso e pedir para ver o capitão Marsh.

— Sim — concordou Raymond. — Eles não obedecem ao York — acrescentou dirigindo-se a Julian. — Não confiam nele. Ele precisou aparecer à luz do dia para que eles concordassem em descer até o canal com ele. Com o Marsh fora de cena, e o Jeffers também, ele nunca será capaz de controlá-los.

Sour Billy Tipton olhou para Joshua York com surpresa e um respeito inédito. — O senhor fez isso? — deixou escapar. — Saiu de dia? — Os outros às vezes ousavam ficar ao crepúsculo, ou ficar um tempo a mais depois do nascer do sol, mas ele nunca vira nenhum deles sair quando o sol estava alto. Nem mesmo Julian.

Joshua York olhou para ele friamente e não respondeu.

— O nosso caro Joshua gosta de brincar de ser gado — disse Julian, divertindo-se. — Talvez ele achasse que iria ficar bronzeado e curtido.

Os demais riram por educação.

Enquanto riam, Sour Billy teve uma ideia. Coçou a cabeça e permitiu-se um sorriso. — Não vamos demiti-los — disse ele para Julian. — Já sei. Vamos fazer com que fujam. Sei exatamente como fazer isso.

— Muito bem, Billy. O que seria de nós sem você?

— O senhor pode providenciar que *ele* faça o que eu disser? — perguntou Billy, jogando um polegar na direção de York.

— Farei o que tiver que fazer para proteger meu povo — disse Joshua York — e para proteger minha tripulação também. Não há necessidade de compulsão.

— Bom, bom — disse Sour Billy. — Realmente, muito bom. — Aquilo seria até mais fácil do que ele imaginara. Julian ficaria de fato impressionado. — Vou lá arrumar outra camisa para mim. O senhor vista-se, senhor capitão York, e então vamos providenciar alguma *proteção* para nós.

— Sim — acrescentou Julian baixinho. — E Kurt irá com vocês também. — Ele

levantou o copo e brindou a York. — Só como garantia.

Meia hora mais tarde, Sour Billy levou Joshua York e Kurt até o convés das caldeiras. A chuva amainara um pouco, e o *Fevre Dream* parara em Bayou Sara, atracando perto de uma dúzia de vapores menores. No salão principal, o jantar havia sido servido. Julian e o seu pessoal estavam lá com os demais, comendo discretamente. Mas a cadeira do capitão estava vazia, e alguém iria comentar algo cedo ou tarde. Felizmente, Hairy Mike Dunne estava lá embaixo no convés principal, gritando com os estivadores que carregavam frete e algumas pilhas de madeira. Sour Billy observara-o cuidadosamente de lá de cima, antes de iniciar seu plano; Dunne era o cara perigoso.

— Primeiro, o corpo — disse Sour Billy, conduzindo-os direto para a porta externa do camarote onde Jean Ardant havia encontrado seu fim. Kurt arrebentou a fechadura com uma única torção da sua mão. Dentro, Billy acendeu a lamparina e eles contemplaram a coisa sobre a cama. Sour Billy Tipton deu um assobio. — Muito bem — disse ele. — Esses seus amigos sem dúvida fizeram um bom trabalho no velho Jean — disse para York. — Metade dos seus miolos está nos lençóis e a outra metade na parede.

Os olhos cinza de York mostravam aversão. — Vamos logo com isso — disse. — Suponho que você queira nossa ajuda para jogar esse corpo no rio.

— Oh, não! — disse Sour Billy. — Vamos queimar esse corpo. Lá embaixo, numa das nossas fornalhas, capitão. E tampouco vamos levá-lo para baixo escondido. Vamos conduzi-lo direto até o salão e depois descer a escada principal com ele.

— Por que, Billy? — disse York friamente.

— Simplesmente faça isso — cortou Sour Billy. — E me chame de senhor Tipton, viu, *capitão*!

Embrulharam o cadáver de Jean num lençol, para que nada dele pudesse ser visto. York foi ajudar Kurt a levantá-lo, mas Sour Billy afastou-o e pegou a outra ponta ele mesmo. — Não iria cair bem para um dono e capitão do navio ficar carregando um defunto. O senhor fique apenas andando ao lado da gente, e faça cara de preocupado.

York não teve nenhuma dificuldade em parecer preocupado. Eles abriram a porta do salão principal e entraram, com o corpo de Jean coberto por um lençol, carregado por Billy e Kurt. Só metade da mesa do jantar estava completa. Alguém engasgou de susto e toda a conversa foi interrompida na hora.

— Posso ajudar, capitão York? — perguntou um homem pequeno de bigode branco e com manchas de óleo na roupa. — O que foi? Alguém morreu?

— Fique longe! — gritou Sour Billy quando o homem deu um passo na direção deles.

— Faça como ele ordenou, Whitey — disse York.

O homem parou. — Certo, mas…

— É apenas um homem morto — disse Sour Billy. — Morreu no seu camarote. O senhor Jeffers o encontrou. Ele havia embarcado em New Orleans, devia estar doente. Estava ardendo de febre quando Jeffers o ouviu gemer.

Todos na mesa pareceram preocupados. Um homem ficou muito pálido e foi correndo para o seu camarote. Sour Billy conteve o riso.

— Onde está o senhor Jeffers? — perguntou Albright, o pequeno e elegante piloto.

— Foi para o seu camarote — respondeu Billy rapidamente. — Não estava se sentindo bem. Marsh está com ele. O senhor Jeffers estava um pouco amarelo, acho que ver um homem

morrer não lhe fez muito bem.

Suas palavras tiveram o efeito que ele imaginara, especialmente quando Armand inclinou-se na mesa para Vincent e disse, num cochicho alto, como Billy o orientara a fazer: — *O João de Bronze*. — Então os dois levantaram e saíram, com o jantar ainda pela metade.

— Não é *João de Bronze* — disse Billy bem alto. Ele teve que dizer isso quase gritando porque de repente todos na mesa estavam falando ao mesmo tempo, e metade dos presentes já tinha ido embora. — Precisamos queimar esse corpo, vamos lá — acrescentou ele, e junto com Kurt começaram a se dirigir para a grande escada de novo. Joshua York demorou-se um pouco, as mãos levantadas, tentando se desvencilhar de uma centena de perguntas de pessoas muito assustadas. Os passageiros e a tripulação passaram a evitar Kurt, Billy e seu fardo.

Um par de estranhos de aspecto maltrapilho, com passagem de convés, eram os únicos no convés principal, além dos estivadores que iam e vinham com caixas e pilhas de lenha. As fornalhas haviam sido fechadas, mas ainda estavam quentes, e Sour Billy queimou os dedos quando ele e Kurt enfiaram o corpo envolto em lençol na mais próxima. Ele ainda estava xingando e balançando sua mão no ar quando Joshua York desceu e encontrou com ele de novo. — Estão indo embora — disse York, suas feições pálidas desconcertadas. — Quase todos os passageiros estão fazendo as malas, e metade da tripulação já veio falar comigo pedindo que eu lhes pagasse seu salário. Foguistas, arrumadeiras, garçons, até o Jack Ely, o segundo engenheiro. Eu não estou entendendo.

— O João de Bronze está fazendo um passeio rio acima no seu barco — disse Sour Billy Tipton. — Pelo menos, é o que *eles* acham.

Joshua York franziu o cenho. — João de Bronze?

Sour Billy sorriu. — Febre amarela, capitão. Posso apostar que nunca esteve em New Orleans quando o João de Bronze apareceu por lá. Ninguém vai ficar neste barco por mais tempo que o estritamente necessário, nem olhar de perto esse corpo, nem falar com Jeffers ou Marsh. Fiz com que pensassem que os dois pegaram a febre também, como você viu. A febre é realmente contagiosa. E rápida, também. Você fica amarelo, cospe uma substância preta, arde de febre como o demônio e depois morre. Bem, agora o melhor é queimar o velho Jean aqui, para que eles pensem que estamos levando isso a sério mesmo.

Demoraram uns dez minutos para reacender a fornalha, e finalmente tiveram que chamar um enorme foguista sueco para ajudá-los, mas não houve problema. Sour Billy viu os olhos dele espiando o corpo espremido no meio da lenha, e sorriu ao ver com que rapidez o sueco deu o fora. Pouco depois, Jean estava queimando. Sour Billy viu como soltava fumaça, e então virou as costas, entediado. Notou os barris de banha de porco perto da fornalha. — Vocês usam isso para corridas, não é? — perguntou para Joshua York.

York assentiu.

Sour Billy deu uma cusparada. — Por aqui, quando um capitão entra numa corrida e precisa de mais vapor, ele manda enfiar na fornalha um preto bem gordo. Banha de porco é cara demais. Está vendo, também sei algo sobre barcos a vapor. Que pena que não pudemos guardar o Jean para uma corrida.

Kurt sorriu, mas Joshua York só olhou fixamente, de cara feia. Sour Billy não gostou daquele olhar, nem um pouco, mas antes que pudesse dizer algo ouviu a voz que esperava ouvir em alguma hora.

— Ei, você!

Hairy Mike Dunne vinha todo fanfarrão do castelo de proa, com seus quase um metro e noventa. A chuva pingava da larga aba de seu chapéu preto de feltro, gotículas cintilavam nas suas costeletas pretas e suas roupas estavam molhadas e grudadas no corpo. Seus olhos eram pequenas bolinhas de gude verdes, e ele vinha segurando sua barra de ferro, batendo-a contra a palma da mão num gesto ameaçador. Atrás dele havia uma dúzia de peões, foguistas e estivadores. O sueco grandalhão estava lá, junto com um negro ainda maior que ele com uma orelha só, um musculoso mulato com um cassetete e mais uns dois com facas. O capataz se aproximou, e os outros o seguiam. — Quem é que você está queimando aí, rapaz? — rugiu ele. — E essa história toda de febre amarela? Não tem febre amarela coisa nenhuma nesse barco.

— Faça como eu falei — disse Sour Billy a York em voz baixa, em tom urgente. Ele ia se afastando da fornalha conforme o capataz avançava.

Joshua York ficou entre os dois e levantou as mãos. — Pare — disse ele. — Senhor Dunne, estou demitindo o senhor, aqui e agora. O senhor não é mais o capataz do *Fevre Dream*.

Dunne olhou para ele com ar de quem suspeita. — Não sou mais? — disse. Então fez uma careta. — Diabos, o senhor não está *me* despedindo, está?

— Eu sou o dono e o capitão aqui.

— Ah, é? Bem, eu recebo ordens do capitão Marsh. Se ele disser para eu ir embora, eu vou. Enquanto isso não acontecer, eu fico. E não me venha com essa história de que comprou a parte dele. Já soube hoje de manhã que isso é mentira. — Deu mais um passo à frente. — Agora o senhor saia da frente, capitão. Preciso fazer umas perguntinhas ao senhor Sour Billy aqui.

— Senhor Dunne, há uma doença a bordo deste navio. Eu o estou demitindo para sua própria segurança. — Joshua York mentira com um ar de sinceridade impressionante, pensou Sour Billy. — O senhor Tipton será o novo capataz, pois já ficou exposto à enfermidade.

— *Ele?* — A barra de ferro acertou a palma da mão do capataz. — Ele não é um barqueiro.

— Já fui supervisor — disse Billy. — Sei como lidar com negros. — Ele avançou de novo.

Hairy Mike Dunne riu.

Sour Billy sentiu frio pelo corpo inteiro. Se havia uma coisa no mundo que ele não podia suportar era que rissem dele. Naquele exato instante e lugar, decidiu não provocar mais Dunne. Matá-lo seria muito mais agradável. — Você veio com todos esses negros e essa escória branca atrás de você — disse ele ao capataz. — Parece que está com medo de me encarar sozinho.

Dunne apertou seus olhos verdes em tom ameaçador e bateu com a barra de ferro na palma da mão, mais forte do que antes. Avançou rapidamente dois passos e ficou iluminado pela fornalha, parado lá em pé, sob aquele resplendor infernal, espiando o cadáver ardendo. Finalmente virou-se para encarar de novo Sour Billy. — Só tem um lá dentro — disse. — Isso é bom para você. Se eu visse lá o capitão ou Jeffers, eu arrebentaria cada osso do seu corpo antes de matá-lo. Agora eu só vou matá-lo, e é já.

— Não — interveio Joshua York. Ele parou diante do capataz de novo. — Caia fora do meu barco — disse ele. — Você está despedido.

Hairy Mike Dunne tirou-o do caminho. — Fique fora disso, capitão. É uma luta limpa, só

eu e ele. Se ele me der uma surra, será o capataz. Só que eu é que vou arrebentar a cabeça dele, e aí você e eu teremos que encontrar o capitão Marsh e ver qual dos dois vai cair fora desse barco.

Sour Billy levou a mão às costas e puxou sua faca.

Joshua York olhava de um para o outro em desespero. Todos os outros homens haviam se afastado agora, e gritavam incentivos para Hairy Mike. Kurt avançou discretamente e tirou York dali, para evitar que interferisse.

Banhado pela luz da fornalha, Hairy Mike Dunne parecia alguém saído diretamente do inferno, com fumaça espiralando em volta dele, a pele corada, avermelhada, a água secando em seu cabelo, a barra de ferro batendo na palma da sua mão conforme avançava. Ele sorriu. — Já enfrentei garotos com faca antes — disse ele, pontuando as palavras com as batidas. — Montes de garotinhos sujos. — Mais uma batida. — Também já me cortaram antes. — Outra batida. — Os cortes cicatrizam, Sour Billy. — Mais uma batida. — Mas uma cabeça rachada, ah, isso já é outra história. — E mais uma batida, e outra e mais outra.

Billy recuou, até que suas costas quase encostaram numa pilha de caixas. A faca estava livre na sua mão. Hairy Mike viu-o encurralado num canto e sorriu, erguendo a barra de ferro bem alto acima da cabeça. Ele avançou berrando.

E Sour Billy Tipton atirou a faca que estava na sua mão e mandou-a cortando o ar. Ela acertou Hairy Mike bem embaixo do queixo, entrando por entre os fios de sua barba até enterrar-se dentro da sua cabeça. Ele caiu de joelhos e o sangue veio jorrando da sua boca, projetando-se sobre o chão do convés.

— Bem, bem — disse Sour Billy, passeando por cima do corpo. Ele chutou a cabeça de Mike e sorriu, para os negros, para os estrangeiros e para Kurt, mas principalmente para Joshua York. — Bem, bem — repetiu. — Eu acho que isso faz de mim o capataz.

21

St. Louis, setembro de 1857

Abner Marsh bateu forte a porta e entrou pisando duro no escritório da Vapores do Rio Fevre, na Pine Street. — Onde está ele? — perguntou Marsh, cruzando a passos largos a sala e inclinando-se na escrivaninha para olhar fixamente o assustado agente. Uma mosca zuniu em volta da sua cabeça, e Marsh afastou-a com impaciência. — Eu perguntei *onde está ele*?

O agente era um jovem magro, escuro, vestindo camisa listrada e viseira verde. Ele ficou muito aturdido. — Nossa! — disse — Nossa, capitão Marsh, que prazer, não imaginava, quer dizer, a gente não esperava pelo senhor, capitão, que surpresa. O *Fevre Dream* aportou?

Abner Marsh bufou, aprumou-se e bateu sua bengala no chão de madeira irritado. — Senhor Green — disse ele —, pare com essa sua conversa fiada e preste atenção agora. Eu perguntei *onde está ele*? A respeito do que o senhor acha que eu estou perguntando, senhor Green?

O agente engoliu em seco. — Acho que… eu não sei, capitão.

— O *Fevre Dream!* — Marsh berrou, o rosto vermelho. — Eu quero saber onde ele está! Não está no cais, é só o que eu sei, afinal, eu tenho olhos. E não o vi ao longo do maldito rio. Ele atracou e partiu de novo? Ele foi para St. Paul ou para o Missouri? Para Ohio? Não olhe para mim com essa cara de pateta, apenas me diga: *onde está o meu maldito barco?*

— Eu não sei, capitão — disse Green. — Quer dizer, se *o senhor* não o trouxe para cá, eu não tenho ideia. O barco nunca esteve aqui em St. Louis, não desde que o senhor o trouxe para o rio em julho. Mas nós ouvimos dizer… nós…

— Sim? Diga, o quê?

— A febre, senhor. Ouvimos dizer que houve um surto de febre amarela no *Fevre Dream*, lá em Bayou Sara. Que as pessoas morriam como moscas, foi o que ouvimos, como moscas. O senhor Jeffers e o senhor, ouvimos dizer que o senhor também tinha a febre. Foi por isso que não esperava que… com todo mundo morrendo e tudo isso, achamos que vocês tinham queimado o barco, capitão. — Ele tirou sua viseira e coçou a cabeça. — Acho que então o senhor já superou a febre, capitão. Fico feliz em saber. Só que… se o *Fevre Dream* não está com o senhor, ele está onde então? Tem certeza de que não veio com ele? Talvez tenha esquecido… Ouvi dizer que a febre pode deixar a pessoa terrivelmente distraída.

Abner Marsh amarrou a cara. — Eu não peguei a febre e, com toda a certeza, diabos, eu sei diferenciar um vapor de outro, senhor Green. Eu vim no *Princess*. Fiquei doente uma semana mais ou menos, está certo, mas não foi febre nenhuma. Tive um baita resfriado, por ter

caído no maldito rio e quase me afogado. Foi assim que perdi o *Fevre Dream* e agora estou procurando-o de novo, você me ouviu? — Ele bufou. — Onde foi que você ouviu essa baboseira toda sobre a febre amarela?

— A tripulação, capitão, aqueles que abandonaram o barco em Bayou Sara. Alguns deles passaram por aqui quando chegaram a St. Louis, acho que foi há uma semana mais ou menos. Alguns perguntaram a respeito de trabalho no *Eli Reynolds*, capitão, mas é claro, ele já está lotado, então tive que deixar que fossem embora. Espero ter feito a coisa certa. O senhor não estava aqui, é claro, nem o senhor Jeffers, e achei que os dois haviam morrido, então não tinha com quem pegar instruções.

— Não se preocupe com isso — disse Marsh. Aquelas notícias de certo modo o animaram. Embora Julian e seu bando tivessem tomado o barco de Marsh, pelo menos parte da sua tripulação havia caído fora. — Quem foi que veio aqui?

— Bem, eu vi o Jack Ely, o segundo engenheiro, alguns garçons, dois dos seus foguistas, o Sam Kline e o Sam Thompson. Havia outros também.

— Tem algum deles por aqui ainda?

Green encolheu os ombros. — Quando eu disse que não podia contratá-los, foram procurar emprego em outros barcos, capitão. Eu não sei.

— Raios — disse Marsh.

— Espere! — disse o agente, levantando um dedo. — Eu sei! O senhor Albright, o piloto, ele foi um dos que me falaram sobre a febre. Ele esteve aqui há uns quatro dias e não queria emprego nenhum, ele é piloto do baixo rio, o senhor sabe, então o *Eli Reynolds* não servia para ele. Disse que ia alugar um quarto na Planter's House até conseguir emprego num dos barcos de maior categoria, algum vapor grande, de rodas-d'água laterais.

— Albright, hein — disse Marsh. — E o Karl Framm? Você o viu? Se Framm e Albright, os dois, tiverem abandonado o *Fevre Dream*, não será muito difícil encontrar o vapor. Sem pilotos qualificados, ele não poderia se movimentar muito.

Mas Green balançou a cabeça. — Não. Não vi o senhor Framm.

As esperanças de Marsh naufragaram. Se Karl Framm ainda estava a bordo do barco, o *Fevre Dre*am poderia estar em qualquer ponto do rio. Talvez navegasse agora por algum de seus vários afluentes, ou quem sabe o *Fevre Dream* tivesse até voltado para New Orleans depois de ficar confinado naquele depósito de lenha ao sul de Bayou Sara. — Vou fazer uma visita ao Dan Albright — disse Marsh ao agente. — Enquanto isso, quero que você escreva algumas cartas. Para agentes, pilotos, todo mundo que você conheça ao longo do rio, daqui até New Orleans. Pergunte sobre o *Fevre Dream*. Alguém deve tê-lo visto. Um vapor como este não some assim, simplesmente. Você me escreva essas cartas hoje à tarde, ouviu, e depois vá até o cais e coloque-as nos barcos mais rápidos que encontrar. Eu preciso encontrar meu barco.

— Sim, senhor — disse o agente. Ele puxou uma pilha de folhas de papel e uma pena, mergulhou-a no tinteiro e começou a escrever.

O recepcionista da Planter's House sacudiu a cabeça cumprimentando. — Vejam só, é o capitão Marsh — disse ele. — Ouvi falar da sua infelicidade. Terrível, o João de Bronze, terrível. Estou feliz em vê-lo melhor, capitão, feliz mesmo.

— Não se preocupe com isso — disse Marsh, incomodado. — Em que quarto está hospedado o Dan Albright?

Albright estava lustrando suas botas. Ele convidou Marsh a entrar com um cumprimento tranquilo, educado, tomou assento de novo, enfiou um braço dentro da bota e voltou a lustrá-la como se ninguém nunca tivesse batido na porta.

Abner Marsh sentou pesadamente e não desperdiçou tempo com amenidades. — Por que você saiu do *Fevre Dream*? — já foi logo perguntando.

— A febre, capitão — disse Albright. Ele observou Marsh por um breve instante, e depois voltou a se ocupar da sua bota sem mais palavra.

— Conte-me a respeito, senhor Albright. Eu não estava lá.

Dan Albright franziu o cenho. — Não estava? Eu entendi que o senhor e o Jeffers tinham tido contato com o primeiro homem doente.

— Entendeu errado. Agora me conte.

Albright continuou polindo suas botas e contou-lhe sobre a tempestade, o jantar, o corpo que Joshua York, Sour Billy Tipton e o outro homem carregaram pelo salão, a fuga dos passageiros e da tripulação. Contou tudo com o menor número possível de palavras. Ao terminar, suas botas estavam brilhando. Ele se enfiou nelas.

— Todo mundo foi embora, então? — perguntou Marsh.

— Não — disse Albright. — Alguns ficaram. Parece que tem gente que não conhece a febre tão bem quanto eu.

— Quem?

Albright deu de ombros. — O capitão York. Os amigos dele. Hairy Mike. Os foguistas e os estivadores, também. Acho que eles estavam com medo demais do Mike para fugir. Especialmente em um estado escravagista. Whitey Blake deve ter ficado. E achei que o senhor e o Jeffers também.

— O senhor Jeffers está morto — disse Marsh.

Albright não disse nada.

— E Karl Framm? — Marsh perguntou.

— Não sei dizer.

— Vocês eram parceiros.

— Éramos diferentes. Eu não o vi. Eu não sei, capitão.

Marsh franziu o cenho. — O que aconteceu depois que vocês foram receber seus salários?

— Eu passei um dia em Bayou Sara e então peguei carona com o capitão Leathers no *Natchez*. Fui até Natchez, apreciando o rio, passei mais ou menos uma semana ali, e então subi para St. Louis no *Robert Folk*.

— O que aconteceu com o *Fevre Dream?*

— Ele zarpou.

— Zarpou?

— Ligaram o vapor e zarparam, acho eu. Quando acordei, na manhã seguinte da notícia da febre, o barco tinha partido de Bayou Sara.

— Sem tripulação?

— Deve ter ficado gente suficiente para operá-lo — disse Albright.

— E foi para onde?

Albright encolheu os ombros. — Não o vi dali do *Natchez*. Mas posso tê-lo deixado passar, eu não estava prestando muita atenção. Talvez tenha descido o rio.

— O senhor realmente está sendo de muita ajuda, senhor Albright — disse Marsh.

Albright disse: — Não posso lhe dizer o que não sei. Talvez eles tenham ateado fogo ao barco. Por causa da febre. Acho que não deviam ter lhe dado aquele nome. Chama má sorte.

Abner Marsh estava perdendo a paciência. — O barco não foi queimado — disse ele. — Está no rio, em algum lugar, e vou encontrá-lo. E o barco tampouco tem má sorte.

— Eu era o piloto, capitão. Eu vi. Tempestades, neblina, atrasos e depois a febre. Estava amaldiçoado aquele barco. Se fosse o senhor, eu desistia dele. Não é bom para o senhor. Não tem proteção de Deus. — Ele ficou em pé. — Isso me faz lembrar que eu tenho uma coisa que lhe pertence. — Ele foi buscar dois livros e entregou-os a Marsh. — São da biblioteca do *Fevre Dream* — explicou. — Joguei uma partida de xadrez com o capitão York lá em New Orleans e mencionei que gostava de poesia, e ele me deu esses dois no dia seguinte. Quando fui embora, levei os dois comigo por engano.

Abner Marsh ficou revirando os livros nas mãos. Poesia. Um volume de poemas de Byron e outro de Shelley. Exatamente o que ele precisava, pensou com ironia. Seu vapor havia ido embora, desaparecido no rio, e tudo o que lhe deixara eram dois malditos livros de poesia. — Pode ficar com eles — disse a Dan Albright.

Albright balançou a cabeça. — Não quero. Não é o tipo de poesia que eu gosto, capitão. Imorais, os dois. Não admira que seu barco tenha sido atingido, carregando livros como esses.

Abner Marsh enfiou os livros no bolso e levantou, de cara amarrada. — Bem, acho que para mim já foi suficiente, senhor Albright. Não vou ficar aqui ouvindo esse tipo de conversa sobre o meu barco. Ele é tão excelente quanto qualquer outro que navegue por esse rio, e não é amaldiçoado. Não existe esse negócio de maldição. O *Fevre Dream* é de fato um demônio de um…

— Exatamente — interrompeu Dan Albright. Ele ficou em pé, também. — Tenho que ir ver um emprego — disse ele, levando Marsh até a porta. Marsh deixou-se levar. Mas, enquanto Albright o conduzia para fora, o garboso pequeno piloto disse: — Capitão Marsh, deixe estar.

— Como assim?

— O vapor — disse Albright. — Ele não é bom para o senhor. O senhor sabe que eu sou bom em farejar uma tempestade que se aproxima, não é?

— Sim — disse Marsh. De fato, Albright conseguia prever tempestades melhor do que qualquer um que Marsh já tivesse conhecido.

— Às vezes posso farejar outras coisas também — disse o piloto. — Não fique atrás dele, capitão. Esqueça o barco. Achei que o senhor estivesse morto. Não está. Devia ser grato por isso. Encontrar o *Fevre Dream* não vai lhe trazer nenhuma alegria, capitão.

Abner Marsh olhou fixamente para ele. — O senhor pode afirmar isso. Ficou no timão do barco, conduziu-o pelo rio.

Albright não disse nada.

— Mas, mesmo assim, não vou lhe dar ouvidos — disse Marsh. — Esse é o *meu* barco, senhor Albright, e algum dia vou pilotá-lo eu mesmo, fazê-lo competir com o *Eclipse*, está ouvindo bem? E…. e… — Com rosto avermelhado, com raiva, Marsh viu-se engasgando com a própria língua. Não conseguiu continuar.

— O orgulho pode ser um pecado, capitão — disse Dan Albright. — Deixe estar. — Ele fechou a porta, deixando Marsh para fora, no corredor.

Abner Marsh almoçou no restaurante da Planter's House, sozinho num canto. Albright o deixara abalado e ele se viu pensando as mesmas coisas que haviam passado pela sua cabeça quando subia o rio a bordo do *Princess*. Comeu uma perna de carneiro com molho de hortelã, um mexido de nabo com vagem e três porções de pudim de tapioca, mas nem isso o acalmou. Enquanto tomava o café, Marsh ponderou se talvez Albright não tivesse razão. Aqui estava ele de volta a St. Louis, na mesma condição que vivia antes de conhecer Joshua York naquele mesmo salão. Ainda tinha sua empresa, o *Eli Reynolds* e algum dinheiro no banco também. Era um homem do alto-rio; tinha sido um equívoco terrível descer até New Orleans. Seu sonho se transformara num pesadelo naquela região de escravos, o sul febril. Mas agora tudo havia acabado, seu vapor tinha zarpado e desaparecido, e se quisesse poderia apenas fingir que tudo aquilo jamais acontecera, que nunca houve um vapor chamado *Fevre Dream*, nem pessoas chamadas Joshua York, Damon Julian e Sour Billy Tipton. Joshua surgira do nada e agora sumira de novo. O *Fevre Dream* não existia em abril, e parecia não existir mais agora, pelo menos segundo o que ele era capaz de ver. De qualquer modo, um homem sensato não iria acreditar nisso, em histórias de chupar sangue, empreitadas noturnas e em garrafas de alguma bebida asquerosa. Havia sido tudo um sonho febril, pensou Abner Marsh, mas agora a febre passara, agora podia tocar a vida aqui em St. Louis.

Marsh pediu mais café. Eles vão continuar matando, pensou consigo enquanto tomava o café, vão continuar a beber sangue e a matar gente sem que ninguém possa detê-los. — Eu, de qualquer forma, não tenho como fazer isso — murmurou. Ele fizera o melhor possível, ele, Joshua, Hairy Mike e o coitado do velho Jeffers, que não iria nunca mais erguer uma sobrancelha ou mover uma peça de xadrez. Isso não os levara a lugar nenhum. E não iria adiantar nada recorrer às autoridades, não com uma história sobre um bando de vampiros que roubaram seu barco a vapor. Eles só dariam crédito àquela conversa fiada de febre amarela e iriam achar que ele estava mal da cabeça, e talvez o trancafiassem em algum lugar.

Abner Marsh pagou a conta e andou de volta até o escritório da Vapores do Rio Fevre. O cais estava cheio e agitado. Acima dele havia um céu azul e sem nuvens, e aqui embaixo o rio mostrava-se claro e limpo à luz do sol. O ar tinha um travo, um aroma de fumaça e vapor, e ele ouviu os apitos dos barcos passando ao largo uns dos outros pelo rio, e o grande sino de metal de um vapor de tração lateral entrando no porto. Os peões berravam e os estivadores cantavam enquanto carregavam, e Abner Marsh ficou lá em pé, observando e ouvindo. *Esta* é que era a sua vida, a outra havia sido um sonho febril, realmente. Os vampiros vinham matando há milhares de anos, Joshua lhe dissera isso, então como poderia Marsh ter a esperança de mudar isso? Talvez Julian estivesse mesmo certo. Era da natureza deles matar. E era da natureza de Abner Marsh ser um barqueiro, nada mais que isso, ele não era um lutador; York e Jeffers haviam tentado lutar e tinham pagado por isso.

Quando entrou no escritório, Marsh acabara de chegar à conclusão de que Dan Albright estava totalmente certo. Ele iria esquecer o *Fevre Dream*, esquecer tudo o que havia acontecido, era essa a coisa mais sensata a fazer. Iria simplesmente tocar sua empresa em frente e talvez ganhar um bom dinheiro, e em um ou dois anos teria, quem sabe, o suficiente para construir outro barco, um maior.

Green corria pelo escritório. — Já mandei vinte cartas, capitão — disse ele para Marsh. — Já estão postadas, como o senhor mandou.

— Ótimo — disse Marsh, afundando numa poltrona. Quase sentou em cima dos livros de

poesia, comprimidos desajeitadamente no seu bolso. Tirou-os, folheou-os rapidamente dando uma olhada em alguns títulos, e então colocou-os de lado. Eram bons poemas. Marsh suspirou. — Traga os livros de contabilidade, senhor Green — disse ele. — Quero dar uma olhada neles.

— Sim, capitão — disse Green. Ele foi pegar os livros contábeis, puxou-os da estante e então viu outra coisa, pegou e trouxe para Marsh junto com os livros contábeis. — Ah, capitão — disse ele —, quase tinha esquecido disso. — Ele entregou a Marsh um pacote grande, embrulhado com papel marrom e barbante. — Um homem baixinho trouxe isso há umas três semanas; disse que o senhor ficou de pegar, mas que não apareceu. Eu disse que o senhor ainda estava fora, no *Fevre Dream*, e paguei. Espero não ter feito mal.

Abner Marsh olhou para o pacote com o cenho franzido, arrancou o barbante com um puxão e rasgou o papel para abrir a caixa. Dentro havia um casaco de capitão novinho, branco como a neve que cobria o alto-rio no inverno, puro e limpo, com uma dupla fileira de reluzentes botões de prata, e com *Fevre Dream* escrito com letras em relevo sobre cada um deles. Ele pegou-o e a caixa caiu no chão, e de repente, por fim, as lágrimas saltaram de seus olhos.

— *Saia daqui!* — rugiu Marsh. O agente olhou para o rosto do capitão e sumiu. Abner Marsh levantou, vestiu o casaco branco e fechou os botões de prata. Era uma peça de roupa muito bonita. Elegante, muito mais elegante do que o pesado casaco azul de capitão que ele vinha usando. Não havia espelho no escritório, por isso Marsh não podia ver como lhe ficava, mas conseguia imaginar. Na sua cabeça, estava parecido com Joshua York, fino, nobre e sofisticado. A roupa era tão reluzente, tão *branca*, pensou ele.

— Agora estou parecendo o capitão do *Fevre Dream* — disse Marsh em voz alta, para si mesmo. Bateu a bengala forte no chão e sentiu o sangue subir no seu rosto. E ficou lá em pé, relembrando. Relembrou a silhueta do barco no meio da neblina em New Albany. Lembrou dos espelhos que brilhavam, lembrou da prata, do chamado furioso de seu apito e das batidas de seu motor, poderosas como uma trovoada. Lembrou de como deixara o *Southerner* para trás, de como engolira o *Mary Kaye*. Lembrou-se das pessoas também, Framm e suas histórias incríveis, Whitey Blake manchado de graxa, Toby matando frangos, Hairy Mike gritando e xingando os estivadores e peões, o Jeffers jogando xadrez, ganhando de Dan Albright pela centésima vez. Se Albright era tão esperto, pensou Marsh, por que nunca conseguia ganhar do Jeffers no xadrez?

E Marsh lembrou acima de tudo de Joshua, todo de branco, de Joshua dando goles na sua bebida, sentado no escuro e desfiando seus sonhos. Dos seus olhos cinza, das mãos fortes e da poesia. — Todos nós fazemos escolhas — sussurrou a memória. *A manhã ia, vinha… e regressava… Mas não trazia o dia!*

— GREEN! — Abner Marsh gritou no limite dos seus pulmões.

A porta se abriu, e o agente enfiou a cabeça para dentro, assustado.

— Eu quero o meu barco — disse Marsh. — Onde diabos está ele?

Green engoliu em seco. — Capitão, como eu disse, o *Fevre Dream*...

— Não esse! — gritou Marsh, batendo sua bengala forte no chão. — Meu outro barco. Onde diabos está o meu outro barco a vapor agora que preciso dele?

22

A bordo do vapor *Eli Reynolds*, rio Mississippi, outubro de 1857

Numa noite fria do início do outono, Abner Marsh e o *Eli Reynolds* finalmente zarparam de St. Louis e seguiram rio abaixo à procura do *Fevre Dream*. Por ele, teria partido várias semanas antes, mas havia muita coisa a ser resolvida. Marsh precisou esperar a volta do *Eli Reynolds* da sua última viagem pelo Illinois e fazer uma inspeção geral, para ver se estava pronto para encarar o baixo-rio, além de contratar um par de pilotos do Mississippi. Marsh tinha reclamações para atender também, de fazendeiros e transportadores de New Orleans, que haviam confiado ao *Fevre Dream* seu frete com destino a St. Louis e estavam irados com o desaparecimento do vapor. Marsh poderia ter insistido para que as perdas fossem compartilhadas, mas sempre se orgulhara de ser justo, então lhes pagou cinquenta centavos por dólar. Havia também a desagradável tarefa de notificar os parentes do senhor Jeffers. Marsh imaginou que dificilmente poderia lhes contar o que *realmente* acontecera, então decidiu por fim optar pela versão da febre amarela. Outras pessoas tinham irmãos, filhos ou maridos ainda não localizados e infernizaram Marsh com perguntas que ele não tinha como responder. Ainda por cima precisou lidar com um inspetor do governo e com um homem da associação de pilotos, e acertar as finanças, livros fiscais e fazer todos os preparativos. Tudo isso resultou em um mês de atraso, frustrações e amolações.

Mas o tempo todo Marsh continuou procurando. Quando as cartas que Green havia mandado em seu nome não obtiveram resposta, ele mandou outras. Sempre que encontrava tempo para isso, ia visitar os vapores que chegavam e perguntar pelo *Fevre Dream*, por Joshua York, Karl Framm, Whitey Blake, Hairy Mike Dunne e Toby Lanyard. Contratou uma dupla de detetives e enviou-os rio abaixo, com instruções de descobrir o que conseguissem. Até tomou emprestado um truque de Joshua e começou a comprar os jornais publicados por todo o sistema do rio; passava as noites vasculhando as seções sobre navegação, os anúncios, as listas de chegadas e partidas de vapores de cidades tão distantes quanto Cincinnati, New Orleans e St. Paul. Frequentava a Planter's House e outros redutos do rio mais do que era seu costume, e fazia milhares de perguntas.

E não descobriu nada. O *Fevre Dream* pelo jeito desaparecera, sumira de vez do rio. Ninguém o vira. Ninguém falara com Whitey Blake ou com o senhor Framm ou com Hairy Mike, nem ouvira algo a respeito deles. Os jornais não noticiaram nenhuma partida ou chegada

do barco.

— Não faz sentido — queixou-se Marsh em alta voz aos oficiais do *Eli Reynolds*, uma semana antes da sua partida. — É um barco de trezentos e sessenta pés, novinho, rápido o suficiente para fazer qualquer barqueiro pestanejar. Um barco assim não passa despercebido.

— Só se ele desceu o rio — sugeriu Cat Grove, o baixinho e musculoso oficial do *Eli Reynolds*. — O rio tem lugares muito fundos, ele pode engolir uma cidade inteira. Talvez tenha afundado, com todo mundo a bordo.

— Não — disse Marsh teimosamente. Ele não lhes contara a história toda. Nem imaginava como poderia fazê-lo. Nenhum deles estivera a bordo do *Fevre Dream*; nunca iriam acreditar. — Não, o barco não afundou. Está lá na parte de baixo do rio, em algum lugar, escondendo-se de mim. Mas vou encontrá-lo.

— Mas como? — perguntou Yoerger, o capitão do *Eli Reynolds*.

— Sei que é um rio muito extenso — admitiu Marsh —, tem muitos riachos, rios menores, baías que saem dele, atalhos, canais, curvas e todo tipo de lugares onde um vapor pode se esconder e não ser visto com facilidade. Mas não é tão longo que não possa ser vasculhado. Podemos começar numa ponta dele e ir até a outra, e perguntar ao longo de todo o caminho, e se chegarmos a New Orleans e ainda não o tivermos encontrado, então podemos fazer o mesmo no Ohio, no Missouri, no Illinois, no Yazoo, no rio Vermelho e onde diabos a gente tenha que ir para encontrar esse maldito barco.

— Pode levar um bom tempo — disse Yoerger.

— E daí?

Yoerger deu de ombros, e os oficiais do *Eli Reynolds* trocaram olhares de dúvida. Abner Marsh amarrou a cara. — Não se preocupem com quanto tempo isso pode demorar — ele comentou. — Cuidem apenas de deixar o meu barco pronto, ouviram?

— Sim, senhor capitão — disse Yoerger. Era um homem velho, alto, recurvado, esquelético, com uma voz tranquila. Vinha trabalhando em barcos a vapor desde que existiam barcos a vapor, portanto nada mais o surpreendia, e seu tom revelava isso.

Quando o dia chegou, Abner Marsh vestiu seu casaco branco de capitão com a fileira dupla de botões de prata. De algum modo, parecia-lhe adequado. Ele se concedeu um luxuoso jantar na Planter's House (as provisões no *Eli Reynolds* não eram lá muito boas, e o cozinheiro mal serviria para limpar as frigideiras de Toby) e caminhou até o cais.

O *Eli Reynolds* já ligara o vapor, constatou Marsh com satisfação. Mesmo assim, não parecia tê-lo feito. Era um barco do alto-rio, pequeno, estreito e baixo, feito para os cursos d'água rasos onde deveria navegar. Tinha menos de um quarto do comprimento do desaparecido *Fevre Dream*, e cerca da metade da sua largura. Totalmente carregado, era capaz de levar talvez cento e cinquenta toneladas de frete, em comparação com as mil toneladas do outro vapor. O *Reynolds* tinha apenas dois conveses; não tinha tombadilho e a tripulação ocupava a parte da frente dos camarotes sobre o convés das caldeiras. De qualquer modo, raramente transportava passageiros de camarote. Uma única grande caldeira de alta pressão movia sua roda de popa, e era em tudo muito básico. Estava praticamente sem carga agora, por isso Marsh podia ver a caldeira posicionada bem à frente. Fileiras de pilares de madeira caiados sem adornos sustentavam os andares superiores, pareciam palafitas raquíticas, e as colunas onde se apoiava o desgastado telhado do passadiço eram quadradas e simples, como mourões de cerca. A casa do leme, na popa, era uma grande caixa quadrada de madeira, a

roda de popa um apêndice de aspecto precário, com sua pintura vermelha esmaecida e toda riscada pelo uso prolongado. Por todos os lugares a pintura descascava. A cabine do piloto era uma maldita casinhola de madeira e vidro, montada em cima do barco, e as atarracadas chaminés eram de ferro preto sem nenhuma decoração. O *Eli Reynolds* mostrava sinais da idade lá parado sobre a água; parecia terrivelmente cansado e um pouco inclinado, como se estivesse a ponto de tombar e afundar.

Com certeza não era páreo para o imenso e poderoso *Fevre Dream*. Mas era tudo o que ele tinha agora, refletiu Abner Marsh, e teria que dar conta. Ele andou até o barco e subiu a bordo por uma plataforma muito desgastada pelos passos de inúmeras botas. Cat Grove encontrou-se com ele no castelo de proa. — Tudo pronto, capitão.

— Diga ao piloto para tirar o barco do cais — disse Marsh. Grove gritou a ordem lá para cima e o *Eli Reynolds* fez soar seu apito. O som era esquálido e queixoso e, mesmo assim, desesperadamente valente, pensou Marsh. Subiu mancando a íngreme e estreita escada até o salão principal, que era escuro e dava uma sensação de aperto, com uns doze metros de comprimento, no máximo. O tapete estava desgastado em vários pontos, e as paisagens pintadas nas portas dos camarotes haviam desbotado há muito tempo. Todo o interior do vapor tinha um cheiro de comida rançosa, vinho azedo, óleo, fumaça e suor. Era desconfortavelmente quente também, e a única claraboia, bem básica, estava coberta de fuligem e quase não deixava passar luz. Yoerger e o piloto de folga estavam numa mesa redonda tomando uma xícara de café preto quando Marsh entrou. — Trouxeram minha banha de porco a bordo? — perguntou Marsh.

Yoerger assentiu.

— Pelo que vejo não há muita gente no barco — comentou Marsh.

Yoerger fez uma careta. — Achei que o senhor iria preferir assim, capitão. Com o barco muito cheio ficaríamos muito lentos, e teríamos que fazer mais paradas também.

Abner Marsh ponderou e assentiu em aprovação. — Muito bem — disse. — Faz sentido. Meu outro pacote foi entregue?

— Está no seu camarote — disse Yoerger.

Marsh saiu e foi para o seu camarote. A cama rangeu quando sentou na beirada dela. Abriu o pacote e tirou de dentro o rifle e os cartuchos. Examinou a arma com atenção, sopesando-a na mão, olhando através do cano. Parecia muito boa. Talvez uma pistola ou rifle comum não representasse nada para o pessoal da noite, mas este rifle era outra coisa, feito sob encomenda pelo melhor armeiro de St. Louis. Era uma arma de caçar búfalos, com cano curto, grosso, octogonal, projetada para ser disparada montando a cavalo e capaz de deter em seco um búfalo em plena arremetida. Os cinquenta cartuchos sob medida eram os maiores que o armeiro já confeccionara. — Diabos — o homem se queixara —, esses aqui vão moer sua caça em pedaços, não vai sobrar nada para comer. — Abner Marsh simplesmente assentiu. O rifle não daria muita precisão, ainda mais nas mãos de Marsh, mas nem era esse o objetivo. A curta distância, varreria o sorriso de Damon Julian do seu rosto e ainda por cima arrancaria sua maldita cabeça dos ombros. Marsh carregou-o com cuidado e deixou-o montado na parede acima da sua cama, onde fosse capaz de sentar e agarrá-lo com facilidade. Só após permitiu-se deitar.

E então tudo começou. Dia após dia, o *Eli Reynolds* navegava rio abaixo, enfrentando chuva e neblina, sol forte e céu nublado, parando em cada cidade, cais de barcos a vapor e

depósitos de lenha para fazer uma pergunta ou duas. Abner Marsh ia sentado no tombadilho, numa cadeira de madeira ao lado do velho sino rachado do vapor, e observava o rio hora após hora. Às vezes até fazia as refeições lá em cima. Quando tinha que dormir, o capitão Yoerger, Cat Grove ou o suboficial tomava seu lugar, e a vigília continuava. Quando balsas e outros vapores cruzavam com eles, Marsh gritava: — Ei, vocês! Viram um vapor chamado *Fevre Dream*? — Mas a resposta, quando vinha, era sempre: — Não, capitão, não vimos — e as pessoas nos cais e nos depósitos de lenha tampouco tinham qualquer informação, e o rio estava cheio de vapores, dia e noite, vapores grandes e pequenos, subindo ou descendo o rio ou meio afundados nas margens, mas nenhum deles era o *Fevre Dream*.

O *Eli Reynolds* era um barco pequeno e lento num grande rio, e o ritmo em que avançava era de deixar a maioria dos barqueiros envergonhada, com as paradas e as perguntas retardando-o ainda mais. Mas mesmo assim as cidades se sucediam, os depósitos de lenha também, as florestas e casas e outros vapores deslizavam ao largo numa indistinta profusão de dias e noites; ilhas e areais eram deixados para trás, o piloto esquivava habilmente de tocos de árvores boiando na água. E eles avançavam para o sul, sempre para o sul. Sainte Genevieve veio e foi embora, Cape Girardeau e Crosno também. Pararam um pouco em Hickman e demoraram mais em New Madrid. Caruthersville estava mergulhada em neblina, mas eles a encontraram. Osceola era pacata e Memphis barulhenta. Helena. Rosedale. Arkansas City. Napoleon. Greenville. Lake Providence.

Quando o *Eli Reynolds* chegou a Vicksburg, numa tempestuosa manhã de outubro, dois homens estavam aguardando no cais.

Abner Marsh mandou a maior parte da tripulação para terra. Ele, o capitão Yoerger e Cat Grove reuniram-se com os visitantes no salão principal do vapor. Um dos homens era um tipo grande, forte, com costeletas ruivas, uma cabeça calva como um ovo de pombo, e vestia um terno preto de lã. O outro era um negro magro, bem-vestido, com olhos escuros penetrantes. Marsh acomodou-os e serviu-lhes café. — E então? — perguntou. — Onde está o barco?

O careca tomou um grande gole de café e fez uma careta. — Não sei.

— Paguei vocês para acharem meu barco — disse Marsh.

— Ainda não conseguimos encontrar, capitão Marsh — disse o homem negro. — E olha que o Hank e eu procuramos muito.

— Mas não estamos dizendo que não encontramos nada — disse o careca. — Só que ainda não localizamos o barco.

— Certo — disse Abner Marsh. — Digam o que descobriram.

O negro puxou uma folha de papel do bolso interno do paletó e desdobrou-a. — A maior parte da tripulação do seu barco e quase todos os seus passageiros desembarcaram em Bayou Sara, depois daquele alerta falso de febre amarela. Na manhã seguinte, o seu *Fevre Dream* zarpou. Subiu o rio, segundo todos os relatos. Encontramos alguns negros num depósito de lenha que juraram que ele se abasteceu lá. Talvez estivessem mentindo, mas não vejo nenhuma razão para isso. Então sabemos em que direção seu barco seguiu. Temos pessoas suficientes jurando que o viram passar. Ou que imaginam tê-lo visto, como quiser.

— Só que o barco nunca chegou a Natchez — seu parceiro acrescentou. — Isso deve ser… o quê? Umas oito, dez horas rio acima?

— Menos — disse Abner Marsh. — O *Fevre Dream* era um barco extraordinariamente

rápido.

— Rápido ou não, ele se perdeu entre Bayou Sara e Natchez.

— Talvez as muitas ramificações do rio Vermelho que há por ali — disse Marsh.

O negro assentiu. — Mas o seu barco não esteve em Shreveport nem em Alexandria, e nenhum dos depósitos de lenha que verificamos conseguiu se lembrar de nenhum *Fevre Dream*.

— Maldição — disse Marsh.

— Talvez ele *tenha* mesmo afundado — sugeriu Cat Grove.

— Descobrimos mais coisas — disse o detetive careca. Ele tomou mais um gole de café. — Seu vapor nunca foi visto em Natchez, como dissemos. Mas algumas das pessoas que o senhor está procurando estiveram lá.

— Continue — disse Marsh.

— Gastamos um monte de tempo na Silver Street — disse ele. — Fazendo perguntas e mais perguntas por lá. Tinha um homem, chamado Raymond Ortega, ele era bem conhecido ali e estava na sua lista também. Voltou lá uma noite, no início de setembro, fez uma visita social a um dos ricaços do alto da montanha, e também um monte de visitas na parte baixa da cidade. Havia outros quatro homens com ele. Um deles se encaixa na sua descrição desse Sour Billy Tipton. Ficaram lá mais ou menos uma semana. Fizeram várias coisas interessantes. Contrataram um monte de gente, brancos, negros, não importa. Os senhores sabem que tipo de homem pode ser contratado em Natchez-under-the-hill.

Abner Marsh sabia muito bem. Sour Billy Tipton fizera a tripulação de Marsh fugir em pânico para substituí-la por uma gangue de degoladores como ele. — Barqueiros? — perguntou Marsh.

O careca assentiu. — E tem mais. Esse Tipton também visitou Fork-in-the-Road.

— É um grande mercado de escravos — o parceiro negro disse.

— Ele comprou um monte de escravos ali. Pagou em *ouro*. — O careca puxou uma moeda de ouro de vinte dólares do bolso e colocou-a em cima da mesa. — Como esta aqui. E comprou também outras coisas em Natchez. Pagou do mesmo jeito.

— Que tipo de coisas? — perguntou Marsh.

— Coisas de escravos — disse o negro. — Algemas. Correntes. Martelos.

— E comprou um pouco de tinta também — disse o outro.

E de repente o que havia nisso de verdade explodiu na mente de Abner Marsh como uma chuva de fogos de artifício. — Jesus do céu — disse ele. — *Tinta!* Não admira que ninguém tenha visto o barco. *Maldição*. Eles são mais espertos do que pensei, e eu sou um imbecil completo de não ter pensado nisso desde o início! — Ele bateu seu punho enorme em cima da mesa, forte o suficiente para fazer saltar as xícaras de café.

— A gente imaginou exatamente o que o senhor está pensando — disse o careca. — Eles pintaram o barco. Mudaram o nome dele.

— Um pouco de tinta não é suficiente para mudar um vapor famoso — objetou Yoerger.

— Não — disse Abner Marsh —, mas o barco ainda não era famoso. Diabos, a gente fez apenas uma maldita viagem descendo o rio, nunca chegamos a fazer a viagem de volta, rio acima. Quantas pessoas poderiam reconhecê-lo? Quantas chegaram a ouvir falar dele? Quase todo dia tem um barco novo no rio. Você rabisca um nome novo no castelo de proa, põe alguma cor nova aqui e ali, e pronto, você tem um barco novo.

— Mas o *Fevre Dream* era grande — disse Yoerger. — E rápido, o senhor disse.

— Tem montes de vapores grandes no maldito rio — disse Marsh. — Certo, ele era maior do que quase todos os demais, exceto o *Eclipse*, mas quantas pessoas são capazes de perceber isso só de olhar, sem ter outro barco perto para comparar? E, quanto à rapidez, é muito fácil dar um jeito de manter os tempos baixos para que ele não desperte comentários. — Marsh estava furioso. Era isso exatamente o que eles faziam, ele sabia; forçavam o barco a ir devagar, bem abaixo da sua capacidade, e com isso o vapor passava despercebido. De algum modo isso lhe pareceu obsceno.

— O problema — disse o careca — é que não temos como descobrir que nome eles pintaram no barco. Por isso não vai ser fácil achá-lo. Podemos saltar a bordo de cada um dos barcos do rio, procurando essas pessoas que o senhor falou, mas… — Ele deu de ombros.

— Não — disse Abner Marsh. — Tenho um jeito mais fácil de encontrá-lo. Não há quantidade de tinta capaz de mudar tanto assim o *Fevre Dream* a ponto de eu não conseguir mais reconhecê-lo. Bem, já que chegamos até aqui, agora vamos em frente, rio abaixo, até New Orleans. — Marsh cofiou a barba. — Senhor Grove — disse ele, virando-se para o oficial —, vá chamar aqueles nossos marinheiros. Eles são homens da parte baixa do rio, devem conhecer os vapores daqui muito bem. Peça a eles para darem uma olhada naquela pilha de jornais que eu juntei e veja se há algum barco cujo nome soe estranho para eles.

— Com certeza, capitão — disse Grove.

Abner Marsh virou-se para os detetives. — Eu não vou precisar mais dos senhores, acho — disse ele. — Mas, se por acaso virem o barco, sabem como me encontrar. Vou providenciar para que sejam bem pagos — ele se levantou. — Agora, se vierem comigo até o escritório do agente, vou acertar o resto do que combinamos.

Passaram o resto do dia atracados em Vicksburg. Marsh acabara de jantar — uma travessa de frango frito, infelizmente mal preparado, e algumas batatas requentadas — quando Cat Grove puxou uma cadeira para perto dele, segurando um pedaço de papel na mão. — Bem, eles gastaram quase o dia inteiro nisso, capitão, mas conseguiram — disse Grove. — Só que existem barcos demais no rio, é infernal. Devia ter uns trinta que nenhum deles conhecia. Repassei os jornais eu mesmo, checando os anúncios e tal, para ver o que diziam do tamanho dos barcos, quem eram os donos, esse tipo de coisa. Alguns nomes eu reconheci, e fui capaz de ir eliminando da lista um monte de barcos de tração de popa e barcos menores.

— Quantos sobraram?

— Só quatro — disse Grove. — Quatro barcos grandes com rodas-d'água laterais, dos quais nunca ninguém ouviu falar — ele passou a lista para Abner Marsh. Os nomes estavam bem escritos, em letras maiúsculas, um embaixo do outro.

B. SCHROEDER
QUEEN CITY
OZYMANDIAS
S. F. HECKINGER

Marsh ficou um tempão olhando para o papel, de cenho franzido. Alguma coisa ali deveria significar algo para ele, tinha certeza, mas não conseguia de jeito nenhum imaginar o quê ou por quê.

— Faz algum sentido, capitão?

— Não é o *B. Schroeder* — disse Marsh, de repente. — Eles estavam terminando de montá-lo lá em New Albany na mesma época em que finalizaram o *Fevre Dream*. — Ele coçou a cabeça.

— Esse último barco — disse Grove, apontando —, olhe as iniciais, capitão. F. D. As mesmas de *Fevre Dream*. Talvez.

— Talvez — disse Marsh. Ele pronunciou os nomes em voz alta. — F. D. Heckinger. Queen City. Ozy… — Esse ele achou mais difícil. Ficou feliz por não ter de soletrá-lo. — Ozy-man-dias.

Então a mente de Abner Marsh, sua mente lenta e meticulosa que nunca esquecia nada, despejou a resposta na frente dele, como um pedaço de madeira à deriva que o rio atira para cima. Ele já matutara sobre essa palavra antes, por um breve momento e não há muito tempo, quando folheava um livro. — Espere — disse ele a Grove. Marsh levantou e foi até seu camarote. Os livros estavam na última gaveta da cômoda.

— O que é isso? — perguntou Grove quando Marsh voltou.

— Malditos poemas — disse Marsh. Ele folheou o Byron e não encontrou nada. Pegou o Shelley. E lá estava, bem na sua frente. Leu o poema rapidamente, inclinou-se para trás, fez uma careta, leu de novo.

— E aí, capitão Marsh? — perguntou Grove.

— Ouça isto — disse Marsh. Ele leu em voz alta:

Meu nome é Ozymandias, rei dos reis:
Vede minhas obras, ó poderosos, e desesperai!
Nada mais resta: ao redor da decadência
Daquela ruína colossal, ilimitadas e expostas,
Areias ermas e planas estendem-se ao longe.

— O que é isto?

— Um poema — disse Abner Marsh. — É um maldito poema.

— Mas o que quer dizer?

— Significa — disse Marsh, fechando o livro — que Joshua está se sentindo triste e vencido. O senhor, no entanto, não entenderia o porquê, senhor Grove. A coisa importante que ele significa é que estamos procurando um barco a vapor chamado *Ozymandias*.

Grove trouxe outro pedaço de papel. — Anotei algumas coisas dos jornais — explicou, apertando os olhos para enxergar sua própria escrita. — Vamos ver, esse Ozy… Ozy… seja qual for o nome, está fazendo negócios na área de Natchez. O dono se chama J. Anthony.

— Anthony — disse Marsh. — Diabos. O segundo nome de Joshua é Anton. Você disse Natchez?

— De Natchez a New Orleans, capitão.

— Vamos passar a noite aqui. Amanhã, assim que raiar o dia, zarpamos para Natchez. Ouviu isso, senhor Grove? Não quero desperdiçar um minuto de claridade. Quando esse maldito sol aparecer, quero este nosso vapor pronto para que a gente possa partir. — Talvez não restasse ao pobre Joshua nada além de desespero, mas Abner Marsh tinha bem mais que isso. Havia contas a acertar, e, quando ele terminasse, não sobraria muito mais de Damon

Julian do que sobrara da maldita estátua daquele poema.

23

A bordo do vapor *Eli Reynolds*, rio Mississippi, outubro de 1857

Abner Marsh não dormiu aquela noite. Passou as longas horas de escuridão na sua cadeira do tombadilho, de costas para as esfumaçadas luzes de Vicksburg, olhando para o rio. A noite era fresca e tranquila, a água como um vidro preto. De vez em quando, algum vapor entrava no seu campo de visão, enfeitado de labaredas, fumaça e fagulhas, quebrando a tranquilidade ao passar. Mas depois o barco atracava ou seguia adiante, o som de seu apito desvanecia e a escuridão se recompunha, assentava-se de novo. A lua era um dólar de prata flutuando sobre a água; Marsh ouvia rangidos molhados do cansado *Eli Reynolds* e de vez em quando uma voz, passos ou talvez um fragmento de canção que vinha lá de Vicksburg, e sempre ao fundo de tudo isso o som do rio, a infindável torrente de águas passando, empurrando seu barco, tentando levá-lo junto com elas, para o sul, para onde o pessoal da noite e o *Fevre Dream* estavam aguardando.

Marsh sentiu-se estranhamente nutrido pela beleza da noite, por aquela misteriosa delicadeza que tanto comovera o claudicante poeta inglês admirado por Joshua. Inclinou a cadeira, recostou-a no sino do velho vapor e contemplou a lua, as estrelas e o rio, pensando que talvez aquele fosse o último momento de paz que ele jamais viria a conhecer. Pois no dia seguinte, ou no próximo, iriam encontrar o *Fevre Dream* e o pesadelo de verão recomeçaria.

Sua cabeça estava cheia de maus pressentimentos, memórias, visões. Continuava vendo Jonathon Jeffers, o oficial, com sua bengala-espada, tão absolutamente convicto e tão absolutamente impotente quando Julian se lançou sobre a sua lâmina. Ouviu de novo o som que o pescoço do oficial fez quando Julian o destroncou e lembrou dos óculos de Jeffers caindo no chão, a cintilação do ouro quando eles rolaram pelo convés, aquele som pequeno e terrível que produziram. As mãos grandes de Marsh agarraram com força sua bengala. Diante do rio escuro, viu também outras coisas. Aquela pequena mão empalada na faca, pingando sangue. Julian tomando a poção escura de Joshua. Os respingos úmidos na barra de ferro de Hairy Mike depois que ele executou seu pavoroso serviço no camarote. Abner Marsh sentiu medo, como nunca sentira. Para banir os espectros que vagavam pela noite, invocou seu próprio sonho, uma visão onde ele aparecia em pé, com o rifle de matar búfalos na mão, na porta do camarote do capitão. Ouviu o estrondo da arma e sentiu seu terrível tranco, e viu então o sorriso pálido de Damon Julian e seus cachos de cabelo escuro explodirem, como um

melão lançado de uma boa altura, um melão cheio de sangue.

Mas, sem que se soubesse como, mesmo quando o rosto desapareceu e a fumaça da arma se dispersou, aqueles olhos ainda estavam ali, olhando fixamente, brilhando, despertando coisas nele, raiva, ódio e sentimentos profundos e sombrios. Eram olhos negros como o próprio inferno, cheios de vermelho, abismos infindáveis e eternos como o seu rio, chamando-o, atiçando seus próprios desejos, sua própria sede vermelha. Flutuaram diante de Abner Marsh, que concentrou o olhar naquela cor negra cálida e viu sua resposta ali, viu a maneira de acabar com todos eles, melhor e com mais certeza do que com bengalas-espada, estacas ou rifles de búfalos.

Fogo. No meio do rio, o *Fevre Dream* ardia em chamas. Abner Marsh teve a sensação daquilo tudo. O terrível e súbito estampido que estremecia os ouvidos, pior que qualquer trovão. Os vagalhões de fogo e fumaça, pedaços de carvão e madeira em brasa espirrando por todo lado, vapor escaldante jorrando livre, nuvens de morte branca envolvendo o barco, as paredes explodindo e queimando, corpos voando pelos ares incendiados ou meio cozidos, as chaminés rachando, desabando, os gritos, o barco adernando e afundando no rio, fritando, chiando e soltando fumaça, cadáveres carbonizados flutuando com o rosto emborcado na água no meio dos destroços, o grande vapor de rodas-d'água laterais desmanchando-se até não sobrar nada, exceto madeira carbonizada e uma chaminé cravada, torta, na água. No sonho, quando as caldeiras explodiram, o nome pintado no barco ainda era *Fevre Dream*.

Seria fácil, Abner Marsh ponderou. Uma encomenda despachada para New Orleans; eles jamais suspeitariam. Barris de explosivos, acondicionados no convés principal, perigosamente perto das fornalhas incandescentes e de todas aquelas imensas e incontroláveis caldeiras de alta pressão. Ele podia arranjar isso, e seria o fim de Julian e de todo o pessoal da noite. Um estopim, um temporizador, era possível fazê-lo.

Abner Marsh fechou os olhos. Ao abri-los de novo, o vapor em chamas sumira, os sons dos gritos e das explosões de caldeiras haviam desvanecido e a noite estava de novo tranquila. — Não posso fazer isso — disse em voz alta para si mesmo. — Joshua, Joshua ainda está a bordo. — E outros também, pelo menos era o que esperava: Whitey Blake, Karl Framm, Hairy Mike Dunne e seus peões. E também era preciso considerar o próprio barco, o seu *Fevre Dream*. Marsh teve um vislumbre de uma tranquila curva do rio numa noite como aquela, e de dois grandes vapores navegando lado a lado, penachos de fumaça atrás deles aplainados pela velocidade dos barcos, fogos coroando suas chaminés, suas rodas-d'água girando furiosas. Conforme avançavam, um começou a passar à frente, primeiro um pouco, depois mais e mais, até abrir uma distância de um barco. Estava ainda ganhando distância do outro quando os dois começaram a sumir. Marsh viu os nomes escritos neles, e o que liderava era o *Fevre Dream*, com suas bandeiras tremulando enquanto o barco se movia rio acima, rápido e sereno, e atrás dele vinha o *Eclipse*, cintilante mesmo na derrota. *Vou fazer isso acontecer*, Abner Marsh disse a si mesmo.

Lá pela meia-noite, quase toda a tripulação do *Eli Reynolds* estava de volta. Marsh viu-os chegar sem pressa de Vicksburg, e ouviu Cat Grove comandando o transporte de lenha para o barco à luz da lua, com uma série de ordens curtas e ríspidas. Horas mais tarde, os primeiros fiapos de fumaça começaram a ondular das chaminés do barco quando o engenheiro acendeu as fornalhas. O nascer do sol ainda ia demorar uma hora. Foi então que Yoerger e Grove apareceram no tombadilho, trazendo suas cadeiras e um bule de café. Tomaram assento

junto a Marsh, em silêncio, encheram uma xícara para ele. Café quente e preto. Ele tomou, grato.

— Muito bem, capitão Marsh — Yoerger disse depois de um tempo. Seu rosto comprido estava grave e cansado. — O senhor não acha que é hora de nos contar do que se trata tudo isso?

— Desde que voltamos de St. Louis — acrescentou Cat Grove — o senhor não fala outra coisa, a não ser que quer seu barco de volta. Amanhã, talvez, a gente consiga encontrá-lo. E então? O senhor não nos contou muita coisa, capitão, exceto que não pretende colocar a polícia nisso. Por quê, se o seu barco na verdade foi roubado?

— A razão de não contar à polícia é a mesma pela qual não contei a vocês, senhor Grove. Eles não iriam acreditar na minha história, nem por um minuto.

— A tripulação está curiosa — disse Grove. — E eu também.

— Não é da conta deles — disse Marsh. — Eu sou dono desse vapor, não sou? Vocês trabalham para mim, e eles também. Simplesmente façam o que eu mandar.

— Capitão Marsh — disse Yoerger —, essa velha barcaça e eu já estamos no rio há alguns anos. O senhor me passou o barco logo depois de conseguir seu segundo vapor, o velho *Nick Perrot*, acho que era esse, lá no ano de 1852. Eu venho tomando conta dele desde então, e o senhor não quis me substituir, não é? Se o senhor quer me demitir, bem, então me diga. Mas, se ainda sou seu capitão, então me conte onde é que estou enfiando meu barco agora. Eu mereço saber.

— Eu contei ao Jonathon Jeffers — disse Marsh, vislumbrando de novo por um instante o brilho do ouro —, e ele morreu por causa disso. Talvez o Hairy Mike também tenha morrido, não sei ao certo.

Cat Grove inclinou-se para a frente com elegância e encheu de novo a xícara de Marsh com o café quente do bule. — Capitão — disse ele —, pelo pouco que nos contou, o senhor não tem certeza se Mike está vivo ou não, mas a questão não é essa. O senhor tampouco tem certeza a respeito dos demais. Whitey Blake, aquele seu outro piloto, todos eles que estiveram no *Fevre Dream*. Contou a todos eles, também?

— Não — Marsh teve que admitir.

— Então não é isso que faz diferença — disse Grove.

— Se há algum perigo rio abaixo, temos o direito de saber — disse Yoerger.

Abner Marsh refletiu e viu que era justo. — Vocês têm razão — disse —, mas não vão acreditar. E não posso arcar com o fato de vocês irem embora. Preciso desse vapor.

— Não estamos indo embora para lugar nenhum — disse Grove. — Conte-nos a história.

Então Abner suspirou e contou a história toda de novo. Ao terminar, ficou olhando fixamente para o rosto deles. Ambos tinham uma expressão reservada, cautelosa, distanciada.

— É difícil de acreditar — disse Yoerger.

— Eu acredito — disse Grove. — Não é mais difícil do que acreditar em fantasmas. E, raios, eu mesmo vi fantasmas, e foram dezenas de vezes.

— Capitão Marsh — disse Yoerger —, o senhor falou bastante a respeito de encontrar o *Fevre Dream*, mas não falou quase nada a respeito de suas intenções depois de encontrá-lo. Tem algum plano?

Marsh pensou no fogo, nas caldeiras rugindo e explodindo, nos gritos dos seus inimigos. Ele afastou o pensamento. — Eu estou recuperando meu barco — disse ele. — Vocês viram a

arma que eu tenho. Depois de estourar a cabeça de Julian, imagino que Joshua possa cuidar do resto.

— O senhor disse que tentou isso, com Jeffers e Dunne, quando ainda controlava o vapor e sua tripulação. Agora, se seus detetives estão certos, o barco está cheio de escravos e degoladores. O senhor não pode subir a bordo sem ser reconhecido. Como é que vai chegar até Julian?

Abner Marsh realmente não pensara muito a respeito do assunto. Mas agora que Yoerger levantara a questão, era evidente que ele não podia simplesmente pôr os pés na plataforma de embarque, sozinho, com um rifle de búfalos na mão, como mais ou menos imaginara. Pensou no assunto por um momento. Se desse um jeito de embarcar como passageiro… Mas Yoerger estava certo, isso era impossível. Mesmo que raspasse a barba, não havia ninguém no rio que fosse sequer parecido com Abner Marsh. — Vamos entrar em bando — disse Marsh depois de uma breve hesitação. — Eu vou usar a tripulação inteira do *Reynolds*. Julian e Sour Billy provavelmente imaginam que estou morto; vamos surpreendê-los. De dia, é claro. Não vou mais correr riscos com a luz. Ninguém do pessoal da noite jamais viu o *Eli Reynolds*, e acho que só o Joshua deve ter ouvido falar nesse nome. Vamos atracar bem do lado deles, seja onde for que virmos o barco ancorado, e esperar uma boa manhã ensolarada, e então eu e todos os outros que vierem comigo atacaremos. Escória é escória e, seja qual for a gentalha que Sour Billy tiver encontrado em Natchez, não vão arriscar a pele contra armas e facas. Talvez tenhamos que dar conta do próprio Billy, mas depois o caminho estará livre. Dessa vez, vou me certificar muito bem de que é o Julian antes de arrancar sua cabeça. — Ele abriu os braços. — Que tal?

— Soa bem — disse Grove. Yoerger ainda pareceu em dúvida. Mas nenhum dos dois tinha outra sugestão que valesse a pena. Assim, após uma breve discussão, concordaram com o seu plano. A essa altura a alvorada já tingira os penhascos e montanhas de Vicksburg e o *Eli Reynolds* já estava com seu vapor no ponto. Abner Marsh levantou e se esticou, sentindo-se notavelmente bem para alguém que não havia pregado o olho durante a noite toda. — Tire o barco do cais — disse em alto volume para o piloto, que acabava de passar por eles a caminho da pequena cabine de comando. — Para Natchez!

Os peões soltaram as amarras que prendiam o barco ao cais e o vapor de tração traseira afastou-se, reverteu as pás e avançou pelo canal, enquanto as sombras vermelhas e cinza começavam a se perseguir mutuamente pela margem leste e as nuvens a oeste ficavam cor-de-rosa.

Durante as primeiras duas horas, fizeram um bom tempo, passando por Warrenton, Hard Times e Grand Gulf. Três ou quatro vapores maiores ultrapassaram seu barco, mas isso era de esperar; o *Eli Reynolds* não havia sido construído para correr. Abner Marsh ficou satisfeito com o ritmo do barco e desceu por uma meia hora, tempo suficiente para checar e limpar sua arma, certificar-se de que estava carregada e tomar um café da manhã rápido de panquecas de mirtilo e ovos fritos. Entre St. Joseph e Rodney, o céu começou a ficar nublado e Marsh não gostou nada disso. Pouco tempo depois, caiu uma tempestade sobre o rio, mas sem trovões, relâmpagos ou chuva suficientes para machucar uma mosca, pensou Marsh, embora o piloto a tivesse respeitado a ponto de manter o barco atracado por uma hora em um depósito de lenha, deixando Marsh vagando inquieto para cima e para baixo. Framm ou Albright teriam apenas seguido adiante no meio da chuva, mas você não podia esperar ter um piloto veloz num barco

como esse. A chuva era fria e cinza. Mas quando finalmente parou, surgiu um lindo arco-íris no céu, para deleite de Marsh, e ainda havia tempo mais do que suficiente para alcançar Natchez antes de escurecer.

Quinze minutos depois de terem partido de novo, o *Eli Reynolds* encalhou num areal.

Foi um erro estúpido, frustrante. O jovem piloto, que há pouco deixara de ser aprendiz, tentou compensar o tempo perdido e tomou um atalho incerto em vez de se manter no canal principal, que fazia uma longa curva para leste. Um ou dois meses antes, isso teria sido um truque esperto de pilotagem, mas agora o rio estava muito baixo, mesmo para um vapor de tão pouco calado como o *Eli Reynolds*.

Abner Marsh xingou, ficou irritado e saiu batendo o pé furioso, especialmente quando ficou claro que não seria fácil desencalhar o barco dali. Cat Grove e seus peões foram pegar os guinchos e alavancas e puseram mãos à obra. Choveu neles umas duas vezes, só para tornar as coisas mais difíceis, mas, depois de quatro horas e meia, com todo mundo molhado e cansado, o piloto acionou a roda de popa de novo e o *Eli Reynolds* deu um tranco para a frente, salpicando lama e areia, chacoalhando como se fosse se partir em pedaços. E então flutuou de novo. E fez soar seu apito em triunfo.

Eles rastejaram pelo atalho com cuidado por mais meia hora, mas, assim que alcançaram de novo o rio, a corrente se apoderou deles e o *Reynolds* ganhou velocidade. Disparou rio abaixo soltando fumaça e matraqueando como o demônio, mas não houve jeito de recuperar o tempo perdido.

Abner Marsh estava sentado no desbotado sofá amarelo da cabine do piloto quando tiveram a primeira visão da cidade, lá em cima nos rochedos. Ele colocou sua xícara de café em cima do grande aquecedor bojudo e ficou em pé atrás do piloto, que estava ocupado cruzando com outro barco. Marsh não deu muita atenção à manobra; seus olhos estavam no cais distante, onde vinte ou mais vapores haviam enfiado o nariz na direção de Natchez-under-the-hill.

Ele estava lá, como Marsh pensou que estaria.

Marsh o reconheceu de cara. Era o maior barco do cais, sobressaía bem uns quinze metros do seu rival mais próximo, e suas chaminés também eram as mais altas. Conforme o *Eli Reynolds* foi se aproximando, Marsh viu que não haviam sido feitas muitas mudanças no barco. Ainda era basicamente azul, branco e prateado, embora a casa do leme estivesse agora pintada de um vermelho vivo espalhafatoso, como os lábios de uma prostituta de Natchez. O nome do barco aparecia em letras amarelas, curvadas em volta da lateral das gaiolas das rodas-d'água, pintadas sem muito capricho: Ozymandias. Marsh amarrou a cara. — Está vendo aquele vapor grande ali? — disse ele ao piloto, apontando. — Coloque a gente o mais perto possível dele, entendeu?

— Sim, senhor capitão.

Marsh olhou para a cidade à frente dele com aversão. As sombras já cresciam nas ruas, e as águas do rio tinham o tom escarlate e dourado do pôr do sol. Estava nublado também, nublado demais, infelizmente. Haviam perdido muito tempo no depósito de lenha e no atalho, pensou ele, e em outubro o pôr do sol já chegava bem mais cedo do que no verão.

O capitão Yoerger entrou na cabine do piloto e ficou ao lado dele, e agora colocava palavras nos pensamentos de Marsh. — O senhor não deve ir hoje à noite, capitão Marsh. Já ficou muito tarde. Vai estar escuro em menos de uma hora. Espere até amanhã.

— Que tipo de estúpido você pensa que sou? — disse Marsh. — É claro que vou esperar. Já fiz esse maldito erro uma vez, não vou fazer de novo. — Bateu a bengala forte no convés, de frustração. Yoerger começou a dizer mais alguma coisa, mas Marsh não estava mais ouvindo. Continuava examinando o grande vapor de tração lateral atracado no cais. — *Diabos* — disse ele de repente.

— O que foi?

Marsh apontou com sua bengala de nogueira. — Fumaça — disse ele. — Malditos, estão ligando o vapor! O barco deve estar zarpando.

— Não tenha pressa — aconselhou Yoerger. — Se o barco zarpar, que zarpe, vamos alcançá-lo em algum lugar rio abaixo.

— Eles devem estar navegando à noite — disse Marsh — e atracando de dia. Eu devia ter imaginado isso. — Ele virou-se para o piloto. — Senhor Norman — disse —, não precisa aportar então. Continue rio abaixo e pare o barco no primeiro depósito de lenha que encontrar. Vamos esperar ali até que aquele barco passe por nós. Quando isso acontecer, siga-o, o melhor que conseguir. Ele é muito mais rápido que o *Reynolds*, por isso não se preocupe se o perder de vista, apenas continue rio abaixo o mais perto possível dele.

— O senhor manda, capitão — retrucou o piloto. Começou a fazer rodar o velho timão de madeira, de uma mão para a outra, e o *Eli Reynolds* virou seu nariz de repente e começou a tomar ângulo para retroceder pelo canal.

Já estavam no depósito de lenha há noventa minutos, e já fazia uns vinte que a noite caíra de vez quando o *Fevre Dream* passou por eles. Marsh sentiu um arrepio ao vê-lo se aproximar. O imenso vapor de rodas-d'água laterais movia-se rio abaixo com uma graça terrível, fluente, uma suavidade que o fez lembrar, de algum modo, de Damon Julian e seu jeito de andar. O barco estava meio às escuras. O convés principal brilhava com a luz difusa, rosa-avermelhada, das chamas das fornalhas, mas apenas umas poucas janelas dos camarotes do convés das caldeiras estavam acesas, e o tombadilho encontrava-se no escuro, assim como a cabine do piloto. Marsh pensou ter visto uma figura solitária lá em cima, em pé no timão, mas era longe demais para ter certeza. A lua e as estrelas produziam um brilho tênue na pintura branca e nos frisos prateados, e a casa de popa vermelha parecia algo obscena. Assim que o barco passou, as luzes de outro vapor apareceram rio abaixo, vindo na direção deles, e as duas embarcações ficaram chamando uma à outra na noite. Marsh teria reconhecido o apito de seu barco em qualquer situação, pensou, mas agora o som dele lhe parecia frio e queixoso, como nunca ouvira antes, um uivo melancólico, de dor e desespero.

— Mantenha uma boa distância — disse ao piloto. Um peão soltou a corda que os prendia ao modesto depósito de lenha e o *Eli Reynolds* engoliu uma mistura de piche e nós de pinho. Depois, saiu roncando pelo rio atrás do seu extravagante primo mais velho. Um ou dois minutos mais tarde, o vapor desconhecido que subia em direção a Natchez cruzou com o *Fevre Dream* e veio navegando na direção deles, fazendo soar um profundo sopro de três tons em seu apito. O *Reynolds* respondeu, mas seu sinal soou tão esquálido e fraco comparado com o guincho poderoso do *Fevre Dream* que encheu Marsh de desconforto.

Ele imaginara que o *Fevre Dream* iria se afastar muito deles em questão de minutos, mas as coisas não aconteceram assim. O *Eli Reynolds* navegou rio abaixo na esteira dele por duas boas horas. Perdeu o barco maior uma meia dúzia de vezes em curvas do rio, mas sempre voltava a tê-lo ao alcance da vista em minutos. A distância entre os dois vapores aumentava,

mas de modo tão gradual que quase não era digna de nota. — Estamos indo a todo vapor, ou perto disso — disse Marsh ao capitão Yoerger —, mas eles estão só passeando. A não ser que entrem no rio Vermelho, acho que pretendem parar em Bayou Sara. É onde iremos pegá-los. — Ele sorriu. — Tudo parece se encaixar bem, não?

Tendo que aquecer suas dezoito grandes caldeiras para movimentar toda a sua grande massa, o *Fevre Dream* comia muito mais lenha do que sua pequena sombra. Parou para se abastecer de madeira várias vezes, e a cada parada o *Eli Reynolds* se aproximava dele um pouco, embora Marsh tivesse o cuidado de fazer seu piloto desacelerar para um quarto da velocidade para não alcançar o vapor de pás laterais enquanto ele estivesse carregando lenha. O *Reynolds* parou apenas uma vez para carregar seu convés principal quase vazio com vinte feixes de faia recém-cortada, e quando voltou ao rio, as luzes do *Fevre Dream* haviam se distanciado e, virado um vago borrão avermelhado nas águas pretas à frente. Mas Marsh mandou atirar um barril de banha de porco na fornalha, e o surto de calor e vapor logo permitiu recuperar a maior parte da distância perdida.

Perto de onde a foz do rio Vermelho desembocava no mais amplo Mississippi, uma confortável milha separava os dois vapores. Marsh acabara de levar um bule de café fresco até a cabine do piloto, e tomava-o junto com ele quando o homem apertou os olhos por cima do timão e disse: — Dê uma olhada nisso, capitão, parece que a corrente está puxando o barco deles de lado. E daqui não vejo nenhum barco cruzando com o deles.

Marsh largou sua xícara e olhou. O *Fevre Dream* parecia de repente bem mais perto, pensou ele, e o piloto estava certo, era possível agora ver uma boa porção do seu lado de bombordo. Se não estava cruzando com outro barco, talvez as águas que desembocavam do rio menor fossem as responsáveis pelo seu desvio, mas ele não entendia como um piloto decente poderia deixar isso acontecer. — Ele deve estar só desviando de um toco ou de um banco de areia — disse Marsh, mas não havia muita certeza na sua voz. Enquanto olhava, parecia que o barco virava ainda mais, de modo que estava praticamente em ângulo reto com eles. Ele conseguia agora ler, à luz do luar, as letras do nome na casa do leme. Parecia que o barco estava à deriva, mas fumaça e fagulhas ainda eram expulsas de suas chaminés, e agora sua proa começava a ficar visível.

— Meu Deus — disse Marsh alto. Ele sentiu um frio, como se tivesse caído de novo no rio. — Ele está dando a volta. Malditos dos infernos! Ele está virando!

— O que eu faço, capitão? — perguntou o piloto.

Abner Marsh não respondeu. Ele olhava para o *Fevre Dream* com o coração apertado de medo. Um barco com tração de popa como o *Eli Reynolds* tinha duas maneiras de reverter sua direção, e as duas eram canhestras. Se o canal fosse largo o suficiente, o barco podia fazer uma grande curva em U, mas isso exigia bastante espaço e um bom empuxo. Ou então tinha que parar e inverter as pás, e então ir de ré, girando, parar de novo e depois seguir adiante para completar a manobra. Os dois jeitos demandavam tempo, e Marsh não sabia nem se eles tinham espaço para contornar naquele ponto. Já um vapor de tração lateral era bem mais manobrável. Podia simplesmente reverter uma das rodas-d'água e manter a outra se movendo para a frente, de modo a girar com a elegância de uma bailarina rodopiando na ponta do pé. Agora Abner Marsh podia ver o castelo de proa do *Fevre Dream*. Suas plataformas de embarque, recolhidas, pareciam dois longos dentes brancos à luz do luar, e figuras de rosto pálido em roupas escuras se agrupavam na parte da frente do convés principal e do convés das

caldeiras. O *Fevre Dream* erguia-se à frente deles maior e mais formidável do que nunca. Ele já havia quase concluído seu giro e o *Eli Reynolds* ainda batia suas pás na direção dele, *plof-plof-plof*, na direção daqueles rostos de verme, brancos, rumo à escuridão daqueles olhos ardentes e vermelhos.

— Seu estúpido! — Marsh berrou. — Pare o barco! Pare o barco, droga, vire o barco! Não está enxergando? *Eles estão vindo atrás de nós!*

O piloto olhou para ele sem saber o que fazer, e fez menção de parar a roda-d'água e começar a virar, mas Abner Marsh se deu conta de que já era tarde demais. Nunca conseguiriam dar a volta a tempo, e, mesmo que o fizessem, o *Fevre Dream* iria de qualquer modo alcançá-los em minutos. Ainda mais que sua potência ficaria totalmente evidente quando os dois barcos estivessem pelejando contra a corrente. Marsh segurou o braço do piloto. — Não — disse ele. — Vá em frente! E rápido! Faça a curva em volta deles. Ponha mais banha de porco lá dentro. Depressa, droga, temos que passar a toda por eles antes que caiam em cima de nós, ouviu?

O *Fevre Dream* vinha agora na direção deles, com o pessoal da noite todo no convés. Despejava fumaça de suas chaminés e Marsh quase conseguia contar as figuras lá esperando. O piloto fez menção de acionar o apito, mas Marsh o conteve e disse:

— Não!

— Mas a gente vai bater! — gritou o piloto. — Capitão, temos que indicar para eles de que lado vamos passar.

— Deixe que eles tentem adivinhar — disse Marsh. — Dane-se, é a nossa única chance! E jogue mais banha de porco lá dentro!

Naquelas águas escuras iluminadas pelo luar, o *Fevre Dream* guinchava em triunfo. Soava como algum lobo demoníaco, uivando atrás da sua presa, pensou Abner Marsh.

24

A bordo do vapor *Ozymandias*, rio Mississippi, outubro de 1857

— Bem, bem — disse Sour Billy Tipton —, ele está vindo bem na nossa direção. Não é muita gentileza da parte dele?

— Tem certeza de que é o Marsh, Billy? — perguntou Damon Julian.

— Veja o senhor mesmo — disse Sour Billy, passando a luneta para Julian. — Está bem lá em cima, na cabine do piloto daquela geringonça barulhenta. Não há ninguém tão gordo e cheio de verrugas no rio. Foi bom eu ter me perguntado por que esse barco estaria atrás de nós desse jeito.

Julian abaixou a luneta. — Sim — disse. Ele sorriu. — O que seria de nós sem você, Billy? — Mas então seu sorriso desvaneceu. — Billy, mas você me garantiu que o capitão estava morto. Daquela vez que ele caiu no rio. Tenho certeza de que você lembra. Não é, Billy?

Sour Billy olhou-o preocupado. — Dessa vez vamos nos certificar melhor disto, senhor Julian.

— Ah — disse Julian. — Certo. Piloto, quando passarmos, quero que a gente fique a um passo da amurada deles. Entendeu bem, piloto?

Joshua York afastou por um breve momento o olhar do rio, sem deixar de agarrar firme o grande timão preto e prateado. Seus olhos frios e cinzentos encontraram-se então no escuro da cabine do piloto com os olhos de Julian, e ele baixou o olhar na hora. — Vamos passar bem perto deles — disse York com uma voz sem expressão.

No sofá atrás do aquecedor, Karl Framm agitou-se um pouco, endireitou-se e se levantou, para ficar em pé atrás de York. Olhava fixamente para o rio, com uns olhos turvos, meio sem vida. Movia-se devagar, um pouco desequilibrado, como um bêbado ou um idoso fraco. Olhando para ele agora, era difícil acreditar o quanto aquele piloto criara problemas no início, pensou Billy. Mas Damon Julian cuidara muito bem dele; no dia em que voltara todo despreocupado para o barco, sem perceber o quanto as coisas haviam mudado, aquele piloto magricela ficara se gabando de suas três esposas. Julian, que estava perto, ouviu os comentários e achou divertido. — Já que não vai mais ver suas outras esposas — disse Julian a Framm mais tarde —, o senhor terá três novas mulheres a bordo do nosso vapor. Afinal, um piloto deve ter seus privilégios. — E agora Cynthia, Valerie e Cara revezavam-se com ele,

tendo o cuidado de não beber demais a cada vez, mas fazendo-o com regularidade. Como Framm era o único piloto licenciado, não se podia permitir que morresse, mesmo que fosse York quem pilotava agora a maior parte do tempo. Framm já não se mostrava mais tão animado, nem forte, nem problemático. Mal falava, arrastava um pouco os pés ao andar e tinha marcas de dentadas e arranhões ao longo de seus braços magros, e uma expressão febril nos olhos.

Piscando os olhos ao ver a aproximação do atarracado vapor de pás traseiras de Marsh, Framm quase pareceu se animar um pouco. Até sorriu. — Mais perto — murmurou —, pode apostar que vai chegar mais perto.

Julian olhou para ele. — Como assim, senhor Framm?

— Nada, não — disse Framm —, só que ele vai bater em cheio na gente. — Ele deu um sorriso amarelo. — Aposto que o velho capitão Marsh está com esse traste cheio de explosivos até o convés das caldeiras. É um velho truque do rio.

Julian voltou de novo seu olhar para o rio. O vapor de tração traseira vinha direto ao encontro do *Fevre Dream*, soltando fogo e fumaça como se não estivesse nem aí.

— Ele está mentindo — disse Sour Billy —, ele sempre mente.

— Veja só a rapidez com que ele vem — disse Framm, e era verdade. Com a corrente a seu favor e as pás batendo furiosas, o vaporzinho vinha chegando como se fosse o próprio capeta.

— O senhor Framm está certo — disse Joshua York, e enquanto falava girou o imenso timão, passando-o de mão em mão, com uma graça ágil e suave. O *Fevre Dream* desviou sua proa abruptamente para bombordo. Um instante depois, o vaporzinho de pás traseiras desviava na direção oposta, afastando-se deles a toda velocidade. Eles conseguiram ler as letras meio apagadas na sua lateral: ELI REYNOLDS.

— É um maldito truque! — gritou Sour Billy. — Ele deixou o barquinho passar por nós!

Julian disse friamente: — Não há explosivos. Coloque-nos perto deles — e York começou na hora a manobrar o timão de volta, mas era tarde; o barco de Marsh tivera sua chance e avançava com velocidade surpreendente, soltando vapor com um chiado pelas suas válvulas de escape, em altas lufadas brancas. O *Fevre Dream* reagiu rápido, reposicionando sua proa, mas o *Eli Reynolds* já estava agora trinta metros a estibordo e passando ao largo deles, a uma distância segura, rio abaixo. Conforme se afastou ouviu-se um disparo vindo dele, e o estampido foi claro, mesmo com todo o trovejar dos motores do *Fevre Dream* e o barulho de suas pás, mas não houve nenhum dano.

Damon Julian virou-se para Joshua York, ignorando a careta de Framm. — Você irá alcançá-los para mim, Joshua. Senão, vou ter que mandar o Billy atirar suas garrafas no rio e você ficará com a mesma sede que o resto de nós. Está entendendo?

— Sim — disse York. Ele gritou ordens lá para o convés de baixo, mandando parar as duas rodas-d'água, e então acionou a roda de bombordo para a frente e a de estibordo ao contrário. O *Fevre Dream* começou a andar de novo, auxiliado pela correnteza. O *Eli Reynolds* afastava-se dele, com sua roda-d'água traseira girando loucamente e soltando fagulhas e chamas pelas chaminés.

— Bem — disse Damon Julian. Ele se voltou para Sour Billy. — Billy, estou indo para o meu camarote. — Julian passava um monte de tempo no seu camarote, sentado sozinho no escuro, sem muito mais que uma vela, bebericando conhaque e olhando para o nada. Cada vez

mais ele deixava a operação do barco nas mãos de Billy, do mesmo modo que deixara Billy no comando da fazenda enquanto ele sentava-se no escuro da sua biblioteca empoeirada. — Fique aqui — continuou Julian — e confira se nosso piloto faz como eu mandei. Quando alcançarmos o vaporzinho, traga o capitão Marsh à minha presença.

— E quanto aos outros?— Billy perguntou, hesitante.

Julian sorriu. — Tenho certeza de que você vai pensar em alguma coisa — disse ele.

Depois que Julian saiu, Sour Billy virou-se para observar o rio. O *Eli Reynolds* conseguira acelerar rio abaixo um bom trecho enquanto o *Fevre Dream* fazia a volta e estava centenas de metros à frente, mas era evidente que aquilo não ia durar muito. O *Fevre Dream* arremetia para a frente como não o fizera em meses, com ambas as rodas-d'água girando a toda velocidade, as fornalhas rugindo, os conveses estremecendo com os poderosos trancos dos motores embaixo deles. Mesmo enquanto Billy observava, a distância entre os dois barcos já parecia diminuir; o *Fevre Dream* estava simplesmente engolindo o rio. Desse jeito, num piscar de olhos Marsh estaria fazendo uma visita a Damon Julian. Sour Billy Tipton não via a hora de isso acontecer, e parecia cada vez mais ansioso.

Então Joshua York aliviou o ritmo na roda-d'água de estibordo e começou a virar o timão.

— Ei! — protestou Billy. — Você está deixando eles irem embora! O que está fazendo? — Foi até atrás dele e puxou sua faca, brandindo-a às costas de York. — O que você está fazendo?

— Atravessando para o outro lado do rio, senhor Tipton — respondeu York sem se alterar.

— O senhor gire esse timão de volta agora. O Marsh não está atravessando para o outro lado, não que eu possa ver, e está se distanciando mais ainda. — York ignorou a ordem, e Billy ficou mais bravo ainda. — Eu disse para o senhor voltar! Já!

— Há um instante nós passamos por um riacho — disse York — que tinha um tronco de algodoeiro na sua foz. Isso é uma marca. É nesta marca que eu devia atravessar para o outro lado do rio. Se seguisse em frente, eu sairia da rota de água profunda e encalharia o barco. Há um recife bem à nossa frente, que está fundo o suficiente para não deixar qualquer sinal na superfície, mas não tão fundo assim que não possa rasgar nosso casco. Não é isso, senhor Framm?

— Eu mesmo não teria conseguido explicar melhor.

Sour Billy deu uma olhada de lado, cheio de suspeitas. — Não acredito em vocês — disse. — Marsh não cruzou para o outro lado do rio, e não rachou o casco do navio dele, não que eu possa perceber. — Ele brandiu sua faca. — Vocês não vão deixá-lo escapar — disse. O *Eli Reynolds* já havia aumentado mais uns cem metros a distância entre ele e o *Fevre Dream*. Só agora o vapor menor começava a desviar um pouco para estibordo.

— Belo marinheiro, o senhor — disse Karl Framm para Sour Billy com desdém. — Não está vendo? Esse vaporzinho de tração traseira quase não tem calado. Depois de uma boa chuva, ele poderia muito bem entrar até a metade de New Orleans sem sequer se dar conta que já havia saído do rio.

— Abner não é nenhum estúpido — disse Joshua York —, nem o piloto dele. Os dois sabiam que aquele recife estava fundo demais para chegar a incomodá-los, mesmo com o rio nesta altura. Eles foram em frente, esperando que a gente seguisse e encalhasse. Na melhor das

hipóteses teríamos ficado presos até o amanhecer. Entendeu agora, senhor Tipton?

Sour Billy amarrou a cara, sentindo-se de repente um idiota. Guardou sua faca, e nessa hora Karl Framm riu. Foi apenas uma risadinha, mas o suficiente para que Billy ouvisse. Ele retrucou: — Cale a boca, senão eu chamo as mocinhas. — E então foi a vez de ele dar seu risinho abafado.

O *Eli Reynolds* havia virado numa curva, mas sua fumaça ainda pairava no ar, e dava para ver suas luzes refletidas nas árvores do lado oposto. Sour Billy olhava fixamente para as luzes, em silêncio.

— Por que está tão empenhado em não deixar o Abner escapar? — perguntou York calmamente. — O que foi que o capitão fez para prejudicá-lo, senhor Tipton?

— Não gosto de gente com verrugas — disse Billy friamente —, e Julian quer pegar o cara. E eu faço o que ele manda.

— O que seria dele sem você… — disse Joshua York. Sour Billy não deu bola para o comentário, mas antes que pudesse sequer protestar York prosseguiu. — Ele está usando você, Billy. Sem você, não seria ninguém. Você pensa por ele, age por ele, protege-o de dia. Foi você que fez dele o que ele é hoje.

— É isso mesmo — disse Billy, orgulhoso. Ele sabia o quanto era importante. Gostava disso. Vinha se saindo melhor ainda no barco. Gostava de ser marinheiro. Os negros que havia comprado e a escória de brancos que contratara estavam todos amedrontados com ele, chamavam-no de "senhor Tipton" e cumpriam suas ordens na hora, sem que ele precisasse levantar o tom de voz ou mesmo olhar feio para eles. Alguns dos peões brancos haviam se mostrado rebeldes de início, até que Sour Billy abriu a barriga de um deles e o atirou numa fornalha com os intestinos pendurados para fora. Depois disso eles se mostraram realmente respeitosos. Os negros não eram problema, a não ser nos desembarques, quando Billy os acorrentava às algemas do convés principal, para que não fugissem. Era melhor do que supervisionar uma fazenda. Um capataz de fazenda fazia parte da escória branca, era alguém que todo mundo olhava com desprezo. Mas, no rio, um oficial náutico era um homem importante, alguém com quem você tinha de ser educado.

— A promessa que Julian lhe fez é uma mentira — dizia York. — Você nunca será um de nós, Billy. Somos raças diferentes. Nossa anatomia é diferente, nossa carne, até nosso sangue. Ele não tem como transformar você, não importa o que ele diga.

— Você deve achar que eu sou muito estúpido — disse Billy. — Eu não fico ouvindo o que Julian diz. Eu ouço as histórias que correm. Sei como os vampiros podem transformar outras pessoas em vampiros. Você foi como eu antes, York, não importa o que diga. Só que você é fraco, e eu não. Você está com medo? — Era isso, pensou Billy. York queria que ele traísse Julian para que Julian não o transformasse, pois, se virasse um deles, seria mais forte que York, talvez tão forte quanto Julian. — Eu meto medo em você, Josh, não é? Você se acha muito bom, mas espere até Julian me transformar e eu fazer você vir se arrastando até mim. Fico imaginando que gosto deve ter esse seu sangue. Julian já sabe, não é?

York não disse nada, mas Sour Billy sabia que tinha tocado na ferida. Damon Julian provara o sangue de York uma dúzia de vezes desde a primeira noite a bordo do *Fevre Dream*. Na verdade, ele não bebera de ninguém mais. — É porque você é muito bonito, querido Joshua — dizia Julian com um pálido sorriso, enquanto passava um copo para York encher. Parecia se divertir ao ver York se submetendo.

— Ele ri de você o tempo todo — disse York depois de um tempo. — Todo dia, toda noite. Ele faz pouco de você, despreza-o. Acha você feio e ridículo, não importa o quanto você possa ser-lhe útil. Você nada mais é do que um animal para ele, e ele irá dispensá-lo como uma tralha inútil se encontrar um animal mais forte para servi-lo. E vai se divertir com isso, mas a essa altura você estará tão corrompido e tão frágil que ainda irá acreditar, ainda irá rastejar atrás dele.

— Eu não rastejo atrás de ninguém — disse Billy. — E cale a boca! Julian não está mentindo!

— Então, pergunte-lhe quando é que ele pretende transformá-lo. Pergunte-lhe como vai realizar esse milagre, como vai clarear sua pele, refazer seu corpo e ensinar seus olhos a enxergar no escuro. Pergunte ao Julian, já que você acha que ele não está mentindo. E aguce os ouvidos, senhor Tipton. Preste atenção ao tom de zombaria que há na voz dele quando fala com o senhor.

Sour Billy Tipton fervia de raiva. Era só o que podia fazer, pois não podia puxar a faca e espetá-la nas costas largas de Joshua York; sabia que York simplesmente revidaria, e Julian tampouco iria gostar daquilo. — Está bem — disse ele. — Talvez eu lhe pergunte. Ele é mais velho que o senhor e sabe coisas que o senhor desconhece. Talvez eu lhe pergunte isso, agora mesmo.

Karl Framm deu de novo uma risadinha abafada, e até York desviou o olhar do timão para sorrir com descaso. — Então, o que está esperando? — disse ele. — Vá lá perguntar a ele. — Sour Billy então desceu até o tombadilho para perguntar.

Damon Julian apoderara-se do camarote de capitão, que havia sido de Joshua York. Billy bateu à porta educadamente. — Sim, Billy — veio a resposta delicada. Ele abriu a porta e entrou. O quarto estava todo preto, mas ele pôde sentir Julian sentado a uns dois metros, na escuridão. — Já alcançamos o capitão Marsh?— Julian perguntou.

— Ele ainda está fugindo — disse Billy —, mas vamos pegá-lo logo, senhor Julian.

— Ah. Então por que está aqui, Billy? Eu lhe disse para ficar com Joshua.

— Queria lhe perguntar uma coisa — disse Sour Billy. E repetiu tudo o que Joshua York lhe dissera. Quando terminou, o quarto estava em silêncio.

— Pobre Billy — disse Julian finalmente. — Você ainda tem dúvidas, depois de todo esse tempo? Se duvidar, nunca irá completar a transformação, Billy. É por isso que o querido Joshua é alguém tão atormentado. As dúvidas dele o deixaram a meio caminho, metade mestre, metade gado. Você entende? Você precisa ter paciência.

— Eu quero começar — insistiu Billy. — Já se passaram anos, senhor Julian. Agora temos este vapor, as coisas estão melhores do que antes. Quero ser um de vocês. O senhor prometeu.

— Sim, é verdade, eu prometi — disse Damon Julian com uma risadinha. — Muito bem, Billy, nós temos que começar, não é? Você tem me servido bem, e, já que você insiste tanto, não tenho como recusar, certo? Você é tão inteligente, eu não iria querer perdê-lo.

Sour Billy mal podia acreditar no que ouvia. — Quer dizer que vai fazer isso? — Joshua York iria se arrepender terrivelmente de seu tom de zombaria, pensou Billy, enlouquecido.

— É claro, Billy. Eu lhe fiz a promessa.

— E quando vai ser?

— A transformação não pode ser feita numa só noite. Vai levar um tempo transformar

você, Billy. Anos.

— Anos? — disse Sour Billy, decepcionado. Ele não imaginara que teria que esperar anos. Nas histórias, ninguém tinha que esperar *anos*.

— Eu receio que sim. Do mesmo jeito que você cresceu e passou de garoto para homem, aos poucos, agora tem que passar de escravo a mestre. Nós vamos nutri-lo bem, Billy, e do sangue você irá extrair poder, beleza, agilidade. Você beberá vida e ela irá correr por suas veias, até que você renasça na noite. Não dá para fazer isso às pressas, mas é possível fazê-lo. E será como prometi. Você terá a vida eterna, a maestria, e a sede vermelha vai preenchê-lo. E vai ser logo.

— Logo? Mas quando?

— Para começar, Billy, você tem que beber. E para isso precisamos de uma vítima. — Ele riu. — O capitão Marsh — disse de repente. — Ele será suficiente para você, Billy. Quando alcançarmos seu vapor, traga-o até aqui para mim, como mandei. Ileso. Eu não vou tocar nele. Será seu, Billy. Nós vamos amarrá-lo no salão principal e você vai poder beber dele, noite após noite. Um homem daquele tamanho deve ter um monte de sangue. Ele vai durar bastante tempo, Billy, e fazer você avançar bastante na transformação. Sim. Você vai começar com o capitão Marsh, assim que ele for nosso. Capture-o, Billy. Para mim e para você.

25

A bordo do vapor *Eli Reynolds*, rio Mississippi, outubro de 1857

Abner Marsh estava observando da cabine do piloto do *Eli Reynolds* quando o *Fevre Dream* desviou para o outro lado do rio. Ele bateu sua bengala com força e xingou, mas no íntimo não tinha certeza de se estava desapontado ou aliviado com aquilo. Teria sido como se lhe arrancassem o coração do peito ver seu lindo barco estraçalhar-se em pedaços naquele maldito recife, Marsh sabia disso. Por outro lado, o *Fevre Dream* agora ainda estava atrás deles, e, se alcançasse o *Reynolds*, sem dúvida Damon Julian iria mesmo arrancar-lhe o coração do peito. Parecia um jogo de ou perde ou perde. Marsh ficou lá em pé, de cara amarrada, enquanto o piloto do *Eli Reynolds* girava seu timão e começava também a cruzar para o outro lado do rio. Navegando atrás deles no escuro, o *Fevre Dream* era uma visão pavorosa. Marsh construíra aquele barco para superar o *Eclipse*, para ser o barco mais rápido que jamais navegara por ali, e agora tinha que superá-lo num dos barcos mais velhos e patéticos de todo o rio. — Não adiantou nada — disse ele em voz alta, virando-se para o piloto. — Estamos numa corrida — disse. — Não deixe que eles nos alcancem.

O homem olhou para o capitão achando que ele tivesse ficado louco, e talvez tivesse mesmo.

Abner Marsh desceu até o convés principal, para ver o que era possível fazer. Cat Grove e o engenheiro-chefe, Doc Turney, já haviam assumido. O convés estava tomado pelo calor. A fornalha rugia e crepitava, soltava labaredas de fogo e de vez em quando os bombeiros atiravam mais lenha. Grove tinha todos os seus foguistas lá, suando, alimentando aquela bocarra vermelho-alaranjada e besuntando as madeiras de faia e os nós de pinho com banha de porco antes de atirá-las lá dentro. Grove carregava um baldinho de uísque com uma grande concha de cobre, e ia passando-a para cada homem, para que pudessem beber fazendo a pausa mais breve possível. O suor escorria do seu peito nu, num fluxo contínuo, e, assim como seus foguistas, tinha o rosto vermelho por causa daquele terrível calor. Era incrível ver como conseguiam suportar aquilo, mas a fornalha era alimentada sem parar.

Doc Turney estava de olho nos medidores de pressão da caldeira. Marsh foi até lá e também deu uma olhada. A pressão aumentava cada vez mais. O engenheiro olhou para ele. — Nunca deixei a pressão ficar tão alta nos quatro anos que estou aqui neste barco — ele gritou. Era preciso gritar para ser ouvido no meio daquele fritar e tossir da fornalha, da chiadeira do

vapor, das marteladas do motor. Marsh estendeu a mão hesitante, mas recolheu-a rápido. A caldeira estava quente demais para encostar a mão. — O que eu faço com a válvula de segurança, capitão? — perguntou Turney.

— Feche-a — Marsh gritou. — Precisamos de vapor.

Turney fez uma careta, mas cumpriu a ordem. Marsh olhou para o medidor: a agulha subia sem parar. O vapor praticamente se esganiçava pelas válvulas, mas produzia efeito: o motor sacudia e dava trancos como se fosse se partir em pedaços; e a roda-d'água girava, mais rápido do que jamais havia feito em anos, *uapa-uapa-uapa-uapa*, rodava tanto que abriu um leque de espuma atrás do barco, que vibrava inteiro, com um empuxo que nunca experimentara antes.

O segundo engenheiro e os peões dançavam em volta dos motores, lubrificando-os com óleo e graxa, mantendo seu funcionamento macio. Pareciam macaquinhos pretos encharcados de piche. Também se mexiam rápido como macacos. E tinha que ser assim. Não era fácil lubrificar partes móveis enquanto estas se movimentavam, ainda mais no ritmo em que o velho e combalido motor do *Reynolds* se movia agora.

— MAIS RÁPIDO! — berrou Grove. — Mais rápido com a banha! — Um bombeiro ruivo imenso cambaleou, afastando-se da boca da fornalha, zonzo de tanto calor. Ele caiu de joelhos, mas outro foguista tomou seu lugar na hora, e Grove foi até o homem caído e derramou uma concha de uísque na cabeça dele. O homem olhou para cima, molhado e piscando os olhos, abriu a boca, e o marinheiro despejou um pouco mais de uísque pela goela dele. Num minuto ele estava bom de novo, em pé, esfregando os nós de pinho com banha de porco.

O engenheiro franziu o cenho e abriu as válvulas de escape, despejando vapor escaldante e sibilante na noite e aliviando um pouquinho a pressão da caldeira. Então a pressão voltou a subir de novo. A solda derretia e escorria em alguns tubos, mas os homens estavam a postos para remendar qualquer fenda que se abrisse. Marsh estava empapado de suor por causa do calor úmido do vapor e da secura daquela fornalha furiosa. Por todo lugar à volta dele havia gente correndo, gritando, carregando madeira e banha, alimentando a fornalha, cuidando das caldeiras e dos motores. Os trancos do motor e as rodas-d'água faziam um barulho terrível, as chamas da fornalha tingiam todos eles de uma luz vermelha oscilante. Era um inferno sufocante, um caos de barulho, atividade, fumaça, vapor e perigo. O vapor balançava, tossia e estremecia como um homem à beira de um colapso e da morte. Mas seguia adiante, e lá embaixo não havia mais nada que Abner Marsh pudesse dizer ou fazer para acelerar seu movimento.

Sentiu-se grato ao subir lá fora, no castelo de proa, longe daquele calor terrível, com seu casaco, camisa e calças tão molhados como se tivesse acabado de sair do rio. O vento passou por ele e Marsh sentiu por um breve momento um maravilhoso frescor. Lá na frente viu uma ilha dividindo o rio e uma luz mais adiante, na margem oeste. Eles estavam navegando rápido naquela direção. — Raios — disse Marsh. — Devemos estar fazendo umas vinte milhas por hora. Diabos, talvez a gente esteja a umas trinta milhas — disse isso em voz alta, quase gritando, como se o trovejar de sua voz pudesse tornar aquilo mais verdadeiro. O *Eli Reynolds* era um barco de fazer oito milhas por hora num bom dia. É claro, agora ele tinha também a corrente do rio a seu favor.

Marsh subiu a escada com ímpeto, foi até o salão principal e direto até o tombadilho

para dar uma olhada atrás deles. As bocas das chaminés curtas e atarracadas soltavam fagulhas por todo lado criando uma trilha de fogo, e ele viu vapor fervente saindo de novo das válvulas de escape, pois Doc Turney soltava apenas o suficiente para evitar que a danada da caldeira explodisse e mandasse todos para o inferno. O convés mostrava-se instável sob os pés de Marsh, como se fosse a pele de algo vivo. A roda de popa girava tão rápido que levantava uma maldita cortina d'água, parecendo uma cachoeira invertida.

E atrás deles vinha o *Fevre Dream*, meio no escuro, com fumaça e fogo subindo de suas altas chaminés escuras a meio caminho da lua. O barco parecia estar agora uns vinte metros mais perto do que quando Marsh descera.

O capitão Yoerger subiu e postou-se ao lado de Marsh. — Não vamos conseguir correr mais do que eles — disse com sua voz de tom cansado e sombrio.

— Precisamos de mais vapor! Mais calor!

— A roda não pode girar mais rápido do que isso, capitão Marsh. Se o Doc espirrar na hora errada, aquela caldeira pode explodir e matar todos nós. O motor tem sete anos de idade, pode partir-se em pedaços. A banha está no fim, também. Quando acabar, vamos ter que alimentar o barco só com madeira. É um barco idoso, capitão. O senhor está fazendo ele dançar como se estivesse na noite de núpcias, mas ele não vai aguentar isso por muito tempo.

— *Diabos!* — disse Marsh. Ele olhou para trás da sua roda-d'água. O *Fevre Dream* aproximava-se cada vez mais. — *Diabos* — ele repetiu. Yoerger tinha razão, pensou. E olhou adiante. Eles estavam quase chegando à ilha. O rio e o canal principal faziam uma curva para leste. A bifurcação a oeste era um atalho, mas pequeno. Mesmo a distância, Marsh conseguia ver como ele se estreitava, como as árvores inclinavam-se das margens, estendendo suas figuras negras e retorcidas. Ele andou de volta até a cabine do piloto e entrou. — Pegue o atalho — disse ele ao piloto.

O piloto olhou para trás, chocado. No rio, era o piloto que decidia essas coisas. O capitão podia até sugerir algo, mas não dava ordens. — Não, senhor — o piloto retrucou, menos furioso do que um homem mais velho talvez ficasse. — Dê uma olhada nas margens, capitão Marsh. O rio desce. Eu conheço esse atalho, e não dá passagem nessa época do ano. Se eu for por ali vamos ter que nos instalar neste barco até as cheias da primavera.

— Talvez seja assim — disse Marsh —, mas, se nós não conseguirmos passar, o *Fevre Dream* terá menos chances ainda. E terá que dar a volta. Com isso, conseguiremos escapar deles. Nesse momento, escapar deles é mais importante do que qualquer toco de árvore submerso ou banco de areia em que a gente possa encalhar, você entendeu?

O piloto fez cara feia. — O senhor não tem o direito de me dizer como tenho que lidar com o rio, capitão. Tenho minha reputação. Nunca naufraguei nenhum barco e não pretendo começar esta noite. Vamos nos manter no rio.

Abner Marsh sentiu que ficava vermelho. Olhou para trás. O *Fevre Dream* estava quem sabe uns trinta metros atrás deles, e se aproximava rapidamente. — Seu idiota dos diabos — disse Marsh. — Esta é a corrida mais importante que já foi travada neste rio e eu tenho um estúpido como piloto. Eles já teriam nos alcançado se o senhor Framm estivesse no timão ou se tivessem um oficial náutico que soubesse como dirigir o barco. Eles provavelmente estão alimentando a fornalha com uma madeira qualquer, como choupo. — Ele apontou com sua bengala para o *Fevre Dream*. — Mas, olhe, mesmo lento como ele está, vai nos alcançar já, já, a não ser que a gente pilote melhor que eles. Está me ouvindo? *Pegue o maldito atalho!*

— Posso denunciar o senhor à Associação — disse o piloto, irredutível.

— E eu posso atirá-lo pela amurada — retrucou Abner Marsh. Ele avançou ameaçadoramente.

— Mande um bote primeiro, capitão — o piloto sugeriu. — A gente faz umas sondagens e fica sabendo se dá pé ou não para passar.

Abner Marsh bufou de desgosto. — Saia fora do maldito curso do rio — disse ele, empurrando o piloto para o lado com rudeza. O homem cambaleou e caiu. Marsh tomou o timão e virou-o depressa para estibordo, e o *Eli Reynolds* reagiu desviando sua proa. O piloto xingou e esbravejou. Marsh ignorou-o e se concentrou em manobrar o vapor até que ele cruzasse o ponto mais alto e lamacento da ilha, e descesse na margem oeste sinuosa. Ele deu uma olhada por trás do ombro, longa o suficiente para poder ver o *Fevre Dream* — a uns sessenta metros agora — desacelerar, parar e começar a navegar para trás furiosamente. Quando olhou de novo, um momento depois, o vapor já se desviava em direção à curva leste do rio. E então não houve mais tempo para olhar, pois o *Eli Reynolds* bateu em algo duro, talvez um grande tronco, a julgar pelo barulho. O impacto fez Marsh bater os dentes tão forte que quase mordeu e arrancou um pedaço da língua. Ele precisou se segurar forte no timão para não cair. O piloto, que acabara de se levantar, caiu de novo e gemeu. A velocidade do vaporzinho fez com que montasse no obstáculo. Marsh conseguiu vê-lo por um instante: uma imensa árvore, preta, meio submersa. Seguiu-se um barulho horrível, uma batida e um baque, e o barco tremeu como se algum gigante maluco o tivesse agarrado e começado a chacoalhá-lo. Então houve um solavanco violento e o som terrível de madeira feita em pedaços quando a roda de proa passou martelando em cima do tronco.

— Diabos! — disse o piloto, ficando em pé de novo. — Me dê o timão!

— É todo seu — disse Abner Marsh, saindo do caminho. O *Eli Reynolds* havia deixado o tronco morto para trás e estava navegando doidamente pelo atalho raso, dando trancos conforme abria caminho, passando por cima de um banco de areia atrás do outro. Cada banco o fazia perder velocidade e o piloto desacelerou ainda mais, tocando os sinos da sala de máquinas como um louco. — Parada total! — gritou ele. — Parada total da roda-d'água! — A roda ainda deu mais umas duas voltas, preguiçosamente, e parou com um gemido. Dois longos penachos de fumaça de vapor branco ainda chiaram ao sair pelas válvulas de escape. O *Eli Reynolds* perdeu a proa e começou a oscilar um pouco, e a roda do timão girou livre na mão do piloto. — Perdemos o leme — disse ele, enquanto o vapor batia em mais um banco de areia.

E, neste último, o barco parou de vez.

Marsh mordera sua língua ao tombar para a frente em cima do timão. Alguém lá embaixo gritava, ele ouviu. Ao se aprumar, cuspiu um pouco de sangue. Doía como o diabo. Felizmente, não cortou fora nenhum pedaço da língua.

— Maldição! — disse o piloto. — Olhe. Olhe só isso!

O *Eli Reynolds* perdera não só o leme, mas metade de sua roda-d'água também. Ela ainda estava presa ao vapor, mas pendia toda torta, e metade das pás de madeira estava estraçalhada ou tinha caído. O barco soltou vapor ainda uma vez mais, gemeu e ficou assentado na lama, um pouco inclinado para estibordo.

— Eu *avisei* que a gente não ia conseguir passar pelo atalho — disse o piloto. — Eu *avisei*. Nessa época do ano o rio é só areia e tocos de árvore. Isso não foi culpa minha e não

vou aceitar que ninguém diga que foi!

— Cale a sua estúpida boca — disse Abner Marsh. Ele olhava para trás, onde o próprio rio mal era visível entre as árvores. O rio parecia vazio. Talvez o *Fevre Dream* tivesse seguido adiante. Talvez. — Quanto tempo leva para contornar esta curva? — perguntou Marsh ao piloto.

— Dane-se, por que raios você quer saber? A gente não vai a lugar nenhum até a primavera chegar. O senhor vai precisar não só de um leme novo, mas de uma nova roda-d'água, e também de um bom guindaste para tirar o barco desse banco de areia.

— A curva — insistiu Marsh. — Quanto tempo leva para fazer a curva?

O piloto falou esbaforido, meio cuspindo. — Trinta minutos, talvez vinte se ele estiver a toda, como vinha, mas o que importa? Eu já lhe disse…

Abner Marsh abriu a porta da cabine do piloto e berrou pelo capitão Yoerger. Precisou berrar três vezes e demorou bem uns cinco minutos até o Yoerger aparecer. — Desculpe, capitão — disse o velho homem —, eu estava lá embaixo no convés principal. O irlandês Tommy e o grandalhão Johanssen ficaram muito escaldados. — Ele viu as ruínas da roda-d'água e parou. — Coitadinho do meu velho navio — murmurou num tom deprimido.

— Alguma tubulação explodiu? — perguntou Marsh.

— Um monte delas — admitiu Yoerger, afastando seu olhar da roda-d'água escangalhada. — Tem vapor por todos os cantos; teria sido pior, mas o Doc conseguiu abrir depressa as válvulas de escape. A batida que a gente deu arrancou um monte de coisas do lugar.

Marsh deixou cair os ombros, abatido. Esse era o golpe final. Agora, mesmo que pudessem içar o barco do banco de areia, montar um leme novo e de algum modo retroceder pelo atalho com apenas meia roda-d'água, para poder afastar o maldito tronco de árvore e passar — e nenhuma dessas coisas seria fácil —, eles ainda tinham tubulações estouradas e quem sabe uma caldeira danificada para dar conta. Ele praguejou alto e por um bom tempo.

— Capitão — disse Yoerger —, não seremos mais capazes de persegui-los agora, como o senhor planejou, mas pelo menos estamos a salvo. O *Fevre Dream* vai dar a volta nesta curva e achar que já fomos embora faz tempo, e então vão continuar rio abaixo atrás de nós.

— Não — disse Marsh. — Capitão, quero que monte umas macas para os dois queimados; vamos atravessar o bosque. — Ele apontou com sua bengala. A margem do rio estava a uns três metros, em água rasa. — Vamos para alguma cidade. Deve ter alguma aqui perto.

— Tem uma a uns três quilômetros da ponta desta ilha — disse o piloto.

Marsh assentiu. — Muito bem. O senhor leve-os até lá então. Quero que vocês todos vão juntos, e rápido. — Ele relembrou daquele clique da armação de ouro dos óculos de Jeffers quando caíram, aquele pequeno e terrível flash. *De novo, não*, pensou Abner Marsh; não poderia acontecer de novo por culpa sua. — Encontrem um médico para dar jeito nos dois. O senhor estará a salvo, penso eu. Eles querem a mim, não ao senhor.

— O senhor não vem junto? — perguntou Yoerger.

— Tenho minha arma comigo — disse Abner Marsh. — E tenho um pressentimento. Vou ficar e aguardar.

— Venha conosco.

— Se eu correr, eles vão me seguir. Se me pegarem, vocês estarão a salvo. Bem, seja

como for, é assim que eu vejo as coisas.

— E se eles não aparecerem…

— Então eu irei atrás de vocês assim que raiar o dia — disse Marsh. Ele bateu sua bengala no chão com impaciência. — Ainda sou o capitão aqui, não? Parem de discutir comigo e façam como eu disse. Quero todos vocês fora do meu barco, ouviram?

— Capitão Marsh — disse Yoerger —, pelo menos deixe que Cat e eu fiquemos para ajudá-lo.

— Não. Fora.

— Capitão…

— FORA! — gritou Marsh, com o rosto vermelho. — FORA!

Yoerger empalideceu, pegou o assustado piloto pelo braço e tirou-o da cabine. Depois que desceram apressadamente, Abner Marsh deu mais uma olhada para trás, para o rio — nada ainda —, e depois desceu a escada até seu camarote. Tirou o rifle da parede, checou a arma, carregou-a e enfiou a caixa de munição no bolso do seu casaco branco. Armado, Marsh voltou ao tombadilho e instalou sua cadeira onde pudesse ficar de olho no rio. Se eles fossem espertos, pensou Abner Marsh, iriam levar em conta que a água do rio estava baixa. Saberiam que o *Eli Reynolds* poderia passar pelo atalho, mas que talvez encalhasse, e que mesmo na melhor das hipóteses teria que fazer isso devagar, sondando o caminho. Saberiam, depois de dar a volta na ilha, que eles teriam chegado primeiro. E, com isso em mente, não iriam seguir rio abaixo de jeito nenhum. Estacionariam o *Fevre Dream* perto do final do atalho, esperando o *Reynolds* passar. E, enquanto isso, os homens — ou o pessoal da noite — que eles teriam desembarcado na ponta da ilha viriam pelo atalho num bote, imaginando que o *Reynolds* poderia ter parado ou encalhado. Bem, isso pelo menos era o que o próprio Abner Marsh teria feito.

O pequeno trecho de rio que ele conseguia ver estava vazio ainda. Ele sentiu um calafrio, de ficar lá esperando. Achava que a qualquer momento iria ver o bote adentrando aquele trecho de árvores, cheio de figuras sombrias e silenciosas com rostos pálidos e com um sorriso afetado à luz do luar. Checou a arma de novo e ficou desejando que Yoerger estivesse indo a passo rápido.

Yoerger, Grove e o resto da tripulação do *Eli Reynolds* já haviam partido há uns quinze minutos, e nada ainda se movia pelo rio.

Ouvia-se um monte de ruídos na noite. O murmúrio da água do rio em volta do vapor encalhado, o vento agitando as folhas das árvores, animais ao longe no bosque. Marsh ficou em pé, dedo no gatilho do rifle, e vasculhou rio acima, preocupado. Nada para ver, nada a não ser a água barrenta do rio lavando os bancos de areia, as raízes retorcidas, o cadáver da árvore tombada que esmagara a roda-d'água do seu barco. Viu tocos de madeira boiando, e mais nada. — Talvez não sejam tão espertos assim — murmurou baixinho.

Pelo canto do olho, Marsh vislumbrou alguma coisa pálida na ilha depois do atalho do rio. Apontou para lá, com a arma apoiada no ombro, mas não havia nada ali, apenas bosques escuros e densos e a lama grossa do rio. Vinte metros de água rasa estendiam-se entre ele e a ilha escura e silenciosa. Abner Marsh respirava com dificuldade. E se eles não descessem de bote pelo atalho do rio?, pensou ele. E se atracassem o bote e viessem a pé?

O *Eli Reynolds* rangeu embaixo dele. Marsh ficou ainda mais inquieto. Está só se assentando, disse a si mesmo, está encalhado e se assentando na areia. Mas uma outra parte

dele sussurrava, dizendo-lhe que talvez aquele rangido tivesse sido um passo, que talvez eles o atacassem enquanto ele observava o rio. Talvez até já estivessem no barco. Quem sabe Damon Julian já estava subindo a escada naquele exato momento, deslizando pelo salão principal — ele lembrava o quanto Julian sabia andar sem fazer barulho — e procurando nos camarotes, aproximando-se da escada que o levaria até ele, até o tombadilho.

Marsh virou a cadeira para ficar de frente para o alto da escada, para a eventualidade de uma figura de rosto pálido aparecer de repente no seu campo de visão. Suas mãos suavam no lugar em que segurava o rifle, deixando a coronha escorregadia. Enxugou as mãos na perna da calça.

O som de um sussurro suave flutuou do poço da escada.

Eles estavam lá embaixo, pensou Marsh; lá embaixo, tramando como chegar até ele. E ele encurralado lá em cima, sozinho. Não que estar sozinho o incomodasse. Já tivera ajuda antes e isso não fizera diferença para eles. Marsh levantou e foi até o alto da escada, olhando para baixo, para a escuridão listrada pela luz do luar. Segurou firme a arma, pestanejou, aguardou para ver se alguma coisa aparecia. Esperou um longo tempo, ouvindo aqueles vagos sussurros, o coração batendo como o velho motor cansado do *Reynolds*. Queriam que ele os ouvisse, Abner Marsh pensou. Queriam que ficasse com medo. Eles tinham entrado sorrateiramente no seu barco como fantasmas, tão ágeis e silenciosos que ele nem percebera, e agora tentavam meter-lhe medo. — Sei que vocês estão aí — gritou. — Subam. Tenho um presente para você, Julian. — Ele sopesou a arma.

Silêncio.

— Dane-se você — gritou Marsh.

Algo se moveu junto ao pé da escada, uma figura fugaz, pálida e rápida. Marsh ergueu a arma para atirar, mas já tinha sumido antes que pudesse sequer começar a mirar. Ele xingou e desceu dois degraus da escada. Parou. Era isso o que eles queriam que fizesse, pensou. Estavam tentando atraí-lo para baixo, até o passadiço e os camarotes sem iluminação, e o escuro e empoeirado salão com a luz do luar vazando por sua suja claraboia. Ali em cima, no tombadilho, ele podia pelo menos mantê-los a distância. Seria mais difícil para eles alcançá-lo lá em cima; ele podia vê-los subindo a escada, escalando as laterais, o que fosse. Mas, lá embaixo, estaria totalmente à mercê.

— *Capitão* — uma voz suave o chamou. — *Capitão Marsh*.

Marsh levantou sua arma e semicerrou os olhos.

— *Não atire, capitão. Sou eu. Apenas eu*.

Ela surgiu ao pé da escada. Valerie.

Marsh hesitou. Ela sorria para ele, seu cabelo escuro captando os reflexos dos raios da lua, esperando. Vestia calça comprida e uma camisa de homem com babados, com os primeiros botões abertos. Sua pele era suave e pálida; seus olhos encontraram os dele e os capturaram, com seus reflexos violeta, profundos, belíssimos, infinitos. Ele poderia nadar naqueles olhos para sempre. — *Venha até mim, capitão* — chamou Valerie. — Estou sozinha. Foi Joshua quem me mandou. Desça para a gente conversar. — Marsh desceu mais dois degraus, aprisionado por aqueles olhos brilhantes. Valerie estendeu seus braços.

O *Eli Reynolds* gemeu e se assentou, deslizando de repente para estibordo. Marsh cambaleou e bateu forte a canela contra o degrau da escada, e a dor fez brotar lágrimas dos seus olhos. Ele ouviu uma risada fraca vindo lá de baixo, viu o sorriso de Valerie hesitar e

desvanecer. Xingando, Marsh voltou a apoiar o rifle no ombro e disparou. O tranco quase arrancou seu ombro fora, e o fez bater contra os degraus. Valerie tinha sumido, evaporado como um fantasma. Marsh xingou e ficou em pé, procurando no bolso outro cartucho, recuando escada acima. — Joshua, *diabos!* — ele rugiu para a escuridão. — Foi o Julian que mandou você aqui!

Quando Marsh deu o último passo para trás até o tombadilho, ficou inclinado uns trinta graus e sentiu algo bem sólido pressionado entre as omoplatas. — Bem, bem — disse a voz atrás dele —, vejamos se não é o próprio capitão Marsh.

Os outros apareceram, um por um, depois que Marsh deixou a arma cair no convés. Valerie veio por último e não o encarou nos olhos. Abner Marsh xingou-a de todos os nomes possíveis, concluindo com um sonoro "puta traiçoeira". Finalmente, ela lançou-lhe um olhar terrível, acusador. — Você acha que eu tive escolha? — disse Valerie com amargura, e Marsh interrompeu sua fala. Não foram as palavras dela que o fizeram silenciar, mas o olhar. Porque, naquelas vastas profundezas violeta, Marsh viu brilhar, muito brevemente, a vergonha e o terror… e a sede.

— Mexa-se — disse Sour Billy Tipton.

— Dane-se você — disse Abner Marsh.

26

A bordo do vapor *Ozymandias*, rio Mississippi, outubro de 1857

Abner Marsh esperava se deparar com a escuridão, mas, quando Sour Billy Tipton o empurrou para dentro do camarote do capitão, o quarto brilhava com a luz suave da sua lamparina a óleo. Estava mais empoeirado do que na lembrança dele, mas, de resto, igual a quando era de Joshua. Sour Billy fechou a porta, e Marsh ficou sozinho com Damon Julian. Ele agarrou sua bengala de nogueira com força — Billy jogou a arma no rio, mas permitiu que Marsh recuperasse sua bengala — e olhou de cara feia. — Se você pretende me matar, então venha logo e tente — disse ele. — Não estou muito para joguinhos.

Damon Julian sorriu. — Matar você? Por quê, capitão? Eu planejei servir-lhe um jantar. — Uma bandeja de prata havia sido colocada na pequena mesa entre as duas grandes poltronas de couro. Julian levantou a toalha que a cobria para revelar uma travessa de frango frito, legumes, nabos e cebolas de um lado; e uma fatia de torta de maçã, com queijo por cima. — Tem vinho, também. Por favor, sente-se, capitão.

Marsh olhou a comida e cheirou-a. — Toby ainda está vivo — disse ele com uma repentina certeza.

— É claro que está — disse Julian. — Sente-se, por favor.

Marsh avançou cauteloso. Ele não conseguia imaginar quais seriam as intenções de Julian, mas ponderou um momento e decidiu aceitar. Talvez a comida estivesse envenenada, mas isso não faria sentido; eles tinham maneiras mais fáceis de matá-lo. Sentou e pegou um peito de frango. Ainda estava quente. Deu uma mordida com avidez e lembrou que fazia muito tempo que não comia uma refeição *decente*. Talvez fosse morrer logo, mas pelo menos morreria de barriga cheia.

Damon Julian, resplandecente num terno marrom com colete dourado, observava Marsh comer com um sorriso divertido no seu rosto pálido. — Vinho, capitão? — foi a única coisa que disse. Encheu duas taças e bebericou delicadamente da dele.

Depois de dar conta da torta, Abner Marsh recostou-se na poltrona, arrotou e fez uma careta. — Uma boa refeição — disse de má vontade. — Bem, e por que estou aqui, Julian?

— Naquela noite em que saiu apressadamente, capitão, eu tentei lhe dizer que queria simplesmente conversar com o senhor. Mas o senhor escolheu não acreditar em mim.

— Pode estar certo de que não acredito no senhor — disse Marsh. — Ainda não. Mas

agora não tenho muito a dizer sobre isso, portanto fale.

— O senhor é valente, capitão Marsh. E forte. Eu o admiro.

— Não posso dizer que sinta o mesmo pelo senhor.

Julian riu. Sua risada era pura música. Seus olhos escuros brilharam. — Muito divertido — disse. — E bem ousado.

— Não sei por que o senhor está tentando me lisonjear, mas isso não vai levá-lo a lugar nenhum. Nem todo o frango frito do mundo me fará esquecer do que o senhor fez com aquele bebê, e com o senhor Jeffers.

— O capitão parece esquecer que Jeffers simplesmente me atravessou com uma espada — disse Julian. — Isso não é coisa que a gente possa encarar assim, como se não fosse nada.

— Aquele bebê não tinha espada nenhuma.

— Um escravo — disse Julian sem dar muita importância. — Propriedade, pelas leis da sua própria nação. Alguém inferior, segundo seu próprio povo. Eu o poupei de uma vida de servidão, capitão.

— Vá para o inferno — disse Marsh. — Era só um maldito bebê e você cortou-lhe a mão como se estivesse cortando a cabeça de um frango, e depois esmagou a cabeça dele. Ele não lhe fez nada.

— Não — disse Julian. — E o Jean Ardant tampouco lhe fez nada, ou ao seu pessoal. No entanto, você e seu marinheiro esmagaram o crânio dele enquanto dormia.

— Achamos que fosse o senhor.

— Ah — disse Julian. Ele sorriu. — Então foi um equívoco. Mas tenha o senhor agido a partir de algo procedente ou equivocado, vocês assassinaram um inocente. E o senhor não parece estar se consumindo de culpa por isso.

— Não era um homem. Era um de *vocês*. Um vampiro.

Julian franziu o cenho. — Por favor. Eu compartilho do desagrado de Joshua em relação a esse termo.

Marsh deu de ombros.

— O senhor se contradiz, capitão Marsh — disse Julian. — O senhor me julga mau, por fazer o que faz sem qualquer escrúpulo, ou seja, tira a vida daqueles que são diferentes do senhor. Não importa. O senhor defende os da sua espécie. E inclui nisso até as raças escuras. Admiro-o, como já disse. O senhor sabe quem é, compreende o seu lugar, sua natureza. É assim que deve ser. O senhor e eu somos iguais nisso.

— Não sou igual ao senhor em nada — disse Marsh.

— Ah, o senhor é, sim! Nós dois sabemos aceitar nossas naturezas, o senhor e eu, não queremos ser o que não somos, ser o que não fomos feitos para ser. Eu desprezo os fracos, aqueles bebês trocados que odeiam tanto a si mesmos que têm que fingir que são outra coisa. E o senhor sente isso do mesmo jeito.

— Engano seu.

— Como assim? Então por que odeia Sour Billy?

— Ele é desprezível.

— Sim, claro que é! — Julian parecia estar se divertindo muito. — Coitado do Billy, ele é fraco, e adoraria ser forte. Ele faria qualquer coisa para ser um de nós. Qualquer coisa. Conheci outros como ele, muitos. Eles são úteis, com frequência divertidos, mas nunca dignos de admiração. O senhor despreza Billy porque ele imita nossa raça e é um predador da sua

própria, capitão Marsh. O querido Joshua sente as coisas do mesmo jeito, só que não percebe que em Billy ele vê seu próprio reflexo.

— Joshua e Billy Tipton não se parecem em nada — Marsh disse com convicção. — O Billy é um grande covarde. O Joshua talvez tenha feito algumas coisas desprezíveis, mas está tentando compensar isso. Ele teria ajudado vocês todos.

— Ele teria nos tornado como você. Capitão Marsh, sua própria nação está terrivelmente dividida nessa questão da escravidão, uma escravidão baseada em raça. Suponha que o senhor conseguisse pôr um fim nisso. Suponha que tivesse uma maneira de transformar todos os homens brancos desse país em negros, da noite para o dia. Faria isso?

Abner Marsh franziu o cenho. Ele não gostava muito da ideia de ficar negro de repente, mas percebeu onde Julian queria levá-lo e não tinha a menor vontade de ir até lá. Então não disse nada.

Damon Julian bebericou seu vinho e sorriu. — Ah — disse ele. — Está vendo? Até mesmo os seus abolicionistas admitem que as raças escuras são inferiores. Eles não teriam paciência com um escravo tentando fingir que é branco, e sentiriam aversão se vissem um branco tomando uma poção para se tornar negro. Eu não machuquei aquele bebê por maldade, capitão Marsh. Não há maldade em mim. Fiz isso para chegar até Joshua, o meu querido Joshua. Ele é belo, mas me aborrece. Com o senhor é outra coisa. Achou mesmo que eu fosse machucá-lo naquela noite em agosto? Ah, talvez eu fosse, no meio da minha dor e raiva. Mas antes, não. A beleza me atrai, capitão Marsh, e o senhor não tem nem um pouco dela. — Ele riu. — Acho que nunca vi um homem mais feio que o senhor. O senhor é gordo, coberto de banha, com pelos e verrugas, fede a suor, tem um nariz achatado e olhinhos de porco, os dentes tortos e manchados. O senhor não me desperta a sede mais do que Billy poderia. No entanto, o senhor é forte, tem uma grande coragem e conhece seu lugar. São coisas que eu admiro. Também é capaz de pilotar um barco a vapor. Capitão, não devemos ser inimigos. Junte-se a mim. Dirija o *Fevre Dream* para mim. — Ele sorriu. — Ou seja lá que nome tenha o barco agora. Billy decidiu que devia trocar o nome, e Joshua encontrou esse nome em algum lugar. Pode mudar o nome dele de novo se preferir.

— O nome *dela* — disse Marsh.

Julian fez uma cara de surpresa.

— Uma embarcação é uma entidade feminina, não é um simples objeto — disse Marsh.

— Ah — disse Damon Julian.

— Billy Tipton está dirigindo este barco, não é?

Julian deu de ombros. — Billy é um capataz, não é um homem do rio. Posso dispensá-lo. Gostaria disso, capitão? Esta pode ser sua primeira recompensa se decidir se juntar a mim. A morte de Billy. Posso matá-lo para o senhor, ou deixar que o senhor mesmo o faça. Ele matou seu oficial, o senhor sabe.

— Hairy Mike? — disse Marsh, sentindo um calafrio.

— Sim — disse Julian. — E seu engenheiro também, depois de umas poucas semanas. Ele o flagrou tentando afrouxar as caldeiras, para que explodissem. Gostaria de vingar seu pessoal? Depende do senhor. — Julian inclinou-se para a frente atentamente, seus olhos escuros brilhando, excitado. — Poderá ter outras coisas também. Riqueza. Eu não dou a mínima para isso. Pode gerenciar todo o meu dinheiro.

— O dinheiro que o senhor roubou de Joshua.

Julian sorriu. — Um mestre de sangue recebe muitos presentes — disse ele. — Posso também oferecer-lhe mulheres. Vivi entre o seu povo muitos anos, conheço os seus desejos, as suas sedes. Quanto tempo faz que o senhor esteve com uma mulher, capitão? Gostaria de ter Valerie? Ela pode ser sua. Ela é mais deliciosa do que qualquer mulher da sua raça, e não vai ficar velha e pavorosa, não durante o tempo de vida que o senhor tiver. Pode possuí-la. As outras também. Elas não lhe farão qualquer dano. O que mais gostaria? Comida? Toby ainda está vivo. Pode ter a comida dele seis, sete vezes por dia se quiser. O senhor é um homem prático, capitão. Não compartilha as ilusões religiosas da sua raça. Considere bem o que lhe está sendo oferecido. Terá o poder de punir seus inimigos e de proteger seus amigos, um estômago cheio, dinheiro, mulheres. E tudo isso para fazer o que tão desesperadamente quer fazer, que é dirigir este vapor. O seu *Fevre Dream*.

Abner Marsh bufou. — O barco não é mais meu. O senhor o contaminou.

— Dê uma olhada em volta. As coisas estão tão mal assim? Nós viajamos entre Natchez e New Orleans regularmente, o vapor está em boas condições de manutenção, centenas de passageiros vieram e foram embora e nunca acharam falta de nada. Alguns deles sumiram, a maioria em terra, nas cidades que visitamos. Billy diz que é mais seguro assim. Apenas uns poucos morreram a bordo do seu vapor, aqueles cuja beleza e juventude eram excepcionais demais. Todo dia morrem ainda mais escravos em New Orleans e, no entanto, o senhor não se manifesta contra a escravidão. O mundo é cheio de maldade, Abner. Não estou pedindo que seja cúmplice ou que participe. Apenas que dirija seu barco e cuide de suas próprias coisas. Nós precisamos da sua competência. Billy afugenta os passageiros, nós perdemos dinheiro a cada viagem. Até mesmo os fundos de Joshua não são inesgotáveis. Venha, Abner, me dê sua ajuda. Concorde. Sei que quer isso. Posso sentir nos seus olhos. Quer esse seu barco de volta. É como se isso fosse a sua sede, a sua paixão. Fique com ele, então. O bem e o mal são mentiras, tolices, bobagens criadas para perturbar homens sensíveis e honestos. Conheço-o bem, Abner, e posso dar-lhe o que quer. Junte-se a mim, sirva-me. Dê-me sua mão e juntos iremos superar o *Eclipse*. — Seus olhos escuros giravam e ardiam; profundezas infindáveis, penetrando fundo em Marsh, tocando-o, sentindo-o intimamente, impuras, mas mesmo assim sedutoras, atraindo. A mão dele estava estendida. Abner Marsh começou a estender a sua. Julian sorriu tão gentilmente e suas palavras faziam tanto sentido… Ele não estava pedindo a Marsh que fizesse nada de terrível, apenas que dirigisse o barco, ajudasse a protegê-lo, a proteger seus amigos. Raios, ele havia protegido Joshua, e Joshua era também um vampiro, não era? E talvez tivessem acontecido algumas mortes no barco, mas um homem havia também sido estrangulado no *Sweet Fevre* em 1854, e dois jogadores haviam sido mortos a bala no *Nick Perrot* quando Marsh o dirigia; nada disso acontecera por sua culpa, ele estava apenas cuidando dos próprios afazeres, dirigindo seus barcos; não que tivesse matado alguém ele mesmo. Os homens tinham que proteger seus amigos, mas não podiam proteger o mundo inteiro, e ele iria cuidar para que Sour Billy tivesse o que merecia. Tudo aquilo soava bem, era na verdade um negócio muito atraente. Os olhos de Julian estavam negros e sedentos, e sua pele estava fria, dura como a de Joshua, como a de Joshua naquela noite no estaleiro…

… e então Abner Marsh puxou a sua mão de volta. — Joshua — disse ele em voz alta. — É isso. Você ainda não conseguiu vencê-lo, certo? Você o açoitou, mas ele ainda está vivo, e você não conseguiu fazê-lo beber sangue, ainda não conseguiu transformá-lo. É por isso. — Marsh sentiu o sangue voltar às suas faces. — Você não se importa com o quanto de dinheiro

esse barco pode fazer. Se ele naufragar amanhã, você não vai ligar a mínima, simplesmente vai para outra parte e pronto. E Sour Billy, talvez você queira se livrar dele, passar a me usar em seu lugar, mas não é esse o problema. É Joshua. Se eu me juntar a você, isso irá acabar com o que possa restar dele, e provar que você está certo. Joshua confiou em mim, e você me quer porque sabe o quanto isso iria afetá-lo. — A mão de Julian ainda estava estendida, os anéis brilhando suavemente em seus dedos longos e pálidos. — Vá para o inferno! — berrou Marsh, que pegou sua bengala e brandiu-a com força, afastando a mão para o lado. — VÁ PARA O INFERNO!

O sorriso morreu nos lábios de Damon Julian, e seu rosto tornou-se um pouco desumano. Não havia nada nos seus olhos a não ser trevas, idade e algumas pálidas centelhas que ardiam com uma maldade ancestral. Ele ficou em pé, bem acima de Abner Marsh, e agarrou a bengala que Marsh brandia diante do seu rosto. Arrancou-a da mão dele, quebrou-a com as mãos, com a mesma facilidade com que Marsh poderia ter quebrado um palito de fósforo usado, e atirou os pedaços para o lado. Os pedaços quicaram na parede e caíram no tapete. — Você poderia ter sido lembrado como o homem que superou o *Eclipse* — disse Julian com uma frieza maliciosa. — Em vez disso, vai morrer. E talvez isso leve um longo tempo, capitão Marsh. O senhor é feio demais para mim. Estou dando o senhor ao Billy, para ensiná-lo como é que se saboreia sangue. Talvez o querido Joshua possa ter um copo também. Iria lhe fazer bem. — Ele sorriu. — Quanto ao seu barco a vapor, capitão Marsh, não se preocupe. Vou tomar conta direitinho *dela* depois que o senhor se for. Ninguém ao longo deste rio jamais esquecerá o seu *Fevre Dream*.

27

A bordo do vapor *Ozymandias*, rio Mississippi, outubro de 1857

O dia já clareava quando Abner Marsh foi levado do camarote do capitão. A névoa da manhã caía pesada sobre o rio, filetes acinzentados que pairavam e se enroscavam igual fumaça pelas grades e colunas do barco, retorcendo-se como coisas vivas, para logo se dissipar e morrer na luz do sol da manhã. Damon Julian viu o rubor vermelho no leste e continuou na penumbra de seu camarote. Ele empurrou Marsh pela porta. — Leve o capitão até seu camarote, Billy — disse ele. — Mantenha-o em segurança até o anoitecer. — O senhor terá a gentileza de nos acompanhar para o jantar, não é, capitão Marsh? — Ele sorriu. — Sabia que o senhor iria aceitar.

Eles estavam aguardando do lado de fora. Sour Billy, de terno preto e camisa xadrez, estava sentado com sua cadeira inclinada contra a parede do tombadilho, limpando as unhas com sua faca. Assim que a porta abriu, ele ficou em pé e fez girar sua faca habilmente na mão. — Sim, senhor Julian — disse ele, com seus olhos cor de gelo fixos em Marsh.

Havia outros dois com ele. O pessoal da noite que ajudara Billy a trazer Marsh do *Eli Reynolds* já havia se retirado para seus camarotes, fugindo do toque da manhã, então Billy convocou alguns da sua escória do rio. Assim que Julian fechou a porta do camarote, eles entraram em cena. Um deles era um jovem forte com costeletas marrons e um porrete de carvalho enfiado no seu cinto de corda. O outro era um gigante, a coisa mais feia que Abner Marsh já vira na vida. Devia ter uns dois metros de altura, mas a cabeça era pequenina, os olhos miúdos, dentes de madeira e sem nariz. Abner Marsh ficou de olhos arregalados.

— Não fique encarando o Desnarigado — disse Sour Billy. — Ele não é lá muito educado, sabe, capitão. — O Desnarigado, como para fazer jus ao comentário, agarrou Marsh pelo braço rudemente e torceu-o às suas costas tão forte que doeu. — Um jacaré arrancou o nariz dele — disse Sour Billy. — Não foi culpa sua. Agora segure forte o capitão Marsh, Desnarigado. O capitão Marsh adora pular no rio, e a gente não quer nada disso. — Billy deu-se ares de valentão e encostou sua faca na barriga de Marsh, só o suficiente para que Marsh sentisse a ponta. — O senhor nada melhor do que eu pensei, capitão. Vai ver que é essa banha toda que ajuda a boiar. — Ele fez girar a faca de repente e cortou um dos botões prateados da jaqueta de Marsh. O botão caiu estalando no convés e rolou bastante em círculos até que Sour Billy pisou em cima dele. — Nada de nadar por hoje, capitão. Nós vamos colocá-lo na cama

direitinho. Tem até um camarote só seu. Mas não vá achando que vai ficar dando voltas por aí. Talvez o pessoal da noite esteja dormindo, mas o Desnarigado, ou eu, estaremos de olho no senhor o dia inteiro. Vamos. — Billy rodou sua faca no ar, embainhou-a e virou as costas. Tomou a dianteira, com o Desnarigado atrás dele empurrando Marsh e o terceiro homem cuidando da retaguarda.

Viraram a esquina do tombadilho e quase trombaram com Toby Lanyard.

— *Toby!* — Marsh exclamou. Ele tentou ir até ele, mas o Desnarigado torceu seu braço. Marsh gemeu de dor e parou.

Sour Billy também parou, olhando assustado. — Que diabos você está fazendo aqui em cima? — ele vociferou.

Toby não olhou para ele. Ficou ali parado, dentro do seu terno marrom puído, as mãos juntas atrás, a cabeça curvada, arrastando a bota nervosamente no chão do convés.

— Eu disse *que diabos você está fazendo aqui em cima*, seu preto? — Sour Billy repetiu ameaçadoramente. — Por que você não está lá acorrentado na cozinha? Você me responda agora, se não vai ser um preto arrependido.

— *Acorrentado?!* — berrou Marsh.

Nessa hora Toby Lanyard finalmente ergueu a cabeça e assentiu. — O senhor Billy diz que eu sou um escravo de novo, não importa que eu tenha os papéis de emancipado. Ele acorrenta todos nós quando não estamos trabalhando.

Sour Billy aproximou-se de Toby e puxou sua faca. — Como foi que você se soltou? — perguntou.

— Eu quebrei as correntes, senhor Tipton — disse uma voz vinda de cima. Todos olharam para lá. No alto do tombadilho, Joshua York, em pé, olhava fixamente para eles. Seu terno branco brilhava ao sol da manhã, e uma capa preta tremulava ao vento. — Agora — disse York —, tenham a gentileza de soltar o capitão Marsh.

— Já raiou o dia — disse o jovem forte, apontando para o sol com seu porrete de carvalho. Ele parecia assustado.

— O senhor saia já daí — disse Sour Billy Tipton para York, com o pescoço retorcido desajeitadamente para poder ver o intruso. — Se tentar alguma coisa vou chamar o senhor Julian.

Joshua York sorriu. — Jura? — disse ele, olhando para o sol, que era agora claramente visível, um olho amarelo ardente no meio de um brilho de nuvens vermelhas e cor de laranja. — Acha que ele virá?

A língua de Sour Billy passeava inquieta entre seus lábios finos. — O senhor não me assusta nem um pouco. — Ele sopesou sua faca. — É de dia e o senhor está totalmente sozinho.

— Ele não está, não — disse Toby Lanyard. As mãos de Toby não estavam mais às suas costas. Havia um cutelo de açougueiro em uma delas e na outra uma grande faca de trinchar com lâmina serrilhada. Sour Billy arregalou os olhos e deu um passo para trás.

Abner Marsh espiou por cima do ombro. O Desnarigado ainda estava com os olhos semicerrados olhando para Joshua. Seu aperto de braço aliviou um pouco e Marsh viu uma chance. Com toda a sua força, jogou-se de costas contra o gigante. O Desnarigado tropeçou e caiu. Abner Marsh atirou-se em cima dele, todos os seus cento e trinta quilos, e o gigante gemeu como se uma bola de canhão tivesse acertado seu estômago, expelindo todo o ar de

seus pulmões. Marsh desvencilhou seu braço com um safanão e rolou pelo convés. Ele deteve seu giro bem a tempo: uma faca apareceu, espetada no chão do convés, balançando a três centímetros do seu rosto. Marsh engoliu em seco e sorriu. Arrancou a faca e ficou em pé.

O homem com o porrete havia dado dois passos rápidos para a frente, mas pensou melhor. Agora ele retrocedia, e Joshua saltou mais rápido do que Marsh conseguia piscar, pousou atrás do homem, esquivou um golpe violento do porrete de carvalho e, de repente, o robusto jovem estava caído no chão do convés, sem sentidos. Marsh não conseguiu nem ver o golpe que causara aquilo.

— Não encoste em mim! — disse Sour Billy. Ele retrocedeu diante de Toby. Recuou até ficar ao alcance de Marsh, que o agarrou, virou-o e encostou-o com força contra uma porta. — Não me mate! — berrou Billy. Marsh pressionou um braço contra o pescoço dele e inclinou-se na sua direção, encostando a faca contra as magras costelas de Billy, na altura do coração. Aqueles olhos cor de gelo estavam agora arregalados e em pânico. — *Não!* — disse meio sufocado.

— E por que diabos não?

— Abner! — alertou Joshua, e Marsh olhou para trás bem a tempo de ver o Desnarigado pondo-se em pé. O grandalhão fez um ruído animal e arremeteu para a frente, e então Toby moveu-se mais rápido do que Marsh jamais poderia imaginar e viu o gigante tombar de joelhos, asfixiando-se no próprio sangue. Toby fizera um único corte com aquela faca de trinchar e abrira sua garganta. O sangue vinha aos montes, e o Desnarigado piscou seus olhos miúdos e levou as mãos ao pescoço, como se quisesse segurá-lo enquanto caía. Finalmente, desabou.

— Não era necessário, Toby — disse Joshua York calmamente. — Eu poderia tê-lo detido.

O educado Toby Lanyard apenas franziu o cenho, segurando seu cutelo e a faca ensanguentada. — Não sou tão bom quanto o senhor, capitão York — disse. Virou-se então para Marsh e Sour Billy. — Abra o cara de uma vez, capitão Marsh — ele instigou. — Aposto que o senhor Billy não tem um coração aí dentro.

— Não, Abner. Uma morte já basta — disse York.

Abner Marsh ouviu os dois. Ele aumentou a pressão da faca, apenas o suficiente para furar a camisa de Billy e fazer correr um pequeno fio de sangue. — Gosta disso? — perguntou Marsh. O suor emplastava o cabelo escorrido de Billy na testa. — Até que gosta quando é você que está segurando a faca, não é?

Billy sufocava, e Marsh aliviou um pouco a pressão no seu pescoço magro, o suficiente para deixá-lo responder. — *Não me mate!* — disse Billy, com um fiozinho de voz trêmula. — Não é culpa minha, é do Julian, é ele quem manda fazer essas coisas. Ele me matará se eu não fizer como ele diz!

— Ele matou o velho Hairy Mike e o Whitey também — disse Toby —, e mais um monte de gente. Ele queimou um cara na fornalha, dava para ouvir o coitado gritando lá dentro. Disse que agora eu era escravo de novo, capitão Marsh, e quando eu lhe mostrei meus papéis de emancipado ele rasgou e queimou. Corte o cara, capitão.

— *Ele está mentindo! É tudo mentira desse preto safado!*

— Abner — disse Joshua —, solte-o. Você já tem a arma dele; ele não pode fazer mais nada agora. Se você o matar desse jeito, vai mostrar que não é nem um pouco melhor do que

ele. E ele pode nos ser útil, se alguém se meter conosco quando estivermos fugindo. Ainda precisamos alcançar o bote e cair fora.

— *Bote*? — disse Abner Marsh. — O bote que vá para o inferno. Eu vou pegar meu navio de volta. — Ele sorriu para Sour Billy. — O nosso Billy aqui pode nos levar até o camarote de Julian, eu acho.

Sour Billy engoliu em seco. Marsh sentiu contra a pele do seu braço o volume do pomo de Adão de Billy.

— Se for atacar o Julian, vai ter que ir lá sozinho — disse Joshua. — Não vou poder ajudá-lo.

Marsh virou a cabeça e olhou para York, perplexo. — Depois de tudo o que ele fez?

De repente, Joshua pareceu-lhe terrivelmente fraco e cansado. — Não posso — ele sussurrou. — Ele é forte demais, Abner. Ele é mestre de sangue, ele me domina. Ousar tanto assim agora vai contra toda a história do meu povo. Ele me fez cativo uma dúzia de vezes, forçando-me a alimentá-lo com meu sangue. Cada submissão me deixa… mais fraco. Mais sob o seu domínio. Abner, por favor, entenda. Não posso fazer isso. Ele me olharia com aqueles olhos, e antes que eu pudesse dar dois passos já seria dele de novo. O mais provável é que eu matasse você, não ele.

— Então eu e Toby vamos dar conta disso — decidiu Marsh.

— Abner, você não teria a menor chance. Ouça o que eu digo. Podemos fugir agora. Eu corri um grande risco para salvá-lo. Não desperdice isso.

Marsh olhou de volta para o indefeso Billy e pensou. Talvez Joshua estivesse certo. Além disso, ele não tinha mais seu rifle, eles não tinham nada para ferir Julian. Facas e trinchadores de carne com certeza não adiantariam nada, e Marsh não via com bons olhos a perspectiva de encarar Julian de mãos limpas. — Certo, nós iremos junto — disse ele por fim —, mas depois que eu matar esse cara.

Sour Billy choramingou. — Não — disse ele. — Deixem-me ir junto, eu posso ajudá-los. — Seu rosto marcado pela varíola estava molhado de suor. — Para vocês é fácil, com seu barco todo elegante e tudo mais, mas eu nunca tive uma chance, nunca tive nada, nem família, nem dinheiro, tenho que fazer o que me mandam.

— Você não é o único que nasceu pobre — disse Marsh. — Isso não é desculpa. Foi você que escolheu ser como é. — A mão do capitão tremia. Ele queria enfiar a faca para feri-lo, mas por alguma razão não conseguia fazê-lo, não daquele jeito. — Maldito — Marsh disse com raiva. Ele soltou a garganta de Billy, deu um passo atrás, e Billy despencou para a frente de joelhos. — Venha, você vai nos levar para esse maldito bote.

Toby bufou de contrariedade, e Sour Billy olhou para ele preocupado. — Mantenham esse maldito preto cozinheiro longe de mim! Ele e esse seu trinchador, bem longe de mim.

— Vamos andando, já — disse Marsh. Ele se virou para olhar para Joshua, que protegia os olhos com uma mão em viseira sobre a testa. — Você está bem?

— O sol — disse York, preocupado. — Precisamos andar rápido.

— E os outros? — disse Marsh. — E o Karl Framm? Ainda está vivo?

Joshua assentiu. — Sim, e há mais gente, mas não temos como libertar todos agora. Não vai dar tempo. Isso aqui já nos atrasou demais.

Abner Marsh franziu o cenho. — Talvez — disse ele —, mas não vou embora sem o senhor Framm. Ele e você são os únicos que podem pilotar este vapor. Se levarmos vocês

dois embora, o barco vai ter que ficar parado aqui até a gente voltar.

Joshua assentiu. — Ele está sob vigia. Billy, quem é que está com Framm agora?

Sour Billy conseguiu a duras penas ficar em pé. — Valerie — disse ele, e Marsh lembrou daquela figura pálida e daqueles olhos violeta cintilantes, que o atraíam para as trevas.

— Bom — disse Joshua. — Apressem-se. — E então todos se puseram a caminho, Marsh de olho em Sour Billy, Toby escondendo suas armas nas dobras e bolsos de seu casaco. O camarote de Framm ficava lá em cima no tombadilho, mas do lado oposto do barco. A janela estava com a persiana fechada, a cortina puxada e a porta trancada. Joshua arrebentou o trinco com um único golpe curto de sua mão branca e dura, e abriu a porta. Marsh entrou furtivamente depois dele, após empurrar Sour Billy para dentro.

Framm estava todo vestido, de bruços na cama, morto para o mundo. Mas junto dele uma forma pálida ergueu-se e arregalou os olhos raivosos para eles. — Quem é… Joshua? — Ela levantou da cama rápido. Sua camisola branca caía em dobras em volta dela. — É de dia. O que você quer?

— Ele — disse Joshua.

— Mas é *de dia* — Valerie insistiu. Seus olhos se demoraram em Marsh e Sour Billy. — O que está acontecendo?

— Estamos indo embora — disse Joshua York —, e o senhor Framm vem conosco.

Marsh mandou Toby ficar de olho em Billy, e foi até a cama. Karl Framm não se mexia. Marsh rolou-o na cama. Havia feridas no seu pescoço e sangue coagulado na sua camisa e no queixo. Ele se mexeu um pouco, pesadamente, e não mostrava sinais de acordar. Mas ainda respirava.

— Eu estava com sede — disse Valerie, com um fiozinho de voz, olhando de Marsh para York. — Depois da caçada… Não tive escolha… Damon o entregou para mim…

— Ele ainda está vivo? — perguntou Joshua.

— Está — disse Marsh. — Mas a gente vai ter que carregá-lo. — Marsh ficou em pé e gesticulou. — Toby, Billy, vocês dois vão carregá-lo no bote.

— Joshua, *por favor* — Valerie implorou. Em pé ali, de camisola, ela parecia indefesa e com medo. Era difícil ver ali a mesma mulher que aparecera no *Eli Reynolds* ou imaginá-la bebendo o sangue de Framm. — Quando o Damon descobrir que Framm foi embora, vai me punir por isso. Por favor, não.

Joshua hesitou. — Temos que levá-lo embora, Valerie.

— Levem-me também, então! — disse ela. — Por favor.

— É de dia.

— Se você pode correr o risco, eu também posso. Sou forte. Não tenho medo.

— É perigoso demais — insistiu Joshua.

— Se você me deixar aqui, o Damon terá certeza de que eu o ajudei — disse Valerie. — Ele vai me punir. E já não fui punida o suficiente? Ele me odeia, Joshua… ele me odeia porque eu amei *você*. Ajude-me, eu não quero isso… a sede. Eu *não quero*! Por favor, Joshua, deixe-me ir com você!

Abner Marsh podia ver a dor dela, e de repente a mulher não lhe pareceu mais um deles, mas apenas uma mulher, uma mulher humana implorando ajuda. — Deixe-a vir conosco, Joshua.

— Vista-se, então — disse Joshua York. — *Depressa*. Ponha alguma roupa do senhor Framm. É mais pesada que a sua e vai cobrir melhor sua pele.

— Certo — disse ela. Valerie tirou a camisola e revelou um corpo branco esbelto, seios fartos e empinados, pernas fortes. Tirou de uma gaveta uma das camisas de Framm e vestiu-a. Em menos de um minuto estava pronta: calças, botas, colete, casaco e um chapéu meio amarrotado. Tudo era maior que ela, mas não parecia tolher seus movimentos.

— Vamos — Marsh vociferou.

Billy e Toby carregaram Framm, um de cada lado. O piloto ainda estava inconsciente, e foi arrastando as botas pelo convés enquanto eles seguiam rápido para a escada. Marsh vinha logo atrás dos dois, com a mão segurando a faca que ele enfiara pelo seu cinto, escondida pela dobra de seu casaco. Valerie e Joshua guardavam a retaguarda.

O salão principal estava cheio de passageiros e alguns deles olharam com curiosidade, porém ninguém disse nada. Embaixo, no convés principal, tiveram que passar no meio de peões que dormiam, mas Marsh não reconheceu nenhum daqueles homens. Quando estavam perto do bote de sondagens, dois homens se aproximaram. — Onde vocês vão? — um deles perguntou.

— Não é da sua conta — disse Sour Billy. — Estamos levando o Framm aqui até um médico. Parece que ele não está se sentindo bem. Vocês dois aí ajudem a colocá-lo no bote.

Um dos homens hesitou, olhando fixamente para Valerie e Joshua. Claramente, era a primeira vez que ele os via de dia. — O Julian está sabendo disso? — perguntou ele. Marsh notou que outras pessoas observavam lá de cima do convés principal. Ele segurava firme a faca, pronto para abrir a garganta de Sour Billy se ele dissesse uma palavra errada.

— Você está me desafiando, Tim? — perguntou Billy friamente. — Talvez fosse melhor você lembrar do que aconteceu com o George Jacaré. Agora, vamos lá, faça o que eu mandei!

Tim encolheu os ombros e obedeceu. Outros três correram para ajudá-lo e num piscar de olhos o bote estava na água ao lado do vapor, e Karl Framm havia sido baixado até ele. Joshua ajudou Valerie a descer e Toby saltou no bote depois deles. O convés agora estava cheio de peões curiosos. Abner Marsh chegou bem perto de Sour Billy Tipton e cochichou: — Você foi muito bem até aqui. Agora entre no bote.

Sour Billy olhou para ele. — Você disse que iria me deixar aqui — disse Billy.

— Eu menti — disse Marsh. — Você fica conosco até a gente ir embora.

Sour Billy recuou. — Não — disse ele. — Você simplesmente vai me matar. — Ele levantou o tom de voz. — *Peguem todos eles!* — gritou. — Eles tinham me aprisionado, agora estão fugindo, *peguem todos eles*! — Billy recuou até ficar fora do alcance de Marsh. Este xingou e puxou a faca, mas já era tarde; todos os peões e estivadores vinham agora em sua direção. Alguns já estavam com facas na mão. — Matem o capitão! — gritava Sour Billy. — Chamem o Julian, peçam ajuda, matem todos eles!

Marsh agarrou a corda que prendia o bote ao vapor, partiu-a com um golpe rápido de faca e atirou a lâmina na direção da boca tagarela de Billy. Mas errou a pontaria, e Sour Billy também deu um jeito de se esquivar. De repente, alguém agarrou a manga do casaco de Marsh. Ele acertou-lhe um murro no rosto e o fez cair contra os homens que estavam atrás. O bote já deslizava com a corrente agora. Marsh correu para tentar entrar nele antes que ficasse fora do seu alcance. Joshua gritava para ele se apressar, mas outro peão o agarrou pelo pescoço e puxou-o de volta com força. Abner Marsh saiu dando pontapés furiosos, mas o homem

continuou agarrando firme e o bote continuava se afastando mais, corrente abaixo, com Joshua gritando, e então Marsh achou que tudo havia terminado para ele. Mas aí o cutelo de Toby Lanyard passou zunindo pela sua orelha, arrancando-lhe uma fina fatia ao passar, e o braço em volta do seu pescoço caiu; Marsh sentiu o sangue jorrar em seu ombro. Ele se atirou para a frente na direção do bote e conseguiu vencer a metade da distância, caindo pesadamente na água, de barriga. Isso o fez perder todo o ar dos pulmões, e o frio da água foi um choque. Abner Marsh debateu-se com mãos e pernas e acabou engolindo água e lama do rio antes de conseguir voltar à superfície. Viu então o bote indo embora rapidamente, corrente abaixo, e foi nadando atrás dele. Uma pedra ou uma faca, ou algum objeto, caiu um metro à frente dele, mas Toby já havia posicionado os remos e desacelerava o bote um pouco; Marsh alcançou-o e jogou um braço dentro dele. Quase fez a embarcação tombar ao tentar subir nela, mas Joshua segurou-o, puxou-o para dentro e, antes que se desse conta, Marsh já estava deitado no fundo do bote, cuspindo água pela boca. Quando se aprumou, estavam a uns vinte metros do *Fevre Dream* e movendo-se com rapidez, auxiliados pela correnteza do rio. Sour Billy Tipton conseguira uma pistola de alguém e estava em pé no castelo de proa atirando na direção deles, mas não acertou ninguém.

— Maldito — disse Marsh. — Devia tê-lo matado, Joshua.

— Se o tivesse feito, nunca teríamos conseguido escapar.

Marsh franziu o cenho. — Droga. Talvez não. Mas quem sabe teria valido a pena mesmo assim. — Ele olhou em volta do bote. Toby remava e parecia estar precisando muito de ajuda. Marsh pegou o outro remo. Karl Framm continuava sem sentidos. Marsh ficou imaginando quanto sangue Valerie deveria ter tirado dele. A própria Valerie não parecia lá muito bem. Aconchegada nas roupas de Framm, o chapéu enterrado fundo para cobrir o rosto, parecia murchar com a luz do sol. Sua pele pálida já se mostrava vagamente rósea e aqueles seus grandes olhos violeta pareciam agora pequenos, turvos e doloridos. Marsh quase não acreditava que tinham conseguido, afinal, escapar. Enfiou o remo na água e começou a fazer força. Seu braço doía, sua orelha sangrava e o sol brilhava e subia no horizonte.

28

No rio Mississippi, outubro de 1857

Abner Marsh não remava um bom bote há mais de vinte anos. Eram só ele e Toby remando: um trabalho dos infernos, mesmo indo a favor da corrente. Meia hora depois, seus braços e costas queixavam-se desesperadamente. Marsh resmungava, mas continuava remando. O *Fevre Dream* estava agora fora da sua visão, desaparecido atrás deles. O sol subia no céu e o rio ficara bem largo. Parecia ter quase uma milha de largura.

— Está doendo — disse Valerie.

Joshua York disse: — Cubra-se direito.

— Estou *ardendo* — disse ela. — Nunca imaginei que fosse assim. — Ela ergueu a cabeça para olhar o céu e encolheu-se assustada. Marsh ficou atônito ao ver a intensa vermelhidão do rosto dela.

Joshua York começou a se aproximar de Valerie e parou de repente, parecendo hesitar. Protegeu os olhos com a mão e deu um longo suspiro. Então, com cuidado, chegou mais perto. — Sente à minha sombra — disse ele. — Enterre bem o chapéu.

Valerie enrolou-se toda no fundo do barco, praticamente no colo de Joshua. Ele inclinou-se e ajeitou a gola do casaco dela de uma maneira estranhamente carinhosa, e então deixou sua mão pousada sobre a parte de trás da cabeça dela.

Naquela altura do rio, Marsh notou, as margens haviam sido tosadas de qualquer árvore, exceto por algumas fileiras de mudas novas de arbustos ornamentais. Havia, porém, campos cuidadosamente cultivados de ambos os lados, planos e infindáveis, interrompidos aqui e ali pelo esplendor de alguma casa de fazenda em estilo *revival* grego, com sua cúpula erguendo-se acima do tranquilo e amplo rio. À frente, na margem ocidental, uma pilha de bagaço, refugo de cana-de-açúcar, queimava lentamente e mandava aos céus uma coluna de fumaça cinza acre. Era uma pilha da altura de uma casa e a fumaça se espalhava como um manto sobre o rio. Marsh não distinguiu chamas. — Talvez a gente pudesse parar — disse para Joshua. — Há fazendas por toda a nossa volta.

Joshua fechara os olhos. Ele os abriu quando Marsh falou: — Não. Estamos muito perto ainda. Precisamos abrir uma distância maior deles. Billy pode estar vindo atrás da gente a pé, pela margem, e quando a noite cair… — Ele deixou de dizer o resto.

Abner Marsh só resmungava e remava. Joshua fechou os olhos de novo e puxou seu chapéu de aba larga para baixo.

Por mais de uma hora eles desceram o rio em silêncio, acompanhados apenas pelo ruído

das batidas dos remos na água e pelo canto ocasional de algum pássaro. Toby Lanyard e Abner Marsh remavam, Joshua e Valerie continuavam agachados juntos, como se estivessem dormindo, e Karl Framm jazia estatelado debaixo de um cobertor. O sol continuava a se erguer no céu. Era um dia frio, ventoso, mas sem nuvens. Marsh sentiu-se grato pelos fazendeiros e suas grandes pilhas fumacentas de bagaço de cana junto às margens, pois a cortina cinza que pairava no ar das suas fogueiras proporcionava a única sombra disponível ao pessoal da noite.

Uma hora, Valerie soltou um grito, como se passasse por uma dor terrível. Joshua abriu os olhos e curvou-se em cima dela, acariciando seu longo cabelo preto e cochichando em seu ouvido. Valerie choramingava. — Achei que você fosse o enviado, Joshua — disse ela. — O Rei Pálido. Pensei que você havia chegado para mudar tudo, para nos resgatar. — O corpo dela tremia todo enquanto ela tentava falar. — A cidade, meu pai me falou sobre a cidade. Ela existe, Joshua? A Cidade Escura?

— Silêncio — disse Joshua York. — Fique em silêncio. Senão você vai enfraquecer ainda mais.

— Mas ela existe? Achei que você fosse nos levar de volta para casa, querido Joshua. Sonhei com isso. Estava tão cansada de tudo. Achei que você tivesse vindo para nos salvar.

— *Quieta* — disse Joshua. Ele tentava ser firme, mas sua voz era triste e cansada.

— O Rei Pálido — ela sussurrou. — Que veio nos salvar. Achei que você tinha vindo nos salvar.

Joshua York deu um beijo de leve nos seus lábios inchados, cheios de bolhas. — E eu vim — disse ele amargamente. E então colocou seus dedos nos lábios dela para aquietá-la, e fechou os olhos de novo.

Abner Marsh remava; enquanto o rio corria à volta deles, o sol batia em suas cabeças e o vento soprava fumaça e cinzas pela água. Às vezes, alguma cinza atingia seu olho, e Marsh praguejava e esfregava o olho até ficar vermelho e inchado, parando, então, de lacrimejar. A essa altura, seu corpo todo era uma imensa massa de dor.

Depois de umas duas horas rio abaixo, Joshua começou a falar, sem abrir os olhos, com uma voz densa de dor.

— Ele é doido, você sabe — disse. — É verdade. Bebeu meu sangue, noite após noite. O Rei Pálido, sim. Eu achei que fosse, achei que fosse o Rei Pálido… mas Julian me dominou, uma vez, outra e mais outra, e eu me submeti. Os olhos dele, Abner, você viu os olhos dele. Trevas, trevas profundas. E antigas. Achei que ele fosse mau, forte e inteligente. Mas descobri que não. Julian não é… Abner, ele é louco, de verdade. Antes, talvez ele fosse tudo o que eu imaginei, mas agora… é como se ele dormisse. Às vezes, acorda por um breve tempo e dá para imaginar como ele deve ter sido. Você o viu, Abner, naquela noite no jantar; viu Julian animado, desperto. Mas a maior parte do tempo… Abner, ele não tem o menor interesse pelo barco, pelo rio, pelas pessoas e pelas coisas que acontecem à sua volta. É o Sour Billy que comanda o *Fevre Dream*, que planeja os esquemas para manter meu pessoal seguro. Julian raramente dá ordens, e quando o faz são arbitrárias, até estúpidas. Ele não lê, não conversa, não joga xadrez. Come com indiferença. Acho que nem saboreia a comida. Desde que assumiu o *Fevre Dream*, Julian caiu em algum sonho sombrio. Passa a maior parte do tempo no seu camarote, no escuro, sozinho. Foi Billy quem percebeu o seu vapor nos seguindo, não Julian. No início, achei que ele era mau, um rei tenebroso levando seu povo à ruína; mas,

observando-o… ele já está arruinado, oco, vazio. Ele se banqueteia com a vida do seu pessoal porque não tem vida própria, nem sequer um nome que seja seu de verdade. Uma vez fiquei imaginando o que ele devia ficar pensando, sozinho, todos aqueles dias e noites no escuro. Agora sei que não pensa nada. Talvez sonhe. E, nesse caso, acho que sonha com a morte, com o fim. Ele fica naquele camarote, vazio como um túmulo, e só sai dele quando sente o aroma de sangue. E as coisas que ele faz… é mais do que mera impulsividade. Fica cortejando a própria destruição, a revelação da sua verdadeira identidade. Deve desejar um fim, um descanso, acredito eu. Ele é muito velho. Deve estar tremendamente cansado.

— Ofereceu-me uma refeição — disse Abner Marsh. Sem interromper suas penosas remadas. Marsh contou então sua conversa com Damon Julian.

— Você captou a verdade em parte, Abner — disse Joshua quando o capitão terminou. — Sim, ele teria adorado corrompê-lo, como uma maneira de me insultar. Mas isso não explica tudo. Você poderia ter concordado, sem revelar suas verdadeiras intenções. Poderia ter mentido e aguardar então uma oportunidade para tentar matá-lo. Acho que Julian contava com isso. Ao trazer você a bordo, quis brincar com a própria morte.

Marsh bufou. — Se ele quer mesmo morrer, podia cooperar mais.

Joshua abriu os olhos. Estavam pequenos e pesados. — Quando o perigo fica real e bem próximo, isso faz com que ele acorde. O animal dentro dele… o animal é velho, descuidado e cansado, mas quando acordado ele luta desesperadamente para viver… é forte, Abner. E velho. — Joshua deu uma risada fraca, uma risada amarga, sem humor. — Depois daquela noite… depois que tudo deu errado… Eu perguntei a mim mesmo, repetidas vezes, como é que foi possível acontecer. Julian esvaziou um copo cheio do meu… da minha poção… devia ter sido suficiente, devia ter aplacado a sede vermelha, devia ter… Eu não entendi… sempre funcionara antes, sempre, mas não funcionou com Julian… com ele, não. No início, achei que era por causa da sua força, do poder dele, do mal. Depois… depois, uma noite ele viu a dúvida nos meus olhos, e riu e me contou. Abner, você lembra… quando lhe contei minha história… que, quando era bem jovem, a sede não me afetava? Se lembra disso?

— Lembro.

Joshua assentiu fracamente. A pele do seu rosto estava toda esticada, vermelha e parecendo esfolada. — Julian é velho, Abner, muito velho. A sede… ele não sente a sede há muitos anos… centenas, milhares de anos… foi por isso que a bebida… não produziu efeito. Eu não sabia, nenhum de nós sabia. Você pode sobreviver à sede, e ele… ele não tinha sede…, mas se nutria, porque tinha *escolhido* isso, por causa daquelas coisas que ele mencionou aquela noite, você deve se lembrar, a força e a fraqueza, mestres e escravos, todas aquelas coisas que ele disse. Às vezes eu penso… a humanidade dele é totalmente vazia, uma máscara… ele é apenas um velho animal, tão antigo que perdeu até o gosto pela comida, mas continua caçando mesmo assim, porque é a única coisa que consegue lembrar, é tudo o que ele é, um animal. As lendas da sua raça, Abner, suas histórias sobre vampiros… os mortos-vivos, os semimortos, nós temos esses nomes nas suas histórias. Julian… acho que com Julian isso é verdadeiro. Até sua sede foi embora. Morto-vivo. Frio e vazio.

Abner Marsh estava tentando elaborar um comentário sobre o termo “morto-vivo”, que lhe permitisse apagar o “morto” da expressão usada para descrever Damon Julian, quando Valerie de repente se aprumou no bote. Marsh estacou no meio da remada. Sob o chapéu de feltro amarrotado, a pele de Valerie estava em carne viva, como uma ferida aberta, cheia de

bolhas e esticada, com uma cor além do vermelho, próxima daquele roxo com manchas mais escuras de uma contusão ensanguentada. Seus lábios haviam rachado e ela os abria num sorriso insano que revelava seu longos dentes brancos. O branco de seus olhos havia tomado seus olhos inteiros; parecia cega e louca. — Como dói! — ela gritou, erguendo suas mãos vermelhas como garras de lagosta acima da cabeça, como se tentasse bloquear o sol. Então seus olhos varreram o bote como dardos e pousaram na figura de Karl Framm, respirando suavemente, e ela se arrastou até ele, com a boca aberta.

— Não — gritou Joshua York. Ele se atirou em cima dela e puxou-a de lado antes que os dentes dela se fechassem na garganta de Framm. Valerie se debateu loucamente, gritando. Joshua imobilizou-a. Ela ficou batendo os dentes sem parar, até ferir os lábios. Sua boca pingava uma mistura espumosa de saliva e sangue. Mas, por mais que lutasse, a força de Joshua York era bem maior que a dela. Por fim, ela pareceu desistir de lutar. Tombou pesadamente para trás, com os olhos brancos, cegados, olhando fixamente para o sol.

Joshua embalou-a em seus braços, desesperado. — Abner — disse ele —, a linha chumbada. Aqui embaixo, eu a escondi ontem à noite, quando eles saíram atrás de você. Por favor, Abner.

Marsh parou de remar e foi atrás da linha chumbada, uma corda de dez metros usada para sondar a profundidade, com chumbo preso à sua extremidade. Debaixo da corda enrolada, Marsh encontrou o que Joshua queria; uma garrafa de vinho sem rótulo, mais de três quartos cheia. Ele passou a garrafa para York, que tirou a rolha e enfiou-a nos lábios inchados e rachados de Valerie. A bebida pingou pelo seu queixo e a maior parte dela acabou ensopando sua camisa, mas Joshua conseguiu que um pouco entrasse pela boca. Pareceu ajudar. De uma hora para outra, Valerie começou a beber da garrafa avidamente, como um bebê sugando um seio. — Calma — disse Joshua York.

Abner Marsh afastou a linha chumbada de lado e franziu o cenho. — É a única garrafa? — perguntou.

Joshua York assentiu. O seu rosto também parecia escaldado agora, como o rosto do segundo oficial que Marsh vira aquela vez, perto demais de uma tubulação de vapor quando esta explodiu. Cheio de bolhas e rachaduras. — Julian guardou meu suprimento no camarote dele, e só me passava uma garrafa por vez. Eu não me atrevi a reclamar. Volta e meia ele brincava com a ideia de destruir todas elas. — Ele puxou a garrafa de Valerie. Estava agora entre um quarto e meia garrafa. — Eu pensei… pensei que seria suficiente, até que eu pudesse fazer um pouco mais. Não imaginei que Valerie viria conosco. — Sua mão tremia. Ele suspirou, levou a garrafa aos lábios, e deu um longo e profundo gole.

— *Dói* — queixou-se Valerie. Ela se enrolou de novo, mais tranquila, o corpo tremendo, mas agora com o surto já claramente superado.

Joshua York devolveu a garrafa a Marsh. — Guarde, Abner — disse ele. — Precisa durar. Temos que racioná-la.

Toby Lanyard parara de remar e olhava para eles. Karl Framm agitou-se de leve no fundo do bote. Este deslizava com a correnteza, e logo adiante Marsh viu a fumaça de um vapor que subia o rio. Pegou um remo. — Vamos até a margem, Toby — disse ele. — Vamos. Vou fazer sinal para que esse maldito barco que vem chegando pare. Precisamos nos enfiar num camarote.

— Sim, senhor capitão — disse Toby.

Joshua colocou a mão na testa e hesitou. — Não — disse baixinho. — Não, Abner, não é bom. Perguntas. — Ele tentou ficar em pé e cambaleou, caindo de joelhos. — Queimaduras — ele disse. — Não. Ouça. O barco não, Abner. Vamos em frente. Uma cidade, vamos chegar a uma cidade. Ao escurecer… Abner?

— Diabos — disse Abner Marsh —, você ficou aqui fora talvez umas quatro horas, e olhe para você. Olhe para ela. E ainda não é meio-dia. Vocês dois vão fritar se não entrarmos em algum lugar.

— Não — disse York. — Eles vão fazer perguntas, Abner. Você não pode…

— Cale sua maldita boca — disse Marsh, voltando a dedicar suas doloridas costas ao remo. O bote seguiu pelo rio. O vapor vinha na direção deles, com os estandartes tremulando ao vento, um punhado de passageiros perambulando pelo passadiço. Quando chegaram mais perto, Marsh viu que era um barco de New Orleans, um vapor de rodas-d'água laterais chamado *H. E. Edwards*. Ele acenou com um remo para o barco e gritou, enquanto Toby remava e o bote girava. Nos conveses do barco, os passageiros acenavam de volta e apontavam. O barco emitiu um apito curto, impaciente, e Abner Marsh virou a cabeça e viu outro vapor, rio abaixo, ainda um ponto branco a distância. Seu coração ficou apertado. Eles estavam apostando corrida, ele sabia, e não havia vapor no mundo que fosse parar no meio de uma corrida por causa de um bote com gente acenando.

O *H. E. Edwards* passou por eles a toda velocidade, com as pás das rodas-d'água batendo tão forte que a esteira os jogou daqui para lá como se estivessem numa corredeira. Abner Marsh xingou, vociferou e brandiu seu remo lançando ameaças. O segundo barco aproximou-se e passou ainda mais rápido, com suas chaminés soltando um rastro de fagulhas. Ficaram lá no bote deslizando no meio do rio, com campos vazios por toda a volta, o sol na cabeça e uma pilha de bagaço queimando rio abaixo, mandando para o alto um pilar cinza de fumaça. — Atracar — disse Marsh para Toby, e foram até a margem oeste. Quando a alcançaram, ele saltou para puxar o bote e ficou em pé, com lama até os joelhos. Mesmo na maldita praia, pensou ele ao olhar em volta, não havia uma sombra sequer, nenhuma árvore para abrigá-los do sol impiedoso. — Desça daí — gritou Marsh para Toby Lanyard. — Precisamos trazê-los até a margem — disse. — Depois vou arrastar o maldito bote e virá-lo de cabeça para baixo, para colocá-los debaixo dele. — Toby assentiu. Primeiro trouxeram Framm para a margem, depois Valerie. Quando Marsh a segurou por debaixo dos braços e ergueu-a, ela estremeceu violentamente. O rosto dela tinha um aspecto tão deplorável que ele ficou como medo de encostar a mão, achando que poderia arrancar-lhe um pedaço.

Quando voltaram para pegar Joshua, ele já estava fora do barco. — Vou ajudar — disse ele. — É muito pesado. — Ele já estava inclinado contra a lateral do bote.

Marsh fez um sinal a Toby e os três empurraram o barco para fora do rio. Não foi fácil. Abner Marsh colocou toda a sua força. A lama junto à margem, úmida e pegajosa, contrapunha-se ao esforço deles. Sem Joshua, talvez nunca tivessem conseguido tirá-lo do rio. Mas finalmente conseguiram erguê-lo da escarpa até o campo. Virá-lo até que foi fácil. Marsh pegou Valerie de novo por baixo dos braços e arrastou-a até o bote. — Você fique aqui embaixo também, Joshua — disse ele, virando-se. Toby pegou Karl Framm e cuidou dele, derramando um pouco de água do rio nos lábios pálidos do piloto. Joshua não estava em nenhum lugar que pudesse ser visto. Marsh fez uma cara preocupada e deu a volta no bote. Sua calça, empapada e pesada de tanta lama, ficava grudando nas suas pernas. — Joshua — ele

rugiu —, onde diabos você se meteu…

Joshua York havia desabado na margem do rio, sua mão vermelha e queimada agarrada na lama. — *Deus do céu* — rugiu Marsh. — *Toby!*

Toby veio correndo e juntos puxaram York até a sombra. Os olhos dele estavam fechados. Marsh foi buscar a garrafa e despejou um pouco pela garganta de York. — Beba, Joshua, beba. Maldito seja você, de qualquer modo. — Por fim, York começou a engolir. Só parou quando esvaziou a garrafa. Abner Marsh segurou-a então na mão, com cara de preocupação. Virou-a de cabeça para baixo. Uma última gota da bebida particular de Joshua York escorreu e caiu em cima da bota lamacenta de Marsh. — Diabos — disse Marsh. Ele atirou a garrafa vazia no rio. — Fique com eles, Toby — disse. — Vou buscar ajuda. Deve ter alguém aí por perto.

— Sim, senhor capitão Marsh — replicou Toby.

Marsh atravessou o campo. A cana havia sido plantada. Os campos eram extensos e desertos, mas no alto de um monte Marsh viu um leve vestígio de fumaça. Foi andando naquela direção, esperando que fosse uma casa e não outra maldita pilha de bagaço queimando. Vã esperança, mas, alguns minutos depois da pilha ardendo, viu um grupo de escravos trabalhando nos campos e chamou-os, desatando a correr. Eles o levaram até a casa da fazenda, onde ele contou ao capataz a triste história da explosão da caldeira, que havia feito afundar seu barco e matado todo mundo, exceto uns poucos que haviam conseguido subir no bote de sondagem. O homem assentiu e chamou o fazendeiro. — Estou com duas pessoas muito queimadas — disse Marsh. — Precisamos tomar providências urgentes. — Minutos mais tarde, ataram dois cavalos a uma carroça e partiram pelos campos.

Quando chegaram ao bote virado, Karl Framm estava em pé, parecendo zonzo e fraco. Abner Marsh saltou da carroça gesticulando. — Vamos andando — disse aos homens que tinham vindo com ele —, os dois queimados estão debaixo do bote. Vamos levá-los rápido para dentro. — Ele virou-se para Framm. — Tudo certo, senhor Framm?

Framm deu um sorriso forçado. — Já estive melhor, capitão — disse ele —, mas também já estive bem pior.

Dois homens carregaram Joshua York até a carroça. Seu casaco branco estava manchado de lama e vinho, e ele não se mexia. O terceiro homem, filho mais novo do fazendeiro, saiu engatinhando de sob o bote e limpou as mãos na calça, com cara de preocupação. Parecia um pouco enjoado. — Capitão Marsh — disse ele. — Aquela mulher que o senhor colocou ali debaixo morreu das queimaduras.

29

Fazenda Gray, Louisiana, outubro de 1857

Dois empregados tiraram Joshua York da carroça, carregaram-no para dentro e depois subiram a escadaria larga e curva até o dormitório. — Arrumem um quarto bem escuro! — gritou Abner Marsh para os dois. — E fechem as malditas cortinas, estão ouvindo? Não quero que a maldita luz do sol entre lá dentro. — Ele virou-se para seus companheiros, enquanto o fazendeiro, seus filhos e mais uns dois escravos voltavam lá fora para cuidar do cadáver de Valerie. Framm estava com um braço apoiado no ombro de Toby para conseguir se manter em pé. — E o senhor ponha um pouco de comida para dentro, senhor Framm — disse Marsh.

O piloto assentiu.

— E lembre-se do que aconteceu. Estávamos no *Eli Reynolds* e sua caldeira explodiu. Matou todo mundo, só sobrou a gente. Afundou e sumiu de vez, um bom trecho rio acima, onde o rio é bem fundo. Isso é tudo o que o senhor sabe, entendeu? Pode deixar que o resto eu conto.

— É mais do que eu sabia — disse Framm. — Como diabos eu cheguei até aqui?

— Não se preocupe com isso. Lembre-se só do que eu lhe falei. — Marsh virou e subiu a escadaria enquanto Toby ajudava Framm a se acomodar numa poltrona.

Haviam deitado Joshua York numa cama larga com dossel e estavam despindo-o quando Marsh entrou. O rosto e as mãos de Joshua eram o pior, horrivelmente queimados, mas até mesmo debaixo de sua roupa a pela branca havia avermelhado um pouco. Ele se mexeu de leve quando puxaram suas botas, e gemeu. — Meu Deus, esse homem queimou feio mesmo — um dos escravos disse, balançando a cabeça.

Marsh fez uma careta e foi até as janelas, que estavam escancaradas. Fechou-as. — Vão buscar um cobertor ou algo assim — ordenou —, para pendurar aqui. Tem luz demais. E fechem também o cortinado do dossel. — Sua fala era o vozeirão de um capitão de navio, e não dava margem a contra-argumentos.

Só quando o quarto ficou o mais escuro que Marsh conseguiu deixá-lo, e uma negra, magra e cansada, subiu para tratar das queimaduras de York com ervas, pomadas e toalhas molhadas, é que Abner Marsh saiu. No andar de baixo, o fazendeiro — um homem grande, de rosto inexpressivo e mandíbula quadrada, que se apresentou como Aaron Gray — e dois de seus filhos estavam sentados à mesa com Karl Framm. O aroma de comida fez Marsh lembrar que fazia muito tempo que não comia. Estava esfomeado. — Junte-se a nós, capitão — disse Gray, e Marsh, feliz da vida, puxou uma cadeira e deixou que empilhassem frango frito, pão de

milho, ervilhas e batatas no seu prato.

Joshua estava certo quanto às perguntas, refletiu Marsh, enquanto devorava a comida. Os Gray fizeram uma centena delas, e Marsh respondeu da melhor maneira que pôde, quando sua boca não estava cheia de comida. Framm pediu licença para se retirar quando Marsh já estava repetindo o prato — o piloto ainda tinha um aspecto deplorável — e deixou-se levar até uma cama. Quanto mais perguntas Marsh respondia, menos confortável se sentia. Não era bom em mentir como alguns homens do rio que ele conhecia, e isso se tornava mais evidente a cada maldita palavra que ele pronunciava. No entanto, bem ou mal, ele conseguiu levar as coisas até o fim da refeição, mas percebeu que Gray e seu filho mais velho estavam olhando para ele meio embasbacados quando ele terminou a sobremesa.

— O seu negro está ótimo — o segundo filho disse quando saíram da mesa —, e Robert saiu para ir buscar o doutor Moore, para cuidar dos outros dois. Sally vai tomar conta deles enquanto isso. Não se preocupe, capitão. Talvez queira descansar um pouco, também. Passou por um monte de coisas, perdeu o barco e todos os seus amigos.

— Sim — disse Abner Marsh. Nem bem a sugestão foi feita e Marsh se sentiu incrivelmente cansado. Não dormia há umas trinta horas. — Eu realmente adoraria dormir um pouco — disse.

— Leve-o até um dos quartos, Jim — disse o fazendeiro. — E, senhor capitão, o Robert vai chamar o agente funerário também. Para aquela pobre mulher. Uma tragédia, não é? Como disse que era o nome dela?

— Valerie — disse Marsh. Nem que o matassem conseguiria lembrar seu sobrenome, por isso improvisou: — Valerie York.

— Ela terá um bom enterro cristão — disse Gray —, a não ser que queira levá-la para a família dela. Prefere?

— Não — disse Marsh —, está bem assim.

— Muito bem, Jim, leve o capitão Marsh para cima. Coloque-o perto daquele pobre amigo queimado dele.

— Sim, papai.

Marsh nem se deu ao trabalho de olhar o quarto que lhe haviam dado. Dormiu feito um tronco.

Quando acordou, já estava escuro.

Marsh sentou na cama, sentindo-se enrijecido. Aquelas horas remando cobravam seu preço. Suas juntas estalavam quando ele se mexia, tinha uma cãibra terrível nos ombros e parecia que seus braços tinham sido espancados por alguém com um imenso porrete de madeira. Gemeu e deslizou devagar até a beirada da cama, colocando seus pés descalços no chão. Quando foi até a janela para abri-la e deixar entrar um pouco do ar fresco da noite, cada passo que dava enviava-lhe dores pelo corpo inteiro. Lá fora havia um pequeno balcão de pedra, e depois dele uma fileira de árvores e os campos, desolados e vazios sob a luz do luar. A distância, Marsh divisou o brilho tênue do bagaço queimando, ainda soltando no ar seu véu de fumaça. Depois, apenas o brilho tênue do rio.

Marsh sentiu um calafrio, fechou e janela e voltou para a cama. Agora estava frio no quarto, então puxou o cobertor e virou de lado. A luz do luar criava sombras por toda a parte, e os móveis, todos estranhos para ele, ficaram mais estranhos ainda sob aquela luz esmaecida. Não conseguiu mais dormir. Viu-se pensando em Damon Julian e no *Fevre Dream*, preocupado

se o navio ainda estaria onde eles o haviam deixado. Pensou também em Valerie. Ele dera uma boa olhada nela quando a puxaram de debaixo do bote, e não fora uma visão muito agradável. Ninguém diria que ela havia sido bonita, alva, graciosa e sensual, com aqueles incríveis olhos violeta. Abner Marsh sentiu pena dela, e achou que isso era estranho da parte dele, já que tinha sido apenas na noite anterior, por volta daquela mesma hora, que ele tentara matá-la com aquele seu rifle de búfalos. O mundo era um lugar terrivelmente estranho, pensou, onde tantas coisas podiam mudar no intervalo de um dia.

Por fim, dormiu de novo.

— *Abner* — alguém sussurrou, perturbando seus sonhos. — *Abner* — dizia a voz, chamando-o —, *deixe-me entrar*.

Abner Marsh sentou de repente. Joshua York estava em pé no seu balcão, batendo no vidro da janela com sua mão pálida e escoriada.

— Já vou — disse Marsh. Ainda estava escuro lá fora e não se ouvia nenhum barulho pela casa. Joshua sorriu e Marsh desceu da cama e foi caminhando até ele. O rosto de York estava cheio de fendas, fissuras e crostas de pele secando. Marsh abriu as portas do balcão e Joshua entrou, vestindo seu triste casaco branco, agora todo manchado e amarrotado. Só depois que ele entrou no quarto é que Abner Marsh lembrou da garrafa vazia que atirara no rio. De repente, deu um passo para trás. — Joshua, você não… não está com *sede*… não é?

— Não — disse Joshua York. Sua capa cinza moveu-se e tremulou ao vento que entrava pela porta aberta do balcão. — Não quis quebrar a fechadura ou o vidro. Não tenha medo, Abner.

— Você está melhor — constatou Marsh, examinando-o. Os lábios de York ainda estavam rachados, seus olhos continuavam encovados em olheiras de um roxo bem escuro, mas havia melhorado muito. Ao meio-dia, parecia morto.

— Sim — disse Joshua. — Abner, eu vim para avisar que estou indo embora.

— O quê?— Marsh ficou perplexo. — Você não pode ir.

— Preciso, Abner. Eles me viram, seja lá quem for o dono dessa fazenda. Tenho uma vaga memória de ter sido tratado por um médico. Só que amanhã já estarei curado. E, então, o que é que eles vão pensar?

— Sim, mas o que irão pensar também quando forem levar o café da manhã e você não estiver mais lá? — disse Marsh.

— Sem dúvida, vão ficar confusos, mas mesmo assim será mais fácil lidar com isso. Você pode se mostrar tão chocado quanto eles, Abner. Diga-lhes que talvez eu tenha saído vagando por aí, com febre. Eles não vão mais me encontrar.

— Valerie está morta — disse Marsh.

— Sim — disse Joshua. — Tem uma carroça aí fora com um caixão dentro. Imaginei que devia ser para ela. — Ele suspirou e balançou a cabeça. — Eu fracassei com ela. Eu fracassei com todo o meu povo. Nunca devíamos tê-la trazido.

— Ela fez sua escolha — disse Marsh. — Pelo menos, ficou livre *dele*.

— Livre — disse Joshua York com amargura. — Mas será que é essa a liberdade que eu vim trazer ao meu povo? Que belo presente. Por um tempo, antes de Damon Julian entrar na minha vida, ousei sonhar que Valerie e eu poderíamos ser amantes algum dia. Não do jeito do meu próprio povo, inflamados pelo sangue, mas com uma paixão nascida da ternura, do afeto e do desejo mútuo. Chegamos a conversar a respeito. — Fez uma torção de boca, em

autorrecriminação. — Ela acreditou em mim. E eu a matei.

— Acreditou mesmo — disse Marsh. — No final, ela disse que o amava. Ela não precisava vir conosco. Mas foi ela que quis. Todos nós temos que escolher. Acho que ela fez a escolha certa. Era uma mulher terrivelmente bonita.

Joshua York estremeceu. — *Ela que, como a noite, anda em graça* — disse ele bem baixinho, olhando para baixo, para o seu punho fechado. — Às vezes, eu me pergunto se algum dia chegará a vez da minha raça, Abner. As noites são cheias de sangue e terror, mas os dias são impiedosos.

— Para onde você vai? — perguntou Marsh.

Joshua assumiu um ar carrancudo. — De volta.

Agora foi a vez de Marsh fazer cara feia. — Você não pode.

— Não tenho outra escolha.

— Você acabou de *fugir* de lá — disse Marsh, inflamado. — Depois de tudo o que passamos para nos livrar, você não pode simplesmente voltar. Espere. Esconda-se na floresta, algo assim, vá até alguma cidade. Eu vou dar o fora daqui e a gente se encontra de novo, e planejamos algo para recuperar aquele navio.

— De novo? — Joshua meneou a cabeça. — Há uma história que eu nunca lhe contei, Abner. Aconteceu há muito tempo, durante meus primeiros meses na Inglaterra, quando a sede vermelha ainda me acometia regularmente, fazendo-me sair à procura de sangue. Uma noite, tentei vencê-la e perdi; saí à caça pelas ruas, à meia-noite. Encontrei um casal, um homem e uma mulher, indo apressados a algum lugar. Meu hábito era evitar esse tipo de presa, pegar apenas aqueles que andavam sozinhos, por questões de segurança. Mas a sede me acometera com muita violência, e mesmo a distância pude ver que a mulher era muito bonita. Ela me atraiu como uma chama atrai uma mariposa, e eu fui. Ataquei saindo da escuridão, pus minhas mãos no pescoço do homem e arranquei metade da sua garganta, pelo menos foi o que imaginei. Então empurrei-o e ele caiu. Era um homem enorme. Peguei a mulher nos braços e aproximei os dentes do seu pescoço, sempre com delicadeza. Meus olhos ainda a dominavam, deixando-a em transe. Eu havia saboreado o primeiro fluxo quente de sangue quando fui agarrado por trás e arrancado do seu abraço. Era o homem, o seu companheiro. Eu não o havia matado coisa nenhuma. Seu pescoço era forte, músculos e gordura, e, embora eu o tivesse rasgado e feito sangrar, o homem ainda se mantinha em pé. Ele não disse uma palavra. Apenas posicionou seus punhos como um campeão de boxe e me atingiu bem no meio do rosto. Ele era muito forte. O golpe me atordoou e abriu um corte profundo acima do meu olho. Eu já estava enlouquecido. E ser puxado assim por sua vítima faz você se sentir chocado, zonzo, desorientado. O homem me acertou de novo e eu soltei um golpe com as costas da mão. Ele caiu pesadamente, com o rosto rasgado e um dos olhos meio arrancado da órbita. Eu voltei a me ocupar da mulher, pressionando a boca na ferida aberta nela. E então ele me agarrou de novo. Eu me desvencilhei do seu braço e ao puxá-lo arranquei-o do ombro, e ainda por cima quebrei-lhe uma perna, com um chute. Ele caiu de novo. Dessa vez fiquei olhando. Com muito esforço, ele levantou outra vez, ergueu os punhos e veio para cima de mim. Mais duas vezes eu o derrubei, e mais duas vezes ele se pôs em pé de novo. Por fim, quebrei seu pescoço e ele morreu, e então matei a mulher dele. Mais tarde, não conseguia tirá-lo da cabeça. Ele deve ter se dado conta de que eu não era totalmente humano. Deve ter percebido que, mesmo sendo forte como era, não estava à altura da minha força, da minha agilidade, da minha sede. Eu fora

tomado pela minha própria febre e pela beleza da sua companheira, e não conseguira matá-lo. Ele podia ter fugido, corrido. Podia ter gritado por ajuda. Podia ter ido procurar uma arma. Mas não fez nada disso. Viu sua mulher nos meus braços, viu-me fazendo-a sangrar e tudo o que fez foi levantar e me enfrentar com aqueles seus punhos grandes e estúpidos. Quando tive tempo para refletir, me vi admirando sua força, sua coragem maluca, o amor que ele devia sentir por aquela mulher.

— Mas Abner, exatamente por tudo isso, ele foi *estúpido*. Não conseguiu nem salvar a mulher, nem se salvar. E você me lembra aquele homem, Abner. Julian tirou de você o seu *Fevre Dream* e você só consegue pensar em tê-lo de volta, então você levanta e ergue os punhos e parte para o ataque, e Julian o derruba, e volta a derrubar. Um dia você não conseguirá mais se levantar, se continuar com esses ataques. Abner, desista!

— Que diabos você está dizendo? — perguntou Marsh em tom raivoso. — É Julian e seus vampiros que têm que se preocupar agora. Aquele maldito vapor não vai a lugar algum sem um piloto.

— Eu posso pilotar — disse Joshua York.

— E você vai pilotar?

— Vou.

Marsh ficou zonzo de raiva e sentiu-se traído. — *Por quê?* — perguntou. — Joshua, você não é igual a eles!

— Sim, mas vou ficar igual a eles se não voltar — disse York com gravidade. — A não ser que volte a tomar minha poção, a sede irá me acometer de novo, e ainda mais intensa pelos anos todos em que consegui mantê-la sob controle. E então vou matar, beber e ser como Julian. Da próxima vez que eu entrar num quarto à noite, não vai ser para conversar.

— Volte então! Vá lá buscar sua maldita bebida! Mas não tire o maldito barco do lugar, não até que eu chegue lá.

— Sim, com um monte de homens armados. Com estacas afiadas e ódio em seus corações. Para matar. Não vou permitir isso.

— De que lado você está?

— Do lado do meu povo.

— Do lado de Julian — disparou Marsh.

— Não — disse Joshua York. Ele suspirou. — Ouça, Abner, e tente entender. Julian é o mestre de sangue. Ele os controla, todos eles. Alguns são como ele, corrompidos, maus. Katherine, Raymond e outros, eles o seguem de bom grado. Mas não todos. Você viu Valerie, você ouviu o que ela disse no bote hoje. Eu não estou sozinho. Nossas raças não são tão diferentes assim. Todos nós temos o bem e o mal dentro de nós, e todos sonhamos. Assim, se você atacar o vapor, se você atacar o Julian, eles irão defendê-lo, não importa quais sejam as esperanças que alimentem no seu íntimo. Séculos de inimizade e de medo irão motivá-los. Há um rio de sangue correndo entre o dia e a noite, e ele não pode ser atravessado facilmente. Os que hesitarem, se é que alguém irá hesitar, serão obrigados a tomar partido.

— Se você vier, Abner, você junto com seu povo, haverá mortes. E não é só o Julian. Os outros irão defendê-lo e poderão morrer, e gente do seu povo também.

— Às vezes, é preciso correr esse risco — disse Marsh. — E aqueles que ajudam Julian merecem morrer.

— Será que merecem mesmo? — Joshua pareceu triste. — Talvez sim. Talvez nós todos

tenhamos que morrer. Estamos fora de lugar neste mundo que a sua raça construiu. Sua espécie matou quase todos nós, deixou apenas alguns. Talvez seja tempo de aniquilar também esses últimos sobreviventes. — Ele deu um sorriso de tristeza. — Se é isso o que você quer, Abner, então lembre-se de quem eu sou. Você é meu amigo, mas eles são sangue do meu sangue, meu povo. Eu pertenço a eles. Eu até achei que fosse o rei deles.

Seu tom era tão amargo e desesperado que Abner Marsh sentiu sua raiva indo embora. No lugar instalou-se a compaixão. — Você tentou — disse ele.

— E fracassei. Fracassei com Valerie, com Simon, fracassei com todos que acreditaram em mim. Com você, com o senhor Jeffers e com aquele bebê também. Acho que fracassei até com Julian, de algum modo estranho.

— Não foi culpa sua — insistiu Marsh.

Joshua York deu de ombros, mas havia tristeza em seus olhos cinza. — Passado é passado. Minha preocupação agora é com hoje à noite, amanhã à noite e a noite seguinte. Preciso voltar. Eles precisam de mim, embora talvez não compreendam isso. Preciso voltar e fazer o que for possível, por pouco que seja.

Abner Marsh bufou. — E você me diz para *eu* desistir? Você acha que *eu* é que sou como aquele maldito estúpido que insistiu em atacá-lo? Diabos, Joshua, e *você* então? Quantas vezes o Julian tirou seu sangue até agora? Está me parecendo que você é tão abominavelmente teimoso e estúpido quanto diz que eu sou.

Joshua sorriu. — Talvez — admitiu.

— Inferno — praguejou Marsh. — Mas está bem. Você volta para o Julian como um perfeito idiota. E que diabos espera que eu faça então?

— Que você saia daqui o mais rápido possível — Joshua disse —, antes que nossos anfitriões fiquem mais desconfiados ainda do que estão.

— Já imaginava.

— Acabou, Abner. Não venha nos procurar de novo.

Abner Marsh amarrou a cara. — Inferno.

Joshua sorriu. — Seu maldito estúpido — disse ele. — Bem, procure-nos se quiser. Mas não irá encontrar.

— Veremos.

— Talvez ainda haja esperança para nós. Vou voltar, domar Julian e construir minha ponte entre a noite e o dia, e juntos você e eu iremos superar o *Eclipse*.

Abner Marsh bufou, zombeteiro, mas no íntimo queria acreditar nisso. — Então você tome conta do meu maldito vapor — disse ele. — Nunca houve outro mais rápido, e precisa estar em boa forma quando eu voltar.

Quando Joshua sorriu, a pele seca e morta em volta de sua boca rachou e se desprendeu. Ele levou uma mão ao rosto e puxou o pedaço. A pele se soltou inteira, como se fosse apenas uma máscara que ele estivesse usando, uma máscara feia, cheia de cicatrizes e rugas. Debaixo dela, sua pele estava de cor branco-leite, serena e lisa, pronta para começar de novo, pronta para que o mundo escrevesse nela. York amassou então seu velho rosto com a mão; fragmentos de antigas dores e flocos de pele passaram entre seus dedos e caíram no chão. Ele limpou a mão no casaco e estendeu-a a Abner Marsh. Eles se cumprimentaram.

— Todos temos que fazer escolhas — disse Marsh. — Você me falou isso, Joshua, e estava certo. Essas escolhas nem sempre são fáceis. Algum dia você terá que escolher

também, acho eu. Entre o seu pessoal da noite e… bom, e aquilo que podemos chamar de “o bem”. Fazer o certo. Você sabe o que eu quero dizer. Faça a escolha certa, Joshua.

— E você, Abner. Faça suas próprias escolhas também, com sabedoria.

Joshua York virou as costas, com sua capa tremulando atrás dele, e saiu. Saltou pela balaustrada com graça e projetou-se seis metros abaixo, caindo em pé no chão, como se fosse algo que fizesse todo dia. E pronto, tinha ido embora, tão rápido que pareceu evaporar na noite. Talvez tivesse se transformado numa maldita névoa, pensou Abner Marsh.

Lá longe, no brilho distante que era agora o rio, um vapor fez soar seu apito, um chamado tênue, melancólico, meio perdido, meio solitário. Era uma noite ruim no rio. Abner Marsh sentiu um calafrio e pensou que talvez fosse gear. Fechou as portas do balcão e foi andando de volta para a cama.

30

Anos febris: novembro de 1857 a abril de 1870

A palavra dos dois se cumpriu: Abner Marsh continuou procurando. Mas não conseguiu achar o barco.

Eles partiram da fazenda de Aaron Gray assim que Karl Framm se sentiu forte o suficiente para viajar. Isso foi alguns dias depois de Joshua York ter sumido. Marsh ficou feliz em ir embora. Gray e sua família estavam curiosos demais a essa altura, já que não havia nada nos jornais sobre a explosão de um vapor, nenhum dos seus vizinhos tinha ouvido falar a respeito disso e além do mais havia aquele sumiço inexplicável de Joshua. E Marsh enrolava-se cada vez mais em suas próprias mentiras. Quando ele, Toby e Karl Framm conseguiram subir o rio, o *Fevre Dream* já tinha desaparecido, como ele imaginou que iria acontecer. Marsh voltou a St. Louis.

Durante aquele inverno longo e triste, Marsh continuou sua busca. Escreveu muitas cartas, vagou pelos bares e salões de bilhar da orla do rio e contratou mais alguns detetives. Leu um monte de jornais, encontrou Yoerger, Grove e o resto da tripulação do *Eli Reynolds* e mandou-os para cima e para baixo do rio, com passagens de camarote, para procurar. Tudo isso deu em nada. Ninguém havia visto o *Fevre Dream*. Ninguém tampouco vira o *Ozymandias*. Abner Marsh imaginou que eles deviam ter mudado o nome do barco de novo. Leu cada um dos malditos poemas que Byron e Shelley escreveram na vida, mas dessa vez isso não funcionou. Ele foi tão fundo nisso que acabou decorando alguns poemas e até conheceu outros poetas, mas a única coisa que descobriu por essa via foi um vapor de aspecto patético do Missouri com tração traseira, chamado *Hiawatha*.

Marsh chegou a receber notícias dos seus detetives, mas nada que ele já não imaginasse. O vapor de rodas-d'água laterais *Ozymandias* havia partido de Natchez naquela noite de outubro com quase quatrocentas toneladas de carga, quarenta passageiros de camarote e talvez o dobro de passageiros de convés. O frete nunca foi entregue. Nem o vapor nem os passageiros foram vistos de novo, a não ser em alguns depósitos de lenha logo abaixo de Natchez. Abner Marsh releu aquela carta meia dúzia de vezes, com expressão preocupada. Os tempos do barco estavam bem abaixo do normal, o que significava que Sour Billy estava fazendo um trabalho muito ruim — a não ser que fosse de propósito, para que Julian e seu pessoal da noite pudessem ter bons momentos. Cento e vinte pessoas haviam desaparecido, evaporado. Isso fazia Marsh suar frio. Ele ficou olhando fixamente para a carta e lembrou do que Damon Julian lhe dissera: *Ninguém ao longo deste rio jamais esquecerá o seu* Fevre

Dream.

Durante meses, Abner Marsh foi vítima de terríveis pesadelos. Sonhava com um barco descendo o rio, todo negro, com as luminárias e velas apagadas, os grandes encerados pretos pendurados por toda a volta do convés principal para que nem mesmo o clarão rubro das fornalhas pudesse vazar, um barco escuro como a morte e negro como o pecado, uma sombra movendo-se pela luz da lua e pela neblina, quase invisível, silencioso e rápido. Em seus sonhos o barco não fazia nenhum barulho ao se mover. Figuras brancas esvoaçavam por seus conveses em silêncio e assombravam seu salão principal, e dentro dos camarotes os passageiros se apertavam com medo, até que as portas eram abertas à meia-noite, e então eles começavam a gritar. Uma ou duas vezes o próprio Marsh acordou gritando também, e mesmo nas horas de vigília não conseguia esquecer o barco, seu barco dos sonhos envolto em sombras e gritos, com uma fumaça tão negra quanto os olhos de Julian e um vapor cor de sangue.

Na época em que o gelo já quebrava no alto rio, Abner Marsh foi confrontado com uma difícil escolha. Ele não encontrara o *Fevre Dream*, e a busca o levara à beira da ruína. Seus livros contábeis relatavam uma triste história: seus cofres estavam quase vazios. Era dono de uma companhia de vapores que não dispunha de barcos nem de fundos para mandar construir um barco modesto. Assim, com relutância, Marsh escreveu a seus agentes e detetives e cancelou a busca.

Com o pouco dinheiro que lhe restou, Marsh desceu o rio até o local em que o *Eli Reynolds* ainda descansava no atalho, encalhado. Montaram um novo leme, remendaram como foi possível a roda-d'água e esperaram as cheias de primavera. Elas vieram, o atalho ficou navegável de novo e Yoerger e sua tripulação pajearam o *Reynolds* de volta a St. Louis, onde ele foi equipado com uma roda-d'água nova em folha, um novo motor duas vezes mais potente e uma segunda caldeira. Ganhou até pintura nova e um novo carpete amarelo-vivo no seu camarote principal. Então Marsh colocou-o no comércio de New Orleans, para o qual o barco era pequeno demais, muito desgastado e escassamente equipado, a fim de poder continuar sua busca pessoalmente.

Abner Marsh sabia, mesmo antes de começar, que se tratava de uma causa quase perdida. Só entre Cairo e New Orleans havia mais de mil milhas de rio. Depois, havia o alto Mississippi, para lá de Cairo, até as quedas de St. Anthony. Havia o Missouri, o Ohio, o Yazoo, o rio Vermelho e cerca de cinquenta outros rios secundários e afluentes navegáveis a vapor, a maioria com seus próprios afluentes, para não falar dos pequenos arroios, correntes e atalhos que eram navegáveis em determinadas épocas do ano, se você tivesse um bom piloto. O barco podia estar escondido em qualquer um desses cursos d'água, e, se o *Eli Reynolds* passasse ao largo de um deles sem localizar o outro barco, isso significava começar tudo do zero. Milhares de barcos a vapor percorriam o sistema do rio Mississippi, com novatos entrando no negócio todo mês, o que significava que havia vários nomes para vasculhar nos jornais. Mas Marsh era, acima de tudo, um obstinado. Ele procurava, e o *Eli Reynolds* acabou virando sua casa.

Ele não conseguiu fechar muitos contratos. No trajeto de St. Louis a New Orleans competiam os maiores, mais rápidos e mais luxuosos barcos a vapor do rio, e o *Reynolds*, velho e lento como era, tirava poucos clientes dos grandes vapores de rodas-d'água laterais. — O problema não é só que o seu barco seja lerdo como uma lesma e duas vezes mais feio —

o agente de New Orleans disse a Marsh no outono de 1858, ao avisar que estava arrumando outro emprego. — O problema é você, também, e quero que um raio me parta a cabeça se eu não estiver dizendo a verdade.

— Eu? — rugiu Marsh. — Que diabos você está dizendo?

— As pessoas do rio comentam, o senhor sabe. Elas dizem que o senhor é o dono de barco mais agourento dessas bandas. Dizem que carrega uma espécie de maldição, pior que a maldição do *Drennan Whyte*. Um dos seus vapores teve uma explosão das caldeiras, dizem, e matou todo mundo. Outros quatro foram esmagados por uma geleira. Teve aquele que foi queimado, depois que todo mundo que viajava nele morreu de febre amarela. E o último, dizem que foi o senhor mesmo que o fez encalhar, depois de enlouquecer e acertar seu piloto com um porrete.

— Aquele maldito homem — xingou Marsh.

— Agora, eu lhe pergunto: quem diabos vai querer viajar com um homem azarado desse jeito? Ou mesmo trabalhar para ele? Bem, com certeza, *eu* não vou. Eu não.

O homem que ele contratara para substituir Jonathon Jeffers implorou a Marsh mais de uma vez para que tirasse o *Reynolds* do comércio de New Orleans e o fizesse operar no alto Mississippi ou no Illinois, rios para os quais seria mais adequado. Ou mesmo no Missouri, que era difícil e perigoso, mas muito lucrativo se o seu vapor não fosse reduzido a destroços. Abner Marsh recusou e despediu o homem quando este persistiu. Achava que não havia a menor chance de ele encontrar o *Fevre Dream* nos rios do norte. Além disso, nos últimos meses ele vinha fazendo paradas secretas à noite em certos depósitos de lenha da Louisiana e em ilhas desertas do Mississippi e do Arkansas, pegando escravos fugidos e levando-os para os estados livres do norte. Toby o colocara em contato com um bando chamado ferrovia subterrânea, que fazia todos os arranjos. Abner não simpatizava com as malditas ferrovias e insistia em chamar o grupo de rio subterrâneo, mas sentia-se bem em ajudar, pois para ele equivalia a ferir, de algum modo, Damon Julian. Às vezes, ficava agachado com os fugidos no convés principal e perguntava-lhes sobre o pessoal da noite, sobre o *Fevre Dream* e tudo mais, achando que talvez os negros soubessem de algo que os brancos desconheciam, mas nenhum deles nunca contou algo de útil.

Por quase três anos, Abner Marsh continuou sua caçada. Foram anos difíceis. Por volta de 1860, Marsh estava muito endividado com as perdas sofridas na direção do *Reynolds* e foi obrigado a fechar os escritórios que mantinha em St. Louis, New Orleans e outras cidades do rio. Os pesadelos não o incomodavam mais como antes, mas ele ficara cada vez mais isolado com o passar dos anos. Às vezes, tinha a impressão de que o tempo que passara com Joshua York no *Fevre Dream* havia sido a última coisa real com a qual tivera contato. Outras vezes, sentia justamente o oposto: que o real era a tinta vermelha de seus livros contábeis, o convés do *Eli Reynolds* sob os seus pés, o cheiro do seu barco, as manchas no seu novo carpete amarelo. As memórias de Joshua, o esplendor do grande barco a vapor que haviam construído juntos, o gélido terror que Julian despertara nele, essas coisas é que faziam parte do sonho, pensava Marsh, e não era à toa que tivessem desvanecido, e que o pessoal do rio achasse que ele estava louco.

Os eventos daquele verão de 1857 tornavam-se algo ainda mais irreal conforme aqueles que haviam partilhado algumas das experiências de Marsh começavam a sair de sua vida, um por um. O velho Toby Lanyard havia partido para o leste um mês depois de eles voltarem para

St. Louis. O fato de ter sido mandado de volta para a escravidão uma vez já fora suficiente para ele; agora, queria a maior distância possível dos estados escravagistas. Marsh recebeu uma carta breve dele no início de 1858, contando que havia arrumado emprego de cozinheiro num hotel de Boston. Depois disso, nunca mais ouviu falar de Toby. Dan Albright conseguira um posto num vapor de tração lateral novinho em folha de New Orleans. Só que, no verão de 1858, Albright e seu barco tiveram a infelicidade de estar em New Orleans durante um virulento surto de febre amarela. A praga matou milhares, inclusive o próprio Albright, mas acabou levando a cidade a melhorar suas condições sanitárias e, portanto, ela não era mais aquele esgoto a céu aberto no verão. O capitão Yoerger dirigiu o *Eli Reynolds* para Marsh até o final da estação de 1859, quando se aposentou e foi para sua fazenda no Wisconsin, onde morreu em paz um ano depois. Depois que Yoerger foi embora, Marsh assumiu ele mesmo a direção do vapor de tração traseira, para economizar dinheiro. A essa altura, apenas um punhado de rostos familiares continuavam na tripulação. Doc Turney fora roubado e assassinado em Natchez-under-the-hill no verão anterior, e Cat Grove abandonara de vez o rio para seguir para o oeste, primeiro para Denver, depois para São Francisco, e no final acabou seguindo em frente e foi parar na China ou no Japão ou em algum outro local desolador como esses. Marsh contratou Jack Ely, o velho segundo engenheiro do *Fevre Dream*, para o lugar de Turney, e também ficou com alguns dos outros tripulantes que haviam servido no desaparecido vapor de tração lateral, mas esses também já haviam morrido, ido embora ou arrumado outro emprego. Por volta de 1860, apenas o próprio Marsh e Karl Framm eram os únicos que restavam de todos aqueles que haviam passado pelo triunfo e pelo terror de 1857. Framm pilotava o *Reynolds*, por mais que sua competência o habilitasse a pilotar um barco bem maior e de mais prestígio. Framm lembrava um monte de coisas sobre as quais não falava, nem mesmo com Marsh. O piloto ainda era uma pessoa bem-humorada, mas já não contava tantas histórias como antes, e Marsh podia ver uma certa tristeza nos olhos dele, algo que não estava presente antes. Agora Framm carregava um revólver. — Para o caso de nos depararmos com eles — dizia.

Marsh bufava, zombando. — Essa coisinha aí não vai nem machucar o Julian.

Karl Framm ainda tinha o sorriso torto, e seu dente de ouro ainda cintilava, mas não havia nada de engraçado nos seus olhos quando respondeu: — Não é para o Julian, capitão. É para mim. Não vão me pegar vivo de novo. — Ele olhou para Marsh. — E poderia fazer o mesmo pelo senhor, se fosse o caso.

Marsh fez uma careta. — Não vai chegar a esse ponto — disse ele, e saiu da cabine do piloto. Ele lembraria dessa conversa pelo resto dos seus dias. Também lembraria de uma festa de Natal em St. Louis, em 1859, oferecida pelo capitão de um dos grandes barcos de Ohio. Marsh e Framm compareceram, os dois, junto com quase a metade dos outros barqueiros da cidade, e depois que todos já haviam bebido bastante começaram a contar histórias do rio. Ele já conhecia aquelas histórias, mas foi de algum modo tranquilizador e reconfortante ouvir as pessoas contando-as de novo para os comerciantes, banqueiros e mulheres bonitas que não conheciam nenhuma delas. Falaram do Velho Al, rei dos jacarés, sobre o navio-fantasma *Raccourci*, sobre Mike Fink, Jim Bowie e o Formidável Jack Russell, sobre a grande corrida entre o *Eclipse* e o *A. L. Shotwell*, sobre o piloto que navegara um trecho complicado do rio no meio da neblina mesmo depois de morto, sobre o maldito vapor que levara a varíola para o alto rio vinte anos antes e matara algo como vinte mil índios. — Acabou com o comércio de

peles — o contador da história concluiu, e todos riram, exceto Marsh e alguns outros. Então alguém começou a narrar as maravilhas dos vapores inacreditavelmente grandes, como o *Hurricano*, o *E. Jenkins* e outros do tipo, que plantavam sua própria madeira com florestas instaladas nos seus tombadilhos, e tinham rodas-d'água tão grandes que levavam o ano inteiro para dar uma volta completa. Abner Marsh sorria.

Karl Framm abriu caminho na roda, com um copo de conhaque na mão. — Eu sei de uma história — disse ele, parecendo já um pouco bêbado. — É verdadeira. É sobre um barco a vapor chamado *Ozymandias*…

— Nunca ouvi falar desse aí — comentou alguém.

Framm deu um leve sorriso. — E é melhor que você não o veja nunca — disse —, pois, se o vir, não estará mais por aqui para contar. Só viaja à noite esse barco. E é escuro, todo escuro. Pintado de preto, como suas chaminés, cada centímetro dele, só que dentro tem um camarote principal com um tapete cor de sangue, e espelhos prateados por todo lado que não refletem nada. Esses espelhos estão sempre vazios, mesmo com o monte de gente que ele leva a bordo, umas pessoas pálidas, muito bem-vestidas. Elas sorriem muito. Só que não aparecem nos espelhos.

Alguém sentiu um calafrio. Todos ficaram em silêncio. — E por que não? — perguntou um engenheiro que Marsh conhecia de vista.

— Por que elas estão mortas — disse Framm. — Cada um daqueles malditos passageiros está morto. Só que eles não descansam em paz. São pecadores, têm que viajar no barco para sempre, naquele barco preto com tapetes vermelhos e espelhos vazios, rio acima e rio abaixo, sem nunca parar em nenhum porto.

— Fantasmas — disse alguém.

— Assombrações — acrescentou uma mulher —, como no *Raccourci*.

— Não, não — disse Karl Framm. — Você pode atravessar uma assombração, mas não consegue atravessar o *Ozymandias*. Ele é bem real, e você aprenderá isso rápido, para sua infelicidade, se deparar com ele à noite. O pessoal que viaja a bordo tem *fome*. Eles bebem sangue, sabe? Sangue vermelho, quente. Escondem-se no escuro e quando veem as luzes de outro vapor, saem em sua perseguição e, se o alcançam, saltam todos a bordo, todos aqueles rostos brancos, sorridentes, muito bem vestidos. E depois afundam o barco, ou ateiam fogo nele, e na manhã seguinte não há nada para ver, a não ser um par de chaminés saindo do rio, ou talvez um navio naufragado cheio de cadáveres. Só se salvam os pecadores. Estes embarcam no *Ozymandias* e viajam nele para sempre. — Ele bebericou seu conhaque e sorriu. — Portanto, se alguma noite dessas vocês estiverem viajando pelo rio e virem uma sombra na água atrás de vocês, olhem mais de perto. Pode ser um vapor pintado todo de preto, com tripulantes brancos como assombrações. Não tem luzes, esse *Ozymandias*, por isso, às vezes, você só consegue vê-lo quando já está bem atrás de você, com suas rodas pretas levantando água. Se o virem, é melhor que tenham um piloto rápido, e quem sabe um pouco de óleo de carvão a bordo, ou um pouco de banha de porco. Porque é grande e rápido, e, se alcançar você à noite, será seu fim. Procure ouvir o apito. Ele só toca o apito quando sabe que o pegou, por isso, se você ouvir o apito, comece a contar seus pecados.

— De que jeito soa esse apito?

— Exatamente como o grito de um homem — disse Karl Framm.

— Como é mesmo o nome do navio? — um jovem piloto perguntou.

— *Ozymandias* — disse Framm. Ele sabia pronunciá-lo muito bem.

— O que é que isso quer dizer?

Abner Marsh levantou. — É de um poema — disse ele. — *Vede minhas obras, ó poderosos, e desesperai!*

O pessoal da festa olhou para ele sem entender, e uma senhora gorda riu nervosamente, um risinho sufocado. — Existem maldições e coisas piores nesse velho rio — disse um funcionário baixinho. Enquanto ele falava, Marsh pegou Karl Framm pelo braço e tirou-o dali.

— Por que diabos você foi contar essa história? — perguntou Marsh.

— Para deixá-los com medo — disse Framm. — Assim, se virem o barco em alguma malfadada noite, terão o bom senso de fugir.

Abner Marsh ponderou sobre isso e por fim assentiu, ainda relutante. — Acho que está certo. Você chamou o barco pelo nome que Sour Billy lhe deu. Se tivesse dito *Fevre Dream*, senhor Karl Framm, eu teria torcido seu maldito pescoço ali na hora. Ouviu bem?

Framm ouviu mas não ligou. A história já estava contada, por bem ou por mal. Marsh ouviu uma versão deturpada dela da boca de outro homem um mês depois, enquanto jantava na Planter's House, e duas outras vezes naquele inverno. A história vinha um pouco modificada a cada relato, é claro. Até o nome do barco negro mudava. Parece que *Ozymandias* era estranho demais para a maioria dos contadores de histórias. Mas, não importa que nome dessem ao barco, era a mesma maldita história.

Pouco mais de seis meses depois, Marsh ouviu outra história, uma que mudaria sua vida.

Ele acabava de sentar para jantar num pequeno hotel de St. Louis, mais barato que a Planter's House e o Southern, mas com boa comida. Também não era tão popular entre os homens do rio, o que convinha bastante a Marsh. Seus velhos amigos e rivais nos últimos anos olhavam-no de um jeito estranho, ou o evitavam achando que ele dava azar, ou então queriam sentar com ele e falar sobre seus infortúnios, e Marsh não tinha paciência para nenhuma dessas coisas. Preferia que o deixassem sozinho. Naquele dia, em 1860, ele estava sentado tranquilo, tomando um copo de vinho e esperando o garçom trazer o pato assado com inhame, feijão e pão quente que havia pedido, quando foi interrompido. — Faz um ano que não o vejo — disse o homem. Marsh reconheceu-o vagamente. O homem fora foguista a bordo do *A. L. Shotwell* alguns anos atrás. A contragosto, convidou-o a sentar. — Não se incomoda, não é mesmo? — o ex-foguista disse, e imediatamente puxou uma cadeira e começou a tagarelar. Era segundo-engenheiro em algum barco de New Orleans do qual Marsh jamais ouvira falar, e vinha cheio de fofocas e notícias do rio. Marsh ouviu-o educadamente, enquanto esperava a comida chegar. Não comera nada o dia inteiro.

O pato acabara de chegar e Marsh estava espalhando manteiga numa fatia de pão quente, quando o engenheiro disse: — E o senhor ouviu falar daquela última tempestade lá em New Orleans?

Marsh mastigou seu pão, engoliu, pegou outro pedaço. — Não — disse ele, sem muito interesse. Isolado como andava, não ouvia muitas conversas sobre inundações, tempestades e outras calamidades desse tipo.

O homem soltou um assobio por uma falha nos seus dentes amarelos. — Diabos, foi uma coisa terrível. Um monte de barcos destruídos ou arrebentados. O *Eclipse* foi um deles. Ouvi dizer que ficou bem mal.

Marsh engoliu seu pão e veio decidido com garfo e faca para cima do pato. — O *Eclipse*

— murmurou.

— Ele mesmo.

— Mas foi grave assim? — perguntou Marsh. — O capitão Sturgeon deve ter mandado arrumar o barco, não?

— Que nada, não deu para salvar — disse o engenheiro. — Ouvi dizer que vão usar o que sobrou como um daqueles barcos fixos; vai virar um cais, lá no Memphis.

— Vai virar um cais — repetiu Marsh, sem dar muita bola, lembrando daqueles velhos cascos cinza e desgastados que se alinhavam nos cais de St. Louis, New Orleans e outras grandes cidades ribeirinhas, barcos sem motor nem caldeiras, cascos vazios usados apenas para guardar e transferir carga. — Ele não… é uma pena…

— Eu acho que era isso mesmo que ele merecia — disse o homem. — Diabos, a gente teria ganhado dele com o *Shotwell* se não fosse…

Marsh fez um ruído na garganta como quem engasga. — Saia já daqui — ele rugiu. — Se você não fosse um homem do *Shotwell* eu daria um pontapé na sua bunda e o atiraria no meio da rua pelo que você acabou de dizer. Agora, fora daqui!

O engenheiro levantou mais que depressa. — Bem que o pessoal diz que você é louco — soltou ele antes de sair.

Abner Marsh ficou sentado à mesa um tempão, sem encostar no pato à frente dele, olhando para o nada, um ar sinistro e frio no rosto. Por fim, um garçom se aproximou timidamente. — Algo errado com o seu pato, capitão?

Marsh baixou o olhar. O pato havia esfriado um pouco. A gordura já começava a endurecer em volta dele. — Perdi o apetite — disse ele. Empurrou o prato de lado, pagou a conta e saiu.

Passou a semana seguinte examinando os livros contábeis, somando suas dívidas. Então chamou Karl Framm. — Agora não adianta mais — Marsh disse a ele. — Nosso barco nunca mais vai apostar corrida com o *Eclipse*, mesmo que a gente o encontre, coisa que acho difícil. Cansei de procurar. Estou levando o *Reynolds* para o comércio do Missouri, Karl. Preciso ganhar algum dinheiro.

Framm arregalou os olhos com ar acusador. — Eu não tenho licença para pilotar no Missouri.

— Eu sei. Estou liberando-o. Seja como for, você merece um barco melhor que o *Reynolds*.

Karl Framm deu uma baforada no seu cachimbo e não disse nada. Marsh não conseguiu olhá-lo nos olhos. Ficou remexendo alguns papéis. — Vou lhe pagar todos os salários que estou lhe devendo — acrescentou.

Framm assentiu e virou-se para ir embora. Na porta, parou. — Se eu conseguir algum posto — disse ele —, vou continuar procurando. Se o encontrar, você ficará sabendo.

— Não vai encontrá-lo — disse Marsh com indiferença. Então Framm fechou a porta e foi embora daquele seu vapor e da sua vida. Agora Abner Marsh estava sozinho, como sempre fora. Agora só restava ele, mais ninguém que lembrasse do *Fevre Dream*, do casaco branco de Joshua ou do inferno que brilhava por trás dos olhos de Damon Julian. Agora o barco só vivia porque Marsh lembrava dele, e Marsh queria esquecer.

Passaram-se anos.

O *Eli Reynolds* ganhou dinheiro no comércio do Missouri. Por quase um ano, ele viajou

por ali, e Marsh capitaneou o barco, suou com ele e cuidou da carga, dos passageiros e dos livros contábeis. Em suas duas primeiras viagens ganhou o suficiente para pagar três quartos da sua considerável dívida. Poderia ter ficado rico, se os eventos do mundo não tivessem conspirado contra ele: a eleição de Lincoln (Marsh votou nele, apesar de ser republicano), a secessão, o tiroteio no forte Sumter. Marsh pensou nas palavras de Joshua York conforme a carnificina se aproximava: *a sede vermelha tomou este país, e só o sangue irá saciá-la*.

Ela levou embora muito sangue, refletiu Marsh mais tarde, amargamente. Ele raramente falava sobre a guerra, ou de suas experiências nela, e tinha pouca paciência com aqueles que ficavam revivendo as batalhas a toda hora. — Houve uma guerra — ele dizia em voz alta. — Nós ganhamos. Agora acabou, e não vejo por que ficar falando disso sempre, como se fosse algo de que a gente pudesse se orgulhar. A única coisa que resultou dela foi o fim da escravidão. No resto, eu não vejo utilidade. Atirar em um homem não é motivo para ninguém se vangloriar, meu Deus do céu! — Marsh e o *Eli Reynolds* voltaram ao alto Mississippi nos primeiros anos da guerra, trazendo soldados de St. Paul, do Wisconsin e do estado de Iowa. Mais tarde, ele serviu em um barco militar da União e participou de umas duas batalhas de rio.

Karl Framm também lutou no rio. Marsh ouviu que ele morreu na batalha de Vicksburg, mas nunca pôde confirmar isso.

Quando veio a paz, Marsh voltou a St. Louis e levou o *Eli Reynolds* para o comércio do alto Mississippi. Fez uma breve associação com os donos e capitães de quatro barcos concorrentes, montando uma linha de barcos com viagens regulares para competir de modo mais eficaz com as grandes companhias que dominavam a parte alta do rio. Mas eram todos homens de vontade muito forte, teimosos, e após meio ano de brigas e ameaças a companhia foi dissolvida. A essa altura, Abner Marsh descobriu que não tinha mais disposição para o negócio de barcos a vapor. De alguma maneira, o rio havia mudado. Após a guerra, operavam no máximo um terço dos navios que havia antes, mas a concorrência era mais acirrada, já que as ferrovias pegavam cada vez mais fatias do comércio. Agora, ao entrar em St. Louis você via no máximo uma dúzia de vapores no cais, quando antes o lugar ficava lotado numa extensão de quase dois quilômetros. Também haviam ocorrido outras mudanças naqueles anos após a guerra. O carvão começara a ter presença maior que a madeira em quase toda a parte, exceto nos confins do Missouri. Agentes federais instalavam-se e impunham regras e leis que tinham que ser seguidas, verificações e revistas de segurança e todo tipo de coisa, até tentaram proibir as corridas. Os barqueiros também haviam mudado. A maioria dos homens que Marsh conhecera estavam mortos ou aposentados agora, e aqueles que tomaram seu lugar eram estranhos, com modos estranhos. Aquele típico homem do rio, falastrão, sempre enfiando palavrões na conversa, esbanjando dinheiro, que chegava dando tapinhas nas suas costas, pagava bebida a noite inteira e contava mentiras deslavadas, era agora uma raça em extinção. Até Natchez-under-the-hill, Marsh ouviu dizer, virara uma sombra do que havia sido, quase tão pacata quanto a cidade no alto do rochedo com suas finas mansões e seus nomes elegantes.

Numa noite de maio em 1868, mais de dez anos depois da última vez que vira Joshua York e o *Fevre Dream*, Abner Marsh foi fazer um passeio pelo cais. Ele relembrou a noite em que ele e Joshua se conheceram e caminhou por aquele atracadouro. Era uma época em que os vapores lotavam o local, grandes barcos de tração lateral e valentes vapores pequenos de tração traseira, barcos velhos e barcos novos, e o *Eclipse* havia estado ali entre eles,

amarrado no seu barco-cais. Agora o próprio *Eclipse* era um barco-cais. Havia garotos nesse rio que chamavam uns aos outros de foguistas, e também grumetes e pilotos calouros que nunca haviam posto os olhos no *Eclipse*. E o cais estava praticamente vazio. Marsh parou e contou. Cinco barcos. Seis, incluindo o *Eli Reynolds*. O *Reynolds* era tão velho agora que Marsh tinha um certo receio de fazê-lo percorrer o rio de novo. Deve ser o mais velho vapor do mundo, pensou, com o capitão mais velho, e tanto ele quanto o barco estavam igualmente cansados.

O *Great Republic* estava sendo carregado. Era um barco imenso, novo, de rodas d'água laterais, que chegara de algum estaleiro de Pittsburgh no ano anterior. Diziam que tinha 335 pés de comprimento, o que fazia dele o maior vapor do rio, agora que o *Eclipse* e o *Fevre Dream* estavam perdidos e esquecidos. Era majestoso, também. Marsh o admirara mais de dez vezes, e subira a bordo em uma oportunidade. Sua cabine do piloto era circundada por todo tipo de acabamentos decorativos, tinha uma cúpula ornamentada em cima, e as pinturas, o vidro, a madeira polida e os tapetes dentro dela eram de tirar o fôlego. Pretendia ser o barco mais refinado e bonito já construído, luxuoso o suficiente para deixar todos os barcos mais velhos morrendo de vergonha. Mas não era especialmente rápido, Marsh ouvira dizer, e comentava-se que vinha perdendo dinheiro num ritmo alarmante. Ele ficou lá em pé, os braços cruzados sobre o peito, olhando com ar rude e sério, dentro daquele seu sóbrio casaco preto, assistindo aos estivadores carregarem. Estes eram negros, todos eles. Essa era outra mudança. Por todo o rio, os estivadores agora eram negros. Os imigrantes que antes da guerra trabalhavam como peões, foguistas e grumetes tinham ido embora, Marsh não sabia para onde, e os negros libertos tinham tomado seu lugar.

Enquanto trabalhavam, os estivadores cantavam. Era um canto suave, melancólico. *A noite é escura, o dia é longo*, dizia a letra. *E estamos longe de casa. Chorem, irmãos, chorem*. Marsh conhecia aquele canto. Havia outro verso que dizia: *A noite passou, o longo dia se foi. E estamos indo para casa. Gritem, irmãos, gritem*. Mas eles não cantavam este verso. Não naquela noite, ali no cais vazio, carregando um barco que era novo em folha e luxuoso como nenhum, mas que ainda não conseguia fechar muitos negócios. Olhando para eles, ouvindo seu canto, pareceu a Abner Marsh que o rio todo estava morrendo, e ele junto. Já vira noites escuras e longos dias suficientes para o resto da sua vida na terra, e não tinha mais certeza de se tinha ou não um lar.

Andando lentamente, Abner Marsh afastou-se do cais e foi até seu hotel. No dia seguinte demitiu seus oficiais e a tripulação, fechou a Companhia Fevre de Vapores Fluviais e colocou o *Eli Reynolds* à venda.

Marsh pegou o dinheiro que tinha, saiu de vez de St. Louis e comprou uma casinha na sua velha cidade natal, Galena, com vista para o rio. Só que não era mais o rio Fevre. Tinham mudado o nome para rio Galena, alguns anos antes, e agora todo mundo o chamava assim. O novo nome tinha associações melhores, diziam as pessoas. Abner Marsh continuou chamando-o de Fevre, como era chamado quando ele era menino.

Não fazia muita coisa em Galena. Lia um monte de jornais. Isso se tornara um hábito seu durante os anos que passara procurando por Joshua, e ele gostava de estar atualizado com os barcos mais rápidos e seus tempos. Ainda havia uns poucos. O *Robert E. Lee* viera de New Albany em 1866 e era um verdadeiro demônio. O *Wild Bob Lee*, como alguns barqueiros o chamavam, ou apenas *Bad Bob*. E o capitão Tom Leathers, o barqueiro mais duro, malvado e

malfalado que já havia capitaneado um vapor, lançara um novo *Natchez* em 1869, o sexto com esse nome. Leathers batizava todos os seus vapores com esse nome, *Natchez*. O novo *Natchez* era mais rápido que todos os anteriores, segundo os jornais. Ele cortava a água como uma faca, e Leathers ficava alardeando para cima e para baixo do rio que iria dar uma lição no capitão John Cannon e no seu *Wild Bob Lee*. Os jornais estavam cheios desse tipo de notícia. Ele podia pressentir que uma corrida estava sendo programada lá no Illinois, e pelo jeito seria daquelas que ficam anos sendo comentadas. — Gostaria de ver essa maldita corrida — disse ele à mulher que contratara um dia para limpar a casa para ele. — Mas nenhum deles teria chance contra o *Eclipse*, posso apostar.

— Os dois têm tempos melhores que o seu *Eclipse* — dizia ela. Ela gostava de provocá-lo.

Marsh bufou. — Isso não quer dizer nada. O rio é mais curto agora. Os rios ficam mais curtos a cada ano. Logo, logo, você vai conseguir ir andando de St. Louis a New Orleans.

Marsh lia mais do que apenas jornais. Graças a Joshua, desenvolvera um gosto por poesia, por todas aquelas malditas coisas, e de vez em quando também lia algum romance. Também passou a fazer entalhes em madeira, criando maquetes detalhadas de seus barcos a vapor, do jeito que os guardava na memória. Pintava essas maquetes e fazia todas na mesma escala, para que se pudesse colocar uma ao lado da outra e ver bem suas proporções. — Esta embarcação aqui era a minha *Elizabeth A.* — disse à sua empregada, orgulhoso, no dia em que terminou a sexta e maior de suas maquetes. — O barco mais doce que já navegou o rio. Teria batido recordes, se não fosse aquela maldita geleira. Dá para ver o quanto era grande, quase trezentos pés. Veja como o meu velho *Nick Perrot* parece pequeno ao lado dela. — Ele apontou. — E esses aqui são o *Sweet Fevre* e o *Dunleith*. Esse me deu uma trabalheira por causa do motor de bombordo, mas uma trabalheira… E ao lado dele a minha *Mary Clarke*. As caldeiras dela explodiram. — Marsh balançou a cabeça. — Matou um monte de gente, também. Talvez tenha sido culpa minha. Não sei. Às vezes penso nisso. O pequenino na ponta é o *Eli Reynolds*. Não há muito o que ver nele, mas era um barco valente. Levava tudo o que eu pusesse dentro e muito mais, e mantinha sempre a pressão do vapor e as rodas girando. Sabe quanto tempo durou esse barco de tração traseira, pequeno e feioso?

— Não — disse a empregada — O senhor não teve outro barco também? Um bonitão? Ouvi dizer…

— Não importa o que você ouviu dizer, raios. Sim, eu tive outro barco. O *Fevre Dream*. Coloquei o nome do nosso rio nele.

A empregada reagiu dirigindo-lhe um grunhido. — Não admira que essa cidade nunca tenha se tornado a cidade que poderia ser, com gente como o senhor insistindo nessa história de rio Fevre. Eles devem achar que todo mundo aqui é ruim da cabeça. Por que não o chama pelo nome certo? Agora é rio *Galena*.

Abner Marsh bufou. — Mudar o maldito nome do rio, nunca vi uma besteira como essa. Pelo que sei, o nome certo é rio Fevre e vai continuar sendo rio Fevre, não importa o que o prefeito diga. — Ele ficou de cara amarrada. — Ou o que você diga. Diabos, do jeito que estão deixando o rio assorear, logo, logo, ele vai ser o maldito *córrego* Galena!

— Que boca, hein? Um homem que lê poesia deveria ter um linguajar melhor.

— Não se preocupe com o meu linguajar — disse Marsh. — E também não vá ficar espalhando pela cidade essa história de que eu gosto de poesia, ouviu? Eu conheci um homem

que gostava desses poemas, é a única razão pela qual eu tenho esses livros. A senhora pare de intrometer seu nariz onde não é chamada e cuide de tirar o pó direitinho dos meus barcos.

— Com certeza. Ouça aqui: acha que ainda vai fazer a maquete desse outro barco? O tal do *Fevre Dream?*

Marsh sentou numa grande poltrona acolchoada e franziu o cenho. — Não — disse ele. — Não vou, não. Esse é um barco que eu quero simplesmente esquecer. Por isso, cuide apenas de tirar a poeira e pare de me infernizar com suas malditas perguntas estúpidas. — Pegou um jornal e começou a ler sobre o *Natchez* e as últimas fanfarronices de Leather. Sua empregada estalou a língua e por fim começou a espanar o pó.

A casa de Marsh tinha uma alta torre voltada para o sul. À noitinha, ele costumava subir lá, com um copo de vinho ou de café na mão e, às vezes, com um pedaço de torta. Não comia mais com a voracidade de antes, desde a guerra. A comida simplesmente não parecia ter o mesmo encanto. Ainda era um homem grande, mas perdera pelo menos uns quarenta quilos desde os dias de Joshua e do *Fevre Dream*. Sua carne pendia flácida por todo lugar, como se ele a tivesse comprado dois números maior, na esperança de que depois encolheria. Também tinha uma papada grande. — Isso aí me faz ficar mais feio ainda do que sou — ele rosnava quando se via no espelho.

Sentado à janela da sua torre, Marsh podia ver o rio. Muitas noites ele se instalava ali, para ler, beber e olhar a água. O rio estava lindo à luz do luar, passando, fluindo sem parar, como sempre fluíra antes de ele nascer, como continuaria a fluir depois que estivesse morto e enterrado. A visão do rio fez Marsh se sentir em paz, e ele apreciou muito esse sentimento. A maior parte do tempo sentia-se apenas cansado ou melancólico. Marsh lera um poema de Keats que dizia não haver nada mais triste do que uma coisa bonita morrendo, e às vezes tinha a impressão de que o mundo estava murchando. Sentia-se sozinho também. Passara tantos anos no rio que não tinha amigos de verdade em Galena. Nunca recebia visitas, nunca falava com ninguém a não ser a chata da sua empregada. Ela o irritava bastante, mas Marsh não se importava muito com isso; era quase tudo o que lhe restara para manter o sangue quente. Às vezes, achava que sua vida havia terminado, e isso o deixava com tanta fúria que ele ficava vermelho. Ainda havia tantas coisas que nunca tivera a chance de fazer, tantos negócios a resolver… mas, sem dúvida, estava envelhecendo. Ele costumava carregar aquela sua velha bengala de nogueira para ficar gesticulando com ela, e se sentir elegante. Agora tinha uma bengala cara, com cabo de ouro, para ajudá-lo a caminhar melhor. Tinha rugas em volta dos olhos e até entre as verrugas, e uma espécie de mancha marrom engraçada nas costas da mão esquerda. Olhara para ela algumas vezes e ficara imaginando como é que tinha ido parar ali. Não se dera conta. E então praguejava alguma coisa e pegava um jornal ou um livro.

Marsh estava sentado na salinha de visitas, lendo um livro do senhor Dickens sobre suas viagens pelo rio e pela América, quando sua empregada trouxe uma carta. Ele grunhiu, surpreso, e bateu o livro de Dickens sobre a mesinha, murmurando "Esse maldito bretão estúpido, eu deveria atirá-lo no rio". Pegou a carta e abriu-a, rasgando o envelope e deixando-o esvoaçar até o chão. Receber uma carta era algo incomum para ele, mas aquela lá era ainda mais estranha. Estava endereçada à Companhia Fevre de Vapores Fluviais em St. Louis e fora reenviada até Galena. Abner Marsh desdobrou o papel amarelado, quebradiço, e de repente precisou tomar fôlego.

Era um papel de carta antigo, e ele lembrava bem dele. Mandara-o imprimir há uns trinta

anos, para ser colocado nas escrivaninhas de cada um dos camarotes de seu vapor. Na margem superior via-se um elegante desenho a bico de pena de um grande vapor de rodas-d'água laterais, escrito em letras curvas, ornamentadas: *Fevre Dream*. Ele reconheceu a caligrafia também, graciosa, fluente. A mensagem era curta:

Querido Abner
Fiz minha escolha.
Se estiver bem e com disposição para isso, venha me ver em New Orleans o mais cedo possível. Você me encontrará no Green Tree, na Gallatin Street.

Joshua

— Maldito dos infernos! — xingou Marsh. — Depois de todo esse tempo, esse idiota pensa que pode simplesmente me mandar uma maldita carta e me fazer descer até New Orleans? E sem nenhuma palavra de explicação! Quem diabos ele pensa que é?

— Eu, certamente, não tenho a menor ideia! — disse a empregada.

Abner Marsh ficou em pé. — Mulher, onde enfiou meu casaco branco? — rugiu ele.

31

New Orleans, maio de 1870

A Gallatin Street, à noite, parecia a avenida principal do inferno, pensou Abner Marsh enquanto andava a passo apertado por ela. Era cheia de salões de dança, bares e prostíbulos, todos lotados, sujos e barulhentos, e as calçadas ferviam de bêbados, prostitutas e batedores de carteira. As prostitutas o chamavam enquanto ele caminhava, com convites insinuantes que se transformavam em ofensas quando ele as ignorava. Homens rudes de olhar frio, alguns com uma faca na mão, outros com um soco-inglês, mediam-no de cima a baixo com ostensivo desprezo, e faziam Marsh torcer para que não estivesse parecendo nem muito rico, nem velho demais. Atravessou a rua para evitar um bando de homens em pé diante de um salão de baile com porretes de carvalho na mão, e de repente viu-se diante do Green Tree.

Era um salão de baile como os outros, um inferninho rodeado por outros inferninhos. Marsh abriu caminho para entrar. O interior estava meio escuro, lotado de gente e de fumaça. Casais se moviam por aquela névoa azulada, arrastando os pés vagamente no compasso daquela música vulgar, em alto volume. Um dos homens, um grosseirão encorpado, a barba por fazer, vestindo uma camisa vermelha de flanela, cambaleava pelo salão de dança com uma parceira que parecia inconsciente. O homem ficava apertando os peitos dela por cima do vestido fino de algodão, enquanto a sustentava e a arrastava pelo salão. Os demais dançarinos ignoravam o casal. As mulheres eram todas as típicas dançarinas desses lugares, com roupas de algodão desbotadas e chinelos surrados. Enquanto Marsh observava aquilo tudo, o homem da camisa vermelha tropeçou, derrubou sua parceira e caiu em cima dela, levantando uma onda de risadas. Ele xingou e ficou em pé, meio cambaleante, enquanto a mulher continuava esparramada no chão. Depois, conforme a risada geral amainou, ele se inclinou sobre ela, agarrou-a pela frente do vestido e puxou-a. A roupa rasgou, ele acabou de arrancar o pedaço de tecido e jogou-o fora, sorrindo. Ela não vestia nada por baixo, a não ser uma cinta-liga vermelha em volta da sua coxa branca, carnuda, com uma pequena adaga enfiada nela. O cabo da adaga era cor de rosa e em forma de coração. O homem já começara a desabotoar a calça quando dois seguranças o agarraram, um de cada lado. Eram dois grandalhões de rosto vermelho, com soco-inglês de metal na mão e porretes de madeira bem grossos. — Leve-a para cima — um deles grunhiu. O homem da camisa vermelha começou a praguejar um monte, mas por fim carregou a mulher no ombro e foi cambaleando no meio da fumaça, acompanhado por mais risadas.

— Quer dançar, senhor? — uma voz feminina arrastada cochichou no ouvido de Marsh.

Ele se virou e fez uma cara feia. A mulher devia pesar o mesmo tanto que ele. Sua pele era de um branco pastoso e ela estava nua, como viera ao mundo, exceto por um pequeno cinto de couro com duas facas pendendo dele. Ela sorriu e deu um beliscãozinho na bochecha de Marsh, antes que este virasse e se afastasse abruptamente dela, abrindo caminho na multidão. Marsh deu a volta no salão tentando encontrar Joshua. Num canto particularmente barulhento, uns dez homens estavam amontoados em volta de um caixote de madeira, gritando e xingando enquanto assistiam a uma briga de ratos. Junto ao balcão, havia um monte de homens em pé, em fileira dupla, quase todos armados e mal-encarados. Marsh murmurou desculpas e passou por um cara de aspecto sombrio com um garrote preso ao cinto, que conversava animadamente com um baixinho também armado, com várias pistolas na cintura. O homem do garrote parou de falar e encarou Marsh de cara feia, até que o outro gritou algo para ele e o trouxe de volta à conversa. — Uísque — pediu Marsh, encostando no balcão.

— Esse uísque vai abrir um buraco na sua barriga, Abner — disse baixinho o garçom, com sua voz suave penetrando com facilidade pela algazarra. Abner Marsh ficou de queixo caído. O homem atrás do balcão, sorrindo para ele, usava uma calça rústica folgada, amarrada com um cinto de corda, uma camisa branca tão suja que já era quase cinza e um colete preto. Mas o rosto era o mesmo de treze anos atrás, pálido e sem rugas, emoldurado por aquele cabelo branco liso, um pouco despenteado agora. Os olhos cinza de Joshua York pareciam brilhar com luz própria na semiescuridão do salão de baile. Ele estendeu a mão pelo balcão do bar e agarrou o braço de Marsh. — Vamos para o andar de cima — disse ele em tom urgente —, para conversar melhor.

Quando deu a volta no balcão, o outro garçom arregalou os olhos e um homem magro de terno preto com cara de doninha foi para cima dele e disse: — Onde você pensa que vai? Volte lá e continue servindo uísque para eles!

— Estou parando — disse Joshua.

— Parando? Eu vou ter que abrir a sua garganta!

— Vai mesmo? — disse Joshua. Ele ficou em pé, olhando em volta do salão, agora repentinamente em silêncio, e desafiando todos eles com o olhar. Ninguém se mexeu. — Vou ficar lá em cima com meu amigo, se algum de vocês quiser algo — disse ele à meia dúzia de seguranças que se alinhavam no balcão. Então pegou Marsh pelo cotovelo e levou-o pelo meio dos dançarinos até uma escada estreita no fundo. No andar de cima havia uma saleta iluminada por um único lampião a gás e meia dúzia de quartos. Ouviam-se barulhos atrás de uma das portas fechadas, grunhidos e gemidos. Outra porta se abriu, e um homem caiu estatelado na frente dela, o rosto voltado para o chão, metade dele no quarto, metade no corredor. Ao passar por cima dele, Marsh viu que era o homem da camisa vermelha que acabara de ver lá embaixo. — Que diabos aconteceu com ele? — perguntou Marsh em voz alta.

Joshua York deu de ombros — Bridget provavelmente acordou, deu-lhe uma porretada e levou seu dinheiro. Ela é um encanto. Acho que já matou uns quatro caras com aquela faquinha dela. Para cada um, ela faz uma marquinha naquele coração do cabo. — Ele fez uma careta. — Quando se trata de derramar sangue, Abner, meu povo tem pouca coisa a ensinar ao seu.

Joshua abriu a porta e entraram num quarto vazio. — Entre aqui, por favor. — Ele fechou a porta, depois de acender uma das luminárias.

Marsh sentou pesadamente na cama. — Droga — disse ele —, que lugar você foi arrumar para me trazer, Joshua. Isso aqui é tão infernal quanto Natchez-under-the-hill há uns

vinte, trinta anos atrás. Eu nunca imaginaria encontrar você num lugar como esse.

Joshua York sorriu e sentou numa poltrona toda desgastada. — Nem Julian, nem Sour Billy imaginariam. Esse é o ponto. Eles estão atrás de mim, sei disso. Mas, mesmo que decidam procurar na Gallatin Street, não vai ser fácil. Julian seria atacado por seus sinais óbvios de riqueza, e Sour Billy é conhecido aqui de vista. Ele já levou embora mulheres demais, que nunca voltaram. Hoje à noite havia pelo menos dois homens no Green Tree que teriam matado Billy assim que o vissem. As ruas lá fora são dos Garotos do Carvalho Vivo, que poderiam espancar Billy até a morte só por diversão, a não ser que resolvessem ajudá-lo. — Ele deu de ombros. — Nem a polícia se atreve a vir à Gallatin Street. Estou tão seguro aqui como poderia estar em qualquer outra parte, e nesta rua meus hábitos noturnos não chamam a atenção. São lugar-comum.

— Bem, não importa — disse Marsh, impaciente. — Você me mandou uma carta. Disse que já fez sua escolha. Ou seja, sabe por que eu vim, mas eu não sei ao certo por que você me procurou. Talvez fosse bom me contar.

— Eu nem sei bem por onde começar. Já passou um bom tempo, Abner.

— Para nós dois — disse Marsh rispidamente. Depois seu tom ficou mais delicado. — Procurei por você, Joshua. Por muitos anos, mais do que eu gostaria de lembrar, fiquei tentando achar você e o meu vapor. Mas o rio é grande demais e eu não tinha nem tempo nem dinheiro suficiente.

— Abner — disse York —, você poderia ter todo o tempo e dinheiro do mundo, e jamais teria nos encontrado no rio. Nos últimos treze anos, o *Fevre Dream* esteve em terra firme. Está escondido perto de umas barricas de anil na fazenda de propriedade do Julian, a uns quinhentos metros da enseada, mas muito bem escondido.

Marsh disse: — E *como diabos* foi que..

— Foi ideia minha. Deixe-me começar do início. Vou lhe contar a história inteira. — Ele suspirou. — Preciso voltar atrás treze anos, até aquela noite em que me separei de vocês.

— Eu lembro.

— Eu subi o rio o mais rápido que pude — começou Joshua —, ansioso para voltar, preocupado em ser acometido pela sede. A viagem foi difícil, mas cheguei ao *Fevre Dream* na segunda noite depois da minha partida. O barco havia se movido, mas muito pouco. Estava agora mais afastado da praia, a água escura correndo em volta dele de ambos os lados. Fazia frio. Era uma noite enevoada quando eu me aproximei do barco, que estava absolutamente morto e escuro. Nenhuma fumaça, nenhum vapor, nenhuma chama visível em lugar algum, tão silencioso que eu quase o confundi com a névoa. Eu não queria voltar lá, mas sabia que precisava. Nadei até o barco. — Joshua hesitou um pouco. — Abner, você sabe o tipo de vida que eu tenho levado. Tenho visto e feito muitas coisas terríveis. Mas nada me havia preparado para aquele vapor, do jeito que o encontrei. Nada.

O rosto de Marsh ficou mais grave. — Continue.

— Eu lhe disse uma vez que achava que o Damon Julian era louco.

— Lembro.

— Louco, desatinado e sempre sonhando com a morte — disse Joshua. — Pois ele provou isso. Ah, sim, sem dúvida ele provou. Quando subi ao convés, o vapor estava num silêncio de morte. Nenhum som, nenhum movimento, só o ruído do rio passando. Rodei pelo barco sem ser incomodado. — Os olhos de York agora estavam fixos em Abner Marsh, mas

pareciam vidrados, distantes, como se estivessem vendo outra coisa, algo que iriam sempre ver. York parou.

— Conte-me, Joshua — disse Marsh.

A boca de York ficou mais tensa. — Era um matadouro, Abner. — Ele deixou essa frase simples pairando no ar um momento, antes de prosseguir. — Havia corpos por toda a parte. Por toda a parte. Alguns deles não estavam mais intactos. Andei pelo convés principal e encontrei cadáveres… entre a carga e lá atrás, junto aos motores. Havia… braços, pernas, outras partes do corpo. Arrancadas. Despedaçadas. Os escravos, os foguistas que Billy havia comprado, a maioria deles ainda estava algemada, morta, com a garganta devorada. O engenheiro tinha sido pendurado de cabeça para baixo em cima do cilindro, e todo cortado… devia ter sangrado em cima do… era como se o sangue tivesse tomado o lugar do óleo. — Joshua balançou de leve a cabeça, sério. — O número de mortos, Abner. Você não é capaz de imaginar. E a maneira com que foram despedaçados, as mutilações grotescas. A neblina havia invadido o barco, então não pude ver o cenário todo de uma vez. Andei, perambulei e essas coisas iam aparecendo de repente à minha frente, em lugares onde, um instante antes, não havia nada, a não ser vagas sombras e um véu deslizante de névoa. E então eu olhava para cada nova coisa terrível que a névoa escondera de mim um segundo antes, e ia em frente, dava apenas dois ou três passos antes que os vapores se dissolvessem mais uma vez para revelar algo ainda mais tenebroso.

— Por fim, arrasado e cheio de um ódio que queimava em mim como uma febre, subi a grande escadaria até o convés das caldeiras. No salão… mais do mesmo. Corpos e pedaços de corpos. Havia corrido tanto sangue que o tapete estava ainda úmido. Por toda a parte havia sinais de luta. Dezenas de espelhos quebrados, três ou quatro portas de camarotes arrombadas, mesas viradas de cabeça para baixo. Em uma das mesas que ainda estava em pé vi uma cabeça humana sobre uma bandeja de prata. Eu nunca presenciara um horror semelhante àquele que fui obrigado a ver conforme andava pela extensão daquele salão, aqueles terríveis cem metros. Nada se movia no escuro, na névoa. Nada vivo. Andei para cima e para baixo, meio apático, sem saber o que fazer. Parei diante do resfriador de água, aquele grande resfriador de água de prata, todo ornamentado, que você tinha colocado na ponta da frente do salão. Minha garganta estava seca. Peguei uma das taças de prata e girei a torneira. A água… a água veio devagar, Abner. Bem devagar. Mesmo na escuridão daquele salão, eu pude ver que era preta e viscosa. Meio… coagulada.

"Fiquei com a taça na mão, o olhar perdido, o nariz preenchido por aquele cheiro… o *cheiro*, quase não mencionei isso, o cheiro era terrível, ele… você deve imaginar, com certeza. Eu fiquei em pé, parado no meio de tudo aquilo, vendo aquele lento e agonizante gotejar do resfriador de água. Senti como se estivesse sufocando. Meu horror, meu ultraje, eu… senti que essas coisas se erguiam dentro de mim. Atirei a taça longe e gritei.

"Os barulhos começaram. Cochichos, batidas, sons de gente implorando, choros, ameaças. Vozes, Abner, vozes de seres humanos. Olhei em volta e fiquei ainda mais inconformado, com mais raiva. Pelo menos umas dez portas de camarotes haviam sido fechadas com tábuas e pregos, com seus ocupantes presos lá dentro. Esperando, segundo eu concluí, a chegada daquela noite, ou da noite seguinte. A despensa viva de Julian. Comecei a tremer. Fui até a porta mais próxima e comecei a despregar as tábuas que a mantinham fechada. Elas se soltavam com um som alto, estalado, quase um grito de agonia. Eu ainda

estava tentando abrir aquela porta quando ouvi: ‘Meu caro Joshua, você precisa parar com isso. Joshua, você está perdido, volte para nós’.

“Quando me virei, eles estavam lá. Julian sorrindo para mim, Sour Billy ao lado dele, e os outros, todos os outros, até meu pessoal, Simon, Smith e Brown, todos os que haviam restado… todos me observando. Gritei com eles todos, enlouquecido, coisas incoerentes. Era o meu pessoal e, no entanto, haviam feito *aquilo*. Abner, eu senti tamanha repugnância… Mais tarde, dias mais tarde, ouvi a história inteira, conheci toda a profundidade da loucura de Julian. Talvez tivesse sido culpa minha, em certo sentido. Ao salvar você, Toby e o senhor Framm, eu levei à morte mais de uma centena de passageiros inocentes.”

Abner Marsh bufou. — Nada disso — disse. — Seja lá o que aconteceu, foi Julian o responsável, e é ele quem tem que responder por isso. Você nem sequer estava lá, portanto não se culpe, certo?

Os olhos cinza de Joshua tinham um ar perturbado. — Eu tento me convencer disso muitas vezes — disse ele. — Mas deixe-me terminar a história. O que aconteceu foi que Julian acordou naquela noite e viu que tínhamos fugido. Ficou furioso. Louco. Mais que isso. Essas palavras soam fracas demais para transmitir como deve ter sido sua ira. Talvez tenha sido a sede vermelha dele que despertou, após todos aqueles séculos. Além disso, deve ter ficado com a sensação de que a destruição estava bem próxima. Seus pilotos todos tinham ido embora. O vapor não poderia se mover sem um piloto. E deve ter ficado com a ideia de que você iria voltar, para atacá-lo de dia e destruí-lo. Não deve ter imaginado que era eu que poderia voltar e não você, para salvá-los. Sem dúvida, minha traição e a deserção de Valerie devem tê-lo deixado com muito medo, inseguro a respeito do que poderia acontecer em seguida. Ele perdera o controle. Tinha sido mestre de sangue e, no entanto, tínhamos agido contra ele. Em toda a história do pessoal da noite, isso nunca tinha acontecido. Acho que naquela terrível noite, Damon Julian imaginou ter visto a morte que ele tanto desejava e temia.

“Sour Billy, eu soube disso mais tarde, insistiu para que eles fossem para a margem, se dividissem e viajassem por terra, separados, encontrando-se de novo em Natchez ou em New Orleans ou em outro lugar. Isso teria sido sensato. Mas Julian estava além do bom senso. Ele acabara de entrar no salão principal, a loucura fervia nos olhos dele, quando um passageiro se aproximou e começou a se queixar que o vapor estava bastante atrasado, que não havia navegado nada o dia inteiro. — Ah — disse Julian —, então precisamos fazê-lo navegar imediatamente. — Ele fez o barco afastar-se um pouco mais da margem, para que ninguém conseguisse desembarcar. Resolvido isto, voltou ao salão principal, onde os passageiros todos jantavam, aproximou-se do homem que havia reclamado e o matou, na frente de todo mundo. Então a matança começou. É claro que as pessoas gritaram, correram, esconderam-se, trancaram-se dentro dos camarotes. Mas não havia mais para onde ir. E Julian usou seu poder, usou sua voz e seus olhos, fez com que seu pessoal todo saísse matando. Acho que o *Fevre Dream* trazia cerca de cento e trinta passageiros a bordo naquela noite, contra uns vinte do meu povo, alguns movidos pela sede, outros por Julian. Mas a sede pode ser terrível numa hora dessas. Como uma febre, ela pode passar de um para o outro, até que todos fiquem ardendo. E Sour Billy contava com os homens que contratara em Natchez-under-the-hill para ajudá-lo na briga, também. Disse a eles que era tudo parte de um plano para assaltar e matar os passageiros, e que depois eles repartiriam o saque. Quando meu pessoal se voltou contra os seus auxiliares humanos, já era tarde demais.

“Isso estava acontecendo enquanto você e eu conversávamos naquela última noite, Abner. Os gritos, a carnificina, o doido espasmo mortal de Julian. Nem tudo saiu como ele pretendia. Os passageiros revidaram. Eu soube que praticamente todos do meu pessoal sofreram ferimentos, embora, é claro, eles logo se curassem. Mas Vincent Thibaut foi baleado no olho e morreu. Katherine foi agarrada por dois bombeiros e atirada dentro de uma das fornalhas. Eles a deixaram queimar até morrer. Kurt e Alain intervieram, mas tarde demais. Portanto, dois do meu pessoal tiveram seu fim. Dois dos nossos e bem mais de cem dos seus. Aqueles que sobreviveram foram confinados dentro de seus camarotes.

“Quando terminou, Julian sossegou e esperou. Os outros estavam com muito medo, e queriam fugir, mas Julian não iria permitir isso. Ele queria ser descoberto, acho eu. Dizem que falou de você, Abner.”

— De mim? — Marsh ficou perplexo.

— Ele disse que prometera a você que o rio jamais iria esquecer o *Fevre Dream*. Ele riu e disse que a promessa estava sendo cumprida.

A raiva de Abner Marsh irrompeu de dentro dele e foi expulsa como um urro furioso. Depois, ele se aquietou. — Julian que vá para o inferno! — disse Marsh, num tom estranhamente calmo.

— E foi assim que aconteceu — concluiu Joshua York. — Mas nada disso eu fiquei sabendo na própria noite em que voltei para o *Fevre Dream*. Eu só sabia o que acabava de ver com meus olhos, de cheirar, o que consegui supor e imaginar. E fiquei doido, Abner, doido. Eu estava despregando aquelas tábuas, como lhe contei, e então Julian apareceu ali, e de repente eu estava gritando com ele, gritando de modo incoerente. Eu queria vingança. Queria matá-lo como nunca quis matar ninguém, queria rasgar e abrir aquela garganta branca dele e sentir o gosto do seu maldito sangue! Minha raiva… ah, as palavras são tão *insuficientes*! Julian esperou até que eu parasse de gritar e então disse calmamente: “Ainda faltam duas tábuas, Joshua. Arranque-as e deixe o homem sair. Você deve estar com muita sede”. Sour Billy deu um risinho. Eu não falei nada. “Em frente, caro Joshua”, disse Julian. “Hoje à noite você de fato vai se juntar a nós, para não fugir nunca mais. Vá em frente, caro Joshua. Solte-o daí. Mate-o”. E seus olhos capturaram os meus. Eu senti sua força, puxando, puxando-me para dentro dele, tentando apoderar-se de mim e me fazer cumprir sua ordem. Se eu provasse sangue de novo, seria propriedade dele, de corpo e alma, para sempre. Ele me vencera uma dúzia de vezes, obrigara a ajoelhar-me diante dele, a deixá-lo beber meu sangue. Mas nunca fora capaz de me fazer matar. Era meu último recurso para proteger quem eu era, aquilo em que acreditava e aquilo que vinha tentando fazer. Os olhos dele me desmontavam, por trás deles havia apenas morte, sangue e terror, e as infindáveis noites vazias que passariam a ser a minha vida.

Nesse momento, Joshua York interrompeu seu relato e afastou o olhar. Havia algo nebuloso e indecifrável em seus olhos. Abner Marsh viu para seu espanto que a mão de Joshua tremia. — Joshua — ele disse —, seja lá o que tenha acontecido, foi há treze anos. É passado, algo que já foi, como todas essas pessoas que você matou na Inglaterra e tudo o mais. E você não teve escolha, não teve escolha de forma alguma. Foi você que me disse uma vez que não se pode ter o bem ou o mal sem uma escolha. Você não é o que Julian é, não importa se matou ou não aquele homem.

York olhou para ele bem nos olhos e abriu um sorriso pequeno e estranho. — Abner, eu

não matei aquele homem.

— Não? Então o que…

— Eu contra-ataquei — disse Joshua. — Eu estava louco, Abner. Eu o olhei nos olhos e o desafiei. Eu contra-ataquei. E dessa vez venci. Ficamos lá em pé por uns bons dez minutos, e finalmente Julian virou as costas, resmungou algo e se retirou. Subiu a escada até o seu camarote, com Sour Billy apertando o passo atrás dele, e o resto do meu pessoal ficou olhando para mim de olho arregalado, todos eles muito assustados. Raymond Ortega deu um passo à frente e me desafiou. Em menos de um minuto, estava ajoelhado à minha frente. "Mestre de sangue", disse ele, curvando sua cabeça. Então, um por um, os outros começaram a se ajoelhar. Armand e Cara, Cynthia, Jorge e Michel LeCouer, até Kurt, todos. Simon tinha um ar de vitória no rosto. Os outros também. Julian exercera um domínio que havia sido penoso para vários deles. Agora estavam livres. Eu subjugara Damon Julian, apesar de toda a sua força, apesar de toda a sua idade. Era o líder do meu povo de novo. Eu compreendi então que estava diante de uma escolha. A não ser que agisse, e rápido, o *Fevre Dream* seria descoberto, e eu, Julian e toda a nossa raça seríamos mortos.

— O que você fez?

— Fui atrás de Sour Billy. Afinal, ele vinha ocupando o posto de oficial náutico. Encontrei-o do lado de fora do camarote de Julian, confuso, acovardado. Deixei-o encarregado do convés principal e disse aos outros para fazerem o que ele mandasse. Eles começaram a trabalhar. Como foguistas, maquinistas, engenheiros. Com Billy em pânico e dando ordens, puseram o vapor para funcionar. Abastecemos as fornalhas de madeira, toucinho e cadáveres. É horripilante, eu sei, mas precisávamos nos livrar dos corpos, e se parássemos para abastecer estaríamos correndo grande risco. Eu subi até a cabine do piloto e assumi o timão. Lá em cima, pelo menos, ninguém havia morrido. O barco navegou com todas as luzes apagadas, para que ninguém pudesse nos ver, nem quem tivesse olhos capazes de penetrar naquela neblina. Às vezes, precisávamos fazer sondagens de profundidade e ir bem devagar, e outras vezes, quando a neblina amainava um pouco, deslizávamos rio abaixo, rápido o suficiente para deixar você orgulhoso, Abner! Ultrapassamos alguns outros vapores no escuro, apitei para eles e eles apitaram de volta, mas nenhum deles chegou perto o suficiente para ler nosso nome. O rio estava vazio naquela noite, a maior parte do tráfego bloqueado por causa da neblina. Eu fui um piloto imprudente, mas a alternativa era sermos descobertos. E ter morte certa. Quando o dia raiou, ainda estávamos no rio. Não ia deixar que eles fossem dormir. Billy amarrou os encerados em volta do convés principal, para proteger do sol. Eu continuei na cabine do piloto. Passamos em New Orleans por volta do nascer do dia, descemos o rio e viramos na enseada. Era estreita e rasa. Foi a parte mais difícil da viagem. Tivemos que sondar cada centímetro dela. Mas, por fim, chegamos à velha fazenda de Julian. Só então me permiti abrigar-me no meu camarote. Estava terrivelmente queimado. De novo. — Ele deu um sorriso amargo. — Parece que eu fiz disso um hábito — comentou. — Na noite seguinte, dei uma olhada na propriedade de Julian. Havíamos atracado o vapor num velho cais meio podre na enseada, mas o barco era grande demais. Quem quer que viesse a Cypress Landing iria vê-lo com facilidade. Achei que não era o caso de destruir o vapor, pois poderíamos precisar da mobilidade que ele nos proporcionara, embora eu soubesse que o melhor era escondê-lo.

"Então, achei a solução. A fazenda havia sido antes uma plantação de arbustos de anil.

Depois, os donos começaram a plantar cana-de-açúcar, mais lucrativa. Isso fora há mais de cinquenta anos. E Julian, é claro, não plantara absolutamente nada. Mas, ao sul da casa de fazenda, descobri que as velhas barricas de anil ainda estavam abandonadas ali, num curso d'água que saía da enseada. Era um canal quieto, estagnado, malcheiroso e com muitas plantas daninhas crescidas. O anil não é muito saudável. O canal era largo o suficiente para dar passagem ao *Fevre Dream*, mas claramente não era fundo o bastante.

"Decidi aprofundá-lo. Tiramos toda a carga do vapor e começamos a limpar arbustos, cortar algumas árvores e dragar o riacho. Um mês de trabalho, Abner, quase toda noite. E então eu trouxe o vapor pela enseada, apontei-o para o canal com muita dificuldade e me espremi por ele. Quando parei o barco, estávamos já roçando o fundo, mas ele ficou praticamente invisível, coberto de folhagem por todos os lados. Nas semanas seguintes, erguemos um dique na boca do canal, no lugar em que ele encontra a enseada, colocamos de volta a lama e a areia que nos dera tanto trabalho para dragar e drenamos o canal. Em um mês, mais ou menos, o *Fevre Dream* descansava sobre terreno úmido, lamacento, encoberto por carvalhos e ciprestes, e ninguém nunca iria adivinhar que havia água ali antes."

Abner Marsh fez uma careta. — Isso não é lá um bom final para um vapor — disse ele, aborrecido. — Ainda mais esse barco. Ele merecia coisa melhor.

— Eu sei — disse Joshua —, mas precisei pensar na segurança do meu pessoal. Fiz minha escolha, Abner, e depois de fazê-la fiquei satisfeito e me senti triunfante. Agora não seríamos mais descobertos. A maior parte dos corpos havia sido queimada ou enterrada. Julian mal era visto desde a noite em que o desafiei e venci. Poucas vezes saía do camarote, só para comer. Sour Billy era o único que falava com ele. Billy mostrava-se medroso e obediente, e os outros todos me seguiram e bebiam comigo. Mandei Billy retirar minha bebida do camarote de Julian e guardei-a atrás do bar do salão principal. A gente tomava toda noite no jantar. Havia apenas um problema para resolver antes que eu começasse a pensar no futuro da minha raça: nossos prisioneiros, aqueles passageiros que haviam sobrevivido à noite de terror. Foram mantidos confinados, todos, durante nossa fuga e nossos trabalhos, embora nenhum deles tivesse sofrido dano algum. Eu providenciei para que fossem alimentados e bem tratados. Até tentei conversar com eles, trocar ideias, mas foi inútil. Quando entrava em seus camarotes, ficavam histéricos de medo. Não queria mantê-los engaiolados indefinidamente, mas eles haviam visto tudo, e eu não sabia como poderia deixá-los ir embora de um modo que fosse seguro.

"Então o problema foi solucionado sem que eu precisasse fazer nada. Em uma noite tenebrosa, Damon Julian saiu do seu camarote. Ele ainda morava no vapor, como alguns dos demais, aqueles que lhe eram mais próximos. Eu estava em terra naquela noite, com uma dezena de outros, trabalhando na casa de fazenda que Julian tinha deixado chegar a um grau de deterioração vergonhoso. Quando voltei ao *Fevre Dream*, descobri que dois dos prisioneiros haviam sido tirados dos seus camarotes e mortos. Raymond, Kurt e Adrienne estavam sentados no salão principal diante dos corpos, alimentando-se, e Julian comandava tudo."

Abner Marsh bufou. — Diabos, Joshua, você devia tê-lo matado quando teve a oportunidade.

— Certo — concordou Joshua York, para surpresa de Marsh. — Mas achei que seria capaz de controlá-lo. Um erro grave. É claro que, naquela noite em que ele voltou à cena, eu tentei corrigir aquele erro. Eu estava furioso e enojado. Trocamos palavras duras e decidi que

aquele seria o último crime da sua longa e monstruosa vida. Eu ordenei que ele me encarasse. Pretendia fazer com que se ajoelhasse e me oferecesse seu sangue, várias vezes, se preciso, até que fosse meu, até que ficasse esgotado, vencido e inofensivo. Ele se ergueu e me encarou, e então… — York deu uma risada desesperançada, penosa.

— Ele ganhou de você? — arriscou Marsh.

Joshua assentiu. — Com facilidade. Como sempre fizera antes, exceto naquela única noite. Eu tentei juntar todas as minhas forças e toda vontade e raiva que havia em mim, mas eu não era páreo para ele. Nem mesmo Julian esperava isso, acho. — Ele balançou a cabeça. — Joshua York, rei dos vampiros. Eu falhei com eles de novo. Meu reino durou apenas uns dois meses, pouco mais. E, nos últimos treze anos, Julian tem sido nosso mestre.

— E os prisioneiros? — perguntou Marsh, já sabendo a resposta, mas ainda com uma tênue esperança de estar errado.

— Morreram. Eles foram pegando um por um ao longo dos meses seguintes.

Marsh fez uma careta. — Treze anos, isso é muito tempo, Joshua. Por que não fugiu? Deve ter tido alguma chance de fazê-lo.

— Muitas — admitiu Joshua York. — Acho que Julian teria preferido que eu sumisse. Ele havia sido mestre de sangue durante mil anos ou mais, o mais forte e o mais terrível predador que já andou pela face da terra, e eu fizera dele meu escravo por dois meses. Nem eu nem ele sabíamos explicar esse meu breve e amargo triunfo, mas nenhum dos dois conseguia esquecê-lo. Lutamos várias vezes ao longo dos anos, e a cada vez, antes que Julian trouxesse à luz todo o seu poder, eu vi nele a centelha da dúvida, o seu medo de que talvez daquela feita ele pudesse ser vencido de novo. Mas nunca aconteceu. E eu fui ficando. Para onde poderia ir, Abner? E o que poderia fazer de bom? Meu lugar era com o meu pessoal. Esse tempo todo continuei a ter esperança de que algum dia pudesse trazê-los de volta, tirá-los dele. Mesmo derrotado, acredito que minha presença foi um obstáculo para Julian. Era sempre eu que iniciava nossas disputas pela maestria, nunca ele. Nunca tentou me eliminar. Quando o suprimento da minha bebida ficava escasso, eu montava meu equipamento e fazia mais, e Julian não interferia. Até permitiu que alguns dos outros se juntassem a mim. Simon, Cynthia, Michel e alguns outros. A gente bebia e aplacava a sede.

"Quanto a Julian, ficava no camarote dele. Pode-se dizer que hibernava. Às vezes, ninguém o via durante semanas seguidas, exceto Sour Billy. Passaram-se anos assim, com Julian perdido em seus próprios sonhos, embora sua presença pairasse sobre nós. Ele continuava a dispor da sua cota de sangue, é claro. Pelo menos uma vez por mês, Sour Billy ia dar um passeio em New Orleans e voltava com uma vítima. Escravos, antes da guerra. Depois, dançarinas de salão, prostitutas, bêbados, malandros, quem quer que ele conseguisse atrair para nós. Durante a guerra foi difícil. Julian teve que se mexer mais durante a guerra e comandou alguns grupos na cidade, várias vezes. Mais tarde, passou a mandar os outros. As guerras costumam oferecer presas fáceis para o meu pessoal, mas também podem ser perigosas, e a guerra teve seu preço. Cara foi atacada por um soldado da União uma noite em New Orleans. Ela o matou, é claro, mas ele não estava sozinho… Cara foi a primeira a morrer. Philip e Alain foram detidos como suspeitos e aprisionados. Ficaram trancados numa paliçada a céu aberto, aguardando o interrogatório. Veio o sol e os dois morreram. E soldados também incendiaram a casa da fazenda uma noite. Ela já estava em ruínas, mas não estava vazia. Armand morreu no incêndio, e Jorge e Michel ficaram horrivelmente queimados, mas se

recuperaram. O resto de nós se dispersou e voltou para o *Fevre Dream* depois que os invasores foram embora. Tem sido nossa casa desde então.

"Os anos se passaram com uma espécie de trégua tensa entre Julian e eu. Somos menos agora, uns doze, e estamos divididos. Meus seguidores têm a minha bebida, e os de Julian, o sangue. Simon, Cynthia e Michel são meus, os outros são dele, alguns porque pensam como ele, outros porque ele é seu mestre de sangue. Kurt e Raymond são seus aliados mais fortes. E Billy. — Sua expressão ficou carrancuda. — Billy é um canibal, Abner. Nesses treze anos, Julian fez dele um de nós, ou pelo menos é o que diz. Mas, mesmo depois de todo esse tempo, o sangue ainda deixa Billy enjoado. Já o vi com ânsia de vômito uma dúzia de vezes. Mas agora ele come carne humana com vontade, embora a cozinhe primeiro. Julian acha isso muito divertido."

— Você deveria ter me deixado matá-lo.

— Talvez. Se bem que, não fosse o Billy, teríamos morrido no vapor naquele dia. Ele tem uma mente rápida, mas Julian distorceu-o terrivelmente, como distorce todos aqueles que lhe dão ouvidos. Sem Billy, esse modo de vida que Julian construiu iria cair por terra. É Billy quem vai até a cidade e volta com as tristes presas de Julian. É ele que vai vender a prata do barco, ou lotes de terreno, ou seja o que for que se torne necessário para levantar algum dinheiro. E, em certo sentido, é graças ao Billy que você e eu nos encontramos de novo.

— Imaginei que você iria chegar nisso cedo ou tarde — disse Marsh. — Você ficou com o Julian muito tempo, não fugiu nem fez nada. Só recentemente veio para cá, com Julian e Sour Billy atrás de você, e agora me escreve essa maldita carta. Por que agora? O que foi que mudou?

As mãos de Joshua ficaram tensas na extremidade dos braços da sua poltrona. — A trégua sobre a qual lhe falei terminou — disse ele. — Julian está desperto de novo.

— Como assim?

— Billy — disse Joshua. — Billy é nossa ligação com o mundo externo. Quando ele vai para New Orleans, com frequência traz jornais e livros para mim, além de comida, vinho e vítimas. Billy também ouve todas as histórias, todas as conversas que circulam na cidade e ao longo do rio.

— E daí? — disse Abner Marsh.

— Ultimamente, boa parte dessas conversas gira em torno de um assunto. Os jornais também falam muito disso. É um assunto do qual você gosta muito, Abner. Barcos a vapor. Dois deles, em particular.

Abner Marsh franziu o cenho. — O *Natchez* e o *Wild Bob Lee* — antecipou. Ele não conseguia ver onde Joshua queria chegar.

— Exatamente — disse York. — Pelo que li nos jornais e pelas coisas que o Billy tem comentado, parece que é inevitável uma corrida entre os dois.

— Diabos, é claro que sim — disse Marsh. — E parece que vai ser logo. Leathers não para de se vangloriar por todo o rio, e está começando a se intrometer muito nos negócios do *Lee*, pelo que ouvi dizer. O capitão Cannon não vai suportar isso muito tempo. Vai ser uma corrida e tanto, também. — Ele cofiou a barba. — Só não vejo o que isso pode ter a ver com Julian, Billy e seu maldito pessoal da noite.

Joshua York deu um sorriso amargo. — Billy falou demais sobre isso. Julian foi ficando interessado. E ele lembra, Abner, ele lembra da promessa que lhe fez. Eu consegui detê-lo

uma vez. Mas, agora, o maldito pretende fazer de novo.

— Fazer de novo?

— Ele quer reencenar a carnificina com que me deparei aquela vez no *Fevre Dream* — disse Joshua. — Abner, essa questão entre o *Natchez* e o *Robert E. Lee* capturou o interesse do país inteiro. Até na Europa estão fazendo grandes apostas, dizem os jornais. Se eles correrem de New Orleans até St. Louis, isso vai levar três ou quatro dias. E três ou quatro noites, Abner. E três ou quatro *noites*.

De repente Abner Marsh viu aonde Joshua queria chegar, e um calafrio gélido como nunca experimentara instalou-se nele. — O *Fevre Dream* — disse ele.

— Estão fazendo ele flutuar de novo — disse York —, limpando aquele trecho de riacho que a gente aterrou. Sour Billy está levantando dinheiro. No final do mês, ele irá à cidade contratar uma equipe para ajudá-lo a aprontar o barco e tripulá-lo quando chegar a hora. Julian imagina que tudo isso vai ser muito divertido. Ele quer levar o barco para New Orleans e atracá-lo lá até o dia da corrida. Vai deixar que o *Natchez* e o *Robert E. Lee* partam primeiro e depois vai subir o rio com o *Fevre Dream*. Quando a escuridão vier, vai se aproximar do barco que estiver liderando, seja ele qual for, chegar perto e… bem, você sabe o que ele pretende. Os dois vapores estarão com pouca gente a bordo, sem passageiros, para aliviar peso. Com isso, ficará mais fácil para Julian. E ele vai obrigar todos nós a participar. Eu sou seu piloto. — Ele soltou um riso amargo. — Ou, melhor, era. Quando fiquei sabendo dessa sua loucura, enfrentei-o, e perdi de novo. Na manhã seguinte, roubei o cavalo de Billy e fugi. Imaginei que pudesse frustrar Julian com minha fuga. Sem piloto, ele não poderia levar a coisa adiante. Mas quando me recuperei das queimaduras, vi que havia uma falácia nisso. Billy pode simplesmente contratar outro piloto.

Abner Marsh sentiu uma forte patada na boca do estômago. Parte dele estava nauseada e furiosa com o plano de Julian de fazer do *Fevre Dream* uma espécie de vapor do demônio. Mas a outra parte dele se sentia extasiada pela audácia daquilo, pela visão de seu *Fevre Dream* ultrapassando os dois, Cannon e Leathers e o maldito resto do mundo. — Que piloto, que nada — disse Marsh. — Esses dois vapores são as coisas mais rápidas que existem no rio, Joshua. Se ele deixar os dois saírem na frente, nunca mais vai alcançá-los, nem matar ninguém. — Mas, enquanto dizia isso, Marsh sabia que não acreditava de fato que fosse assim.

— Julian acha que isso vai tornar tudo mais divertido ainda — retrucou Joshua. — Se conseguirem ficar à frente dele, irão viver. Se não… — Ele balançou a cabeça. — E ele diz que tem a maior fé no seu barco, Abner. Ele pretende torná-lo famoso. Depois, os dois barcos serão destruídos, e Julian diz que iremos fugir, alcançar a margem e chegar até o leste, Filadélfia ou talvez Nova York. Ele está cansado do rio, diz. Acho que tudo isso é conversa fiada. Julian está cansado é da vida. Se levar esse plano adiante, vai significar o fim da nossa raça.

Abner Marsh levantou da cama onde estava sentado e bateu sua bengala no chão com fúria. — *Maldito dos infernos!* — rugiu ele. — O *Fevre* vai alcançá-los, sei que vai, poderia ter alcançado o maldito do *Eclipse* se tivesse tido a oportunidade, eu juro. Ele não vai ter nenhuma dificuldade em ganhar de barcos como o *Natchez* e o *Bad Bob*. Diabos, nenhum desses dois poderia nunca ganhar do *Eclipse*. Diabos, Joshua, ele não vai fazer isso com o meu vapor, juro que não vai!

Joshua York deu um sorriso tímido, perigoso, e quando Abner Marsh olhou nos olhos

dele viu a determinação que já havia visto na Planter's House, e a raiva fria que uma vez vira em seus olhos quando se intrometera no camarote dele durante o dia. — Não — York disse. — Ele não vai. Foi por isso que lhe escrevi, Abner, e rezei para que estivesse vivo. Pensei nisso durante muito tempo. Estou decidido. Nós vamos matá-lo. Não há outro jeito.

— Inferno — disse Marsh. — Você demorou tempo demais para enxergar isso. Eu poderia ter lhe dito isso treze anos atrás. Bem, estou com você. Só que — ele apontou sua bengala para o peito de York — nós não vamos danificar o barco, ouviu? A única parte errada desse maldito plano do Julian é aquela em que todos são mortos. O resto está perfeito. — Ele sorriu. — Cannon e Leathers vão ter uma maldita surpresa, eles não vão acreditar.

Joshua levantou sorrindo. — Abner, faremos o nosso melhor, prometo a você, para que o *Fevre Dream* continue intacto. E procure avisar seus homens.

Marsh franziu o cenho. — Que homens?

O sorriso sumiu do rosto de Joshua. — A sua tripulação — disse ele. — Eu suponho que você veio aqui em um dos seus vapores com uma equipe de homens.

Marsh de repente lembrou que Joshua enviara a carta para a Companhia Fevre de Vapores Fluviais, em St. Louis. — Inferno — disse ele. — Joshua, eu não tenho mais nenhum barco a vapor, nem qualquer funcionário. Vim de barco, sim. Mas com passagem de camarote.

— Karl Framm — disse Joshua. — Toby. Os outros, aqueles homens que estavam com você no *Eli Reynolds*…

— Morreram, ou foram embora, todos eles. Eu mesmo estava quase morto.

Joshua fez cara de preocupado. — Achei que fôssemos atacar em grupo, de dia. Isso muda as coisas, Abner.

Abner Marsh ficou nublado como um trovão a ponto de explodir. — Não muda coisa nenhuma — disse ele. — Não muda nada na minha maneira de ver. Talvez você estivesse imaginando que a gente iria lá com um pequeno exército, mas tenho uma certeza dos diabos de que há uma opção melhor. Eu sou um maldito de um velho, Joshua, e é provável que não viva muito mais tempo, e Damon Julian não me mete mais medo. Ele ficou com o meu barco por um tempo longo demais e não estou nem um pouco satisfeito com o que fez com ele, e vou pegá-lo de volta ou morrer na tentativa. Você escreveu para mim dizendo que fez uma escolha, diabos. Pois, então, me diga agora: você vem comigo ou não?

Joshua York ouviu quieto a furiosa explosão de Marsh e aos poucos um sorriso relutante se insinuou em suas feições brancas. — Está certo — disse ele por fim. — Vamos fazer isto sozinhos.

32

Fazenda Julian, Louisiana, maio de 1870

Saíram de New Orleans no meio da noite, dando solavancos barulhentos por estradas escuras e esburacadas, numa carroça que Joshua York acabara de comprar. Vestido de marrom-escuro, uma capa com capuz pendendo atrás dele, Joshua parecia tão elegante como nos velhos dias, dando rédea solta e incitando os cavalos. Abner Marsh ia sentado ao lado dele, sério, pulando e chacoalhando conforme passavam rápido por pedras e buracos, segurando firme a arma de cano duplo apoiada sobre os seus joelhos, com os bolsos do casaco estufados de munição.

Joshua desviou-se da estrada principal logo depois que saíram da cidade, e abandonou o mais cedo possível a estrada secundária, para tomarem rapidamente trilhas pouco percorridas e, àquela hora da madrugada, desertas. As estradas iam ficando mais estreitas, sinuosas, enveredando por densos trechos de pinheiros, magnólias, ciprestes, tupelos e carvalhos. Em alguns trechos, as árvores se juntavam acima de suas cabeças e dava a impressão de que estavam mergulhando num longo túnel negro. Marsh às vezes sentia-se praticamente cego, quando as árvores se juntavam bem perto e encobriam a lua, mas Joshua nunca deixava o ritmo diminuir. Tinha bons olhos para a escuridão.

Depois de um bom trecho, a enseada apareceu à esquerda deles, e a estrada correu ao lado dela por um bom tempo. A lua brilhava pálida e parada sobre a água preta e tranquila. Vaga-lumes revoavam naquela noite preguiçosa, e Marsh ouvia o coaxar grave do sapo-boi, sentindo o cheiro forte e rico que pairava acima das águas paradas, onde os nenúfares cresciam densos e as margens eram cheias de arbustos de cornisos brancos como a neve e de musgo cinza sob as velhas e altas árvores. Poderia ser a última noite da sua vida, pensou Abner Marsh. Então respirou fundo, inalou todos os aromas que ela tinha a oferecer, tanto os doces quanto os amargos.

Joshua olhava sempre em frente, e manteve-os em ritmo acelerado pela escuridão, abstraído, expressão imutável, perdido em pensamentos.

Perto do amanhecer, com uma vaga luz surgindo a leste e algumas estrelas parecendo desvanecer, deram a volta num antigo carvalho espanhol, agora morto, com fileiras de musgo cinza pendendo frágeis de seus galhos atrofiados, e adentraram um campo extenso, coberto de mato alto. Marsh viu uma fileira de cabanas a distância, pretas como dentes cariados, e bem perto delas as paredes chamuscadas e sem teto de uma antiga casa de fazenda, com as janelas vazadas como bocas escancaradas. Joshua York parou. — Vamos deixar a carroça aqui e continuar a pé — disse. — Agora, estamos perto. Ele deu uma olhada no horizonte, onde a

claridade se espalhava e engolia as estrelas. — Quando clarear de vez, atacamos.

Abner Marsh grunhiu seu assentimento e desceu da carroça, agarrando firme a arma. — Vai ser um dia excelente — disse para Joshua. — Talvez um pouco ruidoso, também.

York sorriu e abaixou um pouco o chapéu sobre os olhos. — Por aqui — disse. — Lembre-se do plano. Eu arrombo a porta e fico cara a cara com Julian. Quando toda a atenção dele estiver concentrada em mim, você entra e atira no rosto.

— Diabos — disse Marsh. — Não há como esquecer. Eu venho atirando nesse rosto há anos, nos meus sonhos.

Joshua andava rápido, a passos largos, e Abner Marsh movia-se pesadamente ao lado dele, esforçando-se para acompanhar seu ritmo. Marsh deixara a bengala em New Orleans. Naquela manhã, depois de tantas, sentia-se jovem de novo. O ar era doce, fresco e cheio de aromas, e ele estava indo resgatar sua querida senhora, sua embarcação a vapor, o *Fevre Dream*.

Passaram pela casa de fazenda. Depois, pelas cabanas de escravos. Atravessaram outro campo, onde o anil crescia silvestre numa profusão de flores cor-de-rosa e roxas. Deram a volta num chorão de longas ramadas que roçaram o rosto de Marsh tão suavemente como mãos de mulher. Depois cruzaram um trecho de bosque mais denso, com muitos ciprestes e alguns palmiteiros, com bambus floridos, cornisos e flores-de-lis de todas as cores crescendo por toda a parte. O chão estava úmido, e ficava mais úmido ainda conforme avançavam. Abner Marsh sentiu a umidade atravessando as solas de suas velhas botas.

Joshua agachou-se atrás de uma cortina, grossa e cinza, de musgo que pendia de um galho baixo retorcido, e Marsh fez o mesmo, um passo atrás dele. E lá estava.

Abner Marsh agarrou bem firme a arma. — Diabos — foi a única coisa que conseguiu dizer.

A água voltara ao velho canal, e rodeava o *Fevre Dream* inteiro, mas ainda não era fundo o suficiente, e o vapor não flutuava. O barco estava apoiado sobre um banco de lama e areia, com a proa empinada no ar, inclinado uns dez graus a bombordo, com as rodas-d'água erguidas, quase secas. O barco, antes branco, azul e prateado, era agora quase todo cinza, o cinza da madeira velha apodrecida que já pegou sol demais, bastante umidade e muito pouca tinta. A impressão que dava era que Julian e seus malditos vampiros tinham sugado toda a vida do barco. Em cima das gaiolas das rodas-d'água, Marsh ainda conseguiu ver vestígios do vermelho-prostituta que Sour Billy espalhara pelo barco, e as letras OZ bem desbotadas, como antigas memórias. Mas as outras letras tinham sumido, e o velho nome verdadeiro podia ser visto de novo, nos pontos em que a pintura mais recente havia rachado e descascado. A tinta branca em seus corrimãos e colunatas era a que mais sofrera, e onde o barco parecia mais cinza. Aqui e ali, Marsh viu também manchas verdes grudadas na madeira, espalhando-se. Começou a tremer ao ver o barco. A umidade, o calor e a putrefação, pensou, e de repente achou que havia algo errado com seu olho. Esfregou-o com raiva. As chaminés pareciam tortas por causa do jeito que o barco estava inclinado. Musgo ornava um dos lados da cabine do piloto e descia pelo mastro da bandeira. As cordas que sustentavam seu estrado de bombordo haviam se partido há muito tempo e o estrado caíra sobre o castelo de proa. A escadaria, aquela grande extensão curva de madeira polida, estava coberta de limo. Em vários pontos, Marsh podia ver flores silvestres que haviam se enraizado em fendas das tábuas do convés. Diabos — ele disse. — *Diabos*, Joshua, como é que você deixou o barco chegar a

esse ponto? Como é que deixou… — Mas então sua voz fraquejou e o traiu, e Abner Marsh descobriu que as palavras lhe faltavam.

Joshua York colocou delicadamente a mão no ombro de Marsh e disse: — Sinto muito, Abner. Eu bem que tentei.

— Sim, eu sei — lamentou Marsh. — Foi ele que deixou o barco assim, que o fez ficar podre como tudo o mais que ele toca. Ah, eu sei que foi, sei com uma certeza dos infernos. O que eu não sei é por que raios você mentiu para mim, senhor York. Toda essa história sobre o *Natchez* e o *Robert E. Lee*. Raios. Este barco não vai ganhar de nenhum outro, ele nunca mais vai se mover daqui de novo. — Seu rosto estava vermelho-beterraba, ele sabia, e sua voz começava a ficar mais alta. — Maldição dos infernos, o barco simplesmente vai ficar aqui apodrecendo, e *você sabia disso*! — Ele parou de repente, antes que continuasse gritando e acordasse todos os malditos vampiros.

— Eu sabia — admitiu Joshua York, com pesar nos olhos. O sol da manhã já brilhava atrás dele e fazia-o parecer pálido e fraco. — Mas precisava de você, Abner. Não foi tudo mentira. Julian de fato sugeriu o plano que eu lhe contei, mas Billy convenceu-o do quanto o *Fevre Dream* estava em más condições, e então ele desistiu de vez. O resto era tudo verdade.

— Como, raios, posso acreditar em você? — disse Marsh com indiferença. — Depois de tudo o que passamos juntos, você *mentiu* pra mim. Seu maldito dos infernos, Joshua York, você é a droga do meu sócio, e mentiu pra mim.

— Abner, ouça. Por favor, deixe-me explicar. — Ele cobriu os olhos com a mão e piscou.

— Continue — disse Marsh. — Continue, me conte. Estou ouvindo.

— Eu precisava de você. Sabia que não havia maneira de superar o Julian sozinho. Os outros… mesmo aqueles que estão comigo, eles não conseguem ficar na frente dele, na frente daqueles olhos… ele consegue levá-los a fazer qualquer coisa. Você era minha única esperança, Abner. Você e os homens que imaginei que viriam junto com você. Nós, o pessoal da noite, caçamos vocês, o pessoal do dia, por milhares de séculos; agora eu preciso recorrer a você para tentar salvar nossa raça. Julian irá nos destruir. Abner, seu sonho pode ter apodrecido, mas o meu ainda vive! Eu ajudei você uma vez. Você não teria conseguido construir o barco sem mim. Ajude-me agora!

— Você só precisava ter perguntado — disse Marsh. — Podia ter me contado a maldita verdade.

— Eu não tinha certeza se você toparia vir ajudar meu povo. Mas sabia que por causa do barco viria.

— Eu poderia ter vindo *por sua causa*, maldição. Somos sócios, não somos? Bem, pelo menos éramos, não?

Joshua ficou encarando-o com um silêncio grave. — Sim — disse ele.

Marsh olhou fixamente para aquela ruína acinzentada, apodrecida, que havia sido seu majestoso barco, e viu que um maldito passarinho construíra um ninho numa das suas chaminés. Outros pássaros esvoaçavam e se agitavam de árvore em árvore, fazendo pequenos sons chilreantes e deixando Abner Marsh irritadíssimo. O sol da manhã caía sobre o vapor em fachos amarelos brilhantes, que vazavam inclinados pelas árvores e mostravam partículas de pó flutuando. As últimas sombras fugiam do alvorecer, por trás dos arbustos. — Por que diabos agora? — perguntou Marsh, franzindo o cenho. — Se o motivo não era aquela história

do *Natchez* e do *Robert E. Lee*, então era o quê? O que faz com que hoje seja diferente dos últimos treze anos para que você de repente fuja deles e me escreva uma carta?

— Cynthia está grávida — disse Joshua. — O filho é meu.

Abner Marsh lembrou das coisas que York lhe contara há muitos anos. — Vocês mataram alguém juntos?

— Não. Pela primeira vez na nossa história, a concepção foi livre da mancha da sede vermelha. Cynthia vem usando minha bebida há anos. Ela se tornou… sexualmente receptiva… mesmo sem o sangue, sem a febre. Eu correspondi. Foi poderoso, Abner. Tão forte quanto a sede, mas diferente, mais limpo. Uma sede de vida e não de morte. Ela morrerá quando chegar a hora, a não ser que o seu povo possa ajudar. Julian jamais iria permitir isso. E é preciso pensar na criança também. Não quero que seja corrompida, que fique escravizada a Damon Julian. Quero que esse nascimento seja um novo início para minha raça. Eu precisava fazer alguma coisa.

Um maldito bebê vampiro, pensou Abner Marsh. Quer dizer então que ele estava prestes a intervir e enfrentar Damon Julian por causa de uma criança que talvez crescesse e viesse a ser exatamente como Julian? Mas talvez não. Talvez virasse alguém como Joshua. — Se você quer fazer alguma coisa — disse Marsh —, então por que, droga, não estamos lá dentro, mas aqui fora de conversa fiada? — Ele sacudiu sua arma na direção do imenso vapor em ruínas.

Joshua York sorriu. — Desculpe a mentira — disse ele. — Abner, não existe ninguém como você. Eu lhe agradeço muito.

— Não se preocupe com isso agora — disse Marsh meio asperamente, sem jeito com a gratidão de Joshua. Ele caminhou para fora da sombra das árvores, em direção ao *Fevre Dream* e aos tanques podres de anil, manchados de roxo, perto da água, enquanto a lama grudava nas suas botas e fazia sons obscenos quando ele as tirava e voltava a pôr. Marsh checou de novo se a arma estava carregada. Então encontrou uma velha tábua meio podre em cima da água rasa parada, inclinou-a contra o casco do seu barco e suspendeu seu corpo pesado até o convés principal do vapor. Joshua York, com movimentos rápidos e silenciosos, vinha atrás dele.

Agora tinham pela frente a majestosa escadaria, que levava até a escuridão do convés das caldeiras, até os camarotes de cortinas fechadas onde dormiam seus inimigos, até a longa e reverberante obscuridade do salão. Marsh não se moveu de imediato. — Quero olhar meu vapor — disse por fim, e deu a volta na escada até a sala de máquinas.

Havia rachaduras em duas caldeiras. A ferrugem corroera parte da tubulação de vapor. Os grandes motores estavam marrons e lascados em alguns pontos. Marsh precisou pisar com cuidado para certificar-se de que seu pé não ia arrebentar nenhuma tábua apodrecida. Foi até uma fornalha. Dentro havia cinzas velhas, frias, e algo mais, marrom, amarelo e enegrecido aqui e ali. Ele estendeu o braço e tirou um osso lá de dentro. — Ossos na fornalha do barco — disse ele. — O convés todo podre. As malditas algemas de escravos ainda pelo chão. Ferrugem. Inferno. Inferno. — Ele virou-se. — Já vi o suficiente.

— Eu avisei — disse Joshua York.

— Queria ver eu mesmo. — Andaram de volta até a luz do sol do castelo de proa. Marsh olhou por trás do ombro para as sombras, as sombras podres e enferrujadas de tudo o que o barco havia sido e de tudo o que ele sonhara. — Dezoito grandes caldeiras — disse ele rouco. — Whitey adorava essas máquinas.

— Abner, venha. Temos que fazer o que viemos fazer.

Subiram a grande escadaria, com muita cautela. O limo nos degraus era fedido e escorregadio. Marsh apoiou-se demais sobre um pinhão ornamental de madeira no corrimão e ficou com ele na mão. O passadiço estava sombrio e deserto e pareceu pouco seguro. Entraram no salão principal e Marsh fez uma careta ao ver aqueles cem metros de degradação e desespero, de uma beleza perdida para a podridão. O tapete estava manchado, rasgado e comido por fungos e bolor. Placas verdes espalhavam-se por ele como câncer devorando a alma do vapor. Alguém pintara a claraboia e cobrira os belos vitrais com tinta preta. Escuridão. O longo bar de mármore estava coberto de poeira. As portas dos camarotes pendiam quebradas e arrebentadas. Um dos lustres despencara. Deram a volta numa pilha de vidro quebrado. Um terço dos espelhos estavam rachados ou faltando. O resto não espelhava mais nada, com a prata descascada ou enegrecida.

Quando foram em direção ao tombadilho, Marsh ficou feliz por ver o sol de novo. Checou a arma mais uma vez. O tombadilho erguia-se acima deles, com as portas de seus camarotes fechadas e aguardando. — Ele ainda está no camarote do capitão? — Marsh perguntou. Joshua assentiu. Subiram o lance curto de degraus até o convés do tombadilho.

Nas sombras do alpendre do tombadilho, Sour Billy Tipton estava à espera.

A não ser pelos olhos, Abner Marsh nunca o teria reconhecido. Sour Billy estava tão devastado quanto o barco. Ele sempre fora magro. Agora era um esqueleto animado, com ossos pontudos empurrando sua pele doentiamente amarela. O aspecto da sua pele era como a de um homem que tivesse passado anos acamado. Seu rosto era uma caveira: pálido, cheio de marcas de varíola. Quase todo o seu cabelo havia caído e o topo da cabeça estava coberto de crostas e feridas avermelhadas. Vestia uns farrapos pretos e suas unhas tinham agora uns dez centímetros de comprimento. Só os olhos eram os mesmos: cor de gelo e de algum modo febris, arregalados, tentando assustar, tentando ser pequenos olhos de vampiro, como os de Julian. Sour Billy já sabia que eles estavam vindo. Devia tê-los ouvido quando entraram pelo canto do convés. Ele estava ali, de faca na mão, aquela mão habilmente mortífera. Ele disse: — Bem…

Abner Marsh agarrou firme sua arma e disparou os dois canos, à queima-roupa, no peito dele. Não teria paciência de ouvir aquele segundo “bem” de Billy. Não dessa vez.

A arma fez um estrondo e recuou bem forte, atingindo Marsh e machucando seu braço. O tórax de Sour Billy ficou vermelho numa centena de lugares, e a explosão do disparo atirou-o para trás. A varanda podre do tombadilho cedeu atrás dele e o fez cair no convés. Ainda segurando a faca, tentou ficar em pé. Cambaleou e veio para a frente tonto, como um bêbado. Marsh saltou a varanda indo atrás dele e recarregou a arma. Sour Billy agarrou a pistola que trazia enfiada no cinto. Marsh disparou-lhe mais dois cartuchos, e o fez cair do tombadilho. A pistola se soltou da mão dele e Abner Marsh ouviu Billy gritar e bater em alguma coisa na queda. Olhou para baixo, para o castelo de proa. Billy estava deitado, o rosto para baixo, torto, num ângulo estranho, com uma mancha vermelha embaixo dele. Ainda segurava a maldita faca, mas não parecia mais capaz de causar qualquer dano com ela. Abner Marsh rosnou, pegou mais um par de cartuchos do bolso e voltou para o tombadilho.

A porta do camarote do capitão estava escancarada e Damon Julian estava fora no alpendre, de frente para Joshua, com uma pálida malevolência em seus olhos pretos cintilantes. Joshua York permanecia imóvel, como alguém em transe.

Marsh desviou o olhar para a sua arma e os cartuchos que segurava na mão. Finja que ele não está ali, disse a si mesmo. Você está no sol, ele não pode vir atrás de você, não olhe para ele, simplesmente carregue a arma e dê-lhe dois malditos tiros no rosto enquanto Joshua o mantém parado. Sua mão tremeu. Ele firmou-a e enfiou um cartucho na arma.

E Damon Julian riu. Ao som daquela risada Marsh ergueu os olhos sem querer, com o segundo cartucho ainda entre os dedos. Julian tinha uma tamanha musicalidade no seu riso, tamanha afetuosidade e bom humor, que era difícil sentir medo, difícil lembrar quem ele era e as coisas que era capaz de fazer.

Joshua caíra de joelhos diante dele.

Marsh praguejou e deu três impetuosos passos à frente, e Julian girou rápido, ainda sorrindo, vindo na sua direção. Ou pelo menos tentou. Julian foi querer pular do tombadilho por cima da varanda quebrada, mas Joshua percebeu e saltou atrás dele, pegando Julian por trás. Por um momento os dois rolaram pelo convés. Então Marsh ouviu Joshua gritar de dor, desviou o olhar, enfiou o segundo cartucho, fechou a arma, voltou a olhar e viu Julian se aproximando, aquele rosto branco agigantando-se diante dele e os dentes brilhantes, aqueles dentes terríveis. Seu dedo apertou convulsivamente o gatilho antes de ele ter mirado bem a maldita arma, e o tiro saiu de qualquer jeito. O coice da arma o fez cair esparramado no chão, e foi isso o que talvez tenha salvado sua vida. Julian perdeu distância, virou-se para olhar para trás… e hesitou ao ver Joshua levantando, com quatro longos cortes sangrando pelo seu rosto. — Olhe para mim, Julian — chamou Joshua em voz baixa. — Olhe para mim.

Marsh ainda tinha um cartucho no rifle. Estatelado no convés, ergueu a arma, mas foi lento demais. Damon Julian desviou o olhar de Joshua e viu o cano balançando na direção dele. Esquivou-se e o tiro ecoou pelo ar vazio. Quando Joshua York estava ajudando Abner Marsh a ficar em pé, Julian já havia sumido escada abaixo. — Vá atrás dele! — disse Joshua em tom de urgência. — E fique de olho! Ele pode estar à espreita.

— E você?

— Vou cuidar para que ele não saia do barco — disse Joshua. E então virou-se e saltou da beirada do convés do tombadilho até o castelo de proa, rápido e ágil como um gato. Ele pousou a um metro de onde Sour Billy jazia deitado, aterrissou com um baque e rolou. Um instante depois já estava em pé de novo, correndo em disparada pela escadaria.

Marsh pegou mais dois cartuchos e recarregou a arma. Foi até a escada, deu uma espiada lá embaixo com cautela e começou a descer degrau por degrau, com a arma a postos. A madeira rangia sob seus pés, mas não se ouvia mais nenhum ruído. Marsh sabia que isso não significava nada. Eles se moviam muito silenciosamente, todos eles.

Ele pressentiu onde Julian iria se esconder. No salão principal, ou num dos camarotes contíguos. Marsh manteve o dedo tensionado no gatilho e adentrou o salão principal, parando para deixar que seus olhos se ajustassem à escuridão.

Lá no extremo oposto do salão, algo se moveu. Marsh mirou e ficou imóvel, depois relaxou. Era Joshua.

— Ele não saiu do barco — disse Joshua, com a cabeça movendo-se junto com seus olhos, que, muito melhor que os de Marsh, vasculhavam o salão.

— Foi o que imaginei — disse Marsh. De repente o salão ficou frio. Frio e silencioso, como o ar de um túmulo há muito tempo fechado. Marsh não conseguia ver nada, apenas sombras vagamente ameaçadoras. — Preciso de um pouco de luz — disse ele. Mirou então a

arma para cima e disparou um cartucho na claraboia. O tiro soou ensurdecedor no salão fechado, e a vidraça estilhaçou-se. Choveram cacos de vidro e raios-do-sol. Marsh pegou mais um cartucho e carregou-o. — Não estou vendo nada — disse, dando um passo adiante com a arma debaixo do braço. O longo salão estava totalmente quieto e vazio, pelo menos, o quanto ele era capaz de ver. *E se Julian estivesse agachado atrás do bar?*, pensou Marsh. Com cuidado, foi até lá.

Um tênue clique soou nos seus ouvidos, como cristais se chocando ao vento. Abner Marsh franziu o cenho.

E então Joshua gritou: — *Abner! Em cima de você!*

Marsh olhou para cima no instante em que Damon Julian soltava as mãos do grande lustre no qual se balançava para mergulhar em cima dele.

Marsh tentou erguer a arma e mirar, mas era tarde e ele foi lento demais. Julian caiu bem em cima dele, fez a arma cair rodando da mão de Marsh e os dois foram parar no chão. Marsh tentou rolar e se desvencilhar. Algo o agarrava e puxava. Ele desferiu às cegas um poderoso murro. Mas o golpe de revide veio de lugar nenhum e quase lhe arrancou a cabeça. Por um momento, ficou deitado, aturdido. Então sentiu seu braço ser agarrado e dobrado às suas costas. Marsh gritou. A pressão não aliviou. Ele tentou colocar-se em pé, e seu braço foi puxado para cima com toda a força. Ele ouviu um estalo e gritou de novo, mais alto, conforme a dor latejava viajando pelo seu corpo. Foi então empurrado com violência para o chão, com o rosto esmagado contra o tapete bolorento. — Resista mais, meu querido capitão, e vou quebrar seu outro braço — disse a voz melodiosa de Julian. — Fique bem quieto.

— Largue-o! — gritou Joshua. Marsh ergueu os olhos e viu Joshua a uns seis metros de distância.

— Não penso em fazer isso — respondeu Julian. — Não se mova, querido Joshua. Se chegar perto, vou rasgar a garganta do capitão Marsh antes que você chegue a um metro de mim. Se ficar onde está, irei poupá-lo. Entendeu bem?

Marsh tentou se mexer e mordia seu lábio de agonia. Joshua parou onde estava, as mãos como garras à frente dele. — Sim — disse — entendi bem. — Seus olhos cinza pareciam mortíferos, mas hesitantes. Marsh olhou em volta procurando a arma. Estava a uns dois metros dele, bem fora do seu alcance.

— Muito bem — disse Damon Julian. — Agora, por que não ficamos um pouco mais à vontade? — Marsh ouviu Julian puxar uma cadeira e se sentar bem atrás dele. — Vou sentar aqui, na sombra. E você, Joshua, sente-se aqui, embaixo desse facho de luz do sol que o capitão tão gentilmente deixou entrar no salão. Vamos, Joshua. Faça como eu digo, a não ser que queira vê-lo morrer.

— Se você o matar, não haverá mais nada separando nós dois — disse Joshua.

— Talvez eu me disponha a correr esse risco — replicou Julian. — Você também se disporia?

Joshua York olhou em volta devagar, franziu o cenho, pegou uma cadeira e foi até debaixo da claraboia arrebentada. Sentou-se sob o sol, a uns cinco metros dos dois.

— Tire o chapéu, Joshua. Quero ver seu rosto.

York fez uma careta, tirou seu chapéu de aba larga e atirou-o voando pela escuridão.

— Ótimo — disse Damon Julian. — Agora podemos ficar esperando juntos. Por algum tempo, Joshua. — Ele riu levianamente. — Até escurecer.

33

A bordo do vapor *Fevre Dream*, maio de 1870

Sour Billy Tipton abriu os olhos e tentou gritar. Nada passou entre seus lábios, a não ser um leve gemido. Ao tomar fôlego, engoliu sangue. Sour Billy já havia bebido sangue suficiente para reconhecer seu gosto. Só que dessa vez era o seu próprio. Ele tossiu e teve que fazer força para conseguir respirar. Não se sentia muito bem. Seu peito todo estava pegando fogo, e o lugar onde tombara estava molhado. Sangue, mais sangue. — Me ajudem — chamou baixinho. Ninguém que estivesse a mais de um metro conseguiria ouvi-lo. Ele estremeceu e fechou os olhos de novo, como se pudesse talvez dormir e fazer a dor desaparecer.

Mas a dor ficou. Sour Billy ficou lá deitado um tempo enorme, os olhos fechados, uma respiração entrecortada que fazia seu peito tremer e gritar. Não conseguia pensar em nada a não ser no sangue que pingava dele, naquele convés duro apertando seu rosto, e no cheiro. Havia um cheiro horrível à volta dele. Finalmente, Sour Billy reconheceu. No seu descontrole, defecara nas calças. Não conseguia sentir nada, mas o cheiro sim. Começou a chorar.

Por fim, Sour Billy Tipton não conseguia nem chorar mais. Suas lágrimas haviam secado e a dor era demais. Doía terrivelmente. Tentou pensar em outra coisa, algo além da dor, para que ela talvez o deixasse em paz. Aos poucos tudo foi voltando à sua mente. Marsh e Joshua York, o disparo da arma à queima-roupa. Eles tinham ido lá atrás de Julian, lembrou, e ele tentara impedi-los. Só que dessa vez não conseguiu ser rápido o suficiente. Tentou gritar de novo. — Julian! — chamou, um pouco mais alto do que antes, mas ainda não foi suficiente.

Nenhuma resposta. Sour Billy Tipton choramingou e abriu os olhos de novo. Ele caíra, caíra lá de cima do tombadilho. Estava no castelo de proa agora, constatou. E era de dia. Damon Julian não poderia ouvir seu chamado. E, mesmo que pudesse, estava já muito claro, era de manhã; Julian não viria até ele, Julian só poderia vir depois que escurecesse. A essa altura, já estaria morto. — Quando anoitecer, estarei morto — disse, tão baixinho que mal conseguiu se ouvir. Tossiu e engoliu um pouco mais de sangue. — Senhor Julian… — chamou, a voz bem fraca.

Descansou um tempo, pensando, ou tentando pensar. Estava todo cheio de buracos, lembrou. Seu peito era só carne viva. Devia estar morto, Marsh estivera em pé bem perto dele, ele devia já estar morto. Só que não estava. Sour Billy soltou um risinho abafado. *Ele* sabia por que não estava morto. Armas de fogo não eram capazes de matá-lo. Ele era quase um deles agora. Como Julian havia dito. Sour Billy vinha sentindo isso acontecer. Toda vez que se olhava no espelho, achava-se um pouco mais branco e seus olhos estavam ficando cada

vez mais parecidos com os de Damon Julian; ele podia ver isso, e achava que nos últimos dois anos também conseguia enxergar melhor no escuro. Era o sangue que vinha fazendo isso, pensava. Se pelo menos não o deixasse tão enjoado, ele poderia estar ainda melhor agora. Às vezes, ficava realmente enjoado, sentia torções horríveis na barriga e vomitava tudo, mas continuava bebendo, como Julian dissera, e ficando cada vez mais forte. Podia sentir isso, às vezes, e aquilo era uma prova; eles o haviam baleado, ele caíra e não morrera, não senhor, não morrera. Estava se curando, como Damon Julian faria. Era quase um deles agora. Sour Billy sorriu e pensou que ficaria deitado ali até se curar totalmente, e então levantaria e iria lá matar Abner Marsh. Já podia até imaginar a cara de susto de Marsh quando o visse chegar, depois do jeito que havia sido baleado.

Se não doesse tanto… Sour Billy ficou imaginando se teria doído desse jeito em Julian no dia em que o maldito daquele elegante oficial náutico enfiara a espada nele. O senhor Julian com certeza lhe dera uma lição. E agora Billy daria uma lição a algumas pessoas, também. Pensou nisso um tempo, em todas as coisas que faria. Andaria pela Gallatin Street sempre que tivesse vontade e todos o tratariam com o maior respeito, e ele arrumaria lindas garotas, altas e loiras, e damas crioulas, em vez das prostitutas dos salões de baile, e depois que se cansasse delas provaria seu sangue também, e assim ninguém mais iria possuí-las, e com isso ninguém mais iria rir dele, não como as prostitutas costumavam rir às vezes, nos maus tempos de antes.

Sour Billy Tipton gostou de ficar pensando em como as coisas seriam. Mas, depois de um tempo — alguns minutos, algumas horas, ele não tinha mais certeza —, não conseguiu mais. Em vez disso, voltou a pensar na dor, no jeito em que tudo doía terrivelmente toda vez que tentava respirar. Agora já deveria doer menos, pensou. Mas não. E ele ainda sangrava muito, tanto que começava a se sentir muito tonto. Se estivesse se curando, como poderia ainda sangrar daquele jeito? De repente, Sour Billy ficou com medo. Talvez ele ainda não tivesse ido longe o suficiente. Talvez não fosse se curar coisa nenhuma, nem levantar novinho em folha para ir lá pegar o Abner Marsh. Talvez só fosse sangrar até morrer. Ele gritou: — Julian! — Gritou o mais forte que conseguiu. Julian poderia concluir a mudança, poderia torná-lo melhor, torná-lo forte. Se ele pelo menos conseguisse avisar o Julian, tudo se resolveria. Julian lhe traria sangue para deixá-lo forte, Julian cuidaria dele. Sour Billy sabia disso. O que seria de Julian sem ele? Chamou de novo, gritando tão forte que sua garganta quase estourou de dor.

Nada. Silêncio. Aguçou o ouvido esperando ouvir passos de Julian ou algum dos outros vindo ajudá-lo. Nada. Exceto… aguçou mais o ouvido. Sour Billy imaginou ter ouvido vozes. E uma delas era de Damon Julian! Ele podia ouvi-lo. Sentiu um pouco de alívio.

Mas Julian não podia ouvir Billy. E, mesmo que pudesse, talvez não viesse, não debaixo daquele sol. O pensamento aterrorizou Sour Billy. Julian viria quando escurecesse, viria e concluiria a mudança. Mas ao anoitecer seria tarde demais.

Ele é que teria de ir até Julian, decidiu Sour Billy Tipton, deitado ali no meio do sangue e da dor. Teria que se mexer e ir até onde Julian estivesse, para que Julian pudesse ajudá-lo.

Sour Billy mordeu o lábio e reuniu todas as forças, tentando ficar em pé.

E gritou.

A dor que o atravessou quando ele tentou se mexer era como uma faca incandescente, uma súbita agonia lancinante que apunhalava seu corpo e lhe arrancava todos os pensamentos,

a esperança e o medo, até não sobrar mais nada a não ser dor. Ele se encolheu e ficou quieto, com o corpo latejando. Podia sentir o coração batendo enlouquecido, e a dor, a dor aos poucos indo embora. Foi quando Sour Billy Tipton percebeu que não conseguia mais sentir as pernas. Tentou mexer os dedos dos pés. Não sentia mais absolutamente nada lá embaixo.

Estava morrendo. Não era justo, pensou Sour Billy. Agora que estava tão perto. Por treze anos bebera sangue e ia ficando mais forte, mudando, e estava muito perto. Iria viver para sempre, e agora tiravam isso dele, roubando-o; eles sempre o roubavam, nunca tivera nada. Tratava-se de uma fraude. O mundo estava fraudando-o uma vez mais; os negros, os crioulos e os riquinhos estavam sempre enganando-o e rindo dele, e agora estavam fraudando-lhe a vida, fraudando sua vingança.

Ele *tinha* que chegar até Julian. Se pelo menos ele pudesse fazer a mudança, tudo se ajeitaria de novo. Senão, iria morrer ali e iriam rir dele, diriam que era um estúpido, um lixo, todas aquelas coisas que sempre diziam; iriam mijar no seu túmulo e rir dele. Precisava encontrar o senhor Julian. E aí seria ele quem iria rir, sim senhor.

Sour Billy respirou fundo. Podia sentir sua faca, ainda agarrada na mão. Mexeu o braço, pegou a faca e a colocou entre os dentes, tremendo. Pronto! Isso não doeu muito, pensou. Seus braços ainda estavam em ordem. Seus dedos se esticaram e lutaram para se agarrar ao convés molhado, escorregadio, cheio de mofo e sangue. Então fez o máximo de força que podia, com as mãos e os braços, e arrastou-se para a frente. Seu peito queimava, e sentiu de novo a dor como uma punhalada nas costas; então, estremeceu e mordeu forte o aço da faca entre os dentes. Desabou de exaustão e agonia. Mas, quando a dor finalmente suavizou um pouco, Sour Billy abriu os olhos e era possível ver um sorriso em volta da lâmina da faca. Conseguira se mexer! Arrastara-se para a frente quase meio metro, pensou. Mais uns cinco ou seis impulsos e estaria ao pé da escadaria. Então poderia se agarrar às barras da elegante balaustrada e içar a si mesmo até lá em cima. Era de lá que vinham as vozes, pensou. Poderia chegar até onde estavam. Sabia que podia. Ele *tinha* que conseguir!

Sour Billy Tipton esticou os braços, enterrou suas longas e duras unhas na madeira e mordeu sua faca.

34

A bordo do vapor *Fevre Dream*, maio de 1870

As horas passavam em silêncio, um silêncio entretecido de medo.

Abner Marsh sentou perto de Damon Julian, as costas apoiadas contra o balcão de mármore preto do bar, segurando o braço quebrado e suando. Julian havia finalmente permitido que ele saísse daquela posição de barriga para baixo e ficasse sentado quando o latejar no seu braço ficou insuportável demais e ele começou a gemer. Agora, nessa posição, o braço parecia não doer tanto, mas ele sabia que a agonia viria inundá-lo de novo no instante em que tentasse se mexer. Então Marsh ficou sentado bem quieto, segurando o braço e pensando.

Marsh nunca fora muito bom no xadrez, como Jonathon Jeffers provara meia dúzia de vezes. Às vezes, entre uma partida e outra, até esquecia como era o movimento de cada uma das malditas peças. Mas mesmo assim sabia o suficiente para reconhecer quando alguma partida entrava num beco sem saída e só podia terminar empatada.

Joshua York estava sentado bem ereto na cadeira, seus olhos negros e indecifráveis pousados na distância, todo o corpo tenso. A luz do sol batia direto nele, exaurindo sua energia vital, queimando sua força como queimava a névoa do rio toda manhã. Ele não se mexia. Por causa de Marsh. Porque Joshua sabia que, se atacasse, Abner Marsh iria sufocar no próprio sangue antes que York conseguisse deter Julian. Talvez Joshua pudesse então matar Damon Julian, talvez não, mas de qualquer jeito isso não faria mais muita diferença para Marsh.

Julian também estava num beco sem saída. Se matasse Marsh, perderia a proteção que ele, vivo, lhe oferecia. Então Joshua ficaria livre para atacá-lo. Era evidente que Damon Julian tinha medo disso. Abner Marsh sabia como funcionava. Uma derrota produzia isso num homem, até mesmo naquela coisa que se fazia chamar Damon Julian. Julian superara Joshua York uma dezena de vezes e o sangrara para selar a submissão. York triunfara apenas uma vez. Mas havia sido o suficiente para que a certeza de Julian fosse embora. O medo vivia dentro dele como um verme num cadáver.

Marsh sentia-se fraco e impotente. Seu braço doía terrivelmente e não havia nada que ele pudesse fazer. Quando não estava observando York e Julian, seus olhos voltavam-se para a arma. Longe demais, disse a si mesmo. Longe demais. Quando ele sentou encostado no bar, isso fez a arma ficar ainda mais longe. Mais de dois metros, no mínimo. Era impossível. Marsh sabia que jamais conseguiria, mesmo nas melhores circunstâncias. E com um braço

quebrado então… Ele mordiscou o lábio e tentou pensar em alguma outra coisa. Se fosse Jonathon Jeffers que estivesse sentado no lugar de Marsh, talvez ele fosse capaz de inventar algo. Algo inteligente e surpreendente e fora do comum. Mas Jeffers estava morto e Marsh só podia contar consigo, e a única coisa em que atinava pensar era naquela coisa simples, direta e estúpida: agarrar aquela maldita arma. Se não fizesse isso, Marsh sabia, morreria.

— A luz o incomoda, Joshua? — Julian perguntou uma hora, depois que já estavam sentados havia longo tempo. — Você precisa se acostumar com ela se for virar um deles. Todo o gado que se preza adora a luz do sol. — Ele sorriu. Depois, tão rápido como se instalara, o sorriso sumiu. Joshua York não respondeu e Julian não falou mais.

Ao observá-lo, Marsh pensou o quanto o próprio Julian parecia ter decaído, do mesmo jeito que o vapor e Sour Billy haviam apodrecido. Estava diferente agora, de algum jeito, diferente e até mais assustador. Após aquela pergunta breve, não fez mais provocações. Não pronunciou uma palavra. Não olhou para Joshua York ou para Marsh, ou para algo em particular. Seus olhos estavam fixos no nada, frios, negros e mortos como carvões. Ainda tinham uma qualidade bruxuleante, e nas sombras onde Julian estava sentado eles às vezes pareciam arder com sua própria luz escura por trás daquela fronte pálida e pesada. Mas não pareciam humanos. Nem Julian. Marsh relembrou a noite em que Julian subira a bordo do *Fevre Dream*. Quando ele olhou naquela vez para os seus olhos, foi como se visse máscaras caindo, uma após a outra numa sucessão interminável, até que, no fundo, depois de todas elas, a besta emergiu. Agora era diferente. Agora era quase como se as máscaras tivessem deixado de existir. Damon Julian havia sido um homem mau como Marsh jamais conhecera, mas parte daquela maldade era humana: a malevolência, suas mentiras, aquela terrível risada musical, sua cruel perversidade em atormentar os outros, seu amor pela beleza e por destruí-la. Agora tudo isso parecia ter desaparecido. Agora havia apenas a besta, à espreita no escuro, com seus olhos de fera, encurralada e com medo, irracional. Agora Julian não ridicularizava Joshua, nem discursava sobre o bem e o mal e a força e a fraqueza, nem enchia Marsh de doces e indecentes promessas. Agora apenas sentava e aguardava, envolto no manto das sombras, com seu rosto perene desprovido de qualquer expressão, seus olhos ancestrais vazios.

Abner Marsh compreendeu então que Joshua tinha razão. Julian era louco, ou pior que isso. Julian era agora um fantasma, e a coisa que vivia dentro daquele corpo era tudo, menos estúpida.

No entanto, pensou Marsh com amargura, *aquilo* lá é que seria o vencedor. Damon Julian até podia morrer, como todas as outras máscaras por *sua vez* haviam morrido, ao longo dos séculos. Mas a besta continuaria. Julian sonharia com as trevas e o sono, mas a besta nunca morreria. Era inteligente, paciente e forte.

Abner Marsh deu uma olhada na arma de novo. Se pelo menos pudesse alcançá-la… Se pelo menos fosse tão rápido e forte como havia sido há quarenta anos. Se pelo menos Joshua pudesse prender a atenção de Julian por tempo suficiente. Mas não havia jeito. A besta não iria cruzar seus olhos com os olhos de Joshua. Marsh não era nem rápido, nem forte, e seu braço estava quebrado e doendo. Nunca poderia ficar em pé de um salto e alcançar a arma a tempo. Além disso, o cano apontava na direção oposta. Caíra de modo a ficar apontado para Joshua. Se a arma estivesse voltada para o outro lado, talvez valesse a pena arriscar. Nesse caso, ele só teria que mergulhar até a arma, erguê-la depressa e puxar o gatilho. Mas, do jeito que estava, teria que pegá-la e virar do outro lado para disparar em Julian. Com um braço

quebrado. Não. Marsh sabia que seria inútil. A besta era rápida demais.

Joshua então deixou escapar um queixume pelos lábios, um grito de dor mal reprimido. Colocou uma mão na fronte, inclinou-se para a frente e enterrou o rosto nas mãos. Sua pele já estava cor-de-rosa. Em pouco tempo estaria vermelha. Depois esturricada, preta e queimada. Abner Marsh podia ver a vitalidade esvaindo-se dele. O que o fazia continuar naquele círculo ardente de sol Marsh não conseguia adivinhar. Joshua, no entanto, tinha fibra, ah, isso ele tinha. De repente, Marsh precisou falar. — Mate-o — disse ele em voz alta. — Joshua, saia daí e ataque-o, diabos. Não se preocupe comigo.

Joshua York levantou o olhar com um leve sorriso. — Não.

— Seu maldito dos infernos, seu teimoso estúpido. Faça o que eu lhe digo! Eu sou um velho, minha vida não vale mais nada. Joshua, *faça como estou lhe dizendo!*

Joshua balançou a cabeça e enterrou o rosto nas mãos de novo.

A besta olhava fixamente para Marsh de um jeito estranho, como se não conseguisse compreender suas palavras, como se tivesse esquecido toda a fala que um dia soubera. Marsh olhou nos seus olhos e estremeceu. Seu braço doeu, e ele tinha lágrimas ocultas nos olhos. Praguejou e xingou até seu rosto ficar vermelho. Era melhor do que chorar feito uma maldita mulherzinha. Então falou alto: — Você tem sido um sócio dos infernos, Joshua. Não vou esquecer de você enquanto viver.

York sorriu. Até seu sorriso mostrava-se dolorido, percebeu Marsh. Joshua estava enfraquecendo visivelmente. A luz iria matá-lo e então Marsh ficaria ali sozinho.

Eles ainda tinham horas e horas de luz do sol. Mas as horas passam. A noite uma hora chegaria. Abner Marsh não seria capaz de impedir que chegasse, como não seria capaz de alcançar aquela maldita e inútil arma. O sol iria se pôr e a escuridão aos poucos cobriria o *Fevre Dream*, e então a besta iria sorrir e levantar da cadeira. Ao longo de todo o grande salão as portas se abririam, conforme os outros fossem se mexendo e acordando, os filhos da noite, vampiros, os filhos e as filhas e os escravos da besta. Saindo de trás dos espelhos partidos e das descoloridas pinturas, viriam silenciosos, com seus sorrisos frios, rostos brancos e olhos terríveis. Alguns deles eram amigos de Joshua e uma das mulheres carregava um filho seu, mas Marsh sabia com uma certeza mortal que isso não faria qualquer diferença. Eles pertenciam à besta. Joshua tinha as palavras, a justiça e o sonho, mas a besta tinha o poder e exerceria seu apelo sobre as bestas que viviam em todos os demais, acordaria sua sede vermelha e iria dobrá-los à sua vontade. Não tinha a sede ele mesmo, mas tinha a memória dela.

E, quando aquelas portas começassem a abrir, Abner Marsh morreria. Damon Julian falara em poupá-lo, mas a besta não se dobraria às tolas promessas de Julian; sabia o quanto Marsh era perigoso. Feio ou não, Marsh iria alimentá-los aquela noite. E Joshua iria morrer também, ou, pior, tornar-se como eles. E seu filho cresceria para virar outra besta e a matança continuaria para sempre, a sede vermelha fluiria por mais séculos insaciada, os sonhos febris se transformariam em doença e ruína.

Como seria possível terminar de outro jeito? A besta era maior que eles, uma força da natureza. A besta era como o rio, eterna. Não padecia de dúvidas, não pensava, não sonhava ou fazia planos. Joshua York podia ganhar de Damon Julian, mas, quando Julian caísse, a besta estaria por trás: viva, implacável, forte. Joshua havia drogado sua própria besta, submetera-a à sua vontade, portanto contava apenas com a humanidade para enfrentar a besta que vivia em

Julian. E só a humanidade não era suficiente. Ele não podia ter esperança de vencer.

Abner Marsh franziu o cenho. Havia algo no meio dos seus pensamentos que ficava importunando-o. Tentou adivinhar o que era, mas escapava dele. Seu braço latejava de dor. Ele desejou um pouco da maldita bebida de Joshua. Tinha um gosto horrível dos infernos, mas Joshua dissera uma vez que continha láudano, e isso aliviaria a dor. O álcool também seria muito bem-vindo naquela hora.

O ângulo da luz que entrava por aquela claraboia destruída a tiros agora mudara de inclinação. Era de tarde, Marsh imaginou. Era de tarde e a tarde passava. Ainda teriam algumas poucas horas. Então as portas começariam a ser abertas. Ele olhou para Julian, para a arma. Apertou o braço, como se isso de algum modo pudesse aliviar a dor. Em que diabos ele estava pensando mesmo? Na vontade de tomar um pouco da maldita bebida do Joshua para o seu braço… não, na besta, em como Joshua nunca seria capaz de vencê-la, por causa…

Abner Marsh ficou de olhos semifechados e olhou para Joshua. Ele havia vencido uma vez, Marsh pensou. Uma vez. Ele o vencera uma vez, com a besta ou sem ela. Por que não poderia fazê-lo de novo? Por quê? Marsh agarrou o braço, girou-o lentamente para a frente e para trás, tentando aliviar um pouco a dor para poder pensar melhor. Por quê, por quê, por quê?

E então a resposta veio até ele, como algumas coisas sempre faziam. Talvez ele fosse lento, mas Abner Marsh nunca esquecia. A resposta veio até ele. A bebida, ele pensou. Ele conseguiu então entender o que havia acontecido. Ele despejara o que restara de bebida pela goela de Joshua quando ele desmaiara ao sol. A última gota caiu na sua bota e ele atirou a garrafa no rio. Joshua partiu algumas horas depois e demorou… quanto tempo?… dias, demorou *dias* para voltar ao *Fevre Dream*. Ele correu, correu ao encontro das suas malditas garrafas, fugindo da sede vermelha. Então localizou o vapor e todos aqueles mortos e começou a arrancar as tábuas das portas, e então Julian apareceu… Marsh lembrou das próprias palavras de Joshua… *Eu estava gritando com ele, gritando de modo incoerente. Eu queria vingança. Eu queria matá-lo como nunca quis matar ninguém, queria rasgar e abrir aquela garganta branca dele, e sentir o gosto do seu maldito sangue! Minha raiva…* Não, pensou Marsh, não era só raiva. A sede. Joshua havia ficado tão enlouquecido que jamais se dera conta disso direito, mas estava no primeiro estágio da sede vermelha. Ele deve ter tomado um copo da sua bebida assim que Julian se retirou furtivamente, então nunca percebeu o que era, por que aqueles momentos haviam sido diferentes.

Marsh sentiu naquela hora um frio terrível, ao imaginar se Joshua sabia do real motivo pelo qual arrancara todas aquelas tábuas, imaginando o que teria acontecido se Julian não tivesse aparecido lá naquela hora. Não era de admirar que Joshua tivesse vencido então, e depois nunca mais. As queimaduras, os seus medos, a carnificina em volta dele, o fato de estar sem bebida dias seguidos… só podia ter sido a sede. A sua besta acordara naquela noite, e era mais forte que a de Julian.

Em suma, Abner Marsh foi tomado por uma grande excitação. Só que de repente começou a ficar claro para ele que sua louca esperança era despropositada. Talvez tivesse entendido alguma coisa, mas aquilo não seria de nenhuma ajuda para eles. Nesta última saída dos dois, Joshua tomara uma boa quantidade da sua bebida. Bebera meia garrafa em New Orleans antes de partirem para a fazenda de Julian. Marsh não conseguia ver de que jeito poderia despertar a febre em Joshua, a febre que seria sua única chance… seus olhos

voltaram-se para a arma, a maldita daquela arma inútil. — Diabos! — ele murmurou. *Esqueça a arma*, disse a si mesmo, *não vai lhe adiantar nada, pense, pense como o senhor Jeffers teria feito, tente inventar alguma coisa. É como numa corrida de barcos*, pensou Marsh. Você não pode ficar simplesmente tocando o barco sempre em frente ao enfrentar outro barco mais rápido, precisa também ser esperto, ter um piloto ágil que conheça todos os atalhos e saiba como cortar caminho, e talvez comprar toda a madeira boa de um depósito para que o outro barco que vem atrás fique só com a madeira ruim, ou quem sabe ter mais banha de porco de reserva. Macetes!

Marsh fez uma careta e cofiou suas costeletas com a mão boa. Não podia fazer nada, sabia. Cabia a Joshua. Só que ele estava sendo consumido pelas queimaduras, ficando mais fraco a cada minuto, e não iria se mexer enquanto a vida de Marsh estivesse em jogo. Se pelo menos houvesse alguma maneira de fazer Joshua se mexer… despertar sua sede… de algum jeito. De que maneira será que ela acontece nele agora? Será que vem a cada mês, algo assim, e só deixa de vir quando ele toma a bebida da garrafa? Será que não havia alguma outra coisa? Algo capaz de despertar a sede de repente? Marsh pensou que deveria haver, mas não conseguia imaginar o quê. Talvez a raiva tivesse algo a ver, mas não deveria ser suficiente. A beleza? Coisas realmente bonitas eram tentadoras para Joshua, mesmo que ele tomasse a bebida. Ele provavelmente escolheu a mim como sócio porque lhe contaram que eu era o homem mais feio do rio, Marsh pensou. Mas ainda não era isso. O maldito do Damon Julian era bem bonito, e conseguira deixar Joshua com uma raiva terrível, mas Joshua mesmo assim perdia, perdia sempre, a bebida fazia com que as coisas fossem assim, tinha que ser… Marsh começou a relembrar todas as histórias que Joshua já lhe contara, todas as noites de trevas, as mortes, os tempos abominavelmente amargos em que a sede tomava conta do seu corpo e da sua alma.

… Ele me acertou direto no estômago e eu sangrava profusamente… Eu levantei. Devo ter sido uma visão terrível, o rosto pálido e o corpo coberto de sangue. E um sentimento estranho tomou conta de mim... Julian bebericou seu vinho e sorriu, dizendo: *Achou mesmo que eu fosse machucá-lo naquela noite em agosto? Ah, talvez eu fosse, no meio da minha dor e raiva. Mas antes, não...* Marsh viu o rosto dele, retorcido e bestial, quando ele puxou a bengala-espada de Jeffers do seu corpo… ele relembrou Valerie, queimando, morrendo no bote, lembrou da maneira com que ela gritara e avançara na garganta de Karl Framm… ele ouviu Joshua conversando, dizendo: *O homem me acertou de novo e eu soltei um golpe com as costas da mão… E então ele me agarrou de novo…*

Ele devia estar certo, pensou Abner Marsh, devia estar certo, afinal, era a única coisa em que conseguira pensar, a única coisa que conseguira imaginar. Deu uma olhada na claraboia. O ângulo era mais agudo agora e Marsh achou que a luz estava um pouco mais avermelhada. Joshua estava parcialmente na sombra. Uma hora atrás, Marsh teria visto isso com alívio. Agora, não tinha tanta certeza.

— Ajuda… — disse a voz. Era um cochicho truncado, uma voz horrivelmente sufocada e dolorida. Mas eles ouviram. No meio daquele silêncio sombrio, todos eles ouviram.

Sour Billy Tipton vinha rastejando no escuro, deixando um rastro de sangue atrás dele no tapete. Na verdade, não vinha exatamente rastejando, viu Marsh. Vinha se arrastando, cravando sua maldita faca no convés e puxando seu corpo para a frente com os braços, em

zigue-zague, com as pernas e toda a parte de baixo do seu corpo deslizando pelo chão atrás dele. Sua coluna estava curvada num ângulo improvável. Billy mal parecia humano. Estava todo coberto de musgo e sujeira, com crostas de sangue coagulado, e sangrava enquanto o observavam. Puxou seu corpo para a frente mais alguns centímetros. Seu peito parecia escavado, e a dor fizera do seu rosto uma horrível máscara retorcida.

Joshua York levantou devagar da sua cadeira, como um sonâmbulo. Seu rosto estava horrivelmente vermelho, constatou Marsh. — Billy… — ele começou a dizer.

— Fique onde está, Joshua — disse a besta.

York olhou-o com ar ausente e passou a língua nos seus lábios secos, rachados. — Não vou atacá-lo — disse. — Deixe-me matar Billy. Seria um ato de misericórdia.

Damon Julian sorriu e balançou a cabeça negativamente. — Mate o coitado do Billy — ele disse — e vou ter que matar o capitão Marsh. — Ele soava agora quase como Julian de novo; aquela sofisticação líquida da sua voz, a frieza das palavras, o ar de quem parece estar vagamente se divertindo.

Sour Billy moveu-se mais um palmo, com muita dor, e parou, o corpo tremendo. Sangue pingava de sua boca e do seu nariz. — Julian — ele chamou.

— Você vai ter que falar mais alto, Billy. Não estamos conseguindo ouvi-lo bem.

Sour Billy agarrou firme sua faca e fez uma careta. Tentou erguer a cabeça o máximo que conseguia. — Eu estou… me ajudem… dói, eu estou ferido. Dói muito. Dentro. Lá dentro… senhor Julian.

Damon Julian levantou da cadeira. — Pois é, estou vendo, Billy. O que você quer?

A boca de Sour Billy começou a tremer nos cantos. — Ajuda… — ele cochichou. — Mudança… conclua a mudança… eu preciso… Estou *morrendo...*

Julian observava Billy, e estava de olho em Joshua também. Joshua continuava em pé. Abner Marsh tensionou os músculos e olhou para a arma. Com Julian já em pé, não era mais possível. Não daria para girar, apontar para ele e atirar. Mas talvez… ele olhou para Billy, cuja agonia quase fez Marsh esquecer do seu braço quebrado. Billy implorava… *viver para sempre… Julian… transforme-me… um igual a vocês...*

— Ah — disse Julian. — Receio ter más notícias para você, Billy. Não posso transformá-lo. Você realmente achou que uma criatura como você poderia se tornar um de nós?

— … *prometeu*. — Billy sussurrou num tom agudo. — Você *prometeu*. Estou *morrendo*!

Damon Julian sorriu. — O que eu farei sem você? — ele disse. Riu baixinho e foi aí que Marsh soube que se tratava de Julian de fato, que a besta deixara Julian vir à tona de novo. Era a risada de Julian, rica, musical e estúpida. Marsh ouviu a risada e olhou para o rosto de Sour Billy, vendo a mão dele tremendo enquanto tentava desprender a faca do chão do convés.

— *Vá para o meio do inferno*! — rugiu Marsh para Julian, colocando-se em pé com muito esforço. Julian olhou, surpreso. Marsh engoliu a dor e se jogou na direção da arma para pegá-la. Julian foi cem vezes mais rápido do que ele. Marsh caiu pesadamente em cima da arma, e quase perdeu os sentidos de tanta dor que percorria seu corpo, mas, ao mesmo tempo em que sentiu a dureza do cano debaixo da sua barriga, sentiu também as mãos brancas e frias de Julian em volta do seu pescoço.

E de repente elas não estavam mais lá, e ele ouviu Damon Julian soltar um grito. Abner Marsh rolou de lado. Julian cambaleava para trás, com as mãos cobrindo o rosto. A faca de Sour Billy estava espetada no seu olho esquerdo, e o sangue escorria entre seus dedos

brancos. — Morra, seu maldito — berrou Marsh enquanto puxava com força o gatilho. O disparo fez Julian tirar os pés do chão. A arma retrocedeu contra o braço de Marsh e ele gritou. Por um instante, Marsh chegou a perder a consciência. Quando a dor aliviou o suficiente para que ele pudesse enxergar de novo, teve dificuldades para se pôr em pé. Mas conseguiu. Bem a tempo de ouvir um forte estalo, como o de um galho seco se partindo.

Joshua York, que estava inclinado sobre Billy Tipton, levantava agora com as mãos manchadas de sangue. — Não havia mais esperança para ele — disse York.

Marsh tomou fôlego em grandes arfadas, com o coração batendo forte. — Conseguimos, Joshua — disse ele. — Matamos os dois malditos…

Alguém soltou uma risada.

Marsh virou-se e recuou.

Julian sorriu. Não havia morrido. Perdera um olho, mas a faca não havia ido fundo o suficiente, não tocara seu cérebro. Estava meio cego, mas não morto. Marsh percebeu seu erro, embora tarde demais. Ele atirara no peito de Julian, o maldito peito; em vez de ter estourado a cabeça dele, optara pelo disparo mais fácil. A roupa de Julian pendia dele em farrapos ensanguentados, mas ele não estava morto. — Não sou tão fácil de matar quanto o pobre Billy — disse ele. O sangue jorrava da órbita do seu olho e escorria pelo rosto. Mas já formava crostas, coagulando. — Não sou tão fácil de matar quanto você será. — Ele foi chegando perto de Marsh com uma lentidão lânguida, inevitável.

Marsh tentou segurar a arma com seu braço quebrado enquanto pegava cartuchos do bolso. Tentou prendê-la debaixo do braço, contra o corpo, dando um passo para trás, mas a dor o deixava fraco e desajeitado. Seus dedos estavam escorregadios e um dos cartuchos caiu no chão. Marsh bateu as costas contra uma coluna. Damon Julian riu.

— Não — disse Joshua York. Ele ficou entre os dois, o rosto em carne viva. — Eu o proíbo de fazer isto. Sou seu mestre de sangue. Pare, Julian.

— Ah — disse Julian. — De novo essa história, caro Joshua? Bem, que seja, então. Mas desta vez será a última. Até o Billy aprendeu qual é a verdadeira natureza dele. Também é hora de você aprender qual é a sua, caro Joshua. — Seu olho esquerdo era sangue coagulado, o direito um abismo negro imenso.

Joshua York parou imóvel.

— Você não pode vencê-lo — disse Abner Marsh. — Por causa da maldita besta. Não, Joshua. — Mas Joshua York já não ouvia mais nada. A arma caiu do sovaco do braço quebrado de Marsh. Ele inclinou-se, pegou-a com o braço bom, jogou-a desajeitadamente em cima de uma mesa atrás dele e começou a carregá-la. Com uma mão só, era uma operação lenta. Seus dedos estavam duros, desajeitados. O cartucho continuava escapando. Por fim, conseguiu encaixá-lo, fechou a arma e levantou-a com dificuldade com o braço bom.

Joshua havia se virado, bem devagar, do jeito que o *Fevre Dream* dera a volta naquela noite em que perseguia o *Eli Reynolds*. Ele avançou um passo na direção de Abner Marsh. — Joshua, não — disse Marsh. — Fique longe. — Joshua chegou mais perto. Ele tremia, lutando contra alguma coisa. — Saia da frente — disse Marsh. — Deixe-me atirar nele. — Joshua parecia não ouvir. Tinha no rosto um olhar horrível, morto. Estava tomado pela besta. Vinha com suas mãos fortes e pálidas erguidas. — Que inferno — disse Marsh —, que inferno. Joshua, eu preciso fazer isso. Já imaginei tudo como tem que ser. É o único jeito.

Joshua York agarrou Abner Marsh pela garganta, com seus olhos cinza arregalados e

demoníacos. Marsh enfiou a arma no sovaco de Joshua e apertou o gatilho. Houve uma explosão terrível, espalhando um cheiro de fumaça e sangue. York girou e caiu pesadamente, gritando de dor, enquanto Marsh recuava um passo.

Damon Julian sorriu sardonicamente e moveu-se ágil como uma cascavel, arrancando a arma fumegante da mão de Marsh. — E agora somos só nós dois — disse. — Só nós dois, caro capitão.

Ele ainda sorria quando Joshua produziu um som selvagem, metade urro, metade grito, e se atirou sobre Julian pelas costas. Julian gritou, surpreso. Eles rolaram várias vezes pelo chão, lutando ferozmente, até que bateram forte no balcão do bar e se separaram. Damon Julian levantou primeiro, Joshua logo depois. O ombro de York estava todo ensanguentado e seu braço pendia inerte. Mas através de seus olhos cinza semicerrados, daquela nebulosidade de sangue e dor, Abner Marsh podia sentir a raiva da besta febril. York sentia dor, Marsh pensou triunfante, e a *dor* era capaz de despertar a sede.

Joshua avançou devagar. Julian recuou, sorrindo. — Não fui eu, Joshua — disse. — Foi o capitão que o feriu. O capitão. — Joshua parou e deu uma olhada rápida para Marsh, e por um longo momento Marsh esperou para ver por que caminho a sede iria levá-lo, para ver se naquela hora o mestre era Joshua ou a besta dentro dele.

Por fim, York sorriu fracamente para Damon Julian, e a silenciosa luta teve início.

Sentindo-se aliviado, Marsh parou um momento para juntar forças antes de se curvar e pegar a arma de onde Julian a deixara cair. Colocou-a de novo em cima da mesa, abriu-a, recarregou-a lentamente e com esforço. Ao pegá-la novamente e acomodá-la debaixo do braço, viu que Damon Julian estava de joelhos. Ele levara a mão à órbita ocular e arrancara seu olho ensanguentado. Agora o segurava, com a mão em concha, enquanto Joshua York curvava-se em direção à sua oferenda de sangue.

Abner Marsh avançou rapidamente, encostou a arma na têmpora de Julian, sobre os finos cachos negros do seu cabelo, e disparou ambos os canos da arma.

Joshua ficou atônito, como se tivesse sido arrancado abruptamente de um sono. Marsh rosnou e jogou a arma no chão. — Você não queria isso, eu sei — disse ele a Joshua. — Mas, espere um pouco. Eu tenho o que você quer. — E foi andando pesadamente até a parte de trás do balcão do bar onde estavam as garrafas de vinho escuras sem rótulo. Marsh pegou uma delas e limpou a poeira. Foi quando levantou o olhar por acaso e viu todas as portas abertas, todos aqueles rostos pálidos olhando. *Os tiros*, pensou. Os tiros haviam trazido todos eles para fora.

Marsh estava tendo dificuldades para tirar a rolha com uma mão só. Por fim, decidiu usar os dentes. Joshua York foi lentamente até o bar, como se estivesse num transe. Em seus olhos, a luta ainda prosseguia. Marsh ergueu a garrafa e Joshua estendeu a mão, agarrando-lhe o braço. Marsh aguentou firme. Por um longo momento ficou sem saber o que iria acontecer, se Joshua pegaria a garrafa ou se iria rasgar as veias do seu pulso. — Todos temos que fazer nossas malditas escolhas, Joshua — disse ele baixinho, sentindo ainda a pressão dos dedos fortes de Joshua no seu braço.

Joshua York ficou olhando fixamente para ele durante meia eternidade. Então arrancou a bebida da mão de Marsh, jogou a cabeça para trás e levantou bem alto a garrafa. O líquido escuro veio aos borbotões e escorreu por todo o seu queixo.

Marsh pegou uma segunda garrafa daquela coisa ruim, espatifou o gargalo contra o canto

do balcão de mármore e levantou-a bem alto. — Ao maldito *Fevre Dream*! — disse ele.

E beberam juntos.

Epílogo

O cemitério é velho e malcuidado, rodeado pelos sons do rio. Fica bem alto, num rochedo, e abaixo dele corre o Mississippi, sem parar, como há milhares de anos. Você pode sentar na beirada do rochedo, com os pés balançando, e ficar olhando o rio, absorvendo em paz as suas belezas. Visto daqui de cima o rio tem mil faces. Às vezes, é dourado, e se agita com as ondas de insetos que deslizam pela sua superfície e com a água que corre em volta de algum tronco meio submerso. Ao pôr do sol, fica cor de bronze por um tempo e depois vermelho, aquele vermelho se espalha e faz você pensar em Moisés e em outro rio muito distante daqui. Numa noite clara, a água flui escura e limpa como cetim preto, e abaixo da superfície cintilante veem-se estrelas e uma lua encantadora, que se mexe, dança e parece maior e mais bonita do que aquela lá em cima, no céu. O rio muda com as estações também. Nas cheias de primavera, é marrom, lamacento e lambe as marcas de água mais altas nas árvores e margens. No outono, folhas de milhares de cores deslizam preguiçosamente no seu abraço azul. E no inverno o rio gela, a neve desliza e vem cobri-lo, transformando-o numa incrível estrada branca sobre a qual ninguém pode viajar, tão clara que ofusca os olhos. Por debaixo do gelo, a água ainda corre, gelada e turbulenta, sem descanso. E finalmente o rio se contrai e os gelos de inverno explodem como um trovão e se estilhaçam com estrondos terríveis.

Todos esses estados de ânimo do rio podem ser vistos do cemitério. Daqui, o rio parece o mesmo de milhares de anos atrás. Mesmo agora, o lado de Iowa não é nada além de árvores e altos rochedos. O rio em si é tranquilo, vazio, quieto. Há milhares de anos, você podia observá-lo por horas sem ver nada além de um índio solitário numa canoa de tronco de bétula. Hoje, pode observá-lo durante o mesmo tempo e ver apenas uma longa procissão de barcaças fechadas, puxadas por um único pequeno rebocador a diesel.

Entre aqueles dias e os de hoje, houve um tempo em que o rio fervilhou de atividade, quando fumaça e vapor, apitos e fogos, estavam por toda a parte. Mas os vapores agora foram todos embora. O rio está tranquilo. Os mortos no cemitério não iriam gostar muito dele desse jeito. Metade dos que estão enterrados aqui eram homens do rio.

O cemitério é tranquilo, também. A maioria dos lotes foi preenchida há muito, muito tempo, e agora até os netos daqueles que jazem aqui já morreram. Os visitantes são raros e os poucos que vêm visitam um único túmulo, sem nada de especial.

Alguns túmulos têm monumentos enormes. Um deles tem uma estátua de um homem alto, vestido como piloto de barco a vapor, segurando uma parte de um timão e olhando para um ponto distante. Vários túmulos ostentam vívidos relatos de vida e morte no rio, inscritos nas suas lápides, falando de gente que morreu na explosão de alguma caldeira, na guerra ou

afogada. Mas os visitantes não vêm aqui para ver nenhuma dessas coisas. O túmulo que procuram é relativamente simples. A lápide já suportou centenas de anos de desgaste pelo tempo, mas se manteve em bom estado. As palavras cinzeladas nela são bem legíveis: um nome, algumas datas e duas linhas de poesia.

CAPITÃO ABNER MARSH
1805-1873

So we'll go no more a-roving
*So late into the night.**

Acima do nome, esculpido na pedra com muita habilidade e cuidado, há um enfeite em relevo bem detalhado, mostrando dois grandes vapores com rodas-d'água laterais numa corrida. O tempo e as intempéries cobraram seu preço, mas é possível ver ainda a fumaça saindo de suas chaminés, e você pode quase sentir a velocidade dos barcos. Ao se inclinar perto o suficiente e deslizar a ponta dos dedos por cima da pedra, ainda poderá discernir seus nomes. O barco perseguidor é o *Eclipse*, um vapor famoso na época. O outro, na frente, é desconhecido da maioria dos historiadores do rio. Parece que seu nome era *Fevre Dream*.

O visitante que vem aqui com maior frequência costuma tocar esse barco, como se fosse para dar sorte.

O estranho é que ele sempre vem à noite.

QUER SABER MAIS SOBRE A LEYA?

Fique por dentro de nossos títulos, autores e lançamentos.

Curta a página da LeYa no Facebook, faça seu cadastro na aba mailing e tenha acesso a contelido exclusivo de nossos livros, capítulos antecipados, promoções e sorteios.

A LeYa também está presente em:

www.leya.com.br

facebook.com/leyabrasil

@leyabrasil

instagram.com/editoraleya

google.com/+LeYaBrasilSãoPaulo

skoob.com.br/leya

1ª edição	Junho 2015
papel de miolo	Pólen Soft 70g/m^2
papel de capa	Cartão supremo 250g/m^2
tipografia	Minion Pro
gráfica	

* “Quadroon Balls” é como eram chamados os bailes para mulatos em New Orleans. (N.E.)
* Citação do primeiro verso do conhecido poema de Byron (George Gordon Byron, 1788-1824, poeta inglês), “She walks in Beauty” [Ela anda em beleza]. No original fica mais fácil compreender o sentido do comentário em comparação com a tradução em português, pois “barco” em inglês é do gênero feminino. (N.T.)
* Alusão à semelhança entre “Fevre” e “*fever*”, que significa “febre” em português. (N.E.)
* *Hairy* em inglês significa “peludo”, “cabeludo”. Informalmente também pode significar “causar ansiedade, medo”. (N.E.)
* “Cajuns” são os nativos de Louisiana descendentes de imigrantes canadenses do século XVIII. (N.E.)
* Tradução do poeta Castro Alves. (N.T.)
* Os dois primeiros versos do poema *We’ll Go no More A-Roving*, de Lorde Byron. Numa tradução literal: “Assim, não vamos mais perambular / Até tão avançada a madrugada”. (N.T.)